





1943



... Essas poucas páginas brilhantes  
e consoladoras que há na História do  
Portugal contemporâneo escrevemo-las  
nós, os soldados, lá pelos sertões da  
África, com as pontas das baionetas  
e das lanças a escorrer em sangue ...

*Joaquim Mousinho*

# Revista da Cavalaria

Publicação bimestral

## CORPO DIRECTIVO

CAPITÃO JOÃO CORREIA BARRENTO  
CAPITÃO AMADEU S.<sup>TO</sup> ANDRÉ PEREIRA  
CAPITÃO AUGUSTO CASIMIRO GOMES  
TENENTE ANTÓNIO S. RIBEIRO DE SPÍNOLA

## EDITOR E ADMINISTRADOR

TENENTE LUÍS MANUEL TAVARES

SEDE QUARTEL DO CARMO  
L I S B O A  
PROVISÓRIA TELEF. 2 2 1 2 2

Composta e impressa na Tipografia  
da Liga dos Combatentes da Grande Guerra

# S u m á r i o

DISCIPLINA		3
AO GENERAL VIEIRA DA ROCHA	TEN. COR. CARLOS SELVAGEM	5
MOTORIZADOS E BLINDADOS	CORONEL AFONSO BOTELHO	12
<b>TEMAS TÁCTICOS</b>	MAJOR AGUIAR FERREIRA	25
<b>HIPISMO:</b>		
AS CORRIDAS DE 1942	MAJOR LUCIANO GRANATE	37
CORRIDAS DE CAVALOS	CAPITÃO JOSÉ BELTRÃO	48
<b>BOLETIM DA E. P. C.</b>		
O BOLETIM DA E. P. C.		55
COMANDANTES DE ESQUADRÃO		58
CURSOS DE INSTRUTORES DE VIATURAS AUTOMÓVEIS		61
<b>JORNAIS — REVISTAS — LIVROS</b>		65
ACTUALIDADES GRÁFICAS		69
A CAVALARIA	GENERAL BOUCHERIE	79

COLABORAÇÃO ARTÍSTICA DE — DELFIM MAIA E ANTÓNIO XAVIER  
A DOCTRINA DOS ARTIGOS PUBLICADOS É DA RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

## CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Ano . . . . . 30\$00

(Para o Ultramar e estrangeiro acrescido do porte do correio)

**Avulso 5\$00**

# Revista da Cavalaria

4.º Ano - n.º 1

Janeiro

ESTADO MAIOR DO EXERCITO

BIBLIOTECA  
1204

27 2 43

## Disciplina



Disciplina é um conjunto de regras de conduta comuns a todos aquêles que fazem parte da mesma instituição.

O Exército é a instituição que, mais do que qualquer outra, tem necessidade de disciplina, pois que sem ela a sua existência não é possível, e no dia em que a indisciplina domine, êle

não será mais que um aglomerado humano de fraco valor.

A disciplina é a fôrça principal dos Exércitos.

A sua base fundamental é a obediência, e a sua principal acção, é ensinar as pessoas a compreender e a aceitar as suas exigências.

Todo o superior deve encontrar nos seus subordinados uma obediência absoluta em todos os momentos. A primeira forma de obediência, é a aceitação, sem hesitações nem murmúrios, do grande princípio da subordinação.

A *disciplina militar* não é mais do que um princípio em nome do qual é estabelecida a subordinação de pòsto para pòsto e a obediência do inferior aos seus superiores hierárquicos.

Como um Exército indisciplinado é um Exército perdido, é necessário um especial cuidado na forma de ministrar os sãos princípios da disciplina.

## Revista da Cavalaria

Se o interesse do serviço, exige por um lado que a disciplina seja sólida e rígida, exige ao mesmo tempo que ela seja paternal.

Todo o rigor inútil ou não justificado, toda a punição ditada por um outro sentimento que não seja o do dever, todo o propósito ultrajante de um superior para o seu subordinado, devem ser formalmente interditos e severamente reprimidos, pois sendo altamente atentatórios às incorruptíveis normas da disciplina militar, põem em risco, por vezes, o básico princípio da subordinação.

Para que a subordinação seja sólida, perfeita e compreendida, e nunca forçada, é indispensável que todos aquêles que, pelas funções que desempenham, fruem do poder de decidir sobre os direitos de cada um, de premiar ou punir, o façam dentro dos íntegros princípios da *Justiça*, do *Direito* e da *Eqüidade*, e não se deixem dirigir por outros motivos.

Assim como o juriconsulto, convicto das suas responsabilidades, prepara a sua consciência doutrinando-se, o oficial, executor permanente da justiça dentro do seu raio de acção, deve ter uma especial atenção no estudo e meditação dos remotos e imutáveis princípios da *Justiça*.

Esta é a primeira das virtudes, e foi definida pelos antigos juriconsultos como uma forte e constante vontade moral de dar a cada um o seu direito.

Modernamente, podemos definir justiça, como uma virtude moral que inspira o respeito de outrem, e faz dar a cada um o que lhe pertence.

O *Direito* e a *Eqüidade* diferem da *Justiça* porque têm um carácter menos social e mais individual.

Êles têm a sua origem no senso moral de cada indivíduo. A eqüidade é mais doce, mas o direito tem qualquer coisa de mais inflexível.

O homem *eqüitativo* segue naturalmente a direcção da sua consciência, e o homem *direito* é rígido nessa direcção.

A *Justiça*, tendo por base a *Eqüidade*, deve exercer-se, não segundo o critério restrito da letra da lei, mas sim segundo o sentimento do direito natural.



# Ao General

## Vieira da Rocha



Por ter atingido o limite de idade fixado na Lei para a situação de reforma, deixou em fins de Outubro, definitivamente o serviço do Exército, o ilustre General Ernesto Maria Vieira da Rocha.

Quem há hoje, na Arma, que não conheça êste prestigioso nome, aureolado por tantos títulos de glória e de bravura, que logo em alferes, no esplendor dos 26 anos, desde os já remotos tempos de Mousinho

e da epopeia de Moçambique, se revelara um dos mais brilhantes ornamentos da nossa Cavalaria ?

Alto, delgado, apumado, tão elegante de alma como de maneiras, e tão irrepreensível sempre na sua farda de oficial, como no seu *frack* de *gentleman*, de uma linha moral impecável a que a gentileza da sua bondade dava um toque de graça particular, S. Ex.<sup>a</sup> realizava entre nós o tipo acabado de oficial de cavalaria da bela tradição romântica, temerário, impetuoso, brilhante, que Lassalle ou Murat teriam particularmente estimado e de cujo perfil Vigny teria gostosamente traçado a mordente legenda.

Com tudo isto, tão valente perante o perigo, como exigente em parada o seu natural orgulho, aquêle orgulho profissional que é hoje, cada vez mais, para todo o militar, a melhor couraça do seu carácter, nada tinha de postiço, teatral, impertinente ou arrogante, por ser no trato íntimo o mais simples, afável e risonho dos camaradas.

Cavaleiro de raça, para sempre guardou, mesmo sob as estrêlas de general, a sua alma ardente de alferes, ao longo de uma vida que, tendo sido uma fácil e contínua ascensão no culto do Dever e de Devoção patriótica, nos dá em corpo inteiro o mais típico modelo do militar de vocação.

## Revista da Cavalaria

«*Na carreira militar* — deixou escrito Mousinho no seu famoso Relatório de «Moçambique» — *não basta que um indivíduo tenha a instrução profissional, um regular comportamento e a suficiente aplicação aos objectos de serviço que o ponham ao abrigo das penas disciplinares, para que seja um bom oficial.*

«*Se um autor contemporâneo encontra razões bastantes para chamar aos militares os PADRES DA RELIGIÃO DO CIVISMO, foi tão somente porque em ambas as carreiras se exige mais que em qualquer outra, a abnegação levada ao ponto de sacrificar sempre o indivíduo à colectividade em que se acha fundido, o esquecimento completo dos mais caros interesses pessoais pelo fim comum que se tem em vista. E para se conseguir isto não basta a instrução e a disciplina; é necessário, sobretudo, o conjunto de qualidades, natas umas, outras resultantes de influências estranhas, que se chama a vocação. No Exército nem sempre se encontram oficiais com vocação... Pois nas sociedades latinas, atabalhoadamente democratizadas no primeiro meado do século, o Exército e o Clero passaram a ser considerados pela maioria dos políticos que monopoliza o poder, como instrumentos úteis para manter a ordem, mas instrumentos perigosos, cuja tèmpera se não deve deixar apurar, e aos quais é necessário tolher os meios de alcançarem fôrça e vitalidade, com receio que possam perturbar a actual ordem de coisas, única que lhes permite fruir os proventos do poder e gozar as vaidades do Mando...»*

A despeito destas amargas reflexões de Mousinho sôbre a sociedade do seu tempo, a intuição cavalheiresca do seu juvenil ajudante de campo nos Namarraise e em Macontene, encontrou sempre maneira de que nem a tacanhez do meio, nem as vicissitudes da sua agitada época, lhe *tolhessem* jámais a *fôrça* e *vitalidade* da sua vocação de bem servir, alheio às fórmulas e às disputas, com o *cran*, o *pannache* e a gentileza moral que as *influências estranhas* do convívio e do exemplo dos homens da geração de Mousinho apenas requintaram e sublimaram.

Mousinho conhecia bem os homens nas suas qualidades e nas suas fraquezas: e, como verdadeiro Chefe, que revelou ser,



*General Vieira da Rocha*

## Revista da Cavalaria

«*Na carreira militar — deixou escrito Mousinho no seu famoso Relatório de «Moçambique» — não basta que um indivíduo tenha a instrução profissional, um regular comportamento e a suficiente aplicação aos objectos de serviço que o ponham ao abrigo das penas disciplinares, para que seja um bom oficial.*

«*Se um autor contemporâneo encontra razões bastantes para chamar aos militares os PADRES DA RELIGIÃO DO CIVISMO, foi tão somente porque em ambas as carreiras se exige mais que em qualquer outra, a abnegação levada ao ponto de sacrificar sempre o indivíduo à colectividade em que se acha fundido, o esquecimento completo dos mais caros interesses pessoais pelo fim comum que se tem em vista. E para se conseguir isto não basta a instrução e a disciplina; é necessário, sobretudo, o conjunto de qualidades, natas umas, outras resultantes de influências estranhas, que se chama a vocação. No Exército nem sempre se encontram oficiais com vocação... Pois nas sociedades latinas, atabalhoadamente democratizadas no primeiro meado do século, o Exército e o Clero passaram a ser considerados pela maioria dos políticos que monopoliza o poder, como instrumentos úteis para manter a ordem, mas instrumentos perigosos, cuja tèmpera se não deve deixar apurar, e aos quais é necessário tolher os meios de alcançarem fôrça e vitalidade, com receio que possam perturbar a actual ordem de coisas, única que lhes permite fruir os proventos do poder e gozar as vaidades do Mando...»*

A despeito destas amargas reflexões de Mousinho sobre a sociedade do seu tempo, a intuição cavalheiresca do seu juvenil ajudante de campo nos Namarraes e em Macontene, encontrou sempre maneira de que nem a tacanhez do meio, nem as vicissitudes da sua agitada época, lhe *tolhessem* jámais a *fôrça* e *vitalidade* da sua vocação de bem servir, alheio às fórmulas e às disputas, com o *cran*, o *pannache* e a gentileza moral que as *influências estranhas* do convívio e do exemplo dos homens da geração de Mousinho apenas requintaram e sublimaram.

Mousinho conhecia bem os homens nas suas qualidades e nas suas fraquezas: e, como verdadeiro Chefe, que revelou ser,



*General Vieira da Rocha*



## Revista da Cavalaria

sabia bem adivinhar de que rico aço ou branda têmpera eram feitas as almas dos que o serviam.

Não era de ânimo leve que escrevia, por exemplo, em relatórios oficiais: «... a não ser assim, oficiais como o capitão Ornelas, tenentes Velez e Coelho e alferes Vieira da Rocha, teriam direito a esperar um acesso muito mais rápido que o geral dos seus camaradas, ou ainda «... louvo o alferes Vieira da Rocha, pela maneira distinta como se portou, tanto na carga e perseguição de Macontene, sem nunca deixar de atender a moderar como era preciso o ímpeto das praças, nem ao mesmo tempo deixar nunca de me acompanhar, como lhe cumpria, como também pela forma como se houve na surprêsa de Mapulanguene, expondo-se com a máxima serenidade, tanto antes de ferido como depois, e não tendo havido durante tôdas as operações uma ocasião única em que, ou a proximidade do inimigo ou o entusiasmo de qualquer cometimento, o houvesse desviado do inteiro cumprimento do seu dever, como ajudante de campo e como oficial de Cavalaria.

Pertence o alferes Vieira da Rocha a uma categoria de oficiais a quem nos exércitos estrangeiros se apressa a promoção, não tanto como recompensa dos serviços prestados, mas para mais cêdo se lhes aproveitarem as aptidões excepcionais nos postos superiores. O ferimento recebido por êle em Mapulanguene, foi o segundo que no espaço de um ano êste oficial recebeu em campanha...»

E, finalmente, no têrmo da segunda campanha de Gaza: «... É difícil encontrar um oficial que reúna nestas ocasiões tanta aptidão para o serviço da arma de cavalaria como o alferes Vieira da Rocha...»

Apesar de tantas citações, de estranhar em homem tão desabusado e avaro de elogios como Mousinho, o alferes Vieira da Rocha não foi então, como Velez e tantos outros, promovido por distinção. O Terreiro do Paço foi sempre a mesma descaroadável madrastra desde os tempos dos «Fumos da Índia» e do Trato da Pimenta.

E por isso, o alferes Vieira da Rocha, ávido de servir e aterrado pela idéia de patinhar sonolentemente no ramerrão do serviço interno, procurou sempre em África ou no longínquo Oriente, os vastos horizontes daqueles campos de acção em que não pudessem ser-lhe *tolhidas* a *fôrça* e *vitalidade* do seu espírito cavaleiro.

# Revista da Cavalaria

\*

A sua biografia militar é uma formosa legenda. Como à de tantos outros, para quem a África foi a verdadeira Escola do Exército, não há que acrescentar-lhe um ponto ou uma linha para lhe realçar a singela eloquência.

Promovido a alferes com 21 anos, dois anos depois, logo que a Lei lho permitiu, embarca para Angola, como alferes dos Dragões de Mossamedes e distingue-se já no ataque aos rebeldes de Lupinda e Catumba (1895).

De regresso ao Reino, em fim de comissão, não tardou a sentir a nostalgia de África e da acção; e contagiado, deslumbrado pela legenda épica da campanha de Gaza, um ano depois, embarca para Moçambique e, como ajudante de campo do Governador Geral Mousinho, fêz tóda a campanha dos Namarrais, é ferido no combate de Mugenga e distingue-se pela bravura e pela serenidade nos combates de Naguema, de Ibrahimo e de Mocuto-Muno.

Por êsse tempo chegavam ao Quartel General notícias inquietantes de novos levantamentos e agitação no Sul, o que foi a causa da segunda fulgurante campanha de Gaza, em que o alferes Vieira da Rocha, ainda como ajudante de campo de Mousinho, se distinguiu à testa de um pelotão de Cavalaria 4 «na mais bela carga de cavalaria que jámais se deu nos campos de batalha da África do Sul», seguindo logo em perseguição dêsse indomável e bravo Maguiguana, que veio a achar morte heróica na surprêsa de Mapulanguene, e em que o bravo alferes recebeu o seu segundo glorioso ferimento.

De regresso ao Reino, em fins de 98, pela Junta de Saúde, vinha aureolado de glória, com dois ferimentos em combate, e as mais belas citações em Ordem, a que poderia aspirar um rapaz de 26 anos.

Tenente, no ano seguinte, por simples acesso regulamentar, não lhe sofria o ânimo o ramerrão do serviço de guarnição em Lanceiros 1, na Guarda Municipal, em Cavalaria 4, em Cavalaria 7 e em Lanceiros 2, por onde sucessivamente passou; e em 1901, dois anos depois do seu regresso de Moçambique, para Lourenço Marques embarca outra vez. Mas tinha passado já a grande febre das campanhas do Sul. Em 1902 regressa ao Reino, e logo

## Revista da Cavalaria

que é promovido a capitão, com 33 anos, embarca em comissão ordinária, para mais longe, para Timor, cujos comandos militares não eram então uma *sinecura* de ripanço administrativo.

Comandante militar de Viquerque desde 1906 a 1908, comandante militar de Bancau em 1908, em Dezembro dêsse ano, findo o tempo da comissão, regressa ao Reino, visitando Macau e todo o Extremo Oriente.

De 1909 a 1913 faz serviço de guarnição em vários corpos e é várias vezes louvado pelo apurmo e exactidão dos seus comandos de tempo de paz.

Major aos 41 anos, em 1915, embarca para Angola, para a expedição Pereira d'Eça, ao Cuanhama rebelado. E como comandante de um grupo de esquadrões de Cavalaria 4, 9 e 11 fêz tôda essa árdua campanha do Cuanhama — reocupação do Humbe, os dois combates da Môngua, e a conquista das Cacimbas, em que duas vezes carrega, como em Macontene, à frente dos seus esquadrões de Cavalaria 11 e 4, e em que, durante oito dias, depois de quatro de combate, o quadrado de Môngua, vitorioso, mas cercado de perto pela multidão inimiga, com as comunicações cortadas, sem víveres, sem munições, sem água, e já quási sem solípedes nem viaturas, se mantém difficilmente mas inabalável, numa tensão de nervos já crispados pela ameaça «de um novo Alcácer-Kibir».

Terminada essa difficil campanha do Cuanhama, regressa em fins de 1915 à Metrópole; mas logo em 1917, já tenente-coronel, com 43 anos, embarca para França, para o C. E. P., como comandante da Base de Desembarque.

Regressa a Portugal, quando as paixões políticas sopradas pela Grande Guerra, faziam do País um brazeiro de ódios. E fiel ao regimen que tinha abraçado com a isenção de todos os seus actos, conduz em 1919, vitoriosamente, o assalto às posições de Monsanto, ocupadas pelas tropas de Lisboa que proclamaram a monarquia; mas ainda nesse duro transe para a sua alma de militar e cavaleiro, tão galharda e generosamente procedeu como vencedor, que nenhum dos seus camaradas e amigos vencidos na sangrenta refrega, — alguns dos quais sob o seu comando tinham carregado o inimigo nos dias terríveis da Môngua — puderam deixar de prestar homenagem à sua impoluta e cavalheiresca lealdade de soldado militante em campo adverso.

Depois, encerrado o ciclo das campanhas de África, general em 1921, com 49 anos, tão moço ainda na sua sóbria elegância

## Revista da Cavalaria

de gentleman e sua impecável fidalguia de maneiras, Comandante Geral da G. N. R., senador, quatro vezes Ministro da Guerra e Ministro das Colónias, é sempre ao serviço do Exército e da Pátria que remata a sua gloriosa e brilhante carreira com o peito constelado de medalhas — «Valor militar, Serviços distintos no Ultramar, de Ouro do Sul de Angola, de Ouro das campanhas do Exército Português, Cruz de Guerra de 1.º classe, comendador da Torre e Espada, Grã-Cruz de Cristo, Grã-Cruz de Aviz, Grande Oficialato do Império Colonial, comenda da Legião de Honra e Grã-Cruz de Mérito Militar de Espanha.

Bem podia, pois, escrever aos seus camaradas da Arma, Comandantes de Brigada e de Regimentos, na sua última nota de despedida de 6 de Janeiro de 1938 da Direcção da Arma de Cavalaria :

*Ao ser atingido pelo limite de idade fixado em Decreto de 31 de Dezembro findo, é com saúde que me despeço de tantos camaradas da Arma que durante 45 anos servi com a consciência tranqüila de ter dado à Pátria e ao Exército o melhor do meu esforço, que continuarei a dar. A muitos de vós, que a meu lado tomaram parte em tantos combates, os meus melhores agradecimentos pelo auxílio que sempre me prestastes, mesmo nas ocasiões mais difíceis. Todos os elogios vos são devidos pelo galhardo espírito cavaleiro e valor com que vos batestes, com desprendimento da vida tão generosamente oferecida à Pátria.*

\*

É de crer que nas outras Armas seja igualmente profundo e vivaz o espírito de camaradagem, de solidariedade pessoal, de fraternidade militar, orgulho de classe e amor ao Exército que naturalmente fluem das simples palavras desta nota, tão repassadas de resignada melancolia.

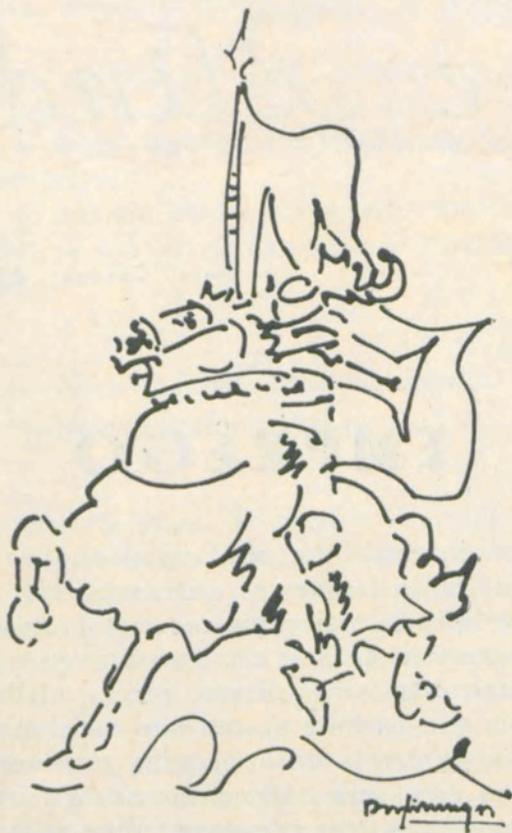
Poderão iguala-lo; não o excedem, porém.

E porque assim é, e todos nós, oficiais de cavalaria, nos sentimos ufanos de tão fulgurante carreira, como se o fôra exemplo e

## Revista da Cavalaria

estímulo para todos, lustre e honra de qualquer Exército, não podia a *Revista da Cavalaria*, como porta-voz e intérprete dos sentimentos comuns, deixar de prestar esta singela homenagem ao seu glorioso irmão de armas, ao vê-lo com tanta saúde, afastar-se definitivamente do serviço do Exército, que amou e serviu sempre com tanta galhardia, tanta bravura e tão cavalheiresco aprumo.

CARLOS SELVAGEM





# *Motorizados e Blindados*

pelo Coronel AFONSO BOTELHO

IV

## **EMPRÊGO**

Era nossa intenção pôr sob a vista dos nossos amáveis leitores alguns casos de guerra relativos ao emprêgo de unidades de cavalaria motomecânica ou motoblindada. Evidentemente êles teriam de sair da presente guerra onde são casos correntes. Não conseguimos, porém, realizar o nosso propósito, pois que, as informações que obtivemos são vagas e portanto, susceptíveis de arriscadas conclusões. Certos, porém, de que êrro será entregarmo-nos à inacção, isto é, não tentar desvendar, com a boa vontade e a imaginação de todos, os segredos da «motoria» no que respeita às missões da nossa arma, entendemos que não seria desinteressante dar às páginas da nossa «Revista» alguns apontamentos que colhemos e informações que recortámos. E, ao fazê-lo, apre-

## Revista da Cavalaria

sentamos os nossos melhores agradecimentos aos camaradas que, tão gentilmente, alguns valiosos elementos nos proporcionaram para este nosso modesto estudo.

No que se segue, encontra-se:

— um caso de emprêgo de G. U. de Cavalaria motomecânica na marcha para o inimigo a fim de apoiar fôrças à frente e exercer acção retardadora para cobertura de instalação, em posição defensiva, de uma G. U. estratégica.

— casos soltos de emprêgo de G. Cav., ou elementos motomecânicos de Gr. Cav., na marcha para o inimigo, retirada, cobertura, ligação, colmatagem, notas estas muito incompletas.

O teatro de operações, julgamo-lo histórico e doutrinariamente interessante, ainda que bem diferente do que é o nosso terreno, este com outras dificuldades, mas também com outras possibilidades.

Trata-se do eterno teatro de guerra que tem sido a Holanda, a Bélgica e o NE da França e as operações são as de Maio de 1940.

### *A) Grandes Unidade Motomecânica e « Motomecânicos » das G. U. Cav.*

Em principios de Maio de 1940, o Exército alemão vai iniciar a sua campanha de Oeste, objectivando as costas da Mancha e o esmagamento ou neutralização do Exército francês. A idéia de manobra estratégica perante frente adversa continua, desde a Suíça ao Mar do Norte, é a rotura e, após ela, bater separadamente os dois troços inimigos. A primeira fase da manobra será um ataque à frente do flanco inimigo, mais próximo do ponto de rotura escolhido, ataque em que são alvo dois Exércitos ainda neutrais, provocando por este modo a extensão da frente adversa e ainda o provável emprêgo de fôrças escolhidas lançadas desamparadamente em socorro daqueles Exércitos.

Para tal, os Grupos de Exércitos v. Bock e v. Rundstedt concentram-se frente à Holanda, à Bélgica e ao Luxemburgo,

## Revista da Cavalaria

prontos à invasão que deve preceder a marcha sobre a Mancha e o ataque para a rotura no ponto escolhido que é Sedan, charneira da poderosa linha Maginot com a linha de fortificações ligeira que vai até ao mar. O Gr. de Ex. v. Leeb mantém em contacto a restante frente inimiga além do ponto de rotura.

É de notar que, objectivar a brecha em Sedan, obrigava as forças motomecanizadas alemãs a avançar através da difícil região das Ardenes. Mas tal ousadia era compensada pelo natural efeito de surpresa resultante da incidência do ataque e ainda pelo escalonamento, no tempo, das ofensivas iniciadas pela Holanda e pela Bélgica só caindo depois, oportunamente, sobre Sedan.

A esse tempo os Exércitos aliados, após vários alarmes (um deles preconcebido pelos alemães para reconhecimento) esperam já o acontecimento e prevêem talvez a execução da manobra de Schlieffen, um «1914» mais decidido e mais dinâmico. Prevendo tal, uma massa de manobra, apta ao choque, está em reserva à retaguarda do flanco esquerdo francês.

Constitui essa massa o 1.º Ex. francês (G. Blanchard) que estaciona na região de Valenciennes, Cambrai, Saint-Quentin, Fourmies, compreendendo um C. C. (duas D. L. M.) três Div. motor., uma Div. inf. normal e três Div. N. africanas e marroquinas; uma Div. Cour. está em reserva de G. Q. G. São unidades escolhidas, mas convém notar que as Div. motor. francesas apenas diferem das normais por possuírem uma maior dotação de meios automóveis. A Div. Cour. é apenas um agrupamento de quatro bat. de C. C. e dois bat. motorizados, orgânica bem longe das poderosas e coerentes Div. cour. alemãs.

O 1.º Ex. prevê o seu emprêgo sobre posição defensiva que se alonga pelo rio Mosa, por Namur, Gembloux e Wavre, pelo rio Dyle com o flanco assente no campo entrincheirado de Anvers, ficando à sua responsabilidade a frente desde Namur até Wavre (excl.) (36 Kms. de frente para seis Div., segundo parece estacionadas a distâncias variando de 70 a 140 Kms.) O dispositivo deverá ser instalado dentro de seis dias.

## Revista da Cavalaria

\*

Quanto a material no triste julgamento de Riom, o General Keller disse que, em princípios de Maio a Alemanha atacou a Oeste com 6 a 6.500 C. C., enquanto a França contra-atacava apenas com 2.700 viat. blindadas, das quais apenas  $\frac{1}{3}$  com canhões. No que respeita à cavalaria o Coronel Perre afirmou que as três D. L. M. que avançaram sôbre a Bélgica e Holanda contavam apenas 900 A. M. e C. C. Hotchkiss H. 35 impróprias para combate e os Sommua em pequeno número, para enfrentarem os 4.000 «blindados» atribuídos aos invasores. Não havia auto-canhões e o material moto era insuficiente e heterogéneo.

Em D. C. B. a desproporção é semelhante: as Div. alemãs dispõem cada uma de 74 canhões, ao passo que as francesas apenas possuem 52 por G. U.

Quanto à *doutrina*: o General Martin declarou que, praticamente, apenas se pensava no apoio à infantaria, ainda que, teoricamente, se estudassem os «carros» na manobra de conjunto e se preconizasse a criação de brigadas ou div. couraçadas que, afinal, eram simples agrupamentos de batalhões couraçados e motorizados sem órgãos de reconhecimento ou art. de apoio. O Coronel Perre, porém, menos agressivo no seu depoimento, afirmou que a doutrina do Exército francês era boa e a guerra a não contrariou. Essa doutrina assentava na «Notice provisoire sur l'emploi des chars modernes (15-12-37) e «Notice provisoire sur la tactique des G. U. blindés» (26-6-38) a qual estabelecia:

—o C. C. apoiado por elementos ligeiros motorizados pode obter grandes resultados contra inimigo em marcha ou desorganizado pelo combate —o C. C. contra inimigo preparado e munido de todos os seus meios deve ser empregado em ligação com as outras armas.

A grande verdade é que em França não havia número suficiente de «carros» e só em Setembro de 1939 se decidiu a constituição de duas brigadas couraçadas. Quanto ao «binário avião-carro» sabia-se apenas da impossibilidade da sua existência.

## Revista da Cavalaria

Na Alemanha a doutrina e a prática eram outras e o material correspondia-lhe, porque «quem quere o fim dá os meios». Foi na Inglaterra que as G. U. blindadas, geradas e orientadas na tática cavaleira, tiveram a sua origem e a Alemanha, inicialmente céptica em tal assunto, depressa aprendeu e desenvolveu a doutrina dinâmica e fulgurante com que dominou a Europa de 1939-40.

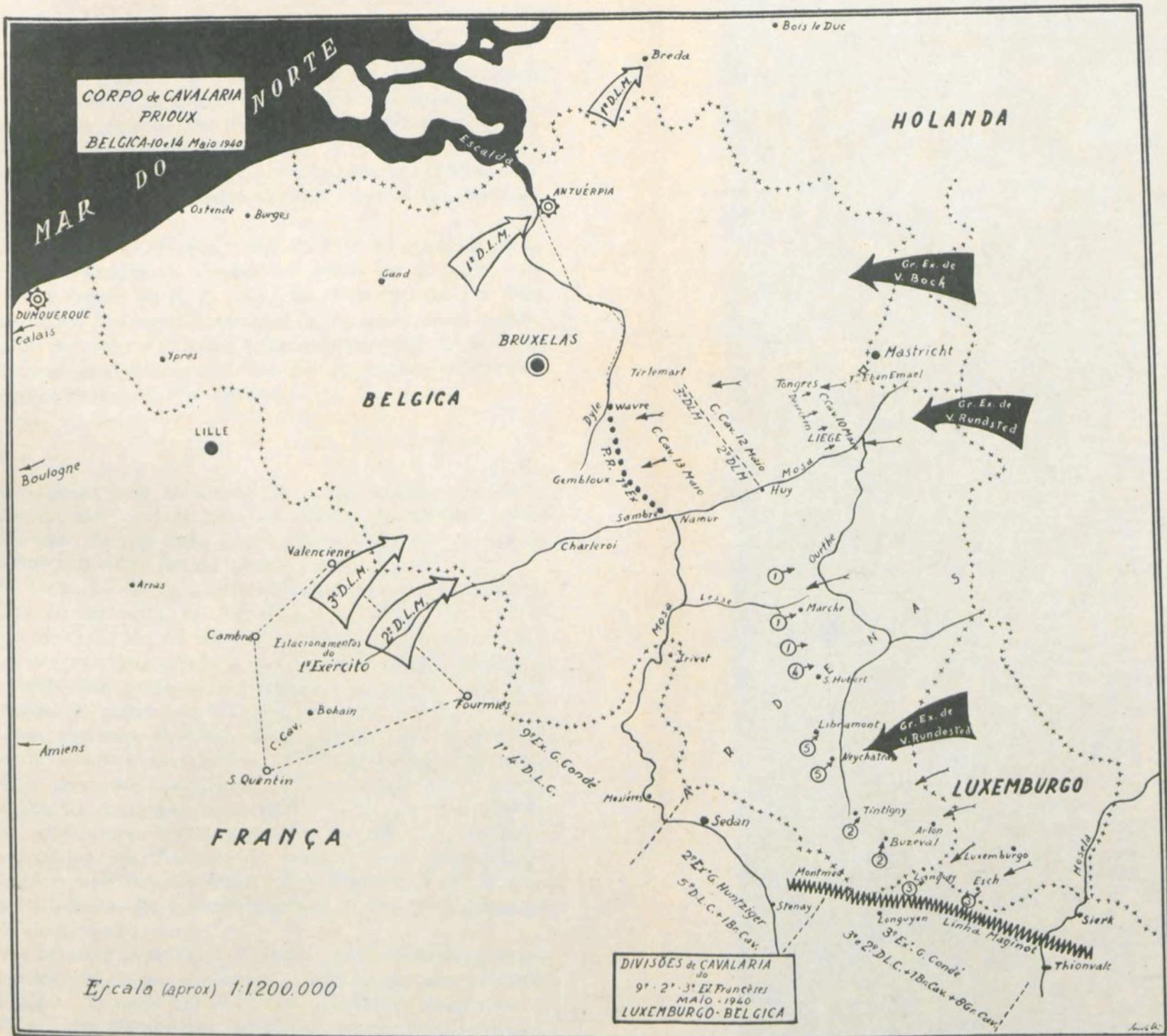
\*

Na madrugada de 10 de Maio, os Exércitos alemães tomam a ofensiva e invadem a Holanda, a Bélgica e o Luxemburgo.

O C. Cav. Prioux, compreendendo então as 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> D. L. M. (cada: 1 R. de descoberta, 1 br. de «couraceiros») 1 br. de dragões, com um total de 250 viaturas blindadas por div.) é alertado às 05h.00 nos seus estacionamentos na região de S. Quentin-Bohain (profundidade 25 Kms.); às 10h.00 as suas unidades atravessam a fronteira franco-belga distante 60 a 70 Kms., internando-se na Bélgica por itinerários sensivelmente paralelos ao histórico vale do Sambret-Meuse, 2.<sup>a</sup> D. L. M. na direita, 3.<sup>a</sup> na esquerda. Algumas horas depois, a descoberta encontra-se já a 150 Kms. das bases de partida, próximo da região de Liège, sobre o Mosa. Dos respectivos estacionamentos abalaram também as divisões do 1.<sup>o</sup> Ex. (motorizados sobre as suas viaturas, tropas apeadas por via férrea e via ordinária) objectivando a frente Namur-Wavre; a Div. cour. marcha em c. de ferro para Charleroi.

Nessa tarde de 10 de Maio, as unidades do C. Cav. entram em contacto com o inimigo, para apoiar os belgas atacados a SW de Liège, sobre o canal Alberto, considerado então como formidável obstáculo a. c. Durante o dia 11 de Maio, o grosso das forças belgas recua, deixando a sua cavalaria em ligação com o C. Cav. Prioux e em estreito contacto com os alemães, atingindo, parece, a frente Liège (SW) — Tongres, uns 50 Kms. à frente da P. R. que o 1.<sup>o</sup> Ex. deve ocupar e pôr em estado de defesa até ao dia 16.

Em 12, desde as 05h.00 às 09h.00 os «couraceiros» franceses desenvolvem violenta acção retardadora desde a região de Tongres até à linha Huy-Tirlemont. Até ao cair da noite



**CORPO de CAVALARIA  
PRIoux**  
BELGICA-10.14 Maio 1940

**DIVISÕES de CAVALARIA  
do 9.º - 2.º - 3.º Ex. Francêses  
MAIO - 1940  
LUXEMBURGO - BELGICA**

Escola (aprox) 1:1.200.000



## Revista da Cavalaria

o inimigo, com notável espírito ofensivo, ataca sem descanso com carros pesados ao centro e ligeiros nos flancos, apoiado por autênticas massas de aviões. Os contra-ataques dos «couraceiros» franceses não cessam e são extremamente mordentes, apoiados pelo fogo vivíssimo da sua artilharia e pela firmeza dos seus dragões abnegadamente agarrados ao terreno.

As perdas são severas, mas, ao cair da noite a linha Huy-Hannut-Tirlemont (desenvolvimento de 36 Kms. uns 25 Kms., à frente da P. R. do 1.º Ex.) está intacta. Em dois dias o C. Cav. Prioux, inicialmente em ligação com os belgas, conseguiu retardar o inimigo numa profundidade de 25 Kms. É admirável se tivermos em conta as qualidades militares e os meios materiais do Ex. alemão.

\*

Entretanto, sob cobertura da acção retardadora do C. Cav., o 1.º Ex.º acelera os movimentos previstos, pois se verifica que os seis dias destinados à instalação do dispositivo defensivo têm de ser forçadamente comprimidos.

De facto, no dia 13, o adversário renova os seus ataques próximo do meio-dia, no Sul sobre a 2.ª D. L. M., no norte sobre a 3.ª D. L. M.; no centro, o ataque é feito por uma brigada couraçada com cerca de 200 carros. A resistência agressiva mantém-se pelos contra-ataques dos «couraceiros» que os dragões e metralhadores agüentam e a artilharia apoia, mas com ausência absoluta de aviação amiga. Mas a superioridade alemã é esmagadora e a linha francesa continua cedendo, pelo que o comando do C. Cav. decide colocar-se à retaguarda da linha de obstáculos a. c. estabelecida pelos belgas, cujo fraco valor é, porém, inapreciável perante o ímpeto germânico. Ao cair da noite a cortina retardadora não está a mais de uma dúzia de quilómetros da P. R. onde se estão instalando, apressadamente, as seis divisões disponíveis do 1.º Ex.º

Ao amanhecer de 14, os alemães renovam os ataques que aumentam em ritmo e violência, pondo em perigo a esquerda do C. Cav. Ao meio-dia os carros alemães atingem o centro da P. R., em Gembloux, simultaneamente com elementos

## Revista da Cavalaria

das D. L. M. que se integram na defesa ao lado das Div. de linha.

Findara a acção retardadora do C. Cav. Prioux, chefe cavaleiro bem conhecido. Durante 3 1/2 dias as duas D. L. M. francesas, com a frente de cêrca de 40 Kms., conseguiram retardar o inimigo sôbre a profundidade de cêrca de 60 Kms. Sabe-se, e declarou-se, que essas Div. cumpriram inteiramente o seu dever com a maior das abnegações e valentia perdendo em combate metade dos seus efectivos e do seu material. É, porém, certo, que o Ex. Blanchard não dispôs de mais de três escassos dias, e não de seis com que contava, para marchar 70 a 140 Kms. e instalar defensivamente as suas seis divisões numa frente de 36 Kms. Perante o potencial dinâmico inimigo eram de prever as conseqüências para uma defensiva tão apressadamente montada. Apesar disso, as seis divisões do 1.º Ex.º mantiveram-se até que a rotura da frente francesa em Sedan e a derrota do 9.º Ex.º (G. Corap.), obrigaram a romper o combate e a iniciar a retirada em 15/16 de Maio, retirada que passará por Lille e findará gloriosa, mas tristemente, em Dunquerque.

\*

À guisa de epilogo diremos que não findou na Bélgica o trabalho de sacrifício do C. Cav., cujo comandante, tendo ascendido a chefe do 1.º Ex.º, foi substituído pelo General Langlois, outro nome bem conhecido dos cavaleiros. Às duas D. L. M., tão desfalcadas de 10 a 14 de Maio, junta-se a 1.ª D. L. M. vinda de Antuerpia e de Breda, na Holanda, onde desempenhou difíceis missões no 7.º Ex.º e, ao C. Cav. mal reagrupado ainda, compete a dura missão de cobrir o flanco direito do 1.º Ex.º, cortado do 9.º. Depois, seguem-se as inúteis tentativas de rotura para o Sul e a cobertura da terrível retirada para Dunquerque. A 31 de Maio, os cavaleiros merecem a prioridade no embarque, não a caminho do repouso, mas sim a caminho do Loire onde combaterão, na ala esquerda, por qualquer modo, mas tenazmente, sob o comando superior do General de la Laurencie, antigo e prestigioso comandante da Escola de Cavalaria.

## Revista da Cavalaria

O General Boris, comd. do IV C. E. (1.º Ex.º) disse em Riom: «O estado de espirito era excelente na cavalaria, bom na artilharia e sofrível na infantaria».

O General Blanchard, comd. do 1.º Ex.º afirmou também em Riom, relativamente às suas D. L. M. e às unidades blindadas: «O material era de tal qualidade (?) e o pessoal de uma tal bravura que a frente nunca abriu brecha. Só porque ficámos com o flanco descoberto é que tivemos de retirar».

\*

Não parece justo esquecer os elementos motomecânicos das Divisões de cavalaria, do tipo misto. Estas Divisões que, pouco antes da deflagração da guerra, compreendiam duas brigadas a cavalo e uma brigada motomecânica, (além de artilharia e outros elementos) em Março de 1940, contavam apenas uma Br. a cav. ao lado da Br. M. M., esta composta por um R. blindado (umas 15 A. M. e uns 35 C. C.) e um R. de dragões motorizado. Em compensação o número total de divisões, designadas por D. L. C., em paralelo com as D. L. M., passaram de três a cinco (além de algumas brigadas independentes, a cavalo).

Nos princípios de Maio, essas cinco D. L. C., estavam atribuídas aos 3.º Ex.º (G. Condé) frente ao Luxemburgo, ao 2.º Ex.º (G. Huntziger) de Montmédy a Sedan e ao 9.º Ex.º (G. Corap) de Sedan por Mézieres à região entre o Mosa e o Sambre. A missão destas Div. era marchar para o inimigo, criando espaço e retardando-o, enquanto as G. U. se dispunham para a defensiva; os eixos de marcha são conhecidos delas... e dos alemães, consequência de falsos alarmes, parece que, por estes provocados.

A 10 de Maio, iniciada a ofensiva alemã as D. L. C. lançam-se decididamente em direcção ao adversário.

Na direita, a 3.ª D. L. C. e alguns Gr. Cav. (3.º Ex.º) entram no Luxemburgo, combatendo imediatamente, mas pouco progredindo a despeito dos esforços da sua Br. motomecânica e do apoio de um bat. de C. C. O adversário precedera-a a esta e na defensiva com forte D. C. B. instalada, a que não faltam «ratoeiras» e minas a. c.

## Revista da Cavalaria

No centro, a 2.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> D. L. C. e alguns Gr. Cav. (2.<sup>o</sup> Ex.º) penetram na Bélgica na região do Buzenol-Neufchateau e Libramont, mas encontram imediatamente fortes resistências e a desmoralizante acção da aviação de combate inimiga a que não se opõe qualquer aviação francesa.

Na esquerda, a 1.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> D. L. C. atingem o Mosa e a sua descoberta motorizada profunda 140 kms. de território belga demonstrando a maior audácia.

Em 11 de Maio, os contactos estreitam-se e das transi-tórias cortinas defensivas alemãs saem agora ataques brutais avolumados pelo C. C. de 35 ton., armado com peças de 7,5 a que os franceses apenas podem opôr A. M. e alguns C. C. sem tal armamento e sem velocidade nem raio de acção. A despeito de tal inferioridade os «couraceiros» franceses contra-atacam energicamente, enquanto os dragões defendem o terreno tal como no C. Cav. Prioux. Não podem, porém, deixar de recuar sôbre a frente dos respectivos exércitos. Motociclistas e A. M. distinguem-se em clássicas roturas de combate; os pelotões de canhões D. C. B., no meio dos dragões, agüentam quanto podem os «blindados» alemães; os «cavaleiros a cavalo carregam, mas na noite de 12/13 as D. L. C. terminaram a sua dura acção retardadora».

A partir de 13 de Maio, as perfurações e infiltrações obrigam a lançar mão novamente das D. L. C. para as colmatagens e acções retardadoras a que se associam novamente os «blindados» e os dragões motorizados. Mas a torrente poderosa dos C. C. alemães rompe as cortinas, transborda as resistências e chega às artilharias por modo a ser impossível às D. L. C. e aos seus ligeiros blindados contê-las no seu avanço, que é progressivamente irresistível.

Em 14 e 15 de Maio, as acções das unidades de cavalaria motomecânica revestem o mesmo carácter de camaradagem de combate e de agressivo espirito de sacrificio: colmatagem, contra-ataques, descolagem, em que, além da acção dos esquadrões a cavalo, as A. M. e os motociclistas, longe do seu papel de descoberta, se empenham em duros combates e em que «couraceiros» e «dragões» enfrentam, além das suas possibilidades, o ímpeto admirável, mas poderoso dos carros alemães em acção coerente e convergente com o avião.

## Revista da Cavalaria

O Exército francês retira sobre o Somme e ali se procura agüentar e tenta mesmo reagir. Os «primeiros» são quasi sempre os «motomecânicos» que os «cavaleiros» reforçam ou rendem depois de rápidas marchas, quasi sem descanso (uma brigada a cavalo faz 14 etapas de 50 kms. com um só dia de repouso). Sobre o Somme as cenas repetem-se na conquista de testa de pontes ou na sua defesa, na ligação e na colmatagem. Nem a técnica nem a táctica variam: os cavaleiros «motomecânicos» em íntima ligação, os «cavaleiros a cavalo» — antigo padrão — cumprem sábia e valorosamente as velhas tradições da Cavalaria.

### *B) Grupos de cavalaria motomecânicos e «Motomecânicos dos Gr. Cav.»*

Não nos foi possível encontrar um caso de emprego destas P. U. orgânicas das Div. motorizadas (as div. couraçadas francesas não as possuíam). Nem mesmo conseguimos obter elementos sobre o emprego destas unidades, tanto mais que, do lado francês, ao designá-las, não se faz geralmente menção da sua qualidade de unidade motomecânica. Acresce que, muito naturalmente, no decorrer da campanha e da batalha, os Gr. Cav. saem das suas G. U. e a sua numeração teórica nada representa para a sua identificação.

Perante esta dificuldade limitamo-nos a breves notas de referência, de limitado interesse, mas que não queremos deixar de registar para que se não diga que os «motomecânicos» dos Gr. Cav. foram por nós esquecidos.

\*

Não nos referiremos às acções de reconhecimento e posteriormente de retardamento dos elementos motorizados dos Gr. Cav. que actuaram na região Sarrebrücke, quando o Exército francês esboçou acção ofensiva sobre a frente alemã como réplica à campanha relâmpago da Polónia. Supomos até que essas acções de pequena envergadura foram principalmente da parte de elementos a cavalo.

## Revista da Cavalaria

\*

Logo no início da ofensiva alemã de Maio de 1940, quando um Exército francês (o 7.º se não erramos) marchou em socorro do Exército holandês, através da Bélgica, os Gr. Cav. M. M. foram lançados em flecha à frente das suas G. U. precedendo-as de muitos quilómetros. Parece que foi apreciável a sua utilidade e que alguns se distinguiram, como por exemplo o 12.º G. C. D., tanto quanto o potencial dos carros inimigos, audaciosamente lançados para a frente, lho permitiram.

\*

No pequeno livro de impressões: «En automitrailleuse» encontram-se algumas notas interessantes sob vários aspectos relativas à acção de uma A. M. Panhard (8 ton., 1 can. de 20, 1 metr.) Se a memória nos não falha, esta viatura pertencia ao G. C. D. 4, que entrou na Holanda esclarecendo a sua Div. É de notar que ao fim de dez dias de operações de um Gr. esq. motomecânico, restavam apenas 3 A. M. (de 15) e algumas motos sôltas e tem-se a impressão que do G. C. D. «desapareceu» um dos Gr. esq. É possível que não seja assim, mas em verdade, a confusão da retirada é enorme e o autor, um sargento de recente mobilização, apenas pensa na sua viatura. Da leitura do livro apreende-se, entre outras coisas, os bons serviços dos motociclistas como esclarecedores e estafetas, mas a sua fragilidade em combate; a boa qualidade do material Panhard e as possibilidades das A. M. no reconhecimento e no retardamento e ainda na ligação, mas o seu fraco poder para enfrentar os C. C. alemães, na retirada de um Gr. Cav. em ordem dispersa, por estradas e caminhos pejados pela barafunda da derrota, por processo que não sendo inédito, não deixa de interessar. São também de notar as observações da equipagem sôbre a íntima cooperação do avião-carro no Exército alemão e a marcha forçada das suas colunas motorizadas (motos a 3 de frente) de noite, com faróis apagados (quem tal diria?... ) por dentro do «corredor» obtido pela rotura da frente francesa.

## Revista da Cavalaria

\*

Parece ser de valor a acção dos Gr. Cav. do V C. E. (1.º Ex.º), entre os quais alguns elementos motomecânicos, que constituindo um Agrupamento tático, são empregados em cobrir o flanco direito do seu Exército seriamente ameaçado pela derrota do 9.º Ex.º francês (Corap).

Dois dias depois o 12.º G. C. D., que regressa da Holanda onde se distinguiu, é encarregado de cobrir em Maubeuge o desembarque de uma Div. também de regresso da Holanda. Empenhado na defesa das pontes do Sambre é cercado mas consegue abrir caminho combatendo os «blindados» inimigos.

\*

Episódio interessante é também o da G. C. D. 27. A sua divisão (a 21.ª) retirada da Holanda, é dirigida por caminho de ferro sobre a região de Abbeville, mas a rapidez do avanço alemão sobre Montreuil corta-lhe o caminho e a divisão tem de combater para poder desembarcar em Desvres, Samer, Boulogne e próximo a Dunquerque sem poder evitar a dispersão. Apenas o seu G. C. D. consegue escapar ao corte alemão e atingir o objectivo designado onde combaterá o inimigo em sentido contrário.

\*

No Somme, na região de Ham, é de notar a acção do Gr. esq. motorizado do G. C. D. 18 que, separado do Gr. esq. a cav., e após uma marcha de 220 kms, é lançado na batalha por entre os civis em fuga e tropas debandadas entre as quais o cmd. do Grupo aproveita um ou outro carro ou A. M.; por fim, com o auxílio de uma companhia de C. C. consegue repelir os primeiros elementos blindados inimigos que tentam a passagem do Somme.

Após a queda de Amiens os Gr. Cav. do II C. E., também regressados da Holanda, em especial esquadrões moto e de A. M., mal desembarcam são atirados para as pontes do Somme, que defendem encarniçadamente, ou colmatam as

## Revista da Cavalaria

infiltrações adversas, se não têm tempo para atingir o rio. O G. C. D. 27, que julgamos otorizado, e a que atrás nos referimos, combate também rijamente sobre o Somme.

É notável a acção abnegada, cheia de espírito de sacrificio, dos Gr. Cav. reforçados por alguns batalhões e baterias para realizarem a cobertura da concentração do novo 7.º Ex.º (G. Frère) constituído para se estabelecer sobre o Somme.

São também brilhantes as acções dos Gr. Cav. 21 (da 27.ª Div.), 34 (da 29.ª Div.) e 74 (da 4.ª Div. Col.) que se empenham e se sacrificam para permitir a entrada em linha das suas G. U. ou para lhe cobrirem a acção.

\*

Nestes casos de guerra do emprêgo e acção de Gr. Cav. confundem-se «cavaleiros a cavalo» com «cavaleiros motorizados». É difícil distinguir os Gr. Cav. Mistos dos Gr. Cav. M. M. e os Gr. esq. a cav. dos Gr. esq. motor., não só porque as notas de guerra de que dispomos são confusas, como também porque uns e outros «cavaleiros» apenas desejam distinguir-se pelo brilho do seu espírito (*de arma*) que não pelos seus meios de combate. Assim seja!





# Temas táticos

pelo Major AGUIAR FERREIRA

## Uma solução do tema n.º 5

### A execução da idéia da manobra :

Estabelecida a idéia da manobra defensiva, resta pô-la em execução, para o que o Comando terá de fixar as missões aos elementos do dispositivo a constituir, as ligações a estabelecer, as medidas de segurança, o plano de fogos, situação dos P. C., rêdes de transmissões e de observação a montar, organização dos serviços.

N. R. — Continuação do número anterior.

# Revista da Cavalaria

## *Dispositivo e missões:*

Na idéia da manobra está claramente expressa a intenção de constituir uma forte reserva móvel e dois agrupamentos de forças que, actuando separados mas conjugadamente, contribuam para a missão geral de impedir ao inimigo a transposição da rib. de **Nisa** e barrar o acesso à região de **Tapada do Assis**  $\Delta$ .

Dispõe a G. C. D. 7 de 3 esquadrões de linha; em principio atribuiremos, pois, o efectivo de um esquadrão de linha a cada um destes agrupamentos, distribuição esta sujeita, porém, a correcções de detalhe.

É na região de **Pataloa** que se deve exercer o esforço defensivo do conjunto, e conseqüentemente onde a densidade de meios deverá ser maior; é simultâneamente esta região aquela que deve ser ocupada em primeira urgência. Está, pois, naturalmente indicado que a ela seja atribuído o E. Moto imediatamente disponível e de maior capacidade defensiva (12 M. L.). Como as regiões não inundadas a jusante dos diques da **Povoa** e de **Poio** têm, respectivamente, a extensão de 1.500 a 2.500 metros, fica assim a região de **Pataloa** com maior densidade de meios.

O E. Moto não dispõe, porém, de metralhadoras, ao contrário do que sucede com os esquadrões de linha a cavalo; será, pois, necessário reforçá-lo com estas armas. Ora sabemos que é freqüente na instalação defensiva em grandes frentes da cavalaria, o Comando ficar dispondo de algumas metralhadoras e dos morteiros para apoiar a linha de combate nas regiões onde o decorrer da acção mostre haver necessidade de maior densidade de fogos; mas, no caso presente, os dois agrupamentos da linha de combate estão por tal forma separados (3.500 metros) que não é possível instalar as armas em condições de apoiar, à ordem do Comando, estes dois agrupamentos. Assim, é-se levado, naturalmente, a distribuir totalmente as metralhadoras e morteiros, e como o esforço deve ser realizado na região de **Pataloa**, é o agrupamento S. que será reforçado com estes elementos.

A idéia da manobra estabelece, também, que as regiões inundadas devem ser convenientemente vigiadas. Este serviço implica a constituição de um serviço fixo e um serviço

## Revista da Cavalaria

móvel, pelo que convém ser atribuído a unidades a cavalo (1 pelotão para cada uma delas será suficiente). Duas soluções se podem adoptar; ou organizá-lo independente dos dois agrupamentos em 1.º escalão, ou atribuí-lo a estes dois agrupamentos. Qualquer destas soluções têm vantagens e inconvenientes e são aceitáveis; mas como o dispositivo tem um carácter acentuadamente descentralizado, imposto pelo grande intervalo entre os dois núcleos de fôrças, adoptaremos a segunda solução. O agrupamento N. constituído por 1 E. Cav. (4 pelotões de linha) pode perfeitamente receber esta nova missão sem necessidade de refôrço; outro tanto se não dá com o agrupamento S. que precisa de ser reforçado com um pelotão a cavalo que pode ser fornecido pelo E. Cav. da reserva, que fica ainda suficientemente forte (3 pl. de linha e 1 pl. Met.) para poder desempenhar as missões previstas na idéia da manobra.

Como é conveniente fazer face a um possível rompimento da frente na região de **Pataloa**, haverá vantagem em prever, para a reserva, a ocupação da crista **Charas**  $\triangle$ —**Lapa**  $\triangle$  a fim de barrar o acesso à região de **Caldeiras**  $\triangle$  e tornar possível a organização de uma nova resistência à retaguarda da rib. de **Figueiredo**, conforme foi encarado ao fazer o estudo do terreno.

A D. C. B. tem de ser encarada, sobretudo, na frente. O obstáculo da rib. de **Nisa** pode ser considerado como dificilmente transponível pelos elementos blindados inimigos enquanto a defesa se mantiver eficiente, mas tem de se prever a possibilidade dêste empregar êsses engenhos para, aproximando-se da margem direita da ribeira a coberto da zona arborizada, neutralizar com o seu fogo o fogo da defesa: os agrupamentos em 1.º escalão e a reserva, susceptível de empregar na frente, deverão, pois, dispor de armas anti-carro.

### *Ligações a estabelecer:*

Deverão estabelecer-se ligações com o G. C. D. 6 à nossa direita, com o G. C. D. 3 à nossa esquerda, e entre os agrupamentos em 1.º escalão.

Dada a situação e natureza dos dois agrupamentos em 1.º escalão, está naturalmente indicado que a 1.ª missão seja

## Revista da Cavalaria

atribuída ao agrupamento S., e as duas restantes ao agrupamento N.

### *Segurança:*

A idéia de manobra prevê a existência de um elemento em **Povoa e Meadas**. Êste poderá ser fornecido pela reserva e recuperado ulteriormente por esta.

O vale da rib. de **Pai Annes** deverá também ser vigiado como linha de infiltração possível a utilizar pelo inimigo; o agrupamento N. poderá encarregar-se desta missão que directamente lhe interessa.

Os Postos Avançados poderão ter simplesmente missão de vigilância a estabelecer na linha a partir da qual o inimigo deve ser retardado; ficarão naturalmente a cargo dos agrupamentos.

### *Plano de fogos:*

Num sistema defensivo descentralizado, as determinações do Comando serão forçosamente muito reduzidas, sem esquecer que o caso de que tratamos envolve a resistência nas posições ocupadas, e que a natureza arborizada do terreno a E. da região de **Pataloa** não permite a realização de fogos eficazes senão a curtas distâncias. O mesmo se não dá, porém, na regiões a N. e NE. de **Horta da Cavala**, no sector defensivo N., em que já é possível e conveniente o estabelecimento de uma cortina às médias distâncias.

### *P. C.:*

O P. C. do G. C. D. 7 deverá ser instalado num local de fácil acesso, mais próximo da região de **Pataloa** que da N. e na proximidade ou junto da reserva.

Quanto aos P. C. dos agrupamentos, é preferível deixar aos respectivos comandantes a sua escolha.

Concretizaremos os dados principais do problema e as resoluções tomadas para executar a idéia da manobra no seguinte:

# Revista da Cavalaria

## Esquema da resolução

### Época :

12 de Agosto  
Dia claro às 06 h. 00  
Noite fechada às 22 h. 10

### Condições climatéricas :

Tempo seco.

### Meios à disposição :

G. Cav. não reforçado.

### Natureza do inimigo :

Possivelmente motorizado e dispendo de elementos blindados.

### Cortadura favorável à defesa :

Rib. de **Nisa**.

### Previsão :

O inimigo não tem possibilidade de atingir a rib. de **Nisa** antes do G. C. D. 7, mas é de admitir que ele a pretenda transpor a partir da manhã de 13.

### Posição a ocupar :

Margem esquerda da rib. de **Nisa**. Ocupação das regiões de **Pataloa** e de **Horta da Cavala**; vigilância das regiões inundadas.

### Esfôrço defensivo :

Na região de **Pataloa**.

# Revista da Cavalaria

## *Dispositivo e missões :*

Um agrupamento na região de **Pataloa** com a missão de barrar ao inimigo a região de **Charas**  $\Delta$  e de vigiar a região inundada S.

Um agrupamento na região de **Horta da Cavala** com a missão de barrar ao inimigo o acesso à região de **Broceira**  $\Delta$  e de vigiar a região inundada N.

Reserva forte na região de **Lapa**, prevendo a ocupação da crista **Charas**  $\Delta$  — **Lapa**  $\Delta$ .

## *Ligações a estabelecer :*

Com o G. C. D. 6 a cargo do Agrupamento S.

Com o G. C. C. 3 a cargo do Agrupamento N.

Entre os agrupamentos a cargo do Agrupamento N.

## *Segurança :*

Ocupação de **Povoa** e **Meadas**, e vigilância da rib. de **Pai Annes**.

P. Av.: a estabelecer pelos agrupamentos na linha p. c. 379 a NW. de **Cabeça**  $\Delta$  — p. c. 353 a SW. de **Touril** 1.º  $\Delta$  — **M. Eusébio** — **Casa da Francisquinha**.

## *Plano de fogos :*

Fogos a distância a partir da linha de P. Av.

Cortina de fogos na margem esquerda da rib. de **Nisa**.

Ligação de fogos entre os agrupamentos, impossível e dispensável.

D. C. B.: 1 sec. ao Agr. S.

2 sec. ao Agr. N.

1 sec. à reserva.

D. C. A. na região de **Vasco**  $\Delta$ .

## *Trabalhos :*

Pel. Sap. distribuído pelos agrupamentos.

# Revista da Cavalaria

*P. C.:*

Do G. C. D. no casal 1.000 m. a S. de **Lapa**  $\Delta$ .  
Dos agrupamentos, a comunicar.  
Do III C. E. em **Chouto** até às 12 h.00 de 13.

*Observação:*

Nas regiões de **Lapa**  $\Delta$  e **Pelada**  $\Delta$ .

*Transmissões:*

Montagem de rede telefónica e de T. S. F. ligando o  
Comando com os agrupamentos e P. O.

*Agentes de ligação:*

Já existentes: com a cobertura e G. Cav. contiguos, a  
manter.  
A destacar: nenhum.  
A receber: dos agrupamentos.

*P. S.:*

No casal 1.800 m. a W. de **Lapa**  $\Delta$ .

*P. S. V.:*

No casal a S. de **Broceira**  $\Delta$ ; evacuações sobre **Nisa**.

*S. Mec.:*

Em **Nisa**.

*Estacionamento dos T. C. 2:*

**Horta das Caldeiras.**

Em face das indicações recebidas, o capitão adjunto redigiria a Ordem de Operações seguinte:

# Revista da Cavalaria

III C. E.  
G. C. D. 7  
N.º .....

P. C. em  
12/8/...  
às 16 h. 00

## Ordem de operações n.º ...

### I — Situação e missões:

1 — O G. C. D. 6 à nossa direita e o G. C. C. 3 à nossa esquerda atingiram respectivamente a transversal **Crato** — **Alpalhão** e a região de **Caixeiro** sem terem tomado o contacto, e vão instalar-se defensivamente à retaguarda da rib. de **Nisa**.

As nossas patrulhas aguardam ordens nas alturas a E. de **Charneca** e no cruzamento junto a **M. Eusébio**. A flecha ocupa **Povoa e Meadas**.

As nossas tropas de cobertura na fronteira, fortemente hostilizadas pelos elementos avançados do inimigo, mantêm a custo as suas posições.

O inimigo não tem possibilidade de atingir a rib. de **Nisa** antes das nossas fôrças, mas é de admitir que êle a pretenda transpor a partir da manhã de 13.

2 — O G. C. D. 7 mantêm a missão de cobrir a marcha das G. Av. da 7.ª Div. e a sua instalação na linha geral **Charas**  $\Delta$  — **Pelada**  $\Delta$  na manhã de 14.

— Zona de acção:

Limitada a S. por **Touril 2.º**  $\Delta$  — **Navens Ferreira**  $\Delta$  — **Tinhosa**  $\Delta$  — **Pereiro**  $\Delta$ , todos exclusive.

Limitada a N. por **Nisa-Broceira**  $\Delta$  — **Pai Annes**  $\Delta$  — **Atalaia 1.ª**  $\Delta$ , todos inclusive.

### II — Idéia da manobra:

3 — É minha intenção: estabelecer-me defensivamente a coberto da rib. de **Nisa** em condições de fazer face a quaisquer ataques vindos de E. ou NE. para impedir a transposição da ribeira e barrar ao inimigo o acesso à região de **Tapada do Assis**  $\Delta$ , e para isso:

— exercer o esforço defensivo na região de **Pataloa** para barrar o acesso à região de **Charas**  $\Delta$  e cobrir o G. C. D. 6;

## Revista da Cavalaria

— ocupar a região a jusante do dique de **Poio**, para, em ligação com o G. C. C. 3, barrar o acesso à região de **Broceira**  $\Delta$ ;

— vigiar as zonas inundadas a montante dos diques da **Póvoa** e de **Poio**;

— constituir uma forte reserva móvel em condições de poder intervir rapidamente no centro (1.<sup>a</sup> urgência) e esquerda da posição;

— manter a ligação com as forças amigas em cobertura na fronteira;

— esclarecer-me em **Póvoa** e **Meadas**;

— dificultar a progressão do inimigo a partir da linha p. c. 379 a NW. de **Cabeço**  $\Delta$  — p. c. 353 a SW. de **Touril** 1.<sup>o</sup>  $\Delta$  — **M. Eusébio** — **Casa da Francisquinha** — **Atalaia** 2.<sup>o</sup>  $\Delta$ .

### III — Disposições:

#### 4 — Dispositivo:

##### a) Linha de combate:

— Agrup. S. (E. Moto reforçado com 1 Pl. 2.<sup>o</sup> E. Cav., Pl. Met. Pl. Mo. e 1 sec. C./E. Met. Eng.): ocupa imediatamente a região de **Pataloa** com a missão de barrar ao inimigo o acesso à região de **Charas**  $\Delta$ , impedindo-lhe a transposição da rib. de **Nisa** entre a barragem da **Póvoa** e o esporão a NW. de **Pataloa**; esforço em **Pataloa**. Vigiará a região inundada a montante do dique da **Póvoa**.

— Agrup. N. (1.<sup>o</sup> E. Cav. reforçado com 2 sec. C.): ocupará a região a jusante do dique de **Poio** com a missão de barrar ao inimigo o acesso à região de **Broceira**  $\Delta$  e cobrir **Nisa** em ligação com o G. C. C. 3, impedindo a transposição da rib. de **Nisa** entre o dique de **Poio** e a confluência da rib. de **Broceira**; esforço em **Horta da Cavala**. Vigiará a região inundada a montante do dique de **Poio**.

— Limite intermédio das zonas de acção: **Lapa**  $\Delta$  — **Touril** 1.<sup>o</sup>  $\Delta$ .

## Revista da Cavalaria

- b) Reserva: (2.º E. Cav. menos 1 pl. reforçado com 1 sec. C.): na ravina 1.000 m. a N. de **Charas**  $\Delta$  em condições de reforçar rapidamente o centro (1.ª urgência) e esquerda do dispositivo; prevê a ocupação da crista **Charas**  $\Delta$  — **Lapa**  $\Delta$  para barrar ao inimigo o acesso à região de **Caldeiras**  $\Delta$ .
- c) E. Met. Eng.:
- O Pl. Met., Pl. Mo. e 1 sec. C. são imediatamente postos à disposição do E. Moto.
  - 2 sec. C. serão postas à disposição do 1.º E. Cav. em **Nisa** cuja defesa assegurarão desde já.
  - 1 sec. C. será posta à disposição do 2.º E. Cav. no meu P. C.
- d) O Pl. D. T. C. A. instala-se na região de **Vasco**  $\Delta$ .
- e) Cav. desmontados e escalão de viaturas à disposição das unidades, à retaguarda da crista **Charas**  $\Delta$  — **Lapa**  $\Delta$  — **Pelada**  $\Delta$  — **Broceira**  $\Delta$ .

### 5— Ligações:

Com o G. C. D. 6 a cargo do Agrup. S. em **Navens Ferreira**  $\Delta$ .

Com o G. C. C. 3 a cargo do Agrup. N. na **Central da Broceira**.

Entre os agrupamentos a cargo do Agrup. N.

### 6— Segurança do dispositivo:

#### a) Patrulhas:

- 1 Pl./2.º E. Cav. ocupará **Póvoa** e **Meadas** com a missão de vigiar as direcções de **Cabeço**  $\Delta$ , **Mal Abrigo**  $\Delta$  e **S. Silvestre**; estabelecerá a ligação com as tropas de cobertura na região de **Cancela**  $\Delta$ .

Retira retardando e balizando o avanço inimigo segundo o eixo **Póvoa** e **Meadas-Vasco**  $\Delta$ , reunindo à reserva em que se incorpora ao transpor a rib. de **Nisa**.

## Revista da Cavalaria

— O Agrup. N. fará explorar o vale da rib. de **Pai Annes** até às proximidades de **Póvoa e Meadas**.

- b) P. Av.: com missão de vigilância a cargo dos agrupamentos a estabelecer na crista p. c. 379 a NW. de **Cabeço**  $\Delta$  — p. c. 353 a SW. de **Touril** 1.º  $\Delta$  — **M. Eusébio-Casa da Francisquinha**.

7 — Plano de fogos:

- a) Tiros a distância: os agrupamentos organizarão fogos a partir de P. Av.  
b) Barragem principal sôbre a margem esquerda da rib. de **Nisa**.  
c) Desencadeamento dos fogos à ordem dos Com. dos agrupamentos.  
d) D.C.A.: cobrirá em 1.ª urgência a região de **Vasco**  $\Delta$ .

8 — Organização da posição: o Pl. Sap. fornecerá 1 sec. a cada um dos agrupamentos em 1.º escalão.

V — *Ligação* :

9 — P. C.:

- do G. C. D. 7 no casal 1.000 m. a S. de **Lapa**  $\Delta$ .  
— dos agrupamentos a comunicar logo que instalados.

10 — P. O.:

- n.º 1 no casal 1.000 m. a SE. de **Lapa**  $\Delta$ , vigiando em especial a direcção E.  
— n.º 2 na região de **Pelada**  $\Delta$ , vigiando em especial a direcção NE.

11 — *Transmissões* :

- C. Tr. junto do meu P. C. ligado por telefone, T. S. F. e meios ópticos com os P. C. dos agrupamentos, e por telefone com os P. O.  
— C. A. I./III C. E. em **Vale de Mós**.

# Revista da Cavalaria

12 — Agentes de ligação:

- mantem-se o agente de ligação junto das forças de cobertura na fronteira na região de **Cancela** Δ.
- Os Esq. mandarão apresentar no meu P. C. 1 agente de ligação com 2 estafetas logo que os seus P. C. estejam montados.

V — *Serviços*:

13 — S. S.:

- P. S. no casal 1.800 m. a W. de **Lapa** Δ, junto à rib. de **Santo António**.
- Postos de transbordo no cruz. 340 (500<sup>m</sup>. a SE. de **Lapa** Δ) e na bif. imediatamente NW. de **Pelada** Δ.
- Evacuações sôbre o hospital de **Nisa**.

14 — S. V.:

- P. S. no casal a S. de **Broceira** Δ, sôbre a estrada **Montalvão-Nisa**.

15 — S. Mec.:

- Sec. repar. em **Nisa**.
- L. R. gaso em...
- L. D. gaso em **Nisa** às...

16 — S. Subs.:

- Estacionamento dos T. C. 2 em **Horta das Caldeiras**.
- L. R. em...
- L. D. em **Horta das Caldeiras**.

O Comandante

F...

Ten.-cor.

*Transmissão* (p. 1.)

NOTA: No próximo número encararemos o problema do E. Moto.



# As corridas de Outono de 1942

pelo Major LUCIANO GRANATE



Graças à inteligente iniciativa da Direcção da S. H. P. do ano de 1942, realizaram-se no Campo do Jockey Club nos dois últimos domingos de Novembro estas interessantes provas hípicas.

Não há louvores que na verdade se possam regatear à referida Direcção porque os resultados obtidos foram magníficos e excederam as previsões dos mais entendidos.

Foi êste, no meu modesto entender, o grande valor da Direcção: — «Explorar o sucesso no momento oportuno».

Que grande diferença existe entre a apreciação do facto depois de realizado e a decisão no momento em que tudo são ainda probabilidades!

Agora é fácil dizer que a resolução foi óptima!

Tivemos o prazer de ver no campo uma assistência enorme, desusada, que alegremente aplaudiu as interessantes corridas.

O tempo emprestou a sua graça, com duas tardes de uma amenidade encantadora, sem vento, sem calor, sem frio, em que o lindo sol do nosso querido Portugal quis abrilhantar a festa e acariciar espectadores, cavaleiros e cavalos.

## Revista da Cavalaria

Tudo, portanto, favoreceu a ousada Direcção que a seu cargo tinha a grande tarefa de promover o desenvolvimento do desporto hípico.

Tôdas as modalidades devem ser realizadas e praticadas para que os amigos e admiradores do «nobre bicho» encontrem sem excepção, acolhimento franco dentro da Sociedade.

Sob o ponto de vista militar, as corridas, principalmente com obstáculos, têm um interesse extraordinário, pois dá aos



*Um aspecto da assistência*

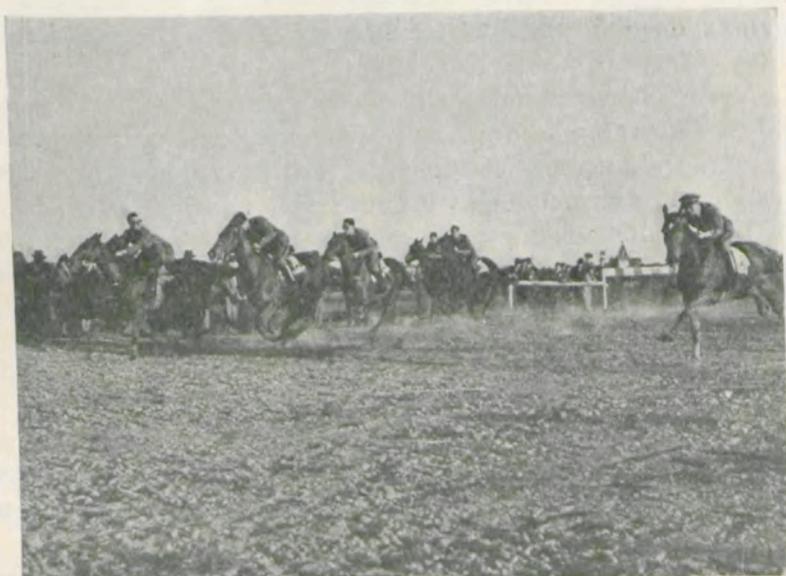
novos cavaleiros um espírito combativo e ousado e uma confiança nas possibilidades da sua montada, desconhecida até ao dia em que encurtam bem os estribos e de corpo para a frente atingem os 60 à hora.

As corridas, de realização relativamente fácil, para os oficiais de cavalaria de rápida formação, permite-lhes o prazer de entrar na disputa de provas hípicas com resultados animadores, o que não conseguem tão facilmente nos concursos hípicos de obstáculos. Aí é necessário adquirir uma independência de mão que a pouca prática não lhes permite, além de que a falta de conhecimentos, conduz a situações de

## Revista da Cavalaria

desinteligência com o seu nobre amigo, acabando este sempre por ser considerado o culpado dos insucessos e ingratamente abandonado e pôsto de parte, em prejuízo do trabalho contínuo indispensável para se correr em obstáculos com certa garantia.

Para estas provas não se encontra cavalo com facilidade; e quando há a felicidade de aparecer um saltador, quanto tempo e trabalho demanda a sua preparação?



*Fase da corrida «Conde de Mendia»*

Para a corrida plana todos os cavalos têm condições dentro da sua classe e categoria.

¿Não vimos a realização de corridas nas sociedades hípias rurais em França com cavalos de lavoura, para entusiasmar a mocidade e chamá-los à prática da equitação?

¿Não vimos as corridas de Poneis em Hong-Kong despertando incalculável interesse e movimentando milhares de libras em apostas?

No grande país produtor de cavalos que é a África do Sul, há simplesmente 42 Clubs de Polo e é rara a vila que

## Revista da Cavalaria

não tem a sua pista de corridas e quando não tem campo plano apropriado, traça a pista serpenteando a encosta de qualquer monte. O que êles não deixam é de fazer o desporto sob o pretexto de que o campo não é perfeito.

Lembro-me de correr, já lá vão uns bem contados dez anos, nas provas de Nelspruit, onde fui representar a cavalaria de Moçambique com o meu infeliz e saúdoso amigo Cap. Ribeiro de Almeida, numa pista bem pior do que as que últimamente foram abertas no Parque de Monsanto, mas nem por isso o entusiasmo era menor do que nas sumptuosas corridas de Johannesburg, sôbre magníficos tapetes verdejantes.

Nesta última cidade também o campo de obstáculos é todo de fôfo relvado, onde os nossos cavalos castigados com as areias de Lourenço Marques, se sentiam em boas condições para alcançar os primeiros prêmios.

Todos sabemos que os Boers têm o culto do cavalo e já na sua guerra empregaram 35.000 cavalos na infantaria montada.

Com estas considerações queria eu salientar bem a deliberação da Direcção da S. H. P. que não recuou ante a deficiência das pistas, a falta de cavalos de classe, a falta de treino, e fêz as corridas.

Não houve muitos puro-sangues a correr, mas houve grupos harmónicos de cavalos, houve apostas, houve animação, houve, enfim, mais umas reüniões hipicas que infelizmente são tão raras.

Para nós da arma de cavalaria que pouco a pouco nos vamos sentindo dolorosamente afastados das montadas, por estas serem indispensavelmente substituídas por outros cavalos mais poderosos, não há forma de esquecermos aquêl nobre companheiro que connosco pulsou nos campos de batalha e deu à Cavalaria o seu desembaraço, o seu espirito largo, a sua forma particular de ser e de proceder.

Como poderá o motor passivo, frio e sem génio, transmitir aos nossos cavaleiros, aquêl elan que todos conheciam, é coisa para nós ainda pouco compreensível. Os que desde o início da carreira, seguem meios diferentes para desenvolver nos seus homens, o desembaraço e iniciativa necessários, realizam prodígios como temos visto, mas para nós essa transformação é complicada.

## Revista da Cavalaria

O cavaleiro que se vê metido num carro de combate ou num avião, não esquece a sua viva montada que quási sem sinais de comando lhe adivinhava os pensamentos.

Como muitos países combatentes, mesmo com grande indústria, conservam parte da sua cavalaria a cavalo, tenhamos esperança de poder utilizar ainda por muito tempo o nosso antigo companheiro.



*Uma fase interessante da corrida «Prova Nacional — Prémio Ruy d'Andrade»*

Interessa-nos, portanto, ver praticar todos os ramos do Desporto Hípico.

As corridas, sob o ponto de vista de espectáculo para o público, pouco entendedor, têm tôdas as probabilidades de grande sucesso desde que se agrupem por sangues e categorias os respectivos cavalos. Se essa escolha fôr rigorosa, os corredores equilibram-se e a corrida torna-se tanto mais emotiva quanto menores são as diferenças.

A velocidade não interessa. Quem sabe se eles vão a 500 ou a 700<sup>m</sup> por minuto?

## Revista da Cavalaria

E agora, depois dêste pequeno desabafo, vamos a um ligeiro relato das últimas corridas.

Primeiro dia:

Tempo magnífico e a despeito da falta de taxis as tribunas estão cheias e no peão há imensa gente.

Aproxima-se a hora de iniciar a primeira corrida, Prêmio «Ministério da Guerra» e os cavaleiros vão para a pesagem. São todos oficiais e todos montam cavalos argen-



*Uma demonstração do interesse pela aposta mútua*

tin. Seguem para o cercado de exposição onde em volta se comprimem em três ou quatro filas cerradas os que querem apreciar as qualidades dos bichos para fazerem as suas apostas. Uns por simpatia por cavalos ou cavaleiros, outros por terem olho entendedor, outros ainda por terem uma indicaçãozinha amiga que geralmente falha e finalmente os que têm um simples palpite, todos vão apostar no seu favorito.

Os cavaleiros seguem para a pista e cada espectador toma posição para ver a disputa.

Alinham oito cavalos.

## Revista da Cavalaria

Soam as badaladas. Eles aí vão, velozes como o vento. Milhares de olhos os seguem e ajudam. Exclamações, gritos para encorajar os belos animais que percorrem os 1.200<sup>m</sup> em 2<sup>m</sup> 32<sup>s</sup> e 2/5. Chegam à meta. Há alegrias e decepções.

Foi 1.º o *Fuzil* de Cav. 2 com o Cap. Moura, seguido da *Bailadeira* do Dep. Rem. com Alf. Calado, vindo depois a três comprimentos o *Açafate* de Cav. 2 com o Alf. Ferraz seguido do *Direito* de Cav. 2 com o Alf. Correia de Freitas. A média do primeiro é de 708<sup>m</sup>.

Os contemplados felizes correm a receber os prêmios e os outros vão já deitando a vista para os novos corredores.

No campo o espectador está sempre ocupado: examinar os cavalos, fazer a aposta, ver a corrida e por vezes receber o prémio.

Fêz-se sentir a falta do preegoeiro que convida o público a jogar, oferecendo maior ou menor prémio por cada cavalo, conforme eles estão mais ou menos carregados de apostas.

Dão grande animação e convidam os menos entusiastas pelo jôgo, a fazer a sua apostinha.

Para que as corridas mantenham entusiasmo crescente é necessário que o público em geral se habitue a jogar. Ver uma corrida tendo um bilhete na mão com o número do seu favorito, é coisa completamente diferente do que assistir sem se importar que seja este ou aquê a passar a meta à cabeça.

Na 2.ª corrida, Prémio «Alter» alinham cinco reprodutores da Estação Zootécnica Nacional com os seus jockeys de blusas vermelhas, formando um conjunto irrepreensível. Esta corrida é destinada aos reprodutores derivados do Arabe. São 1.200<sup>m</sup> que eles percorrem muito juntos deixando até final todos duvidosos pelo resultado. Destaca-se o *Dizimo* que entra primeiro na meta com 1<sup>m</sup> 43<sup>s</sup> e 4/5 seguido do *Azaral* e do *Elzevir*. Todos filhos do *Zerai*. A média do vencedor é de 696<sup>m</sup>.

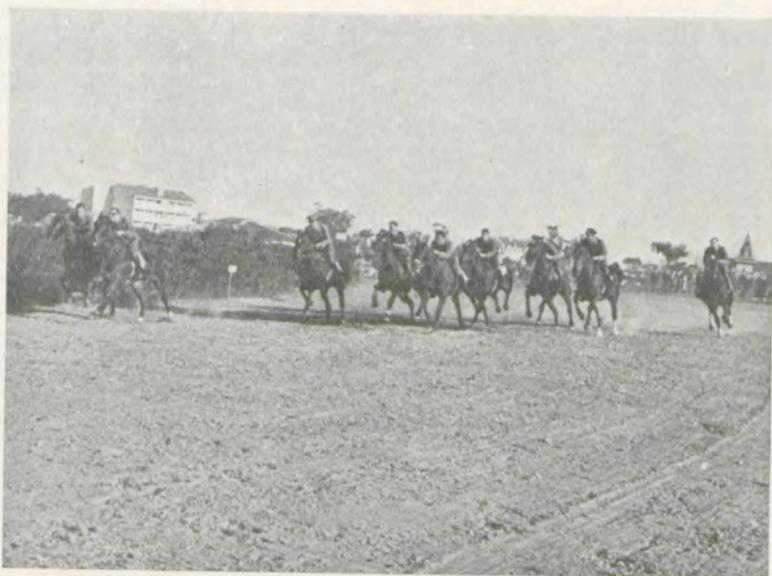
A terceira corrida, Prémio «Conde de Mendia» é para cavalos de tôdas as origens e procedências. 1.800<sup>m</sup>.

Entram oficiais representantes de Cav. 2, 3 e Dep. de Remonta. Os argentinos vão bater-se com cavalos de muito sangue. Dadas as badaladas logo se vê o Alf. Calado marcando posição à cabeça com o seu magnífico *Abstênico* do Dep. de Remonta e assim se conserva até final, entrando na meta aper-

## Revista da Cavalaria

tado pelo *Calif* de Cav. 3 com Alf. Joaquim Dôres e uns três comprimentos atrás vêm em bom galope o *Jorgelim* de Cav. 2 com Alf. Décio de Freitas, seguido do *Agrestre* de Cav. 2 com o Alf. Morais. O tempo mínimo é de 2<sup>m</sup> 34<sup>s</sup> e 1/5 que dá uma média de 696<sup>m</sup>.

A quarta corrida, Prémio «Fonte Boa» é também para os reprodutores derivados do Arabe. 1.200<sup>m</sup>. Entram cinco da Estação Zootécnica Nacional. Desperta muito interesse



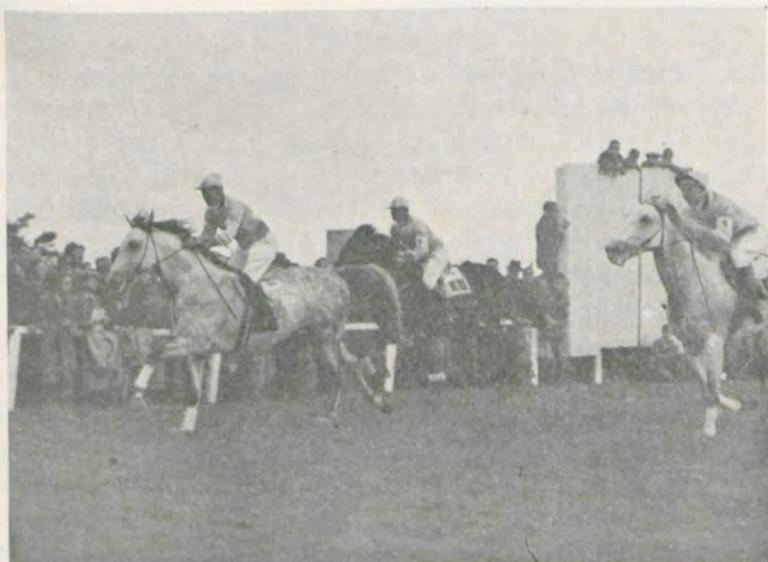
Fase da corrida «Santos Jorge»

não só a apresentação, como a corrida em si que é muito bem conduzida. Novamente os filhos do Zeraí mostram o bom sangue que lhes corre nas veias. Chega em 1.º o *El-Zamec* com 1<sup>m</sup> 42<sup>s</sup> e 1/5 e depois o *Cinzel* e o *Aorte*.

Na quinta corrida, Prémio «José Pereira Palha Blanco», têm a percorrer 2.400<sup>m</sup> com sebes, os oficiais de Cav. 2, 3, G. N. R. e Dep. de Remonta. Alinham nove à partida. O grande *Fuzil* com o Cap. Moura bate o *Abstênico* do Alf. Calado por uma cabeça, se tanto. Depois vem o *Calif* com Alf. Joaquim Dôres e o *Bagdad* com Alf. Bragança. O tempo mínimo foi de 3<sup>m</sup> 25<sup>s</sup>.

## Revista da Cavalaria

Terminou o 1.º dia de corridas deixando todos bem impressionados e com boa disposição para o seguinte, apesar da longa caminhada que, infelizmente, há que fazer. Pena é que não se possam poupar os aficionados, principalmente as senhoras, a tão forçada ginástica. Á ida ainda houve quem tivesse a sorte de encontrar trens, obsequiosamente postos ao serviço dos espectadores.



*Partida da corrida «Prémio Sociedade Hipica Portuguesa»*

No segundo domingo houve igualmente grande concorrência e às 15 horas prefixas iniciavam-se as provas.

A primeira corrida—Prova Nacional—Prémio «Ruy d'Andrade», é de 1.200<sup>m</sup> e destina-se a cavalos nacionais, excluindo o sangue inglês e puro sangue árabe.

Fazem-se representar os Reg. de Cav. 2, 3, 7 e o Dep. de Remonta. Primeiro classifica-se o *Guizo* do Dep. de Remonta com 1<sup>m</sup> 34<sup>s</sup>  $\frac{4}{5}$ , média 762<sup>m</sup>, depois a *Xiba* de Cav. 7, a *Ya-Humilde* de Cav. 2 e *Hafif* de Cav. 3.

A segunda, Prémio «Ministério da Economia», é também de 1.200<sup>m</sup> mas só para reprodutores derivados do árabe. Representação só da Estação Zootécnica como no Domingo

## Revista da Cavalaria

anterior. Ganha o *El-Zamec* que chega seguido do *Aorte* e *Azarai*. Tempo mínimo  $1^m 40^s \frac{4}{5}$ , média  $720^m$ . O *Dizimo* que entrou nesta corrida nem se classificou, o que sabemos ter sido atribuído a grande esgotamento nervoso depois de lhe ligarem os membros com certa antecedência, operação que o animal conhece lhe fazem para correr.

Terceira corrida, Prémio «Santos Jorge»,  $2.000^m$  para cavalos de tôdas as origens e procedências.

Larga representação de Cav. 2 com os seus argentinos.

Cav. 3 inscreve dois bons cavalos, *Calif* com Alf. Joaquim Dôres e *Holandesa* com Alf. Humberto Valentim que se classificam, respectivamente, em 2.º e 3.º O primeiro a entrar na meta é novamente o *Abstênico* com Alf. Henrique Calado que faz o percurso em  $2^m 33^s$  e média  $780^m$ . Em quarto lugar entra o *Jorgelim* com Alf. Décio de Freitas. O *Fuzil* do Cap. Moura carregado de apostas, teve, infelizmente, de ser retirado no meio da corrida por ter sido acometido de uma hemorragia nasal. Tantas esperanças perdidas!

A quarta corrida, Prémio «Sociedade Hípica Portuguesa» para reprodutores puro sangue árabe, é de  $1.200^m$ .

A Estação Zootécnica apresenta cinco bonitos exemplares que são os únicos que alinham à partida. Com a distinção própria dos árabes, causam a admiração da assistência. Correm muito bem chegando primeiro o *Cooke*, depois o *Veloz* e em terceiro o *Pichepin*. O tempo é o melhor da tarde e não admira, atenta a categoria dos corredores,  $1^m 31^s \frac{2}{5}$ , média  $790^m$ .

A quinta corrida do dia e última da época é de  $2.400^m$  — Sebes — Civil — Militar — Gentlemen — Prémio «Lanceiros 2».

Alinham nove concorrentes sendo de Cav. 2, 3, G. N. R. e Dep. de Remonta.

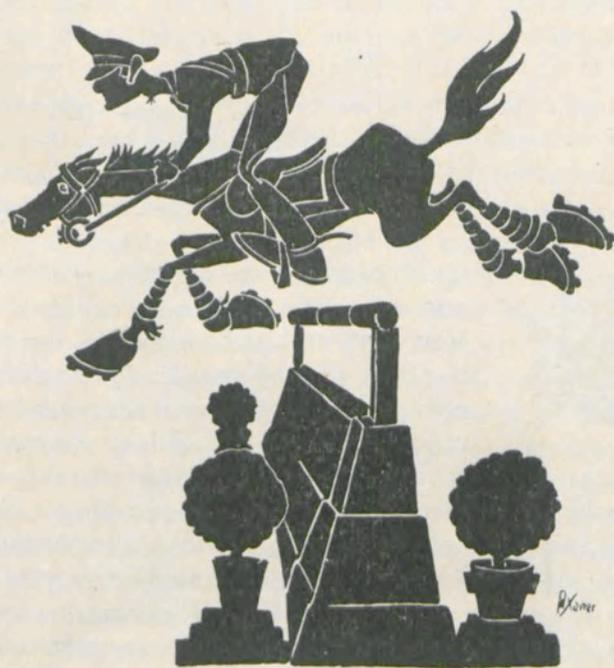
Partem todos com decidida vontade de ganhar e é o Alf. H. Calado que vai de entrada à cabeça, se me não engano, sendo depois ultrapassado pelo Alf. Fernando Cavaleiro no *Balásio* que chega em 2.º e Alf. Joaquim Dôres no *Calif* que é o 1.º Em quarto passa a meta o Alf. Fernando Maia no *Jaurito*. O tempo mínimo é de  $3^m 15^s \frac{1}{5}$ .

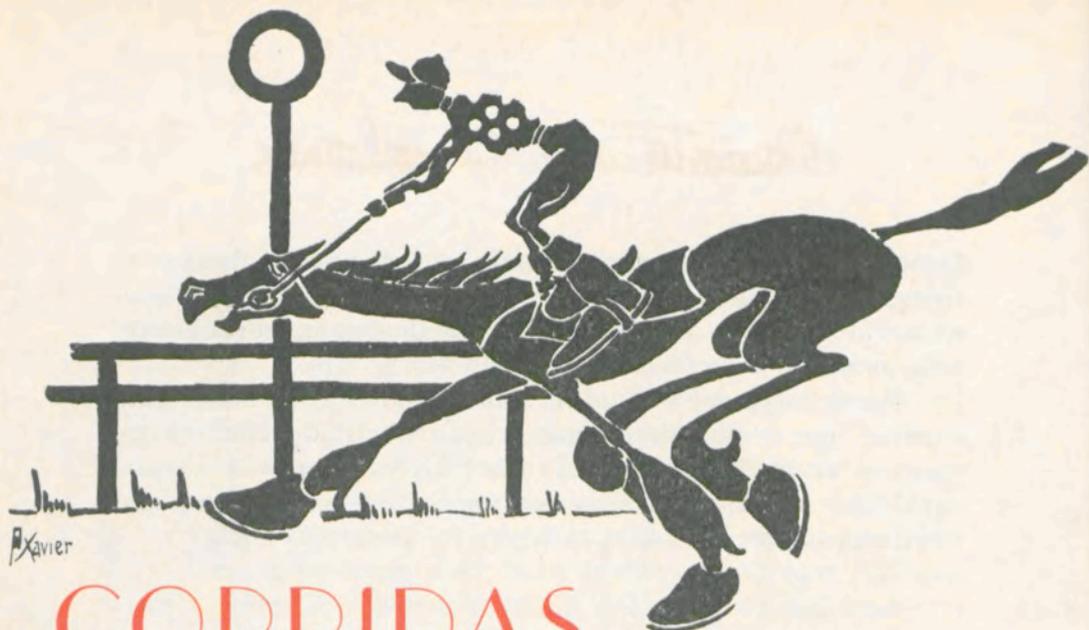
Fechou com uma esplêndida corrida a série do Outono e justo é dizer que apesar do curto tempo de treinos para alguns cavaleiros e cavalos, a apresentação foi magnífica.

## Revista da Cavalaria

Os tempos não foram óptimos sendo até inferiores a alguns de treinos, o que se pode atribuir a estar a pista um pouco pesada. No segundo dia as médias melhoraram, certamente pelo aumento de treino e uma melhoria no piso.

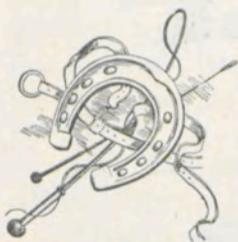
Desde 1934 que a S. H. P. não promovia corridas e é de esperar que tendo sido o interregno quebrado com tanto sucesso, se repitam estas reuniões hípicas e que os nossos cavaleiros preparem as suas montadas para se lançarem nas próximas lutas com maior êxito, se fôr possível.





# CORRIDAS DE CAVALOS

pelo Capitão JOSÉ BELTRÃO



Qual é a pessoa de bom gosto que não aprecia numa corrida de cavalos:

Ver uma tribuna salpicada de mulheres bonitas, com os seus lindos vestidos, peles e joias aplaudir os vencedores; ver alinhar vinte animais excitados, montados por cavaleiros em que a mistura das blusas

das mais variadas côres nos faz lembrar uma alegre chita cujo fundo é o verde da pista; ouvir os gritos da explanada popular excitar os seus favoritos; ver a animada precipitação com que cada um vai receber a quantia que ganhou na aposta?

É, sem dúvida, um lindo espectáculo que existe nos outros países, que temos o direito de pretender que se faça entre nós e para o qual possuímos todos os elementos.

Quais são?

- Cavalos;
- Cavaleiros;

## Revista da Cavalaria

— Pessoas que percebem de cavalos e estão dispostas a trabalhar na sua organização;

— Público que, entre nós, como em tôda a parte, gosta de emoções e de jogar.

Porque razão, possuindo todos os elementos, as corridas de cavalos foram tentadas por três vezes e não se mantiveram?

Das duas primeiras tentativas nada posso dizer porque ainda não era nascido. A terceira e última falhou por uma única razão: as corridas terem sido organizadas para P. S. I. e na minha opinião deverem tê-lo sido para os nossos cavalos.

Fica esclarecido que quando me refiro aos nossos cavalos se trata de peninsulares e derivados de árabe.

O P. S. I. é, sem dúvida, o melhor cavalo que existe e aquêlê que mais gosto de montar, mas segundo tôdas as opiniões, muito difícil de criar em Portugal, sai por um preço que o nosso mercado não comporta e, finalmente, também, todos os entendidos dizem que perde qualidades no nosso clima.

Ora as corridas devem ser feitas para cavalos nascidos em Portugal. Esta é a única forma do nosso Govêrno se poder interessar e fomentá-las porque nada lhe interessa melhorar a raça cavalar no estrangeiro.

Tendo-se permitido a entrada de cavalos estrangeiros, porque os nossos P. S. I. não chegavam, perdeu-se o interêsse porque, tanto em Cascais, como em Lisboa, todos previam antecipadamente os vencedores. Assim não havia jôgo, moia real das corridas, visto que os poucos cavalos de sangue que possuíamos foram distribuidos pelas corridas principais e não havia ninguém que não conhecesse as posses dêsses animais.

Os nossos cavalos tinham menos corridas e estas eram mal pagas, por isso ninguém se preocupava com êles.

No comêço destas havia entre nós apenas um criador de P. S. I. e outro de meios sangues. Apesar dos esforços feitos por êstes senhores, êsses cavalos foram quási sempre batidos por animais de pouca categoria, importados de países de clima mais frio, o que confirma que o P. S. I. criado em Portugal perde qualidades no nosso clima.

Quási no fim das corridas houve outro criador que se ocupou da produção de P. S. I. mas, apesar dos seus esforços, não conseguiu mantê-las.

## Revista da Cavalaria

Estas verdades amargas fazem-me concluir que as corridas não se devem fazer para P. S. I. mas sim para os nossos cavalos.

Francamente, estar a fazê-las, para que os melhores prémios (alguns dêles para nós eram muito bons), fôsem ganhos por cavalos que nem categoria tinham nos seus países, para as corridas de venda obrigatória, sendo até alguns dêles castrados, não vale a pena.

Não tenhamos ilusões: se não houver uma grande concorrência de cavalos, o jôgo é impossível e não o havendo as corridas morrem. Estou convencido que havendo muitos e diferentes cavalos, essa manifestação desportiva interessa a tôdas as classes sociais e as de mais modestos recursos são as que mais entusiasmo têm.

É preciso que haja luta — o público não tem cronómetro nem lhe interessa o estilo do galope — e a acompanhar a luta, a surpresa.

Que ninguém veja em mim um inimigo do P. S. I. mas os factos que acabo de expor fazem-me concluir, com desgosto, a impossibilidade de fazer corridas para êles. Contudo, é preciso que se façam corridas e se as tentarmos, com os nossos cavalos, tenho a certeza que dão resultado, que trazem grandes benefícios à Nação e que se tomarem desenvolvimento não só o Estado as ajuda e fomenta, como teremos garantido outro qualquer hipódromo, porque, quando a Câmara Municipal de Lisboa pensa expropriar um Club de Foot-Ball tirando-lhe o seu campo, não o faz sem que lhe garanta outro. Com certeza que a C. M. L. não protege êste ou aquêle desporto, mas como o Foot-Ball tem muitos adeptos e as corridas tão poucos, não hesita no que deve sacrificar. Todos temos bem presente o movimento que há em Lisboa quando se trata de um desafio entre os mais modestos agrupamentos.

Passemos agora aos benefícios que advêm à Nação havendo corridas:

1.º — *Manter e melhorar a raça cavalar.*

Em tempos normais, em virtude dos motores, o cavalo vem para preços tais que não é económico criá-lo. Foi exacta-

## Revista da Cavalaria

mente o que aconteceu há uns anos em que se tornou necessário comprá-los no estrangeiro.

Além de haver o inconveniente de não ficar cá o nosso dinheiro, pode dar-se a hipótese de não haver quem os venda ou de não haver transporte para eles se vierem em época de crise.

Só há uma única forma de têmos cavalos sem custar muito caro à Nação — é fazendo corridas porque estas valorizam-nos — e então já vale a pena criar.

Assim o Exército fica garantido e para a Agricultura a sua produção em vez de ser ruïnosa passaria, pelo menos, a não dar prejuízo.

É indiscutível que são as corridas que melhoram a raça cavalar porque, se houver bons prémios para os nossos cavalos, eles passam a ser procurados e o lavrador cuidá-los-há.

Com a nossa maneira de ser, de começo ninguém acredita, mas quando suceder com esta ou aquela coudelaria, o mesmo que sucedeu com os cavalos das casas Palmela e Luiz Couto e hoje com os da casa Santos Jorge para os cavalos de obstáculos, todos pensam em melhorar os seus para serem os preferidos, porque é mais prático e satisfaz a vaidade.

Por êste processo talvez deixe de haver uma grande quantidade de éguas que não atingem 1,50 m. de altura e passe a havê-las maiores e mais fortes, porque vendendo bem os poldros os lavradores podem melhorar-lhes a alimentação.

De entrada têm de ser admitidos os castrados porque entre nós essa operação é feita muito cedo, e além disso, é preciso que as corridas estejam bem seguras para que se possam ter exigências, que de resto não houve nas últimas com alguns dos importados.

### 2.º — O Jôgo.

É êle que mantém as corridas e a principal razão por que têm tanta concorrência.

A única forma de o manter é com uma grande variedade de cavalos. É preciso que alinhem em pista muitos para que haja dúvida no resultado, senão não é jôgo.

## Revista da Cavalaria

Se os jornais no dia seguinte às corridas anunciarem que o cavalo X deu uma grande percentagem na aposta, o público na corrida seguinte tem grande interesse em jogar nêle.

É claro que isto só pode dar-se, não se conhecendo os cavalos.

Porém, se se realizarem corridas duas vezes por ano, e só 3 ou 4 dias cada, o público esquece e não toma um interesse quasi doentio como existe pelo Foot-Ball, acrescentando o prazer, que acaba em vício, de jogar. É, portanto, necessário, que se organizem corridas muitas vezes no ano e sendo possível todos os Domingos.

Maior será o interesse quando houver ídolos e se anuncie o encontro de dois que nunca correram juntos.

Lembremo-nos da desforra entre «Bota-Fogo» e «Grey-Fox», em Buenos Aires, para a qual se organizaram combóios especiais bem como navios. O encontro era à tarde e de manhã já era muito difícil o trânsito para o hipódromo.

Quem sabe se um dia, aumentando o interesse, se poderão fazer hipódromos noutras cidades? O que nunca se deve esquecer na situação dos hipódromos é o seu fácil e barato acesso.

Os que estão longe e o têm difícil só ajudam a matar as corridas.

Com o jôgo, a Nação ganha com a sua contribuição e, repito, melhora os seus cavalos.

De resto o que é o P. S. I.?

Um cruzado,  $\frac{3}{4}$  ou  $\frac{7}{8}$  de sangue árabe e segundo algumas opiniões, descendente de éguas compradas na Península Ibérica.

O que o fez tão veloz?

Os cuidados e a alimentação, evidentemente, acompanhados de um rigoroso critério de selecção.

Tendo-os nós também cruzados de sangue árabe com a mesma percentagem, cuidando dêles e fazendo boas selecções, onde chegaremos?

Porque razão não havemos de ter um dia o puro sangue português?

É costume nosso dizer: «os outros fizeram mas nós não somos capazes».

## Revista da Cavalaria

Francamente, isso não é argumento. Não fazemos é porque não queremos e se não fôr logo muito bem não é razão para desistir nem para desanimar.

Temos animais tão bons e tão bonitos! Todos os homens de cavalos se recordam do célebre «Ortigão» o cavalo que saltou o automóvel em Cascais quando durante a corrida atravessou a pista. Os seus descendentes trazem de tal forma vincadas as suas características que se formos a um grande grupo de cavalos, quem conheceu o pai, diz imediatamente quais são os filhos. E como este deve haver mais algum.

3.º — *Uma série de profissões que se criam ou desenvolvem e outras que muito proveito tiram.*

- a) Treinador de cavalos;
- b) Cavaleiro profissional;
- c) Aumento considerável de tratadores;
- d) Ferradores que quási não existiam;
- e) Corrieiros;
- f) Necessidade de muitos mais veterinários;
- g) Enfermeiros hípicas;
- h) Inúmeras pessoas encarregadas da parte burocrática das corridas;
- i) As casas de modas das senhoras, porque as corridas foram sempre motivo para apresentação de modelos.
- j) Pastelarias e orquestras;
- l) Grande aumento de transportes nos dias em que se realizam;
- m) Críticas e discussões nos jornais.

Não posso ter a pretensão de me lembrar de tôdas as coisas que giram à volta dêsse pequeno Mundo, que são as corridas de cavalos, mas não se pode deixar de concordar que estas, já dão de comer a muita gente.

A juntar ao que acabo de expor poderia ainda referir-me à vantagem que há para o Exército, que os oficiais e pessoas da sua categoria, tomem parte nas corridas.

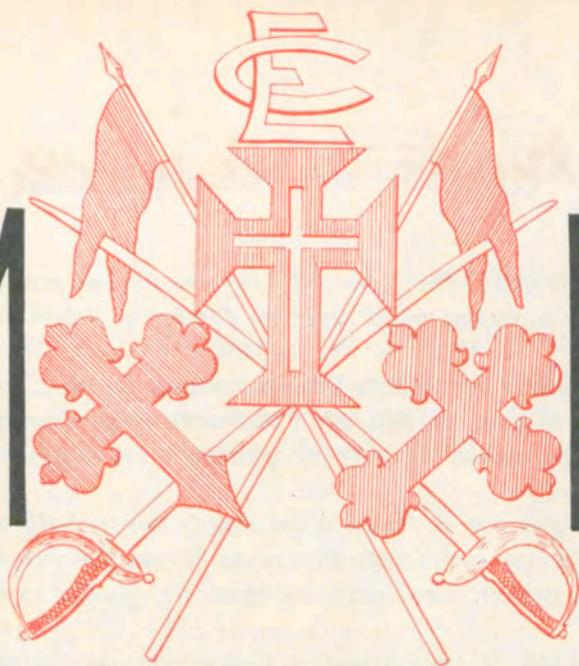
Consta que se realizam corridas na Primavera. Seguramente que vão dar óptimos resultados como deram as do Inverno porque foram para os nossos cavalos.

## Revista da Cavalaria

Exactamente por isso já bastantes pessoas estão interessadas e com curiosidade no seu programa. Oxalá que êle agrade e permita que haja grande concorrência.

Depois do que deixo dito, ninguém pode duvidar que temos todos os elementos para fazer corridas, mas para que elas sejam eficazes é preciso uma coisa que não é muito vulgar no português — a persistência. É preciso tê-la e organizar os esforços. Todos são precisos e se puzermos de parte as vaidades e disciplinadamente seguirmos uma orientação o Estado ajudar-nos-há. Teremos um hipódromo digno da nossa querida Lisboa e... haverá Corridas de Cavalos em Portugal.





## O Boletim da E. P. C.



*Não é necessária, neste momento, qualquer referência às vantagens que a Cavalaria terá em que o Boletim da E. P. C. continui a publicar-se. Essas vantagens têm sido por demais reconhecidas e confirmadas pelo interesse que as actividades da Escola sempre merecem a todos os oficiais da Arma.*

*Circunstâncias várias impediram por muito tempo que a publicação se efectivasse, embora preconizada pelo Regulamento. Com a criação da « Revista da Cavalaria » surgiu o ensejo de fazer aparecer o Boletim, e este começou a publicar-se com certa regularidade, e uma primeira organização correspondendo às possibilidades do momento.*

*O tempo e a perseverança dos que nêle trabalham, têm feito melhorar as condições da publicação e da organização. Embora os melhoramentos introduzidos não possam considerar-se ainda como definitivos, inicia-se hoje uma segunda fase da vida do Boletim.*

## Revista da Cavalaria

Os assuntos que nêles não-de ser normalmente tratados passarão a agrupar-se da seguinte forma:

— assuntos de carácter técnico, estudados na Escola, e cujo conhecimento seja julgado útil à instrução ou ao serviço da Arma. Terão, geralmente, uma feição pessoal e serão assinados pelos seus autores;

— artigos que definam a orientação dos trabalhos escolares, — relatório com feição técnica da forma por que decorreram os vários cursos, tirocínios, estágios etc., que se ministram na Escola;

— planos de organização e funcionamento dos cursos, programas de provas, etc., quando haja vantagem em publicá-los;

— indicações sobre livros a consultar, métodos de trabalho a adoptar, processos de instrução aconselhados, etc.;

— dados estatísticos;

— noticiário.

Nestas condições, a Arma de Cavalaria, e todos aquêles a quem as suas actividades interessem, serão constantemente elucidados:

— sobre a contribuição espiritual e experimental com que a E. P. C. entrou nas tendências da evolução da doutrina da Arma;

— sobre a orientação pedagógica que a Escola vai tendo à maneira que a doutrina vai evoluicionando ou que novas necessidades de instrução ou do serviço se vão verificando.

\*

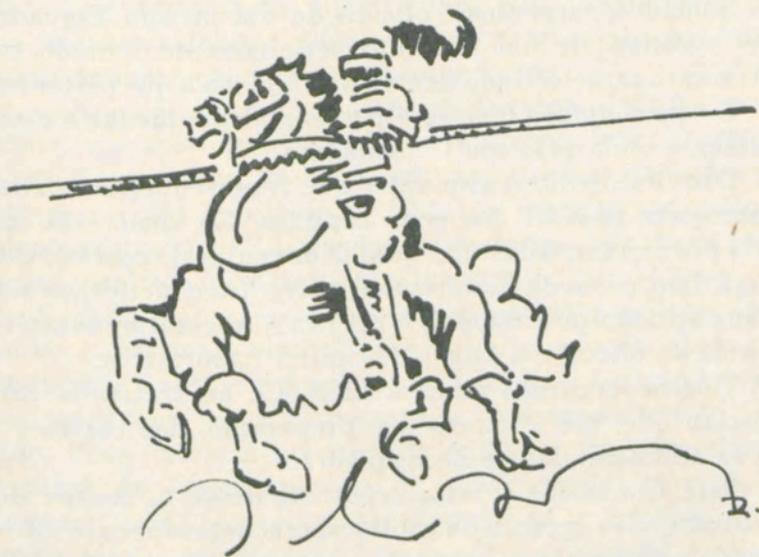
Continuará a «Revista da Cavalaria» a colaborar na publicação do Boletim, inserindo-o nos seus nimeros, dando-lhe a forma gráfica que usa nas suas páginas e contribuindo com o seu gosto artístico para o seu brilho e apresentação condignos, prevalecendo a condição da responsabilidade da matéria ser exclusiva da E. P. C.

Assim se manterá a estreita ligação, em boa hora estabelecida, entre a Revista e a Escola, a qual significa bem flagrantemente a unidade de idéias, de conceitos e de vontades que caracte-

## Revista da Cavalaria

riza e define a união de todos os Cavaleiros no desejo de bem servir e de prestigiar a sua nobre Arma.

Ao abrir este novo período da publicação do Boletim, o comando da E. P. C. espera que ele continui a corresponder às necessidades para que foi criado, e a merecer o bom conceito de todos aquêles que põem a sua fé nos destinos da Cavalaria.



# Comandantes de Esquadrão

## Orientação Geral do Curso



Na Cavalaria, o Esquadrão marca o ponto central de tôdas as actividades de comando, em tôdas as hierarquias. Além de Unidade Táctica, êle é também Unidade de govêrno e Unidade de instrução.

Dentro do Esquadrão se forma o moral dos soldados, se administra a sua vida militar, se completa a sua aptidão profissional, se cuida da sua educação. É também no Esquadrão que se afinam e robustecem as qualidades militares dos subalternos e que se formam e aperfeiçoam os graduados.

Soldados, sargentos e oficiais de um mesmo Esquadrão devem constituir um conjunto perfeitamente definido, perfeitamente caracterizado dentro da Unidade a que pertencem.

E êste conjunto tem uma personalidade que lhe é essencialmente dada pelo seu Comandante.

Daqui se deduz o alto valor que representa para a Arma a categoria pessoal dos seus capitães, — e como essa categoria provém tanto das suas qualidades naturais aperfeiçoadas ao máximo, como da sua preparação técnica e tática, ou seja: da sua aptidão profissional, e resulta que essa preparação é na vida do oficial um factor de capital importância.

Tem-no encarado assim a E. P. C., ao tratar da parte especial que lhe compete na preparação dos capitães: o Curso de Comandantes de Esquadrão.

Êste Curso que se vem repetindo desde há muitos anos para cada nova geração de capitães, tem naturalmente sofrido remodelações várias e periódicas, que os tempos, a evolução da doutrina, e até as próprias condições em que decorrem vão aconselhando.

Inicialmente, ainda há alguns anos atrás, o C. C. E. revestia um carácter nitidamente marcado de Curso de *aprendizagem*. Isto passava-se na época em que nas Unidades se trabalhava pouco, em que a doutrina era pouco constante e mal definida, e em que o sistema de informações não tinha marcado o seu lugar preponderante nos processos de pro-

## Revista da Cavalaria

moção. Hoje, não é mais assim. Os tenentes que concorrem à E. P. C., cónscios do seu dever, prèviamente preparados não só pelo trabalho comum da instrução das suas Unidades (instrução dos oficiais, sobretudo) como também pelo seu esforço pessoal privado, apresentam-se aqui já bastante senhores dos conhecimentos basilares que lhes são necessários para poderem entrar imediatamente em trabalhos de *aplicação*, não havendo que perder tempo com noções de detalhes que, adquiridas no ar, apenas com um objectivo immediato e passageiro pouco ou nada aproveitavam e não davam solidez à preparação que a Escola ministrava.

Nestas condições os C. C. E. podem decorrer num ambiente de maior largueza de vistas, sob um regime mais prático e com uma feição mais concreta.

Este critério é o que preside à elaboração dos actuais planos de organização e funcionamento, e pode resumir-se nas seguintes formas adoptadas no tratamento dos vários ramos de instrução que compõem o Curso.

— No que respeita às minúcias da técnica não há, certamente, que aprender. Os conhecimentos que são necessários a um Comandante de Esquadrão não diferem daqueles que interessam aos subalternos. Pode as vezes haver qualquer diferença nas modalidades do seu emprêgo, mas isso é geralmente intuitivo ou a prática anterior o definiu.

Sucede, porém, ter a Escola notícias mais recentes sobre um ou outro ponto em que uma ou outra especialidade progrediu ou modificou a sua feição inicial, — e então convém que todos que por aqui passam se ponham ao par da novidade. Pode também acontecer que hajam divergências na maneira de interpretar ou de conceber qualquer noção, qualquer princípio ou qualquer preceito, e convirá que a Escola tome a seu cuidado a necessária unificação.

Para isto torna-se naturalmente preciso que os tenentes, nos primeiros dias do Curso corram de passagem uma vista de olhos sobre a técnica do armamento, do tiro e das especialidades de comando, — mas apenas uma vista de olhos, para recordar, para avivar, não para aprender.

— O mesmo no que respeita à orgânica e à táctica. Não há tempo para detalhar noções que não é tolerável que falem a qualquer oficial na altura de sair capitão.

## Revista da Cavalaria

— A propósito de equitação, há tódta a conveniência em se averiguar o que se passa na Escola em matéria de processos e métodos mais em dia, porquanto tem-se verificado que as mudanças são freqüentes, e, se é certo que no fundo tudo vem a dar na mesma, há vantagem em seguir as correntes que predominam. O mesmo haveria a fazer no que se refere à motorização, e se fará logo que a Escola possuir os necessários elementos materiais, e que as aptidões na condução de viaturas automóveis se tornem mais extensivas e mais comuns entre os oficiais.

— Mas o que no C. C. E. mais interessa e deve constituir objectivo principal, é o *exercício do comando de esquadrão*, em tódta as suas modalidades (<sup>1</sup>). O processo indicado é o da resolução de problemas tácticos sempre variados, comportando o maior número de situações possível e dando lugar a uma larga escala de operações diversas. Dentro dêste objectivo requerer-se-à aos tenentes:

- a avaliação rápida e segura de uma situação
- uma pronta decisão
- a sua execução imediata
- a direcção e a fiscalização dessa execução com todos os pormenores.

O meio a empregar para a realização dêste processo é o da apresentação de temas a resolver no campo, tanto quanto possível sem preparação prévia, e a complicar por meio de incidentes.

A direcção dos detalhes de execução, e principalmente a sua fiscalização e correcção põem à prova os conhecimentos técnicos e tácticos dos instruendos e o seu critério de aplicação, e exercitam as suas faculdades de instrutores, o que é também muito para considerar nas aptidões de um capitão.

Crê-se na Escola que, por agora, é esta a orientação a dar aos C. C. E. Neste sentido são elaborados os planos de organização e funcionamento do Curso que em breve vai iniciar-se.

---

(<sup>1</sup>) O que compete à Escola, na preparação dos capitães, é a parte técnica e táctica. O que respeita essencialmente às suas funções de governo, educação, instrução, etc., não está computado nos C. C. E., nem poderá estar enquanto a duração dêstes Cursos fór tão curta como é.

## *Cursos de Instrutores e de Monitores de Condução de Viaturas Automóveis*



Terminaram os cursos de Instrutores e de Monitores de Condução de Viaturas Automóveis. O momento é ainda de hesitações e de incertezas; não existe uma doutrina assente sobre esta técnica nova entre nós; não há métodos de instrução nem processos de ensino definidos, tènicamente estabelecidos e devidamente controlados pela experiência.

Há muito quem ensine condutores, quem mesmo faça disso profissão normal, mas, geralmente, por processos empíricos, aplicados sem método e produzindo resultados variáveis, com tãda a espécie de circunstâncias que possam influir no decorrer da instrução.

É feita assim a maioria dos condutores de automóvel ou de motociclo que cruzam as nossas estradas, e cuja pericia resulta grandemente ou das qualidades pessoais de cada um ou da muita experiência a que o tempo e as necessidades os têm sujeitado.

Esta maneira de ser não quadra, porém, numa Escola, onde tãdas as actividades têm de revestir uma feição integralmente tècnica, e, muito principalmente, no caso de um curso de Instrutores ou de Monitores.

Tem a Escola, portanto, de completar os trabalhos já iniciados no sentido de organizar os seus métodos de instrução, no que respeita a esta nova tècnica, como aliás já sucede com tãdas as outras que aqui se professam.

No que respeita ao estudo dos princípios orientadores, tudo vai bem, e o trabalho pouco mais é do que seleccionar os que já existem aqui e além, no pouco que sobre o assunto pode ser consultado, ajuntando-lhes aquilo que os instrutores têm obtido, da sua própria especulação. Mas o que se refere à adaptação desses princípios, às necessidades especiais da tècnica militar, diremos melhor, da nossa tècnica militar, computada dentro do nosso meio particular, isso é que é assunto para levar mais tempo, porque terá de ser sujeito a um processo experimental complicado e moroso.

## Revista da Cavalaria

O que agora se fêz, nas breves semanas que os cursos duraram, deram-nos o ensejo de novas conclusões, que o futuro dirá quanto valem e como devem ser aproveitadas.

Assim, confirmou-se que para ser bom instrutor há necessidade de ser basilaramente bom condutor. Mas sucede que, apenas com os meios de que actualmente se dispõe, se torna difficil conseguir condutores com a prática precisa para iniciarem francamente o curso de instrutores ou de monitores. Haverá, portanto, que melhorar a instrução de condutores, com a introdução de um periodo largo de prática, que deverá de futuro ser feito nas unidades, sem prejuízo em tempo nem em esforço das actividades normais do próprio condutor no restante serviço ou na instrução geral. Isto, que seria desejável para todos os condutores, torna-se essencial para os que se destinem a instrutores ou a monitores.

Conclui-se também que as qualidades fisicas e o moral do instrutor têm grande importância, principalmente quando se trate da parte motociclismo. O motociclo de aplicação militar, e na cavalaria, sobretudo, tem o seu *exterior* — o terreno mau, a descida áspera, — e tem, principalmente, a *velocidade*. O motociclista perfeito terá de ser desembaraçado e corajoso. Neste capitulo, a idade do instrutor ou do monitor é muito para considerar.

A estas qualidades, que são apenas as que se requerem para um bom condutor, há agora a juntar as aptidões que se tornam necessárias a um instrutor: método de trabalho, espírito de observação, sensibilidade às reacções provocadas etc., etc. São estas aptidões que, em última instância a Escola deve fornecer e é neste sentido que os cursos de instrutores têm de ser orientados.

Quanto aos de monitores, a parte executante prevalece sobre a dirigente, que compete ao instrutor. A sua instrução é mais fácil, pois quasi se resume no aperfeiçoamento das qualidades de condutor e na compreensão nitida da acção do instrutor sob cuja orientação trabalha.

## Revista da Cavalaria

\*

Além do que respeita prôpriamente à condução de viaturas automóveis, têm os condutores uma instrução de *mecânica*, complementar, mas muito importante.

Qualquer oficial instrutor ou sargento monitor, adquire com extrema facilidade o grau de conhecimentos necessário para uma completa familiarização com os motores e com as estruturas das viaturas, tanto mais que a Escola possui já elementos de trabalho (motores seccionados, carros desmontados, oficina própria, etc.) quási suficientes. Mas a forma de transmitir êsses conhecimentos aos futuros instruendos é que constitui ainda um problema.

Existe, é certo, um Regulamento Provisório para a Instrução de Condutores de Viaturas Automóveis, e por êle tem a Escola procurado regular-se na sua instrução, o que até agora não tem sido difícil visto os homens destinados a esta especialidade serem já condutores na vida civil, ou praticantes de mecânico. Porém, quando haja de fazer condutores com pessoal de qualquer procedência, como haverá de suceder na Cavalaria enquanto o recrutamento não atender a esta nova necessidade da Arma, há-de tornar-se necessário definir até que ponto os conhecimentos de mecânica interessam aos condutores militares vulgares, e também até que grau êles poderão normalmente adquiri-los, em função do desenvolvimento intelectual que se lhes pode exigir. Depois, resta saber por que processos orientar o ensino, partindo do princípio de que as unidades não possuem motores seccionados nem outros materiais pedagógicos, — que aliás o Regulamento prevê, — e que a aprendizagem terá de fazer-se sôbre as próprias viaturas que não podem desmontar-se, como seria necessário, porque, além de não ser permitido, também não existe nas unidades pessoal devidamente habilitado para o fazer.

Assim, o material utilizável é o motor fechado, o carro ou motociclo montado, e o esquema, geralmente difícil de compreender. Para utilizar com eficiência êstes elementos terão, o instrutor e o monitor, de possuir uma certa habilitade pedagógica e um certo espirito de iniciativa.

## Revista da Cavalaria

É muito provável que, dentro de algum tempo a própria Escola tenha encontrado fórmulas que permitam ir resolvendo este problema, — e isto será então matéria dos futuros cursos.

\*

É possível que em breve se inicie nas unidades, a instrução de condutores de viaturas automóveis. Serão os instrutores que terminaram o passado curso, e outros que porventura em breve concorram a outros cursos, os primeiros que terão de pôr à prova as aptidões adquiridas na sua passagem pela Escola. A experiência que então terão ensejo de realizar completará certamente essas aptidões, que, adquiridas nas condições que aqui ficam expostas, não serão provavelmente tão completas e tão perfeitas quanto deveriam sê-lo. Do que aproveitarem, aproveitará a instrução e beneficiará a Arma, tanto mais se das conclusões a que chegarem como resultado das suas iniciativas pessoais, derem conta pública, para o que com certeza poderão sempre dispor de algumas páginas da *Revista da Cavalaria*.

Esta foi a última indicação que aqui receberam os novos instrutores, no dia em que terminaram o seu curso.



# Jornaes revistas livros

## «Infantaria»

Número dedicado à viagem dos Alunos das Escolas Militares a Marrocos



Deu a Infantaria portuguesa, através da sua Revista o devido relêvo à viagem das nossas Escolas Militares a Marrocos, em Agôsto de 1942, publicando um número comemorativo de tal viagem.

Através da leitura de alguns dos seus artigos, e das narrativas dos camaradas que tiveram a honra de ser nossos embaixadores, tivemos ocasião de reviver algumas páginas gloriosas que os nossos antepassados escreveram na história da Civilização.

Colaboram, além das entidades oficiais Marroquinas, vários oficiais do Exército Espanhol, e os chefes e oficiais da missão Portuguesa.

Foi cavalheirescamente emoldurada, com palavras de louvor e amizade a nossa acção em Terras Marroquinas.

A sonhadora juventude de D. Sebastião, a sua auréola de mártir, a nossa jornada a Alcácer-Kibir, a figura do Infante D. Fernando, aspectos e noticiário variado referente à viagem, e uma interessante colaboração fotográfica completam harmoniosamente êste número.

A viagem deve ser apreciada debaixo do ponto de vista educativo e de estreitamento de laços de amizade entre as duas nações Ibéricas.

Quis a Direcção da Revista «*Infantaria*», com a publicação dêste número, não só que a lição moral a tirar desta viagem não se limitasse apenas a um pequeno grupo de futuros oficiais, mas também a cimentar dignamente a fraterna amizade das nações Luzas.

Foi elevada a iniciativa, e resultou feliz no duplo aspecto que focámos. Bem merece a Revista «*Infantaria*» a gratidão dos Infantes, e as nossas fraternas felicitações de Cavaleiros, pela publicação dêste número.

# Revista da Cavalaria

## Guia do Oficial de Administração Militar em Campanha

pelo Ten. Cor. Fernandes Duarte

Prefaciado pelo Ex.<sup>mo</sup> General Couceiro de Albuquerque, director do Instituto dos Altos Estudos Militares, publicou o Ten. Coronel de Administração Militar, Fernandes Duarte, o «Guia do Oficial de Administração Militar em Campanha».

Dada a alta categoria técnica do ilustre prefaciador, limitamo-nos a respigar algumas passagens da sua autorizada opinião:

*«Um Guia é, até certo ponto, um memorandum contendo os detalhes julgados indispensáveis à sua finalidade; o trabalho em questão, excede, em muito, pelo seu desenvolvimento e detalhe, o que o hábito consagra, de direito, a um guia.»*

*Neste ponto, e felizmente só neste ponto, divirjo da opinião do Ten. Cor. Fernandes Duarte.*

*O Guia, como disse, é constituído por 3 partes sub-divididas em capítulos.*

*Na primeira parte apresenta-se, a par da orgânica das Grandes e Pequenas Unidades, orgânica oficial actual, a costumada e consagrada divisão territorial e, a propósito de Comunicações e Transportes, apresenta, o autor, um conjunto apreciável de dados numéricos, absolutamente indispensáveis para a solução de casos concretos.*

*Na segunda parte, muito extensa e desenvolvida, o autor apresenta, pode dizer-se, tudo o que interessa conhecer sobre o S. de Subsistências em Campanha.*

*Começando por indicar a orgânica das Formações Administrativas, passa a referir-se, em exposição bem ordenada, a rações, merecendo-lhe especial interesse o que respeita a substituições na ração de viveres.*

*O capítulo referente a material do S. de Subsistências, indica-nos, além da espécie deste material, as respectivas dotações, do conjunto se verificando o espirito bem ordenado do autor.*

*A Organização dos reabastecimentos e Funcionamentos dos reabastecimentos que talvez fôsse susceptíveis de se fundir, pela sua íntima ligação, num único capítulo, constituem, no Guia, capítulos separados.*

*Compartilho da maneira de ver do autor.*

*E isto porque o primeiro assunto é de tal modo importante que o considero merecedor de por si só, constituir, apesar do pouco que há a dizer, um compartimento doutrinário separado.*

*A Organização e Funcionamento do Reabastecimento são operações de capital importância, sobretudo na época actual de exércitos de efectivos astronómicos.*

# Revista da Cavalaria

O capítulo V apresenta, a par da doutrina regulamentar, dados numéricos, de variada espécie, de elevado valor para a execução do reabastecimento de viveres.

De interesse, ao tratar da exploração dos recursos locais, a indicação dos processos expeditos para avaliação de volumes e pesos, por meio de fórmulas simples, o que na prática dará a maior facilidade e rapidez de cálculos sempre para desejar.

Enfim, é um capítulo bastante interessante pela feição prática que nêle revestem os assuntos tratados.

Claro e preciso o capítulo que se refere ao Escalonamento de Viveres e Forragens, desde a Frente até ao Interior, e prático o quadro indicativo do estado do reabastecimento a determinada hora.

Êstes quadros são de inestimável valor pela facilidade e rapidez com que se aprecia o escalonamento dos viveres, convindo até generalizá-los.

As atribuições dos Chefes do S. de Subsistências das G. U. são também objecto de considerações especiais.

Assunto de capital importância porque é do exacto e consciencioso cumprimento das atribuições dêsses Chefes que depende o regular funcionamento de um Serviço cuja importância incontestada se conclui, até mesmo, da circunstância de funcionar sempre como na realidade, quer se trate de operações de guerra quer de simples manobras de tempo de paz.

Ao referir-se à Execução do Reabastecimento faz o autor algumas considerações sobre as relações que, segundo a sua opinião, deverão existir entre os Chefes do Serviço de Subsistências e a 2.<sup>a</sup> Rep. dos Q. G. opinião que merece, sem dúvida, ser tida na devida consideração.

Ao tratar dos Reabastecimentos na E. R. V. e C. R. V. é dado, pela sua indubitável importância, grande desenvolvimento ao reabastecimento naquella estação descendo-se, inclusivamente, ao detalhe de indicar as regras para a localização e estabelecimento das suas diversas dependências, tendo em conta a conveniente instalação dos gêneros, as facilidades do serviço e as precauções contra os bombardeamentos aéreos inimigos.

Merece, evidentemente, esta estação, pelo importante papel que desempenha no Reabastecimento de Viveres, uma atenção muito especial.

Em quatro capítulos sucessivos faz, o autor, o estudo detalhado dos Reabastecimentos em pão, carne, legumes verdes, combustível e gêneros de cantina apresentando sempre, com absoluta clareza, as normas a seguir na execução de tão importantes serviços.

Interessante, sobretudo, a organização do trabalho numa padaria e os dados numéricos no capítulo XV (Reabastecimento de carne).

No último capítulo refere-se o autor aos documentos destinados a accionar o Serviço de Subsistências.

Doutrina apresentada com absoluto conhecimento de causa e com a necessária precisão, ela não se afasta, como convém e é mister, da doutrina professada nos Cursos de Promoção do Instituto de Altos Estudos Militares.

.....  
Bem merece o Sr. Ten. Coronel Fernandes Duarte, professor ilustre, as nossas homenagens pela obra pedagógica da sua autoria que representa

# Revista da Cavalaria

*um guia seguro para os trabalhos de aplicação e que muito vem facilitar a aprendizagem de todos aquêles a quem o assunto interessar, pela natureza do seu serviço».*

A Revista da Cavalaria, felicita o estudioso e ilustre professor pelo livro publicado, e augura-lhe uma breve reedição, dado o seu grande interesse para todos os oficiais de qualquer arma ou serviço.

R. S.

## Apontamentos do Curso de Camuflagem e Defesa Anti-Gaz

(Para Sargentos e Furriéis de tôdas as Armas e Serviços)

Publicou a Escola Prática de Engenharia os apontamentos compilados do Curso de Camuflagem e Defesa Anti-Gaz para Sargentos e Furriéis de tôdas as Armas e Serviços, elaborados pelo Capitão de Engenharia Alfredo de Sousa Ghira, instrutor do referido curso.

É dividido o trabalho em dois títulos :

Título I — *Camuflagem.*

Título II — *Protecção anti-gaz.*

O Título I é ilustrado com interessantes e elucidativas fotografias, mostrando diversas modalidades de camuflagem.

Cada título é subdividido em diversos capítulos que são tratados com grande clareza e conveniente desenvolvimento para o fim em vista.

Em anexos ao Título II é tratada resumidamente a *parte médica e veterinária* que interessa conhecer sob o ponto de vista anti-gaz.

São instrutores desta parte do Curso, o Ten. Médico Leal de Matos, e o Ten. Veterinário Grilo Fevereiro.

O trabalho de agradável aspecto gráfico, é metódicamente apresentado, denotando da parte dos oficiais que o elaboraram faculdades de trabalho e apreciáveis qualidades como instrutores.

A *Revista da Cavalaria* felicita o Comando da E. P. E. pela apresentação da publicação, e faz votos para que o seu exemplo seja seguido pelos outros comandos das Escolas Militares Portuguesas.

A. S.



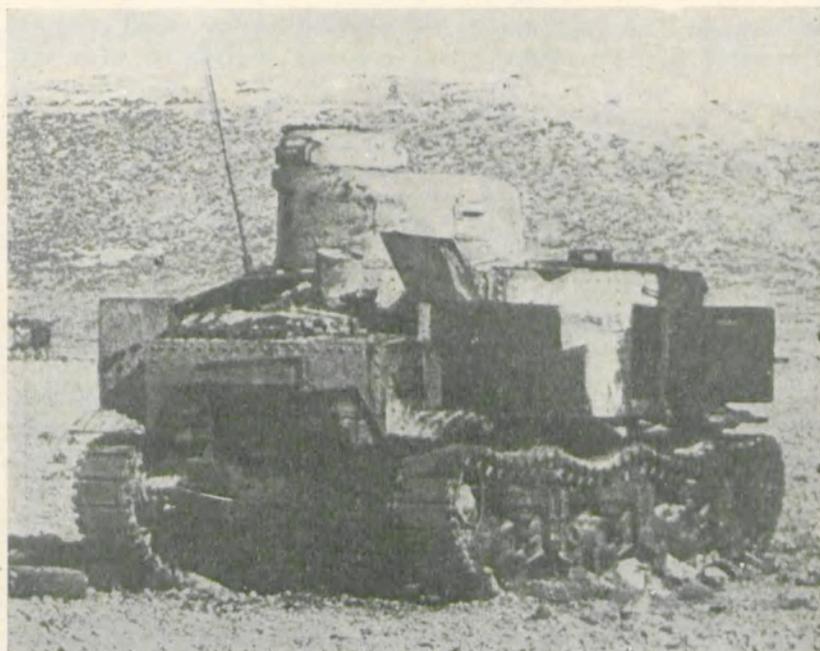
# Actualidades Gráficas

## Unidades Moto do Exército Italiano



*Motociclistas italianos num pequeno alto. É interessante a adaptação da arma automática à motocicleta, permitindo o tiro em marcha.*

## O Exército Italiano na Actual Guerra



*Carro de Combate utilizado pelo Exército Inglês na campanha da Tunisia e capturado pelas forças italianas.*



**FRENTE LESTE** — *Um pelotão de cavalaria italiana, passando a galope uma zona batida pelo inimigo.*

## Aspectos da Campanha do Exército Americano



NOVA-GUINÉ — *Fôrças de infantaria americana, transpondo uma ribeira da ilha de Nova-Guiné, através de uma ponte improvisada.*



TOBRUK — *Efeito de um bombardeamento aéreo sôbre uma parte da cidade.*

## Defesa Costeira dos E. U. A.



GUARDA COSTEIRA DOS E. U. A.— *Este homem, munido de uma máscara anti-gás e de uma arma automática, faz parte de uma patrulha da Guarda Costeira dos E. U., e tem por missão vigiar um trecho de praia contra qualquer possível desembarque de espões ou saboteadores.*

## O Desembarque Americano na África do Norte



*Um aspecto do desembarque de tropas americanas, numa praia do norte de África.*



*ARGÉLIA — Tropas americanas desfilando numa rua de Oran.*

## Os E. U. A. em Guerra



ARGÉLIA — Unidade motorizada do exército americano deslocando-se num péssimo caminho da Argélia. — Um «Jeep» (auto-ligeiro de exploração) marcha na testa da coluna.

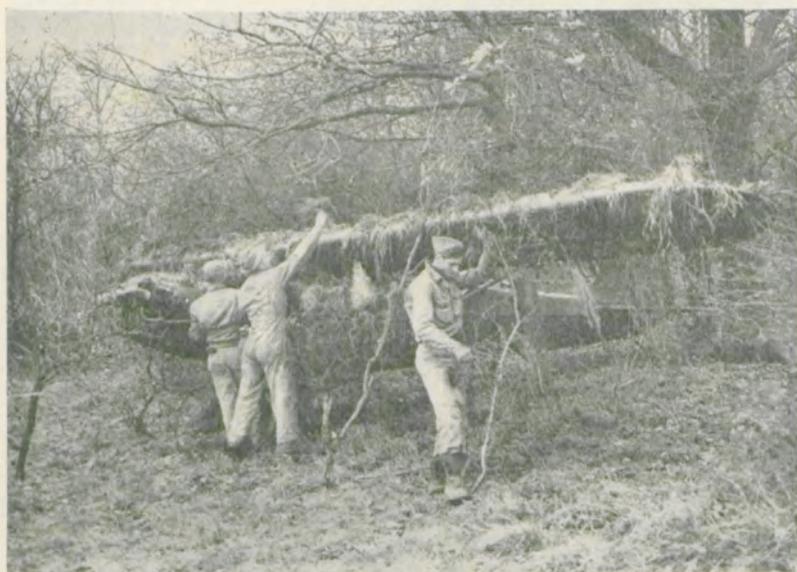


E. U. A. — A fotografia mostra um aspecto da fábrica de carros de combate «General Sherman» situada no oeste dos Estados Unidos.

## O Exército Inglês na Guerra



*Carro de combate pesado alemão sôbre um transporte, aprisionado pelo 8.º Exército Britânico na Cirenaica.*



*Soldados ingleses camuflando um aparelho «Flying Jeep», com fôlhas, depois de o terem empurrado para debaixo de uma árvore.*

*Êste novo aeroplano militar de construção americana, munido com um localizador para artilharia, é usado como pôsto de observação, e substitui o velho balão de observação. É um aparelho de 2 lugares, com um motor de 65 H. P. e pode aterrar e levantar normalmente em qualquer estrada*

## Material de D. C. A. do Exército Alemão



CANAL DA MANCHA — Exercícios da guarnição de uma moderna bateria da D. C. A. alemã nas costas do Canal da Mancha.



MARSELHA — Bateria anti-aérea alemã da defesa de Marselha.

## Aspectos da Motorização Alemã



*Novo modelo de carro alemão da artilharia de assalto.*



*Veículos de campanha utilizados pelo exército alemão, com bons resultados, na campanha do Cáucaso.*

## Adaptação do Exército Alemão à Campanha da Rússia



CÁUCASO — Os soldados alemães usam estas solas de vimes para melhor deslizarem sobre a neve.

FRENTE LESTE — Transporte de munições para a frente.



# Carros de combate na actual luta

## CARACTERÍSTICAS ESSENCIAIS

Origem	Tonelagem	Armamento		Blindagem (Torre)	Guarnição	Velocidade Máxima (Estradas)	Obstáculos que vencem				Raio de acção	Declives	Dimensões
		Principal	Secundário				Água	Árvores	Fos-sos	Al-tura			
<b>I — Ingleses</b>													
1) — <i>Tipo Div. Couraçada</i>													
Crusader . . . . .	18	1 c. 40 m/m	2 metr.	50 m/m	5 homens	60							
Covenanter . . . . .	15(+)	1 c. 40 m/m	1 metr.	50 m/m	4 homens	50							
2) — <i>Tipo Infantaria</i>													
Valentine . . . . .	16	1 c. 40 m/m	1 metr.	65 m/m	3 homens	27							
Mathilda . . . . .	26	1 c. 40 m/m	1 metr.	75 m/m	4 homens	26							
Churchill . . . . .	28	1 c. 57 m/m	2 metr.	80 m/m	4 homens	26							
<b>II — Alemães</b>													
Pz II . . . . .	12	1 c. 20 m/m	1 metr.	50 m/m (—)	3 homens	40							
Pz III . . . . .	18	1 c. 50 m/m	2 metr.	70 m/m	5 homens	50							
Pz IV . . . . .	22	1 c. 75 m/m (a)	2 metr.	60 m/m	5 homens	40							
Pz B. (b) . . . . .	18	1 c. 37 m/m (c)	2 metr.	70 m/m	3 homens	40							
<b>III — Americanos</b>													
General Stuart . . . . .	13	1 c. 37 m/m	4 metr.	?	4 homens	56							
M. 3 General Grant (Lee) . . . . .	28	{ 1 c. 75 m/m (d) 1 c. 37 m/m }	3 metr.	? 70 m/m (+)	6 homens	40							
M. 4 General Grant (Lee) . . . . .	28	1 c. 75 m/m	várias metr.										
60 T Mark I . . . . .	50/60	{ 1 c. 75 m/m 1 c. 37 m/m }	3 metr.	? 70 m/m (+)	6 homens	40 ?							
<b>IV — Italianos</b>													
Mark M 13/40 . . . . .	13	1 c. 47 m/m	3 metr.	?	3 homens	35							
<b>V — Russos</b>													
T 34 . . . . .	26	1 c. 7,62 cm.	2 metr.	70 m/m	3/4 homens	55							
K W 1 . . . . .	44	1 c. 7,62 cm.	6 metr.	120 m/m	5/6 homens	35							
K W 2 . . . . .	52	1 c. 15,2 cm.	1 metr.	75 m/m	5/6 homens	35							
<b>VI — Franceses (e)</b>													
Carro «B» . . . . .	31	{ 1 c. 75 m/m 1 c. 47 m/m }	2 metr.	?	4 homens	28							
Somua . . . . .	18	1 c. 47 m/m	1 metr.	?	3 homens	45							

Altura máxima: 1,50 m. para os carros pesados e médios  
1,00 m. para os carros ligeiros

Derrubam: os carros pesados, 0,80 m.  
os ligeiros, 0,30 m.

Largura máxima: 3 m. para os carros pesados

Altura máxima: 1,50 m.

1) — Em estradas: para os *tanks rápidos*, tipo Cruiser, da ordem das centenas de quilómetros (2 a 4)  
para os outros *tanks (tipo pesado, da Inf.<sup>a</sup>)*, da ordem das dezenas (5 a 8)

2) — Fora da estrada: no máximo, metade do atribuído em estrada

Limite máximo (carros pesados): 45°

Tipo pesado: Carro Mathilda (26 ton.) inglês — { c = 6 m.  
l = 2,55  
a = 2,50

» Carro de 52 ton. russo — { c = 6,80 m.  
l = 3,35  
a = 3,28

Tipo médio: Cruiser (Inf.<sup>a</sup>) (15 ton.) — { c = 5,92 m.  
l = 2,50  
a = 2,55

» Mark M 13/40 (13 ton.) italiano — { c = 5,3 m.  
l = 2,38  
a = 2,36

Carro Russo K W I — { c = 9,43 m.  
l = 3,12  
a = 2,80

### NOTAS:

(a) — Canhão curto, nos modelos antigos; comprido nos modelos modernos (a partir de 1941).

(b) — Carro de Comando de Bat. e de Regimento (chassis do Pz III).

(c) — Canhão curto.

(d) — O canhão de 75, comprido, montado em barbeta.

(e) — Modelos 1940, para as Divisões Couraçadas; em fabrico na zona ocupada para os exércitos alemães.



# A CAVALARIA

Da idade da pedra à SOMUA

pelo General BOUCHERIE



*Aos cavaleiros do passado, como homenagem e aos cavaleiros de amanhã, como testemunho de confiança no futuro, é dirigido este modesto trabalho. Na hora em que sangrando, os enlutados estandartes da cavalaria se abatem perante os seus mortos, é preciso que os jovens cavaleiros abram o grande livro do passado e nêle encontrem juntamente com as gloriosas tradições da sua Arma e com o sentimento exacto da sua doutrina, a fê que triunfa da dũvida e a confiança que eleva os corações.*

## *Os primeiros cavaleiros*

**D**ESDE o princípio da humanidade que o homem é o inimigo do homem: um rebanho mais importante, um terreno de caça melhor, uma rivalidade de familia, são igualmente motivo de lutas. Para serem mais fortes, os primitivos combatentes, ao mesmo tempo que se arma-

N. T. — SOMUA: iniciais de uma das Sociedades Construtoras de viaturas blindadas para o Exército francês.

## *Revista da Cavalaria*

vam com maças de armas ou lanças, chamavam em seu auxílio os animais que conseguiam submeter, elefantes, búfalos, cavalos, com o fim de utilizar a sua força ou velocidade, e assim é que desde a Idade da Pedra existem cavaleiros.

Logo que o desenvolvimento da humanidade arrastou as famílias — com os mesmos laços de interesses ou afeições — a agruparem-se em tribus, os combatentes da mesma tribo reuniram-se, para melhor defenderem os interesses comuns, elegendo um chefe ao qual confiaram o encargo de coordenar os seus esforços.

Tornou-se necessário, então, agruparem-se segundo os meios de acção de que dispunham: e assim apareceram agrupamentos a pé e agrupamentos a cavalo. Dêste modo nasceu a Cavalaria desde que apareceu o primeiro embrião de exército.

### *A Cavalaria na antiguidade*

Os povos que conseguiram encontrar nas terras que ocupavam recursos suficientes em cavalos, como os Persas e os Medas, deram nos seus exércitos, o primeiro lugar à cavalaria, reforçando-a muitas vezes com combatentes transportados, quer em carros, quer em elefantes com armaduras de ferro.

O arreo era simples; os meios de condução não comportavam mais do que uma corda passada na boca do cavalo, até ao dia em que Bellérophon imaginou o «freio», verdadeiro bridão cuja embocadura era em madeira; os estribos são desconhecidos, e só 3 séculos a. C. utilizam, para amortecer as reacções do cavalo, um xairol estofado fixado por meio de cilhas, «ephippium».

O equipamento é sumário; compreende apenas um capacete ligeiro e um escudo; algumas vezes uma curta couraça; como arma, o cavaleiro usa o arco, o dardo, a lança e uma espada presa à cinta.

A cavalaria procura surpreender a infantaria pela rapidez da sua acção, quer torneando as suas alas para a apanhar de revés, quer penetrando nas fileiras para a desorganizar pela violência.

### *A Cavalaria de Atenas e Roma*

O desenvolvimento das primeiras civilizações não se limita ao comércio, à indústria e às artes, estende-se também aos problemas da guerra; organizam-se os exércitos, aperfeiçoa-se a instrução do combatente, nasce e desenvolve-se a arte militar.

## Revista da Cavalaria

Os exércitos gregos, que a principio apenas dispunham de infantaria, opunham as fileiras erichadas de lanças das suas falanges aos ataques da cavalaria; mas a cavalaria, depois de dizimar de longe as fileiras da infantaria com flechas ou dardos, lançava ao ataque os carros e elefantes de combate que a acompanhavam; estes abriam brecha e pela brecha aberta entravam os cavaleiros que acabavam por quebrar a resistência do inimigo.

Por um singular regresso ao passado, vinte séculos mais tarde, as bombas da aviação e os carros abriam o caminho às formações mecanizadas da cavalaria, às quais a infantaria, pelo fogo, julgou poder opôr uma barreira intransponível.

A necessidade de proteger a falange contra os assaltos da cavalaria adversa, obrigou os gregos a reforçarem os seus exércitos com cavaleiros mercenários recrutados na Ásia. Estes, constituíram sobre os flancos da falange a «protecção de cavalaria», sempre pronta a paralisar pelos seus contra-ataques as cargas do adversário.

Assim appareceu pela primeira vez a applicação táctica do principio da ligação entre as armas.

A legião, à base sobretudo de infantaria, comportava uma proporção constantemente aumentada, de cavalaria; o numero de centúrias de cavaleiros é a principio de uma ou duas, e de cinco a seis no tempo de César; além desta cavalaria orgânica, os exércitos romanos dispunham de destacamentos, quasi sempre importantes, de cavaleiros auxiliares.

Na Grécia, o cavaleiro recebia uma instrução especial; era treinado a montar rapidamente a cavallo e a servir-se das suas armas em todos os andamentos, praticando uma equitação temerária, equitação de que Xenefonte resumiu os principios num tratado redigido três séculos a. C.

Em Roma o «decurião» era o instrutor e chefe de «turma» — grupo de dez cavaleiros. — O decurião devia saber servir-se perfeitamente das suas armas, e dirigir os seus dez cavaleiros em todas as evoluções; era responsável pela conservação dos seus cavalos e pela alimentação e segurança dos seus homens.

A arte militar desenvolveu-se pouco a pouco; limitando-se a principio à condução dos combatentes no campo de batalha, estende-se até à preparação da batalha e à exploração do successo.

Reconhece-se que um chefe tem necessidade de ser informado o mais rapidamente possível sobre o inimigo, evitando a pesquisa de informações por parte do adversário; procura de informações e segurança, exigem, acima de tudo, uma mobilidade que só a cavalaria possui, o mesmo acontecendo com a exploração do successo após a batalha, que não pode ser assegurada senão por uma tropa cuja primeira qualidade seja a velocidade.

Assim, enquanto no começo da arte militar o papel da cavalaria se limita ao campo de batalha, logo que a arte militar se aperfeiçoa a sua missão estende-se à manobra que prepara a batalha e à perseguição que explora o successo.

A cavalaria tem um papel particularmente importante durante a campanha da Gália, e César confia-lhe as missões mais diversas: exploração

# Revista da Cavalaria

segurança, ocupação de um ponto importante, intervenção no campo de batalha e perseguição; muitas vezes mesmo, César refinia toda a sua cavalaria, como na campanha contra Arioviste, (a) numa verdadeira massa de manobra, reforçada com uma legião transportada sobre os cavalos dos gauleses.

## *Fim do Império Romano*

### *As grandes invasões*

### *Decadência da Cavalaria*

O fim do Império Romano e a ruína da sua poderosa organização militar provocaram o esquecimento dos grandes princípios da arte militar e a decadência da cavalaria.

Durante séculos, a Europa em armas é despedaçada por lutas incessantes de chefes partidários, de senhores feudais e de nacionalidades que procuram formar-se; nesta desordem é impossível existirem exércitos organizados, mas apenas bandos armados que empenhando-se em furiosos combates, se juntavam muitas vezes para fazerem face a um inimigo comum, como na época das grandes invasões, ou para responder a um ideal comum como nas horas das Cruzadas. Nestes combates, tinha a cavalaria muitas vezes o primeiro lugar, mas na realidade não havia cavalaria nenhuma porque não havia tropas a cavalo organizadas às quais se pudesse pedir missões próprias à arma.

Os Hunos e os Serracenos, cujas hordas eram compostas na maioria por cavaleiros, serviam-se dos cavalos apenas para levar as suas devastações o mais rapidamente possível aos pontos mais afastados; os seus desordenados ataques vieram a quebrar-se contra a infantaria franca ainda submetida à influência da forte disciplina romana.

Carlos Magno, restabelece por pouco tempo uma organização militar, na qual a cavalaria toma o primeiro lugar, confiando-lhe a acção decisiva sobre o campo de batalha.

O cavaleiro dispõe, para o ataque, de uma lança, de uma espada, de uma maça ou hacha de armas. Tem por cobertura de cabeça um capacete de ferro prolongado por uma rede de malhas destinada a proteger o pescoço e as orelhas, cobrindo o tronco com a cota de malha ou a couraça sem escarcelas (b); a fim de poder montar a cavalo com facilidade, protegia as pernas somente com tiras de couro.

(a) N. T. — Arioviste: Chefe Suevo que tentou invadir a Gália. Foi batido por César em Besançon 58 anos a. C.

(b) N. T. — Escarcela — parte da couraça que cobria as coxas.

# Revista da Cavalaria

## A Cavalaria na Idade Média

Na Idade Média e durante todo o período do feudalismo o cavaleiro equipa-se e arma-se tendo apenas em vista o combate individual. Cobre-se dos pés à cabeça com uma pesada armadura, que o deve pôr a coberto das frechas da infantaria inimiga; cobre o seu cavalo com uma gualdrapa de couro forrada de ferro e arma-se de uma comprida lança de 9 pés para atingir o adversário o mais longe possível; sólidamente enforquilhado na sela é ao mesmo tempo «omnipotente» e desageitado, temível pelo choque e fraco pela falta de agilidade; falta-lhe um verdadeiro exército de servidores que o ajudem a montar a cavalo, a levantá-lo em caso de queda, a guardá-lo e a adverti-lo em caso de perigo.

A armadura, o cavalo e a escolta custam caro e só se podem permitir ao luxo de combater a cavalo aquêles que tenham meios; por isso os combatentes a cavalo são apenas recrutados entre a nobreza. É a época do cavalheirismo, das corridas de amor e dos torneios.

O cavaleiro é bravo, generoso, galante, mas também é profundamente ignorante, falador e vaidoso; é irreverente e ama a guerra, é fiel ao seu rei mas aceita difficilmente a subordinação a um chefe.

Estas qualidades asseguram-lhe o sucesso nas acções individuais onde só conta a força; os defeitos inferiorizam-no nas acções de conjunto que exigem coordenação de esforços.

Em Courtrai, o louco ardor dos mais brilhantes cavaleiros de França arrasta-os para um fôssco lodoso onde constituem uma presa fácil para os pacíficos camponeses da cidade, improvisados soldados (a).

Em Crécy, 1.200 cavaleiros do Rei de França, atropelaram a infantaria amiga e os seus archeiros, para alcançarem mais rapidamente o inimigo, fazendo-se derrotar inútilmente pela artilharia inglesa.

Um século mais tarde, em Azincourt, a flor da cavalaria francesa, esquecendo a rude lição de Crécy, ultrapassa loucamente a infantaria e atolando-se na terra encharcada pela chuva é destruída pela infantaria inglesa.

A reunião temporária sob as ordens de um chefe improvisado, de um conjunto maior ou menor de cavaleiros, não podia constituir uma tropa apta para a manobra ou combate, e se na Idade Média os cavaleiros tiveram um lugar importante sobre o campo de batalha, êles na realidade não constituíram nunca aquilo a que se possa chamar cavalaria.

(a) N. T. — Courtrai — cidade da Flandres ocidental onde em 1302 os franceses comandados por Roberto d'Artois, primo de Filipe o Belo, foram vencidos pelos flamengos.

# Revista da Cavalaria

## A Cavalaria Real

O poder real firmou-se pouco a pouco. O Rei de França, depois de ter contratado a curto prazo os serviços de mercenários estrangeiros, decide organizar um exército permanente a fim de assegurar a sua autoridade; a base d'este exército é constituída por 15 companhias de homens de armas, contando cada uma 100 lanças; estas companhias, reunidas por duas ou quatro, constituirão, mais tarde, os esquadrões.

Cada lança compreende 6 combatentes: o homem de armas, ou mestre e 5 homens a cavalo.

O mestre levava capacete ou chapéu forrado de ferro e uma couraça; o seu armamento era constituído por uma espada e uma lança; os restantes homens serviam-lhe de escolta e protecção.

Os homens de armas, herdeiros directos dos cavaleiros, conservaram daqueles o seu espírito; são no exército real a aristocracia fiel e dedicada mas um pouco pretenciosa; é rudimentar a sua instrução militar.

Entorpecidos pela armadura, paralizados pelo peso e comprimento da lança são incapazes de manobrar em qualquer andamento que não seja o passo; no combate preferem a luta individual e nos ataques em conjunto formam em fileiras distanciadas de 40 metros, carregando a passo ou a trote curto.

A formação adoptada tornava impossível toda a manobra, e para se defenderem das armas de fogo, que desprezavam, aumentavam ainda mais a espessura das suas couraças.

A companhia de homens de armas era um temível instrumento de combate mas que apresentava dois enormes defeitos: a lentidão e a vulnerabilidade.

Em Marignan, as repetidas cargas dos mestres, dizimadas pela artilharia, quebraram-se de encontro às lanças dos batalhões suíços; em Pavia a cavalaria real, imprudentemente empenhada sem ligação com a artilharia, apenas salvou a sua honra.

Carlos V adoptou para a cavalaria formações em profundidade, semelhantes às da falange grega; daqui resultou tornar-se a cavalaria ainda menos manobradora, e em Cérsoles, os esquadrões imperiais, incapazes de fazer face aos ataques convergentes da cavalaria real apoiada por bandos gascões e suíços, foram dispersos ou feitos prisioneiros.

Nos fins do século XVI, Maurício de Nassau organiza na Alemanha esquadrões de *reitres* (a); os *reitres* usavam um grande chapéu de feltro, uma couraça curta ou um gibão de couro; dispunham de um par de pistolas e de uma espada; cuidadosamente treinados no manejo da pistola e da espada, e nas evoluções a cavalo em duas fileiras, mais rápidos e desem-

(a) N. T. — Reitre ou Rêtre — (Do alemão, reiter, cavaleiro). Nome dado aos cavaleiros alemães que serviram a França na Idade Média.

## Revista da Cavalaria

baraçados do que os homens de armas, atacavam ao trote, disparando a 20 passos as suas pistolas sobre o inimigo, abordando-o de espada desembainhada logo que este se mostrava desorganizado pelo fogo.

Com os *reitres* a cavalaria volta a encontrar um pouco da mobilidade perdida com as pesadas couraças dos cavaleiros, e as vantagens que a mobilidade lhes dá, afirmam-se com os sucessos dos *husards* húngaros que atacam ao galope, armados apenas com um sabre curvo e uma pistola.

A descoberta da espingarda de pedreneira e os progressos do fabrico das armas de fogo determinam a sua adopção pela cavalaria.

A diversidade que apresentam o armamento, o equipamento e os cavalos da cavalaria obrigam esta, nos princípios do século XVII a dividir-se por categorias:

Cavalaria pesada — Couraceiros — armada de lança ou espada montando cavalos grandes e pesados, destinada a combater pelo choque.

Cavalaria ligeira — Husards — de equipamento aligeirado, armada apenas de sabre e pistola, treinada na manobra rápida e no ataque em forrageadores, tem por missão especial o reconhecimento.

Finalmente os Dragões, cavalaria armada de sabre e da espingarda da infantaria a fim de poder combater a cavalo e a pé.

As condições de recrutamento da cavalaria, modificam-se; arruinada a nobreza pelas guerras religiosas, desaparecem as ricas armaduras, os belos cavalos de torneio e os regimentos têm de receber nas suas fileiras homens vulgares e medíocres cavalos. A necessidade de disciplinar e de preparar para a guerra estes elementos diversos, tornam particularmente cuidada a formação do combatente a cavalo.

Os métodos de instrução e os processos de emprêgo da cavalaria são objecto de numerosos estudos; hesita-se entre a carga em massa de lança em riste e o ataque a tiro de pistola; não há ainda uma doutrina concreta sobre o emprêgo da cavalaria, reconhecendo-se, contudo, que o cavaleiro deve ser treinado no manejo das suas armas e que toda a tropa de cavalaria deve ser habituada a manobrar ordenadamente e em fileiras cerradas.

Em 1621, Walhausen, aluno de Maurício de Nassau, no seu Tratado da Arte Militar, insurge-se contra a desordem das companhias de cavalaria, cujos efectivos variam entre 100 e 400 homens, o que torna impossível toda a manobra comandada; preconiza as companhias com 50 a 60 lanças por serem mais fáceis de dirigir e a formação em duas ou três fileiras.

Gustavo Adolfo, a fim de dar maior mobilidade à cavalaria, limita os efectivos dos regimentos a 3 ou 4 esquadrões de 64 homens; estes esquadrões, formando em 3 fileiras, bastante intervaladas, são treinados em evoluções rápidas de fileiras cerradas, e em cargas de espadas desembainhadas.

Os sucessos obtidos pela cavalaria de Gustavo Adolfo durante a guerra dos Trinta Anos, serviram de lição à cavalaria francesa; em Rocroi, Condé lança ao ataque, de espadas desembainhadas, os 1.500 cavalos de Gassion que, depois de ter destroçado a ala direita inimiga atinge vitoriosamente de revés a sua ala esquerda. Turenne, por seu lado, impõe à cavalaria a carga à arma branca, de frente, sobre o inimigo.

## Revista da Cavalaria

Estas lições são, porém, depressa esquecidas; os sucessos formidáveis da cavalaria prussiana tão bem instruída por Ziethen e por Zedlitz, os próprios esforços do Marechal de Saxe, não conseguiram desenvolver na cavalaria real o sentimento exacto das propriedades características da arma, única base de uma sã doutrina.

Os cavaleiros dissipam as suas fôrças com tiros de pistola sem resultado, em cargas em forrageadores inúteis, em acções parciais. Bravos no combate mas inúteis devido à ignorância e à rotina, desprezam os mais elementares princípios de emprêgo da sua arma.

Melfort, antigo ajudante de campo do Marechal de Saxe, no seu *Tratado sôbre a cavalaria*, precisa os princípios apresentados pelo marechal. Este tratado appareceu na altura em que Choiseul reorganizou a arma enfraquecida pela confusão da Regência.

Choiseul, convencido do valor dos princípios estabelecidos por Melfort, impõe-os, apesar das resistências encontradas, no Regulamento de 1765-66, o primeiro de que foi dotada a cavalaria francesa.

Este regulamento pôsto em prática pelas Escolas de Cavalaria e pelos dois Regimentos de Carabineiros de Saumur e de gendarmes de Lunéville transforma a cavalaria; em 1773, Guibert admira o desenvolvimento em menos de três minutos de uma columna de 20 esquadões, e, em 1784, o Príncipe da Prússia, assistindo às evoluções dos gendarmes de Lunéville, grita perante a precisão dos seus movimentos:

«É demais!».

Os regulamentos de 1788 e os do ano XIII não foram mais do que o desenvolvimento dos princípios do regulamento de 1766.

A ordem e a coesão tornaram-se uma regra absoluta; o tiro de pistola a cavalo é proibido; a carga em fileiras cerradas de espadas nuas apontadas sôbre a orelha do cavalo, é a moda imposta para o ataque.

A má qualidade dos cavalos e as tradições eqüestres da velha cavalaria real, limitam ainda a velocidade nos andamentos, que não atingem 100 metros por minuto a passo, 200 a trote e 300 a galope. A carga começa ao passo, tomando o trote durante 150 passos e o galope durante 100 passos.

A cavalaria galopa pouco; segundo o regulamento do ano XIII, a instrução a galope é ministrada apenas aos sargentos e aos soldados dos regimentos de cavalaria ligeira. As Unidades de cavalaria pesada e de dragões não praticam o galope.

A organização divisionária dos exércitos da Revolução reparte os regimentos de cavalaria pelas divisões de infantaria. A cavalaria é por isso empregada, principalmente, em missões de reconhecimento e de segurança ou em acções limitadas no combate; mais aligeirada, instruída, emprehendedora e flexível, está pronta a retomar na manobra e sôbre o campo de batalha o lugar, tantas vezes capital, perdido durante séculos.

# Revista da Cavalaria

## Origem do espírito cavaleiro

O combatente a cavalo adquiriu, pouco a pouco, no decorrer dos séculos, um conjunto de qualidades que o caracterizaram para sempre. Entre essas qualidades, umas têm origem na prática do cavalo que exige vigor, energia, audácia e uma visão ampla e rápida do terreno; outras, resultam das missões confiadas aos cavaleiros, missões que exigem iniciativa, espírito empreendedor e decisão rápida.

A vaidade natural que leva o homem a distinguir-se do seu vizinho, as vantagens indiscutíveis asseguradas pelo cavalo, as armas brilhantes, fizeram nascer no cavaleiro um sentimento de confiança e orgulho, que o levaram a julgar-se superior a todos os outros combatentes.

O conjunto destas qualidades reais e destes pequenos defeitos são a origem «dêste espírito cavaleiro» que se transmite de geração em geração e que todos aquêles que serviram amando e compreendendo a sua arma se esforçam por desenvolver em tudo que nêle existe de elevado e generoso.

## A Cavalaria Imperial Renascença da Cavalaria

Napoleão tira completo partido das qualidades da cavalaria cuidadosamente instruída na Escola de Choiseul, ao mesmo tempo que aperfeiçoa a sua organização e aumenta os seus efectivos de maneira a poder empregá-la em massa.

Antes da batalha, tanto a emprega em exploração à frente dos seus exércitos à procura do inimigo, como em 1805, como a coloca rapidamente entre o inimigo e o grosso das suas tropas, cortina de cobertura ao abrigo da qual desloca em segredo e segurança a massa das suas forças, como em 1806.

Durante a batalha, tanto a emprega no rompimento das fileiras da infantaria inimiga já enfraquecida pela sua artilharia, como em Wagram e em Maskowa, como a obrigar o inimigo, atacado de frente, a retirar, transbordando as suas alas e ameaçando as suas comunicações, como em Essling.

Depois da batalha, encarrega-a de transformar em derrota o inimigo extenuado por uma perseguição encarniçada que o não deixa descansar, como na tarde de Iéna.

Nas horas sombrias da derrocada é ainda à cavalaria que o Imperador confia as suas derradeiras esperanças, como em Waterloo.

## Revista da Cavalaria

Desde 1800 que Napoleão afirma a necessidade de se reorganizar com a cavalaria uma massa de manobra que lhe permita intervir directamente na batalha e para êste fim cria o Corpo de Cavalaria Murat.

Num documento datado em 1802, concretiza o Imperador a sua opinião: «a cavalaria de linha só pode ser eficaz em grandes massas, tanto no começo, como no decorrer, ou no fim do combate, segundo as circunstâncias; deve ser independente das outras armas para poder ser empenhada oportuna e independentemente delas, concorrendo no entanto com elas para o fim comum. Deve pertencer, por isso, à reserva do Exército».

Não dá aos corpos do exército e muitas vezes às próprias divisões mais do que um ou dois regimentos de cavalaria ligeira, enquanto que o Corpo Murat é constituído por duas divisões de couraceiros e carabineiros, cinco divisões de dragões e duas brigadas de cavalaria ligeira (28.000 homens).

A intervenção desta massa no campo de batalha, deve, segundo o espírito do Imperador, ser caracterizada pela velocidade e violência, em perfeita ligação com a infantaria e muito principalmente com a artilharia; mas é preciso também que ela possa operar isoladamente, longe das outras armas, para o que o seu armamento e a sua organização lhe deverão permitir que se baste a si própria.

Todos os regimentos de cavalaria são dotados com armas de fogo; os próprios couraceiros recebem em 1807 uma carabina com baioneta. Às divisões de couraceiros e dragões é atribuída uma bateria (6 peças) de artilharia a cavalo, e às brigadas de cavalaria ligeira, 3 peças. Em 1812 o Imperador resolve mesmo atribuir a cada regimento de cavalaria meia bateria de artilharia (a).

No combate, a cavalaria combina quasi sempre a acção pelo fogo com o ataque a cavalo: em Wertingen, os dragões de Beaumont, atacam a pé, enquanto os esquadrões de Klein, envolvem o adversário por um rápido movimento a cavalo; e quando sobre o campo de batalha o Imperador quere provocar «isto» por uma concentração rápida de meios sobre o ponto decisivo, põe em acção combinada toda a potencia do fogo da reserva de artilharia e toda a violencia do choque da reserva de cavalaria.

Instruída e comandada por chefes notáveis: Colbert, Lasalle, Murat, a cavalaria francesa ao mesmo tempo que se aperfeiçoa, dignifica a tarefa que lhe é confiada.

Os regimentos disciplinados e treinados em todas as evoluções ordenadas, transformam-se sob o comando dos seus chefes, em ágeis e potentes instrumentos de combate, sempre que os esquadrões perfeitamente alinhados carregam ao trote de sabre ao alto ou de lança cruzada.

Os soldados intrépidos e aguerridos, hábeis no manejo das suas armas, são para o inimigo, adversários invencíveis; os velhos husards prussianos, outrora tão bem treinados por Zedlitz, fogem acutilados pelos

(a) Dizia Napoleão: «L'artillerie est plus nécessaire à la cavalerie que l'infanterie même, soit qu'elle attaque, soit qu'elle reste en position, soit qu'elle se rallie».

## Revista da Cavalaria

caçadores de Curély; a sólida infantaria austríaca vê os seus quadrados destroçados pelas cargas brutais dos couraceiros de Nansouty e a bela cavalaria espanhola desaparece sem esperar pelas espadas dos dragões de Junot.

É a época dos brilhantes uniformes, dos capacetes cintilantes, dos empenachados *Shakos*, dos *Shabraques* doirados, dos *dolmans* de côres vistosas, das paradas magníficas, como é a época também das audaciosas cavalgadas, das cargas heróicas e das vitórias prodigiosas.

Depois de dez séculos de decadência e dúvida, a cavalaria, tanto tempo paralizada devido à ignorância e à rotina, encontra em Napoleão a sua verdadeira doutrina e como nos tempos de Alexandre e de César, o seu papel magnífico.

### *A Cavalaria de Waterloo a Sedan*

*Os cavaleiros conservam o espírito da Cavalaria Imperial,  
mas esquecem os princípios da sua doutrina*

A queda do Império arrasta com a redução do Exército francês, à diminuição em número dos regimentos de cavalaria, mas o espírito dos seus cavaleiros vive impregnado da mesma confiança na sua arma; a hora sombria de Waterloo não lhes faz esquecer vinte anos de glória.

À noite, depois do rancho, nas horas de repouso da caserna, os velhos *grogards* contam aos jovens recrutas as suas recordações de Áustria ou de Espanha, longas etapas, noites de vigília nos bivaques, audaciosos golpes de mão, sangrentos combates! Guardiões inconscientes mas fiéis do passado, transmitem a tradição, e com esta, a chama que os anima ainda! O espírito da Cavalaria Imperial é religiosamente conservado dentro dos regimentos.

Em África, durante os rudes anos da conquista, os caçadores de Morris e os «spahis» de Yusuf, regimentos formados ontem, carregam, como os antigos regimentos do Império, bem alinhados e de espadas nuas os regulares do Emir; em Itália, os belos regimentos da guarda esperam cheios de fé, mas baldadamente, pela hora em que os mandem atacar; no México, os caçadores de África mostram-se formidáveis adversários a ponto dos soldados de Suarez os alcunharem de «magarefes azuis».

Assim, durante perto de meio século, a cavalaria francesa conserva-se fiel ao seu passado; mantém os brilhantes uniformes de Austerlitz e de Iéna, as lanças e os sabres; só as carabinas de cápsula substituíram as espingardas de pedreneira dos dragões; há a impressão de que nada mudou; as campanhas coloniais confirmam a opinião profunda do valor da carga em linha de sabre na mão; nada esqueceu a não ser, na luta contra os irregulares mal armados e sem organização, toda a importância

## *Revista da Cavalaria*

das grandes missões de procura de informações, exploração e segurança, missões que outrora lhe haviam sido confiadas pelo Imperador.

Como dez séculos antes a cavalaria não encara a sua acção senão no combate, julgando que a sua missão principal se limita ao campo de batalha e; como dez séculos antes, desprezando o progresso, atacava em linha e ao passo os archeiros e artilheiros ingleses, assim a cavalaria de 1870, descurando o poder das armas de tiro rápido e de grande alcance, ataca ao galope — é certo — mas em fileiras cerradas a infantaria prusiana.

As cargas heróicas e sangrentas de Reichsoffen, de Rezonville e de Sedan, provam cruelmente à cavalaria que a fôrça destruidora do fogo tornaram inúteis para o futuro os ataques a cavalo em massa que, muitas vezes no passado, decidiam a vitória.

### *A Cavalaria de 1870 a 1918, suas esperanças e desilusões*

O espirito e as tradições da Cavalaria Imperial penetraram tão profundamente na cavalaria francesa que os revezes de 1870 não conseguiram diminuir-lhe nem a sua confiança nem a sua fé.

Quando da reorganização do exército depois da derrota e quando cada um procura determinar as causas dessa derrota, reconhece-se que a cavalaria alemã contribuiu em grande parte para o êxito dos seus exércitos assegurando-lhes a informação e a segurança que lhes era necessária, enquanto o comando francês, reservando a sua cavalaria para o combate não foi informado nem protegido.

A importância das grandes missões de exploração e segurança confirmam-se; desta data em diante são a base de organização e de instrução da cavalaria francesa, e como é preciso desempenhar estas missões mesmo com a opposição da cavalaria adversa, a destruição desta cavalaria pelo combate é o primeiro objectivo a atingir.

Durante quarenta anos a cavalaria trabalha e aperfeiçoa-se; a sua capacidade manobradora é desenvolvida por evoluções rápidas em fileiras cerradas; os soldados são instruídos na prática constante do jôgo de armas a cavalo em andamentos vivos; a lança é de novo adoptada por se considerar que é superior ao sabre no combate de cavalaria contra cavalaria.

As guerras do Transval e da Mandchuria confirmam, sem dúvida, o poder das armas de tiro rápido; mas este poder não interessa directamente à cavalaria que depois das dolorosas lições de 1870, renunciou às acções em massa contra a infantaria para se preparar acima de tudo para o combate a cavalo contra a cavalaria inimiga. Os soldados conservam a carabina mas esta, com uma fraca dotação em cartuchos, não se destina a acções de

## *Revista da Cavalaria*

grande duração pelo fogo, mas apenas a permitir os meios de defesa de acantonamentos ou pontos de passagem obrigatórios.

Os acontecimentos não justificaram as esperanças da cavalaria francesa, mas é preciso reconhecer que os seus chefes desenvolveram nos seus cavaleiros, qualidades de energia, audácia, iniciativa, espírito de disciplina e, acima de tudo, de uma confiança que lhes permitiu, desde os primeiros dias da guerra, impôr-se e mesmo dominar a cavalaria contrária.

Não foi, sem dúvida, a cavalaria inimiga destruída materialmente, mas o valor moral e material da cavalaria francesa contribuiu de certeza em grande parte, para limitar a sua iniciativa nas horas em que a sua intervenção poderia ter sido particularmente útil. Não houve perseguição depois de Charleroi, o exército de Von Kluck não foi nem coberto nem esclarecido, e em 1918, quando da ofensiva de Abril e Maio, a cavalaria não aproveitou a brecha aberta pela sua infantaria nas linhas francesas.

Os acontecimentos da guerra obrigaram, contra toda a expectativa, o Alto Comando francês a atirar para a batalha a sua cavalaria para, nas horas críticas, com ela agüentar a infantaria alemã; e perante a impossibilidade de intervir a cavalo à arma branca para cumprir a sua missão, a cavalaria foi obrigada a combater a pé pelo fogo.

O movimento envolvente do exército alemão em Outubro de 1914 é travado a toda a pressa na Flandres pela cavalaria francesa; a batalha do Yser é feita, principalmente, com cavalaria.

Depois da batalha do Yser, e segundo os conhecimentos nesta adquiridos, a cavalaria é organizada e instruída tendo em vista o combate a pé pelo fogo: o soldado recebe uma carabina com baioneta, a sua dotação em cartuchos é aumentada, é-lhe distribuída ferramenta portátil; são atribuídas metralhadoras aos regimentos; os esquadrões recebem espingardas-metralhadoras; os soldados substituem os seus brilhantes uniformes pelo uniforme de campanha da infantaria; são entregues às brigadas, para facilitar as suas missões de reconhecimento, auto-metralhadoras blindadas.

A cavalaria transforma-se assim para o Alto Comando numa reserva particularmente preciosa pela sua mobilidade e pelo seu potencial de fogo. Nas horas críticas de 1918, em Kemmel, em Montdier, em Ourecq e no Marne só ela consegue chegar a tempo de deter o avanço inimigo.

### *A Cavalaria de 1920 a 1939*

#### *Sua evolução para a máquina*

A organização da cavalaria sofreu depois da Grande Guerra duas transformações profundas. Uma, imposta pela potência destruidora do fogo, foi caracterizada pela adopção em grande escala de novos meios de fogo. Outra consequência do progresso, foi caracterizada pela adopção de engenhos mecânicos de transporte e combate.

## Revista da Cavalaria

A adopção pela cavalaria de meios de fogo mais numerosos e mais potentes foi considerada como consequência indiscutível dos ensinamentos da guerra. Admitiu-se, de facto, e com razão, que se o fogo tinha paralizado a acção a cavalo, a cavalaria encontra, adoptando as armas de tiro rápido, uma capacidade de resistência tal que poderia, associando a mobilidade com o fogo, não só executar com mais facilidade as suas missões de exploração e segurança, mas intervir na batalha em acções onde a instantaneidade e a violência são particularmente eficazes.

O desenvolvimento da motorização na cavalaria esbarra com os seus críticos que, identificando estreitamente a cavalaria com o cavalo, estão convencidos de que toda a diminuição de efectivos em cavalos é um atentado contra a sua Arma.

Aumenta-se de princípio a dotação da cavalaria em auto-metralhadoras a fim de lhe permitir realizar mais económica e rapidamente as suas missões de reconhecimento, distribuem-se motos ou viaturas de turismo para facilitar as ligações, e camiões para assegurar o transporte de apoios, artilharia e reabastecimentos.

Os espíritos mais esclarecidos levam tempo a reconhecer os felizes resultados da associação do cavalo com a máquina; no entanto, mais aliçada e melhor apetrechada, a cavalaria adquire mais velocidade e torna-se mais forte.

Os aperfeiçoamentos realizados na construção automóvel abriram novos horizontes à cavalaria; permitiram-lhe, com efeito, não só aumentar a sua mobilidade utilizando o automóvel nas suas ligações e no transporte dos seus apoios, mas ainda lhe restituiu com os engenhos blindados todo-terreno, a potência ofensiva que o fogo das armas de tiro rápido lhe havia tirado.

A evolução da cavalaria para a máquina impunha-se, apesar das resistências que se lhe opunham devido a um respeito exagerado pelas tradições da Arma.

Em 1932 foram reduzidos em cavaleiros os efectivos das divisões e estas reforçadas com unidades motorizadas com e sem blindagem.

Em 1933 foi criada uma divisão completamente mecanizada, a divisão ligeira mecanizada (D. L. M.), compreendendo unidades de combate blindadas e unidades não blindadas (apoios e artilharia).

O progresso impôs a sua lei, e a evolução da cavalaria para a adopção total dos meios mecânicos tornou-se um facto.

A máquina assegurando à cavalaria uma mobilidade que o cavalo lhe não podia dar, aumenta-lhe o seu poder ofensivo.

As grandes unidades mecanizadas de cavalaria podem num dia efectuar deslocamentos de muitas centenas de quilómetros, e concentrar, em poucas horas, sobre um ponto sensível do campo de batalha, a massa dos seus engenhos blindados de combate.

Assim, o seu papel, que o progresso parecia ter diminuído, encontra-se, pelo contrário, aumentado pelo proprio progresso, e a doutrina aplicada um século antes por Napoleão, vai novamente servir-lhe de guia em condições de emprêgo, velocidade e potência que nunca se poderiam ter previsto.

Confiada e engrandecida, ressurgue uma nova cavalaria.

## A Cavalaria da guerra e do armistício

A motorização total de um certo número das suas unidades não se deve entender por supressão do cavalo em toda a cavalaria. Os mais ardentes partidários da motorização reconheceram a necessidade de se conservarem esquadrões a cavalo devido à grande mobilidade e aptidão nos deslocamentos em todo o terreno e em qualquer tempo.

Desde 1934 que a cavalaria passou a ter formações totalmente mecanizadas, tendo por base engenhos blindados, e formações a cavalo reforçadas com engenhos blindados.

Esperava-se que este programa fôsse rapidamente executado e que a cavalaria conservasse na realização o avanço que havia adquirido na concepção. Nada disto aconteceu, porém, por razões diversas, e a execução do programa autorizado sofreu atrasos consideráveis; entre as causas destes atrasos convém assinalar:

— a multiplicidade dos modelos propostos e as discussões a que deu lugar, em cada categoria, a escolha do melhor tipo; a procura exagerada do melhor, fazia muitas vezes adiar a construção de um modelo que, não sendo sem defeito, apresentava pelo menos a vantagem de ser imediatamente realizável.

— hesitações na constituição orgânica das grandes unidades fizeram com que as D. L. M. (cavalaria) não recebessem os carros que lhes deveriam assegurar a força e que às divisões couraçadas (infantaria) pesadamente constituídas, faltassem os meios de reconhecimento.

— finalmente os atrasos consideráveis ocasionados pela indústria na entrega do material que lhe havia sido encomendado.

A cavalaria, convencida da importância da missão que deveriam ter os novos engenhos, consegue instruir os seus soldados e preparar os seus quadros, aproveitando o material já distribuído apesar da sua insuficiência em número e qualidade; por isso, no decorrer da guerra, estava em condições de utilizar sem demora o novo material que lhe foi confiado e de pôr em acção novas formações que atiradas para a luta no dia imediato ao da sua criação deram provas das mais sólidas qualidades militares.

A cavalaria mobilizou em 1 de Setembro de 1939:

3 divisões a cavalo, 2 D. L. M., 2 brigadas de dragões transportados, 3 brigadas de Spahis e 97 grupos de cavalaria (27 G. R. C. e 70 G. R. D.)

Nos meses que se seguiram à mobilização foi criada uma terceira D. L. M. e as três divisões de cavalaria serviram de base à organização de seis divisões ligeiras de cavalaria.

A dotação em engenhos blindados da maior parte das unidades era insuficiente e muitas vezes até incompleta. A proporção de quadros e

## Revista da Cavalaria

soldados reservistas era muito elevada; certas unidades foram constituídas apenas com elementos reservistas. A instrução dos quadros era boa e a dos soldados suficiente; todos possuíam um moral elevado e um grande desejo de entrar em acção.

Desde o primeiro dia da ofensiva alemã, a cavalaria, até aí concentrada próximo da frente, desloca-se em grande velocidade para lá da fronteira belga.

A cavalaria recebe a missão de tomar o contacto com o inimigo o mais longe possível; em presença de forças superiores, retarda o seu avanço assegurando a retirada das forças holandesas e belgas, a fim de permitir o desenvolvimento dos exércitos aliados.

Esta missão, em todos os pontos conforme com a doutrina napoleónica, é magnificamente cumprida pela cavalaria, apesar da superioridade esmagadora do adversário em aviões e em carros.

Na ala esquerda, a I D. L. M., cuja descoberta percorreu 300 kms. em 16 horas, consegue demorar o avanço das forças que invadiram a Holanda progredindo em direcção a Anvers; chamada a tóda a pressa para junto do IX Exército, barra durante dois dias a estrada de Cambrai às V e VII Divisões Panzer.

À sua direita o corpo de cavalaria atira a sua descoberta até ao Canal Alberto, trava furiosos combates com as III e IV Divisões Panzer permitindo que o I Exército ponha em linha os seu C. E.

Mais a E. as I e IV D. L. C. na frente do IX Exército, e as II e V D. L. C. na frente do II Exército, cumprem a sua missão com a mesma abnegação apesar dos repetidos ataques de 5 divisões Panzer, enquanto a III D. L. C. e a I Brigada de Spahis combatem duramente nas Ardennes para assegurar a retirada de elementos avançados do III Exército.

A brecha aberta na frente do IX Exército dá lugar à retirada da ala esquerda francesa; as três D. L. M. do Corpo de Cavalaria tomam parte no contra-ataque executado na direcção de Arras para a libertar, penetrando nas linhas inimigas; por momentos parece mesmo que vão ser bem sucedidas, mas a capitulação da Bélgica e a desistência dos ingleses, obrigam o Exército francês a retirar sobre Dunquerque e aos corpos de cavalaria resta-lhes proteger a retirada e destruir o material que se não pode salvar.

O avanço vitorioso do Exército alemão, a sua superioridade esmagadora em aviões e carros, e a desorganização da frente francesa, não desmoralizam a cavalaria; os seus quadros foram dizimados, os seus esquadrões sofreram pesadas perdas, grande parte do seu material foi destruído, mas nas suas fileiras, do mais modesto soldado ao chefe mais graduado, todos conservaram a mesma fé na Arma e a mesma vontade animou todos os corações: parar o inimigo ainda que à custa dos mais cruéis sacrifícios.

A defesa das linhas do Somme e do Aisne sobre as quais, no fim de Maio, o Exército francês esperava conter o avanço alemão, dá ainda à Cavalaria ocasião de intervir em condições particularmente eficazes; sobre tóda a frente, sempre que por contra-ataques os cavaleiros não

# Revista da Cavalaria

conseguem deter o inimigo, balizam com os seus mortos as posições que ocupavam (!).

O Exército francês depois de ter em vão ensaiado a defesa das linhas do Somme e do Aisne, desmoralizado, esgotado, desorganizado e sem material, torna-se desde então incapaz de opôr uma séria resistência; retira numa confusão que aumenta dia a dia perante os ataques incessantes de aviões e carros inimigos.

Os cavaleiros, pertencentes aos G. R., às D. L. C. ou às D. L. M., apesar da gravidade do desastre, conservam intactos o seu espírito de disciplina e a sua fé, cobrindo a retirada das Grandes Unidades e em particular a do Exército de Paris. As últimas pontes do Sena e do Loire são defendidas por cavaleiros e à retaguarda das longas colunas que se encaminham para o S., os últimos combatentes são cavaleiros ainda.

A chama que outrora animou os jovens «*Maries-Louises*» carregando sôbre as encostas de Montereaux e os velhos couraceiros de Ney atacando os Ingleses em Waterloo, chama piedosamente transmitida de geração em geração, animou também ardentemente os cadetes de Saumur e os Spahis que defenderam o vale do Ródano.

## Conclusão

Quando se abre o grande Livro do Passado para seguir a evolução da cavalaria através dos tempos, vê-se que as suas qualidades se afirmam desde que os Exércitos se organizem, a doutrina se precise e a arte militar apareça.

As qualidades da Cavalaria são a mobilidade e a fôrça, qualidades que devem ser desenvolvidas, mas equilibradamente; a cavalaria sobrecarregada pela ânsia de procurar a fôrça não é cavalaria, e aquela que para conseguir mobilidade sacrifica a fôrça, perde todo o seu valor combativo.

A evolução imposta pelo progresso é constante e a cavalaria não pode subtrair-se à lei comum que impõe a tódas as organizações humanas a adaptação ao progresso sob pena de vegetar ou mesmo de perecer.

O progresso permite que a cavalaria desenvolva as suas qualidades; mas muitas vezes, impõe-lhe novas servidões; as armas de fogo aumentaram-lhe a fôrça e a vulnerabilidade também; o engenho mecânico desenvolveu-lhe a mobilidade, mas tornou-a mais dependente do ter-

(!) As 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> D. L. C. defendem passo a passo o terreno entre o Somme e o Sena, contra um inimigo muito superior em número e em meios, até ao dia em que esgotadas e dizimadas, as 2.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> D. L. C. são cercadas em Saint-Valéry.

A 7.<sup>a</sup> D. L. M. empenhada na batalha da Champagne, contra-ataca uma divisão Panzer infinitamente superior em carros e detem-na destruindo-lhe uma centena de blindados.

## Revista da Cavalaria

soldados reservistas era muito elevada; certas unidades foram constituídas apenas com elementos reservistas. A instrução dos quadros era boa e a dos soldados suficiente; todos possuíam um moral elevado e um grande desejo de entrar em acção.

Desde o primeiro dia da ofensiva alemã, a cavalaria, até aí concentrada próximo da frente, desloca-se em grande velocidade para lá da fronteira belga.

A cavalaria recebe a missão de tomar o contacto com o inimigo o mais longe possível; em presença de forças superiores, retarda o seu avanço assegurando a retirada das forças holandesas e belgas, a fim de permitir o desenvolvimento dos exércitos aliados.

Esta missão, em todos os pontos conforme com a doutrina napoleónica, é magnificamente cumprida pela cavalaria, apesar da superioridade esmagadora do adversário em aviões e em carros.

Na ala esquerda, a I D. L. M., cuja descoberta percorreu 300 kms. em 16 horas, consegue demorar o avanço das forças que invadiram a Holanda progredindo em direcção a Anvers; chamada a tóda a pressa para junto do IX Exército, barra durante dois dias a estrada de Cambrai às V e VII Divisões Panzer.

À sua direita o corpo de cavalaria atira a sua descoberta até ao Canal Alberto, trava furiosos combates com as III e IV Divisões Panzer permitindo que o I Exército ponha em linha os seu C. E.

Mais a E. as I e IV D. L. C. na frente do IX Exército, e as II e V D. L. C. na frente do II Exército, cumprem a sua missão com a mesma abnegação apesar dos repetidos ataques de 5 divisões Panzer, enquanto a III D. L. C. e a I Brigada de Spahis combatem duramente nas Ardennes para assegurar a retirada de elementos avançados do III Exército.

A brecha aberta na frente do IX Exército dá lugar à retirada da ala esquerda francesa; as três D. L. M. do Corpo de Cavalaria tomam parte no contra-ataque executado na direcção de Arras para a libertar, penetrando nas linhas inimigas; por momentos parece mesmo que vão ser bem sucedidas, mas a capitulação da Bélgica e a desistência dos ingleses, obrigam o Exército francês a retirar sobre Dunquerque e aos corpos de cavalaria resta-lhes proteger a retirada e destruir o material que se não pode salvar.

O avanço vitorioso do Exército alemão, a sua superioridade esmagadora em aviões e carros, e a desorganização da frente francesa, não desmoralizam a cavalaria; os seus quadros foram dizimados, os seus esquadrões sofreram pesadas perdas, grande parte do seu material foi destruído, mas nas suas fileiras, do mais modesto soldado ao chefe mais graduado, todos conservaram a mesma fé na Arma e a mesma vontade animou todos os corações: parar o inimigo ainda que à custa dos mais cruéis sacrifícios.

A defesa das linhas do Somme e do Aisne sobre as quais, no fim de Maio, o Exército francês esperava conter o avanço alemão, dá ainda à Cavalaria ocasião de intervir em condições particularmente eficazes; sobre tóda a frente, sempre que por contra-ataques os cavaleiros não

# Revista da Cavalaria

conseguem deter o inimigo, balizam com os seus mortos as posições que ocupavam (1).

O Exército francês depois de ter em vão ensaiado a defesa das linhas do Somme e do Aisne, desmoralizado, esgotado, desorganizado e sem material, torna-se desde então incapaz de opôr uma séria resistência; retira numa confusão que aumenta dia a dia perante os ataques incessantes de aviões e carros inimigos.

Os cavaleiros, pertencentes aos G. R., às D. L. C. ou às D. L. M., apesar da gravidade do desastre, conservam intactos o seu espírito de disciplina e a sua fé, cobrindo a retirada das Grandes Unidades e em particular a do Exército de Paris. As últimas pontes do Sena e do Loire são defendidas por cavaleiros e à retaguarda das longas colunas que se encaminham para o S., os últimos combatentes são cavaleiros ainda.

A chama que outrora animou os jovens «Maries-Louises» carregando sobre as encostas de Montereaux e os velhos couraceiros de Ney atacando os Ingleses em Waterloo, chama piedosamente transmitida de geração em geração, animou também ardentemente os cadetes de Saumur e os Spahis que defenderam o vale do Ródano.

## Conclusão

Quando se abre o grande Livro do Passado para seguir a evolução da cavalaria através dos tempos, vê-se que as suas qualidades se afirmam desde que os Exércitos se organizem, a doutrina se precise e a arte militar apareça.

As qualidades da Cavalaria são a mobilidade e a fôrça, qualidades que devem ser desenvolvidas, mas equilibradamente; a cavalaria sobre-carregada pela ânsia de procurar a fôrça não é cavalaria, e aquela que para conseguir mobilidade sacrifica a fôrça, perde todo o seu valor combativo.

A evolução imposta pelo progresso é constante e a cavalaria não pode subtrair-se à lei comum que impõe a tódas as organizações humanas a adaptação ao progresso sob pena de vegetar ou mesmo de perecer.

O progresso permite que a cavalaria desenvolva as suas qualidades; mas muitas vezes, impõe-lhe novas servidões; as armas de fogo aumentaram-lhe a fôrça e a vulnerabilidade também; o engenho mecânico desenvolveu-lhe a mobilidade, mas tornou-a mais dependente do ter-

(1) As 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> D. L. C. defendem passo a passo o terreno entre o Somme e o Sena, contra um inimigo muito superior em número e em meios, até ao dia em que esgotadas e dizimadas, as 2.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> D. L. C. são cercadas em Saint-Valéry.

A 7.<sup>a</sup> D. L. M. empenhada na batalha da Champagne, contra-ataca uma divisão Panzer infinitamente superior em carros e detem-na destruindo-lhe uma centena de blindados.

## Revista da Cavalaria

reno. Todo o progresso tem as suas vantagens e riscos; é preciso que na evolução constante para o progresso, a cavalaria se esforce por aproveitar aquelas e evitar éstes, mas que conserve sempre a sua fé tradicional na virtude do «choque».

A doutrina do emprêgo da Cavalaria deve procurar explorar as suas qualidades e atenuar os seus defeitos; ela tem por base os princípios imutáveis da liberdade de acção, da economia de fôrças, e da coordenação de esforços; na aplicação, deve adaptar-se às conseqüências do progresso.

O papel da Cavalaria eleva-se ou apaga-se através dos tempos, segundo é respeitada ou esquecida a doutrina do emprêgo da arma.

Alexandre e César confiam à cavalaria as grandes missões que a sua mobilidade e a sua fôrça lhes permitem executar; tem assim o primeiro lugar nos seus Exércitos.

A decadência romana leva à ruína as instituições militares; a arte militar limita-se à reunião de bandos armados sôbre o campo de batalha e esquecendo-se a doutrina da cavalaria, o seu papel diminui.

O regresso aos princípios da arte militar, nos tempos de Condé, Turenne e do Marechal de Saxe, dá novamente o seu lugar à Cavalaria, mas muito impregnada ainda dos torneios feudais é lenta em se aligeirar para encontrar a sua mobilidade, tardiamente resolvida a sacrificar a potência do choque de espadas desembainhadas em vez das inúteis «pistoladas» a cavalo, não encontra realmente aquêle lugar que lhe deu Napoleão quando applicou — embora com meios diferentes — a doutrina que vinte séculos antes assegurara as vitórias de Alexandre e César.

Depois de Napoleão, a cavalaria esquece as suas grandes missões e despreza o progresso; o sabre e a lança são as suas armas e a carga em linha o seu único processo de combate; as rudes lições de 1870 mostram-lhe o êrro, mas o seu regresso à verdadeira doutrina é limitado na sua aplicação até ao dia em que, perante a potência esmagadora das armas de tiro rápido, abandona o sabre e a lança para combater pelo fogo. A cavalaria de 1940 aumenta a mobilidade e a fôrça na sua evolução para a máquina, ficando absolutamente fiel ao espírito, às tradições e à doutrina da Arma, encontrando engrandecido o seu papel do passado.

Na hora em que perante os nossos regimentos reduzidos e desarraigados, muitos sentem penetrar a dúvida nos seus corações, estas recordações do passado devem constituir para êles um testemunho de confiança e de fé, pois a experiência sempre engrandece a cavalaria quando ela, compreendendo as lições, sabe empregar, graças ao progresso, a sua mobilidade e a sua fôrça.

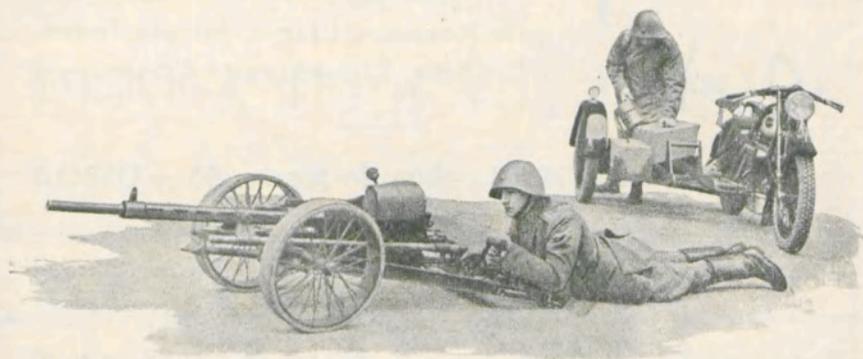
Perante o desconhecido de amanhã, é preciso que os cavaleiros, conservando a sua fé, aumentem as suas energias, afirmem as suas iniciativas, na convicção de que a sua Arma encontrará no futuro o papel magnífico que teve no passado.

# Dansk Industri Syndikat

Material «Madsen»

**Metralhadoras e Canhões Automáticos**

Armas automáticas de pequeno e grande calibre para o Exército, Marinha, Aviação, Defesa contra Aeronaves e Defesa contra Carros de Assalto



O canhão automático **Madsen** de 20<sup>mm</sup>, sôbre «side-car», pode fazer fogo montado sôbre êste, ou no terreno, sôbre o reparo a que está permanentemente ligado

A passagem do canhão da sua posição de transporte para a de tiro no terreno executa-se em menos de um minuto

---

REPRESENTANTES PARA PORTUGAL E COLÓNIAS:

*Monteiro Gomes, Limitada*

Rua Cascais (Alcântara), 47

L I S B O A



*Sociedade Revendedora de P<sup>apéis</sup>, L.<sup>da</sup>*



Fornecedores de  
papéis nacionais e estrangeiros  
para Revistas, Livros, Jornais, Indú-  
strias Gráficas, Litográficas e Congêneres

Telefone 21985 — Rua do Norte, 85 — LISBOA

**Joaquim Godinho da Silva**

Sucessor, Limitada

....

Antiga casa  
**VIÚVA MOURA**

....

**Armazém de Retrozeiro,  
Malhas e Miudezas**

....

Rua dos Fanqueiros, 84-1.º — LISBOA

Telefone 2 6577

**Restaurante e Cervejaria**

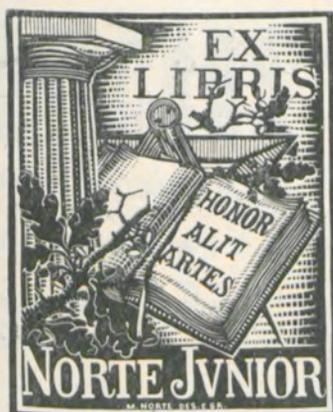
**LEÃO DE OURO**

Aqui encontrará  
V. Ex.<sup>a</sup> o melhor  
e mais variado  
sortido de ma-  
riscos, aperitivos  
e pratos da espe-  
— cialidade —

R. 1.º de Dezembro, 89 a 99

Telef. 2 6195

LISBOA



NORTE JUNIOR

ARQUITECTO

ATELIER:

PRAÇA ILHA DO FAIAL - 6

TELEFONE 4 8888

**GOUVEIA  
& SILVA**

S.<sup>OR</sup> CAMBISTA NEVES, L.<sup>DA</sup>

CÂMBIOS  
LOTARIAS *ss*

*ss* e PAPÉIS  
de CRÉDITO

84, Rua da Assunção, 86  
(Próximo à Rua do Ouro)

Tel. 2 6782 — LISBOA

**MÉCO, Limitada**

20, L. Rafael Bordalo Pinheiro, 25

Telef. (P. B. X.) 20496 e 27316

LISBOA

Fábrica de sobrescritos  
e manipulação de papéis

Depósito de papéis e  
cartolinas de tôdas  
as qualidades

Fabricantes exclusivos da  
famosa marca MICHEY

Premiados na Exposição de  
Paris de 1900 com *Menção  
Honrosa* e na Exposição Indus-  
trial Portuguesa de 1933 com  
*Grande Prémio de Honra*



# BANACÃO

O MELHOR DOS  
ALIMENTOS

Produto português  
para os portugueses



O BANACÃO  
é preferido para a 1.<sup>a</sup> refeição

porque todos os que o tomam, se sentem mais confortados até à 2.<sup>a</sup> refeição,

porque ao fim de poucos dias conhecem a diferença do seu vigor nos exercícios físicos, que normalmente fazem,

porque é mais agradável ao paladar.

## OS PARECERES MÉDICOS

provam que é mais nutritivo,

provam que fornece mais calorias que qualquer outra refeição.

**BANACÃO SEMPRE BANACÃO**

*Tipografia  
dos Combatentes*



*da Liga  
da Grande Guerra*

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS  
EM TODOS OS GÊNEROS

CALÇADA DOS CAETANOS, 18  
Telefone 21450

=====  
A MAIOR FÁBRICA DE CORTUMES DA PENÍNSULA  
=====

## Nova Empresa Industrial de Cortumes

=====  
RUA DO AMEAL, 831 — PÓRTO-PORTUGAL  
=====

Fabrico aperfeiçoadíssimo de solas, atanados, loros, calfs, vitelas, camurças e forros em mais de 120 variantes. Produção especial de «couros croupous para correias de transmissão» são



Os nossos produtos, submetidos às mais rigorosas análises em laboratórios nacionais e estrangeiros, mostram-se aptos a satisfazerem os mais puros requisitos da moderna técnica da indústria de cortumes

Área terrestre 80.000 metros quadrados — Já edificados 30.000 metros quadrados

A Nova Empresa Industrial de Cortumes é um orgulho da Indústria Nacional

### Officinas Gerais de Material de Engenharia

Sede: Avenida da Índia — BELÉM

#### Manufatura de Material de Engenharia

Sapadores mineiros, sapadores de caminhos de ferro, telegrafia e telefonia por fios e sem fios, :: pontoneiros, automobilistas ::

#### Mobília e utensílios

Trabalhos em ferro e madeira para construção civil

Construção, reparação e pintura de carroseries

Fundição, Vulcanização, Niquelagem, etc.

Fornecimento e fabricação de sobresselentes para automóveis e motocicletas

Fornecimentos análogos para o público

### Empresa Progresso Industrial

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Fabricação Mecânica de Parafusos de toda a espécie

Porcas, Anilhas, Rebites, Escá-pulas, Cavilhas, Tirefonds, etc.

Material de Fixação para Caminhos de Ferro, Telégrafos e Telefones

Premiada nas Exposições Industriais: Porto, 1887 e 1893; Universais de Paris, 1889 e 1900; S. Miguel, 1901; Rio de Janeiro, 1903; Lisboa, 1932.

Telefone 81 238

Telegramas «Pregadura»

23, 25, 25-A — Rua das Fontainhas, 27, 29 — Alcântara



# GERMANO NUNES ALVES

\*

com transportes mecânicos de  
aluguer para Lisboa e todo  
o país, incluindo mudan-  
ças com pessoal habili-  
tado para todos os  
serviços que lhe  
estão confiados

\*

Escritório: TRISTE FEIA, 8 e 10

Telefone 63725 — LISBOA

## União de Sucatas, L.<sup>da</sup>

COMPRAM E VENDEM

Fábricas e Oficinas completas,  
Máquinas e Caldeiras a Vapor,  
Materiais de Caminhos de Ferro  
e Minas, Cobre, Bronze, Zinco,  
Chumbo, Estanho, Latão, Ferro  
Fundido e Forjado, Veios, Tam-  
bores, etc.

Material Décauville — Carris  
da C. P. — Chapas de ferro  
zincado onduladas, Tubos de  
ferro preto e galvanizado —  
Vigas de ferro

GRANDES ARMAZENS

R. do Arco a (Alcântara), 34 a 46

(Propriedade própria)

Telefone 6 4214

Telegramas: SUCATAS

## Panificação do Chiado, L.<sup>da</sup>



Esmerado fabrico de pão  
de tôdas as qualidades  
Fornecedores dos  
principais Hotéis  
e Restaurantes



R. Nova da Trindade, 8-C a 8-D

Telefone 2 7734



Calç. do Sacramento, 26 a 32

Telef. 2 4044

LISBOA

# B. B. C.

A VOZ DE LONDRES

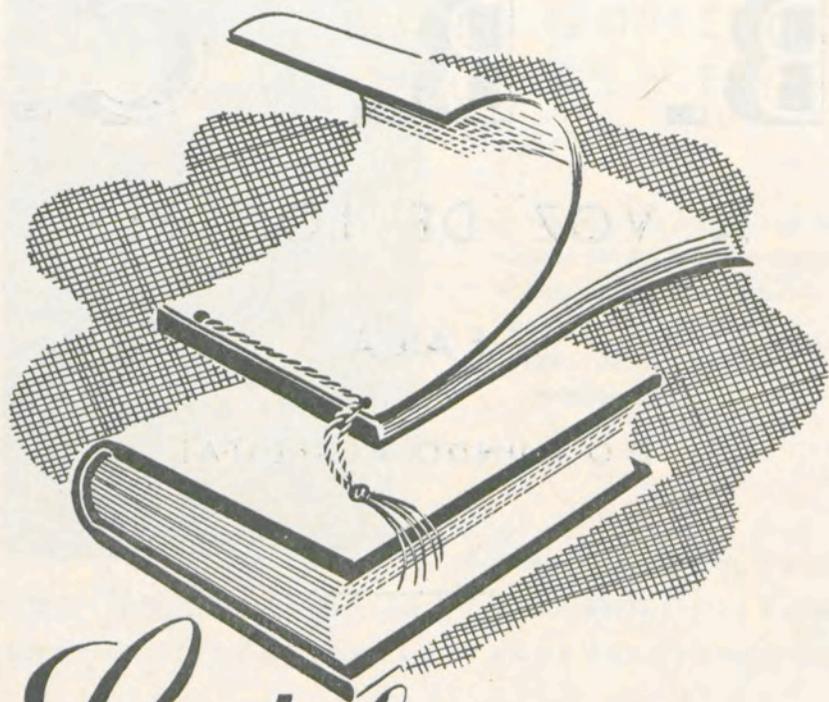
FALA

E O MUNDO ACREDITA!

---

## Emissões em LÍNGUA PORTUGUESA

Horas		Ondas curtas
10,45. . . . .	Noticiário	{ 24,92 m. (12,04 mc/s) 19,76 m. (15,18 mc/s) 13,86 m. (21,64 mc/s)
12,15. . . . .	{ Noticiário e Actualidades	{ 24,92 m. (12,04 mc/s) 19,76 m. (15,18 mc/s) 13,86 m. (21,64 mc/s)
21,00. . . . .	{ Noticiário e Actualidades	{ 42,11 m. ( 7,13 mc/s) 41,75 m. ( 7,19 mc/s) 31,75 m. ( 9,45 mc/s) 30,96 m. ( 9,69 mc/s) 261,10 m. ( 1,149 kc/s) 1.500,00 m. ( 200 kc/s)



*Catálogos, s.  
álbuns,*

TRABALHOS  
TIPOGRAFICOS,  
SIMPLES E DE LUXO,  
REPRODUÇÕES  
EM FOTOGRAVURA,  
O F F S E T  
E LITOGRAFIA

**BERTRAND IRMÃOS, L.<sup>DA</sup>**

Travessa da Condessa do Rio, 27, LISBOA — Telefones P. B. X. 2 1227 e 2 1368

---

---



*... Essas poucas páginas brilhantes  
e consoladoras que há na História do  
Portugal contemporâneo escrevemo-las  
nós, os soldados, lá pelos sertões da  
África, com as pontas das baionetas  
e das lanças a escorrer em sangue ...*

*Joaquim Mousinho*

# Revista da Cavalaria

Publicação bimestral

## CORPO DIRECTIVO

CAPITÃO JOÃO CORREIA BARRENTO

CAPITÃO AMADEU S.<sup>TO</sup> ANDRÉ PEREIRA

CAPITÃO AUGUSTO CASIMIRO GOMES

TENENTE ANTÓNIO S. RIBEIRO DE SPÍNOLA

## EDITOR E ADMINISTRADOR

TENENTE LUÍS MANUEL TAVARES

SEDE QUARTEL DO CARMO  
L I S B O A

PROVISÓRIA TELEF. 2 2 1 2 2

Composta e impressa na Tipografia  
da Liga dos Combatentes da Grande Guerra

# S u m á r i o

EXAME DE CONSCIÊNCIA	107
SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DA REMONTA	
A BRIGADA DE CAVALARIA	
<b>HIPISMO:</b>	
CORRIDAS DE CAVALOS	
GABINETE DO VETERINÁRIO	
<b>JORNAIS — REVISTAS — LIVROS</b>	
O GRUPO DE RECONHECIMENTO	
OS GRUPOS DE EXPLORAÇÃO DAS GRANDES UNIDADES	
ACTUALIDADES GRÁFICAS	
OS «JEEPS»	
A GUERRA DE TANQUES NO LESTE	
HIPISMO E CRIAÇÃO DE CAVALOS	
A DEFESA ANTI-TANQUE ALEMÃ	
O «CAMARADA» CAVALO	
MAJOR VET. ANTÓNIO LEBRE	108
TENENTE ANTÓNIO DE SPÍNOLA	124
MAJOR ALMEIDA RIBEIRO	132
TEN. VET. PROSTES DA FONSECA	135
CAPITÃO ANGET PAGES	140
LIEUTENANT-COLONEL RICCI	147
CAPITÃO WILMSDORFF	175
GENERAL VON. KAYSER	177
TEN. COR. BENARY	179
MAJOR-GENERAL TRAUCH	181

COLABORAÇÃO ARTÍSTICA DE — DELFIM MAIA E ANTÓNIO XAVIER  
A DOUTRINA DOS ARTIGOS PUBLICADOS É DA RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

## CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Ano. . . . . 30\$00

(Para o Ultramar e estrangeiro acrescido do porte do correio)

**Avulso 5\$00**

6678

# Revista da Cavalaria

4.º Ano - n.º 2

Março

ESTADO MAIOR DO EXERCITO  
BIBLIOTECA

N.º 6678 Custo \_\_\_\_\_ \$

Em 15 / 3 / 1943

## Exame de Consciência



Pesa hoje sôbre todos os comandos a maior das responsabilidades.

As exigências crescentes da guerra, impõem-lhes, a par de uma sólida preparação física e moral, uma profunda preparação técnica.

Hoje, se o chefe não aliar à valentia, a competência, não resolverá as imprevistas situações surgidas nos modernos campos de luta, senão à custa de um excessivo derramamento do sagrado sangue, daqueles que a nação lhe entregara, confiada na sua honesta preparação profissional.

Façamos um exame de consciência, meditemos um pouco na tremenda responsabilidade moral que pesa sôbre os nossos ombros, e procuremos na remansidão da paz, aumentar constantemente os nossos conhecimentos — *auto-instruindo-nos* —, para que, amanhã na guerra, sejamos dignos de comandar os homens que a pátria nos confie.



pelo Maj. Vet. ANTÔNIO LEBRE

## REMONTA NA ARGENTINA

- I - *Antecedentes da Remonta na Argentina*
- II - *Trabalhos preliminares e propostas recebidas*
- III - *Propostas da Hungria e Jugoslávia*
- IV - *Proposta da América do Norte*
- V - *Estudo das propostas*
- VI - *Estudo da recepção dos solípedes e seu alojamento*
- VII - *Negociações definitivas e embarque da Comissão de Remonta*



## Antecedentes da Remonta na Argentina



Como ponto de partida e base para a realização de qualquer contrato, o Governo, como medida sensata e bem avisado, teria mandado indagar sôbre o número de cavalos que, em condições normais de serviço, poderiam ser adquiridos no país. Uma informação bem fundamentada, teria denunciado que nas condições exigidas, o número total de cavalos não poderia ir muito longe.

Não constitui segredo para ninguém, que é grande o déficit de cavalos com que conta o nosso Exército.

O General Morais Sarmiento, no intuito de obviar a um tal inconveniente, teria formulado vários alvitre e dissertado largamente sôbre este assunto, apresentando judiciosos conceitos. Assim, para este oficial, o meio de mais rapidamente saldar tal déficit, seria adquirir no estrangeiro, solípedes em lotes mais ou menos numerosos, mas, dizia, é indispensável que a chegada desses animais seja precedida de medidas tendentes a assegurar-lhes, não só o alojamento e alimentação próprios, mas ainda uma boa aclimatação e diária adaptação às novas exigências a que vão ser submetidos.

Este ilustre General, ao abordar tão magno assunto, tê-lo-ia feito com rara inteligência e visão prática, como se constata:

As condições pecuárias do País, afirma-se desde longa data, têm, em diversas épocas, influído poderosamente nas organizações do Exército, não tendo, porém, nunca permitido dar à cavalaria o desenvolvimento que nas mesmas épocas apresenta a mesma arma em organizações militares estrangeiras.

Nos últimos tempos, mas principalmente a partir de 1910, muito se tem procurado desenvolver e melhorar a produção hípica nacional, e se bem que os esforços não tenham sido coroados de completo êxito, muito, no entanto, se tem conseguido alcançar.

A propósito do tipo de cavalo que mais convém ao Exército, um dos maiores males que afecta a remonta portuguesa, é a heterogeneidade dos produtos que as comissões de compra se vêem forçadas a adquirir.

A constatação de uma tal verdade, provém do facto de não se ter definido ainda o tipo de cavalo de guerra nacional, e bem assim da falta de bases em que tem evoluído a cria cavalár. No

# Revista da Cavalaria

intuito, certamente, de definir, pela experiência, qual o tipo que convém fixar, instituiu-se em 1904 o *Campeonato do Cavalo de Guerra*, com provas organizadas sempre no sentido desportivo e não como seria necessário, com a finalidade — *cavalo de guerra* — que mais nos conviesse adoptar.

Assim, para quem percorra os Anais do Campeonato, no intuito de obter dados que derramem luz sôbre êste magno pro-



ARGENTINA — *A Comissão de Remonta examinando um p. s. i. nos Aras General Lavalle*

blema, nada encontrará, pode dizer-se, em que se possa basear um juízo seguro.

No entanto, o conjunto de provas que constituem o Campeonato do Cavalo de Guerra, representam exigências dignas de admiração, tanto para os cavaleiros, como para os cavalos, podendo afirmar-se que só cavalos de categoria conseguem classificar-se nos primeiros lugares. E por isto mesmo, é animador verificar, que nos últimos dez anos, em muitos dos Campeonatos, se classificaram, nos cinco primeiros lugares, cavalos nacionais, em competência com cavalos estrangeiros, o que permite afirmar não ser impossível criar em Portugal cavalos que satisfaçam às exigências de tão duras provas, e esta afirmação já representa alguma coisa de importante, embora não baste.

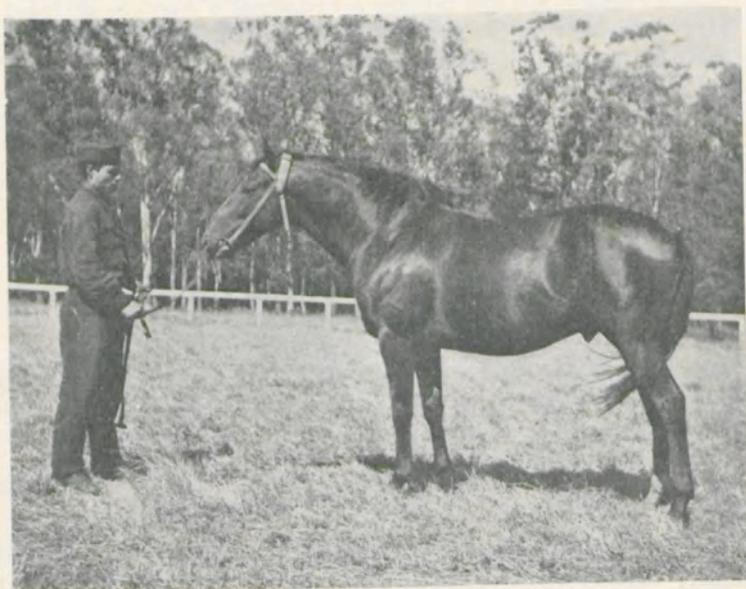
**Tipo de cavalo de remonta:** Importa definir — continua Moraes Sarmento — oficialmente, qual o tipo do cavalo que convém ao Exército, e, seguidamente, levar os produtores, por uma rigorosa selecção das éguas mães e garanhões, a produzi-lo. Como, porém, é indispensável a quantidade, dever-se-á estimular o produtor e aumentar a sua produção de forma a satisfazer às exigências da Remonta. A diversidade de éguas mães e a estranha

## Revista da Cavalaria

heterogeneidade de tipos e raças de cavalos padreadores, empregados no beneficiamento destas, patenteia-nos uma prática inteiramente condenável, quando se pretende, como é indispensável, uniformizar o tipo de remonta tanto de sela como de tiro, e ainda de transporte a dorso.

Como a remonta interessa especialmente à arma de cavalaria, parece tudo indicar que seria a sua Comissão Técnica, assistida por técnicos veterinários, presidentes das comissões de compra e criadores registados, a quem competiria a espinhosa missão de definir qual o tipo do cavalo de remonta e como consequência, a indicação das normas zootécnicas para obter tal tipo de cavalo tropa.

O problema é, indubitavelmente, complexo. Mas o que não pode é continuar sem regras a que tenha de se amoldar, caso se queira, como urge, resolver esta magna questão.



*Reprodutor argentino (p. s. i.)*

**Rendimento da remonta nacional:** A média das compras de solípedes efectuadas nos últimos dez anos, — continua Moraes Sarmiento — excede as baixas dos solípedes, sofridas por diversas causas, foram em cavalos de sela, de 2.935. Nos animais de tiro, a cifra foi de 536.

Deve ter-se, porém, em consideração, que os efectivos das Unidades são reduzidos, e que em solípedes, os efectivos de tempo de paz se devem aproximar, tanto quanto possível, dos da

# Revista da Cavalaria

mobilização, dada a dificuldade de, na ocasião oportuna, se podem obter por aquisição. E a uma tal circunstância não são estranhos os maquinismos, que quasi totalmente, substituem o esforço animal.

Subsiste, assim, a imperiosa necessidade de fomentar a cria cavalariça, sem o que não poderemos ter garantidos os recursos necessários em solípedes para a mobilização.

**Remonta no estrangeiro:** Verifica-se, — prossegue Moraes Sarmiento, — não ser possível adquirir desde já no país, todos os solípedes necessários para elevar, na proporção devida, os efectivos das unidades, nem talvez fôsse conveniente fazê-lo, porque, certamente, se teriam de adquirir animais ainda em formação. Por isso mesmo, é de aconselhar o remontar extraordinariamente no estrangeiro, facto que trará como consequência, a introdução nas fileiras da cavalaria, de lotes apreciáveis, e certamente de categoria superior aos que fornece actualmente o mercado nacional. Os países onde se poderá remontar são a África do Sul e a Argentina, mercados já nossos conhecidos.

## *Trabalhos preliminares e propostas recebidas*

*Inglaterra, Irlanda, União Sul-Africana, Argentina*

Em Março de 1936, toma vulto a idéia de se adquirirem trezentos cavalos no estrangeiro, que se destinariam à fileira e a praças de oficial.

O país ou países onde poderiam ser adquiridos, constituia ainda àquella data, uma verdadeira incógnita.

Para se obter preços de compra, tornava-se necessário indagar, tornar conhecida a idéia para tal fim. Dois pontos basilares podiam, porém, desde já estabelecer-se: a totalidade dos animais de sela a adquirir, destinar-se-ia somente à arma de cavalaria. E compreende-se: cavalos que servem para esta arma, servem, à parte os serviços de tracção, e verificadas as idades e alturas, para tôdas as armas e serviços.

A idade dos cavalos a adquirir, nunca poderia ser inferior a quatro anos, por ser esta a idade com que o Estado Português os compra normalmente. Na verdade, os cavalos

## Revista da Cavalaria

com menor idade, constituem um embaraço nas unidades e um grande encargo para o Estado. Quanto a nós, êstes animais, não deveriam entrar nunca nas fileiras, antes dos seis anos, vindos ou não de Potris do Estado, devendo uma tal circunstância estar ainda dependente do seu estado de desenvolvimento orgânico e nutrição.

A entrada nas unidades, de solípedes com idades até cinco anos, é de uma maneira geral, verdadeiramente desastrosa para a economia do Estado, como vimos constatando desde longa data.

Logo que nos mercados externos foram conhecidos os propósitos do Governo Português, relativos à aquisição de solípedes para o Exército, várias firmas se apressaram a apresentar propostas.

As primeiras três que foram conhecidas, têm origens bem diversas: uma de Inglaterra, que se propôs fornecer



ARGENTINA — A Comissão de Remonta, examinando um p. s. i. nos Aras General Lavalle

cavalos tipo Unter, entre 4 e 6 anos, próprios para oficiais e para a fileira. Os preços de uns e outros seriam de 100 e 50 libras, respectivamente, sem qualquer encargo de seguro, transporte e alimentação.

É de origem irlandesa, de Dublin, a segunda proposta de que tivemos conhecimento. Declaram os seus signatários, terem a maior facilidade em fornecer cavalos do tipo Unter.

## Revista da Cavalaria

Os preços oscilariam entre 70 e 120 libras, para cavalos praças de oficial, baixando para 40 a 70, para os animais destinados à fileira.

A União Sul-Africana, também se pronuncia, propondo-se a firma interessada, fornecer cavalos de 4 a 7 anos, com a altura mínima de 1,50. Quanto a preços, andariam à volta de 26 £, por cabeça, postos os animais no cais de embarque de Lourenço Marques ou Cidade do Cabo, sem quaisquer outros encargos para o comprador.

Antes de ser conhecido, porém, o propósito do Estado Português de adquirir no estrangeiro cavalos para o Exército, já a Comissão Técnica de Remonta havia recebido da Argentina, por intermédio do Ministério da Guerra, um relatório-proposta, elaborado por um português, que dizia ter percorrido já este País, onde se encontrava havia alguns meses.

A sua proposta, que fez acompanhar de várias fotografias de cavalos, foi formulada em Buenos Aires, em Julho de 1933. Este fornecedor português, antes de fazer a apologia da Argentina como centro produtor de cavalos para a tropa, refere que no Brasil não encontrou centro produtor interessante, mas que os exemplares equinos que teve ocasião de observar, eram oriundos do Rio Grande do Sul, Estado confinante com o Uruguay.

Este país é apontado pelo observador português, como centro produtor de bons exemplares de sela, sendo de data recente a remonta realizada ali pelo Estado Brasileiro.

A Argentina, porém, refere o mesmo observador, oferece-lhe um mais vasto campo de acção e facilidades na aquisição dos cavalos que se propõe fornecer ao Estado do Império Português.

Na sua proposta dir-se-ia habilitado a fornecer 400 a 1.000 solípedes, incluindo neste número praças para oficial, animais de fileira, tiro, carga a dorso e muares.

A altura mínima dos cavalos seria de 1,50 e as idades oscilariam entre 4 a 8 anos. O tipo seria uniforme e as cores escuras, e se não fôsem zainos, seriam quando muito estrelados e calçados de um ou mais membros. Seriam animais de primeira escolha, mas um tal facto implicava, evidentemente, um mais elevado preço, mas compensado pelo valor intrínseco dos exemplares.

# Revista da Cavalaria

Os animais seriam postos Cif. Tejo, aos seguintes preços:

Cavalos de sela oriundos do Uruguay. . . 2.850\$00 por cabeça

Dez por cento destes animais teriam a categoria de cavalos praça de oficial.

Para cavalos de sela oriundos da Argentina, o preço seria de 3.150\$00 e os mesmos 10<sup>0</sup>/<sub>0</sub> para praças de oficial, tendo probabilidades de poder elevar esta percentagem para 15<sup>0</sup>/<sub>0</sub>.

Continuando com a enumeração dos preços, a sua proposta conteria:

Cavalos de tiro argentinos. . . . .	3.150\$00
Cavalos de carga argentinos . . . . .	3.150\$00
Cavalos de carga uruguayos . . . . .	2.850\$00
Muares argentinas. . . . .	2.850\$00

Para estes híbridos o preço poder-se-ia elevar até 3.150\$00, segundo a altura e tipo dos exemplares e categoria do criador.

Todos estes preços seriam estabelecidos ao câmbio da data da proposta, que oscilaria com o valor do *pêso*, ou ainda segundo eventualidades que pudessem surgir, como por exemplo, alarme de guerra, etc.

O autor da proposta teria feito referência às magníficas instalações a bordo para os animais, feita por casa especializada; aos climas do Uruguay e Argentina, em muito semelhantes ao de Portugal, sendo a latitude a mesma, factos que em muito deveriam favorecer a aclimação.

Posteriormente, o autor da proposta rectifica as idades para 4 a 6 anos, mas sobe o preço dos cavalos de sela para 3.750\$00, continuando a manter a percentagem de 10 a 15<sup>0</sup>/<sub>0</sub> nos cavalos para praças de oficial. Esta rectificação é resultante, diz, da alta do mercado, estando o *pêso* a aproximar-se já de 9\$00.

Do exame das propostas, que estabelecem as condições a que devem satisfazer os animais, foi dado concluir que elas são de atender, sublinhando-se o facto de que, com as demoras havidas na resolução do assunto, os preços já se

## Revista da Cavalaria

elevaram de 3.150\$00 para 3.750\$00, ou seja, uma diferença de 600 escudos por cabeça.

Para maior facilidade da análise das propostas Argentina e Sul-Africana, vamos resumi-las na sua sintese basilar:

O autor da proposta de cavalos argentinos, propunha-se fornecer o mínimo de 400 cavalos, com a altura minima de



*Chegada a Mafra do 1.º lote de cavalos argentinos*

1,50, satisfazendo às demais condições de remonta, e garantindo os 10 a 15% para praças de oficial. Era esta, sem dúvida, das propostas apresentadas, a que oferecia maiores vantagens, mas só poderia garantir o preço, se o mínimo dos animais a adquirir fôsse de 400, postos Cif. Tejo, sem qualquer outro encargo para o Estado.

A proposta relativa aos cavalos sul-africanos, apresentava o preço taxativo de 26 £, mas acrescido das despesas, e muitas eram elas, e riscos por conta do Estado Português.

Umias tais condições, tornavam êstes produtos mais caros do que os argentinos. De resto, as remontas na África do Sul, rodear-se-iam de maior número de dificuldades, por só ali existir o pequeno criador e ter diminuído a criação cavalari neste país.

Em face de tais circunstâncias, seria difícil, senão impossível, adquirir no continente negro, os cavalos que se

## *Revista da Cavalaria*

pretendiam, num tão limitado espaço de tempo, como o que habitualmente é facultado às comissões de remonta.

Entretanto, o Coronel Sousa Namorado, hoje Brigadeiro, assume o cargo de presidente do organismo designado por Comissão Técnica de Remonta, e imprime aos trabalhos de aquisição em curso, uma nova orientação, impedindo que a proposta argentina, de um concorrente português, fôsse transformada em contrato, pronunciando-se nos termos que se seguem:

«Dadas as circunstâncias de momento, de ordem interna, às quais não seriam, certamente, alheias as condições do meio a preparar para animais oriundos de países estrangeiros, não foi julgado oportuno o fechar desde já o contrato».

Êste como que intervalo de operações, é inteligentemente aproveitado por êste oficial, para solicitar oficialmente, por intermédio dos nossos representantes diplomáticos nos vários países criadores, propostas para a compra de cavalos.

### *Propostas da Hungria e Jugoslávia*

No entanto, êstes dois países faziam-se também representar nesta competição de venda de solípedes, ao Governo Português.

Foram três as casas com sede em Budapeste, que tomaram esta iniciativa, sendo uma terceira da Jugoslávia, com sede em Belgrado.

A primeira proposta é datada desta capital a 15 de Novembro de 1937, e é apresentada directamente ao Ministro da Guerra.

O número de exemplares que a casa de Belgrado se propunha vender, elevava-se a 300, todos próprios para o serviço do Exército, não fazendo distinção quanto ao número entre cavalos e éguas, que teriam idades compreendidas entre 4 a 7 anos.

Relativamente a pelagens, o mesmo acontecia — apresentaria animais de tôdas as côres, sendo fixadas as alturas mínimas, a hipómetro de régua, em 1,54 e ao preço de 50 £ por cabeça.

## Revista da Cavalaria

Oferecia garantias quanto a vícios redibitórios e fazia incluir neste preço as despesas de transporte, taxas de seguros e direitos alfandegários.

Apresentava-se esta sociedade cooperativa como órgão semi-oficial, e assim fadado para valorizar a produção équina do país, relativo ao qual, apresentava um mapa estatístico.



*A comissão de recepção, recebendo os cavalos argentinos no potril de Mafra*

A proposta formulada a 23 de Novembro, é apresentada também como a antecedente, por intermédio do Cônsul de Portugal em Budapeste, constando de 300 cavalos, de qualidade normal, próprios para fins militares, com idades de 4 a 7 anos, 1,54 de altura mínima ao hipómetro de régua, e ao preço de 46 £ por exemplar, sem qualquer outro encargo para o comprador.

O exame para a selecção seria feito na Hungria, antes do embarque em caminho de ferro. A contagem teria lugar na estação de c. f. em Trieste e recepção em Gênese, após a descarga.

Uma outra casa propõe, também por intermédio do Cônsul de Portugal na capital já referida, a venda de 300 cavalos, para o Exército, postos na gare de Génova ao preço

## Revista da Cavalaria

de 45 £, mas com a percentagem de 10% próprios para oficiais. Todos os exemplares seriam previamente maleinizados pelo vendedor e ferrados de novo.

A escolha teria lugar em Budapeste e a contagem em Génova.

Os solipedes que ao desembarcar nesta cidade não se apresentassem em condições de servir, não seriam pagos.

A proposta formulada a 26 de Novembro de 1937, em Budapeste, é feita por firma já conhecida em Portugal, a que forneceu 40 cavalos à comissão a que presidiu José Mousinho, destinados à G. N. R.

A título de garantia, a firma em questão, frisava que, em face da informação que havia recebido, o Governo Português havia ficado satisfeito com a compra inicial, mas o vendedor, pensamos nós, não o havia ficado menos, dado o interesse que esta segunda perspectiva de venda lhe havia despertado, e que se tornou extensiva a todo o país.



*Cavalos argentinos nas pastagens do pòtil de Mafra*

A firma em questão propunha-se fornecer 300 a 500 cavalos nas seguintes quatro modalidades:

Primeira: os trezentos cavalos viriam num só lote, acompanhados por 3 a 4 tratadores, desde o pôrto do embarque até Lisboa, ao preço de 49 £ e 10 xelins por cabeça.

## Revista da Cavalaria

Segunda: os animais formariam grupos de 20 a 40, sendo de 150 o total a fornecer por mês, ao preço de 60 £ por animal.

A seguir-se esta modalidade, os cavalos saíriam, principalmente, de portos alemães, mas, a operação tornar-se-ia de mais difícil execução e mais dispendiosa.

Terceira: consistia esta penúltima modalidade, em fornecer os cavalos Cif. Trieste ou Génova, donde seriam transportados por vapores de nacionalidade portuguesa, mas o tratamento e alimentação seria de conta dos vendedores até ao Tejo e os preços de £ 41-10, 42, e 45, conforme os portos de Trieste, Hamburgo ou Génova, respectivamente, onde os cavalos embarcassem.

Ao comprador incumbiria o fretar os vapores, aos quais mandaria adaptar instalações apropriadas.

Quarta: nesta última modalidade os cavalos seriam apresentados em Trieste ou Génova, sem mais compromissos, ao preço de £ 49-10.

Em tôdas estas diferentes modalidades, o vendedor só assumia as responsabilidades até ao pôrto de embarque, correndo as despesas de seguros a bordo, de conta do comprador.

Um major de cavalaria, reformado, apresentou também uma proposta, que enviou directamente para Lisboa, ao Ministro da Guerra, após a recepção da circular, do Cônsul de Portugal em Budapeste.

Como os demais fornecedores, propunha-se fornecer os 300 cavalos pedidos, ao preço de 37 £, postos em Trieste e 40 £, em Gênes.

Êstes animais teriam idades compreendidas entre 4 a 7 anos e a altura mínima de 1,54 sendo 10% próprios para praças de oficial.

O exame no acto da compra seria feito na Hungria, e a contagem no pôrto de embarque, tomando o vendedor tôdas as responsabilidades desde o embarque em c. f. até Gênes ou Trieste.

O representante em Lisboa, da citada firma, que havia fornecido já 40 cavalos à G. N. R. faz para êste concurso segunda oferta de 400 a 600 cavalos para a fileira e para praças de oficial.

## *Revista da Cavalaria*

Diz saber que os cavalos fornecidos se adaptaram perfeitamente ao clima de Portugal, nada tendo estranhado com a diversidade de alimentação, o que é importantíssimo, sob o ponto de vista de aclimação dos solípedes a adquirir na mesma origem.

A êstes considerandos acrescenta, que José Mousinho, reputa os cavalos que examinou nas propriedades da firma, como os melhores que tem visto na sua carreira de oficial de cavalaria.

Por êstes motivos, propõe-se oferecer cavalos de primeira escolha do lote observado por êste oficial, ao preço de £ 42-10 Cif. Tejo.

### *Proposta da América do Norte*

A América do Norte não quis também deixar de fazer as suas propostas.

Determinada firma comercial, apresentou duas propostas, uma das quais por intermédio do Conde de Mafra, sendo a segunda remetida directamente à C. T. R.

Em síntese, diremos: propunha-se fornecer 300 a 600 cavalos sendo o pagamento à vista.

#### **NOTA : Remonta na Hungria para a G. N. R.**

Sobre os cavalos adquiridos na Hungria, vai já para seis meses que estão em Portugal, diz José Mousinho, manter, sob todos os pontos de vista, as impressões que dêles tinha quando foram adquiridos.

A alimentação distribuída aos cavalos nacionais, satisfaz perfeitamente para os cavalos húngaros. Quanto às suas qualidades, constata-se a mansidão ; são possantes e é bom o seu temperamento.

Como animais de tropa são dóceis. Três meses apenas após a sua chegada a Lisboa, encontravam-se já aptos para todo o serviço, tendo já realizado exercícios da G. N. R. Prestam serviços de ordenança, mesmo pelos escorregadios pavimentos de Lisboa, sendo absolutamente fiéis.

Os que se encontram em preparação para o desporto, revelam qualidades de saltadores e corredores notáveis.

Pela sua rusticidade, assemelham-se muito aos cavalos do Norte de África.

## Revista da Cavalaria

Fazendo a análise da proposta, a C. T. R. teria feito os considerandos seguintes:

As características dos cavalos para sela satisfazem, com exclusão do pêso das duas últimas categorias, que é exagerado, como se verifica: primeira categoria: 454 a 500 quilos.



*Lote de cavalos seleccionados para sport*

Preço por indivíduo 2.217\$50. Segunda: pêso médio 500 a 544 quilos; preço 3.443\$50.

Terceira: cavalos para oficiais—544 a 590 quilos—demasiado pesados—preço por cabeça 3.667\$50.

Reputam-se elevados os preços, porquanto há a acrescentar 1.517\$00 por indivíduo, assim discriminados:

Preparação e alojamento a bordo, 180\$00; alimentação durante a viagem em vapor, 157\$00; despesas alfandegárias, 169\$00; encargos no pôrto de Lisboa, 11\$00; taxas prováveis mínimas de seguro, transporte e outras não previstas, 1.000\$00, total... 1.517\$00.

Assim, teríamos o preço por cavalo, computando o dolar a 22\$00, para as diferentes categorias em escudos 4.734\$50; 4.954 e 5.184\$50, respectivamente.

A acrescentar a estas despesas há ainda a dos transportes, salários do pessoal condutor e as relativas à Comissão de Remonta.

Relativamente às facilidades ou dificuldades de aclimação dos cavalos em Portugal, a Direcção de Remonta não

## Revista da Cavalaria

se encontra habilitada a pronunciar-se, por desconhecer o *habitat* destes cavalos na América do Norte, o que seria necessário e interessante conhecer.

Quanto a transportes da marinha mercante portuguesa, não parece de aceitar, porquanto, estes barcos difficilmente se prestariam à condução de grande número de cavalos em boas condições de alojamento.

Solicitada a firma comercial a indicar o preço por cabeça Cif. Tejo, com garantia de todos os riscos até ao desembarque, esta teria declarado: não há facilidade em obter fretes em conta e indica uma taxa sujeita a oscilações. O preço por individuo, pôsto a bordo, incluindo o seguro contra a mortalidade, seria de escudos 5.455\$00. Quando, sòmente, postos a bordo, o preço decrescia para 3.575\$00.

A Comissão de Remonta, teria dado à firma vendedora a informação seguinte: em virtude de já estarem sendo adquiridos 500 cavalos na República Argentina e sendo o preço apresentado pela vossa casa muito superior ao preço já fixado para o cavalo argentino, a vossa proposta não interessa, por agora.

À nova proposta desta mesma firma, que estabelecia os preços de 5.216\$64 e 6.414\$64, por cavalo pôsto em Lisboa, foi dada resposta idêntica à anterior. Se pelas fotografias que acompanhavam esta proposta, fôsse dado fazer uma apreciação exacta, teríamos de classificar os cavalos propostos para a venda, de sub-pesados.



# ABRIGADA DE CAVALARIA

*apontamentos para o estudo da sua actual orgânica*

pelo Tenente ANTÓNIO SPÍNOLA

...Entretanto,—enquanto esperamos,—ocupemo-nos em conservar, em melhorar, em aperfeiçoar a nossa velha Cavalaria a Cavallo, porque será ella que nos há-de valer no que puder ser...

*Coronel Ruy de Menezes*

*O* facto dos limitados recursos financeiros do país, não permitirem que o nosso Exército se modernize materialmente, acompanhando a época que vivemos, impõe-nos hoje, mais do que nunca, a obrigação de meditarmos sobre as unidades de que dispomos, para compensar a sua deficiência material, por um conhecimento perfeito do seu emprêgo.

Por mais evolutiva que seja a nossa imaginação, por maior entusiasmo que tenhamos em aumentar a eficiência da nossa arma transformando-a em arma moto-mecânica, não poderemos deixar de empregar, por agora, a nossa velha Cavalaria, no quadro do exército que na realidade possuímos.

Nessa orientação, cingindo-nos à doutrina corrente nos nossos centros militares e abdicando de convicções pessoais, esboçamos este trabalho que, sem pretensão de vir dar-vos novidades, procurará, quando muito, relembrar aos mais jovens officiaes da Arma a idéia que presidiu à organização das Grandes Unidades de Cavalaria, do tipo da nossa Brigada.





É a natureza das missões a desempenhar que em grande parte condiciona a organização dos grandes agrupamentos táticos.

Para estudarmos a organização da nossa Brigada, não podemos deixar de lançar um golpe de vista sobre as missões que na guerra poderão ser atribuídas à Cavalaria.

Ultrapassada pela aviação na sua missão de reconhecimento, já na guerra de 1914, e presentemente, também, nos grandes lances de penetração observados na guerra actual, a Cavalaria, para continuar a desempenhar as suas missões, teve de modificar a orgânica das suas grandes unidades, em harmonia com os novos meios de combate surgidos no campo de batalha.

A Cavalaria continua a informar, a cobrir, e a combater em ligação com as outras armas, a prolongar e a reforçar a acção destas, onde quer que seja preciso operar longe, depressa e por surpresa.

Na sua missão de informação ela balisa o contôrno aparente do adversário, fazendo-lhe revelar os seus meios e o doseamento destes.

Mantém esse contacto com elasticidade suficiente para se não deixar manobrar pelo adversário.

Na sua missão de cobertura ela, aproveitando da velocidade e da potência de fogo de que dispõe, antecipa-se ao inimigo na ocupação de linhas ou pontos favoráveis do terreno, actuando suficientemente afastada dos grossos que tenha de proteger.

Estas missões são caracterizadamente de segurança.

A Cavalaria terá para isso, muitas vezes, necessidade de desenvolver um sistema de fogos eficaz e extenso, combinado quanto possível com os obstáculos.

Na sua missão de combate, à parte aquela que é resultante da efectivação das duas espécies de missões a que nos acabamos de referir, há a considerar a da intervenção da cavalaria na batalha, resultante do seu emprêgo como reserva.

Esta intervenção poderá exigir extensos e rápidos deslocamentos, em tôdas as espécies de terreno para, com os meios de fogo de que dispõe, poder:

# Revista da Cavalaria

— na ofensiva, obter efeitos de surpresa sobre o adversário, dada a imprevista concentração dos seus elementos de fôrça ;

— na defensiva, contrariar a manobra do adversário pelo inesperado jôgo de resistências que lhe oferece.

Estas várias missões que são a razão de ser da cavalaria, podem ainda ser acrescidas daquelas que, normalmente, são destinadas às divisões de Infantaria.

Não constituí isso, porém, regra, antes rara excepção, para as grandes unidades de cavalaria.

Só a necessidade urgente, ou uma situação em que as propriedades características da cavalaria não tenham de ser utilizadas, justificam êsse procedimento.

## Esboço das missões das G. U. C.

### *Antes da batalha :*

Antes da batalha podem as B. C. isoladas ou reünidas em C. C. ser empregadas na cobertura estratégica, realizando incursões profundas em território inimigo.

Tem ainda a B. C. uma missão importantíssima a desempenhar antes da batalha: a missão de *Exploração* (antiga *Descoberta*), missão em que a Brigada é utilizada como elemento precioso de informação do comando, detalhando pela permanência de acção e empenhamento do seu grôso, as informações globais fornecidas pela aviação.

Pode ainda a B. C. ser empregada na segurança afastada, em missão de cobertura táctica.

Resumindo: antes da batalha a B. C. poderá ser empregada na:

- *Cobertura estratégica*
- *Exploração próxima*
- *Segurança afastada*

## *Revista da Cavalaria*

### *Durante a batalha:*

Para utilizar em pleno, na batalha, as suas propriedades próprias, uma G. U. C. como a nossa Brigada, deve dispor do espaço necessário para manobrar.

É, portanto, nos flancos do dispositivo de um C. E. ou Ex., que ela encontra mais favorável campo para o seu emprêgo.

Não quiere isto dizer que ela não encontre emprêgo no preenchimento dos intervalos entre as divisões de um C. E., quando o comando transitòriamente não pode preenchê-los com outras divisões.

Quando os flancos das fôrças empenhadas estão devidamente apoiados, as G. U. C. são naturalmente reagrupadas à retaguarda, constituindo uma reserva de manobra do alto comando, reserva que na batalha ofensiva pode servir para a manobra de ala, e na batalha defensiva na cobertura do flanco mais descoberto, contra a manobra de envolvimento ou transbordamento, que se esboce por parte do adversário.

### *Depois da batalha:*

Na batalha ofensiva serve a G. U. C. para a exploração do sucesso, e na batalha defensiva é empregada como elemento de cobertura, ou manobra, nas formas de defensiva elástica.

Não quiere isto dizer que consideremos no valor absoluto do termo, a ofensiva e defensiva, porque, tanto uma situação como outra se podem transmudar na contrária, num dado momento.

Esboçamos apenas, muito levemente, as missões das G. U. C.

\*

Se analizarmos detalhadamente as multiplas missões que acabamos de enunciar, chegaremos à conclusão de que uma G. U. capaz de as desempenhar, terá de possuir as seguintes propriedades essenciais:

## Revista da Cavalaria

— *Grande raio de acção*, que lhe permita intervir em qualquer ponto e em qualquer momento, onde não seja esperada.

— *Rapidez e elasticidade de manobra*, que lhe permita:

- modificar com facilidade a sua direcção ou o seu dispositivo,
- reconhecer o inimigo e tomar contacto com êle numa extensa frente,
- concentrar bruscamente todos os meios num determinado ponto,
- passar sem dificuldade de uma attitude ofensiva a uma attitude defensiva e vice-versa,
- resistir a um adversário que progride, manobrando em retirada na direcção escolhida, para opôr sucessivas resistências em sucessivas posições.

— *Capacidade defensiva* que lhe permita, aproveitando particularmente o terreno, fixar-se nêle e constituir em frentes extensas, cortinas de fogos capazes de manter o inimigo, durante um certo tempo.

— *Aptidão para se deslocar, esclarecendo-se e cobrindo-se com os seus próprios meios.*

— *Aptidão para intervir bruscamente em terreno favorável, para irromper sobre o dispositivo adverso, explorando imediatamente um primeiro sucesso, ou limitando um choque total.*

\*

Do rápido exame das principais propriedades táticas mencionadas, concluïremos que uma G. U. C. deverá possuir duas características, a partir de certo ponto antagónicas:

- a mobilidade
- o potencial de fogo.

Procurou-se conciliar a mobilidade com a potência de fogo, visto que a mobilidade resulta da velocidade, do raio de acção e da capacidade manobradora dos meios de transporte, e a potência de fogo exige uma forte dotação em armas

## Revista da Cavalaria

automáticas, anti-carro, artilharia, e respectivo municiamento.

As modernas exigências da guerra, fizeram com que às primitivas unidades a cavalo da Antiga Cavalaria dos Exércitos, fôsse necessário ir juntando outros elementos, caracterizados pela mobilidade e potência de fogo, de forma a, sem diminuir a mobilidade dessas unidades, ir crescendo o seu potencial de manobra e de fogo.

Êsses novos elementos, caracterizados pela mobilidade e potencial de fogo, foram as unidades motorizadas e mecânicas.

A maneira como se procurou dosear êstes diferentes meios, de forma a atingir o desideratum da combinação da mobilidade e potencial de fogo, foi muito variável nos diversos países, e até mesmo dentro de cada país, se observam diversos tipos de organização das G. U., consoante os teatros de operações previstos, os seus recursos e a doutrina militar seguida.

Nesta ordem de idéias podemos concretizar em três os tipos das modernas G. U. C.:

G. U. Mecânicas — Constituídas por unidades blindadas de reconhecimento e combate, carros de combate, auto-metralhadoras, engenhos anti-carros, unidades motorizadas, artilharia motorizada, etc.

G. U. Moto-Mecânicas — Constituídas por unidades motorizadas, isto é, unidades semelhantes às unidades a cavalo, mas transportadas em viaturas todo o terreno, tendo apenas as unidades mecânicas suficientes para garantir a descoberta, a segurança, e o apoio no combate às unidades motorizadas.

G. U. Hipo-Moto-Mecânicas — Constituídas por unidades a cavalo, motorizadas e mecânicas.

A nossa B. C. é uma G. U. hipo-moto-mecânica.

Nas unidades dêste tipo procurou-se obter o conjunto potência-movimento, pela organização de uma unidade mista, constituída por elementos hipo, motorizados e mecânicos.

Têm êstes elementos características mais ou menos variadas e aptidões diferentes.

A velocidade, raio de acção (hoje reduzida em relação ao motor) e elasticidade que caracterizam as *unidades a cavalo*,

## Revista da Cavalaria

conferem a estas uma apreciável capacidade de manobra que pode, ainda hoje, ser aproveitada eficientemente quando as operações se desenrolem em determinadas regiões, ou sejam influenciadas por desfavoráveis condições atmosféricas. Apresentam porém, estas unidades, hoje, em contrapartida uma fraca capacidade ofensiva, e grande dificuldade ou mesmo impossibilidade de actuação em terrenos favoráveis ao emprêgo de blindados.

Os *elementos mecânicos* aliando à blindagem e potência do seu armamento uma grande mobilidade quando em terrenos favoráveis ao seu emprêgo, conferem à Brigada uma característica capacidade ofensiva, raio de acção, e capacidade de informação, de que ela não disporia se não possuísse êsses meios. São, porém, êstes elementos incapazes de manter o terreno conquistado.

Nas *unidades motorizadas* analisaremos separadamente os elementos moto e auto, pois os primeiros possuem mais fluidez, poder de adaptação e de instantaneidade de acção do que os elementos auto.

As modernas unidades moto que tivemos ensejo de ver no estrangeiro, tendo incomparavelmente maior velocidade em estrada que as unidades a cavalo, são as que mais se assemelham a estas, dada a grande flexibilidade e fluidez dos seus elementos através de todo o terreno.

As unidades auto têm uma velocidade sensivelmente igual às unidades moto, mas apresentam uma acentuada inferioridade na mobilidade táctica, e dificuldade em prover à sua segurança própria, devido à sua fraca capacidade de exploração.

As *unidades motorizadas* aliadas às *unidades mecânicas*, permitem a constituição de um agrupamento de força apreciável, susceptível de rapidamente atingir uma linha ou zona, em que é urgente fazer sentir a acção da Brigada.

O doseamento dêstes diferentes elementos na nossa Brigada de Cavalaria, foi feito por forma a que o comando possa compensar a inferioridade de certos elementos, com a superioridade de outros.

É assim que êle poderá reforçar a fraca capacidade ofensiva de uma unidade motorizada, pela potência de uma unidade mecânica.

## Revista da Cavalaria

O comando poderá então conjugar vantagens de ordem diferente, como por exemplo: a capacidade manobradora em todo o terreno de uma unidade a cavalo, com a rapidez de deslocamento sôbre estrada, de uma unidade motorizada ou mecânica.





# Corridas de Cavalos

## Métodos de Treino

pelo Major ALMEIDA RIBEIRO



A reunião de Outono no campo de corridas do Jockey Club leva-nos a escrever meia dúzia de linhas sôbre treinos de corridas, dentro das possibilidades dêste modesto artigo.

Os métodos de treino têm variado muito. Deve-se essa variação e o seu aperfeiçoamento à rivalidade entre os treinadores ingleses e americanos, tendo êstes últimos conseguido a primazia.

Em que difere o treino à inglesa do treino à americana?

À inglesa, os cavalos são galopados em distâncias superiores ou iguais às da corrida; galopadas lentas com cobrêções; aumento da passada. À americana, galopes repetidos muito curtos e rápidos; o cavalo emprega-se a fundo durante o galope numa velocidade constante e cronometrada.

Ê o treino geralmente empregado hoje também em quâsi todos os países da Europa.

O treino à americana aumenta o potencial nervoso ao mesmo tempo que activa a circulação, desenvolvendo também o coração e os pulmões.

## Revista da Cavalaria

É necessário que durante os treinos e na corrida o cavalo mantenha um galope uniforme (velocidade constante). O cronómetro auxilia-nos muito nesta parte importante do treino.

Treinar para corridas é uma arte. Não há regras fixas dependendo o bom êxito da corrida principalmente da arte do treinador e em parte da habilidade e sentimento do jockey que conduz a montada.

O treinador a quem foi distribuído um grupo de cavalos para corridas deve ter em vista que o trabalho de treino deve variar de cavalo para cavalo. O treino uniforme é um erro grave. Além disso a idade tem influência. Um cavalo de três anos e um de meia idade não devem ser submetidos a treinos iguais.

Manter um cavalo em condição é difícil, mesmo mais difícil do que pô-lo em condição.

O que deverá fazer o treinador ao ser-lhe entregue o grupo de cavalos para corridas?

Organizar uma ficha ou um livrete individual onde, além da sua genealogia deverá escriturar as características do cavalo, o trabalho diário, peso, temperatura em seguida ao galope, alimentação ministrada antes, durante e depois do treino, durante a época das corridas, etc., em resumo: tudo quanto possa interessar à boa saúde do cavalo, seu treino, e sirva de auxiliar para os treinos em geral. Elaborar o horário dos treinos incluindo a época das corridas.

A base dos treinos será o passo e os galopes rápidos cronometrados.

Os sete dias da semana poderão ser assim distribuídos: Até 4 semanas antes da primeira corrida, o Domingo é destinado a repouso.

De início reservaremos um dia para o galope rápido ficando os restantes 5 dias para um «canter» e dois galopes de meia velocidade ou dois «canters» e dois galopes de meia velocidade.

No primeiro caso sobram dois dias, no segundo um dia para trabalho de passo. Preenchemos toda a semana. Quatro semanas antes das corridas o dia de repouso passará para os meados da semana seguinte e um dos galopes rápidos passará a ser dado ao Domingo.

## Revista da Cavalaria

Em geral o trabalho de treino é feito de manhã; à tarde o cavalo fará um pequeno passeio, na pista, a passo.

Cavalos há que se ressentem ao correrem à tarde, pela hora do calor, apresentando perturbações intestinais. Convém nestes casos, quando próximo das corridas, mas com a antecedência necessária, treiná-los à hora aproximada da que devem correr.

De início podemos executar o seguinte trabalho:

- 2.<sup>a</sup> feira — Canter
- 3.<sup>a</sup> feira — Passo
- 4.<sup>a</sup> feira — Galope de meia velocidade
- 5.<sup>a</sup> feira — Passo
- 6.<sup>a</sup> feira — Galope rápido
- Sábado — Canter
- Domingo — Repouso.

Os membros do cavalo, o seu apetite e as temperaturas em seguida aos galopes rápidos são as indicações mais apreciáveis que o treinador tem ao seu dispor acompanhadas da cronometragem escalonada dos galopes rápidos.

O treinador que possa dispor de um rio ou ribeira para fazer nadar os seus cavalos consegue, sem grande prejuízo, pô-los em condição em 6 semanas, tendo o cuidado de tirar as temperaturas à saída da água. O treino será progressivo fazendo parte do mesmo os galopes rápidos.

O quadro apresentado será alterado conforme o cavalo suportar o treino, estando em jôgo o *tacto do treinador*.

A substituição de um trabalho por outro deve ser feita com o máximo cuidado.

Os tempos feitos nas últimas corridas não nos podem servir de indicadores para a próxima época. A maioria dos cavalos não estavam trabalhados, apenas alguns galopados e mal.

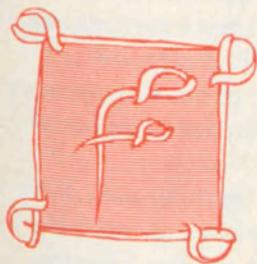
É de esperar que na próxima jornada de Abril se apresentem em boa condição.



## GABINETE do VETERINÁRIO

### TARAS MOLES

pelo Ten. Vet. PROSTES DA FONSECA



ALAMOS já, nas colunas desta Revista, das taras duras ou ósseas do cavalo.

Para completarmos um assunto de tão grande interêsse para todo aquê que se dedica à exploração dêste nobre animal, vamos hoje dedicar algumas linhas, às outras taras, às chamadas «moles», devidas a *hidropisias*, *higromas* ou *bursites*, ou sejam, tumores elásticos e flutuantes localizados em volta das articulações e no trajecto dos tendões.

São bem conhecidas de todos, as «ovas» ou «ventos», que podem ser articulares ou tendinosas, em regra, mais graves as primeiras.

Mas também se observa com freqüência, nos membros do cavalo esforçado, uma outra tara mole colocada à frente do boleto, bilobada, quando muito volumosa, verdadeiro higroma desta articulação, devido, as mais das vezes, à fricção

## Revista da Cavalaria

exercida pela face anterior desta região no chão de cama insuficiente.

No joelho aparece, à sua face anterior, a «lupa» ou «lúpia» e na dobra o «eslabão» que, sem produzirem, em regra, claudicação, tornam, pelo menos, anti-estética a apresentação do cavalo.

São igualmente bem conhecidos os «agriões», tumores flutuantes das pontas dos curvilhões, como tão freqüente é de notar o higroma do codilho, ou «codilheira», na região deste nome.

No jarrete revelam-se também os «alifafes», nas partes laterais da região, podendo formar-se, à face anterior do curvilhão, um edema volumoso de prognóstico mais grave.

Ora, tôdas estas taras moles, muito embora não causem, por via de regra, graves transtornos locomotores, tornam os membros do cavalo desgraciosos, prejudicando a sua venda.

As causas incriminadas na genese das taras de que estamos tratando, são várias, estando hoje provado, em analogia com o que sucede para as taras ósseas, que a tendência ao aparecimento das hidropisias sinoviais pode considerar-se hereditária, transmitindo-se, assim, de pais para filhos, uma menor resistência das paredes das bolsas sinoviais, e, sobretudo, uma irritabilidade excessiva, por efeito do trabalho da serosa que atapeta interiormente estas bolsas, e, daí, uma maior secreção de sinovia, com a formação do tumor flutuante característico da tara mole.

É esta irritação mórbida, hoje admitida pela maioria dos autores, que explica o aparecimento das «ovas» em animais pouco esforçados, enquanto que os membros dos cavalos muito «puxados» se conservam «enxutos».

Por via de regra, as taras moles são a consequência de contusões ou de esforços violentos, podendo também aparecer depois de qualquer doença contagiosa do cavalo, como já temos observado na gurma, ou passada uma crise reumatismal como também já tivemos ocasião de tratar um caso.

Em muitos cavalos de obstáculos, notam-se êstes tumores tendinosos dos membros, sendo difícil, senão impossível, por vezes, dissipá-los completamente.

Como evitar o aparecimento das «ovas»?...

## Revista da Cavalaria

Temos ouvido muitas vezes esta pergunta, feita por oficiais concursistas.

A boa higiene dos membros do cavalo de desporto, designadamente, dos seus tendões, feita com método, persistência e cuidado, podem garantir a integridade das extremidades do cavalo de desporto.

Emprega-se com sucesso, como tratamento profilático, a tintura de iodo em fricção diária nos tendões e boletos do cavalo concursista, mas é bom notar que da perfeita gradação deste método higiênico, depende absolutamente o resultado desejado.

Nós, julgamos que a melhor maneira de contrariar o aparecimento das «ovas» nos membros do cavalo, será pela aplicação do duche frio, em chuva — tendões e boletos — em seguida ao trabalho, seguido de massagem ou secagem eléctrica, aplicando então a tintura de iodo, envolvendo, por último, as canelas do «favorito» com as ligaduras de repouso.

Quando a pele começar a vesicar, pela acção excessiva do iodo, deve então substituir-se este medicamento pelas compressas de Praissnitz, ou sejam, envolvimentos de álcool ao terço. Este processo, tem vantagens sobre os envolvimentos de álcool puro, por manter uma temperatura fria, da água, por mais tempo, depois de evaporado o álcool.

A «Antiphlogistine» também pode ser empregada, a título preventivo, mas parece-nos melhor guardar este excelente produto para quando da fase aguda da tara.

Aconselha-se igualmente, por dar bom resultado, o uso das flanelas, mantidas nas canelas e boletos do cavalo desportista e também, tôdas as pastas adstringentes, de base sub-acetato de chumbo, podem ser empregadas com sucesso, como preventivo, ou no início da tara.

Quando, apesar de todos estes cuidados higiênicos, as taras se evidenciem nos membros da montada predilecta, serão ainda os antiflogísticos chamados a contrariar o seu agravamento.

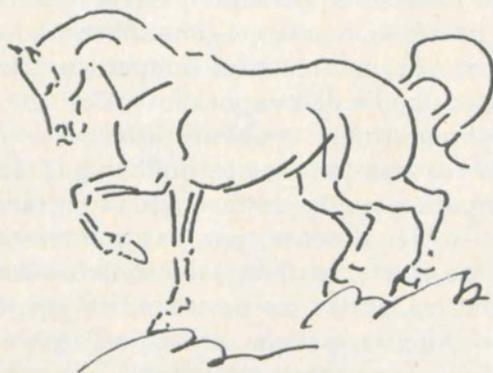
O repouso, conjugado com o emprêgo desta medicação é, certamente, o meio único de remediar o mal.

Se os antiflogísticos não produzirem, só por si, os seus efeitos benéficos e rápidos, em pensos repetidos, bem algodoados, mantidos por uma ligadura de crepe elástico, tipo

## Revista da Cavalaria

Velpeau, recorrer-se-á, então, à vesicação, primeiro ligeira, pela tintura de iodo ou preparados de biiodeto de mercúrio, ou, em escala crescente, vesicatórios — Meré, Ganeaux, etc. — chegando às pontas de fogo, ou pelo esvaziamento das bolsas, preconizado por alguns clínicos, criticado por outros e só para ser feito depois de bem observado e ponderado o estado e natureza da lesão.

Ao médico-veterinário compete, mais uma vez, instituir o tratamento, inteiramente diferente consoante a fase, o local e as causas do aparecimento da tara.



# Jornaes revistas livros

## HUMORISMO INGLÊS

*Plano de fogos de infantaria*:— Barragem contínua de fogo de armas automáticas, com um resultado certo em caso de ataque: cortar a retirada às patrulhas amigas.

*Ataque de Divisão*:— Progressão de um batalhão apoiado por tôda a artilharia de um Corpo de Exército.

*Infiltração*:— Processo ofensivo permitindo ocupar as zonas onde, por esquecimento, o inimigo não organizou a defesa.

*Batalhão de atiradores*:— Unidade de armas automáticas e de morteiros.

*Zona de desenvolvimento da D. C. A.*:— Espaço de terreno no qual é indispensável pôr o capacete para, em caso de raid aéreo inimigo, evitar receber na cabeça os projecteis destinados aos aviões.

*Exercício sôbre a carta*:— Prova para promoção, cuja repetição frequente provoca nos candidatos um emagrecimento inversamente proporcional ao seu valor militar.



# O Grupo de Reconhecimento

## A exploração nas Grandes Unidades modernas

Pelo Cap. Angel Pages  
da Escola de Aplicação de  
Cavalaria



As Grandes Unidades rápidas, como as ordinárias, têm de atender à exploração e à segurança; ao mesmo tempo que vão percorrendo quilómetros, os seus olhos têm de ser atirados para deante para que vejam para onde e como vão e quem vem e como vem. A exploração é realizada em primeiro lugar pela Aviação, que se lança sobre o inimigo fiscalizando os seus movimentos; porém, devido à intermitência da sua acção e às pausas que lhe impõem a noite e os agentes atmosféricos, deixa de actuar em certos momentos preciosos para um inimigo inteligente e capaz de os aproveitar. A Divisão Blindada necessita de qualquer coisa com carácter mais permanente, e ligado a ela, meios próprios que a ponham a coberto de surpresas, que estabeleçam os primeiros contactos e que ocupem materialmente aquêles pontos necessários para a acção que deve levar a cabo, arrebatando-os ao inimigo. Estudaremos primeiro as características dêstes meios, para delas deduzirmos a sua composição, tratando de formar um todo homogêneo que nos possa satisfazer.

*Generalidades* — Antes de mais nada, necessitamos de velocidade, visto que primeiro teremos de nos separar de uma Grande Unidade muito veloz nos seus deslocamentos, tendo que a alcançar após o serviço cumprido; escolher os meios mais rápidos será o melhor; sempre será tranquilizador dispor de uma margem de uns tantos quilómetros sobre o grosso, ganhando sobre a estrada o tempo imediatamente necessário para realizar os serviços com a devida minuciosidade. Também nos faz falta potência: o inimigo vende caras as suas notícias, e em todo o caso, sempre lhe será mais agradável obtê-las à nossa custa e em seu proveito próprio, do que facilitá-las. Assim, necessitamos arrancar-lhas pela força, e quando êle se lance sobre nós para as adquirir, não lho permitiremos. Vejamos de que armas necessitamos: primeiro, espingardas-metralhadoras, que com pouco pessoal em linha nos proporcionam fogos potentes; depois, armas anti-carro e por último, armas de acompanhamento de tiro rasante e curvo, que nos permitam bater as resistências inimigas que fatalmente teremos de encontrar e que serão de categoria semelhante à nossa. Nas armas de acompanhamento alguma coisa podemos ceder; a acção que teremos de desenvolver não será muito intensa; a nós próprios não interessa o combate mas sim transmitirmos ao Comando aquilo que observámos,

## Revista da Cavalaria

razão por que poderemos trocar um canhão ou morteiro por quaisquer meios de transmissão mais necessários. Examinados os mais convenientes escolheremos entre todos a T. S. F., encerrando o capítulo das nossas necessidades especiais de modo a que uma cortadura na estrada, curso de água pequeno, minas etc., não cheguem a constituir um obstáculo intransponível.

*Material* — A rapidez é dada pelo motor a gasolina e entre os veículos dotados de motor, preferimos a moto com carro lateral, capaz de transportar três homens com as suas armas e munições. Vamos explicar a razão desta preferência. Se compararmos a moto com o automóvel, por muito ligeiro que este seja, sempre aquela será mais barata no seu aspecto económico e mais ágil no tático; menos vulnerável, mais fácil de abandonar pelo seu pessoal e mais manejável pelos três homens que transporta, os quais serão sempre capazes de fazê-la passar através das dificuldades que o terreno possa apresentar. Sobre a moto sem carro lateral, tem a vantagem de ser capaz de seguir no combate os homens empenhados no fogo, já que o condutor se não separa dela, e aquêles se vêem livres das preocupações que o material impõe. A flexibilidade, contra a tão divulgada e errada idéia, é mais com três rodas em triângulo do que com duas em linha. Sobre o ponto de vista de economia de forças e meios, permite-nos pôr em linha de fogo dois homens (fora o condutor que fica com a moto) dispondo apenas de um motor e de três rodas, ao passo que com a moto sem carro lateral, necessitamos de dois motores e de quatro rodas para obtermos o mesmo resultado: dois homens na linha de fogo. Assim, reduz-se a metade o gasto de gasolina e o número de motores, e a um terço, o número de rodas, para os mesmos efectivos.

Tênicamente, necessitamos de uma moto com carro lateral com um mínimo de 20 cavalos, limite que não é exagerado, pois tôdas as marcas acreditadas têm modelos superiores: Scott de 30 c. v.; Harley-Davidson modelo U. H. de 38; B. M. W. modelo R. 66, de 30; Triumph 5-1, de 28,5 etc. O modelo escolhido terá três ou quatro marchas para a frente e uma para trás, além de um desmultiplicador sobre tôdas elas, para serem utilizadas fora da estrada. A roda do carro lateral deve ser motriz e levar travão, fazendo-se a transmissão por meio de um eixo e de um pequeno diferencial, devendo o silencioso ser o mais perfeito possível. A moto simples deve apenas ser destinada às ligações.

Os carros e camiões que são indispensáveis, deverão ser o mais uniformes possível, empregando-se naqueles que rebocarem as armas de acompanhamento, modelos que disponham de duplo eixo trazeiro, com o fim de aumentar a aderência e a carga útil, já que terão de transportar os serventes e munições das referidas armas através de todos os terrenos.

*Armamento* — Sobre espingardas-metralhadoras, já por nós aceites como esqueleto do plano de fogos desta Unidade, apresentamos como cifra aceitável a de 18 dentro de cada Esquadrão. Todo o combatente (excepto os condutores armados de pistola) leva a sua espingarda, podendo atribuir-se aos Comandantes de Pelotão e Secção, a pistola-metralhadora. As espingardas-metralhadoras, com fustes especiais, poderão ser utilizadas como base de fogos, flanqueamentos, etc.; também serão necessárias

## Revista da Cavalaria

armas de acompanhamento; necessitamos de espingardas e canhões anti-tanques, metralhadoras anti-aéreas de 20 mm. e canhões de acompanhamento. Das armas citadas poderíamos abandonar as metralhadoras anti-aéreas, pesadas para transportar, necessitando de tempo para entrar em acção, podendo ser substituídas em parte pelas espingardas-metralhadoras utilizadas no tiro contra aviões. Sobre o emprêgo das metralhadoras de 20 mm., no tiro terrestre, nada diremos, pela dificuldade de disfarçar a sua grande altura, inconveniente que não é compensado em rendimento, dado o seu pequeno calibre.

As espingardas anti-tanques devem ser atribuídas uma por Esquadrão, sempre que o modelo adoptado seja superior a 15 mm. e de peso inferior a 20 kgs. Como canhões desta classe, são úteis os calibres de 4,5 e pela necessidade de os levar na vanguarda, necessitamos, além dos ordinários, dos transportados pelas A. M. C. As A. M. C. não necessitam, pelas suas missões, de mais blindagem do que a necessária para resistir às balas de espingarda e metralhadora e aos estilhaços de artilharia, visto não serem carros de combate que tenham de desafiar e destruir os anti-tanques inimigos. O carro de combate sabe de antemão que existem armas rivais e vai ao seu encontro; a A. M. C. tem que as descobrir e evitar. Eis aqui uma diferença essencial que nunca devemos esquecer. A A. M. C. é para ver e informar, e como terá de desenvolver estas operações na frente de unidades semelhantes, é natural que lhe demos meios adequados para as combater, meios êsses que se não devem regatear, ao mesmo tempo que se lhe não deve distribuir nem atribuir nada que seja desnecessário. Nos fraccionamentos tácticos mínimos, um dos carros, pelo menos, levará T. S. F.; pode parecer um atrazo não querer dotar deste meio de transmissão tôdas as A. M. C.; porém, devemos ter em conta que o aparelho a transportar tem que assegurar um alcance de 100 kms. em telefonia, ocupando mais espaço do que os pertencentes aos carros de combate que com um aparelho de 5 kms. de raio de acção, têm cobertas as suas necessidades.

Concretizando: a A. M. C. deve dispor de um eixo anterior e dois posteriores (as lagartas são mais ruidosas e com o dispositivo atrás citado consegue-se o deslocamento através do campo); duplo comando (à frente e atrás) para facilmente se poder esquivar à acção inimiga; câmaras de ar de alvéolos; velocidade de 90 kms. por hora; quatro velocidades para a frente e duas para a retaguarda. Deve ser armada com um canhão de 45 mm. e uma metralhadora, ou uma metralhadora e T. S. F.; deverá ser equipada com granadas de fumo e será conveniente que o seu armamento tenha dispositivo para o tiro anti-aéreo. Três ou quatro homens de tripulação e tonelagem variável que dependerá do tipo que, segundo as condições indicadas se adopte. Propositadamente não falámos até agora de raio de acção; êste será função das missões que lhes atribuímos, susceptível de ser aumentado por meio de depósitos suplementares; 200 kms. de autonomia devem ser suficientes.

Por último, e respeitante ao armamento, ficam-nos os morteiros e canhões de acompanhamento. Sobre aquêles é preferível um de 80 mm. a dois de 50 mm. e com duas Secções de canhões de 75 completaremos a Uni-

## Revista da Cavalaria

dade. Estes canhões são de calibre inferior e mais ligeiros do que o corrente em campanha; vão montados sobre rodas com pneus como os anti-carros.

*Fraccionamento tático* — Esta Unidade deverá ser do tipo clássico, para o que, atendendo no possível à homogeneidade, a deveremos dividir em Esquadrões de A. M. C., Esquadrões motos e Esquadrões pesados. Daqui se vê que o nervo deste grupo e a sua força impulsora residem nas motos, que hão-de ser a base do combate, para o que as agruparemos em três Esquadrões de três Secções, sendo cada Secção dividida em três Pelotões de duas Esquadras cada. Cada Esquadra é constituída por duas motos com carro lateral, levando cada uma três homens, sendo um condutor e dois para o serviço da espingarda-metralhadora da Esquadra. A arma vai na primeira moto, colocada sobre suporte no carro lateral, juntamente com munições, além das transportadas na segunda moto, totalizando 2.500 balas por espingarda-metralhadora. Os dois homens transportados na segunda moto, serão os municidores da arma durante o fogo.

Além destas Secções, cada Esquadrão tem mais uma pesada, também de três Pelotões, os dois primeiros a duas Esquadras levando cada uma a sua espingarda-metralhadora com um fuste especial (arma numa moto, tripé mais pesado e anti-aéreo na outra), com o total de 12.500 balas por arma. A terceira Esquadra levará um morteiro de 81 mm. Completará o Esquadrão um Pelotão de comando, que transportará uma espingarda anti-tanque.

O Esquadrão de A. M. C. deve ter três Secções de dois Pelotões, e cada Pelotão três carros; um, pelo menos, com T. S. F. O Esquadrão pesado terá quatro Secções: a primeira, anti-tanque, com três peças de 4,5 rebocadas, como se indicou; a segunda e terceira serão de canhões de 7,5, e a quarta será de sapadores, com material de pontes até 25<sup>m</sup> de comprimento, minas e explosivos.

O Grupo será completado com uma Secção de transmissões, com uma estação de T. S. F. pesada, para ligação com a Divisão, outras duas, médias, para ligação com as A. M. C. e quatro ligeiras sobre motos para ligação com os destacamentos lançados do Grupo; o material telefónico e respectivo pessoal será transportado em autos ligeiros. Finalmente, ferramentas, combustível, víveres e munições completam a P. M. do Grupo.

*Pessoal e instrução* — Estas Unidades, lançadas com os seus próprios meios para longe dos grossos, devem ser dotadas de Comandos em cujas qualidades predomine a iniciativa, visto se virem a encontrar em situações nas quais a pronta reacção é a chave do êxito e muitas vezes a única saída. Daqui não se deve concluir que tenham de enfrentar maiores perigos; não se trata de condenados à morte encarregados de transmitir pela rádio a coragem do último sobrevivente. As estatísticas elaboradas pelos Exércitos empenhados na actual guerra acusam que a sua percentagem em baixas é igual ou até inferior à das restantes Unidades. Isto com pessoal instruído, conhecedor do seu officio, pois de contrário não seriam condenados à morte mas suicidas. A instrução inculcará aos Comandos e às tropas a noção da sua força que, unida a uma perfeita utilização do terreno

# Revista da Cavalaria

lhes dará a audácia consciente, característica destas forças, sem o que não servirão para nada.

Os condutores deverão sê-lo na acepção perfeita da palavra, tendo de mecânica os conhecimentos precisos para que não fiquem na estrada por uma avaria insignificante e para saberem quando hão-de recorrer às secções de desempanagem sem tentarem hipotéticos concertos que resultarão tão mal como se deitassem areia num cilindro.

Dentro do Grupo moto os sargentos têm uma grande importância visto terem a seu cargo o Comando dos Pelotões (1) nas Unidades motos, de carro nas A. M. C., de peça nas armas de acompanhamento, das equipas de T. S. F. e das reparações e abastecimentos. Apenas pela enumeração das responsabilidades que pesam sobre o sargento vemos até que ponto deve ir a sua instrução e preparação. Formam a base sobre que assenta a eficácia de todo o Grupo, e constituem o sistema nervoso em que o mau funcionamento isolado não mata mas paraliza o braço ou o dedo indispensável na luta em que nos teremos de empenhar.

*Emprêgo tático* — Este Grupo é o órgão de exploração da Divisão blindada e do Corpo de Exército de composição ordinária ou Divisão com missão especial, para o que estarão organizados independentemente sendo atribuídos a uma das Grandes Unidades citadas no momento próprio.

Vamos ocupar-nos apenas do caso do Grupo pertencente à Divisão blindada. O emprêgo nos outros casos é análogo.

O Grupo depende directamente do Comandante da Divisão do qual receberá as ordens, informações e dados complementares sobre o serviço a desempenhar. Em consequência dessas ordens, o Comandante do Grupo distribuirá missões, fixará a composição dos destacamentos que as terão de desempenhar e durante a execução procurará especialmente impulsionar ao máximo as suas Unidades, mantendo a todo o custo, a ligação com elas e com o Comandante da Divisão, apoiando com o grosso os elementos lançados.

As missões principais das diferentes Unidades dentro do Grupo, são as seguintes:

Esquadrão de A. M. C. — Missão fundamental: a exploração;

Esquadrões Moto — Combate e exploração dentro das linhas inimigas;

Esquadrão Pesado — Apoia com os seus canhões os Esquadrões moto, protegendo-os com a Secção anti-carro e com a de sapadores, permitindo-lhes a transposição dos obstáculos encontrados;

Secção de transmissões — mantém as comunicações com a Divisão, com os destacamentos lançados e com os diferentes escalões da coluna em marcha.

O Grupo pode exercer a sua acção numa frente de 30 kms, chegando a deslocar-se 50 kms. da sua Divisão. Durante o dia faz uma média de 30 a 40 kms. à hora e de noite 15 a 20 kms. Por si só é capaz de executar as

---

(1) N. T. — Secções pela nossa Orgânica.

## Revista da Cavalaria

seguintes missões: exploração, segurança, destacamento avançado, guarda de flanco e perseguição.

*Exploração* — Nas Grandes Unidades blindadas, a exploração faz-se em primeiro lugar, pela Aviação até uma profundidade de 250 kms. à frente das nossas vanguardas, dirigindo os seus vôos até àquêles pontos mais interessantes de comunicações e que nos possam dar uma idéa das intenções do inimigo. As informações obtidas são completadas com reconhecimentos mais minuciosos até uma profundidade de 150 kms. Com todos estes dados se informa a Divisão de quanto a possa interessar. O detalhe necessário a esta Unidade pode conseguir-se graças aos meios de que se dispõe:

- 1.º — Aéreos — com duas patrulhas de três aviões;
- 2.º — Terrestres — com o Grupo de Reconhecimento.

A exploração aérea divisionária trabalha 50 kms. à frente da terrestre e em ligação com ela através do Comando da Divisão, podendo sempre, por intermédio deste, solicitar ao Comandante da exploração terrestre, determinadas informações sobre pontos concretos que lhe interessem.

A exploração terrestre é efectuada por meio de destacamentos com missões independentes, destacados 30 kms. para a frente, ou seja a uma hora de marcha, que em caso de necessidade se pode reduzir aumentando ligeiramente a velocidade das Unidades que precedem o grosso da Divisão. A formação tipo dos destacamentos de exploração será de uma Secção Moto e de um Pelotão de A. M. C., sendo conveniente manter esta proporção no caso de maiores efectivos. O destacamento avançará por lanços com as A. M. C., à frente, sendo os lanços marcados de ponto de observação em ponto de observação.

Não se julgue que por se tratar de Unidades motorizadas os lanços tenham maior amplitude; esta é imposta pelo terreno, e o tempo ganha-se pela maior velocidade nos deslocamentos. Assim é que, como regra geral, as paragens terão a suficiente duração de modo a permitirem uma completa observação do terreno, devendo o Comandante do destacamento sair do seu carro — quando necessário — a fim de, pelo binóculo, preparar o deslocamento seguinte com tôdas as garantias necessárias.

Nestes destacamentos, a missão será do conhecimento de todos; ninguém deve levar consigo qualquer documento que possa interessar ao inimigo e normalmente não receberão armas de acompanhamento ou pesadas, por necessitarem de um tempo para entrar em acção, embora mínimo, incompatível com a rapidez com que a todo o momento estas forças deverão actuar.

Uma vez descoberto o inimigo, procurar-se-à evitá-lo continuando a missão recebida, não combatendo senão em último caso e quando se tenha de recorrer a este meio, para conseguir o objectivo em vista, actuar com a maior energia, cabendo aos motociclistas o pêsso do combate apoiados pelas A. M. C., que procurarão actuar nos flancos e nunca misturadas com os motociclistas visto as A. M. C. serem carros de exploração e não de combate. Nestes casos, a sua missão mais corrente será proteger e facilitar

## Revista da Cavalaria

o avanço dos atiradores com fogos de flanco e sendo possível de revés. Terminado o fogo, continuar-se-à a marcha, chegando-se as motos aos atiradores e não retrocedendo éstes até elas, adeantando-se as A. M. C. uns mil metros para protecção das motos que se encontram nessa altura no seu momento de fragilidade. Como já se disse, as A. M. C. marcharão sempre na frente, a não ser que seja certo o encontro com o inimigo em povoações ou terreno coberto, caso em que procurarão estabelecer o contacto com os atiradores, para em seguida continuarem a acção em conjunto.

Alcançado o objectivo ou terminado o serviço, o destacamento estabelecer-se-à defensivamente, combinando os fogos dos motociclistas com o das A. M. C., mascarando as posições, dispondo-se a resistir até à chegada das Unidades que o seguem, visto que, dados os meios de que dispõe, está em condições de se agüentar por certo tempo até à chegada de reforços. Deve procurar-se que todos os reconhecimentos alcancem ao mesmo tempo a mesma linha, não deixando intervalos excessivos que deixem espaços onde não existam tropas nossas.

No conjunto do Grupo, as missões são repartidas pelos Esquadrões motos, dando-se a cada um como zona de acção metade do total atribuído ao Grupo. O capitão ficará com as restantes Secções, que não foram lançadas com os destacamentos, e com as armas pesadas; escolherá os itinerários mais adequados a fim de poder acudir rápidamente ao ponto mais perigoso. De igual modo procederá o Comandante do Grupo que manterá consigo o terceiro Esquadrão moto, o Esquadrão pesado e as A. M. C. que não foram dadas aos destacamentos. Também ficará, caso a tenha recebido, com a Artilharia atribuída ao Grupo como meio suplementar. Caso a reserva seja constituída por dois Esquadrões, convirá utilizar um duplo eixo de marcha.

**Ejército** — Outubro, 1942.

L. R.



# Os Grupos de Exploração das Grandes Unidades Especiais e Normais

Par le Lieutenant-Colonel RICCI

## I - Generalidades



O desenvolvimento das operações em espaços cada vez mais vastos torna necessário confiar a exploração a elementos capazes de actuar a grandes distâncias, fortemente constituídos e dotados de meios rápidos para a transmissão das informações.

A exploração aérea deve ser completada pela exploração terrestre, só esta capaz de estabelecer com certeza a presença do Inimigo numa zona determinada, de avaliar os seus meios e intenções

(pela captura de prisioneiros) e de manter o contacto.

A multiplicação dos meios de informação (aéreos e terrestres) acarreta:

— um trabalho de discriminação mais delicado da parte dos Estados Maiores (oficiais escolhidos e especializados);

— uma luta cada vez mais forte entre os meios de exploração amigos e inimigos.

Para atravessar a rede muitas vezes apertada da exploração inimiga, os nossos elementos de exploração devem recorrer ao combate que resta, na quasi totalidade dos casos, como único meio de colher informações.

Êstes elementos devem então:

— ser capazes de percorrer rapidamente distâncias maiores que no passado;

— poder travar o combate com as unidades similares inimigas em condições nitidamente favoráveis;

— ser dotados de meios de transmissão rápidos das informações, e de ligações rápidas e seguras com a aviação de reconhecimento.

O presente estudo tem por fim examinar a melhor organização e emprêgo dos Grupos de Exploração (nuciei esploranti; em abreviatura N. E.) das Grandes Unidades Especiais e Normais.

## II - Organização dos Grupos de Exploração

Pela circular n.º 9500 do Comandante do Corpo de Estado Maior (de 1938) a exploração táctica terrestre tem por fim precisar e completar os resultados da exploração táctica aérea tomando o primeiro contacto com as Grandes Unidades inimigas.

# Revista da Cavalaria

As unidades encarregadas da exploração táctica terrestre devem actuar atendendo a que para elas o tempo é precioso, em face da necessidade:

— de informar depressa e completamente o Comandante da Grande Unidade, a fim de êle poder organizar os combates preliminares, enquanto o inimigo ainda está desorientado;

— de suster o inimigo nas posições indicadas como susceptíveis de assegurar à Grande Unidade as melhores condições de desenvolvimento e de intervenção;

— de evitar às Grandes Unidades que seguem atrás, paragens que tirariam ao movimento o seu carácter de inexorável continuidade.

Os Grupos de Exploração devem, pois, agir depressa e com resolução, não hesitando em recorrer ao combate; os que são destinados a actuar em terreno plano ou de meia encosta devem ser formados por unidades rápidas (cavaleiros, ciclistas, motociclistas, elementos transportados, autometralhadoras, carros ligeiros) dispondo de bastantes meios de fogo.

As vantagens e inconvenientes destes diversos elementos vão a seguir resumidamente indicados:

## A) Unidades de Cavalaria

### *Vantagens:*

— podem actuar em certos terrenos impraticáveis para os meios motorizados;

— têm grandes possibilidades de ver e observar;

— podem facilmente viver sobre a região em que actuam;

— têm uma potência de fogo suficiente para um combate rápido contra elementos de exploração inimigos não couraçados.

### *Inconvenientes:*

— o meio utilizado (cavalo) fatiga-se facilmente, é muito oneroso e de uma substituição difícil; a sua protecção contra gazes é difícil; não é muito silencioso e constitui um objectivo muito vulnerável;

— o cavalo provoca ao homem mais cansaço que o motor; o binómio homem-cavalo tem necessidade de repouso mais longo que o binómio homem-motor; é mais lento e tem um raio de acção mais reduzido.

## B) Unidades Ciclistas

### *Vantagens:*

— meio silencioso e relativamente pouco dispendioso;

— potência de fogo muito grande, pouco inferior à das unidades de infantaria das Divisões Normais;

# Revista da Cavalaria

— possibilidade de actuar em todos os terrenos, podendo em caso de necessidade ser a bicicleta transportada às costas ou abandonada temporariamente;

— boa aptidão para a manobra; a bicicleta não necessita de um pessoal especial de guarda e permite esconder-se para em seguida se dirigir sobre outro objectivo.

## *Inconvenientes :*

— dificuldade de actuar sobre carreiros (caminhos) rochosos, sobre terrenos muito acidentados ou pantanosos;

— cansaço nas subidas e sempre que é preciso carregar com as bicicletas;

— perda de tempo sempre que é preciso voltar atrás para ir buscar as bicicletas.

## C) Unidades Motociclistas

Salvo o que diz respeito ao silêncio e custo pouco elevado, este meio junta às vantagens da bicicleta a possibilidade de deslocamento mais rápido e um raio de acção, por vezes fora dos caminhos. Além disso, a fadiga para o homem é menor que na bicicleta.

## *Inconvenientes :*

— meio barulhento que não facilita a surpresa, e muito dispendioso;

— servidão do reabastecimento de gasolina;

— deteriora-se mais facilmente que a bicicleta, toma mais espaço e não pode ser levado às costas.

## D) Unidades Transportadas

### *Vantagens :*

— deslocamento rápido e pouco fatigante;

— boa potência de fogo, igual à das unidades de infantaria das Divisões Normais.

### *Inconvenientes :*

— os mesmos que os das unidades motociclistas e, além disso, fraco raio de acção em terreno variado, (os veículos só podem deslocar-se por caminhos);

— grande vulnerabilidade e faculdade de reagir limitada (em marcha e nos altos);

— necessidade de empregar motociclistas para a segurança.

# Revista da Cavalaria

## E) Auto-Metralhadoras

### *Vantagens :*

- meio rápido e blindado, apto para as acções rápidas e surpresas sôbre as vias de comunicação e sôbre os terrenos favoráveis ;
- possibilidade de concentrar os fogos num espaço curto e de se subtrair rapidamente à reacção inimiga.

### *Inconvenientes :*

- dependência dos caminhos ou terrenos favoráveis ;
- necessidade de um grande reabastecimento em carburante.

## F) Unidades de Carros Ligeiros

### *Vantagens :*

- meio couraçado, bastante rápido, podendo circular em terreno acidentado e transpor taludes pouco elevados e valas (fossos) pouco profundos ;
- possibilidade de ter rapidamente comandamento sôbre as armas automáticas, mesmo protegidas.

### *Inconvenientes :*

- raio de acção limitado pelo carburante ;
- desgaste rápido de material que necessita de reparações frequentes e demoradas ;
- dificuldade de observação quando em movimento.

Este rápido exame é nitidamente favorável aos motociclistas e meios mecânicos, cujo emprêgo pode resolver de maneira satisfatória as exigências dos Grupos de Exploração.

A experiência da guerra rápida mostrou a importância capital das vias de comunicação. Pode-se afirmar que tôdas ou quasi tôdas as operações de guerra giram em volta das vias de comunicação ; por conseguinte, os Grupos de Exploração devem ser constituídos de tal maneira que o seu emprêgo permita um movimento rápido sôbre tôdas as vias de comunicação, ou pelo menos sôbre a maior parte delas.

A cavalaria, que era encarregada no passado da exploração, tem perdido muito com o desenvolvimento do motor. Na maior parte dos Exércitos, as unidades a cavalo têm sido em grande parte substituídas por unidades motorizadas e mecanizadas que podem cobrir as distâncias a percorrer com mais rapidez e continuidade, à custa de esforços mais reduzidos.

# Revista da Cavalaria

As unidades a cavalo podem ainda ser utilizadas com vantagem em certos casos, mesmo na guerra actual. Mas para a exploração é necessário substituir o cavalo pelo motor e — onde este não possa utilizar-se — será o homem que vencendo as dificuldades do terreno, deverá completar a missão de exploração como elemento rápido de montanha.

Para constituir os Grupos de Exploração, as unidades motociclistas, de auto-metralhadoras e de carros ligeiros deverão então ser doseadas consoante o emprêgo particular das Grandes Unidades em proveito das quais elles devem trabalhar (actuar); haverá necessidade de as dotar com unidades de Artilharia e Engenharia, assim como com elementos de Serviços.

Pode-se considerar a seguinte organização dos Grupos de Exploração:

a) Para as Grandes Unidades normais, onde a exploração táctica terrestre é feita nos sectores do Corpo de Exército e nas quais a velocidade de deslocamento é reduzida, o Grupo de Exploração poderá ser constituído como se segue:

— Um Estado Maior de Regimento: elementos de comando (pouco numerosos e escolhidos) e de transmissões (de grande alcance): essencialmente aparelhos de rádio para as transmissões terrestres e aéreas;

— 2 batalhões de motociclistas compreendendo cada um, 1 pelotão de comando, 2 companhias (a 3 pelotões moto e 1 pelotão de metralhadoras motos);

— 1 batalhão misto compreendendo 1 pelotão de comando, 2 companhias de auto-metralhadoras (de 15 auto-metralhadoras cada uma), 1 companhia de carros de reconhecimento L 6/40 (15 carros), 1 companhia anti-carro e anti-aérea (8 peças de 20 m/m);

— 1 grupo de artilharia de 75/18 auto, a 2 baterias (8 peças);

— 1 companhia de sapadores mineiros sôbre carros com chenille e pelotão de equipagem de pontes «O»;

— elementos de serviços (saúde, administração, reabastecimento de combustíveis) sôbre carros.

Uma tal organização permite:

— um deslocamento rápido e apreciável raio de acção;

— o emprêgo de elementos particularmente aptos para a surpresa, manobra e ocupação preventiva de posições;

— uma potência de fogo e de choque suficientes para repelir ou conter as unidades rápidas inimigas de exploração;

— acções rápidas e violentas mesmo em terreno acidentado.

b) Para as Grandes Unidades rápidas e especiais, onde a exploração táctica terrestre pode ser feita geralmente por Divisão, e onde a velocidade de deslocamento é superior à das Grandes Unidades normais, o Grupo de Exploração poderá compreender:

— elementos de comando e transmissões;

— 1 esquadrilha de aviação de reconhecimento;

— 1 batalhão motociclista (análogo ao indicado no parágrafo a);

— 1 batalhão misto (formação indicada no parágrafo a);

# Revista da Cavalaria

- 1 bateria de artilharia 75/18 auto;
- 1 companhia de sapadores mineiros sôbre auto-carros com chenille e pelotão de equipagem de pontes «O»;
- elementos de serviços (saúde e administração) sôbre auto-carros.

Esta organização permite em princípio o que foi exposto no parágrafo a) para os Grupos de Exploração das Grandes Unidades, mas com uma grande possibilidade de escolher as direcções mais oportunas por ter agregada uma esquadrilha de reconhecimento. A diminuição de motociclistas e artilharia é motivada pela diferença entre as missões de um Corpo de Ex. normal e as que podem ser confiadas a uma Div. rápida ou especial.

c) Para as Grandes Unidades couraçadas, onde a exploração táctica terrestre é geralmente efectuada também pela Divisão e onde a velocidade de deslocamento é sempre superior à das Grandes Unidades normais, o destacamento de exploração poderá compreender:

- elementos de comando e de transmissões;
- 1 esquadrilha de aviação de reconhecimento;
- 1 batalhão de motociclistas (análogo ao indicado no parágrafo a);
- 1 batalhão misto compreendendo 1 pelotão de comando, 1 companhia de auto-metralhadoras (15 auto-metralhadoras), 2 companhias de carros de reconhecimento L 6/40 (de 15 carros cada uma), 2 companhias anti-carro e anti-aéreas (de 8 peças de 20 m/m cada uma);
- 1 bateria 75/18 auto;
- 1 companhia de sapadores sôbre auto-carros com chenille e pelotão de equipagem de pontes «O»;
- elementos de serviços (saúde e administração) sôbre auto-carros.

Esta organização, além do que foi escrito acima para o grupo de exploração da Divisão rápida, oferece as vantagens de grandes possibilidades de defesa anti-carro e de acção fora dos caminhos, graças ao *dóbro* de meios anti-carros e anti-aéreas e de carros de reconhecimento L 6/40.

d) Para as Grandes Unidades operando em montanha.

A montanha, por causa das diferenças de nível e escassez de comunicações, estorva e limita o movimento das tropas.

É, pois, necessário, que os reconhecimentos (informações) obtidas pela exploração, cheguem ao Comando mais rapidamente que em planície, pois o estabelecimento de um plano de acção em pouco tempo é mais complexo e é maior a demora necessária para transmitir as ordens e deslocar as unidades. A rapidez das transmissões adquire, pois, em montanha, uma importância particular.

As vias de comunicação têm valores muito diversos: não é um só meio, mas a colaboração de todos adaptados à natureza do terreno que permite efectuar a exploração.

# Revista da Cavalaria

Em montanha, os pontos dominantes oferecem óptimas possibilidades de observação; mas para os atingir é preciso não só tempo e energia, mas muitas vezes também uma preparação especial: é menos uma questão de número que de qualidade.

Em geral, os principais vales são percorridos por estradas e caminhos utilizáveis pelos meios automóveis e motociclistas. O grupo de exploração estudado para as Grandes Unidades normais encontrará condições de emprêgo favoráveis ao longo de importantes vias de comunicação, sobretudo, se algumas companhias de atiradores transportados são dadas em reforço para serem empregadas lateralmente ao longo de caminhos secundários.

Ao contrário, nas zonas muito difíceis ou de grandes altitudes, é preciso recorrer ás unidades alpinas que constituem as «tropas rápidas de montanha». Neste caso, o grupo de exploração alpino — actuando por Divisão — poderá compreender 1 Batalhão com elementos de *esquiadores*, reforçado com artilharia e outros meios, segundo a missão e situação.

## III - Unidades de reforço

Sendo dada a organização exposta acima para os grupos de exploração, julgamos que os meios de reforço poderiam ser limitados:

a) para a execução da missão normal de exploração: a um aumento de elementos de engenharia (algumas vezes de pontoneiros) para restabelecer as comunicações; de possantes postos de rádio para uma ligação a maior distância com a Grande Unidade de que depende o grupo de exploração; algumas companhias de atiradores transportados para serem empregadas a pé numa parte do sector que seria impraticável para os meios motorizados; unidades anti-carros quando se presume que o inimigo pode fazer um largo emprêgo de meios couraçados;

b) para a ocupação preventiva de uma posição: meios necessários para a guarnecer (companhias de metralhadoras, unidades anti-carros, unidades de artilharia, transmissões rádio).

## IV - Emprêgo

O efectivo, a situação, o terreno e a rede de estradas influem directamente sobre o emprêgo dos grupos de exploração.

Êles dispõem-se em leque, lançando na frente ligeiros elementos, geralmente não superiores a uma esquadra, mas ousados e bem comandados (patrulhas). Êstes são os tentáculos destinados ao primeiro contacto

## Revista da Cavalaria

e à primeira sondagem das forças inimigas: a sua atitude deve sempre ser cheia de astúcia, decisão e agressividade.

As patrulhas são apoiadas por elementos fortes (destacamentos de exploração e grosso do grupo de exploração) a uma distância que varia segundo a extensão do sector e a necessidade de apoiar com maior ou menor urgência a acção das patrulhas.

O regulamento italiano prevê também o caso em que se pode actuar sem destacamento de exploração, mas esta disposição parece-nos pouco oportuna: estes destacamentos permitem com efeito sondar em vários pontos o desenvolvimento inimigo com forças de uma certa importância, antes de lançar o grosso para destruir a rede de exploração adversária na direcção que pareça conveniente.

Bem entendido, a distância entre as patrulhas e os destacamentos será inferior à distância entre os destacamentos e o grosso do grupo de exploração. Para os meios motorizados, esta distância poderá ser da ordem de 5 a 6 quilómetros entre as patrulhas e os destacamentos, e da ordem de 8 a 10 quilómetros entre estes últimos e o grosso.

Este processo — que se pode chamar «por secções» porque subdivide o Sector de Exploração em Secções, das quais cada uma é confiada a um destacamento de exploração — facilita a condução dos meios de reconhecimento; porém, nós julgamos que as patrulhas encarregadas das primeiras sondagens devem ser constituídas muitas vezes por elementos mais sólidos (esquadras reforçadas por armas de acompanhamento ou por auto-metralhadoras) a fim de assegurar desde o princípio a superioridade sobre o adversário. Se os destacamentos são também bastante fortes, o grosso poderá actuar mais seguramente para forçar as malhas da exploração adversária na direcção que o inimigo tem um interesse particular em cobrir.

Os motociclistas e auto-metralhadoras, aptos à surpresa, podem desordenar as patrulhas adversárias e infiltrar-se até aos grossos do inimigo, apoiados — se fôr necessário — por outros meios couraçados e artilharia. Devem actuar em massa, sem preocupação de ligações laterais, sobre as direcções principais para realizar uma sondagem em profundidade, e também sobre as comunicações transversais para atingir os elementos adversários sobre os flancos ou retaguardas.

As auto-metralhadoras e os carros completam a acção dos motociclistas, sobretudo ao longo dos caminhos, intervindo em força (acção dos destacamentos de exploração e do grosso compreendendo a artilharia) sempre que as patrulhas não consigam abrir caminho.

As companhias anti-carros e anti-aéreas (judiciosamente repartidas entre os destacamentos e o grosso) têm por missão destruir as tentativas dos engenhos blindados e da aviação inimiga.

# Revista da Cavalaria

Bem entendido, uma ligação aéro-terrestre é necessária para que a aviação possa guiar o grupo de exploração.

No caso de ocupação preventiva de uma posição, o sistema de defesa do grupo de exploração aproxima-se muito do escalão de segurança de uma Grande Unidade no combate defensivo. Com efeito, nos dois casos a resistência, limitada no tempo e no espaço, é baseada essencialmente sobre uma organização eficaz dos fogos e sobre acções de movimento resolutas e rápidas, conduzidas por elementos bastante limitados.

## V - Conclusões

No emprêgo do Grupo de Exploração, actua-se por meio de acções de força, de combate agressivo e rápido, com resultados positivos imediatos sem os quais é impossível obter as informações claras e seguras de que o Comandante da Grande Unidade tem necessidade para se empenhar no combate em condições favoráveis.

Uma análise rápida e segura da situação, uma decisão pronta e imediatamente traduzida em acções, são então particularmente necessárias para os comandantes dos Grupos de Exploração, ao mesmo tempo que uma perfeita instrução da tropa.

Os comandantes e pessoal dos Grupos de Exploração devem estar conscientes da importância da sua missão, devem ser muitíssimo ousados, sabendo que uma informação conhecida a tempo pode preparar a vitória da sua Grande Unidade.

Os Grupos de Exploração devem considerar como ponto de honra obter esta prioridade de informações que constitui a sua razão de existir.

NOTA — A falta dos Grupos de Reconhecimento orgânicos nas Grandes Unidades aparece como uma lacuna que preocupa os melhores militares italianos.

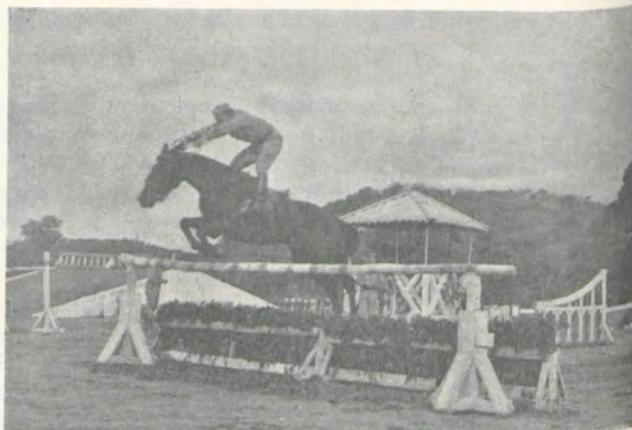
O autor dêste estudo exclui as unidades a-cavalo dos grupos de exploração. Ele propõe uma organização óptima dos Grupos de Exploração correspondente aos diferentes tipos de Grandes Unidades. Esta organização tem carácter puramente teórico, pois que só poderá existir em unidades dotadas de materiais modernos muito pouco vulgares nas forças armadas italianas, ou mesmo não aparecendo ainda em serviço (75/18 auto-motor).

**Revue Italiene à Culture Militaire**

*(Tradução do Curso de Cavalaria da Escola do Exército).*

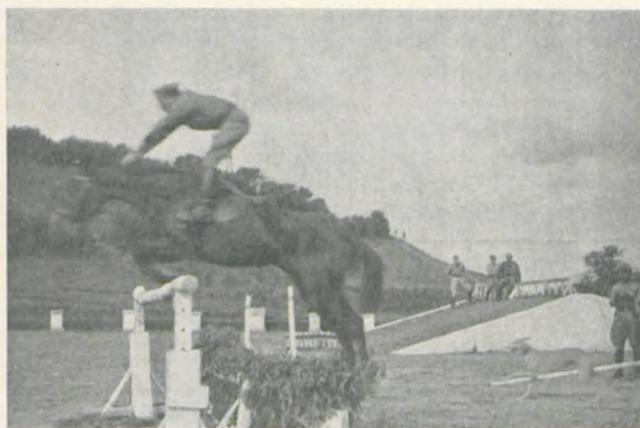
# Revista da Cavalaria

## Saltos «à Australiana» em Portugal



C OPIANDO o modo de saltar que um cavaleiro australiano apresentou num concurso hípico em Londres, um dos nossos cavaleiros, executou a proeza, como mostram as fotografias, embora num grau que as posses do cavalo e a pouca prática de tais «acrobacias» aconselhavam.

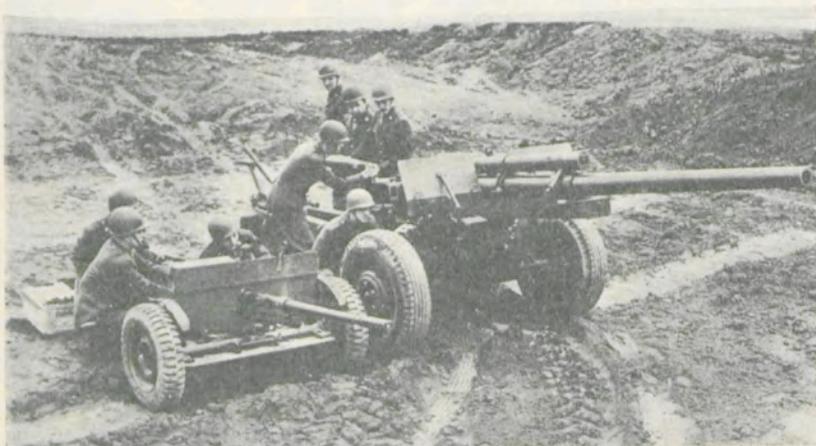
É, queremos crer, mais uma fantasia do que pròpriamente uma monte a explorar, pois que nem todos os cavalos se prestam a tais «variações» e ainda pela pouca eficiência no empurrar, dominar e intervir que haverá quando existir também a grande preocupação de marcar o momento pròprio da «largada para o vôo».



*Tórres Novas,  
Outubro de 1942.*

# Actualidades Gráficas

## Modernos canhões do exército dos E. U. A.



CANHÕES ANTI-CARROS DO EXÉRCITO AMERICANO — Esta fotografia tirada num campo militar de experiências, mostra o novo canhão anti-carro de 76<sup>mm</sup> (à direita) ao lado do canhão anti-carro de 37<sup>mm</sup> (à esquerda) durante as provas de tiro. O canhão de 76<sup>mm</sup> de grande velocidade inicial, é capaz de destruir com um só tiro qualquer carro a grande distância. O canhão de 37<sup>mm</sup> tem dado bons resultados, contra os autos de observação, automóveis blindados e carros ligeiros; êle foi largamente empregado, com pleno êxito, contra a infantaria japonesa na ilha do Guadalcanal.



ÁFRICA DO NORTE — Canhões de 105<sup>mm</sup>, montados sôbre camions TT do Exército americano, fazendo fogo sôbre uma posição inimiga. Êste conjunto camion-canhão tem largo emprêgo em acções de surpresa

## Campanha da Índia



ÍNDIA — Coluna indígena transportando material e viveres para um destacamento avançado do Exército americano, que se encontra na selva da região de Naga

## Material americano na guerra de Africa



FRENTE DA TUNISIA — Bateria anti-aérea da defesa de uma Base Aérea aliada, instalada nas áreas da Tunisia



Novo «Tank destroyer M-10» americano. Primeira fotografia do novo tank americano durante as provas na fábrica. Este carro alia à sua forte blindagem, maior velocidade que um carro normal, e é armado com um potente canhão

## Aspectos da actividade do Exército americano

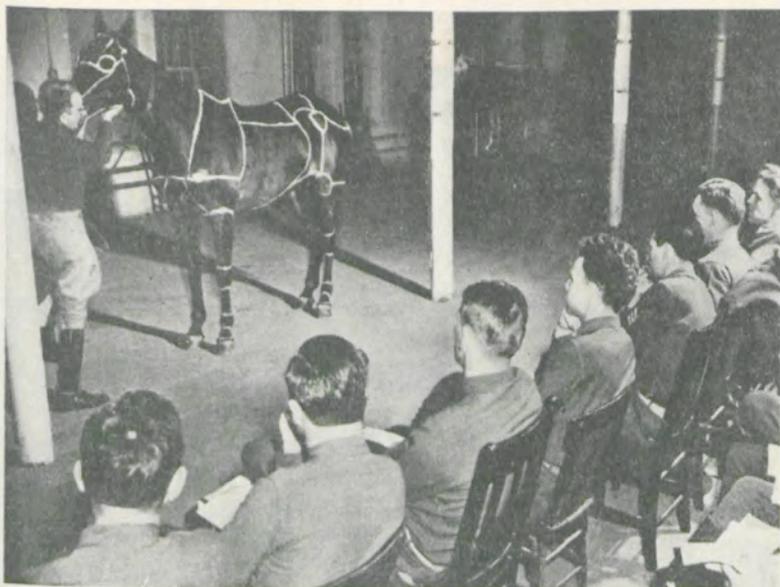


TUNÍSIA — Carros de combate ligeiros das forças blindadas americanas, avançando sobre as posições inimigas



BASE DA MARINHA AMERICANA EM ALASCA — Os abrigos estiveram sepultados durante uma tempestade de neve que durou três dias. Os aviadores da Armada, desta base, efectuam constantes vôos de patrulha na região glacial norte

## Escola de Cavalaria dos E. U. A.



*Um oficial de cavalaria americano, explicando o exterior do cavalo a uma classe de aspirantes a oficial*



*Oficiais de cavalaria americanos, transpondo em conjunto um obstáculo, num recinto reservado do Exército no Fort Riley*

## Novos modelos de material alemão

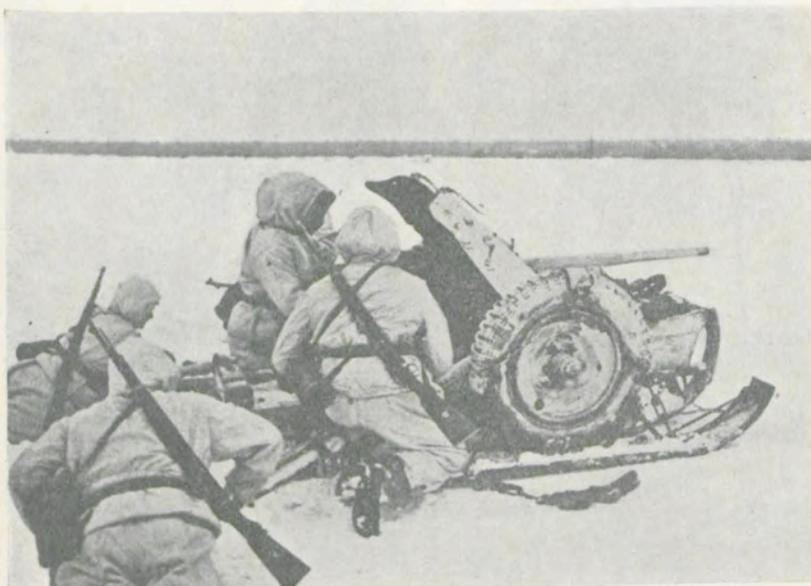


FRENTE DA TUNÍSIA — *Uma posição de metralhadora*

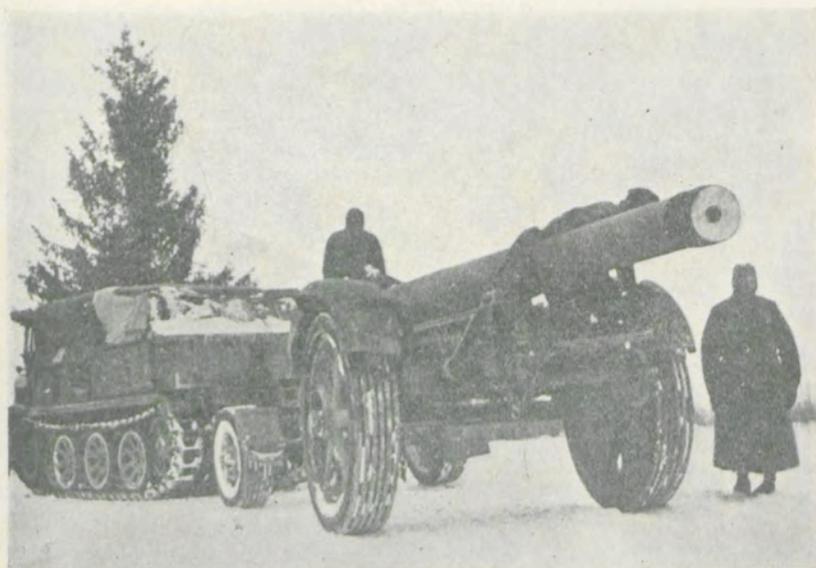


*Moderna metralhadora utilizada pela infantaria alemã*

## Aspectos da campanha da Rússia



*Peça de D. C. B. alemã montada sobre skis, mudando de posição*



*Artilharia pesada alemã, marchando para a frente de Volchow*

## Auto-metralhadoras e carros ligeiros do Exército alemão em acção



FRENTE DA TUNÍSIA — *Carro blindado de reconhecimento alemão (A.M.C.) a caminho da Tunisia*



FRENTE ORIENTAL — *Carros blindados alemães penetram velozmente através do dispositivo inimigo*

## A força blindada alemã avançando na frente Leste

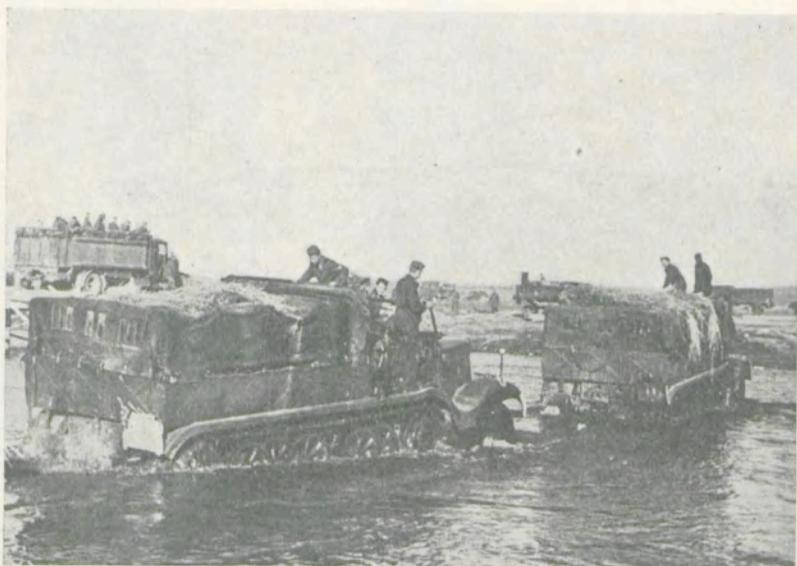


FRENTE LESTE — *Auto-metralhadoras alemãs avançam ao reconhecimento do inimigo, no sector do Don central*



FRENTE LESTE — *Carro blindado alemão*

## Aspectos da campanha alemã



FRENTE LESTE — *Uma coluna motorizada alemã atravessando um rio*



ÁFRICA DO NORTE — *Patrulha motorizada de reconhecimento. Estas patrulhas são protegidas por um canhão ligeiro e uma metralhadora, montados num automóvel de campanha.*

## Actualidades da frente Leste



ODESSA — *Um aspecto da cidade depois do ataque das tropas alemãs e romenas*



*Uma patrulha de choque alemã, avançando num novo modelo de Carro de Assalto em direcção ao inimigo*

## Aspectos do actual conflito

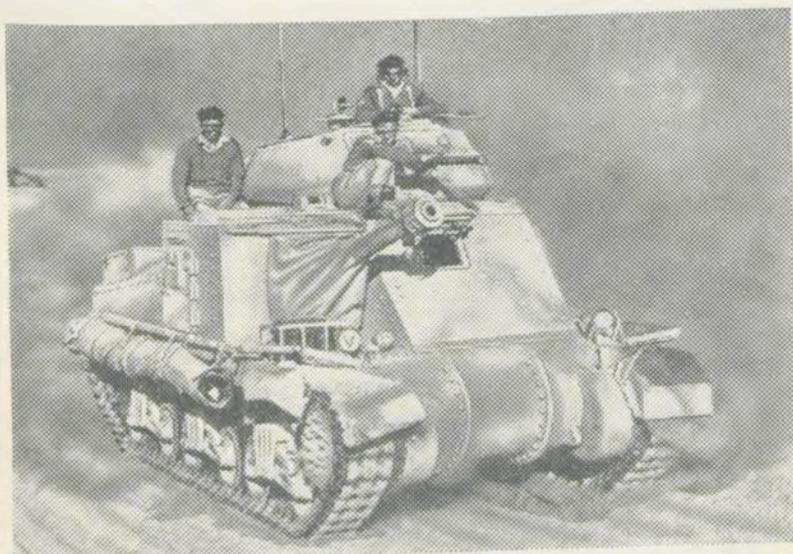


*Metralhadora alemã fazendo fogo de noite nas costas do Canal da Mancha*

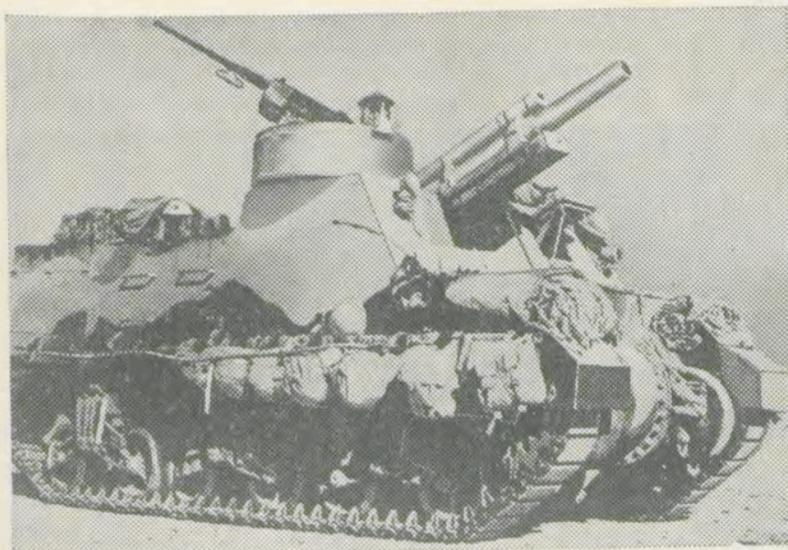


*Esta curiosa fotografia mostra um cavaleiro a cavalo, uma auto-metralhadora e um canhão da D. C. B. alemã, avançando na região do Lago Ilmen*

## Novos Carros de Combate Ingleses na Guerra de Africa

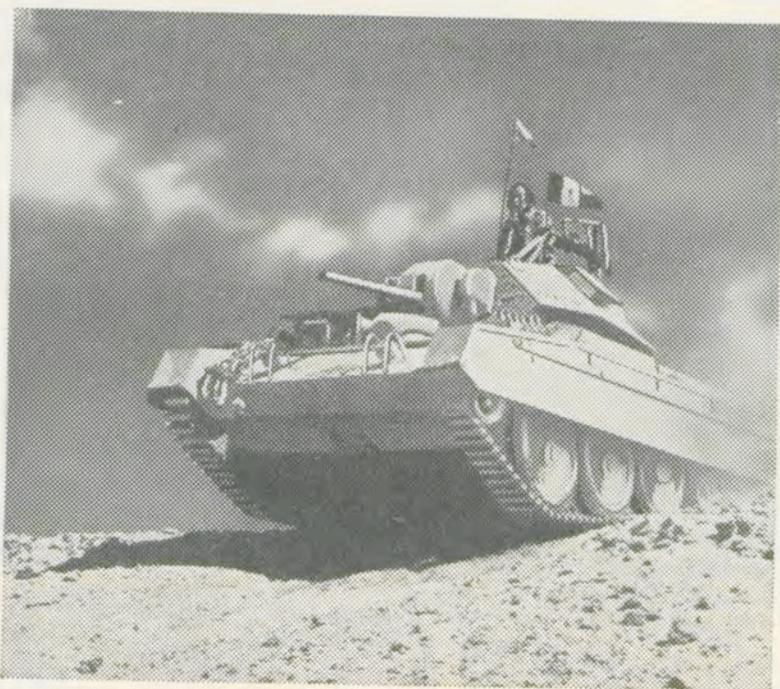


ÁFRICA DO NORTE — Um tanque «General Grant» deslocando-se através de uma nuvem de poeira



ÁFRICA DO NORTE — Moderno carro «Priest», armado com uma peça de 10,5, e uma anti-aérea. As peças são montadas sobre um chassis «M-3 General Grant». Este conjunto fez o seu aparecimento em Alamein

## Aspectos da Campanha de África do Exército Inglês



*Um «Crusader» da coluna francesa, que coopera com o 8.º Exército, em serviço de patrulhamento do deserto*



*TUNÍSIA — A figura mostra uma peça inglesa de 25, entrando em bateria na frente de Djebel-Bargou*



## Os "Jeeps,"

**D**A necessidade de prover a tropa mecanizada com um elemento rápido e flexível, capaz de fazer tudo que a cavalaria fazia, surgiu a idéia dos «Jeeps».

Esse nome traz à mente o famoso personagem cômico dos jornais americanos e também dos desenhos animados na tela—«Popeye the sailor». Foi ele quem se viu às voltas com a sua própria criação, o boneco «Jeep», insuperável em suas façanhas e artimanhas.

É natural, pois, que ao já famoso carro de reconhecimento do exército americano, capaz de tôdas as façanhas, como um verdadeiro prodígio de mecânica, se haja dado a denominação de «Jeep».

Esse pequeno automóvel, de quarto de tonelada, mas possante com suas quatro rodas motrizes, tem batido todos os «records» de agilidade, manabilidade e resistência. É o menor de todos os veículos motorizados do exército—que hoje dispõe de vários tipos.

A artilharia, a cavalaria e a infantaria, enfim, tôdas as armas têm aplicado o «Jeep» para seus usos especiais. Usam-no como carro de reconhecimento, como rebocador de canhões anti-aéreos, como transporte de primeira mão, ou mensageiro; para transportar munições, máquinas e ferramentas, onde quer que seja necessário, enfim, dêle se servem como de um verdadeiro «pau para tôda a obra».

A vantagem essencial do «Jeep» é prestar-se para correr em boas e más estradas, para vencer escarpas, avançar por valas e buracos, por paus e por pedras, por água e lama, neve e gelo. Foi construído para enfrentar tudo isso e—por incrível que pareça, até tremendos solavancos que o projectam no ar, como um carro voador. E quando ganha o terreno novamente, mostra-se insensível a tais choques e prossegue em sua corrida fantástica, como se nada houvesse acontecido.

É leve bastante para ser convenientemente transportado em aviões e largado dos ares em pára-quedas, a fim de ser imediatamente usado por tropas de infantaria aérea. Valiosíssimo como é para tantas aplicações, o «Jeep» é simples de fabricar, razão por que estão sendo produzidos aos milhares para tôdas as armas.

A despeito de tal prodigalidade de aplicação, o «Jeep» é em muitos aspectos um veículo similar ao pequeno automóvel ou ao caminhão ligeiro. Volante, freios, embreagem e instrumentos, comandos do acelerador

## Revista da Cavalaria

e do arranco, são como os dos demais automóveis. Qualquer motorista habilitado pode manejá-lo e dirigi-lo com tóda a facilidade.

Apesar de estarem sendo produzidos em série por três fabricantes diferentes, cada modelo é básicamente o mesmo. A sua manufatura em grande escala começou no ano passado, e as vantagens de seu uso têm sido vastamente aproveitadas na constante expansão do efectivo das forças militares que breve atingirá milhões.



*Graças às suas quatro rodas motoras, os «Jeeps» rebocam com grande facilidade canhões anti-carro, através de terreno acidentado*

## Revista da Cavalaria

Característica importante, que torna o «Jeep» capaz de realizar coisas extraordinárias, é a transmissão selectiva às quatro rodas, e cuja energia procede de uma caixa de mudança que lhe proporciona seis velocidades para a frente e duas para trás. Todos os motores destinados a esses carros dispõem de instalação lubrificante de alimentação forçada, para que possam continuar em marcha quando o «Jeep» faz subidas muito íngremes, ou se vê forçado a correr em ladeiras com grande inclinação transversal. Quanto a planos inclinados, nenhum outro carro é capaz de fazer o que faz esse verdadeiro cabrito montês. Ângulos de 55 graus não lhe fazem diferença alguma. Demais, a sua construção é tão forte, não obstante o seu reduzido pêso, que quando ele vira, a sua guarnição coloca-se novamente em posição, e continua o seu caminho. É uma arma motorizada ideal em qualquer terreno.



*O «jeep» ao serviço da agricultura*

Tubos para lubrificação, distribuidores, geradores, acumuladores, baterias e demais acessórios eléctricos, são colocados o mais próximo possível da parte superior do motor, de modo que a sua distância ao nível eventual de água em terreno inundado é bastante considerável, a fim de proteger essas partes vitais. A sua «linha de água» fica acima dos estribos, vantagem importante em operações de guerra, quando aparecem obstáculos aquáticos.

A sua curta distância entre os eixos, aproximadamente de 2,1 metros, é muito menor que a do automóvel comum e permite-lhe extraordinária

## Revista da Cavalaria

manobrabilidade. Por isso constitui êle, com uma guarnição de três homens, excelente rebocador de peças anti-tanques de 37 e até de 75 mm. O «Jeep» constitui a alma dos recém-organizados batalhões destruidores de tanques.

Em vez de esperar o ataque, os «Jeeps», como uma manada infernal de lobos, enfrentam, cercam os tanques, acoessando-os, rápidos, pelos flancos, usando da cortina de fumaça para desnorteá-los. A sua construção é tão rente ao terreno, que lhe é fácil ocultar-se em meio de vegetação baixa, ao mesmo tempo que é difícil para os atiradores do tanque não somente distingui-los como acertar a pontaria. E quando são destruídos, é fácil substituí-los, tal a quantidade da sua produção contínua pela indústria de automóveis, que está fazendo entrega de centenas deles, diariamente.

**Em Guarda** — Dezembro, 1942





## A GUERRA DE TANQUES NO LESTE

Existe uma tática especial da arma blindada nas lutas de inverno?

pelo Capitão Wilmsdorff

J Á quando no outono começou a época da chuva e da lama na União Soviética, descendo as temperaturas da noite abaixo de zero, para o soldado da arma blindada chegara o momento de se acomodar de novo, exterior e interiormente, à guerra de inverno. A paragem das operações resultante da vinda do período da lama e o descanso para as tropas motorizadas tinham de ser preenchidos com preparativos.

Não renunciamos aos veículos motorizados durante o inverno, visto o nosso material e as condições do terreno permitirem o seu emprêgo. A fim de aumentar a mobilidade dos tanques no terreno, são aplicados dispositivos especiais às lagartas, dispositivos êsses que já no inverno passado deram boas provas. As armas são limpas do óleo e levemente untadas com um óleo especial visto abaixo de 15 graus negativos os óleos pesados impedirem a mobilidade do carro, por efeito de congelação. Naturalmente, torna-se necessário ter um fardamento adequado. Sobre-tudo, o soldado precisa de botas forradas de feltro, de casacos de peles e de abafos. Visto a equipagem de um tanque não poder mover-se muito, em virtude do pouco espaço, está mais exposta ao frio e necessita de abafos especiais. À questão dos abafos ligou-se neste inverno ainda mais importância.

O emprêgo da arma blindada no inverno, condicionado pela abundante queda de neve, tem, porém, carácter mais defensivo. Quando a neve é muito alta, os carros só podem andar por caminhos em parte limpos da neve. Mesmo quando neva pouco, o vento das estepes provoca constantes acumulações de neve, as quais chegam a atingir 2 metros nas estradas. Corresponde ao espírito e à mobilidade dos dirigentes da arma blindada o terem conseguido conquistar localidades, apesar das dificuldades e da falta do auxílio da infantaria. Evidentemente, isto só era realizável em pontos onde as condições do terreno eram favoráveis. Os carros seguiam pelos pontos mais altos, onde a neve, geralmente, é afastada pelo vento, lançando-se em seguida em direcção à aldeia pela encosta, igualmente limpa de neve, disparando com tôdas as bôcas de fogo disponíveis. As dificuldades na aldeia, devidas à neve e ao gêlo, foram também vencidas pelo apoio mútuo dos tanques.

A surpresa tem importância decisiva. Uma companhia couraçada, por exemplo, conseguiu pelo seu inesperado aparecimento capturar 14

# Revista da Cavalaria

canhões e aprisionar a maior parte do inimigo que se refugiara nas casas da aldeia.

De um modo geral, a arma couraçada é empregada no inverno só em estreita cooperação com a infantaria. O granadeiro alemão sabe que o auxílio dos tanques lhe dá fôrças. Existem, portanto, entre ambas as armas, as melhores relações de camaradagem.

O abrigo dos tanques faz-se em conjunto, de modo que os carros não ficam tão expostos às intempéries. Os abrigos são, ao mesmo tempo, pontos de reabastecimento de carburante e de munições. O reabastecimento é, por vezes, muito difícil e só se pode realizar com o emprêgo de trenós. Isto apenas aparentemente está em contradição com a tese de que os nossos veículos motorizados podem ser utilizados também durante o inverno; todavia, por detrás da frente e em caminhos menos importantes, nem sempre é possível remover rapidamente a neve. Quando o inimigo ataca num ponto com grandes fôrças ou as suas posições tenham sido reconhecidas e se trata então de as destruir, a rapidez com que se faz o reabastecimento pode ter importância decisiva.

As cabanas de terra, no verão tão temidas por causa dos piolhos, voltaram agora no inverno às suas honras. Onde há poucas casas, constroem-se casas de neve ou pequenas casamatas debaixo da terra. O soldado alemão é, neste ponto, muito inventivo. Fazem-se fogões, as paredes são cobertas com madeira, o chão é igualmente arranjado com madeira e arranjam-se camas. Tudo se faz o melhor e mais confortável possível.

As experiências mostraram que o emprêgo dos tanques tem de ser preparado a partir dos seus pontos de apoio. Se o caminho é muito longo, têm de estabelecer-se pontos de apoio de segunda ordem, logo por detrás das primeiras linhas. O inimigo copiou essa nossa organização, mas não obteve o mesmo êxito, por a sua organização não ser tão boa como a nossa. Sobretudo, não se deve esquecer que os tanques consomem no inverno mais carburante do que no verão.

O poder nas nossas armas, na luta contra os tanques inimigos, reside na sua rapidez e na melhor visibilidade. Ambos os factores são afectados durante o inverno. Também aqui se fez tudo para conservar estas vantagens na época de inverno. Em caso de não existirem armas pesadas, podem utilizar-se os tanques nas primeiras linhas, cobrindo-se com neve. Isto é, porém, uma excepção.

Não há uma tática especial de inverno. O objectivo tem sido, todavia, dar ao soldado todos os conhecimentos de que necessita para se precaver contra o inverno.





## HIPISMO E CRIAÇÃO DE CAVALOS PURO SANGUE NA NOVA ALEMANHA

Apropósito do 75.º aniversário do «Union Club»

Por H. Von Kayser

(General de Cavalaria na disponibilidade e Presidente da Comissão Técnica do «Union Club»)

FÉZ em 15 de Dezembro 75 anos que, em Berlim, entusiastas do hipismo e do desporto, se reuniram formando uma entidade centralizadora do desporto hípico na Alemanha. Sob o lema de «viribus unitus», fundaram o «Union Club», o qual devia e veio a ser o representante do desporto hípico alemão. E se agora, acompanhando a evolução dos tempos, há 9 anos que existe uma entidade superior do desporto hípico, ninguém pode deixar de admirar a obra levada a cabo pelo «Union Club» nos 66 anos anteriores, durante os quais foi a entidade máxima e competente para decidir sobre todas as questões relativas ao hipismo. É, e continua a ser mérito indiscutível dos técnicos do «Union Club» terem traçado as directrizes que hoje continuam a ser acatadas.

Claro que os novos resultados da investigação e da ciência também têm de ser postos ao serviço do hipismo e por ele aproveitados. Há que contar, porém, com as dificuldades inerentes a uma nova orientação neste campo. Entrar é fácil, mas reformar é lento e dificultoso.

A organização do hipismo continua ainda estreitamente ligada àquilo que é comum na Inglaterra, a pátria deste desporto. Diligenciaremos, porém, trazer ao primeiro plano aquêles interesses que mais correspondem ao nosso clima. Isto podia verificar-se num prazo mais tardio, no começo das corridas de cavalos de dois anos.

Conseqüentemente, deviam organizar-se maiores provas de criação no quarto ano de vida do cavalo. Nessa altura seriam então objecto de muito maior atenção e exame a *capacidade de resistência*.

Certamente que a *rapidez* também representa uma das melhores medidas para avaliar dos progressos alcançados na criação. Mas mais importante ainda é obter cavalos resistentes. A criação de puros sangue só por si nada representa. As corridas devem dar a prova da capacidade de rendimento no interesse da futura criação. Deverá, porém, ser orien-

## Revista da Cavalaria

tada no sentido de se obter um tipo de cavalos robustos, resistentes e sãos de temperamento e constituição.

Será, pois, necessário, reorganizar a nossa criação de puros sangue e o desporto hípico correspondente. Por último, deverão predominar dois pontos de vista: por um lado, uma concepção clara das provas de criação; por outro lado, em devido tempo deverá sair do desporto em campo raso, o que não é considerado para a criação futura. De certo que isto só poderá passar-se «cum grano salis». A organização do desporto das corridas é que terá de oferecer a possibilidade para tal. O desporto de obstáculos e em especial o de amadores, constituem o ensejo.

Desta forma, atrás das frentes que defendem a segurança da Alemanha cuida-se do existente, cria-se novo e prepara-se com inteligência o futuro. Depois da guerra será grande a procura de cavalos puro sangue. Não é só a Alemanha que terá de ser abastecida. Muito em especial os países do Leste e Sudeste já agora anunciam a sua disposição para se tornarem grandes compradores.

Mais uma vez, a guerra veio provar que o cavalo pertence indissolúvelmente ao soldado. Assim, estes países trabalham no aperfeiçoamento e desenvolvimento crescente das suas criações de cavalos.

Criar um cavalo próprio da Europa, adaptando-o às condições climáticas da Alemanha será a missão, que neste sector, se impõe levar a cabo na Nova Alemanha: «Pro patria est, dum ludere videmur».



# A DEFESA ANTI-TANQUE ALEMÃ

As armas e os métodos empregados na luta contra os tanques na frente leste

pelo Ten. Cor. Benary



Nas últimas semanas e meses habituámo-nos, não sem razão, a apreciar a grandeza de uma vitória pelo número de tanques destruídos. Os tanques constituem as pontas férreas do ataque, seja ele conduzido em massa ou em grupos isolados, formando a espinha dorsal da infantaria que avança contra o inimigo. Uma vez aniquilados, o ataque perdeu grande parte do seu impeto e da sua fôrça.

Tôdas as armas visam a obtenção do objectivo previsto. O observador no avião de reconhecimento perscruta atentamente a frente, tentando descobrir quaisquer sinais que indiquem um ataque inimigo de fôrças couraçadas. Em caso afirmativo, são avisados pela T. S. F. os aviões de combate e de vôo a pique, os quais se lançam sôbre as estradas e êsses monstros blindados. Além disso, a artilharia pesada começa a bater as regiões onde se suspeita que haja concentrações de tanques.

Porém, o fulcro principal da defesa anti-tanque é formado pelos caçadores blindados. Nos anos que se seguiram à grande guerra os caçadores desligaram-se da artilharia e, reünidos em secções independentes de caçadores blindados ou constituindo uma 14.<sup>a</sup> companhia dos regimentos de infantaria, transformaram-se numa arma autónoma. O seu instrumento de combate é o canhão, que na artilharia passou um pouco para segundo plano, isto é, o canhão que devido ao seu tiro rasante tem um poder de perfuração a que não resiste nem a mais poderosa blindagem. Esta nova secção do Exército mantém-se numa posição de observação, preparada e de atalaia ao aparecimento de tanques inimigos, para depois despejar sôbre êles, à menor distância possível e em tiro directo, a sua carga mortífera de granadas. Os seus canhões são agora dotados de grande mobilidade graças à motorização e, desta maneira, acham-se em condições de aparecer rapidamente em qualquer parte onde possam surgir de surpresa carros inimigos. Os canhões da D. C. A. do Exército, que utilizam também o seu tiro rasante contra alvos terrestres, e os postos avançados da artilharia de campanha rivalizam com os caçadores blindados. Os carros blindados e os canhões de assalto possuem a capacidade necessária para uma condução ainda mais rápida da defesa contra os tanques. Êstes procuram encontrar uma posição de tiro favorável, para então, desencadeado o duelo, decidirem a luta a seu favor, graças à sua superioridade de tiro.

As tropas a pé dispõem das seguintes armas de defesa: minas-T., cargas explosivas, lança-chamas e garrafas incendiárias. As minas-T são recipientes de metal, cujos efeitos destruidores têm aumentado progressi-

## Revista da Cavalaria

vamente no decorrer da guerra. São colocadas por homens particularmente corajosos à frente das lagartas dos colossos blindados ou ligadas a qualquer parte sensível da sua construção. Os lança-chamas tanto actuam directamente sobre a tripulação do tanque como indirectamente sobre o próprio tanque, visto que os seus raios de fogo incendeiam o carro blindado e os respectivos depósitos de óleo e gasolina. As garrafas incendiárias, garrafas com elementos químicos facilmente inflamáveis, incendeiam também o carro inimigo quando bem atiradas. Além destas armas citadas, as tropas de infantaria e de sapadores encarregadas da destruição dos tanques, podem dispor de qualquer meio de combate, como sucedeu com aquêle tenente romeno que, não podendo dispor de mais nada, lançou mão de um machado que estava no fortim e, saltando com êle para cima do tanque, tanta pancada deu na metralhadora que a inutilizou por completo, tornando assim o tanque incapaz de actuar.

As secções de infantaria, que não dispõem de quaisquer armas para a destruição dos tanques, atacam com metralhadoras e armas manuais os canhões que seguem imediatamente os tanques e visam ocupar e conservar o terreno por estes conquistado. A destruição destes canhões não é menos importante que a dos carros de combate. Além da defesa activa, existe a defesa passiva contra os tanques, a qual é constituída por fossos, campos de minas, obstáculos, arame farpado, barricadas e barreiras.

A defesa anti-tanque é uma espécie de luta como qualquer outra. Nem uma só arma, nem um único meio de combate é decisivo. Apenas o seu conjunto e a sua colaboração perfeita asseguram o êxito. Quando na Grande Guerra surgiram diante das linhas alemãs esquadras de tanques, o pavor do tanque apossou-se de muitos homens bravos. As coisas, porém, mudaram: hoje em dia, não só o caçador blindado se mostra inteiramente à altura dos canhões blindados, como também as restantes armas ou possuem meios suficientes para atacar os tanques ou sabem que outras formações lhes prestarão a tempo o necessário apoio. Não obstante, é necessária uma rija tèmpera para se estar à altura na luta de tanques. A prova de que essa tèmpera não falta aos soldados alemães está no número de carros inimigos destruídos. Em 3 dias um só atirador destruiu 12 carros, e uma secção de caçadores blindados, desde o comêço da campanha no Leste, deu conta de 1.000 tanques. A guarnição de Estalinegrado destruiu 800. Não é um simples acaso o facto do primeiro portador da Cruz de Cavaleiro pertencer a uma secção de caçadores blindados. Muitos outros se lhe seguiram, e muitos usam a braçadeira que o Führer instituiu para galardoar o esforço pessoal na destruição de carros blindados. Tudo isto são provas da exactidão da advertência que um dos fundadores da nova arma dos caçadores blindados repetia constantemente aos seus homens: — «No fim de contas não são o aparelho nem as armas que fazem o caçador blindado, mas sim o talento dèste durante a perseguição e a sua fôrça de vontade em obrigar, com astúcia e violência, o adversário ao combate».



## O «CAMARADA» CAVALO

pelo Major-general Trauch

### A acção dos trens de reabastecimento

JAMBÊM nesta guerra, em que a motorização dos exércitos vence o espaço e o tempo, há etapas nas quais a viatura hipomóvel é o melhor, o mais seguro e o único meio de transporte. Se o motor é um auxiliar decisivo na luta, quando é necessário aniquilar as massas inimigas por meio de investidas rápidas e estrategicamente ousadas, o «camarada» cavalo é sempre um auxiliar para a vitória, quando se trata de vencer os obstáculos naturais do território inimigo, como a areia, a lama, o gelo ou a neve.

E quem fala do cavalo, nesta guerra, refere-se também, implicitamente ao seu condutor e tratador. É na fiel camaradagem entre homem e solípede que reside o segredo dos feitos, freqüentemente tão extraordinários, das secções hipo de reabastecimento, conseguindo sempre levar às tropas em campanha tudo aquilo de que necessitam para viver e combater.

Um terreno no qual o motor ainda é senhor da estrada, só por si exige imenso de uma secção hipomóvel. É que aqui têm de se esforçar ao máximo por corresponder à velocidade das tropas motorizadas. Em verdade, na terra sem caminhos dos bolchevistas, o peso principal do abastecimento continua tanto quanto possível a incidir sobre as secções auto. É isso imposto pela enormíssima distância das linhas de comunicação. Todos os dias, porém, pode surgir uma situação, que obrigue as secções hipo a tomarem sobre si a principal tarefa dos serviços de abastecimento. De um dia para outro, a chuva e o mau tempo criam circunstâncias, nas quais só elas estão em condições de agir. É, pois, necessário, que mesmo quando o motor actua, elas estejam à disposição. Significa isso — pela perseverança na marcha competir com o motor naquilo que ele consegue pela sua rapidez.

Já nesta «competição» entre a Natureza e a Técnica é preciso que a dedicação e a capacidade de rendimento do homem e do solípede deem as melhores provas.

## Revista da Cavalaria

Além das dificuldades do terreno que os trens de reabastecimento têm de vencer, há a contar também com a múltipla ação do inimigo, que freqüentes vezes ataca as linhas de reabastecimento, para assim cortar às forças combatentes a sua artéria vital. Esse perigo para os serviços de reabastecimento cresce, como é natural, com a proximidade das primeiras linhas.

A camaradagem entre o soldado e o cavalo existirá sempre enquanto houver soldados. Um e outro não se podem conceber separados ao imaginarmos o quadro da guerra. Também nesta época da Técnica essa camaradagem se voltou a afirmar; em nenhuma outra arma ou serviço, porém, tanto e tão freqüentemente como no Serviço de Reabastecimento, pois só ela tornou possíveis os feitos, que, mesmo nas mais difíceis condições, asseguraram a resistência e a capacidade ofensiva das nossas tropas.

S. I. A.



# Dansk Industri Syndikat

Material «Madsen»

**Metralhadoras e Canhões Automáticos**

Armas automáticas de pequeno e grande calibre para o Exército, Marinha, Aviação, Defesa contra Aerónaves e Defesa contra Carros de Assalto



O canhão automático **Madsen** de 20<sup>mm</sup>, sôbre «side-car», pode fazer fogo montado sôbre êste, ou no terreno, sôbre o reparo a que está permanentemente ligado

A passagem do canhão da sua posição de transporte para a de tiro no terreno executa-se em menos de um minuto

REPRESENTANTES PARA PORTUGAL E COLÓNIAS:

*Monteiro Gomes, Limitada*

Rua Cascais (Alcântara), 47

L I S B O A



# BANACÃO

O MELHOR DOS  
ALIMENTOS

Produto português  
para os portugueses



O BANACÃO  
é preferido para a 1.<sup>a</sup> refeição

porque todos os que o tomam, se sentem mais confortados até à 2.<sup>a</sup> refeição,

porque ao fim de poucos dias conhecem a diferença do seu vigôr nos exercícios físicos, que normalmente fazem,

porque é mais agradável ao paladar.

## OS PARECERES MÉDICOS

provam que é mais nutritivo,

provam que fornece mais calorias que qualquer outra refeição.

**BANACÃO SEMPRE BANACÃO**

*Tipografia  
dos Combatentes*



*da Liga  
da Grande Guerra*

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS  
EM TODOS OS GÊNEROS

CALÇADA DOS CAETANOS, 18  
Telefone 21450



*Sociedade Revendedora de Papéis, Lda*



Fornecedores de  
papéis nacionais e estrangeiros  
para Revistas, Livros, Jornais, Indú-  
strias Gráficas, Litográficas e Congéneres

Telefone 21985 — Rua do Norte, 85 — LISBOA

## Joaquim Godinho da Silva

Sucessor. Limitada

....

Antiga casa  
VIÚVA MOURA

....

Armazém de Retrozeiro,  
Malhas e Miudezas

....

Rua dos Fanqueiros, 84-1.º — LISBOA

Telefone 2 6577

## Oficinas Gerais de Material de Engenharia

Sede: Avenida da Índia — BELÉM

### Manufatura de Material de Engenharia

Sapadores mineiros, sapadores  
de caminhos de ferro, telegrafia  
e telefonia por fios e sem fios,  
:: pontoneiros, automobilistas ::

### Mobília e utensílios

Trabalhos em ferro e madeira para  
construção civil

Construção, reparação e pintura  
de carroseries

Fundição, Vulcanização, Niquelagem, etc.

Fornecimento e fabricação  
de sobresselentes para automó-  
veis e motocicletes

Fornecimentos análogos para o público

# J. Wimmer & C.º

Casa fundada em 1864

LISBOA

Avenida 24 de Julho, 34

AGENTES EXCLUSIVOS DE:

Motores Diesel «MWM-BENZ» modelos marítimos

MAUSERWERKE A. G.

RHEINMETALL — BORSIG A. G.

DEUTSCHE WAFFEN — UND MUNITIONS — FARIKEN A. G.

JUNKERS FLUGZEUG UND MOTORENWERKE A. G.

AÇOS ESPECIAIS «MARATHON»

**Exportadores de minérios e produtos coloniais**

## GOUVEIA & SILVA

S.ºr CAMBISTA NEVES

CÂMBIOS  
LOTARIAS

e PAPÉIS  
de CRÉDITO

84, Rua da Assunção, 86

(Próximo à Rua do Ouro)

Tel. 2 6782 — LISBOA

## MÉCO, Limitada

20, L. Rafael Bordalo Pinheiro, 25

Telef. (P. B. X.) 20496 e 27318

LISBOA

Fábrica de sobrescritos  
e manipulação de papéis

Depósito de papéis e  
cartolinas de tôdas  
as qualidades

Fabricantes exclusivos da  
famosa marca de papel

MICKEY



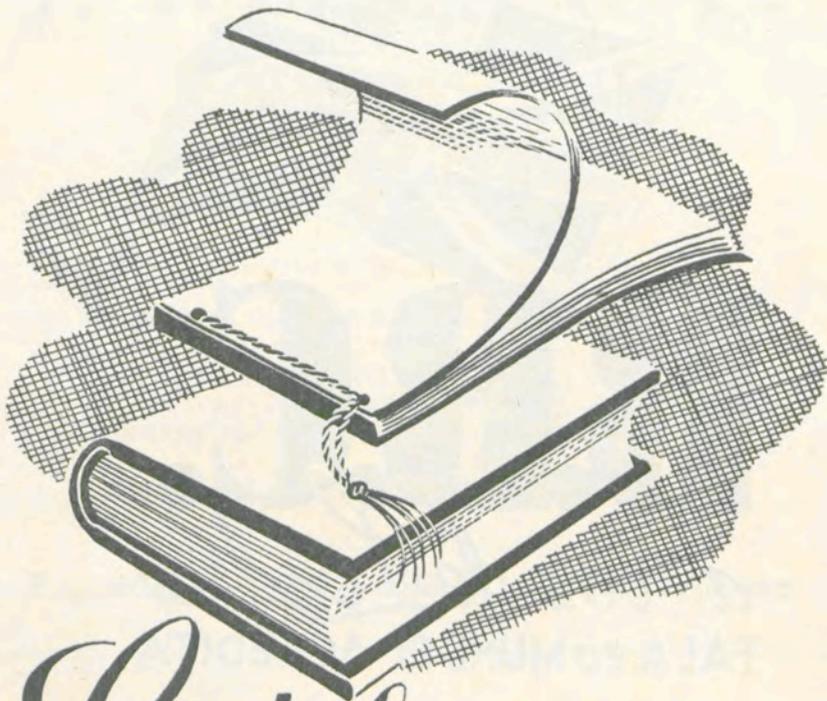
# B.B.C.

*a voz de Londres*

FALA e o MUNDO ACREDITA

## Emissões em LÍNGUA PORTUGUESA

Hora de Lisboa	Comprimentos de Onda
9,45 . . . . .	41,75 m. ( 7,19 mc/s)
	31,75 m. ( 9,45 mc/s)
	31,32 m. ( 9,58 mc/s)
14,15 . . . . .	24,92 m. (12,04 mc/s)
	19,76 m. (15,28 mc/s)
22,45 . . . . .	31,75 m. ( 9,45 mc/s)
	41,32 m. ( 7,26 mc/s)
	42,13 m. ( 7,13 mc/s)
	261,10 m. ( 1,149 kc/s)
	1.500,00 m. ( 200 kc/s)



*Catálogos, f.  
álbuns,*

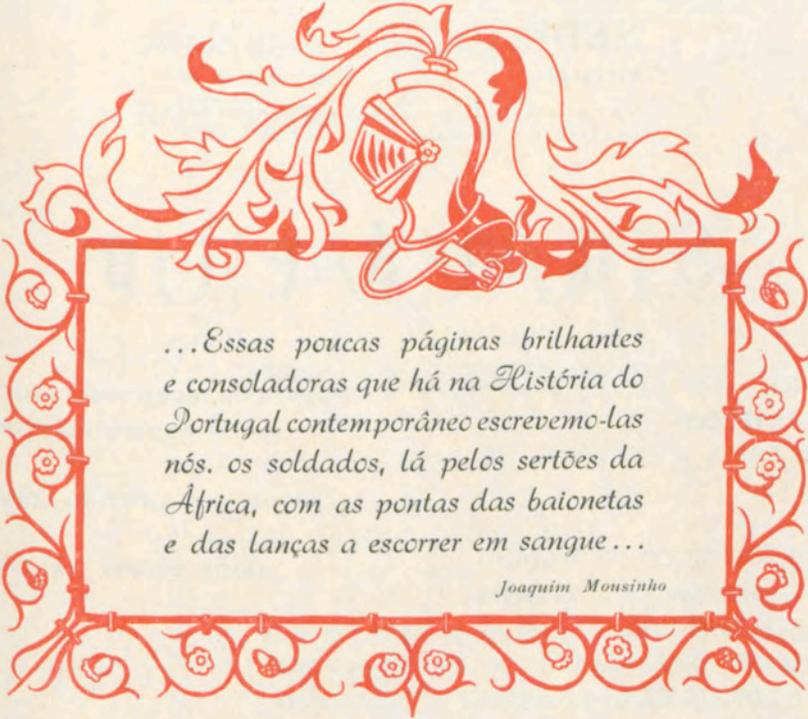
TRABALHOS  
TIPOGRÁFICOS,  
SIMPLES E DE LUXO,  
REPRODUÇÕES  
EM FOTOGRAVURA,  
O F F S E T  
E LITOGRAFIA

**BERTRAND IRMÃOS, L.<sup>DA</sup>**

Travessa da Condessa do Rio, 27, LISBOA — Telefones P. B. X. 2 1227 e 2 1368

---

---



*...Essas poucas páginas brilhantes  
e consoladoras que há na História do  
Portugal contemporâneo escrevemo-las  
nós. os soldados, lá pelos sertões da  
África, com as pontas das baionetas  
e das lanças a escorrer em sangue...*

*Joaquim Mousinho*

# Revista da Cavalaria

Publicação bimestral

## CORPO DIRECTIVO

CAPITÃO JOÃO CORREIA BARRENTO

CAPITÃO AMADEU S.<sup>TO</sup> ANDRÉ PEREIRA

CAPITÃO AUGUSTO CASIMIRO GOMES

TENENTE ANTÓNIO S. RIBEIRO DESPÍNOLA

## EDITOR E ADMINISTRADOR

TENENTE LUÍS MANUEL TAVARES

SEDE QUARTEL DO CARMO

L I S B O A

PROVISÓRIA TELEF. 2 2 1 2 2

Composta e impressa na Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra

# S u m á r i o

NUNÁLVARES

## TEMAS TÁCTICOS

SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DA  
REMONTA

## HIPISMO:

CONCURSO HÍPICO DE MADRID

## JORNAIS — REVISTAS — LIVROS

CAVALARIA JAPONESA

ACTUALIDADES GRÁFICAS

A CAVALARIA ITALIANA NA  
FRENTE RUSSA

O CAVALO E A GUERRA

CAVALARIA SOVIÉTICA

UM DIA NA ESCOLA DE CAVALA-  
RIA DE TÓRRES NOVAS

TEN. COR. CARLOS SELVAGEM 191  
MAJOR AGUIAR FERREIRA 199

MAJOR VET. ANTÓNIO LEBRE 220

MAJOR BUCETA MARTINS 237

COR. ALESSANDRO B. CAZZAGO 272

VET. MAYOR ESPESO DEL POZO 277

LEOPOLD FIEDLEV 285

LEOPOLD FIEDLEV 287

COLABORAÇÃO ARTÍSTICA DE — DELFIM MAIA E ANTÓNIO XAVIER  
A DOCTRINA DOS ARTIGOS PUBLICADOS É DA RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

## CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Ano . . . . . 30\$00

(Para o Ultramar e estrangeiro acrescido do porte do correio)

**Avulso 5\$00**

5628

# Revista da Cavalaria

4.º Ano - n.º 3

Maio

ESTADO MAIOR DO EXERCITO  
BIBLIOTECA

N.º ~~5678~~ 1204

Em 23 / 10 / 1943

## NUNÁLVARES

### O Capitão Invencível



Os três factos transcendentales que rigorosamente inscrevem, numa espécie de triangulação sideral, a realidade histórica da pátria portuguesa, podem consubstanciar-se nos três nomes luminosos e fragrantados de um Santo, de um Herói e de um Poeta—Nunálvares, Affonso de Albuquerque e Luiz de Camões.

Não cabem neste breve apontamento reflexões de ordem genérica sôbre os caracteres essenciais e os traços mais comuns de parentesco espiritual entre êsses três tipos de supra-humanidade que são os Santos, os Poetas e os Heróis.

A fisiologia, a psicologia, a filosofia, talvez um dia nos esclareçam racionalmente como é, de um modo geral, feito por dentro, na sua carne e na sua alma, na sua complexão

## Revista da Cavalaria

orgânica e no prodigioso funcionamento das suas células, órgãos e humores, qualquer desses três tipos anómalos da nossa espécie que, de quando em quando, afloram como corolas de mais alta haste na resteva imensa desta nossa pobre humanidade.

Os fisiologistas e os psicólogos nos demonstrarão então de que modo a hereditariedade influi na sua secreta gestação de nove meses e em que medida, depois, os influxos do meio social, o ambiente de família, as cristalizações da educação infantil, a iniciação no mistério sexual, a lenta formação do espírito pelas aquisições da instrução e da cultura, as deformações da profissão, o convívio e o comércio brutal dos homens e das mulheres no alvor da adolescência e todos os choques, reacções e combinações absurdas do Acaso, contribuem decisivamente para em dado momento produzirem a maravilhosa infloração do potencial de energias, faculdades e intuições incubadas na alma predestinada de um Santo, de um Poeta ou de um Herói.

Por ora resta-nos reconhecer honradamente o facto da sua realidade pela excelência e fragrância dos maravilhosos frutos da sua acção terrena. Ao sabor da nossa capacidade de compreensão, poderemos ou classificá-los como um fenómeno de superior determinismo ou admiti-los como obra de eleição do Criador por desígnios e para fins que, por transcendentos, nos escapam. Mas, como factos causais, são de qualquer modo um fenómeno anómalo e providencial que sempre intervêm decisivamente nos destinos do rebanho humano.

Almas sedentas de vida ideal ou possessos de uma Verdade absoluta, couraçadas em caracteres de aço, cuja dominante é a vontade inflexível, são, sobretudo, condensadores poderosos de fluido espiritual, servidos de um irradiante poder de convicção e contágio que no seu sangue, nos seus nervos e no seu cérebro caldeiam, armazenam e assimilam, por fulgurantes processos de síntese, tôdas as intuições sublimes, tôdas as aspirações ideais, todos os anseios inexprimíveis, todos os rumores das almas, vozes esparsas, vontades inermes, desejos ocultos, sonhos, esperanças, ambições, que em certas circunstâncias de tempo e de espaço se agitam doidamente no ar carregado de tôdas as angústias e desesperos humanos.

## Revista da Cavalaria

Um dia, repito, a Ciência nos dirá como e porquê em certos transe da História, certos indivíduos se diferenciam assim do comum da espécie — porque, até hoje, o que a História apenas nos ensina é que de quando em quando, o frívolo e cobarde rebanho dos homens, perdido na selva escura dos mistérios da vida e da morte, se dispersa e se debate na escuridão, ansioso por um luzeiro que revelando-lhes o trilho seguro de uma qualquer Terra de Promissão, os reagrupe e liberte da pesada angústia dos seus terrores.

Se essa turba não comporta em si mais que o elementar instinto da bête, é fatal que a luz não surge e o rebanho se tresmalha na treva do seu desvairo, para tropeçar e se afundar, como os carneiros de Panurgio, em todos os abismos ou lodaçais que a Natureza impassível a cada canto engendra; mas se, ao contrário, essa turba traz consigo, disperso na pluralidade das almas, um certo cabedal de sonho, qualquer coisa de mais rico e mais nobre que o simples instinto animal de existir, é o momento de surgirem então do seu seio essas almas privilegiadas de um Herói, de um Santo ou de um Poeta que em si encarnam humanalmente tôdas as energias e vontades, tôda a porção de sonho esparso no ar, e as orientam ou conduzem pelo único trilho da Salvação, — único e verdadeiro trilho sempre, sem sombra de êrro, por ser essa precisamente a salvação que por instinto divinatório, o comum das almas desejava sem lhe atinar com o caminho.

Tem sido assim, invariavelmente, que nos domínios do sentimento, do pensamento ou da acção de quando em quando se têm revelado aos homens êsses três tipos de Chefes ou Guias espirituais que são os Heróis, os Poetas e os Santos.

Falei de Chefes espirituais da Humanidade. Parece-me essa, com efeito, a sua definição exacta.

Qualquer dêsses três tipos de eleitos — um Beethovem, um São Francisco de Assis, um Fernão de Magalhães — foi na sua hora um Chefe espiritual da Humanidade, convindo todavia arredar desde já qualquer confusão ou equívoco com a espécie mais vulgar dos simples chefes políticos, monarcas ou homens de Estado, por mais evidente que o seu génio se revele por obras.

## Revista da Cavalaria

Em Bonaparte morreu o Herói da III Sinfonia quando cingia a corôa de Napoleão I. Beethovem, como Poeta, não se podia enganar.

E, modernamente, só os grandes génios da Ciência — como um Newton, um Pasteur, um Edison, uma Curie — por parentesco espiritual, desinterêsse e vida ascética, são, a seu modo, um pouco os heróis, os poetas ou os santos do nosso convulso mundo moderno, utilitário, racionalista, mecanizado.

Quanto aos grandes Chefes políticos nada nêles há de comum com a outra espécie eleita. Não têm, em regra, planos nem visão de largo alcance. Inspiram-se no imediato, no cotidiano, no contingente. Têm o instinto de um triunfo pessoal, o gôsto acre das realidades, o senso agudo do oportunismo e os reflexos da decisão imediata. O político, mesmo o de mais largos vôos, é sempre algebrista, calculador, equilibrista, reservado, prudente, interesseiro. E o que situa os santos, os heróis e os poetas no polo antipoda do dos grandes génios políticos é a sua alegria interior, o seu sôbre-humano desinterêsse, o soberbo desdem das realidades imediatas e a confiante desnecessidade de quaisquer cálculos por lhas suprirem, magnânimamente a sua visão extra-lúcida, em sínteses fulgurantes e profundas, para além de tôdas as realidades e contingências imediatas. São verdadeiramente uma emanação de Deus.

Foi, como supremos chefes espirituais de uma pequena grei de lavradores, pastores e pescadores, que Nunálvares, o Santo, fundou territorialmente a sua nobre pátria, Albuquerque, o Herói, lhe traçou em vôo de águia os limites extremos da sua projecção universal, e Camões, o Poeta, acabou de a definir na ordem espiritual, implantando-a para sempre no mapa astral da consciência dos homens.

.....

Quanto a nós, é Nunálvares, o capitão invencível o verdadeiro fundador da Pátria portuguesa.

A sua missão providencial de Herói e de Santo não foi só, num plano mèramente nacional, nesse momento augusto de Pontével que decidiu da diferenciação da pátria portuguesa do resto da terra ibérica.

## Revista da Cavalaria

Infundindo a sua poderosa personalidade moral na alma da pátria nascente, imprimia ao agregado nacional português um carácter inconfundível — o amor voluptuoso da sua terra, a simplicidade e bondade comunicativas e a fé ardente numa vida supra terrena. Nunálvares transfundia assim, por modo sublime, no espírito ainda informado e plástico da grei durante a sua fase de adolescência, *um conceito heróico e singelamente humano da vida.*

Surgido com êle o sentimento novo da pátria, o verbo fizera-se carne; e, fadado para um voto superior de santidade, em holocausto absoluto a essa noção religiosa de pátria, tornou-se um intermediário entre ela e o Céu. Os dois cultos da sua alma mística tornam-se também os dois cultos da gente portuguesa — a terra que lhes deu o ser e o Céu, império da perfeição divina, império da suma justiça, a que a alma de Nunálvares, como por instinto, aspirava desde criança.

Essa foi a feição inconfundível da sua vocação de santidade heróica que veio a projectar-se imorredoiamente na ordem universal.

O ideal da Igreja Católica é, por definição, a cristianização do mundo, a universalização da Fé em Cristo e da adesão aos seus postulados morais, sociais, metafísicos. Um século depois de Nunálvares, Portugal tornou-se na Renascença, ou seja, quando o racionalismo batia já em brecha o Dogma e a Fé, o agente fidelíssimo dessa nova cruzada.

Pelo seu infatigável esforço pessoal, pelo seu heroísmo místico, fôra Nunálvares que não só preparara com a sua espada invencível as condições geográficas, materiais, dessa possibilidade, como criara ainda na consciência religiosa da grei a ardente atmosfera moral dessa Cruzada. Na base da empreza de dilatar a Fé e o Império, que foi o estímulo moral e espiritual do descobrimento de novos mundos, estão, pois, a vida e a acção terrena de Nunálvares. Foi, pois, êle, verdadeiramente, o agente precursor da Cristianização do Mundo.

Inconscientemente, decerto, quiçá como instrumento de uma vontade mais alta; mas foi-o de um modo efectivo e terminante.

Se é arbitrário teorizar sôbre o que não aconteceu, é todavia legítimo inferir dos factos concretos para as possibilida-

## Revista da Cavalaria

des causais. E, assim, se Nunálvares não tivesse sido o capitão invencível que conseguiu, mais do que ninguém, libertar o reino do seu fatal destino geográfico de simples domínio e logradouro da Corôa de Castela, Portugal, no fim da primeira dinastia, teria sido legítima e lógicamente absorvido no complexo territorial e político de uma Grande Espanha, que foi sempre o supremo ideal político de todos os reis de Castela.

Absorvido, assimilado, integrado pouco a pouco nos interesses e destinos nacionais de Castela, nunca nesta faixa ocidental da Europa, apesar da sua posição avançada sobre o Oceano, teria surgido a necessidade e a idéia dos Descobrimientos e da Conquista do Mar Tenebroso. Êsse transcendente e heróico pensamento flamejou inicialmente no cérebro de um príncipe português, depois da aventura de Ceuta para a expansão marítima e comercial do Reino, que foi, de resto, a única solução de que a elite política de D. João I lançou mão para suprir a magreza e estreiteza do Reino, ávido de se expandir e procurar novas actividades económicas, novas fontes de riqueza.

A empresa das Navegações e Descobrimientos, a violação dos segredos do *Mar Tenebroso* e do mundo desconhecido, implicava a necessidade de tóda uma ciência de navegar pelas estrélas, de tóda uma ciência de astronomia náutica que só êsse príncipe, os seus cavaleiros, os seus pilotos e os seus cosmógrafos, a poder de vontade e persistência, de método e de rigor, conseguiram fundar em bases experimentais, positivas, científicas.

Tornada depois empresa nacional, oficial, do Estado, directamente comandada e quási financiada apenas pelos reis, só nós, portugueses, pudémos conservar secretos, durante 2 séculos, por razão de Estado, o conhecimento e a prática dos Oceanos Atlântico e Índico, o contôrno de tóda a costa de África e as rotas de tóda a navegação para a Índia, para a China, para o Japão, para os confins do Oriente. E com êsse segredo, com essa coragem e com essa fé nós pudémos chegar um século mais cedo que outro qualquer povo da Europa aos confins do Mundo, travar relações comerciais e espirituais com todos os povos exóticos, bárbaros ou civilizados, de outros continentes.

## Revista da Cavalaria

Sem o exemplo, a precedência e a ciência náutica dos Portugueses, Colombo nunca teria ido com caravelas espanholas ao continente americano.

Atraída, mais naturalmente que nós, para os interesses e política da Europa central, Castela teria descurado o Oceano que os portugueses, se houvessem sido absorvidos, identificados aos outros povos espanhóis, sem um ideal nacional e sem uma necessidade económica de se expandirem, também não teriam espontaneamente procurado devassar, pelo menos com o carácter nacional que a sua independência lhe permitiu.

Outros povos marítimos, como os bretões, os ingleses, os holandeses, possivelmente os escandinavos, teriam procurado, pois, devassar o oceano, mas, decerto, alguns séculos mais tarde do que nós o viessemos a fazer, e sem o carácter metódico, científico, político, disciplinado, de verdadeira empresa nacional, oficial, que os reis, descendentes do Mestre de Aviz — e sobretudo de D. João II — vieram a imprimir-lhe.

Holandeses, bretões, ingleses, que foram logo os nossos competidores e rivais na concorrência dos mares, tê-lo-iam feito, decerto, da sua iniciativa e responsabilidade pessoal, mas à maneira dos grandes navegadores nórdicos dessa época — como simples aventureiros e corsários, mercadores, piratas que desembarcavam nas praias exóticas para assaltar e roubar, enriquecendo-se a si e aos armadores.

Quando os Estados do norte e centro da Europa, já definidos nacionalmente, tomassem mão da empresa, oficialmente, seria ainda para meros fins mercantis, de colónias de exploração, e não com o ideal religioso e político que D. João II lhe imprimiu na origem, e D. Manuel tentou pelos seus grandes capitães e almirantes, implantar na Índia, e D. João III no Brasil.

A história da Colonização do Brasil fornece-nos a esse respeito os mais eloquentes argumentos.

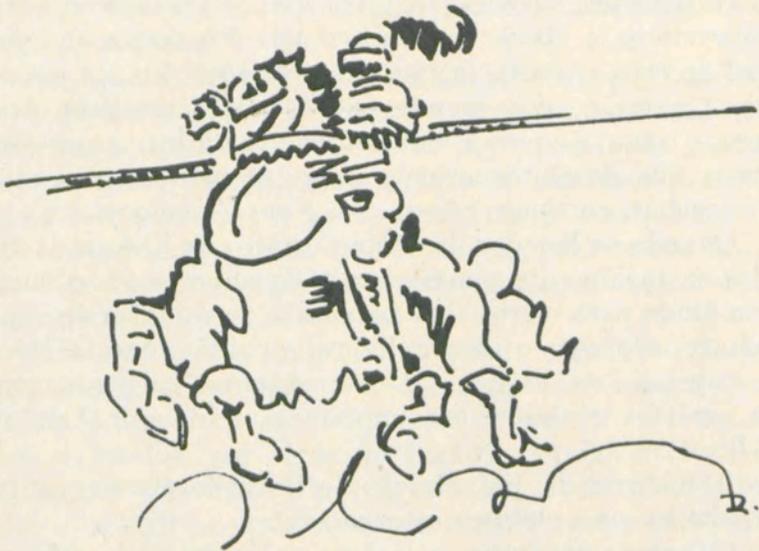
O mundo moderno, a ordem universal teria sido, portanto, coisa bem diversa do que é hoje — melhor ou pior, não discuto — se Nunálvares Pereira, no momento religioso de Pontével, quando ao ver-se abandonado, incompreendido de todos, tivesse seguido também, melancolicamente, ao chouto da sua mula, de jornada para o seu solar de Santa Marinha

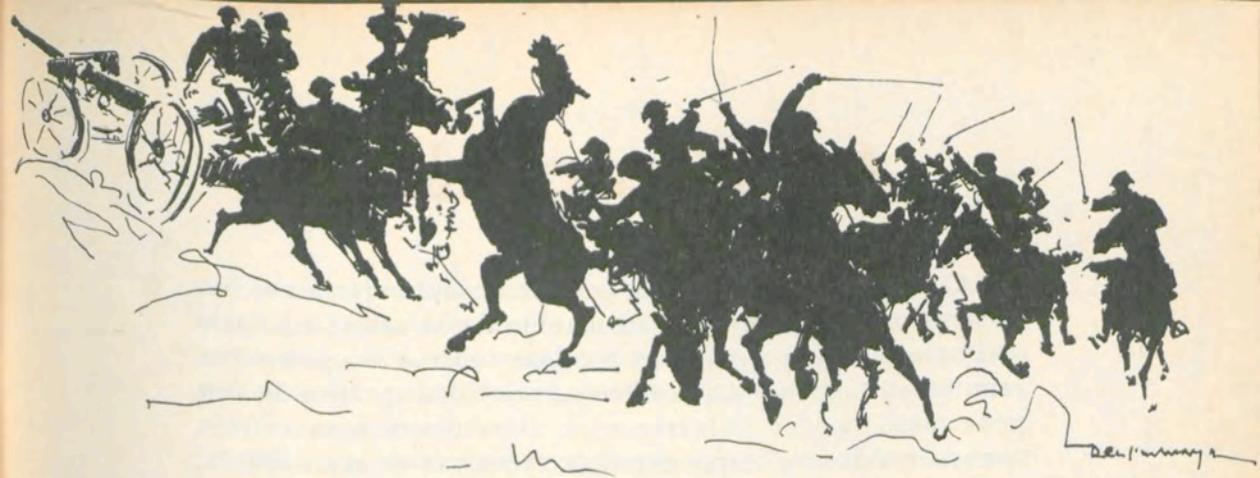
## Revista da Cavalaria

de Pedrassa, no Tâmega, em vez de cavalgar alegremente, com a sua escolta e a sua espada heróica, para o vespeiro anárquico, já considerado perdido, de Lisboa — onde a esse tempo se estavam afinal forjando os destinos não só de Portugal mas do Mundo.

Glória, pois, à memória do *Santo Condestável*, perceptor da bondade simples da alma portuguesa e mestre do heroísmo deste povo moreno e humilde de Portugal, «*povo entre todos gerado para o heroísmo e para o sacrificio*».

CARLOS SELVAGEM





# Temas táticos

pelo Major AGUIAR FERREIRA

## O armamento e o fogo

O cumprimento da missão recebida pelo comandante do Esquadrão Moto, é essencialmente um problema de fogos coordenados que tem de ser baseado no pleno conhecimento das propriedades técnicas e possibilidades tácticas de cada um dos materiais, e no seu emprêgo judicioso no combate. O golpe de vista e o bom senso, tão necessários na concepção da manobra, são insuficientes; é preciso conhecer as armas para delas tirar todo o rendimento de que são susceptíveis, a fim de dominar seguramente o atacante.

## Revista da Cavalaria

Conhecer uma arma não é somente aprender a nomenclatura, o funcionamento e o manejo dessa arma; é já para o simples soldado ter noções precisas sobre a sua potência e rendimento; alcance útil, cadência, velocidade prática de tiro, penetração; poder vulnerante; é, além disso, para o chefe, conhecer tôdas as outras condições técnicas da sua eficácia: dispersão, regulação, rasância, etc.

Com efeito, o tiro de guerra de uma arma ou engenho tem só uma razão de ser: a sua eficácia sobre o inimigo — e esta não deve ser confundida com a intensidade do fogo que realiza. Uma granada de mão bem colocada pode reduzir uma resistência que 50 granadas de artilharia tinham deixado intacta por terem sido grupadas noutro local; 12 tiros de espingarda bem ajustados podem destruir um grupo de combate a descoberto cuja arma automática dominava com o seu fogo esmagador um parapeito sem defensores; uma granada de 37 ou 47 caindo sobre uma metralhadora suprime imediatamente as suas trajectórias destruidoras. E' preciso, pois, ter em atenção que só conta o efeito real — material e moral — produzido sobre o inimigo, e não a quantidade de munições consumidas mais ou menos rapidamente.

Ora a eficácia do fogo resulta do poder vulnerante dos projecteis, da tensão das trajectórias, da velocidade de tiro, e, sobretudo, da sua precisão, quando bem regulado. Bem entendido que todos estes elementos variam segundo o material empregado, e, mesmo para cada material, segundo as circunstâncias. Por isso, sem tratar a fundo desta questão, — têm os técnicos a palavra — algumas considerações de ordem geral permitem fazer ressaltar certos ensinamentos interessantes.

A *precisão* é inerente ao material que, no tiro, dá lugar a uma dispersão que lhe é própria, variável aliás com as circunstâncias e principalmente com as distâncias. Mas a função do atirador é fundamental: se este é hábil e calmo, se aponta a sua arma sempre da mesma maneira e com o mesmo cuidado, a dispersão pode ser reduzida ao mínimo; pelo contrário, será consideravelmente aumentada se o atirador comete erros de pontaria por nervosismo, negligência ou inabilidade, a ponto de fazer perder todo o beneficio da precisão própria do material empregado. A escolha dos ati-

## Revista da Cavalaria

radores ou apontadores é, pois, fundamental e não basta a sua habilidade revelada nas carreiras de tiro, antes são as suas qualidades morais de coragem e sangue frio que lhe permitirão conservar a calma necessária para ajustar o seu tiro nas emoções do combate.

Mas não basta realizar grupamentos cerrados e densos; é preciso colocá-los nos locais apropriados e não em sítios onde seriam inúteis. Ora se a precisão está à mercê do atirador, a *regulação*, pelo contrário, é quasi sempre da alçada dos graduados e do seu valor.

Quer se trate de determinar os elementos iniciais de pontaria (alça, ponto a visar, etc.), quer se trate de modificar estes elementos segundo os resultados constatados, é ao chefe que incumbe essa tarefa essencial e muitas vezes delicada. Quando se tem a possibilidade de observar onde caem os projecteis, é preciso já empregar processos racionais e rápidos, baseados no conhecimento exacto das leis da dispersão e do método de regulação que delas resulta. A ignorância dos quadros a este respeito trará fatalmente perdas de tempo e um consumo inútil de munições muito prejudiciais à potência efectiva do fogo. Mas quando a observação do tiro não é possível, quer porque se não vê onde os projecteis caem, quer porque importa obter uma efficácia immediata, — o que acontece frequentemente na defensiva em grandes frentes, — o problema é por vezes bastante difficil de resolver porque é preciso determinar a priori os dados exactos do problema, tendo em conta as correcções necessárias, em vista das condições particulares de lugar e de momento, sob pena de executar um tiro não regulado. Sem falar do verdadeiro tiro indirecto e de todos os cálculos meticolosos que este comporta, alguns exemplos farão compreender melhor a importância primordial desta determinação exacta e destas correcções.

Uma metralhadora ligeira deve atirar sobre um objectivo situado à distancia de 1.000 metros; em virtude de um erro de apreciação, o comandante determina a alça de 1.200 metros. Nestas condições, se o atirador apontar correctamente, a trajectória média passará uns 6 metros acima do objectivo, e tendo em conta a dispersão total nenhuma bala passará a menos de 3 metros; o efeito do tiro será zero.

## Revista da Cavalaria

Um excelente atirador, munido de espingarda com alça telescópica, quer abater um observador inimigo imóvel e de pé a 800 metros. Se não entrar em linha de conta com um vento de 10 ms que sopra da esquerda, a sua bala passará a mais de 4 metros à direita do homem visado. A 400 metros o desvio será ainda de 90 cm, e o inimigo não será atingido. O mesmo vento transversal deslocará de 28 metros, em relação ao ponto visado, o tiro de uma metralhadora apontada a um objectivo situado à distância de 2.000 metros.

Uma metralhadora colocada a 2.000 metros de altitude deve interdizer um desfiladeiro situado a 2.500 metros de altitude e a uma distância de 1.800 metros. Se atirar com a alça de 1.800 m., todo o feixe de trajectórias passará perto de 30 metros acima do ponto visado e o inimigo atravessará o desfiladeiro sem baixas, porque a fraca pressão e a obliquidade do tiro aumentam sensivelmente a tensão das trajectórias.

Êstes três exemplos, entre muitos que poderiam ser apresentados, fazem ressaltar a importância da regulação do tiro e a necessidade de todos os graduados terem os conhecimentos técnicos do tiro, sem os quais as boas qualidades do material e a boa instrução do soldado nada mais conseguirão do que colocar excelentes grupamentos fora dos objectivos a atingir, e por consequência sem eficácia. Permite-me, pois, a impertinência de fazer salientar a necessidade absoluta da realização freqüente de fogos reais, sem o que a instrução da tropa fica faltando um dos elementos essenciais do successo.

Se examinarmos as quatro combinações possíveis que podem derivar da precisão e da correcção, vemos:

a) Tiro preciso e corrigido: resultados máximos produzidos por um bom grupamento sôbre o objectivo a atingir.

b) Tiro não preciso mas corrigido: resultados médios produzidos por um grupamento pouco concentrado, mas cujo núcleo cai sôbre o terreno que se pretendia atingir;

c) Tiro preciso e não corrigido: resultados mínimos, consequência do bom grupamento obtido se não projectar sôbre o alvo a atingir, ou se projectar com as suas zonas menos densas;

## Revista da Cavalaria

d) Tiro não preciso e não corrigido: de que se podem esperar alguns resultados em virtude da extensão da zona em que caem os projecteis.

Deduz-se, pois, a importância fundamental da correcção do tiro, e que é até possível obter melhores resultados de um tiro pouco preciso mas justo.

Contrariamente à precisão e regulação do tiro, a potência dos projecteis depende unicamente da arma e das munições empregadas. Apesar disso, é preciso conhecer que esta diminui consideravelmente à medida que a distância aumenta, porque a velocidade restante, e conseqüentemente a força viva, é cada vez menor. Não deixa de ser curioso, porém, o facto de os projecteis terem por vezes menor capacidade de penetração em obstáculos resistentes quando a sua velocidade restante é maior, como sucederá quando êsse obstáculo é encontrado a pequena distância da origem. E' assim que a bala sS da nossa espingarda penetra 85 cm. na madeira de pinho a 400 m. e somente 65 cm. a 100 m. È isto devido a fenómenos de deformação da bala, com as conseqüentes perdas de energia e aumento da secção.

Maior importância tem ainda o *poder vulnerante*, isto é, a possibilidade de pôr fora de combate um maior ou menor número de adversários, e que é a resultante da força de penetração e do raio de acção de cada projectil. Sôbre êste ponto de vista não será talvez inútil chamar a atenção sôbre a diferença essencial que existe entre projecteis explosivos e projecteis maciços. Os primeiros têm um verdadeiro raio de acção próprio em volta do seu ponto de explosão, e o seu poder vulnerante é medido pelo número e dimensões dos estilhaços distribuídos em virtude da potência explosiva própria do projectil considerado que é sensivelmente constante, qualquer que seja a forma da sua trajectória e a distância do tiro. Pelo contrário, nas balas maciças, o poder vulnerante depende da velocidade restante e do comprimento da sua trajectória útil; para êstes a *rasância* é um factor essencial de eficácia, consideração esta que não deve perder-se de vista na realização dos fogos, sobretudo defensivos. A título de indicação, basta dizer que o comprimento da trajectória útil a 2.000 metros da nossa metralhadora Madsen é 6 vezes menor que a 1.000 metros e 20 vezes menor que a

## Revista da Cavalaria

700 metros; não devemos, pois, hipnotizar-nos com o grande alcance possível destas armas a ponto de esquecer que só às pequenas e médias distâncias se obtêm resultados apreciáveis.

Uma outra noção fundamental é a de *regime de fogo*. As armas automáticas têm uma cadência própria representada pela velocidade de funcionamento, mas na realidade esta cadência não tem interesse material no tiro terrestre, embora moralmente possa impressionar o adversário. Seja como fôr, o que importa é o número de projecteis que podem ser efectivamente lançados num tempo dado, tendo em conta as manipulações necessárias, isto é, a velocidade prática do tiro, capacidade que varia não só com a organização e segurança de funcionamento da arma considerada, mas também com a instrução e habilidade da sua guarnição.

No tiro anti-aéreo, porém, a cadência tem uma importância excepcional, consequência da grande velocidade de deslocação dos aviões modernos. Pode fazer-se ressaltar este facto com o exemplo seguinte: um avião com 10 metros de comprimento desloca-se transversalmente com a velocidade de 540 km./h. ou seja 150 m. s.; uma metralhadora com a cadência de 600 tiros por minuto fará passar pelo avião futuro 10 projecteis por segundo, ou seja 1 em cada décimo de segundo. Neste mesmo espaço de tempo o avião percorre 15 metros e, como o seu comprimento é de 10 metros, poderá passar pelo cone de fogo sem ser atingido. Dêste facto resultam: o aumento de cadência das armas anti-aéreas que pode chegar a 1.200 e 1.500 t/m e o acuplamente de 2,4 ou 8 armas automáticas no mesmo reparo e fazendo fogo simultaneamente sobre o mesmo ponto. Este aumento de cadência não tem inconvenientes, dado o curto tempo em que as armas estão em acção no tiro anti-aéreo.

Na realidade nenhum material resistiria por muito tempo ao aquecimento e uso provocados pelo fogo demorado à cadência da arma. É, pois, indispensável, prever em certos casos a duração total do tiro, isto é, o número de cartuchos a disparar realmente por minuto. Esse número poderá ser sensivelmente igual à velocidade prática de tiro, se se trata de realizar um fogo extremamente intenso durante dois ou três minutos, mas para os tiros prolongados o número de

## Revista da Cavalaria

cartuchos disparados por minuto terá de ser consideravelmente reduzido.

De resto, a quantidade de munições transportadas pelas unidades, impressionante em valor absoluto, corresponde na realidade a uma duração de fogo efectivo de alguns minutos apenas, à velocidade prática de tiro de cada arma ou engenho.

Assim, aos 96.000 cartuchos para metralhadora ligeira, existentes nos esquadrões do nosso Regimento a-cavalo, correspondem somente 20 minutos de fogo efectivo; aos 60.000 cartuchos para metralhadora correspondem 35 minutos de fogo efectivo; às 350 granadas para morteiro de 81 cm. correspondem 6 minutos; às 960 granadas para lança-granadas correspondem 13 minutos; às 840 granadas para canhão correspondem 10 minutos, às 1.200 granadas de mão correspondem somente 3 minutos.

Isto não significa, porém, que o Regimento consuma todas as suas munições em menos de meia hora, não só porque nem todas as armas farão fogo simultaneamente, como porque, como vimos, nenhuma arma poderia sustentar esse fogo à velocidade prática de tiro durante mais de três minutos. Não deixa, contudo, de ser verdade que é com esses poucos minutos de fogo efectivo que os esquadrões têm de desempenhar a sua missão, e, embora na defensiva haja quasi sempre a possibilidade de se montarem depósitos de munições junto dos combatentes, este facto vem reduzir em grande parte a sedutora teoria do fogo poderoso e continuo a proporções bastante mais modestas. Poderoso ainda poderá ser; continuo é que nunca.

Para resolver este problema, aparentemente insolúvel, de actuar durante todo o dia (só durante a noite será possível o reabastecimento) com alguns minutos de fogo efectivo, é necessário manter uma estrita disciplina de fogo, isto é, não deixar atirar senão nos curtos instantes em que esse fogo pode ser simultaneamente eficaz e útil.

É este o principio fundamental da *directão de fogo* que consiste em dar solução, segundo as circunstâncias do combate, a natureza do adversário e os próprios meios, as questões sucessivas que se apresentam:

## Revista da Cavalaria

- escolha das posições de tiro e utilização no terreno;
- momento de abertura de fogo e de cessar fogo;
- escolha do objectivo em cada momento e sua designação;
- espécie de fogo a empregar;
- determinação das alças;
- correcção do fogo;
- consumo racional das munições.

Do que foi dito resulta essencialmente que a potência de fogo de cada arma ou engenho é estritamente limitada no espaço e no tempo, e por isso todo o saber dos graduados, toda a habilidade dos atiradores e a consciência profissional de todos devem tender em definitivo a aplicar essa potência no momento adequado para que o tiro seja simultaneamente eficaz e útil. A utilidade de cada tiro é, sobretudo, uma questão de oportunidade táctica, e por isso as regras e limites de emprêgo de cada material tem por único objectivo assegurar a eficácia do tiro, tendo em conta as propriedades técnicas do material encarado.

O armamento da nossa cavalaria pode classificar-se em individual e colectivo. Entre os primeiros temos a espingarda, a pistola, pistola-metralhadora, granada de mão; entre os segundos temos a metralhadora-ligeira, a metralhadora, os morteiros e os canhões. A classificação pode ainda fazer-se, segundo a natureza da sua trajectória, em armas de tiro tenso e armas de tiro curvo.

*Espingarda*: arma individual por excelência, é destinada a executar normalmente o tiro preciso e ajustado contra um adversário escolhido e considerado individualmente. Enquanto as outras armas e engenhos pretendem geralmente atingir grupos de homens mais ou menos importantes ou mesmo os acidentes do terreno que os dissimulam, atirando para «o monte», como vulgarmente se diz, e abandonando a escolha das vítimas individuais ao acaso da dispersão das balas ou da projecção dos estilhaços, contentando-se por vezes até com a obtenção de efeitos morais que se traduzem numa neutralização passageira, a espingarda, pelo contrário, nunca deve atirar para o monte. Cada um dos seus tiros deve ser dirigido sobre um inimigo visível que o atirador

## Revista da Cavalaria

escolhe entre todos os outros com a vontade bem vincada de o abater e não de o neutralizar momentaneamente. É o tiro a matar extraordinariamente desmoralizante, mesmo que o inimigo alvejado não seja atingido. Mas, para que as probabilidades de atingir o alvo sejam máximas, este tiro não deve ser executado a mais de 400 metros a não ser por atiradores excepcionalmente hábeis e dispendo de uma alça telescópica. Com efeito, a distâncias inferiores a 400 metros, não só toda a trajectória é rasante para um homem deitado como também a amplitude da dispersão é sensivelmente igual às dimensões em largura e altura do mesmo homem deitado. Por consequência, nem há erro de alça possível porque a alça 4 é sempre eficaz, nem há probabilidades de não atingir o alvo, desde que o tiro seja bem ajustado.

Mesmo no caso particular de uma avaria na arma automática, em que todo o grupo de combate faz uso simultâneo das suas espingardas a distâncias bem superiores aos 400 metros atrás indicados, num tiro colectivo que pretende substituir até certo ponto a arma automática avariada, mesmo neste caso o tiro realizado não deve ser considerado senão como uma justaposição de tiros individuais ajustados, isto é, cada atirador deve escolher e visar um inimigo a cada tiro e não atirar para o monte.

As características da espingarda são:

- a) a grande precisão do seu tiro;
- b) uma tensão de trajectória tal que o homem de pé é atingido na totalidade da trajectória dos 600 metros;
- c) uma velocidade de tiro que pode atingir 8 a 10 tiros por minuto, sem sacrificar a precisão;
- d) a sua ligeireza e manejabilidade resultantes do seu pequeno peso.

A espingarda, completada com a baioneta é ainda a arma do combate corpo a corpo e dos combates de noite.

*Pistola:* é uma arma de defesa individual a curta distância cujo princípio de emprêgo é «cada um por si». A precisão e potência do seu projectil são mediocres a distâncias superiores a 50 metros.

## Revista da Cavalaria

*Pistola-metralhadora*: é uma arma preciosa no tiro à queima-roupa e como tal empregada no assalto, quer pelo atacante, quer pelo defensor. O seu tiro extremamente desmoralizante tem uma acção quási fulminante nas surpresas e emboscadas.

*Granada de mão*: é um meio de combate destinado essencialmente a atingir um adversário abrigado. A granada defensiva produz bastantes estilhaços com um raio de acção de algumas dezenas de metros. A granada ofensiva produz poucos estilhaços e a sua acção é limitada ao efeito da carga explosiva que contém e que não se estende a mais de 8 a 10 metros do ponto de rebentamento. Umas e outras podem ser empregadas na defensiva, porém, o emprêgo das granadas defensivas só é possível desde que o defensor esteja abrigado.

*Metralhadora-ligeira*: As características da metralhadora-ligeira são:

a) uma tensão de trajectória e uma precisão no fogo tiro a tiro comparáveis com as da espingarda;

b) uma cadência de 400 a 500 tiros por minuto (segundo os modelos) e uma velocidade prática de tiro de 150 a 200 tiros por minuto;

c) um pêso reduzido (cêrca de 9 kg.) e dimensões que permitem o seu transporte em coldre e a sua distribuição pela fileira das unidades de linha;

d) uma maneabilidade que permite o seu transporte por um só homem e tomar parte em tôdas as acções ofensivas, quer em posição, quer em movimento;

e) um aspecto geral que a confunde com a espingarda a alguma distância;

f) uma mobilidade sôbre o seu garfo ou sôbre um apoio que permite mudanças instantâneas de objectivo.

O tiro normal da metralhadora-ligeira é o fogo por rajadas de 3 a 6 cartuchos em séries de 1 a 5 carregadores, sendo a arma reapontada no fim de cada rajada. O tiro contínuo é excepcional porque provoca o desapontar da arma, o aquecimento rápido do cano e um consumo exagerado de munições, e por isso só é justificável em momentos

## Revista da Cavalaria

de crise. O fogo tiro a tiro serve para verificar o funcionamento da arma e para evitar a denúncia prematura da existência de uma arma automática.

A sua eficácia a distâncias superiores a 1.200 metros é reduzida em virtude da grande dispersão do tiro metralhador que se não deve confundir com a dispersão do fogo tiro a tiro, e da fraca estabilidade da arma; assim, o seu alcance prático é de 1.200 metros, embora excepcionalmente possa fazer fogo a maiores distâncias.

A missão principal da metralhadora-ligeira é tomar sob o seu fogo todo o objectivo que ameaça directamente o grupo de combate a que pertence. Trabalha também em proveito dos grupos de combate vizinhos, desde que a sua missão principal não fique prejudicada. Na verdade esta regra de emprêgo resulta mais de considerações de ordem psicológica do que técnica. Quando se está em primeira linha — que é necessariamente o caso das metralhadoras-ligeiras — faz-se instintivamente frente ao adversário que nos ameaça. Isto não quer, evidentemente, dizer que seja impossível ou interdito executar tiros oblíquos para ajudar os grupos vizinhos, no caso eventual em que esses tiros sejam os mais eficazes e úteis.

Pelo contrário, deve ser considerada como absoluta a regra de não empregar a metralhadora-ligeira a distâncias superiores a 1.200 metros.

Na ofensiva será, pois, empregada em neutralizar durante um curto instante uma resistência isolada e bem definida. Julgá-la capaz de, durante um tempo indeterminado, poder permitir uma progressão profunda em face de resistências adversas a reduzir sucessivamente por fogos violentos, é entrar no puro domínio da utopia. É preciso não empregar a metralhadora-ligeira senão quando os seus tiros forem indispensáveis, e estes mesmo devem ser rápidos, precisos e de curta duração.

*Metralhadora*: A metralhadora é a arma mais poderosa de que dispõe a cavalaria, quer sob o ponto de vista do alcance máximo utilizável, quer dos efeitos verdadeiramente impressionantes devidos à sua notável precisão e à sua grande velocidade prática de tiro, e à possibilidade de fazer fogo por cima e pelos intervalos das tropas amigas. É neces-

## Revista da Cavalaria

sário, porém, não exagerar a exploração destas propriedades, estabelecendo certos limites de emprego, sem o que a sua eficácia poderá baixar consideravelmente.

Contrariamente à metralhadora-ligeira que actua normalmente em proveito do seu proprio grupo de combate, a metralhadora actua sempre em proveito das unidades de linha, únicas capazes de conduzir o combate até ao seu remate natural. Por isso, as metralhadoras devem receber as suas missões do chefe comum que tem a responsabilidade de dirigir o combate.

Melhor que a metralhadora-ligeira realiza a continuidade de fogos violentos de um efeito moral considerável. Menos móvel e mais visível pode, porém, actuar mais longe.

Na ofensiva as metralhadoras formam em princípio a ossatura da base de fogos destinada a facilitar a progressão pela neutralização das resistências inimigas, e em caso de insucesso a assegurar a rotura do combate pela conservação do terreno ocupado. Enfim, a metralhadora é a arma mais eficaz para assegurar a defesa contra os aviões voando baixo, isto é, a menos de 800 metros.

As metralhadoras podem fazer uso das seguintes modalidades de tiro: tiro directo, tiro mascarado, tiro indirecto, tiro referenciado e tiro anti-aéreo.

O tiro directo é caracterizado pelo facto dos atiradores verem o objectivo e é o tiro de emprego mais fácil embora não o preferível quando as suas guarnições estejam expostas directamente ao fogo do inimigo e as armas sejam por isso facilmente destruídas ou neutralizadas.

O tiro mascarado é caracterizado pelo facto de as armas e respectivas guarnições estarem ao abrigo das vistas do inimigo pela protecção de uma máscara que as oculta mas de onde o objectivo é visível. Esta modalidade de tiro, cujas operações sucessivas a realizar são a determinação dos elementos de pontaria, a colocação em bateria e o apontar das armas, o problema da máscara e a execução do tiro, deve em princípio ser o preferido nas acções de ataque pela protecção que dá ao material e pessoal, rapidez de preparação e segurança de execução.

Tem o inconveniente, porém, de não permitir geralmente o fogo a menos de 800 metros.

## Revista da Cavalaria

O tiro indirecto é um tiro colectivo de metralhadoras destinado a bater um objectivo situado a grande distância e que não é visto dos locais em que se encontram as armas nem das suas proximidades. Disto resulta que o tiro tem de ser preparado, observado e regulado de um observatório afastado ou executado com uma demorada preparação topográfica e por isso é de raro emprêgo na cavalaria pela morosidade que impõe e pela sua pequena eficácia quando realizado com agrupamentos de armas inferior a oito.

O tiro referenciado é caracterizado pela execução sem possibilidade de observação mas preparado quando o objectivo fôr visível. Realiza-se durante a noite ou nevoeiro e é de emprêgo freqüente na defensiva.

O tiro anti-aéreo executado contra aviões voando a menos de 1.000 metros, comporta duas operações importantes: determinação segura da identidade do avião e apreciação da distância e altura sôbre o horizonte. A unidade de execução do tiro é em princípio o pelotão de 4 armas, embora um mesmo objectivo deva sempre ser atacado com o máximo de unidades disponiveis.

É preciso, porém, não concluir que a potência de fôgo desta arma é constante e ilimitada. Em primeiro lugar a fôrça de penetração em obstáculos materiais é bastante reduzida a partir dos 600 metros e assim a sua eficácia material é praticamente nula quando empregada contra um objectivo totalmente abrigado ou contra um órgão inimigo cuidadosamente instalado para actuar por flanqueamento e protegido do lado do ataque. Contra um adversário que tem necessidade de se mostrar para actuar, a sua eficacia é, sobretudo, moral e traduzida pela neutralização absoluta mas passageira do inimigo.

Pondo em paralelo estes resultados nulos ou reduzidos com efeitos aterradores obtidos contra pessoal a descoberto, mesmo deitado, é-se levado a concluir que o tiro das metralhadoras é incomparavelmente menos eficaz para atacar do que para defender.

Por outro lado é erro supor que a eficácia do seu fogo é independente da distância, apesar da precisão do seu tiro se manter suficiente mesmo nos grandes alcances, porque, se a velocidade de tiro permanece constante, a sua regulação

## Revista da Cavalaria

é mais difícil, a potência do projectil menor, a sua precisão mais fraca, a tensão da trajectória inferior. Assim, a distâncias superiores a 600 metros, um erro de alça de 100 metros torna os resultados do tiro quasi nulos, e além dos 1.000 metros a influência dos agentes atmosféricos pode desviar o grupamento do objectivo a atingir. É esta a verdadeira noção da efficácia do tiro às grandes distâncias.

Quanto aos limites extremos de alcance útil, o tiro em pontaria directa realiza-se até aos 2.000 ou 2.400 metros segundo os materiais e em tiro indirecto até 3.500 ou 4.500 metros segundo a natureza dos projecteis empregados, mas os tiros às grandes distâncias devem ser executados com bastante parcimónia, a não ser quando se disponha de grande número de armas e de quantidades de munições consideráveis. Atirar com 1 ou 2 armas a distâncias superiores a 2000 metros é gastar munições inutilmente ou quasi, porque a efficácia tende sensivelmente para zero. A zona rasada é praticamente nula e a zona batida por tal forma extensa em largura e profundidade que o inimigo passará por ela sem se arriscar muito a ser atingido.

A continuidade dos seus fogos violentos é também bastante relativa. Não só o aquecimento impossibilita o fogo continuo, mesmo nos materiais de arrefecimento pela água, como a dotação de munições, não permite realizar fogos de grande duração.

Uma das propriedades características da metralhadora é a possibilidade de fazer fogo por cima das tropas amigas e pelos intervalos do dispositivo. Estas espécies de tiro necessitam, porém, a aplicação rigorosa de certas medidas de segurança destinadas a evitar os accidentes devidos à dispersão e falta de regulação, e ainda aos efeitos deprimentes da chicotada. Assunto técnico do mais alto interesse, não é agora a ocasião mais oportuna de tratar desta importante e delicada questão que tem no ataque o seu mais alto grau de acuidade.

Em resumo, as características da metralhadora são:

a) Velocidade prática de tiro que pode atingir 200 a 300 tiros por minuto;

## Revista da Cavalaria

b) Grande precisão, mesmo às grandes distâncias e quasi independente da extensão das rajadas, devido à colocação da arma sobre um reparo;

c) Uma perfeita estabilidade que assegura a execução de tiros referenciados quer de dia, quer de noite, o tiro por cima e pelos intervalos das tropas e tiros indirectos até 3500 metros;

d) Grande capacidade de fogo resultante de dispor de canos de maior massa e de vários canos intermutáveis;

e) Uma organização do reparo que consente mudanças de objectivo de grande amplitude e permite obter de armas dispersas efeitos de concentração muito eficazes;

f) Um pêso que permite a sua deslocação no combate pela sua guarnição;

g) Maior visibilidade do que a das metralhadoras ligeiras, maiores exigências na escolha dos locais para a sua instalação e necessidade da sua dissimulação.

Das características que acabamos de examinar sumariamente resultam as missões de tiro de que as unidades de metralhadoras podem ser encarregadas, cada uma das quais é materializada por um objectivo, elementos de tiro e modo de conduta no fogo que varia com o género de tiro a executar.

Por seu turno as missões de tiro traduzem as suas missões tácticas que, na defensiva, são essencialmente de cooperação na barragem. Na defensiva sem espirito de recuo em que a barragem é realizada imediatamente à frente dos elementos em primeiro escalão, elas constituem o elemento principal da defesa, rasando o terreno com tiros de flanqueamento das linhas a defender e com tiros de neutralização os pontos suspeitos, tiros estes que cruzando-se e justapondo-se tecem a ossatura da barragem. Com efeito, até aos 600 metros, as trajectórias rasam todo o terreno supostamente plano e criam assim linhas intransponíveis que pelo seu entrelaçamento se transformam numa zona profunda. Mas isto é teórico porque a realidade é bem outra; raras vezes sucederá que o terreno na frente a interdizer seja plano e assim criam-se sempre linhas de infiltração que o atacante pode utilizar sem se arriscar a ser derrubado por essas trajectórias supostamente

## Revista da Cavalaria

intransponíveis. É necessário, pois, que outras armas — as metralhadoras ligeiras — completem a acção das metralhadoras e que intervenham mesmo armas de tiro curvo que possam bater zonas desenfiaadas. Seja como fôr, porém, o que é certo é que as metralhadoras constituem o esqueleto base da barragem.

Já o mesmo se não dá quando se trata de estabelecer uma cortina a 1000 metros do defensor, como sucederá na defensiva móvel. Então as metralhadoras já não são a ossatura da cortina normal, mas simplesmente armas de tiro mais preciso e volumoso; e se podem ainda até certo ponto empregar o tiro oblíquo, as suas trajectórias úteis não são sensivelmente mais extensas que as das metralhadoras ligeiras. Recuperam todo o seu valor, porém, na cortina de segurança.

Além desta cooperação nas barragens, as metralhadoras são ainda empregadas na defensiva em tiros de protecção, batendo os pontos ou zonas de passagem forçada nas direcções perigosas (tiros de interdição).

*Morteiro de 81*: As propriedades características d'este engenho são:

- a) uma boa precisão, particularmente às médias distâncias;
- b) uma velocidade de tiro que pode atingir 20 tiros por minuto;
- c) uma grande mobilidade, graças ao seu pêso relativamente pequeno, ao seu fraccionamento em cargas parciais facilmente transportáveis pelos homens da sua guarnição, à rapidez de montagem e desmontagem e colocação em bateria;
- d) uma trajectória extremamente curva e projectil potente.

Estas propriedades permitem empregá-lo no tiro por cima das tropas amigas, atingir objectivos fortemente desenfiaados e dissimular fortemente o engenho. Na defensiva constitui um meio de acção poderoso, susceptível de reduzir ou neutralizar o atacante que as armas de tiro tenso não conseguiram alcançar, empregando um projectil cuja eficácia

## Revista da Cavalaria

se pode comparar ao da artilharia de 75. O morteiro não pode, porém, ser empregado como artilharia. O seu emprêgo na zona dos fogos densos interdiz os grupamentos importantes. O seu fraco aprovisionamento de munições não lhe permite, nem tiros não observados, nem tiros sôbre objectivos extensos. Empregando granadas de fumo pode cegar os observatórios do ataque, embora seja necessário empregar bastantes projecteis e darem-se circunstâncias atmosféricas favoráveis.

No entanto, o número e a duração das missões são forçosamente limitadas pela fraca dotação de munições (72 granadas por arma no esq. M. Eng.), mas como serão empregados por secções sôbre o mesmo objectivo, pode-se calcular em 5 ou 6 missões de três minutos a capacidade total de fogo representada pelo conjunto de munições de que a secção poderá dispor num dia de combate.

É preciso, pois, ser parcimonioso no emprêgo dêste precioso engenho e não o utilizar senão pela «certa» contra objectivos nitidamente definidos, em tiros rápidos, precisos e de curta duração. O tiro mascarado deve preferir-se sempre que as circunstâncias o permitam, devendo haver o cuidado de não atirar sôbre objectivos a menos de 200 metros das tropas amigas.

*Canhão anti-carro*: As propriedades características dêste engenho são uma grande tensão de trajectória, extrema precisão do seu tiro, fraca potência do seu projectil e sector de tiro de 60°.

Emprega granadas de rotura ou explosivas na sua acção contra os engenhos blindados, conforme pretende efeitos de perfuração das blindagens ou destruição das cadeias de propulsão. A fraca dispersão do seu tiro permite acertar com facilidade num objectivo de dimensões reduzidas, contanto que êsse objectivo não esteja desenhado; portanto, as condições de eficácia do seu tiro são: objectivo bem visível, restrito e pouco ou nada abrigado. Como acontece com a espingarda, não deve atirar para o monte, antes deve escolher um ponto vulnerável a atingir e não desistir enquanto o não atinge em cheio. Executa, pois, um tiro individual de precisão.

Para não se revelar demasiadamente cedo e ter grandes probabilidades de atingir o alvo visado, não deve, em prin-

## Revista da Cavalaria

cípio, abrir fogo a distâncias superiores a 800 metros. Como o seu sector de tiro é de 60° cada canhão cobre em princípio uma frente de 800 metros. Esta densidade é, porém, demasiadamente pequena para se obter uma defesa anti-carro proveitosa e convém aumentá-la consideravelmente. É hoje considerada como regular uma densidade de 1 canhão por 100 metros de frente nas zonas onde há a recear um ataque de engenhos blindados. As fracas disponibilidades orgânicas nesta espécie de material tornam o problema absolutamente insolúvel quando o terreno é favorável ao emprêgo dos carros.

O canhão pode ainda prestar grandes serviços na sua acção contra pessoal, empregando a sua granada explosiva.

*Canhão anti-aéreo de 20<sup>mm</sup>*: Dispondo de um reparo especial e empregando bala explosiva, a acção destes engenhos é notável contra aviões voando baixo e difere essencialmente dos efeitos obtidos pelas metralhadoras vulgares. Com efeito, a bala maciça da metralhadora pode atingir o avião sem que dêse facto resultem conseqüências graves, a não ser que atinja o piloto ou um órgão essencial do motor e respectivas canalizações. A bala explosiva é eficaz desde que atinja o alvo e é perigosa em tôda a sua trajectória. O grande número de projecteis emitidos por unidade de tempo no seu tiro metralhador aumenta as probabilidades de atingir o alvo e o emprêgo de balas luminosas facilita a correcção do tiro. Os seus efeitos, dentro do seu limite de alcance, podem ser considerados superiores aos da artilharia cuja bala explosiva tem um raio de acção limitado pela zona de dispersão dos estilhaços e cujos rebentamentos dão ao avião uma indicação segura da zona alvejada, facilitando-lhe assim o pôr-se a salvo por uma evolução adequada.

A concentração do fogo sôbre o mesmo objectivo é uma garantia do sucesso.

\*

Ter idéias justas e precisas sôbre o emprêgo que deve ser feito de cada uma das armas e engenhos de que a nossa cavalaria estará armada em função das suas propriedades

## Revista da Cavalaria

características, é indispensável a todo o chefe de cavalaria para accionar essas armas, quer atribuindo-lhes missões, quer dirigindo o seu tiro, mas não é suficiente, porque, para tirar do fogo todo o rendimento de que é susceptível, é necessário combinar a utilização das diversas armas de que dispõe.

Na impossibilidade de desenvolver este assunto pelo tempo que levaria a exposição, limitar-nos-emos a pôr em foco certos principios essenciais e a deduzir certas noções dominantes que devem presidir à combinação dos fogos em cada escalão.

Os principios de emprêgo podem condensar-se em três:

- a) Principio da subordinação das posições de tiro aos objectivos a bater;
- b) Principio do escalonamento;
- c) Principio da coordenação.

As posições dos órgãos de fogo resultam da determinação prévia das partes do terreno que se pretendem bater, e isto quer se trate da defensiva, quer se trate do ataque. Em qualquer caso, portanto, a determinação exacta dos objectivos a atingir deve preceder e ditar a escolha das posições de tiro. Excepto para certas missões eventuais que podem ser dadas em função da posição escolhida, não se deve dizer: «tenho as minhas armas aqui, logo vou atirar sobre tais objectivos»; mas pelo contrário: «devo atirar sobre tais objectivos, logo vou colocar aqui as minhas armas». E é isto que dá uma tão grande importância aos reconhecimentos a efectuar pelos chefes de todos os órgãos de fogo e em particular pelos comandantes dos pelotões de metralhadoras, e que tem por fim especial encontrar as posições de tiro mais adequadas e favoráveis para atingir os objectivos recebidos.

O escalonamento dos órgãos de fogo assegura a melhor utilização das diferentes espécies de armas, diminui a sua vulnerabilidade e facilita as concentrações de fogos. Por um lado a potência de fogo do inimigo interdiz a acumulação, sobre uma única linha, de todos os meios indispensáveis para adquirir a superioridade de fogo indispensável e dese-

## Revista da Cavalaria

jada. Por outro lado a diversidade das armas a pôr em acção e as propriedades particulares de cada uma destas permitem e até obrigam a um escalonamento em profundidade. Não se concebe, por exemplo, que um morteiro com o alcance prático de 2.000 metros e um lança granadas de espingarda se coloquem à mesma distância do objectivo a atingir. Enfim, o alcance útil e a amplitude do campo de acção de certas armas facilitam os transportes de tiro e por consequência as concentrações de fogo sucessivas que serão tanto mais numerosas quanto menos próximos estiverem os engenhos de fogo considerados. É assim, por exemplo, que um canhão poderá sem se deslocar, transportar o seu fogo sobre uma frente de 800 metros à distância de 800 metros, e de 300 metros somente se a distância for de 300 metros.

Em todo o caso, porém, a sobreposição das trajectórias só é possível dentro dos limites em que cada arma ou engenho pode atirar sem perigo por cima ou pelo intervalo das tropas que lhe estão na frente, e já vimos que é esta uma questão delicada no ataque, sobretudo, para as armas de tiro tenso.

Mas, desencadear tiros desordenados, ao arbítrio dos executantes, em direcções e sobre objectivos e momentos quaisquer, é correr o risco do insucesso porque este só será obtido pela convergência dos esforços em vista de assegurar uma perfeita execução do plano do chefe. O comando deve intervir na busca dos objectivos que importa bater, na repartição judiciosa desses objectivos pelos elementos de que dispõe, no desencadear dos fogos no momento em que estes podem intervir eficaz e útilmente em proveito da tropa. Se cada um dos elementos de fogo não recebe de antemão uma missão precisa, derivada de um plano de conjunto, o resultado não corresponderá, por certo, aos meios e esforços realizados. Será como uma orquestra executando uma sinfonia improvisada sem música e sem maestro, numa cacafonia infernal.

Isto não significa, porém, que deva ser abolida a iniciativa dos combatentes, tanto mais necessária quanto mais isolados se encontrem e mais variável for a situação prevista. Na defesa, e ainda mais no ataque, nem tudo poderá ser previsto, nem sempre o comando estará em condições de dar as ordens mais convenientes em face de uma situação que evolui rapidamente e que precisa de solução imediata. As

## Revista da Cavalaria

missões atribuídas deverão ter a elasticidade suficiente para se adaptarem à evolução possível dos acontecimentos.

Em qualquer caso, porém, um fogo não organizado materializa-se por um tiroteio geralmente sem finalidade, cujo resultado mais evidente e sensível será um consumo de munições preciosas. O estabelecimento de um plano de fogos é, pois, uma das partes essenciais de uma ordem de combate, quer de defesa, quer de ataque.





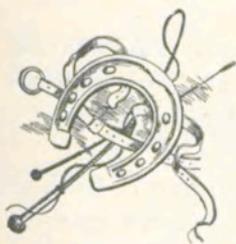
pelo Maj. Vet. ANTÓNIO LEBRE

## REMONTA NA ARGENTINA

- I - *Antecedentes da Remonta na Argentina*
- II - *Trabalhos preliminares e propostas recebidas*
- III - *Propostas da Hungria e Jugoslávia*
- IV - *Proposta da América do Norte*
- V - *Estudo das propostas*
- VI - *Estudo da recepção dos sclipedes e seu alojamento*
- VII - *Negociações definitivas e embarque da Comissão de Remonta*



## Estudo das propostas



Dentre as propostas apresentadas e informações recebidas relativas ao fornecimento de cavalos da Argentina, África do Sul, América do Norte, Inglaterra e Irlanda, foi a proposta relativa a cavalos argentinos, da autoria do concorrente português, que teve o parecer unânime da Comissão Técnica de Remonta, do Estado Maior e do Major General do Exército.

Sobre tão importante assunto aceitavam-se tôdas as sugestões ou ia-se ao encontro das boas fontes de informação. Quando da partida da Comissão de Remonta, chefiada por José Mousinho, para a Hungria, surgiu a idéia de sondar o mercado dêste país, por intermédio dêste oficial.

Assim, em telegrama de Budapeste, recebido em Lisboa a 6 de Fevereiro, informava o mesmo oficial, que o preço de bons cavalos de fileira, com 20% de praças para oficial, seria de 2.400\$00 Cif. Tejo, e que três semanas seriam suficientes para comprar trezentos cavalos.

Mas as propostas não findavam.

Assim, a 25 de Janeiro dá entrada na Comissão de Remonta uma proposta da América do Norte para a venda de cavalos.

Recebidos os esclarecimentos que haviam sido pedidos, sobre a mesma proposta, são fixados os preços dos cavalos, postos em Lisboa, por conta do fornecedor, nos valores seguintes:

Cavalos ligeiros com 1,51 a 1,55 de altura. .	Preço	4.735\$50
» pesados com 1,55 a 1,61 de » . . . »		4.461\$00
Cavalos para oficial com 1,55 a 1,61 de altura	»	5.637\$50

A 1 de Abril, porém, o autor da proposta, comunica que aquêles preços passavam a ser acrescidos de 2,5 dolares por indivíduo, Cif. Lisboa, mas para um fornecimento de 300 a 350 cavalos.

Feito um estudo comparativo dos preços das várias propostas, o que telegráficamente forneceu José Mousinho sobre cavalos húngaros, parece à primeira vista de seduzir, mas

## Revista da Cavalaria

ocorre, porém, perguntar, qual a razão por que a Alemanha e a Itália, tendo esses bons cavalos ao pé da porta, vão remontar á Argentina para os seus Exércitos?

A própria situação geográfica da Hungria, parece indicar que não devemos procurar neste país, mercado para a compra dos cavalos que nos faltem.



*Outro aspecto do lote de cavalos de sport*

Se fizermos agora incidir a nossa atenção, nos últimos preços fixados para os cavalos norte-americanos e para os argentinos e se olharmos ás condições de uns e de outros, somos levados a concluir, como o concluiu a Comissão de Remonta, que já não deve interessar a aquisição, a título de experiência, de cavalos de origem americana, uma vez examinadas que sejam as circunstâncias económicas.

Em face das novas informações colhidas, a preferência a favor da proposta argentina, sôbre a qual se pronunciaram já favoravelmente as instâncias superiores, deve manter-se, não obstante o aumento de preço já sofrido, mercê da subida do câmbio e do prémio dos fretes.

Ferreira Martins, General muito ilustre, é favorável á compra dos cavalos argentinos, e, no propósito de destruir possíveis argumentos contrários á sua tese, teria dito:

Se numa remonta desta mesma origem, há anos realizada, houve percalços, que ainda hoje influem em certos

## Revista da Cavalaria

espíritos para a rejeitar, foram êles devidos a circunstâncias bem conhecidas, que não depõem contra os cavalos, mas contra a forma como foram recebidos e utilizados.

Uma vez observadas as precauções que foram tomadas para a sua recepção, aclimação e ensino, etc, é convicção nossa, diz Ferreira Martins, que os cavalos se chegarem a Portugal nas condições excepcionais, oferecidas pelo autor da proposta, formulada por um português, darão as melhores garantias de vir a prestar bom serviço no nosso Exército.

Com a demora havida na solução dêste complexo assunto, as condições do meio externo foram-se modificando, tendo o proponente português por tal facto, sugerido a idéia de quanto seria conveniente para a transacção em curso, que se procurasse comprar na medida do possível, cavalos que completassem quatro anos à data da chegada a Portugal.

Esta sugestão merece cuidados da Comissão de Remonta, atentas as vantagens que poderiam resultar a favor de uma



*Lote de cavalos argentinos seleccionados para sport*

boa aquisição. Da aceitação da proposta — diz Ferreira Martins — só pode haver o inconveniente dos cavalos virem a chegar a Portugal mais perto do fim do ano, isto é, fora da época mais própria para iniciar a sua aclimação. Em última análise ter-se-á de atender a êste importante pormenor:

## Revista da Cavalaria

Para que os cavalos ao chegarem ao país de destino, a Portugal, não estranhem logo a alimentação, seria de tóda a conveniência que, juntamente com os lotes dos cavalos, viessem fardos de *alfalfa* em quantidade, para a sua alimentação nos primeiros tempos, a qual, seguidamente, iria sendo substituída, gradualmente, pelos belos fenos de Trás-os-Montes. Passavam-se êstes factos a 3 de Agôsto de 1937.

Em Junho do mesmo ano, o proponente português nutre as melhores esperanças do Estado lhe comprar trezentos cavalos ao preço de 4.970\$00, oferta que fêz em 25 de Janeiro dêste mesmo ano.

Nesta altura das negociações, surge o autor desta proposta a dizer que só podia manter o preço indicado se a transacção fôsse de 600 animais e não de 300, pois havia conseguido o preço já estabelecido, por ter garantido às companhias de navegação, seguros e casa construtora de instalações para animais a bordo, que o número de cavalos seria de 600.

De contrário, as despesas por unidade, seriam a dobrar.

No propósito de facilitar a operação, sugeria a idéia de se adquirirem 300 no ano imediato.

Esta nova modalidade das negociações, trazia, porém, o oneroso encargo de fazer deslocar em anos sucessivos, duas comissões de remonta à Argentina. E, seguidamente, formulava duas propostas:

A número um, rezava assim: a primeira comissão que fôsse à Argentina, levava logo instruções ou solicitava-as, para no caso de lhe agradar o primeiro lote, poder logo adquirir os trezentos solípedes restantes. A segunda modalidade, era assim exposta: na presente época comprar-lhe-iam somente trezentas cabeças, dando-lhe, porém, desde já, a garantia de lhe comprarem as restantes no ano imediato, no caso dos animais do primeiro lote, darem boa prova, do

**NOTA:** Júlio Vieira, veterinário distinto, importou em tempos, vacas leiteiras da Argentina, e com elas *alfalfa*. Como lhe não convinha estar a importar constantemente esta forragem, procurou saber até que ponto a poderia substituir por fenos de Trás-os-Montes. Para tirar conclusões, mandou fazer a análise de uma e de outra destas forragens, manifestando-se superior a do feno nortenho.

# Revista da Cavalaria

que não receava, pois se fôsem instalados em boas condições e bem alimentados, a aclimação estaria assegurada.

O assunto exposto, circunstanciadamente, pelo interessado lisboeta, carecia de solução, que lhe foi dada por parecer da Comissão de Remonta, após despacho conveniente, que mais ou menos assim se pronunciou:

Parecem de atender as razões apresentadas pelo autor da proposta agora em estudo. Qualquer das sugestões expostas, seria aceitável, mas a primeira apresenta-se mais vantajosa, pois a Comissão de Compra que tiver de actuar na Argentina, inteirar-se-á a breve trecho da qualidade dos exemplares equinos apresentados e terá do mesmo passo oportunidade de estudar as condições de vida e do meio que os cerca, podendo então concluir-se, facilmente, se devem, ou melhor, se convirá ou não adquirir, seguidamente, os trezentos restantes cavalos.

Resumo da evolução das propostas do negociante português: o preço inicial, relativo à primeira proposta de 1 de Junho de 1935, era de 3.750\$00. Em Janeiro de 1937, passava para 4.750\$00, o que equivale a um aumento de 1.000\$00 por cabeça.

Esta taxa teria a sua justificação: na subida do câmbio, tendo passado o *pêso* de 6\$00 para 7\$00.

No transporte agravado de 300\$00 por unidade e no prémio de seguro.

Seguidamente, em virtude de novo aumento de transporte, agravado de £ 5 para £ 8, e depois para £ 10, por cabeça, o último preço fixado foi de 4.970\$00.

Justificação em síntese dèste aumento:

Preço inicial em Março de 1936 . . . . .	3.750\$00
Subida de câmbio de 6 para 7 pesos . . . . .	550\$00
Aumento de transporte de 5 £ para 10 £ . . . . .	550\$00
Nova garantia de seguros (até 24 horas após a chegada) . . . . .	50\$00
Aumentos nos seguros, instalações, rações e cabeçadas de prisão . . . . .	70\$00
Preço por cavalo . . . . .	<u>4.970\$00</u>

# Revista da Cavalaria

Entre os cavalos a fornecer prevalecia a percentagem de 10% para oficiais.

Entretanto, a firma americana, representada em Portugal pelo Conde de Mafra, teria apresentado uma nova proposta.

Após vários esclarecimentos solicitados, os cavalos norte-americanos ficariam ao Estado Português, Cif. Tejo, aos preços seguintes:

Cavalos ligeiros . . . . .	4.327\$40
Cavalos pesados. . . . .	4.547\$40

Conclusão a tirar das propostas Norte e Sul americanas: que tanto na Argentina como na América do Norte se encontrariam os cavalos de que necessita o Estado Português:

O cavalo norte-americano é um produto de cruzamento do p. s. i. com éguas de origem espanhola.

Os exemplares que se oferecem, devem ser da região de Texas, perto de Nova Orleans, região esta que está sensivelmente no mesmo paralelo que Portugal, motivo por que o clima não poderá diferir muito.

O cavalo de sela argentino, é também o produto de cruzamento do p. s. i. com fêmeas que tiveram origem primária em éguas espanholas.

Em conclusão: seja qual fôr a origem, a aclimação tem de ser muito cuidada.

## *Estudo da recepção dos solípedes e seu alojamento*

Antes de se fixar o número de cavalos a adquirir, tornar-se-ia necessário pensar e resolver sobre o seu alojamento, alimentação e tratamento, o que não é fácil em si e demanda bastantes despesas.

As constantes alterações que sofrem as rações dos solípedes, demonstram que as forragens que as constituem não são abundantes, nem se adquirem com facilidade no país.

## Revista da Cavalaria

Os quartéis dos regimentos, estão cheios de potros, que nenhum serviço podem ainda prestar. Os pequenos efectivos em homens, destas unidades, não permitem que estas possam tratar, ensinar e treinar grande número de solípedes. Para completar os efectivos do Exército, em caso de mobilização, necessita-se de um elevado número, já conhecido, de cavalos que não convém adquirir por uma só vez.

Foi determinado que se adquirisse determinado número destes animais, mas que se não fechasse qualquer contrato, sem que estivessem estudados os assuntos referentes aos alojamentos dos animais a importar, sua alimentação, etc.

A sua distribuição pelas unidades, antes de prontos de ensino e bem aclimatados, não é aconselhável, para se não repetirem os insucessos de anteriores remontas. Seria conveniente que estes cavalos não ficassem sob o mesmo teto; facilitava-se, assim, o problema das instalações e tratamento e evitavam-se os conhecidos inconvenientes da vida em comum de tantos animais.

Em contra partida, o seu alojamento, tratamento e ensino, seria muito mais dispendioso; absorveria muito mais pessoal, não se sabendo até se haveria dois ou três centros em condições de por eles se poder distribuir os animais.

Ainda que os solípedes a adquirir venham em lotes separados, o seu alojamento, tratamento e ensino tem de ser simultâneo para todos, pois estas operações não se podem realizar em menos de seis meses, visto tratar-se de animais serris.

\*

A fim de não afastar muito os alojamentos para os animais do cais de desembarque, procurou-se localizá-los na capital.

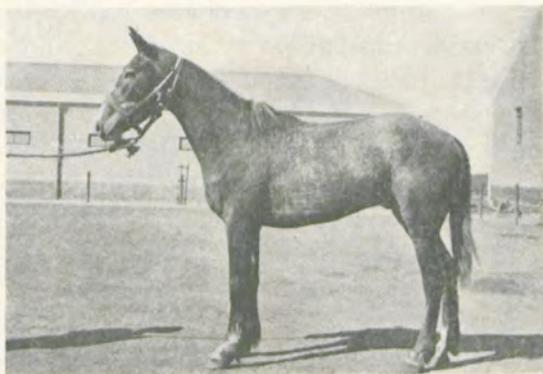
Dada a magnitude e complexidade dos assuntos a atender em Portugal, após a aquisição dos solípedes, opinou-se que o assunto fôsse superiormente orientado pelo Inspector de Cavalaria Divisionária, D. Luís da Cunha e Meneses, que ficaria incumbido de dirigir e fiscalizar a sua recepção em Lisboa, cuidar da sua aclimação, tratamento e ensino dos cavalos a adquirir no estrangeiro, em remonta extraordinária.

## Revista da Cavalaria

Infelizmente, por motivo de doença, o Brigadeiro Cunha e Meneses, não chegou a iniciar os trabalhos de que havia sido incumbido.

A realizar, porém, em data anterior a êste cometimento, uma outra missão havia sido confiada a êste oficial.

O problema dos alojamentos havia sido também confiado a Cunha e Meneses.



MAFRA — Tipo de cavalo argentino de sport

*Depósito de viaturas:* Êste departamento da Calçada da Ajuda foi apontado para tal fim. Porém, do exame feito, verificou-se ser difícil colocar as viaturas em outro local. Por outro lado, o custo das obras de adaptação a realizar, elevava-se a 200.000\$00 escudos, e o número de solípedes que poderia alojar não ia além de 300, em regulares condições. Sacrificando, porém, as condições de alojamento e de serviço, poderia êste número elevar-se a 357.

A ser aceite esta solução, perdia-se um bom depósito de material, em troca de uma cavalaria deficiente e cara.

*Terras do desembargador:* Êstes terrenos constituíram também motivo de estudo para a construção de duas cavalariças. O custo destas eleva-se a cêrca de 550.000\$00. Como esta despesa resultaria em pura perda, logo que terminasse o fim para que haviam sido construídas, foi posta de parte tal idéia.

*Instalações de Queluz:* Êste subúrbio da capital foi também lembrado para alojar os cavalos a importar. Duas

## Revista da Cavalaria

cavaliças do antigo quartel e o edificio ultimamente adquirido, seriam aproveitados. Verificou-se, porém, que a adaptação era dispendiosa e que o orçamento de uma cavaliça nova, não seria inferior a 252.464\$00 e o número de solípedes que se poderiam alojar neste agrupamento não iria além de 443.

*Mafra — Depósito de Garanhões:* Em face desta não viável solução, foi lembrado que se construíssem cavaliças em Mafra, no Depósito de Garanhões, onde o numerário dispendido não seria perdido, por se tornarem necessárias para o potril de desbaste a êle anexo. Um problema, porém, de grande importância tinha de ter prévia solução.

*Abastecimento de água:* Êste assunto, há muito em estudo e até mesmo em execução, havia tomado já um certo desenvolvimento, após a visita do Administrador Geral do Exército, General Ferreira Martins, que reconhecia a necessidade imperiosa de garantir o abastecimento de água não



MAFRA — Cavallo argentino adquirido

só ao Depósito de Garanhões mas à Escola Prática de Infantaria.

O decrescimento da quantidade de água vinha-se verificando, não sendo estranha a êste facto, a obstrução das canalizações pelo calcáreo e pelas raízes das árvores. As obras em curso, captação e condução de águas das nascentes, vinha

## Revista da Cavalaria

remediar tal deficiência e garantir o consumo, aproveitado que fôsse todo o caudal.

O tempo, porém, ia passando e assim a boa época para a compra dos cavalos. A contrariar esta solução, havia também, a opinião daqueles que se capacitavam que o clima de Mafra, úmido em excesso, não seria o mais próprio para cavalos recém-chegados do estrangeiro. Ao tempo,



MAFRA — *Tipo de cavalo argentino*

porém, não se sabia ainda que os cavalos viriam da Argentina, país igualmente bastante úmido.

A favorecer esta idéia, vinha juntar-se a conveniência de, sob o ponto de vista sanitário, não juntar 600 cavalos numa só instalação.

Em face deste conjunto de circunstâncias, foram sugeridas por Cunha e Meneses, para obviar a tais inconvenientes, duas soluções.

A maioria dos cavalos seria alojada em três distintos pontos: em Tôres Novas; onde se aproveitariam as facilidades que oferece a E. P. C.; em Vila Viçosa, onde o antigo quartel de cavalaria se encontra disponível; em Chaves, por ser região de ótimos fenos e onde se encontram ao serviço do Exército, oficiais também competentes, que prestariam de bom grado o seu melhor concurso.

## Revista da Cavalaria

A resultante de tais factos pode ser assim concretizada:

Tôrres Novas . . . . .	120 cavalos
Vila Viçosa. . . . .	152 »
Chaves . . . . .	165 »

Os restantes seriam alojados em Mafra, se entretanto fôsse resolvido favoravelmente o problema da água, ou então nas dependências da Coudelaria Militar de Alter do Chão.

Como a totalidade dos cavalos a adquirir só viria a chegar ao país depois de terminada a escola de recrutas, seria possível ter evacuado os sólípedes do R. C. 9, de Chaves, distribuindo-os por outras unidades, a fim de ficarem naquêle quartel apenas os cavalos importados que constituiriam um esquadrão de remonta. Em Vila Viçosa e Alter, a recepção dos cavalos poderia ser quási imediata.



MAFRA — *Cavalo argentino*

Para ter viabilidade uma tal solução, tornar-se-ia necessário preparar em Lisboa, junto ao cais de desembarque, qualquer que fôsse a proveniência dos cavalos, uma instalação temporária, para os alojar à chegada, donde seguiriam o mais depressa possível para o destino que lhes fôsse dado.

# Revista da Cavalaria

Cunha e Meneses estuda o assunto e indica as instalações do Mercado Geral de Gados, que julga satisfazerem para o fim em vista. Em face de tais circunstâncias, parecia estar solucionado o problema do alojamento dos 600 cavalos a adquirir.

Uma vez aceite a solução apresentada, nada impedia de se tratar imediatamente da aquisição dos cavalos, para se não perder esta boa oportunidade e ainda para evitar que, com a demora, não houvesse a lamentar a subida dos preços, sujeita ao câmbio e à procura.

Como tivesse surgido a idéia de distribuir os cavalos a importar, por três centros do País — Alter do Chão, Tôres Novas e Chaves, os comandantes dêstes departamentos militares teriam sido ouvidos. Narciso de Sousa, comandante de Alter, teria sido solicitado a prestar informações sôbre as possibilidades do estabelecimento coudélico que comanda, para alojar cavalos estranhos.

O seu relatório teria sido assim delineado:

A Coudelaria tem alojamentos, para solipedes, de dois tipos: arribanas, abertas e fechadas, para os animais sujeitos a regime manadio.

Cavaliças com ou sem baias, conforme se destinam a animais permanentemente estabulados ou a poldros em regime misto e ainda às muares dos serviços agrícolas.

Tal como se encontram todos êstes alojamentos, reünem lugares para 619 animais, distribuídos pelas diferentes propriedades:

## 1.º Arribanas fechadas:

Assumar . . . . .	40
S. Romão . . . . .	97
Arneiro, sede da coudelaria — serve para doentes . . . . .	47 = 184

## 2.º Arribanas abertas:

Vale de Água . . . . .	48
Arneiro . . . . .	99 = 147
<i>A Transportar.</i> . . . .	331

# Revista da Cavalaria

Transporte. . . . . 331

## 3.º Cavalariças sem baias:

Vila de Alter — serve para isolamento . . . . .	29
Arneiro . . . . .	153 = 182

## 4.º Cavalariças com baias ou boxes:

Arneiro . . . . .	98
Enfermaria . . . . .	8 = 106
Total de lugares. . . . .	619

As arribanas com capacidade para 331 cabeças, estão sempre cativas dos gados e das manadas, que a miudo mudam de pastagem, de modo que não é possível contar com elas para alojamentos anormais, quando se encontra ao máximo o efectivo de solípedes.

Relativamente á lotação das cavaleriças, temos de descontar os lugares necessários para isolamento, para trabalho de maleinizações e animais em tratamento clínico.

Para o cálculo pedido, poder-se-á contar com 251 lugares disponíveis. Dêstes, dispomos — de 15 de Abril a fins de Novembro, de 122, ou sejam duas cavaleriças sem baias, com 107 lugares e mais 15 em outra. Se nas cavaleriças disponíveis se collocarem baias, o número total de lugares aproveitáveis desce para 85.

Quando, porém, a Coudelaria tiver o máximo efectivo estabulado, facto que ocorrerá em 30 de Novembro, não se poderá dispor de mais de 15 lugares.

*Escola Prática de Cavalaria:* As informações prestadas pelo comandante dêste estabelecimento de ensino, Jara de Carvalho, sôbre as possibilidades de alojamento de solípedes estranhos á escola, indicam o número de 120 lugares.

Esta lotação está, porém, dependente da entrada ou não de 40 poldros que se esperam do D. de R. e Potril de Mafra.

*Chaves — Regimento de Cavalaria:* O comandante dêste departamento militar, teria dito: as instalações do esquadraão de cavalaria ali existentes poderiam alojar alguns dos solípedes a importar, onde se lhes poderia proporcionar uma mais fácil e rápida aclimatação, dada a existência dos afamados fenos nortenhos, a que já fizemos referênciam.

Os officiaes prestariam o seu melhor concurso.

# Revista da Cavalaria

## *Negociações definitivas e embarque da Comissão de Remonta*

Entretanto, a consulta feita para o estrangeiro, produzia os seus resultados, e resultados salutareos, apresentando-se em Lisboa, vindo de França, Juan Blade, negociante de cavalos, há cêrca de vinte anos residente em Buenos Aires.

Após várias conversações fecha-se o contrato com êste proponente, para a compra de 500 cavalos, acrescida posteriormente de mais 35 indivíduos, em condições que constam do contrato aprovado pelo Govêrno Português, em Dezembro de 1937.

Da realização dêste contrato, resultou que cada um dos animais adquiridos, para desporto, praças ou fileira, — ficaram ao Estado postos em Portugal Cif. Tejo, à razão de 3.953\$98,5, incluindo nesta importância até as despesas feitas com a representação.

Se a proposta, a primeira da Argentina, feita por um português, tivesse sido aceite, e só o não foi devido à intervenção oportuna de Sousa Namorado, cada cavalo teria ficado ao Estado por 1.160\$20 escudos mais por cabeça, do que o preço por que ficaram, não entrando em conta os pesados encargos alfandegários e sem garantias ou probabilidades de serem de melhor quilate.

\*

Estamos em Agôsto de 1937. Assim, o Chefe dos Serviços de Remonta, Sousa Namorado, tendo fechado já o contrato, toma disposições de molde a preparar o meio ambiente para os animais serem recebidos nas melhores condições possíveis.

Estava assente, em principio, que o local de eleição seria Mafra.

A existência ali do Depósito de Garanhões, com potril anexo, próximo de Lisboa, justificava a escolha. Os recursos

## Revista da Cavalaria

normais do D. G. seriam aumentados em pessoal, material e fundos.

O desbaste de 600 cavalos, oriundos de país estranho, tornava-se um problema complexo, delicado e de grandes responsabilidades. Assim, era indispensável que este trabalho basilar, para o bom aproveitamento da máquina animal, fôsse dirigido por oficiais experimentados, coadjuvados por sargentos, e assim se fêz, com óptimos resultados.

O número de tratadores seria aumentado de um para cada grupo de três cavalos.



MAFRA — *Tipo de cavalo argentino*

Para satisfazer as exigências do material, sua reparação e confecção, necessitava-se de mais artífices correeiros.

O serviço de secretaria, dado o aumento de pessoal e conseqüentemente de serviço, carecia de mais empregados.

O aumento inevitável de iluminação, de camas para os solípedes e dispêndio com a conservação de edifícios, expediente, etc., foram assuntos ponderados, necessitando as suas dotações de serem reforçadas.

Em face do exposto ter-se-ia proposto: pessoal: 3 tenentes de cavalaria ou oficiais picadores; 8 sargentos ou furriéis com o curso de monitores de equitação; 3 seleiros-correeiros; 2 amanuenses; 155 tratadores para auxílio do desbaste e tratamento; 5 moços de cavaliça. Os tratadores civis seriam preferíveis, como a prática do Depósito de Garanhões o tem demonstrado.

## Revista da Cavalaria

No acentuado intuito do pessoal de secretaria se ir adextrando nos serviços que lhe seriam confiados, a data da apresentação não deveria ir além de princípios de Janeiro, assente como estava que os cavalos chegariam entre meados de Março e meados de Abril.

Os fardamentos, material e arreios, seriam fornecidos pelo Depósito Central de Fardamentos.

Dada a probabilidade dos cavalos terem de permanecer em Mafra durante um ano para completa aclimação e desbaste, foi previsto o aumento de fundos para este período.

O aumento de despesa com ferração e curativos, não foi esquecido.

A construção das novas cavaliças, construídas como recurso, em Mafra, encontravam-se em Janeiro de 1938, muito atrasadas, não tendo sido iniciadas, sequer, as fundações do novo Picadeiro, hoje notáveis realizações.

Antes de terminarmos estes escritos, desejamos prestar homenagem a Luciano Granate, pela clareza dos seus considerandos e fulgor do seu espírito, ligado indissolúvelmente, aos trabalhos preliminares da Remonta na Argentina, em 1938.

Entretanto, a Comissão de Remonta, encarregada da aquisição dos cavalos na Argentina, tendo por companheiro o Comandante do D. de G., major Carlos Abrantes, partia de Lisboa a 4 de Janeiro de 1938, com destino a Buenos Aires, capital da grande República, onde chega a 22, e realizou uma remonta que se assinalou pela regularidade perfeita do seu funcionamento, notável economia, e ainda — e um tal facto está patente — pela excelência dos produtos adquiridos e pelos magníficos resultados de que estão dando provas.





# Concurso Hípico de Madrid

pelo Major BUCETA MARTINS

Madrid, Maio de 1943.

Apenas porque pretendo atender ao natural desejo da *Revista da Cavalaria* em registar nas suas páginas uma reportagem do Concurso Hípico Internacional de Madrid, onde uma equipe portuguesa veio, uma vez mais, defender o prestígio da nossa tradição de cavaleiros, é que me resolvo a escrever estas notas que devem padecer das deficiências de quem tendo escrito muito nunca preparou o seu espírito para a reportagem e muito menos para a crítica desportiva. No balanço da situação — vamos... do ambiente material em que se deve enquadrar a minha crónica, como agora é uso dizer-se em linguagem táctica — tenho a meu favor a imparcialidade de quem tendo praticado o desporto hípico com o entusiasmo ainda assim necessário para lhe sacrificar alguns ossos de bom grado e sem atender aos anos, nunca pertenceu a *camarilhas*, nada já pretende conquistar no hipismo, nem se emiscuiu nunca no que se tem chamado a *política* do hipismo...

## Revista da Cavalaria

Valha a verdade, essa politica tem merecido a maior parte das vezes mais o nome de *intriga hípica* do que *politica desportiva* e não poucas vezes tem motivado graves ofensas ao espirito desportivo... pelo menos.

Tenham paciência os leitores da Revista em ouvir este aparte impertinente — que, metendo cada um de nós a mão na consciência todos reconhecerão ser verdade verdadeira —, mas é que fiz à minha consciência, e há muito tempo já, a jura solene de não iniciar escritos em letra redonda, nem fazer palestras sôbre qualquer assunto que interesse à minha profissão, sem começar por aludir mais ou menos ligeiramente, consoante a indole do artigo, aos erros que na matéria eu tenha visto cometer e que mais dano possam motivar no seu rendimento ou prestígio.

Alguns dissabores, mais ou menos discretos, me tem custado o cumprimento desta decisão, mas resta-me a consolação de ser reconhecida a honestidade da intenção com que o faço.

Cumpro de novo a minha jura: pela primeira vez escrevo sôbre concursos hípicos... pois não quero deixar de dizer aos meus camaradas que, por mais de uma vez, assisti a lutas e intrigas que não só por mim foram motivo de séria crítica.

Todo o cavaleiro tem o direito de aspirar atingir os primeiros portos do hipismo; é justo, é humano e é conveniente, porque mal vai a uma corporação quando não existem as ambições legítimas. Mas as glórias devem conquistar-se lutando nobremente e devem ser medidas pelo conjunto dos resultados obtidos.

É o desejo de conquistar a *categoria* na luta, na competição, que enobrece o desportista. Tudo que não seja isso inferioriza-o, tirando-lhe o direito a esse nobre titulo e conduzindo-o a transigências de carácter e do espirito sagrado de camaradagem, que são tanto mais insidiosos quanto é certo que podemos habituar-nos a elas descuidosamente e encontrando habilidosas justificações para a nossa consciência, dos actos culposos a que nos deixamos arrastar.

E, pôsto isto, vamos ao cumprimento da missão de que nos incumbiram, com os poucos recursos pessoais de que dispomos.

## Calendário das Provas do Concurso Hípico de Madrid

Dias	DESIGNAÇÃO DAS PROVAS	Número de obstáculos	Tipo de percurso	Alturas máximas e penalizações	PRÉMIOS	Cavaleiros inscritos
16	«Inauguracions»	—	—	—	—	—
»	«Nacional»	—	—	—	—	—
17	Copo de la Ex. <sup>ma</sup> Deputacion Provincial (Omnium)	14 (15 saltos)	Omnium	Dois saltos a 1,30; os restantes 1,20. $\frac{1}{4}$ de ponto por segundo a mais.	Taça e 600 ps. ao 1. <sup>o</sup> ; 400 ao 2. <sup>o</sup> ; 300 ps. ao 3. <sup>o</sup> ; 250 ps. ao 4. <sup>o</sup> e 5. <sup>o</sup> ; 200 ps. de 6. <sup>o</sup> a 11. <sup>o</sup> ; 100 ps. de 12. <sup>o</sup> a 21. <sup>a</sup>	99
18	«Fernando Primo de Rivera»	14 (15 saltos)	Caça	Dois saltos a 1,30; 15. <sup>a</sup> por obstáculo derrubado.	Taça e 800 ps. ao 1. <sup>o</sup> ; 500 ps. ao 2. <sup>o</sup> ; 300 ps. ao 3. <sup>o</sup> e 4. <sup>o</sup> ; 200 ps. de 5. <sup>o</sup> ao 8. <sup>o</sup> ; 100 ps. do 9. <sup>o</sup> ao 19. <sup>o</sup>	66
»	«Habits rouges»	—	—	—	—	—
20	«Taça da Cavalaria Espanhola»	Duas vezes (16 saltos) ou seja 32 saltos no total	Regularidade (maior número de saltos em dois percursos seguidos).	6 saltos a 1,30 e um a 1,40.	Taça e 1000 ps. ao 1. <sup>o</sup> ; 600 ps. ao 2. <sup>o</sup> ; 400 ps. ao 3. <sup>o</sup> ; 300 ao 4. <sup>o</sup> ; 200 ao 5. <sup>o</sup> e 6. <sup>o</sup> ; 100 de 7. <sup>o</sup> a 19. <sup>o</sup>	60
»	«Parelhas Mistas»	10	Parelhas (um cavaleiro e uma amazona).	1,20	Taças do 1. <sup>o</sup> a 4. <sup>o</sup>	12 parelhas
21	«Exército»	Duas vezes 10	Grande Prémio	Dois percursos seguidos em dois cavalos, sendo o segundo feito em sentido contrário ao primeiro.	Taça e 800 ps. ao 1. <sup>o</sup> ; Taça e 500 ps. ao 2. <sup>o</sup> ; Taça e 300 ps. ao 3. <sup>o</sup> e 4. <sup>o</sup> ; Taça e 200 ps. do 5. <sup>o</sup> ao 12. <sup>o</sup> ; Taça e 100 ps. do 13. <sup>o</sup> ao 19. <sup>o</sup>	36
23	«Taça de S. Ex. <sup>a</sup> o Generalissimo»	20 (24 saltos)	Grande Prémio	1,40 $\frac{1}{4}$ de posição por cada segundo a mais do que o permitido (2,30).	Taça e 2000 ps. ao 1. <sup>o</sup> ; 1000 ps. ao 2. <sup>o</sup> ; 500 ps. ao 3. <sup>o</sup> ; 400 ps. ao 4. <sup>o</sup> ; 300 ps. ao 5. <sup>o</sup> ; 200 ps. do 6. <sup>o</sup> ao 9. <sup>o</sup>	80
24	«Taça da Direcção Geral de Segurança»	16 (17 saltos)	Omnium	1,40	Taça e 1000 ps. ao 1. <sup>o</sup> ; 750 ps. ao 2. <sup>o</sup> ; 500 ps. ao 3. <sup>o</sup> ; 400 ps. ao 4. <sup>o</sup> ; 300 ps. ao 5. <sup>o</sup> ; 250 ao 6. <sup>o</sup> e 200 do 7. <sup>o</sup> ao 15. <sup>o</sup>	97
»	«Taça de Madrid»	21 (27 saltos)	Grande Prémio	1,50 Penalização de excesso de tempo como na taça de S. Ex. <sup>a</sup> o Generalissimo.	Taça e 2.000 ps. ao 1. <sup>o</sup> ; 1.500 ps. ao 2. <sup>o</sup> ; 1.000 ps. ao 3. <sup>o</sup> ; 800 ps. ao 4. <sup>o</sup> ; 600 ps. ao 5. <sup>o</sup> ; 400 ps. ao 6. <sup>o</sup> e 7. <sup>o</sup> ; 300 ps. do 8. <sup>o</sup> ao 1. <sup>o</sup> ; 200 ps. do 13 ao 21. <sup>o</sup>	99
25	«Taça do Exército Português»	18 (19 saltos)	Omnium	1,40	Taça e 1.000 ps. ao 1. <sup>o</sup> ; 600 ps. ao 2. <sup>o</sup> ; 400 ps. ao 3. <sup>o</sup> ; 300 ps. ao 4. <sup>o</sup> e 5. <sup>o</sup> ;	—
»	«Despedida»	14 (15 saltos)	Despedida	1,30	—	—

Obs.— Apenas se indica a organização das provas internacionais.



## As provas do concurso

No quadro n.º 1, junto, indica-se o calendário das provas, dando a idéia de cada uma (tipo de prova, número de obstáculos, cavalos inscritos, e prémios atribuídos).

### O campo e a pista

O campo de obstáculos em que se realizou o concurso tem o carácter de campo improvisado, porque nisso, como nos outros sectores da sua actividade, os espanhóis estão a lutar com as tremendas conseqüências da guerra civil. A Real Sociedade Hípica Espanhola adquiriu já os terrenos do antigo Club de Tiro aos Pombos na Casa de Campo, quasi vizinho do antigo campo em que eu próprio corri em 1935.

O campo é grande, abrigado e tem condições — uma vez arborizado e decorado como o antigo — para vir a ser excelente. Por enquanto, é apenas um amplo rectângulo limitado por uma vedação de corda e com tribunas rudimentares de madeira, a que uma decoração vistosa consegue, nos dias das provas de maior categoria, dar um aspecto alacre.

O piso, relvado, não está ainda com a regularidade e justa consistência que tanto encantava os concursistas portugueses que tiveram o feliz ensejo de saltar em pistas estrangeiras. O terreno estava escorregadio, dando lugar a freqüentes *patinagens* no terreno do salto, quando os cavalos «*chancavam*» — (passe o termo) — a preparar a projecção. Naturalmente os nossos cavalos sentiram mais a diferença do piso, por estarem pouco habituados ao «gazon». A apresentação dos saltos, pobre e descuidada, não correspondendo em nada à *toilette* das pistas que estamos habituados a ver em campos estrangeiros.

Aqui, uma observação que me parece oportuna: é que nem os nossos concursistas nem a nossa Sociedade Hípica

## Revista da Cavalaria

devem encontrar motivo nas deficiências que apontei, para justificar, por semelhança, a falta de arranjo que tantas vezes se tem notado dos nossos campos de concursos.

É que o campo espanhol é, nitidamente, um campo improvisado, arranjado à pressa, para se reatar a tradição do concurso internacional de Madrid. A Espanha acaba de sair de uma gravíssima doença e, por isso, está sujeita a um período de convalescença que não lhe permite, ainda, ter tudo em ordem; mas nota-se a sua decisão de restabelecer prontamente as suas instalações desportivas.

Assisti a corridas em Sevilha num campo também apenas esboçado mas, em todo o caso, com uma pista de piso admirável em lugar aprazível e que vai, com certeza, dentro de um ano ser um esplêndido campo de corridas. Assisti já a corridas em Madrid num campo ainda não completamente instalado, mas já muito bom em qualquer parte. Neste, nota-se já no ajardinamento e nas instalações, a preocupação estética que não pode nem deve ser descurada nas manifestações desportivas. Estive num campo maravilhoso de «polo», onde, desde a arborização às instalações para cavalos, tudo está a ser feito de novo. Êste assunto transcende, para nós, o interesse particular do desporto e deve ligar-se ao problema geral da Propaganda Nacional e do Turismo, o que me leva a deixar aqui registado um pedido dirigido ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Director do Secretariado da Propaganda Nacional, para que detenha por uns momentos a sua atenção sobre êle, no sentido de prestar o seu valioso auxílio e estímulo aos organizadores do nosso Concurso hípico internacional e das nossas corridas, a que assistem hoje tantos estrangeiros.

Eu entendo que há tanta necessidade, para prazer do público, em decorar agradavelmente um campo de corridas ou de obstáculos, como um palco de teatro. É a decoração do campo, a boa música nos intervalos, a *toilette* apurada de cavalos e cavaleiros, que, junto à parada das elegâncias femininas, desvanecem a monotonia de uma tarde passada a ver saltar o mesmo percurso, noventa ou cem cavalos. Vou mais longe ainda: acho vantagem em intercalar numa tarde de concurso, qualquer outra manifestação ligada com o assunto hípico. Por exemplo: uma apresentação de cossacos, uma escola de manéje — como a que vi na Fonte Boa e que

## Revista da Cavalaria

se pode apresentar em qualquer parte, um concurso de caruagens, uma prova de alta escola, um «*cross-country*»... a escolher, conforme as possibilidades em cada ano.

É indispensável aproveitar a oportunidade excepcional para réclame de Portugal como país de turismo e de civilização apurada. Muito se tem feito já nesse sentido mas creio que com um pouco de esforço e de auxílio do Secretariado da Propaganda Nacional e da C. M. de Lisboa, o campo do Jockey pode vir a transformar-se num cartaz interessante.

Depois, a verdade é que os grandes países que podem apresentar sob múltiplas formas a sua riqueza e pujança, podem também permitir-se, numa coisa ou noutra, certo descuido. Os países pobres e pequenos têm de valorizar aquilo em que na realidade conseguiram lugar de destaque e não deixar perder a posição conquistada.

Ora em matéria de desporto é indiscutível que é no desporto hípico que temos conseguido fazer uma tradição e criar um lugar de relêvo. Para manter êsse lugar os cavaleiros portugueses têm, num trabalho obscuro, feito quanto podem da sua parte. Importa que o Govêrno os auxilie, adquirindo cavalos para desporto que mereçam êsse nome; que conceda facilidades às Sociedades organizadoras do desporto hípico e que estimule e patrocine a organização de muitos concursos hípicos e outras provas dêsse desporto, cujos encargos a iniciativa e bôlsa particulares não podem, em geral, suportar, sem auxílio do Estado. Os campos de desporto, — e designadamente os de desporto hípico — não podem ser encarados apenas como fonte de receita para qualquer organismo, e pretexto para gôzo dos cavaleiros, mas antes como terreno onde é preciso gastar bom dinheiro, cujo rendimento virá a traduzir-se na educação desportiva e estética dos portugueses e designadamente, na formação dos cavaleiros militares, bem como no réclame do país como terra de turismo, para não falar já no estímulo da indústria de criação e recria cavalár, cujo interêsse nacional e militar se não quer reconhecer no nosso país, como de importância indiscutível.

## Revista da Cavalaria

Os obstáculos neste concurso de Madrid são, de uma maneira geral, tècnicamente bem feitos, com alturas mínimas de 1,20 e um mínimo de 15 saltos nas provas internacionais.

A notar a conservação da tradicional banquetta de Madrid, agora menos forte. Também entendo — por muitas razões técnicas que me apresentam a justificar a supressão dos obstáculos de terra — que a sua ausência, além de prejudicar o interêsse do público, falseia o objectivo que os percursos de obstáculos devem ter, designadamente no nosso país, onde a grande maioria dos concorrentes é de militares. A banquetta, ou o muro em crista, e os valados, são obstáculos que enfeitam a pista, dão lugar a emoção do público e obrigam os cavaleiros militares a não se esquecer «da terra», quere dizer, do *exterior*, como infelizmente vai sucedendo.

As competições desportivas que não ofereçam num ponto ou noutro, ensejo para o «*frisson*» do público e não dêem aos concorrentes a noção do esforço e da coragem moral para a transposição de certos obstáculos, é uma competição falhada no seu objectivo educativo e no prazer do público. Esta é que é a verdade, em meu entender.

Façam-se provas simples para cavalos novos e para cavaleiros civis; mas hajam algumas provas duras para os percursos internacionais e percursos militares.

¿Porque não há-de o concurso hípico de Lisboa contar, pelo menos, uma prova militar — ou mesmo civil-militar — com o nome de um dos nossos melhores cavaleiros ou cavalos de exterior — caracterizada por saltos do género dos obstáculos de campo: cancelas e muros fixos, grandes valados e sebes do género das grandes sebes de «*cross-country*», muros em crista, banquetas, oxers de varas iguais, rias com muros, pinheiro entre valados, etc... enfim, um autêntico percurso de caça? Em que merecem as actuais provas de caça este nome?...

## Cavalos e Cavaleiros

Inscreveram-se na *Omniun* (Taça da Ex.<sup>ma</sup> Deputacion Provincial) noventa e nove cavalos, dos quais onze são da equipe portuguesa.

Entre os cavalos espanhóis contavam-se: 18 puros-sangues e 12 puros anglo-árabes.

A equipe portuguesa apresentou: 1 puro sangue inglês — *Adail* —, três anglo-árabes — *Fossete*, *Sado* e *Magul* —, cinco argentinos — *Abanão*, *Paiol*, *Benguela*, *Desejado* e *Razo* — um irlandês — *Coolela* — e um português (Santos Jorge) — *Namir* —.

Entre os cavalos espanhóis nota-se logo na primeira prova, que existe ainda um lote de cavalos de grande classe, apesar da crise que também a este respeito, a Espanha atravessa.

Ferem-me a atenção, como animais de grande classe: «*Egalité*» (anglo-árabe) que apesar da idade continua a ser uma maravilha de «*souplesse*» e tem a seu favor uma longa prática de concursos que lhe deu toda a habilidade e cuidado que reclama qualquer percurso; «*Gracieuse*» outra anglo-árabe de primeira ordem; «*Nebly*» um hispano-anglo-árabe que montado magistralmente por Lopez de Hierro, em n.º 92 de ordem nos 95 inscritos, arrancou das mãos do Ten. Carvalho a Taça de S. Ex.<sup>a</sup> o Generalissimo, que o nosso cavaleiro conquistaria num percurso estupendo de correcção e tato de concursista; «*Acebuche*» um fortíssimo anglo-árabe de temer em qualquer pista; e «*Palómera*» uma graciosidade de colocação e equilíbrio, onde se patenteia a influência de um excelente ensino, que faz deste animal um verdadeiro «*cro-nómetro*» (ou não fôsse trabalhada pelo conhecido mestre de equitação da Escola de Equitação Militar). Depois, são de citar ainda os puros sangue: *Gran-Duc*, *Azucena*, *Tamango*, *Lequeitio*, *Dulcinea*, *Petrarca*, *Liébana* e *Cholula*, os anglo-árabes *Tomillo*, *Madroño*, *Mambrullo* e *Peleon* e o espanhol *Ranchero*.

Como se vê, é sempre entre os puros-sangue ingleses e os anglo-árabes que se encontram os melhores saltadores, os

## Revista da Cavalaria

verdadeiros concursistas. O resto são ilusões que nos habituamos a alimentar, habituados à falta de cavalos capazes para desporto.

A cavalaria portuguesa, na tenacidade com que luta e trabalha resignada à ferramenta hípica em geral fraca de que dispõe, revela, como noutros aspectos da sua actividade militar e profissional, uma arraigada noção do dever, um enormíssimo desejo de bem servir e um espírito de Arma que a enobrece — e tanto mais assim, quanto é certo ter tido durante muito tempo a consciência de que poucos são os que compreendem e apreciam justamente essas virtudes de que pode orgulhar-se.

Para que possa fazer mais, precisa:

a) — de dispor de cavalos de sangue, comprados expressamente para cavalos de concurso e distribuídos inflexivelmente aos cavaleiros que tenham revelado aquêl conjunto de requisitos indispensáveis ao concursista internacional;

b) — de tomar parte não em dois ou três concursos hípicos, mas em seis ou oito ou dez, como antigamente.

Os concursistas espanhóis com que teve de bater-se a nossa «equipe» tinham tomado parte no ano passado em 18 concursos hípicos (isto sem falar noutras provas hípicas); os nossos teriam tomado parte em 3.

É de esperar que o desenvolvimento do turismo entre nós, que é palpável — e que não é das obras menos importantes que se têm feito no nosso país, nos últimos anos — induza à organização de concursos hípicos nas várias estâncias de verão, uma vez que sejam concedidas facilidades, para estímulo, pelo Secretariado da Propaganda Nacional e Câmaras Municipais, e que sejam concedidas as indispensáveis facilidades de transporte aos cavaleiros e cavalos que queiram tomar parte nos concursos hípicos.

A Sociedade Hípica tem no assunto um largo campo para trabalho em prol do hipismo: solicitar, pedir, convencer, estimular, facilitar... Trabalho árduo, por certo, mas neces-

## Revista da Cavalaria

sário e não superior às responsabilidades que lhe cabem no fomento do desporto hípico em Portugal.

Pelo que respeita aos cavalos da nossa «*equipe*» a minha impressão é esta: um lote de cavalos razoáveis, alguns de verdadeira classe internacional, alguns também sem categoria para concursos hípicos internacionais. Os resultados do concurso são elucidativos a êsse respeito, mas não quero deixar de claramente definir o meu pensamento.

Entendo que estão em condições de se considerar de categoria para concursos internacionais: *Fossete, Razo, Adail, Sado, Paiol* e *Desejado. Magul* e *Abauão* poderão incluir-se numa equipe para a completar, *Benguela, Coolela* e *Namir* não têm, presentemente, categoria para provas internacionais... isto no meu fraco entender, que os outros corrigirão se não tiver acertado.

No que respeita a cavaleiros nota-se entre os espanhóis, também a êste respeito, a crise resultante da guerra: perdeu-se momentaneamente a uniformidade e a correcção características da monte espanhola, como não podia deixar de ser: morreram muitos dos que nós vimos com admiração nas pistas de concurso e que hoje deviam ser os mestres e modelos da equitação espanhola, sacrificados uns na dura peleja em que galhardamente caíram a combater pela sua Espanha, imolados outros como mártires e santos da cruzada da renascença espanhola; outros ficaram estropiados prematuramente pela tragédia que viveram.

À medida, porém, que vão correndo as provas do concurso vão-se descortinando os que restam da velha guarda e um ou outro dos novos que apresentam a boa classe da equitação espanhola.

Destaco os Ten. Coronel Hector Vasquez, os majores Lopez de Hierro, Somalo e Noguerras e os capitães Kivkpatrick, Gavilam, Pagés, Espinosa de los Monteros e Garcia Cruz.

É curioso anotar que entre os 94 concursistas espanhóis alinham apenas 8 tenentes e dois alferes: o resto são capitães, grande número de majores e um tenente-coronel.

A nossa equipe mantém, de uma maneira geral, uma agradável correcção de «*monte*» e se não tivesse contra si uma grande «*pouca sorte*» poderia ter obtido um melhor

## Revista da Cavalaria

«score» de classificações. É justo destacar o capitão Correia Barrento e o tenente Carvalhosa, dois internacionais feitos, seguros, dispondo de um excelente temperamento nervoso de concursistas e de apurados reflexos.

Correia Barrento fez na prova «Ejercito» dois percursos de mestre que nos grangearam a conquista desse trofeu e na «Copa de «Madrid» fez outro percurso magistral no *Razo* que foi inutilizado por uma infelicidade inesperada no penúltimo salto, talvez devido à péssima luz — eram 21 h 30 — e que quási nos assegurava o 1.º prémio dessa prova.

Carvalhosa fez na *Fossete* um percurso de impecável correcção na *Omnium*, que nos deu o 1.º prémio dessa prova, e um percurso magistral no *Desejado* na «Taça de S. Ex.<sup>a</sup> o Generalíssimo, que nos deu mais um 2.º prémio.

Calado é um novo que sabe o que faz e que deve vir a ser uma das nossas *escoras* em futuras equipas internacionais. Ouvi fazerem-lhe referências muito lisongeiras no meio dos concursistas e nossos velhos conhecidos espanhóis das lides hípicas. Luta com as dificuldades para a solidez em sela resultantes da sua pequena estatura, que a sua perfeita forquilha lhe permite compensar.

Notei em alguns dos nossos cavaleiros, freqüentemente, uma excessiva preocupação de intervenções de mão que por serem feitas em muitos casos próximas de mais não permitiam já corrigir com a conveniente acção das pernas uma acção excessiva de deslocação da massa para a retaguarda e conseqüente esmagamento do rim.

É ocioso acrescentar que o recurso da «meia paragem» sobre o salto exige uma «virtuosidade» que nem sempre se obtém e que não sendo feita na justa medida só pode ser compensada por uma *perna* (perna e não assento) atenta e pronta na correcção e por um oportuno mergulho, fechando o ângulo do tronco com a coxa para aliviar o «post-mão».

Verifiquei que entre os espanhóis mais sabedores dos «trucs» de pista, em geral se empregavam as meias paragens a maior distância do obstáculo (imediatamente antes de entrar «no terreno do salto») e, por isso, com menos risco por poderem ainda intervir com a correcção da intervenção com as pernas, a que me referi.

# Revista da Cavalaria

## Crónica das provas

"Taça da Ex.<sup>ma</sup> Deputação Provincial"

(Omnium)

O percurso compreende os seguintes obstáculos:

- |                                 |                                 |
|---------------------------------|---------------------------------|
| 1.º Cancela branca              | 8.º Duplo de varas              |
| 2.º Cancela de caminho de ferro | 9.º Oxe                         |
| 3.º Entrada de parque (1,30)    | 10.º Banqueta                   |
| 4.º Dupla vedação               | 11.º Cruz de Santo André (1,30) |
| 5.º Muro encarnado              | 12.º Barreira de Spa            |
| 6.º Tríplice vara               | 13.º Cancela com vara           |
| 7.º Vala com sebe               | 14.º Entrada de parque          |



O Tenente José Carvalhosa, recebendo a taça da  
«Ex.<sup>ma</sup> Deputação Provincial»

Inscrevem-se 99 concorrentes.

O primeiro cavaleiro português a correr foi Carvalhosa no *Abanão*, que marca 12 pontos.

Pouco depois corre *Paíol* em número 41 e foi o primeiro percurso limpo da prova em 1<sup>m</sup> 29<sup>s</sup> 2/5.

## Revista da Cavalaria

Desde esse momento inicia-se a disputa do tempo. O cap. Kirkpatrick limpa com 1<sup>m</sup> 25<sup>s</sup> sôbre *Lequeitio*.

Dos nossos seguem-se *Magul* com 4 pontos, *Coolela* com 7 pontos, *Adail* com 4 pontos e *Namir* com 4 pontos.

Entra em número 77 *Fossete* que num percurso estupendo de tato e correcção de Carvalhosa, bate o tempo, marcando 0 pontos em 1<sup>m</sup> 18<sup>s</sup>.

Pouco depois corre *Razo* que noutra magnifico percurso com Barrento, se coloca em 3.<sup>o</sup> lugar com 0 pontos e 1<sup>m</sup> 24<sup>s</sup> <sup>4</sup>/<sub>5</sub>.

A classificação nesta prova dá-nos o 1.<sup>o</sup>, 3.<sup>o</sup>, 5.<sup>o</sup>, 10.<sup>o</sup>, 11.<sup>o</sup>, 14.<sup>o</sup> e 17.<sup>o</sup> prémios, e com esta classificação uma expectativa cheia de esperanças para nós e de preocupação para os espanhóis.

Deve notar-se que depois desta prova nunca mais a sorte nos ajudou. Pelo contrário, perderam-se algumas classificações por absoluto «azar»: umas vezes uma destas asneiras inesperadas do cavalo, outras uma das sempre possíveis asneiras do cavaleiro (quem as não faz?), outras uma vara quasi apenas a florada por uma pinça... mas que cai.

### "Prova Fernando Primo de Rivera"

(Caça)

É um percurso extenso, com 14 obstáculos, sendo 15 os saltos, a saber:

- |  |  |
|--|--|
| 1. <sup>o</sup> Cancela encarnada      | 8. <sup>o</sup> Cancela branca               |
| 2. <sup>o</sup> Cancela branca         | 9. <sup>o</sup> Banqueta (altura...?)        |
| 3. <sup>o</sup> Dupla vara (a 1,20)    | 10. <sup>o</sup> Cancela de caminho de ferro |
| 4. <sup>o</sup> Oxer de vara e cancela | 11. <sup>o</sup> Opendich (1,30?)            |
| 5. <sup>o</sup> Muro encarnado e vara  | 12. <sup>o</sup> Barreira de Spa (1,30?)     |
| 6. <sup>o</sup> Vala                   | 13. <sup>o</sup> Valado com vara             |
| 7. <sup>o</sup> Entrada de parque      | 14. <sup>o</sup> Cancela branca              |

Os cavaleiros portugueses estão em dia de má sorte. Terá tido influência o enervamento produzido pela surpresa dos primeiros percalços, contrastando com a actuação da véspera?... Vá-se lá saber o porquê das coisas!...

## Revista da Cavalaria

O primeiro dos nossos a correr é *Abanão*, que marca 4 pontos em  $1^m 44^s \frac{2}{5}$ . Tempo total  $1^m 59^s \frac{2}{5}$ .

Pouco depois corre *Paíol* com Calado que marca também 4 pontos em  $1^m 38^s$ . Tempo total  $1^m 53^s$ .

Depois corre *Magul*, com Reimão Nogueira; marca uma nega e mais quatro pontos, que o atiram para fora da classificação.

*Coolela*, com Pascoal Rodrigues marca 8 pontos num tempo total de  $2^m 05^s$ .

Segue-se *Adail*, com Barrento que limpa e bate o tempo, fazendo o percurso em  $1^m 30^s$ .

De novo começa a disputa do tempo e logo a seguir o cap. Gavilan em *Liébana*, bate o nosso tempo com  $1^m 29^s \frac{4}{5}$ .

Calado corre quasi a seguir em *Benguela* e limpa também mas marcam-lhe  $1^m 30^s \frac{4}{5}$ .

Tem-se a impressão de que a preocupação de limpar, está a prejudicar os nossos cavaleiros no tempo.

A seguir o maj. Nogueiras em *Lilas-Blancas*, faz um lindo percurso em  $1^m 25^s$ .

Os nossos vão começar a puxar a velocidade, mas... a sorte não nos favorece e entra-se num estado de enervamento que parece prejudicar alguns percursos.

*Namir* faz oito pontos com um tempo total de  $1^m 55^s \frac{2}{5}$ , quer dizer, tempo real  $1^m 25^s \frac{2}{5}$ .

*Fossete*, uma das nossas esperanças, faz doze pontos num percurso inferior à sua classe.

*Sado*, em bom «train» faz, por infelicidade, oito pontos que o inutilizam.

Pouco depois *Razo*, a nossa última esperança, faz um percurso demasiado vagaroso com a preocupação de limpar, e marca, talvez por isso mesmo, quatro pontos.

Entretanto, os espanhóis vão melhorando as suas posições; tem-se a impressão de que estão a *assentar* e a montar melhor.

Os *azes* começam a revelar-se.

Lopez de Hierro arranca o primeiro lugar em *Nebly*, num percurso magistral em  $1^m 24^s$ .

# Revista da Cavalaria

## Taça da Cavalaria Espanhola

É um percurso de regularidade, em que cada cavaleiro deverá tentar fazer no mesmo cavalo dois percursos a seguir, num total de 28 obstáculos com 32 saltos. O cavaleiro é desclassificado à primeira falta, contando-se-lhe o tempo gasto até saltar o obstáculo que se segue àquêle em que fêz a falta.

Os saltos do percurso são:

- |  |  |
|--|--|
| 1.º Cancela (1 <sup>m</sup> ,30)   | (1 <sup>m</sup> ,10; 1 <sup>m</sup> ,10; 1 <sup>m</sup> ,20; 1 <sup>m</sup> ,30; |
| 2.º Cancela de caminho de ferro<br>(1 <sup>m</sup> ,30)  | 1 <sup>m</sup> ,40).   |
| 3.º Cancela com vara (1 <sup>m</sup> ,10 x 1 <sup>m</sup> ,80)                                     | 7.º Duplo de varas verticais a 10 <sup>m</sup><br>(1 <sup>m</sup> ,20)           |
| 4.º Sebe e vara (1 <sup>m</sup> ,20)   | 8.º Oxe de varas desiguais (1 <sup>m</sup> ,30 x<br>1 <sup>m</sup> ,80)          |
| 5.º Tríplice vara (1 <sup>m</sup> x 1 <sup>m</sup> ,10 x 1 <sup>m</sup> ,20)                       | 9.º Oxe de varas desiguais (1 <sup>m</sup> ,30 x<br>2 <sup>m</sup> ).            |
| 6.º Quíntuplo de verticais a 8 e<br>a 7 metros de distância, com<br>duas cancelas, um muro e varas | 10.º Entrada de parque (1 <sup>m</sup> ,30)                                      |
|  | 11.º Barreira de Spa (1 <sup>m</sup> ,30 x 1 <sup>m</sup> ,80)                   |

A prova é importante e pesava sôbre os nossos a responsabilidade do triunfo do ano passado em que Correia Barrento ganhara a taça no *Adail*.

Desta vez, a sorte não nos bafejou e apenas obtivemos o 8.º (*Magul*) o 13.º (*Adail*) e o 16.º (*Paiol*).

*Paiol* salta 18 obstáculos.

*Magul* faz um bom percurso com 28 obstáculos.

*Coolela* salta apenas 7 obstáculos.

*Adail* salta 19 obstáculos.

*Benguela* fica-se pelo quarto obstáculo e *Desejado* pelo terceiro.

*Namir*, salta apenas 10 saltos.

*Fossete* também não salta mais do que três obstáculos.

*Sado* salta 12 obstáculos.

*Razo* toca o primeiro salto, uma cancela insignificante... já é pouca sorte!...

*Abanão* não faz mais de 9 saltos.

## Revista da Cavalaria

A prova é ganha pela velha mas preciosa *Egalité* montada pelo esplêndido cavaleiro que é Somalo, que faz os 32 saltos dos dois percursos em 2<sup>m</sup> 57<sup>s</sup> 2/5.

Conseguem fazer os dois percursos, mais os seguintes concursistas espanhóis:

*Acebuche* montado por Hector Vasquez.

*Tajo* montado pelo cap. Triana.

*Amargado* montado pelo maj. Pascual.

Fazem 31 saltos *Azucena* e *Cálculo* e 30 saltos *Lequeitio*.

### Prova de parelhas mistas

Trata-se de um percurso médio a fazer por um cavaleiro e uma amazona.

Inscrevem-se 13 parelhas, entre elas uma constituída pela gentil amazona Tereza Barroso, montando o nosso cavalo *Desejado* e o Ten. Carvalhosa montando o *Abanão*.

Ganharam brilhantemente a prova os irmãos Margarita e Francisco Goyoaga em *Giralda* e *Tomilho*.

A parelha Tereza Barroso e Ten. Carvalhosa faz o melhor conjunto entre todos, mas classifica-se em 4.º lugar por excesso de tempo...

### Prova "Ejercito"

Trata-se de uma prova nova a que se pretende dar o cunho de prova militar e reunir provas de «fundo» e «destreza» do cavaleiro.

Cada cavaleiro deverá fazer em dois cavalos seguidos, constituindo a sua parelha, um mesmo percurso de 10 obstáculos (doze saltos). Ao terminar o primeiro percurso dirige-se o cavaleiro para o seu 2.º cavalo, que o aguarda dentro de um redil, seguro pelo impedido, devendo apeiar do primeiro, montar rapidamente no segundo cavalo e repetir o percurso feito em sentido inverso.

## Revista da Cavalaria

É incontestavelmente uma prova interessante que foi em todo o caso prejudicada por não serem bem escolhidos os saltos e marcar mudanças difíceis de direcção que cortaram o melhor «cunho» da prova que seria a velocidade.



NO CAMPO DO CONCURSO DE MADRID: *O Ministro da Agricultura, e o Presidente da Real Sociedade Hípica Española, conversando com o chefe da equipe portuguesa*

Acho que deveríamos incluir no nosso concurso uma prova semelhante, a disputar como a caça, por tempo, com saltos fortes mas bem marcados (oxers de varas e de cancelas opendichs valados, barreiras de Spa, rios, muros, valas etc. . . ),

## Revista da Cavalaria

permitindo a velocidade... e então deve tornar-se uma prova emocionante e do maior interesse.

O primeiro cavaleiro português a correr foi Calado em *Paiol* e *Benguela*, que se desclassificou. Foi notável a rapidez com que este cavaleiro, apesar da sua pequena estatura apeou do primeiro cavalo e recomeçou o percurso no segundo.

Depois correu Pascoal Rodrigues em *Coolela* e *Namir*, tendo feito na égua, 33 pontos (com duas negas) e oito pontos no *Namir*.

Segue-se Reimão Nogueira em *Magul* e *Sado*, que fez dois bons percursos com um total de 12 pontos, que o colocam em oitavo da classificação.

Depois corre Correia Barrento em *Adail* e *Razo*, que conquista o primeiro prémio em dois percursos magistrais sem faltas. Foram-lhe marcados quatro pontos com que não podemos concordar. A entrada de parque era ladeada por dois muros de madeira altos, em cima dos quais se encontravam dois toros soltos de madeira, para enfeite, mas que a fazer parte do obstáculo seriam verdadeiros «taquetes». *Razo* salta magistralmente, por alto, a entrada de parque e tão bem que tendo saltado próximo de um dos muros laterais, a perna ou pé do cavaleiro devem ter a florado ao de leve o «enfeite» e pela extremidade do toro, o que o fez cair... e marca-se um ponto, indiscutivelmente inadmissível e anti-desportivo, que muito nos desgostou, precisamente por ser «anti-desportivo». Tão anti-desportivo que nas provas seguintes em cumprimento do disposto no Regulamento da Federação Equestre Internacional, já não aparecem os «taquetes» nas anteparas... mas a penalização ficou. Mesmo assim Barrento ganhou o primeiro prémio.

Carvalhosa em *Abanão* e *Desejado*, marca doze pontos, obtendo o nono lugar da classificação.

### Taça de S. Ex.<sup>a</sup> o Generalissimo

Trata-se da prova de mais importância do concurso, que se corre com a presença do Chefe do Estado Espanhol, para disputa do trofeu por êle oferecido.

Prova do tipo «Grande Prémio».

# Revista da Cavalaria

São vinte obstáculos, 23 saltos com alturas mínimas de 1<sup>m</sup>,20, vários saltos a 1<sup>m</sup>,30 e alguns a 1<sup>m</sup>,40.

Os obstáculos são :

- |                                       |                                  |
|---------------------------------------|----------------------------------|
| 1.º Cancela                           | 10.º Oxer de varas desiguais     |
| 2.º Oxer de varas                     | 11.º Opendich                    |
| 3.º Dupla vara                        | 12.º Cancela rústica             |
| 4.º Muro encarnado precedido de grade | 13.º Vala com varas              |
| 5.º Oxer de varas desiguais           | 14.º Entrada de parque           |
| 6.º Valado com varas                  | 15.º Cancela                     |
| 7.º Triplíce de cancelas rústicas     | 16.º Oxer                        |
| 8.º Banqueta                          | 17.º Vertical de varas           |
| 9.º Cancela e vara                    | 18.º Dupla vedação               |
|                                       | 19.º Cancela branca              |
|                                       | 20.º Cancela de caminho de ferro |

O percurso é extenso e forte, embora não atinja a dificuldade do percurso do Grande Prémio de 1935 em que tomei parte.

A prova foi instituída em 1940, e para se conquistar a taça torna-se necessário ganhá-la dois anos seguidos ou três alternados. A actual Taça é a segunda oferecida, tendo a primeira sido ganha por *Singra* que montada pelo major Nogueiras se classificou em 1.º lugar nos anos de 1941 e 1942.

Inscreveram-se na prova 80 cavalos, muitos dos quais não chegaram, porém, a correr.

A baixa velocidade era penalizada com  $\frac{1}{4}$  de ponto por cada segundo a mais do que o máximo admitido: 2<sup>m</sup> 30<sup>s</sup>.

Assistência numerosíssima (cêrca de 6.000 pessoas) e grande animação. A classificação em 1.º de *Desejado* até quasi ao final da prova, cria uma emoção enorme entre portugueses e espanhóis.

O primeiro cavalo da nossa equipe a correr foi *Abanão* em n.º 32 com *Carvalhosa*, que fêz 8 pontos em 2<sup>m</sup> 20<sup>s</sup>.

Corre depois *Paiol* em n.º 41 que faz  $4\frac{1}{4}$  pontos em 2<sup>m</sup> 32<sup>s</sup>.

*Ranchero* em n.º 42 faz 4 pontos.

Dos nossos vem depois *Magul* que é desclassificado e *Coolela* que desiste com 8 pontos.

Corre depois *Correia Barrento* no *Adail* que num esplêndido percurso faz 4 pontos em 2<sup>m</sup> 16<sup>s</sup>.

## Revista da Cavalaria

Benguela com Calado faz 16 pontos e desiste, mas logo em seguida o Tenente Carvalhosa faz mais um esplêndido percurso limpo no *Desejado* em 2<sup>m</sup> 7<sup>s</sup> 3/5.

Namir com cap. Rodrigues, desclassifica-se.



*O Coronel José Mousinho, chefe da equipe portuguesa e o Comandante Bettencourt, os dois mais antigos concursistas em pistas de Espanha*

*Fossete* com Carvalhosa faz uma nega e marca 7 pontos em 2<sup>m</sup> 20<sup>s</sup>.

*Sado* com Reimão entra em grande velocidade e, talvez por isso, faz rapidamente oito pontos, que levam o cavaleiro a desistir.

## Revista da Cavalaria

Razo com Correia Barrento também não consegue meter-se na classificação.

*Desejado* continua em primeiro, numa expectativa ansiosa da assistência... Até que em número 92 o Comandante Lopez de Hierro, num percurso admirável de correcção e de decidida mas discreta energia, bate o tempo do *Desejado* com 2<sup>m</sup> 6<sup>s</sup>.

Esta prova leva-me a abordar um problema que no meu entender merece discussão.

É uso, nas equipas que disputam provas em campos estrangeiros, seguir-se o critério de que uma vez que um dos cavaleiros da equipa tenha conseguido um percurso limpo, os outros devem procurar aumentar a velocidade para conseguir melhorar a classificação em tempo. Eu sei que é essa a regra geral e parece que a ditada pela lógica.

Entretanto, confesso que penso de maneira um pouco diferente.

Eu entendo que interessa mais a uma equipa ganhar muitos prémios entre o 1.º e o 5.º prémios, do que um ou outro primeiro prémio. Ganhar um primeiro ou segundo prémio, a maior parte das vezes não significa mais do que ser mais ou menos bafejado pela sorte.

Conseguir classificar-se muitas vezes em 1.º, 2.º, 3.º, 4.º ou 5.º, é que dá a medida da classe do conjunto cavalo-cavaleiro.

De sorte que eu entendo que quando se conseguir que um dos cavaleiros da equipa, em bom tempo — e foi o caso do *Desejado* com Carvalhosa — se coloque em primeiro com um percurso limpo, a preocupação de vêr êsse trofeu arrancado à equipa nacional não deve arrastar-nos a abrir demais o galope dos restantes cavalos, correndo o risco de inutilizar vários percursos que poderiam não nos dar o primeiro prémio mas garantir-nos mais alguns lugares na cabeça da classificação.

Devo honestamente dizer que até agora eu não pensava assim; pensava também que a regra — a boa regra — mandava correr para melhorar o tempo, custasse o que custasse. Foi a meditação sôbre os resultados que eu ia verificando como consequência daquela preocupação da velocidade e a pena de não vêr mais cavaleiros portugueses na cabeça da classificação desta prova — o que estava absolutamente dentro das

## Revista da Cavalaria

nossas possibilidades — que me levou a esta nova opinião, que julgo ser a mais razoável para os objectivos do «Score» que nos interessa: prefiro muitos segundos, terceiros, quartos e quintos prémios do que um ou outro primeiro e alguns décimo, décimo quinto ou vigéssimos.

...Mas isto é apenas uma opinião.

O resultado da classificação desta importante prova dá:

- 1.º *Nebly* com Lopez de Hierro
- 2.º *Desejado* com Carvalhosa
- 3.º *Lilas-Blancas* com Major Nogueras
- 10.º *Adail* com Correia Barrento
- 13.º *Païol* com Alferes Calado

### *Taça de Madrid*

É a prova mais forte, correspondendo ao verdadeiro «Grande Prémio».

Os cavaleiros portugueses haviam-se preparado para tirar a desforra nesta prova, e para isso no dia anterior haviam sacrificado alguns percursos, desistindo logo que faziam oito pontos.

...Mas a sorte continua a não estar connosco.

Obstáculos 21, com 26 saltos e altura máxima 1<sup>m</sup>,50 em um salto e algumas de 1<sup>m</sup>,40, a saber:

- |                                       |   |
|---------------------------------------|---|
| 1.º Cancela                           | 11.º Cancela e vara                                   |
| 2.º Cancela de caminho de ferro       | 12.º Duplo de varas com fossos                        |
| 3.º Cancela com grade                 | 13.º Oxer (a 1 <sup>m</sup> ,30 × 1 <sup>m</sup> ,80) |
| 4.º Dupla vedação de caminho de ferro | 14.º Entrada de parque                                |
| 5.º Cancela                           | 15.º Banqueta   |
| 6.º Sebe e varas (1 <sup>m</sup> ,50) | 16.º Cancela branca                                   |
| 7.º Muro encarnado e vala             | 17.º Cancela de caminho de ferro                      |
| 8.º Vala                              | 18.º Oxer (1 <sup>m</sup> ,30 × 2 <sup>m</sup> )      |
| 9.º Varas                             | 19.º Valado com vara (1 <sup>m</sup> ,40)             |
| 10.º Quádrupulo                       | 20.º Cancela com vara (1 <sup>m</sup> ,40)            |
|                                       | 21.º Barreira de Spa (1 <sup>m</sup> ,30)             |

O percurso é forte, embora menos duro do que alguns anteriores à guerra (designadamente o Grande Prémio de 1935).

## Revista da Cavalaria

A prova começa a correr-se muito tarde e acaba correndo-se de noite. Havia ainda cavalos na pista às 22 horas!

Numa prova de responsabilidade como esta, não se explica que, uma vez que o dia começou a declinar e que se concluiu que a prova não podia terminar nesse dia com luz, como se poderia ter concluído desde o começo da prova, se não tivesse interrompido a prova aí por alturas do n.º 61 (meio da prova) para a acabar no dia seguinte, em que poderia dar-se começo às provas mais cedo.

A maior parte dos nossos cavalos e também os cavalos de handicap espanhóis, correram com má luz.

O nosso primeiro cavalo a correr foi *Abanão* com *Carvalho* que faz 18 pontos em  $3 \frac{4}{5}$ .

*Paiol* com *Calado* faz  $7 \frac{1}{4}$  pontos em  $2^m 50^s$ .

*Magul* com *Reimão Nogueira* faz 37 pontos.

*Adail* com *Barrento* faz  $8 \frac{1}{4}$  pontos em  $2^m 50^s \frac{3}{5}$ .

*Benguela* com *Calado* faz 16 pontos.

*Desejado* faz um percurso bom com 12 faltas.

*Fossete* faz um bom percurso com 8 pontos em  $2^m 40^s$ .

*Sado* com *Reimão Nogueira* faz um excelente percurso com 4 pontos.

*Razo* completou o percurso com 13 pontos.

A prova é ganha pela impecável *Palomera*, seguida de *Liébana* e *Madroño*.

Da equipe portuguesa *Sado* classifica-se em 4.º lugar, *Paiol* em 7.º, *Fossete* em 10.º e *Desejado* em 15.º

### "Prova Exército Português"

Prova tipo omnium, com a altura máxima de  $1^m,40$ .

A *Taça Exército Português*, oferecida pelo Ministério da Guerra Português, é destinada ao oficial do Exército Espanhol mais classificado nesta prova.

A prova foi brilhantemente ganha pelo comandante Lopez de Hierro, montando *Nebly* com 0 pontos em  $1^m 39^s \frac{2}{5}$ .

Em segundo lugar classifica-se a famosa *Palomera* montada pelo Comandante Somalo, com 0 pontos em  $1^m 39^s \frac{3}{5}$ .

Da equipe portuguesa *Abanão* termina o percurso com 8 pontos, *Paiol* com 0 pontos em  $1^m 48^s$ , *Magul* com 0 pontos

## Classificação da Equipe Portuguesa

CAVALOS	RAÇAS	CAVALEIROS	PRÉMIOS						
			1. <sup>os</sup>	2. <sup>os</sup>	3. <sup>os</sup>	4. <sup>os</sup>	5. <sup>os</sup>	OUTROS	
<i>Fossete</i>	Anglo-Arabe	J. Carvalhosa	Omnium			Taça do Exército Português			10. <sup>o</sup> na « Taça de Madrid »
<i>Razo</i>	Argentino	C. Barrento				Omnium			15. <sup>o</sup> na Caça 16. <sup>o</sup> na Taça de Madrid
<i>Adail</i>	P. S. I.	C. Barrento	Exército						14. <sup>o</sup> na Omnium 6. <sup>o</sup> na Caça 13. <sup>o</sup> na Taça de Cavalaria Espanhola 10. <sup>o</sup> na Taça do Generalissimo 11. <sup>o</sup> na Taça de Madrid 15. <sup>o</sup> na Taça do Exército Português
<i>Sado</i>	Anglo-Arabe	M. Reimão					Taça Madrid Taça do Exército Português		11. <sup>o</sup> na Omnium 8. <sup>o</sup> na Taça do Exército Espanhol
<i>Magul</i>	Anglo-Arabe	M. Reimão							17. <sup>o</sup> na Omnium 8. <sup>o</sup> na Taça de Cavalaria Espanhola 8. <sup>o</sup> na Prova Exército 9. <sup>o</sup> na Taça Exército Português
<i>Desejado</i>	Argentino	J. Carvalhosa							10. <sup>o</sup> na Omnium 9. <sup>o</sup> na Taça do Exército Espanhol 15. <sup>o</sup> na Taça de Madrid
<i>Paiol</i>	Argentino	H. Calado						Omnium	16. <sup>o</sup> na Taça da Cavalaria Espanhola 13. <sup>o</sup> na Taça do Generalissimo 7. <sup>o</sup> na Taça de Madrid 7. <sup>o</sup> na Taça do Exército Português
<i>Benguela</i>	Argentino	H. Calado							7. <sup>o</sup> na Caça
<i>Abanão</i>	Argentino	J. Carvalhosa							9. <sup>o</sup> na Prova Exército Espanhol
<i>Namir</i>	Anglo-Arabe	P. Rodrigues	Despedida						
<i>Coolela</i>	Irlandês	P. Rodrigues						Despedida	



## Revista da Cavalaria

em 1<sup>m</sup> 52<sup>s</sup>, *Coolela* desiste com 8 pontos, *Adail* fez 4 pontos em 1<sup>m</sup> 39<sup>s</sup>, *Benguela* totaliza 12 pontos, e *Desejado* 4 pontos. *Fossete* fez um esplêndido percurso limpo em 1<sup>m</sup> 42<sup>s</sup> colocando-se em 3.<sup>o</sup> lugar da classificação, seguido de *Sado* que limpando também em 1<sup>m</sup> 45<sup>s</sup> consegue classificar-se em 4.<sup>o</sup> lugar.

*Razo* e *Namir* completam o percurso respectivamente com 4 e 8 pontos.

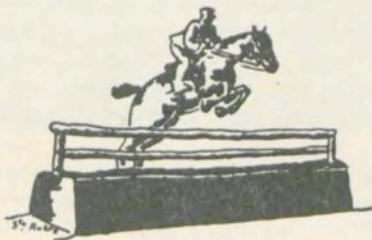
A Equipe portuguesa classifica-se em 3.<sup>o</sup>, 4.<sup>o</sup>, 8.<sup>o</sup>, 10.<sup>o</sup> e 15.<sup>o</sup> respectivamente com *Fossete*, *Sado*, *Magul*, *Paiol* e *Adail*.

### "Prova Despedida"

A prova *Despedida* é destinada a cavalos que não tivessem ganho no concurso 300 pesetas, montados por cavaleiros que não tenham ganho 600 pesetas.

Prova fácil tipo «despedida» com 15 obstáculos, de altura máxima 1<sup>m</sup>,30.

Pascoal Rodrigues, classifica-se nessa prova em 1.<sup>o</sup> e 4.<sup>o</sup> lugar, respectivamente com *Namir* e *Coolela*.



# Jornaes revistas livros

## Cavalaria Japonesa

**I**NFORMAÇÕES dignas de confiança mas não confirmadas, indicam que o Japão tem actualmente 61 Divisões de Infantaria e que a Cavalaria divisionária aumentou proporcionalmente para 61 Regimentos. Além disto, informações russas, recentes, afirmam terem os japoneses grandes Unidades de Cavalaria muito reforçadas, para actuarem como cavalaria independente.

O Regimento de Cavalaria da Divisão de Infantaria é constituído por dois Esquadrões e, provavelmente, um Pelotão de canhões de 37<sup>mm</sup>, de fogo rápido anti-tanque.

Os japoneses pensam incluir na organização do Regimento de Cavalaria divisionário uma Secção de reconhecimento (motorizada e mecanizada).

O Regimento de Cavalaria não indivisionado, é constituído pelo E. M., quatro Esquadrões e um Esquadrão de A. M., compreendendo: 788 oficiais e soldados, 884 cavalos de sela e de baste, 680 carabinas, 6 metralhadoras ligeiras e 8 pesadas (provavelmente este material já foi aumentado). Este é o tipo dos Regimentos das Brigadas independentes de Cavalaria. Estas Brigadas, têm, além dos Esquadrões a cavalo, uma Bateria de Artilharia montada, uma Secção de carros blindados e uma Secção de Engenharia.

Táctica: em geral a doutrina japonesa relativa ao emprêgo da cavalaria é muito semelhante à nossa. Pode ser de interêsse o seguinte extracto de um dos seus regulamentos: «A moderna cavalaria pode não só defender-se com êxito das Unidades motorizadas-mecanizadas do inimigo, como atacá-las.

**The Cavalry Journal** — (Ejercito — Março, 1943).

L. R.

# Actualidades Gráficas

## O Exército Francês em África

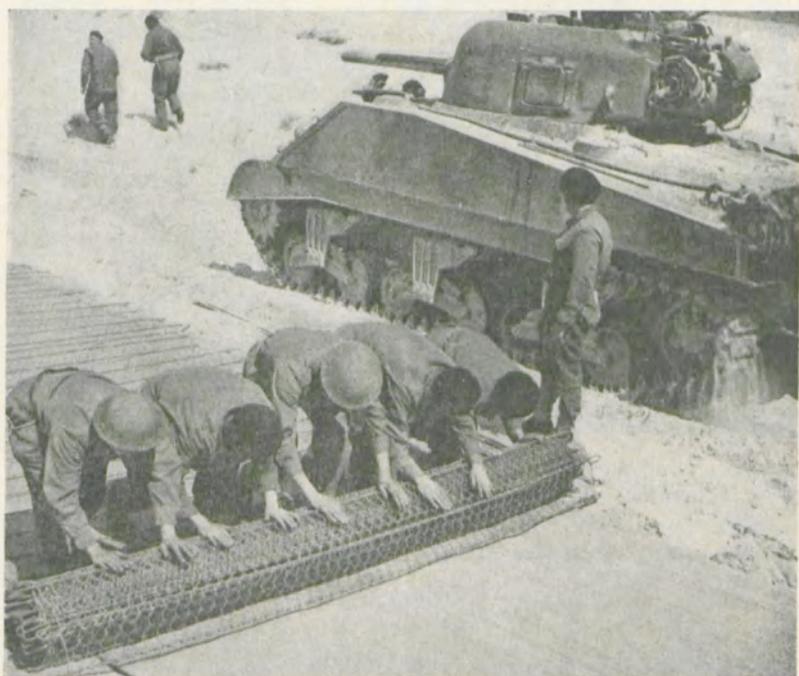


TUNÍSIA — Cavalaria francesa, numa estação de caminho de ferro, a caminho da frente de batalha

## O Exército Britânico na Campanha de África



SÍRIA — A guarnição de um carro de combate fazendo fogo numa carreira de tiro. A fotografia foi tirada no momento em que observam os efeitos do fogo



TUNÍSIA — A fotografia mostra soldados da Real Engenharia Britânica colocando um dispositivo especial de rede sobre as areias movediças do deserto, para facilitar o rápido avanço dos transportes

## Novo Material Americano



*Uma moderna peça de artilharia de campanha em acção, durante as operações do exército americano para a conquista da ilha de Attu*

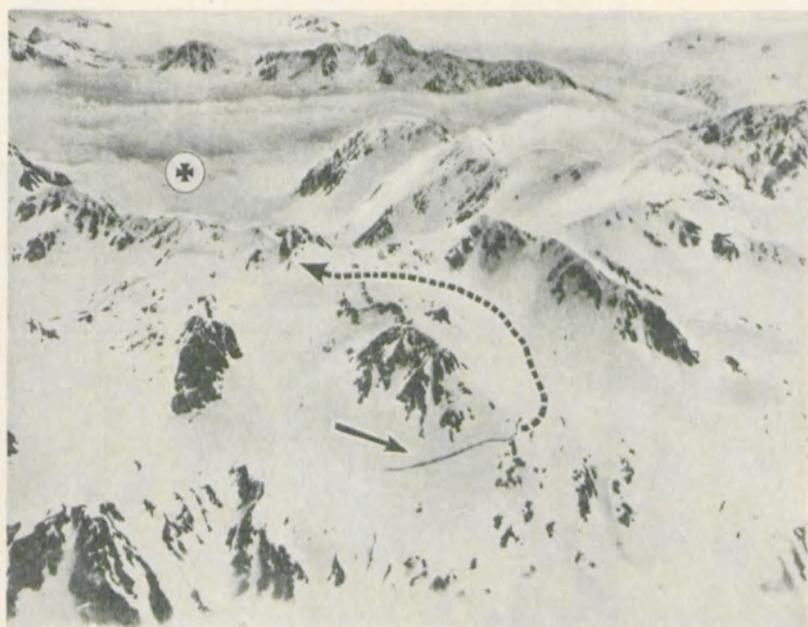


*NOVA PEÇA ANTI-CARRO AMERICANA — Dois soldados americanos com a nova peça anti-carro — BAZOOKA — É carregada por um deles e disparada do próprio ombro pelo outro. Esta arma que foi empregada com êxito na campanha da Tunisia, dispara um foguetão e pode ser fácil e rapidamente transportada e accionada por uma guarnição de dois homens*

## O Exército Americano nas Aleutas

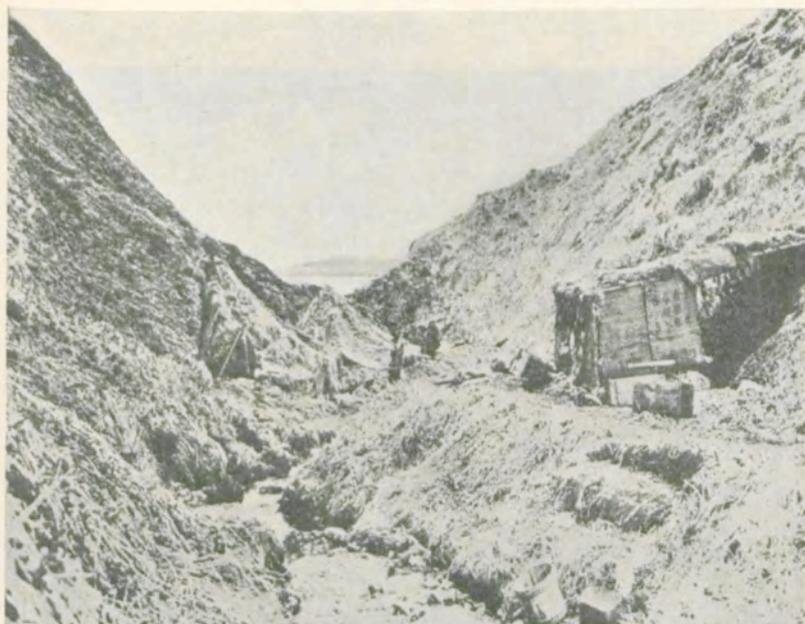


*Um «Jeep» militar sulca um caminho alagado pelo degelo da primavera, na ilha do Amchitka (Aleutas)*



*Uma coluna americana, encoberta por densas nuvens, avança no sentido marcado pela seta, com o fim de atacar tropas japonesas entrincheiradas na Baía de Holtz (★). Como se vê na fotografia tirada de um avião de observação, nesta região é possível deslocarem-se grandes massas militares, a coberto das vistas da aviação.*

## O Exército Americano na ilha de Attu



*Acampamento japonês camuflado, na ilha de Attu (Aleutas), tomado pelas forças americanas*



*Um ninho de metralhadoras do exército americano na ilha de Attu, que se celebriu pela sua eficiente acção durante as operações para a ocupação da ilha*

## Moderno Material Americano



*Nova pistola-metralhadora americana — Um 1.º cabo do exército americano faz uma demonstração da nova PISTOLA-METRALHADORA — M-3. A nova arma pesa apenas 4 kilos e dispara 450 tiros por minuto*

## Aspectos da Campanha da Rússia.



FRENTE LESTE — *População civil russa colaborando com os soldados alemães na camuflagem de uma estrada de reabastecimento*



FRENTE LESTE — *Soldados alemães procedendo ao enchimento de um balão de observação da artilharia*

## O Exército Alemão na Frente Leste



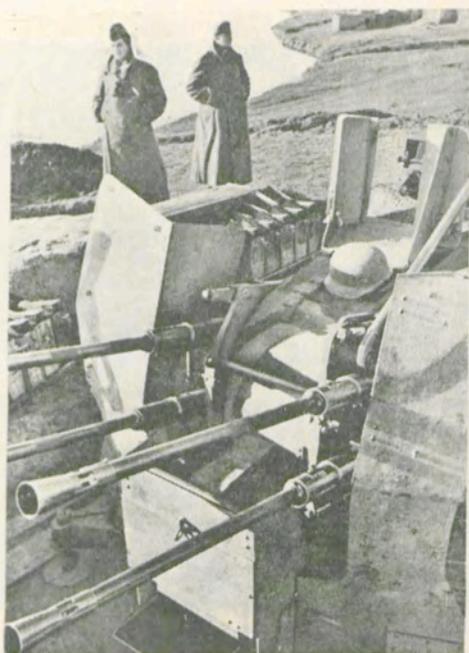
FRENTE LESTE — Transporte a dorso de canhões anti-carro alemães



FRENTE LESTE — Soldados alemães fazendo fogo com a nova espingarda especial para o lançamento de granadas

## A D. C. A. Alemã

CANAL DA MANCHA—Pósto de metralhadora de canos duplos, da D. C. A. alemã, nas dunas do Canal da Mancha

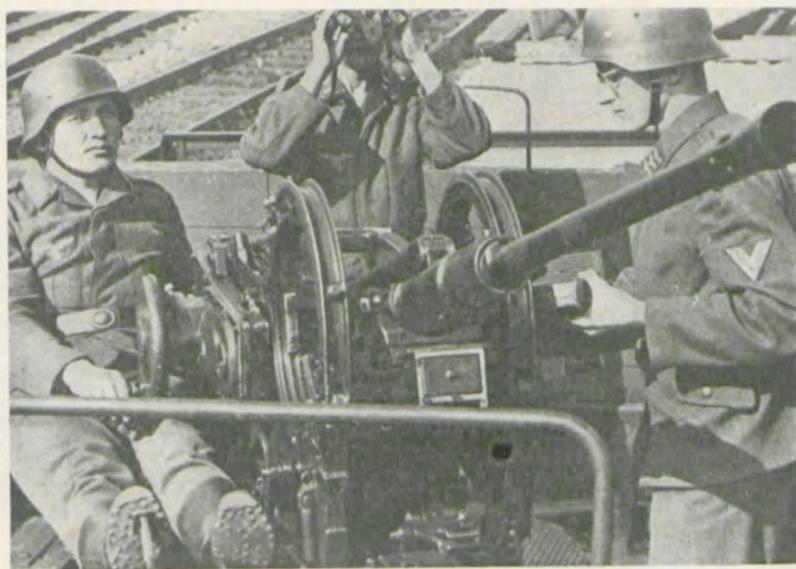


FRENTE LESTE — Nova peça anti-aérea quádrupla da D. C. A. alemã, em posição numa aldeia da Rússia

## Moderno Material Alemão

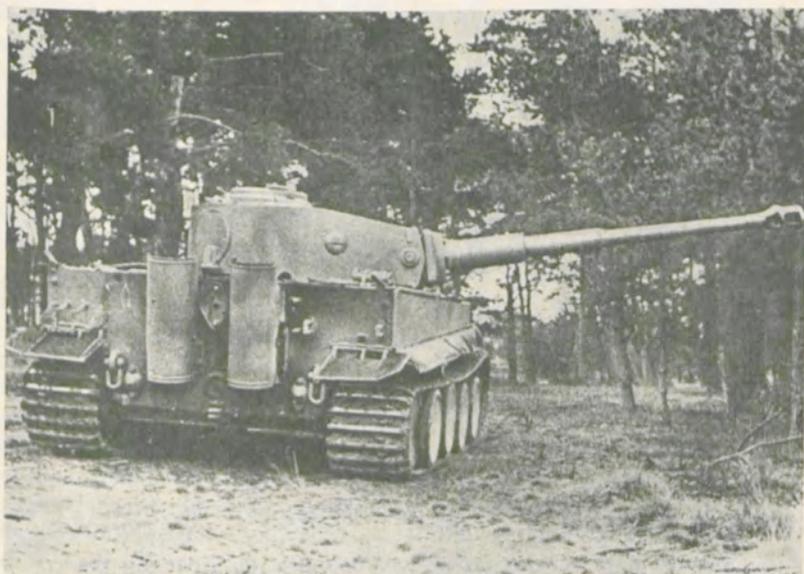


FRENTE LESTE — Novo tipo de carro de combate pesado do exército alemão e respectiva guarnição

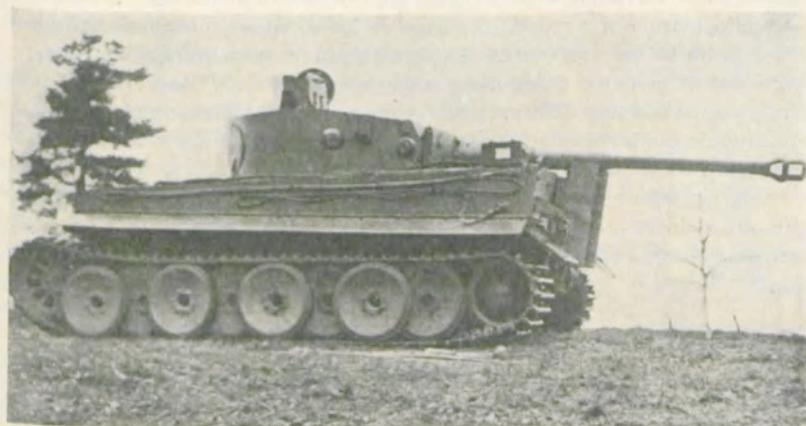


COSTA DO ATLÂNTICO — Moderna peça de D. C. A. alemã, em posição

## Moderno Carro de Combate Alemão



*Novo tipo de carro de combate alemão — O TIGRE —. Êste carro pesado está armado com um canhão de grande alcance, montado numa tórre dotada de grande mobilidade. Êste carro tem sido utilizado com êxito em tôdas as frentes*



*O novo tipo de carro de combate alemão — O TIGRE — visto de perfil*



# A cavalaria italiana na frente russa

(De Junho de 1941 a Agosto de 1942)

pelo Coronel Alessandro Bettoni Cazzago

**A**NTES do actual conflito se desencadear, a questão da utilidade da cavalaria na guerra moderna era de sobremaneira discutida. A maioria sustentava a tese de que se devia considerar o cavalo superado e substituído pelo meio motorizado e ainda mais pela batalha como o único verdadeiramente rápido em terreno acidentado.

As operações na frente da Rússia demonstram, pelo contrário, que a cavalaria pode ainda ser empregada com utilidade em alguns dos teatros de operações, e que, em terrenos de condições especiais, ela continua sendo a arma célere com que se pode seguramente contar.

Nas infindas planícies da Ucrânia meridional, tornadas impraticáveis pelas chuvas torrenciais do outono, ao longo das pistas defeituosas que se transformam em verdadeiros rios de lama, quando o movimento dos meios motorizados foi entravado pelo contínuo empantanar das rodas, o cavalo voltou a ser o único meio em condição de mover-se em qualquer parte e os regimentos de cavalaria, retomando a sua típica função de tropas ultra-móveis em terreno acidentado, conseguiram contribuir útil e grandemente para o desenvolvimento das operações.

Um exame objectivo das acções desenvolvidas na frente russa pelos regimentos de cavalaria de uma das nossas divisões céleres do C. S. I. R. demonstrar-nos-à com clareza como a cavalaria teve um papel de primeiro plano.

## *A marcha em direcção ao inimigo*

No sector de Maramaros-Borsa, entre a Hungria e a Roménia, a divisão desce dos transportes para iniciar uma longa série de marchas em direcção ao inimigo, ao Dnieper; mais de 1.000 quilómetros que os regimentos percorrem a cavalo em 40 dias.

## Revista da Cavalaria

Ultrapassam-se as impérvias gargantas dos Carpatos, percorrem-se os árduos caminhos da Moldávia e da Bessarábia, transpõem-se os rios Moldava, Sereth, Pruth e Dniester, sem mostra de cansaço: é necessário despachar-se! Todos entendem esta necessidade e enfrentam as intensas fadigas das longas marchas sem um desfalecimento.

Aos cavalos concede-se sòmente o descanso compatível com a necessidade de se não afastarem demais do escalão motorizado da divisão: é um nobre desafio e é preciso não faltar às gloriosas tradições da Arma.

No dia 5 de Setembro, alcança-se o Dnieper, achando-se homens e cavalos em óptimas condições físicas. Os regimentos «Novara» e «Savoia» alinham em frente ao inimigo.

Durante esta longa série de marchas, só numa ou noutra étape foram os cavalos transportados e demonstrou-se assim a possibilidade prática de levar a efeito deslocções de amplíssimo raio a cavalo, com regimentos inteiros, mantendo-se em terreno quási impraticável para os meios motorizados, uma velocidade satisfatória, sem prejuízo do seu grau de eficiência para o emprêgo imediato.

### *Desde o Dnieper à conquista de Estalino*

O do Dnieper é um alinhamento de espera.

A cada um dos regimentos é destinado um sector que se estende por 20 ou 30 quilómetros e é mantido com a actuação de uma ocupação nuclear, completada por acções de fortes patrulhas a cavalo, as únicas que podem deslocar-se rapidamente sòbre aquêle terreno.

No fim de Setembro, quando o inimigo torçado a recuar a oriente do Dnieper conseguiu subtrair-se ao contacto servindo-se do obstáculo do rio, a divisão célere foi lançada em perseguição.

A partir dêste momento os regimentos a cavalo retomam as funções características da Arma: o movimento e o combate em terreno acidentado.

Os meios motorizados são enviscados e até muitas vezes detidos pela lama; é-lhes impossível proceder rapidamente; consegue-se fazê-los avançar lentamente, à custa de muitos esforços ao longo das pistas ou das estradas, mas também aqui as interrupções levadas a efeito pelo inimigo afrouxam consideravelmente a sua marcha.

Os regimentos a cavalo são os primeiros a passar o rio sòbre uma ponte mista de equipagem e de improviso e, depois de se reünirem na margem oposta do rio, lançam-se à perseguição.

Voltamos novamente, depois de tantos anos de apaixonadas discussões, ao mais brilhante emprêgo da cavalaria.

Os cavaleiros de Novara e Savoia, retomando com rapidez surpreendente o contacto com o inimigo que fugia do Dnieper, desmentem todos os que já não queriam acreditar no útil emprêgo da cavalaria.

A resistência de elementos retardadores é esmagada pelas fulminantes acções dos destacamentos de cavalaria da vanguarda que não hesitam em carregar irresistivelmente o inimigo, circundando-o depois de

## Revista da Cavalaria

fixá-lo frontalmente (assim, por exemplo, a patrulha do Ten. D. V. de Savoia perto de Ulakly, sobre o rio Jali).

Quando o inimigo procura resistir ao ímpeto dos nossos cavaleiros entrincheirando-se no povoado, destacamentos em exploração não hesitam em apagar-se para desalojar o inimigo das localidades que têm de ser limpas (combate de Uspenowska, 17-18 de Outubro).

Em 20 de Outubro os «bersaglieri do Terzo», que efectuaram também rápidas e extenuantes marchas no lodo e sob a chuva, entram em Estalino seguidos por um grupo de artilharia a cavalo, enquanto «Savoia» e «Novara» que ladearam sempre a sua marcha, avançam com indómita audácia, respectivamente até Jassanowatoje e Antejewka, que são circundadas e em pouco tempo conquistadas (21-22 de Outubro).

Nesta fase essencialmente de movimento, os regimentos de cavalaria e de artilharia a cavalo demonstraram serem insubstituíveis na manobra a amplo raio, na perseguição e no ladeamento naqueles terrenos difíceis.

### *Combates de Skotowatoje, Kriwoj-Torez, Pantalejmonowka e Gorlowka (23 de Outubro-13 de Novembro)*

Ocupada a zona industrial de Estalino, a perseguição continua para não deixar tempo ao inimigo de receber reforços e de retomar fôlego.

Dadas as condições do terreno, são ainda os dois regimentos de cavalaria e o de artilharia a cavalo os instrumentos mais aptos à acção, os mais rápidos, mesmo na época do pleno triunfo da motorização.

Ei-los desejosos de voltar à carga com o seu ímpeto tradicional em emulação com os cavaleiros de outros tempos, sem concederem trêgua ao inimigo.

A celeridade e a grande decisão da manobra dos elementos explorantes do «Novara», lançados à ocupação da encruzilhada de Skotowatoje impedem ao inimigo a destruição da única ponte sobre o Kriwoj-Torez. Os russos são arrastados pela carga e o regimento pode imediatamente estabelecer uma testa de ponte que é sucessivamente ampliada depois de se repelir o inimigo da zona colinosa circunstante.

Na estrada que a «Savoia» tem de percorrer para ir ocupar Gorlowka, a ponte foi destruída. Que importa? A alma perpassa o obstáculo! E, para os cavaleiros de Savoia, estas não são palavras vãs. O Kriwoj-Torez é bem depressa vadeado através do lodo altíssimo e é estabelecida uma segunda testa de ponte três quilómetros mais ao sul da de «Novara».

Mas não podemos estacionar; é necessário saber imediatamente onde se encontra o inimigo, quais as suas intenções; é preciso explorar. Os cavaleiros sentem que esta é para eles uma tarefa tradicional, uma dívida de honra que lhes pertence naquele terreno e partem em direcção de Pantalejmonowka; combatem auxiliados pela artilharia a cavalo, forçam o inimigo a revelar as suas posições a noroeste da povoação e voltam para relatar as importantes, preciosas notícias.

# Revista da Cavalaria

## Savoie «bonnes nouvelles!»

Também no curso destas acções, os regimentos de cavalaria e de artilharia a cavalo deram uma considerável contribuição ao desenvolvimento das operações. Sem a sua rápida acção, o inimigo teria tido tempo de organizar muito mais sòlidamente a defesa e teria abandonado o Kriwoj-Torez muito mais tarde do que nos últimos dias de Outubro.

Mais uma vez é retomada a perseguição.

Os combates da zona de Gorlowka (4-13 de Novembro) vêem soldados de infantaria, «bersaglieri», cavaleiros a pé ou montados, artilheiros das baterias a cavalo, competindo em audácia e valor com nobre espírito de emulação.

O «Terzo» dos «bersaglieri», apoiado pela artilharia a cavalo, ocupa Rikovo numa fulminante acção.

Um regimento da divisão de infantaria que ocupara Gorlowka avança com temerário arrojo sòbre Nikjtowka e aí fica cercado. À divisão célere cabe a tarefa do desbloquear.

Constitui-se um regimento de cavalaria de formação a pé que tem de proteger a ala direita da coluna que atacará Nikjtowka.

A um grupo de formação, a cavalo, é, pelo contrário, destinada a tarefa de proteger o lado esquerdo do alinhamento da divisão e de explorar o noroeste, onde existe um vácuo de várias centenas de quilómetros entre as tropas italianas e as aliadas.

Ambos os regimentos cumprem brilhantemente a sua obrigação e facilitam a dura mas vitoriosa acção de desbloqueio.

O inverno russo não congela o espírito dos cavaleiros. Muitos cavalos faltam, mas a cavalaria, habituada a tôdas as audácias, continua a agir a pé.

Na primavera, por causa de novas exigências de operações, constitui-se um grupo a cavalo (R. A. C.) com elementos da «Savoia», da «Novara» e do regimento de artilharia a cavalo. Ele segue a divisão em tôda a parte com longas e rapidíssimas marchas, toma parte em vários combates e distingue-se particularmente em Schterewka, na ocupação da bacia mineira de Krasnij — Lutsch e de Bokovo Anrazit.

Para terminar, citaremos a heróica carga levada a efeito pela «Savoia» na estepe de Isbuscenskij no dia 24 de Agosto de 1942. Dois regimentos de infantaria russa são lançados contra um nosso ponto essencial; um deles é dirigido contra a «Savoia» mas, logo que se revela, é empenhado frontalmente e carregado pelo 2.º esquadrão com ímpeto e obstinação dignos das mais brilhantes tradições da Arma. O esquadrão carrega primeiro da esquerda para a direita e logo a seguir volta atrás, tornando a carregar da direita para a esquerda o inimigo já abalado. A esta carga segue imediatamente a do 3.º esquadrão que, penetrando em profundidade arrasta num turbilhão também, os reforços, os comandos de batalhão e de regimento russos.

# Revista da Cavalaria

\*

Depois dos luminosos resultados alcançados pelos lanceiros de Novara e Savoia, que fizeram fremir com o coração dos cavaleiros o de todos os italianos, fica demonstrado que a época da cavalaria ainda não chegou ao seu ocaso.

Nenhuma Arma poderia operar com igual rapidez nos campos de batalha da Rússia.

A cavalaria e a artilharia a cavalo devem, portanto, ser mantidas. Com o seu espírito e os seus sacrifícios adquiriram o direito de ficar no quadro de um exército moderno, não somente para continuar nobilíssimas tradições, mas para trazer para a luta a preciosa contribuição do seu brio e do seu heroísmo.

Esta arma e esta especialidade encontram ainda hoje, sobre terreno apropriado, muitos casos de utilíssimo emprêgo em cooperação com as outras Armas em geral e com a infantaria especialmente.

Na exploração tática, na protecção dos lados, na perseguição, no ataque, nas amplas manobras de rodeamento, para fechar as brechas, em tôdas as mais variadas fases da luta, em suma, a cavalaria poderá sempre ser útil e, porventura, insubstituível.



# O CAVALO E A GUERRA

pelo Vet. Mayor Gonzalo Espeso del Pozo



A aplicação do motor de explosão modificou profundamente a fisionomia dos recursos móveis imprimindo um novo perfil aos problemas de deslocamento. Primeiro o automóvel e depois o avião desprezaram os tradicionais recursos de transporte, e segundo a opinião dos entendidos, o motor de sangue viu iniciar-se o seu ocaso para chegar, quem sabe, a extinguir-se num futuro muito próximo.

- ¿ Anulará definitivamente a energia mecânica o uso da força animal?
- ¿ Será esta relegada para a esfera sentimental da recordação?

Vamos fazer um exame de conjunto respeitante às possibilidades de aplicação no Exército da força animal e da força mecânica. Ainda que neste trabalho, fundamentalmente nos tenhamos de referir ao cavalo, símbolo específico de guerra, não deixaremos de incluir nele um capítulo completo sobre a zooenergia aplicável ao Exército, que quer dizer, ao conjunto de animais de uso corrente na força armada.

## 1 — Na actualidade

À medida que o tempo decorre, a fisionomia da doutrina de guerra vai mudando gradualmente ao incorporarem-se progressivamente nos Exércitos de cada país efectivos cada vez mais numerosos em homens e material. Se efectivamente o Exército é o órgão material do choque, os seus meios de acção são alimentados por toda a força da Nação, o que justifica o facto de nas guerras actuais se dever considerar em armas, não apenas o Exército, mas a totalidade do País. Os quadros das Grandes Unidades absorvem já completamente a décima parte dos homens da Nação, que passam às fileiras daquelas como combatentes.

O gradual aumento dos efectivos dos Exércitos modernos e a aspiração de lhes facilitar uma potencialidade progressiva, tornou maiores as suas necessidades em recursos hipomóveis, cujo emprêgo foi máximo na Guerra de 1914. Nela se enfrentaram duas grandes coligações de povos, cujo dispositivo de luta, no que respeita ao emprêgo do motor de sangue, foi o que segue, segundo informações transmitidas por uma comissão japonesa que percorreu os campos de batalha na guerra europeia. (Quadro n.º 1).

# Revista da Cavalaria

## Mobilização hípica durante a guerra de 1914-18

(Quadro n.º 1)

NAÇÕES	Número de animais utilizados na frente	Censo hípico da nação	OBSERVAÇÕES
Inglaterra . . . . .	768.000	220.000	Metrópole Domínios Incluindo a Argélia
França . . . . .	791.000	9.245.000	
América. . . . .	270.000	3.700.000	
Rússia . . . . .	23.016.000	33.175.000	
Bélgica . . . . .	37.000	260.000	
Itália. . . . .	366.000	960.000	
Sérvia . . . . .	30.000	156.000	
Roménia. . . . .	193.000	670.000	
<i>Total</i> . . . . .	3.656.000	71.402.000	
Alemanha . . . . .	1.155.000	4.520.000	
Austria-Hungria . . . . .	690.000	3.980.000	
Turquia . . . . .	325.000	1.100.000	
Bulgária . . . . .	82.000	540.000	
<i>Total</i> . . . . .	2.252.000	10.140.000	
<i>Total geral</i> . . . . .	5.908.000	81.542.000	

Este total geral de 5.908.000 corresponde a um efectivo médio sete vezes maior do que os efectivos utilizados por cada país beligerante em serviços de paz. Nesta extraordinária cifra não estão incluídos os solípedes utilizados pelas tropas de cada país nas suas linhas de comunicações; estes, somados com os utilizados nas frentes respectivas, devem ter ascendido a um total geral de 10.000.000 de solípedes.

Apesar da formidável cifra apresentada por cada país no seu censo hípico, todos os beligerantes (excepto a Rússia) tiveram necessidade de mais cavalos importados de diferentes pontos. A França, Bélgica e Itália importaram da América, o mesmo fazendo a Inglaterra apesar das grandes importações feitas dos seus Domínios. A Alemanha importou da Dinamarca, Suécia, Holanda e países balcânicos. Não se pode precisar o número de cavalos e mulos importados pelos aliados; excedeu, no entanto, logo de princípio, 1.500.000 cabeças. Só a Inglaterra enviou para os campos de batalha da França 2.000.000 de cavalos. A duração da luta intensificou o emprêgo do cavalo e do mulo, o que motivou um desgaste extraordinário nestes solípedes, cuja reconstituição obrigava a efectuar importações frequentes que absorviam fabulosos recursos económicos. O desgaste con-

## Revista da Cavalaria

tínuo e a necessidade de manter determinados efectivos, refletiu-se nalguns Estados sobre a sua economia agrícola. O isolamento que os aliados impuseram às potências centrais pelo cerco a que os submetiam, agravou extraordinariamente este problema.

Para reduzir ao mínimo estes inconvenientes, montaram-se os serviços veterinários por forma a obter o maior rendimento no que se referia a conservar a saúde dos solípedes, recuperando rapidamente as baixas eventuais e evitando ao máximo as baixas definitivas. Para alcançar a segunda finalidade fizeram regressar da frente as éguas que não eram indispensáveis naquele serviço, incorporando-as nos serviços agrícolas do país, a fim de as utilizar na reprodução cavalares e obter uma reserva hípica adequada às necessidades de momento. Os países aliados utilizaram medidas semelhantes e procuraram aumentar a área da sua produção distribuindo ganhanhos à Dinamarca e à Holanda.

Também a Alemanha por essa época sentiu a necessidade imperiosa de intensificar o número dos seus Depósitos de ganhanhos com o objectivo de estimular a sua produção hípica, racionalizando-a. Tais factos revelam a magnitude que os problemas desta natureza chegaram a alcançar no princípio do presente século.

Registou-se na guerra de 1914 a maior mobilização hípica conhecida na História. Comparando a proporção entre homens e cavalos a partir da guerra austro-prussiana, nota-se um rápido incremento no emprêgo de solípedes, visto que na citada guerra o número de cavalos por cada 100 homens foi de 15,33; na guerra franco-prussiana, 17,39; na guerra russo-japonesa, 19,72 e na grande guerra, 30,51.

A complexidade na organização de cada Exército segue sempre crescendo, subordinada à necessidade de obter um constante *superavit* de força e de valor específico; por este facto não podia ser desprezada a aplicação do motor de explosão, cujo uso na guerra de 1914 já se verificava em proporção moderada. Ao enfrentarem-se as grandes massas, a superioridade táctica, que requiere uma maior mobilidade, não pode ser desprezada, nem deve tão pouco eliminar-se a possibilidade de pôr os homens das forças de choque a coberto do fogo das armas actuais. Em 1916 é entregue a um grupo de oficiais ingleses especializados em tiro, um automóvel maravilhoso, aparecendo assim as metralhadoras couraçadas, germen do tanque actual. O simples facto de levar o motor de explosão dos serviços da retaguarda para a linha de fogo, provocou uma verdadeira revolução técnica. O emprêgo daquele foi tão crescente e ao seu poder decisivo se deu tanto valor, que não é de estranhar que então surtissem as mais radicais opiniões. A França que começou a guerra com 6.000 veículos mecânicos, terminou-a com 95.000; o Exército inglês ao terminar a contenda; dispunha de 45.000 autos e de 8.000 tractores; os norte-americanos utilizaram na Europa 40.000 veículos; ao terminar a guerra os aliados dispunham aproximadamente de 200.000 autos e 3.000 carros de combate, estando projectada para 1919 a construção de 8.000 tanques.

Era de esperar que uma vez terminada a guerra e acreditado o motor de explosão como insuperável meio de resolução bélica se iluminasse definitivamente o motor sangue do quadro dos Exércitos. Primeiramente

# Revista da Cavalaria

extinguir-se-ia como meio de combate, dissolvendo-se a arma de cavalaria organizada de maneira tradicional; em seguida, todo o recurso hipomóvel deveria ser inexoravelmente eliminado pela acção fascinadora e irresistível da máquina. Porém, um critério técnico ponderado, desprovido das idéias fáceis que despertam, nos espíritos impressionáveis, as novidades (Tácito dizia que o novo é sempre melhor), respeitava, bastantes anos depois de 1918, a função da arma de cavalaria restringindo-a, é certo, mas não a eliminando. O quadro seguinte (Quadro n.º 2) dá idéias da composição desta arma nos principais Exércitos do mundo na época a que nos referimos, e estabelece uma significativa comparação entre duas épocas; o quadro revela como o critério técnico respeitante à função específica da Arma se mantém num plano revelador de uma opinião fixa, observando-se nêle um relativo paralelismo, não obstante ter sido assinada a paz 12 anos antes.

## Quadro comparativo do número de Regimentos de Cavalaria nos principais países durante os anos 1923-30

(Quadro n.º 2)

NAÇÕES	Ano de 1923	Ano de 1930	OBSERVAÇÕES
França . . . . .	69	44	
Polónia . . . . .	40	40	
Inglaterra . . . . .	37	41	
Espanha . . . . .	30	27	
Roménia . . . . .	20	21	
Alemanha . . . . .	18	18	
Itália . . . . .	12	12	
Checo-Eslovaquia . . . . .	10	10	
Bélgica . . . . .	9	6	
Suíça . . . . .	8	6	
Suécia . . . . .	8	4	
Jugoslávia . . . . .	8	8	
Portugal . . . . .	11	9	
Noruega . . . . .	3	3	
Dinamarca . . . . .	3	3	
Japão . . . . .	29	25	
Estados Unidos . . . . .	21	15	
Brasil . . . . .	20	20	
Argentina . . . . .	14	11	
Chile . . . . .	9	9	

## Revista da Cavalaria

\*

Apesar do formidável desenvolvimento da máquina e da enorme aplicação do motor de explosão, continua o motor sangue a ser aplicado em larga escala em tôdas as organizações militares do mundo, alimentando um serviço, que ao que parece, não pode ser substituído.

¿ Que rectificações impôs a este critério a presente guerra ?

A formidável campanha da Polónia, onde as Divisões couraçadas alemãs se tiveram de enfrentar com 40 Regimentos de cavalaria, pode marcar-nos a orientação perfilhada pelo prévio juízo crítico que tal luta sugeriu ao Alto Comando alemão. Este critério não modifica aquêle que suscitou a aparição da máquina de guerra no campo de batalha em 1916; reconhecendo a superioridade do artifício mecânico que tem operado actualmente nas enormes planícies aptas para que aquêle desenvolva uma forte acção ofensiva, e tendo presente o êxito alcançado pelas Divisões couraçadas, este juízo crítico, não formula, todavia, um voto contrário à acção da cavalaria.

Vamos transcrever os mais significativos textos do estudo «*Motor und Pferd*» publicado recentemente numa revista alemã por um chefe de Divisão couraçada :

«Nos 20 anos que separam a guerra de 1914 da actual, não se passou um mês sem que se não escrevesse sobre o rendimento provável do motor e do cavalo, mas nada ficou esclarecido.

A campanha demonstrou que os nossos motores se infiltravam por tôda a parte, vencendo completamente as dificuldades do teatro de guerra nos dias outonais e secos de Setembro. As nossas Divisões rápidas puderam assim acelerar os movimentos do Exército facilitando o fim da campanha em poucas semanas. Durante a perseguição tiveram lugar fortes cargas das diversas unidades montadas, de tal modo repetidas que só à custa de grandes sacrifícios se puderam continuar. O adversário julgava ter adoptado o seu Exército às modalidades do terreno, servindo-se dos seus cavalos, pois possuía uma boa e numerosa Cavalaria. As suas Unidades motorizadas e bem blindadas foram reduzidas e dispersas, pois pouco acreditavam nelas. O inimigo lavrava em grande êrro; o desprezo pelos motorizados e principalmente pelas nossas modernas Unidades blindadas foi a sua fatalidade. Ao segundo dia de campanha foram rôtas as suas frentes, hostilizados os seus meios de comunicações e desbaratados os seus planos; na história da guerra apenas se conhece uma derrota tão completa, que não conseguiu evitar-se mesmo com a sacrificada acção da cavalaria. Na campanha polaca, o motor venceu decisivamente.

«Presentemente, cavalo e motor têm de ser usados simultaneamente.

«Uma nova modalidade nasceu no Exército das Divisões couraçadas. Esta modalidade não deve assustar os actuais partidários do cavalo, mas encorajá-los, pois nas Divisões blindadas encontra a sua continuação na decisão da batalha pela cavalaria dos tempos passados. A tática e o emprego da nova Arma baseiam-se na tradição das melhores doutrinas da

# Revista da Cavalaria

Cavalaria. A Cavalaria e as Divisões Couraçadas, as defesas blindadas, os elementos motorizados e montados constituem no Exército alemão as tropas rápidas».

## 2 — No futuro

Sob o ponto de vista prático podemos deduzir que o cavalo, considerado como elemento específico de combate, tem que subsistir na composição dos Exércitos; é certo que estes, terão de dispor de poderosos recursos mecânicos a fim de adquirirem um forte potencial e multiplicarem assim a massa e velocidade das suas forças de choque.

Esta finalidade, porém, não exclui o emprêgo de recursos hipomóveis, considerados indispensáveis para facilitarem a mobilidade das tropas. Füller, o campeão inglês da mecanização, e ao qual já temos feito alusão, condicionava a aplicação do seu critério à natureza do terreno onde as tropas teriam de operar:

«No futuro, o campo de batalha deve dividir-se em sectores próprios às armas mecanizadas e em sectores impróprios para elas; o problema consiste em organizar um Exército que possa exercer a sua acção táctica principal nos dois sectores citados».

Igualmente o General Camom, que concede uma grande vantagem às forças mecanizadas em relação ao cavalo, condiciona o grande emprêgo daquelas aos três seguintes factores: carburante, material (valor industrial do país) e financeiro. Pondo de parte o factor carburante, indispensável para alimentar o movimento dos engenhos mecânicos (em 1914, Clemenceau telegrafava ao Presidente Norte-Americano: «Vosso petróleo não é tão precioso e necessário como o sangue dos nossos soldados»), é natural deduzir que a aplicação dos recursos hipomóveis nos Exércitos há-de estar em relação:

a) com a organização industrial do país

b) com a extensão territorial do mesmo, cuja amplitude requiere o emprêgo de todos os meios de transporte para assegurar a mobilidade com a extensão das suas fronteiras e com o desenvolvimento das suas vias de comunicação.

E por último, o factor principal que condicionará o emprêgo da máquina há-de ser a topografia do país. As nações com muitos sistemas orográficos, com cerrados horizontes e perspectivas alpinas, condicionarão o emprêgo dos engenhos mecânicos; é diferente operar com estas grandes massas de aço nos Pirinéus ou nas grandes planícies do centro da Europa. A necessidade do transporte do material a dorso já foi assinalado num trabalho de Lanotti, onde se considerou insubstituível o motor de sangue para operações em sectores onde as grandes estradas se convertem gradualmente em caninhos de montanha. Lanotti emitiu a sua opinião examinando a possibilidade de aplicação incondicional do factor mecânico à topografia italiana. Emitir *a priori* um juízo sistemático, é estabelecer prin-

## Revista da Cavalaria

épios que não podem ter realização. Os Exércitos utilizaram sempre aquêles recursos que, sem fazer perder a eficácia das suas tropas, se consideraram directamente applicáveis ao desenvolvimento da sua acção militar.

A Inglaterra tem utilizado através das suas campanhas, variadíssimos animais: burros em 1885; búfalos em 1903; camelos, elefantes, etc.

A Espanha, depois da Suíça, é o país mais montanhoso da Europa. Estes factores condicionam os seus horizontes (em grande parte alpinos) e submetem a sua servidão ao emprêgo do recurso mecânico; destas considerações deduz-se uma conclusão evidente: a mobilidade do Exército espanhol terá de ser mista durante muito tempo; os recursos mecânicos, cuja superioridade em deslocamento e valor militar são evidentes, deverão articular-se com os recursos hipomóveis para que êstes, no limite de possibilidade de applicação dos primeiros, tomem a seu cargo o trabalho que se possa dispensar aquêles. Dentro do dispositivo geral do Exército, cujas directrizes de deslocamento terão de ser principalmente mecânicos, organizar-se-á uma ampla rêde de elementos hipomóveis que serão factores essenciais nas quais se firma o movimento dos Regimentos e Unidades. Esta organização mista parece integrar-se na actual composição do nosso Exército, onde um espírito vigilante e previdente associa os factores indispensáveis para assegurar (seja qual fôr a zona onde tenha de actuar) a mobilidade das grandes Unidades.

E quanto ao cavalo, como factor específico de combate e elemento, por isso mesmo, da Arma de Cavalaria, não cremos que essa onda mecanizadora consiga fazê-lo desaparecer por muito tempo. As tropas rápidas alemãs, como já vimos, consideram-no um elemento que associam às suas máquinas poderosas, empregando-o quando as circunstâncias o aconselham; reconhece-se a superioridade do elemento mecânico, mas o cavalo compartilha com a máquina na missão de actuar quando um horizonte se fecha e opõe ao engenho de guerra na transposição de obstáculos para êle inacessíveis. Em face destas perspectivas reveladoras da força mecânica, impressiona constatar como a bela tradição da Arma de Cavalaria se mantém em alguns Exércitos com a pureza da doutrina inicial e se associa o cavalo à glória dos feitos militares.

Em plena época da máquina, vibrante de energia, com que uma poderosa massa de ferro parece reclamar para si o império da força e da velocidade, o Japão presta a sua homenagem de simpatia ao cavalo e enaltece a sua obscura e silenciosa colaboração ao Exército; foi escrita para êles a *«Marcha do cavalo de guerra»*, em que é tratado como camarada e companheiro das fadigas do seu cavaleiro; os versos dessa marcha cantam assim: *«Para a frente, sempre para a frente sôbre as montanhas e através dos rios; o nosso grito é sempre para a frente; para nós a luz brilha...»* E como ponto máximo dêste movimento de simpatia, registou-se o facto único do velho cavalo *Victory Mountain* receber das mãos de um príncipe imperial uma guloseima de cenoras, caso histórico na vida do povo japonês. Esta acção simbólica realizou-se recentemente em Tôquio por ocasião da semana do «cavalo desconhecido». As Armas clássicas não foram derrotadas pelo novo colosso que as ameaça; essa mesma força não poderá dissolver, por agora, o hipomóvel que, junto ao Exército, prestará a sua

## Revista da Cavalaria

colaboração silenciosa e obscura, mas eficaz. Considerando que os mecanizados não têm aplicação em determinadas circunstâncias não achamos irrealizável a aplicação do motor sangue. Por agora, entendemos que a colaboração destes dois elementos se impõe numa organização mista, que desejamos seja duradoura para a Espanha. A realidade imporá uma orientação definitiva e ela será recebida pelos organismos adequados para estudo da organização mais útil ao Exército, e ao país para o qual devem tender tôdas as resoluções, pois segundo a bela frase de um pensador do século XIX, «a Pátria, tal como Deus, estão sempre em primeiro lugar e sempre conosco».

**Ejército** — Março, 1943

L. R.



## Cavalaria Soviética

Moscú, Dezembro, 22, *Pravda* :

**A**S particularidades geográficas do nosso país, a tradição histórica do Exército russo, no qual a cavalaria cossaca tem desempenhado sempre um papel preponderante; o amor ao cavalo próprio dos cossacos, kirghizes, kazakhs, kalmyks, bashkirs e outros povos da U. R. S. S. demonstram que a Cavalaria terá sempre um lugar importante no Exército Vermelho.

Os alemães encontraram cavalaria russa em Tula, Moscú e Rostov e sentiram bem a força dos seus golpes.

Está demonstrado que o tanque não é muito perigoso para o soldado de cavalaria se este for capaz de manejar, além do sabre, a granada de mão, o morteiro e as armas automáticas, desde que saiba combater a pé tão bem como a cavalo.

Na zona da retaguarda estão em treino poderosas formações de reserva de cavalaria, para entrarem em combate decisivo contra o inimigo. Um exemplo é a Unidade comandada por Surikov. Os seus cavalos bem tratados e a compostura militar dos cavaleiros, que manejam as armas mais modernas, produzem uma esplêndida impressão.

Estão em instrução muitas unidades deste tipo, a fim de entrarem em combate o mais rapidamente possível. Uma, sob o comando de Milerov, é constituída por homens que são fervorosos amigos do cavalo. Em pouco tempo, esta Unidade pôs os seus cavalos em forma, tal como os de Cavalaria regular, apesar de ter sido organizada com cavalos de lavoura e com poucas semanas de instrução.

Além das Unidades de reserva, forças voluntárias de cossacos estão sendo armadas para combater o inimigo.

As heróicas tradições do 1.º Exército montado, organizado por iniciativa de Estaline, são mantidas pelos cossacos que conservam a sua atávica audácia. Os cossacos do Don, Kuban e Terek, estão-se alistando para a guerra.

Soldados que combateram em guerras anteriores e que carregaram sobre as forças alemãs em 1914-18, estão encorporados nas fileiras das forças voluntárias cossacas. Apresentam-se com os seus próprios cavalos, com os seus uniformes e armamento.

As forças voluntárias cossacas compreendem muitos guerrilheiros veteranos do 1.º Exército montado. São esplêndidos soldados de cavalaria, tanto a cavalo como a pé. Receberam novas armas e foram instruídos pela tática moderna em cooperação com as outras Armas.

Cada distrito do Don e do Kuban está instruindo destacamentos para as forças voluntárias cossacas, com comandantes e meios de transporte próprios e locais.

Em resultado do costume de agregar a Artilharia capturada durante as guerras revolucionárias às Unidades de Cavalaria, e ao afortunado papel desempenhado então pela Cavalaria, em rápidas operações de flanco, esta aumentou consideravelmente e recebeu tão grande potencial de

# Revista da Cavalaria

fogo como a Infantaria motorizada; está armada com metralhadoras de pequeno e grande calibre e com peças de montanha de duas libras.

Os efectivos actuais da cavalaria russa devem ser de meio milhão de homens, na sua maioria constituídos por cossacos. Divididos geográficamente, são conhecidos pelos cossacos do Don, da Sibéria, do Terek e do Kuban. Estes, conhecidos também por cossacos do Cáucaso, são recrutados em 12 tribus e são tidos como os mais aguerridos.

Os Regimentos de cossacos agregados aos Centros do Norte, não usam o uniforme cossaco, tendo o aspecto de Cavalaria regular, montando cavalos ligeiramente mais pesados do que os provenientes da Remonta do Governo.

As *tachankas* são carros tirados por cavalos que transportam metralhadoras de calibre 50 e estão agregadas às Unidades de Cavalaria, levando os serventes sentados frente à culatra da metralhadora.

As *tachankas* do Exército tiveram a sua origem durante as guerras revolucionárias; naquela época eram utilizadas no transporte de canhões.

Estes carros são também usados pelas tropas irregulares e guerrilheiros montados. O tipo agrícola destes veículos, com três cavalos grandes e rápidos, tendo o cavalo do centro entre varais, é utilizado nos assaltos. Os seus ocupantes usam metralhadoras, granadas de mão e a Mauser alemã. As tropas irregulares estão organizadas, em geral, em unidades de 10 homens, com um comando por cada 10 unidades. O elemento de surpresa influi extraordinariamente nas suas operações. O método favorito de ataque é o de conduzir as *tachankas* a toda a velocidade através das povoações ocupadas pelo inimigo, abrindo fogo de metralhadora e desaparecendo rapidamente.

Com a neve empregam do mesmo modo os Trenós de 3 cavalos.

**The Cavalry Journal** — Ejército — Março 1943.

L. R.



## UM DIA NA ESCOLA DE CAVALARIA DE TÔRES NOVAS

por LEOPOLD FIEDLEV

**D**EVIDO à amabilidade do pessoal da Escola de Cavalaria, foi-me possível fazer uma reportagem fotográfica sobre os interessantes exercícios de hipismo dos jovens oficiais portugueses de Tôres Novas.

Tôres Novas tem uma significação semelhante à de Krampnitz: é o centro da instrução da cavalaria portuguesa.

Como eu próprio sou um cavaleiro civil apaixonado e também assisti, com entusiasmo aos certames hípicas das Olimpíadas em Berlim, nos quais os portugueses se destacaram notavelmente, foi com grande expectativa que fui a Tôres Novas.

O convite era para as 9 horas, mas eu já ali estava cinco minutos antes, tendo sido logo recebido na parada, em frente ao edifício principal, pelo Comandante da Escola e outros oficiais, com a maior cordialidade.

Como por interessante coincidência, muitos dos oficiais possuíam boas máquinas fotográficas alemãs, a conversa caiu naturalmente no tema fotografia.

Em seguida, tomámos lugar em dois carros T. T. de fabrico alemão com motores sincronizados atrás e à frente e dirigimo-nos rapidamente para o «Exterior».

Encontrámos os cavaleiros num olival, onde havia por todos os lados encostas muito íngremes, algumas quasi a pique. Enquanto eu admirado com a inclinação das descidas, me preparava para o meu trabalho, deram o sinal de início dos exercícios.

Então, o primeiro cavaleiro lançou-se de uma altura de 5 a 7 metros a prumo, quasi por cima de mim. O cavalo a principio hesitou mas um enérgico par de esporadas, obrigou-o a atirar-se para aquê abismo aberto (sic), escorregando nos curvilhões cêrca de dois metros e saltando para a frente decididamente.

No ar o oficial levou a mão ao barrete, em continência, e «aterrou» num perfeito à-vontade.

Êste exercício surpreendeu-me, porquanto eu já tinha visto várias vezes descidas de barreiras ásperas, mas nunca um salto como êste no vazio depois de um começo de descida.

Na verdade uma rampa quasi vertical não tinha possibilidade de ser vencida de outra maneira.

A coragem e a decisão são as principais atracções dêste exercício, porque elas constituem uma característica particular na instrução dos oficiais portugueses.

Isto explicaram-me êles e eu pude verificar depois que êste exercício não era privilégio apenas de um oficial da Escola, mas que todos os instruendos, sem excepção, o praticavam normalmente. Muitos cavaleiros passaram aquê obstáculo sem dificuldade e era magnifico vêr-se como

## Revista da Cavalaria

êles e os seus cavalos, depois daquele duro salto, chegavam ao chão com segurança.

Naturalmente, houve também algumas quedas, que à primeira vista pareciam muito perigosas, mas a maior parte delas foi magistralmente corrigida nos últimos momentos pelo facto de o cavaleiro defender o seu lugar na sela até ao fim. Se no entanto se deu algum incidente, verificou-se sempre que o domínio se mantinha mesmo quando o cavaleiro acabava agarrado ao pescoço do cavalo.

Para terminar, esta prova repetiu-se por parelhas.

Entretanto, começou a choviscar. Seguimos então para uma descida de 80 metros que deitava sôbre a estrada. Era uma rampa natural, íngreme e muito escorregadia, devido às fortes chuvas da noite anterior.

Também êste obstáculo que, mesmo a pé não seria fácil de fazer sem incidentes, foi vencido pelos cavaleiros sem dificuldade. Como, porém, o terreno estava escorregadio e irregular, deu-se um desastre que, se para o cavaleiro não teve conseqüências de maior, foi, no entanto, infeliz para o cavalo que nêle perdeu a vida.

Seguidamente, debaixo de chuva torrencial, fômos para o Campo de Obstáculos do Quartel. Aí, assistimos a trabalhos de acrobacia eqüestre, tais como: saltos em pelo, transposição de altos obstáculos por dois cavaleiros no mesmo cavalo, galope em pé sôbre um e sôbre dois cavalos a par, e ainda três cavaleiros sôbre três cavalos, saltos para dentro de água fora de pé, etc.

À uma hora, acabados os exercícios, convidaram-me a almoçar com os oficiais, que depois de mudarem de uniforme, me levaram à sua sala onde tomámos o aperitivo. Aí, conversámos durante algum tempo sôbre as Olimpíadas e a respeito da maneira de montar e conduzir dos cavaleiros alemães, que os portugueses conhecem muito bem.

Depois fômos para o mess, onde almoçámos todos numa mesa em ferradura.

Sentei-me ao lado do Major Pala, que foi quem orientou os meus trabalhos, tendo êle próprio conduzido o carro T. T. de que nos servimos.

A conversa versou sôbre cavalos, sôbre a imprescindível introdução da motorização na cavalaria, tendo o Major Pala feito realçar a influência que em todos os exércitos tem a educação do cavaleiro, pois é ela que dá a coragem, a decisão rápida e desembaraço mostrando conhecer em alto grau o valor do exército alemão.

Durante a refeição o Major Pala fêz o elogio do infeliz cavalo dizendo que se não é costume guardar-se um momento de silêncio em sua honra, o pede para êle, pois o cavalo não é apenas um animal de trabalho mas, principalmente, um amigo verdadeiro do soldado a quem ajuda a cumprir o seu dever.

Levantámo-nos todos por um momento.

Finalmente, fêz-se, como é tradicional, o julgamento do oficial que caiu com o cavalo, o qual decorreu com a costumada alegria.

Os papéis de presidente do tribunal, de promotor, de advogado e testemunhas foram distribuídos e o julgamento terminou pela condenação do réu a pagar uma garrafa de vinho do Pôrto.

## Revista da Cavalaria

Despedi-me então dos meus simpáticos companheiros, entre os quais encontrei o mais agradável ambiente de camaradagem, com um cordeal apêrto de mão e um sincero agradecimento.

Estive apenas algumas horas na Escola de Cavalaria, mas foi o bastante para colher uma agradável impressão do à-vontade e da simpática camaradagem que existe entre os oficiais novos e os seus superiores.

Aquêles jovens, quási todos de estatura média, esguios, sêcos, de óptima aparência física, com a sua coragem e a sua decisão, foram muito além daquilo que eu esperava.

**Deutsche Reiterheft** — Berlim, Março 1943





Portuguesa S. A. R. L.

LISBOA

AV. DA LIBERDADE, 253

Telef. 41171



PORTO

AV. DOS ALIADOS, 173

Telef. 1094



- Automóveis de Turismo
- Carros industriais
- Auto-Bombas
- Auto-Regadoras
- Material de incêndios
- Tractores agrícolas
- Motores DIESEL e Semi-DIESEL
- Motores marítimos
- Aeroplanos civis e militares
- Motores de Aviação
- Material ferroviário
- Todos os veículos para a motorização das diversas armas



# B.B.C.

*a voz de Londres*

FALA e o MUNDO ACREDITA

## Emissões em LÍNGUA PORTUGUESA

Hora de Lisboa	Comprimentos de Onda
8,45 Noticiário . . . . .	41,96 m. ( 7,15 mc/s)
	41,49 m. ( 7,23 mc/s)
	31,75 m. ( 9,455 mc/s)
14,15 Noticiário e actualidades	24,92 m. (12,04 mc/s)
	19,76 m. (15,18 mc/s)
	13,86 m. (21,64 mc/s)
23,45 Noticiário e actualidades	42,13 m. ( 7,13 mc/s)
	41,32 m. ( 7,26 mc/s)
	31,75 m. ( 9,45 mc/s)
	261,10 m. ( 1,149 kc/s)
	1.500 m. ( 200 kc/s)



# BANACÃO

O MELHOR DOS  
ALIMENTOS

Produto português  
para os portugueses



O BANACÃO  
é preferido para a 1.<sup>a</sup> refeição

porque todos os que o tomam, se sentem mais confortados até à 2.<sup>a</sup> refeição,

porque ao fim de poucos dias conhecem a diferença do seu vigôr nos exercícios físicos, que normalmente fazem,

porque é mais agradável ao paladar.

## OS PARECERES MÉDICOS

provam que é mais nutritivo,

provam que fornece mais calorías que qualquer outra refeição.

**BANACÃO SEMPRE BANACÃO**

*Tipografia  
dos Combatentes*



*d a L i g a  
da Grande Guerra*

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS  
EM TODOS OS GÊNEROS

CALÇADA DOS CAETANOS, 18  
Telefone 21450



*Sociedade Revendedora de Papéis, Lda*



Fornecedores de  
papéis nacionais e estrangeiros  
para Revistas, Livros, Jornais, Indústrias Gráficas, Litográficas e Congéneres

Telefone 2 1985 — Rua do Norte, 85 — LISBOA

### Joaquim Godinho da Silva

Sucessor, Limitada

....

Antiga casa  
VIÚVA MOURA

....

Armazém de Retrozeiro,  
Malhas e Miudezas

....

Rua dos Fanqueiros, 84-1.º — LISBOA

Telefone 2 6577

### Officinas Gerais de Material de Engenharia

Sede: Avenida da Índia — BELÉM

Manufatura de Material de Engenharia

Sapadores mineiros, sapadores de caminhos de ferro, telegrafia e telefonia por fios e sem fios, :: pontoneiros, automobilistas ::

Mobília e utensílios

Trabalhos em ferro e madeira para construção civil

Construção, reparação e pintura de carrocerias

Fundição, Vulcanização, Niquelagem, etc.

Fornecimento e fabricação de sobresselentes para automóveis e motocicletas

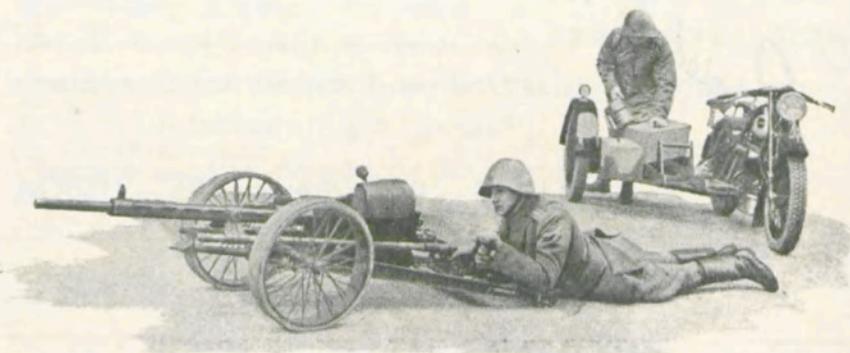
Fornecimentos análogos para o público

# Dansk Industri Syndikat

Material «Madsen»

## Metralhadoras e Canhões Automáticos

Armas automáticas de pequeno e grande calibre para o Exército, Marinha, Aviação, Defesa contra Aeronaves e Defesa contra Carros de Assalto



O canhão automático **Madsen** de 20<sup>mm</sup>, sôbre «side-car», pode fazer fogo montado sôbre este, ou no terreno, sôbre o reparo a que está permanentemente ligado

A passagem do canhão da sua posição de transporte para a de tiro no terreno executa-se em menos de um minuto

REPRESENTANTES PARA PORTUGAL E COLÓNIAS:

*Monteiro Gomes, Limitada*

Rua Cascais (Alcântara), 47

L I S B O A

Clínica Médico - Veterinária

DO

PARQUE

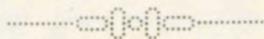
DO

DR. RIBEIRO DE SPINOLA



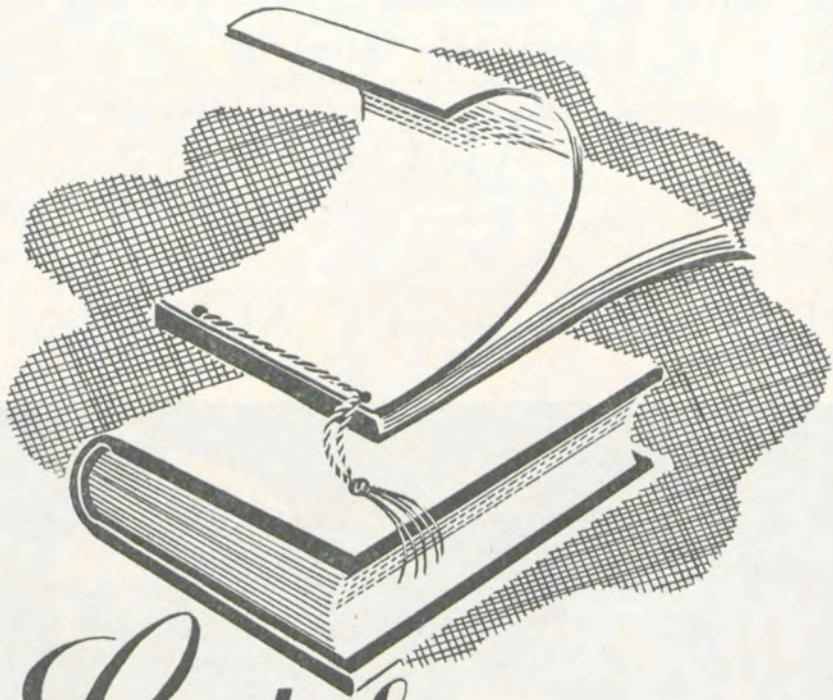
Consultas todos os dias úteis das 18,30 às 20

Rua Rodrigo da Fonseca, 99 r/c Dt.º ————— Telefone 41184



Banhos e Tosquiás na CLÍNICA DO CARMO

Consulta das 17 às 18,30 ————— Telefone 28842



*Catálogos,*  
*álbuns,*

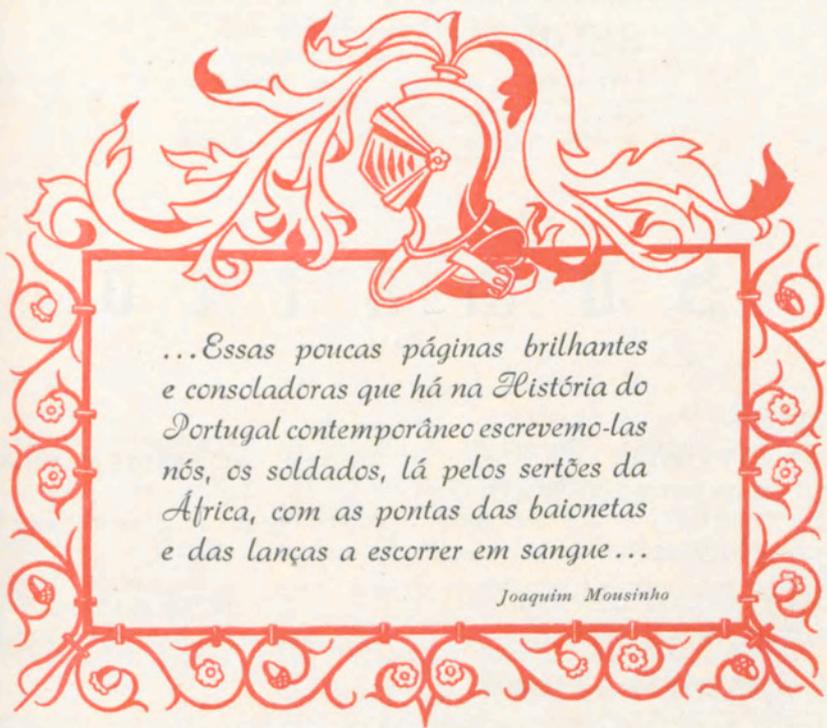
TRABALHOS  
TIPOGRÁFICOS,  
SIMPLES E DE LUXO,  
REPRODUÇÕES  
EM FOTOGRAVURA,  
O F F S E T  
E LITOGRAFIA

**BERTRAND IRMÃOS, L.<sup>DA</sup>**

Travessa da Condessa do Rio, 27, LISBOA — Telefones P. B. X. 2 1227 e 2 1368

---

---



*...Essas poucas páginas brilhantes  
e consoladoras que há na História do  
Portugal contemporâneo escrevemo-las  
nós, os soldados, lá pelos sertões da  
África, com as pontas das baionetas  
e das lanças a escorrer em sangue...*

*Joaquim Mousinho*

# Revista da Cavalaria

Publicação bimestral

## CORPO DIRECTIVO

CAPITÃO JOÃO CORREIA BARRENTO

CAPITÃO AMADEU S<sup>TO</sup> ANDRÉ PEREIRA

CAPITÃO AUGUSTO CASIMIRO GOMES

TENENTE ANTÓNIO S. RIBEIRO DE SPÍNOLA

## EDITOR E ADMINISTRADOR

TENENTE LUÍS MANUEL TAVARES

SEDE QUARTEL DO CARMO  
L I S B O A  
PROVISÓRIA TELEF. 2 2 1 2 2

Composta e impressa na Tipografia  
da Liga dos Combatentes da Grande Guerra

# S u m á r i o

«OS COMANDOS»		299
A CRISE DA CAVALARIA	TEN. COR. CARLOS SELVAGEM	301
O SERVIÇO DE INFORMAÇÕES NAS P. U. C.	TENENTE RIBEIRO RAMOS	320
<b>HIPISMO:</b>		
CONCURSO HÍPICO DE LISBOA	CAPITÃO JOSÉ BELTRÃO	336
CONSIDERAÇÕES EQUÉSTRES	CAPITÃO MARQUÊS DO FUNCHAL	352
<b>JORNAIS — REVISTAS — LIVROS</b>		
«PÄNZERSPALWAGEN»		356
ACTUALIDADES GRÁFICAS		357
GUERRILHEIROS	CAP. FIDEL CEBRECOs	364

COLABORAÇÃO ARTÍSTICA DE — DELFIM MAIA E ANTÓNIO XAVIER  
A DOCTRINA DOS ARTIGOS PUBLICADOS É DA RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

## CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Ano . . . . . 30\$00

(Para o Ultramar e estrangeiro acrescido do porte do correio)

**Avulso 5\$00**

# Revista da Cavalaria

4.º Ano - n.º 4

Julho

ESTADO MAIOR DO EXERCITO  
BIBLIOTECA

N.º ~~5678~~ 1204 3

Em 23 / 10 / 1943

## «Os Comandos»



Na tecnologia militar inglesa surgiu um novo termo: «os Comandos».

Devido a assíduas referências que a imprensa diária tem feito às suas audaciosas incursões, o novo termo «os Comandos» é hoje corrente entre os nossos *tratadistas ligeiros*. Em seguida à retirada de Dunquerque, e subsequente ocupação do norte da França, o actual primeiro ministro inglês compreendendo a impossibilidade de qualquer operação de envergadura, idealizou a organização de uma tropa especializada e essencialmente apta a incursões de pequena escala, caracterizada pela rapidez no movimento e agilidade na acção.

Essas incursões seriam realizadas por pequenos grupos atacantes e destinar-se-iam, sobretudo: a coligir informações sobre a defesa costeira francesa, a abalar o estado de espírito do inimigo, mantendo-o em permanente sobressalto e, acima de tudo, a manter e elevar o moral do povo inglês, após a derrocada da França.

Foram escolhidos para comandar esta tropa os mais bravos e decididos oficiais de carreira dos regimentos de elite, onde só

## Revista da Cavalaria

existiam oficiais de ascendência nobre e rica. Este facto provocou inicialmente comentários e certo descontentamento entre o democrático povo inglês.

Foi fundada na Escócia uma escola de treino permanente.

Tanto os oficiais como os sargentos e soldados são recrutados entre os voluntários que tenham dezoito meses de serviço militar regular. Este recrutamento faz-se geralmente dos próprios regimentos ingleses, e também em menor escala do corpo de fuzileiros navais do Reino, do Canadá e da Austrália.

Oficiais e soldados são submetidos a uma instrução intensiva e enérgica, tendo por primordial objectivo o tornar os instruendos tanto quanto possível independentes, inculcando-lhes o gosto pela aventura e da iniciativa pessoal.

Faz parte obrigatória da sua preparação: a caça e morte de animais e conseqüente preparação da sua carne, uma apurada instrução de tiro com as mais variadas armas e uma minuciosa instrução de progressão no terreno debaixo de fogo real.

Esta última instrução é secundada, numa última fase, por atiradores especiais que apenas observam qualquer instruendo, fazem fogo real visando 10 cm. acima da cabeça. Por esta forma—dizem os oficiais dos «Comandos» — não há quem não aprenda depressa.

Têm instrução de «punhal» sendo-lhes facultativo o uso de qualquer tipo de punhal ou faca. O hábil manejo destas armas, e a instrução de box fazendo uso de «soqueiras» são de importância capital por serem as únicas formas de combate que não provocam alarme.

Os «Comandos» têm realizado centenas de pequenas incursões no norte da França onde têm colhido preciosas informações sobre a defesa costeira.

O raid mais audacioso foi sem dúvida, o de Novembro de 1941 ao Quartel General de Romel no Norte de África.

\*

Só agora chegou ao nosso conhecimento, embora nós já há muito o palpitássemos, que foi principalmente nos regimentos de cavalaria, que os «Comandos» recrutaram os seus primeiros componentes.

Eis explicada a razão por que, sem comentários, damos hoje relêvo na nossa revista, à nova tropa inglesa — Os Comandos.

# A crise da Cavalaria

≡ e o seu problema em Portugal ≡

pelo Tenente-Coronel CARLOS SELVAGEM



Propondo-me tratar da grande crise em que a nossa Arma se debate há longos anos — crise de doutrina que provocou a crise orgânica — não o faço por bravata, nem por azedume, nem por leviandade, nem por pessimismo. Pelo contrário. É pelo meu grande

amor à Arma e pelo orgulho de nela servir, que me abalanço a meditar em voz alta sôbre todos os problemas que mais vitalmente lhe interessam.

Verificar uma crise é afrontá-la corajosamente para a debelar ou resolver. Negá-la ou iludi-la, por cobardia, é como fechar os olhos perante os evidentes sintomas de uma doença que acabará por nos vencer.

Ora nenhum oficial da Arma, que tenha olhos para ver e cérebro para pensar, poderá já hoje negar que a Cavalaria, tal como tem sido tradicionalmente concebida e empregada, entrou francamente em crise, desde que o vertiginoso processo das indústrias modernas inventou e dia a dia aperfeiçoa novos engenhos e processos de destruição.

Tão grave é essa crise que a cada momento nos é posta por gentes mal informadas ou grosseiramente simplistas, a enervante questão de se saber se a Cavalaria deve ou não,

## Revista da Cavalaria

como Arma, ser completamente banida dos campos de batalha e, portanto, da própria organização dos Exércitos modernos.

A questão posta assim, radicalmente, provém de um equívoco elementar — o de confundir o accidental com o essencial, as aparências com a substância, o emprêgo dos meios com a realização dos fins.

É evidente que se a Cavalaria fôr apenas concebida como uma organização de combatentes a cavalo, para fins táticos ou estratégicos que não possam ser realizados senão por combatentes a cavalo, hoje em dia, perante a multiplicidade e potencial de meios de fogo e deslocação que se podem utilizar, o cavalo, como elemento de combate, devia considerar-se irremediavelmente condenado e relegado aos simples destinos do açougue, e a Cavalaria, como meio de acção, tão banida do campo de batalha como a bésta de garrucha ou a espingarda de pederneira dos nossos veneráveis antepassados.

Mas o cavalo foi, até há pouco tempo ainda, o meio mais veloz e eficaz, de que se podia lançar mão, para, em vista de uma total e rápida vitória, se realizarem em campanha certas missões ou emprêsas indispensáveis, antes, durante e depois da batalha.

Se na estratégia da guerra moderna essas missões ou emprêsas continuarem a ser indispensáveis, se a sua execução não puder deixar de ser especialmente affecta a um certo conjunto de combatentes, com a sua orgânica própria, a sua técnica, a sua tática, os seus meios e o seu espirito peculiares, e se, finalmente, êsse conjunto de combatentes não puder também ser totalmente suprido ou substituído por outros elementos ou fôrças de combate, sem prejuízo grave da economia de fôrças e de tempo, então podemos estar seguros de que, na sua essência, a Cavalaria não poderá ser banida dos campos de batalha nem da organização dos Exércitos, sejam quais forem os meios de que houver de se servir para realizar as suas missões taxativas, antes, durante e depois da batalha. E, se por leviandade ou espirito de escola, vier a sê-lo, em breve as realidades do campo de batalha se encarregarão de fazer pagar bem caro o dogmatismo ou a leviandade.

Necessidade faz lei. Nem por vivermos no século da electricidade a jôrros, a candeia de azeite, a vela de cera ou

## Revista da Cavalaria

o lampião de petróleo deixarão de ser utilizados pelo homem, sempre que, em certas condições de tempo e de lugar, a candeia, a vela ou o lampião forem os únicos meios iluminantes ao seu alcance e para os quais é evidentemente indispensável estar devidamente preparado.

\*

Todos nós, oficiais de carreira, sabemos quais são as características da Arma, como organização especial de combate — a mobilidade, o espirito ofensivo e a independência de acção, servidos ao longo de todos os escalões pelo mesmo espirito de iniciativa, decisão rápida e intrepidez.

Na pitoresca expressão de não me lembro que escritor militar, *um soldado de cavalaria é um cavalo com um homem em cima*. Apenas aparentemente paradoxal e humorístico, êste aforismo é, a meu ver, o que melhor define a verdadeira essência da Arma e, com ela, tôdas as suas virtudes e tôdas as suas fraquezas.

Um combatente a cavalo é, com efeito, apenas a massa e a velocidade do cavalo — a sua fôrça viva — comandados por uma vontade e um braço armado. Daqui deriva, naturalmente, o seu modo específico de ataque e de combate — o avanço impetuoso e o choque.

Mas o combatente a cavalo, isto é, o combatente mais veloz e colocado num plano superior ao combatente normal, — o combatente apeado — foi o primeiro artifício que, desde as mais remotas idades, o homem concebeu para ganhar, no tempo e no espaço, um certo comandamento e evidente superioridade sôbre o comum dos combatentes a pé, mais numerosos, mais espontâneos, mais fáceis de alistar e de armar, cuja massa, a Infantaria, tem sido sempre, por isso mesmo, a indiscutível raínha das batalhas.

Êsse artifício acarreta, obviamente, como todos os artifícios ou contrafacções da natureza, um lastro considerável de inconvenientes e servidões — maiores dificuldades de preparação, maior complexidade na organização, maior dependência do terreno, maior vulnerabilidade e fragilidade, maio-

## Revista da Cavalaria

res exigências no condicionalismo do seu emprêgo, pouca aptidão para a ocupação e para a defesa, difficilima ou quasi impossivel improvisação e substituição immediatas.

Tem sido, pois, sempre a Cavalaria um luxo muito caro, delicado e complexo — luxo de raros e para raros apenas. Daí o seu especial pundonor e a sua feição nobre de tropa de elite, que tem andado quasi sempre adstrita à sua existência e à sua função, quer como organização militar, quer como meio de acção no campo de batalha — fôrça a empregar só no momento crítico, em certos lances decisivos, ou em certas operações ultra-delicadas, ou ainda para efeitos fulgurantes, em missões quasi sempre de sacrificio e com poucas probabilidades de recuperação.

É a amálgama de tôdas estas características, virtudes e fraquezas que constituem êste factor compósito, de subtil e quasi indefinivel essência, que se costuma designar por *espírito* ou *pundonor da Arma*, e que, realizando, em síntese, um complexo de tôdas as grandes virtudes militares, confere a todo o combatente de cavalaria — official ou praça — um especial orgulho viril, quasi insolente, em relação ao do das outras Armas. O orgulho do infante provém-lhe da certeza de que onde põe o pé o terreno é seu, embora à custa sabe Deus de que penosos e obscuros esforços; o do artilheiro repousa todo na consciência do valor e poder destrutivo do material que de longe maneja; o do engenheiro na natureza técnica ou científica das suas missões subsidiárias; só o do cavaleiro dimana da consciência profunda do valor pessoal que lhe é necessário, em faculdades e virtudes viris, por vezes bem contraditórias, para dignamente cumprir o que lhe deve ou pode ser exigido no decurso da batalha.

\*

Um rápido escôrço da história da cavalaria, desde os tempos mais remotos até aos nossos dias, ajudará a compreender a essência e o espírito da Arma e, conseqüentemente, a natureza e freqüência das suas crises.

Abstraindo dos povos daquelas velhas idades, de que raros documentos nos restam — atenienses, romanos, fenícios,

## Revista da Cavalaria

gauleses, que combatiam principalmente a pé — foi sobretudo, a partir da Idade-Média que na Europa, a Cavalaria, como organização de força, começou a ganhar importância tática e estratégica, e um espírito próprio, um orgulho coletivo que, depois, nunca mais inteiramente perdeu.

Pela sua própria índole e organização, a sociedade medieval fez da cavalaria, como classe nobre, o núcleo, a massa activa, a alma viva dos seus Exércitos, transformando o cavaleiro, todo chapeado de ferro, sobre o seu cavalo, também coberto de ferro, numa espécie de fortaleza móvel e invulnerável, dotada de um verdadeiro arsenal ofensivo — a lança, a clava, a acha, o montante, a massa de armas, a espada curta e o punhal ou adaga.

Assistido por um escudeiro e dois ou três peões, sumariamente armados — com os quais constituía uma unidade de combate, então chamada *lança* — cada cavaleiro alinhava numa só fileira com os seus outros pares e, escolhendo de longe o seu adversário, cavaleiro como êle, sobre êle de lança em riste arremessava o seu cavalo, para o matar ou tombar. Quasi sempre se derrubavam os dois, e a peonagem de cada lança intervinha então para auxiliar ou proteger o seu cavaleiro, no duelo que se seguia logo a pé. De facto, só o cavaleiro combatia. As grandes batalhas resumiam-se quasi inteiramente ao choque de duas cavalarias adversas, que logo se pulverizava em inúmeros combates singulares, de que, em regra, saía vitorioso o partido mais numeroso, mais potentemente armado e que alinhava combatentes mais robustos e de maior valor pessoal.

Perdurou por mais de quatro séculos, esse domínio quasi absoluto da Cavalaria nos campos de batalha, até que o aperfeiçoamento das armas de arremesso e, por fim, o invento da pólvora e das armas de fogo, zombando da invulnerabilidade dos cavaleiros, permitiu às grandes formações de infantaria que, de longe, em massas profundas, detivessem e destroçassem os arrogantes e emplumados esquadrões, cujos membros, uma vez derrubados, eram elementos praticamente nulos para o combate a pé.

Essa foi a primeira grande crise da Cavalaria que na nossa própria história encontra flagrantés exemplos em Atoleiros e Aljubarrota.

## Revista da Cavalaria

A partir de então a primazia nas batalhas passa a caber à admirável infantaria da Renascença, êsses terços mercenários de Carlos V e de Gonzalo de Córdova Waleustein que atravessaram vitoriosos tôda a Europa. Só no Século xvii se abolia de vez a acção da cavalaria pelo choque, começando por dotá-la com as primeiras armas de fogo — pistolas — e criando-se por fim com a designação de *dragões* uma tropa a cavallo apta a bater-se, consoante as circunstâncias, tanto a pé pelo fogo, como a cavallo à arma branca.

Mas, porque se reconheceu que à batalha faltava um elemento de decisão pelo choque, nos começos do Século xviii, a evolução e metodização de certos princípios tácticos levou naturalmente à ressurreição da velha tradição medieval da cavalaria — à acção pelo choque, a carga. Mauricio de Saxe em Fontenoy carrega pela primeira vez os batalhões ingleses à arma branca; e Frederico II, mais tarde, com o seu grande general Seydlitz, organiza e instrui a sua cavalaria em termos de torná-la o mais sólida e manobradora possível, especialmente apta para o ataque de surpresa, o choque e o combate à arma branca. E assim, nos fins do século, a cavalaria voltava a assumir no campo de batalha a decisiva importância dos seus meios e processos de outrora.

Por nova crise então passou a cavalaria quando a infantaria dos *sans-culottes* da Revolução adoptou as formações em quadrado para se opor tenazmente, pelo fogo à queima-roupa, às brilhantes cargas dos esquadrões austriacos e prussianos. Mas não tardou que o génio militar de Napoleão a não restituísse de novo à pureza das suas tradições do ataque por surpresa, da carga e do combate à arma branca, empregando-a em grandes massas de choque no campo da táctica e aproveitando-lhe a mobilidade para um papel mais vasto e mais sistemático no campo da estratégia, em missões de exploração, de segurança afastada e de perseguição depois da batalha. Inúmeras são as batalhas dessa época em que a decisão foi provocada pelo emprêgo oportuno de grandes cargas de cavalaria. Foi verdadeiramente a sua idade de ouro nos tempos modernos.

Por várias décadas do Século xix se manteve ainda em todo o seu prestígio a tradição romântica da cavalaria de Lassalle e de Murat.

## Revista da Cavalaria

Mas logo o aparecimento das armas de repetição e dos canhões de tiro rápido, aumentando o potencial de fogo da infantaria e da artilharia, põe de novo em cheque a vulnerabilidade e a fragilidade da cavalaria, como arma de choque.

A guerra de 70, com as suas heróicas mas inúteis cargas e a passividade ou missões frustradas de ambas as cavalarias no comêço da campanha, mais fortemente lhe atinge o antigo prestígio, já muito abalado depois da batalha de Sadova. E, por fim, o aparecimento e aperfeiçoamento das armas automáticas acaba de a condenar, irremediavelmente, como arma de choque no campo de batalha.

Entretanto, porém, sobretudo pelos erros cometidos por ambos os Estados-Maiores nos preliminares da guerra franco-prussiana, o seu emprêgo a fundo e as suas missões taxativas passavam a revelar-se de outra natureza e noutra campo—no campo estratégico ou tático, preparatório e liquidatório da batalha.

A partir de então as suas missões são as de constituir vanguardas estratégicas, de exploração e segurança afastadas, e missões táticas de protecção de colunas, até ao engajamento da batalha, durante a qual passa aos flancos para qualquer intervenção oportuna, mas, sobretudo, para realizar a perseguição ou cobrir a retirada, consoante os resultados.

No nosso Regulamento de 1906, eram atribuídos à Cavalaria os séguíntes serviços, que reflectiam a doutrina comum aos vários exércitos europeus:

— *Descoberta*, desempenhada por uma cavalaria independente, que tinha por fim obter a informação de que o Alto Comando carecia para lhe garantir liberdade de operações; o essencial era *ver*, constituindo o combate apenas um meio extremo, só empregado em último recurso para poder *ver*; cada escalão de descoberta operava independente, protegendo-se a si próprio e sem qualquer responsabilidade pela segurança das tropas à retaguarda;

— *Segurança*, a cargo da cavalaria divisionária, responsável pelo espaço e pelo tempo dos comandos das colunas a que estava adstrita e incumbida da *exploração* ou *segurança afastada*, e da *segurança próxima* ou *protecção dessas colunas*.

## Revista da Cavalaria

— *Protecção* em marcha e em estação, a cargo também da cavalaria divisionária e destinada a proteger pelo combate as colunas em marcha ou a cobrir em estação o estabelecimento dos seus postos avançados e ampliar a zona de acção do seu serviço de vigilância.

Além destas missões estratégicas e táticas, preliminares da batalha, a cavalaria tinha ainda por missão combater no próprio campo da batalha. Para êsse efeito a *cavalaria de descoberta, dirigir-se-ia para uma situação de onde oportunamente pudesse intervir na acção e onde pudesse conservar-se ao abrigo dos fogos mais eficazes do inimigo. Essa situação seria, geralmente, avançada em relação à frente de combate e correspondente ao flanco por onde se tencionava realizar o ataque decisivo ou ao que se julgava mais ameaçado.*

Cumpria então ao comando dessa cavalaria — segundo o mesmo Regulamento — explorar a distância o campo de batalha, para obter e transmitir tôdas as informações necessárias ao alto comando, a fim de conservá-lo constantemente orientado sôbre os movimentos das colunas inimigas; aproveitar tôdas as ocasiões que se lhe oferecessem para prestar concurso às outras tropas, *intervindo por iniciativa própria com o grosso da cavalaria; apoiar as tropas encarregadas de ataques decisivos ou contra-ataques; repelir contra-ataques do inimigo; em caso de retôrno ofensivo procurar sustentar o inimigo a distância, até que a infantaria se reconstituisse e completasse a ocupação das novas posições; procurar combater a cavalaria adversa, quando o terreno e a situação o permitissem.*

Durante o combate, poderia ainda a cavalaria de descoberta ser destinada, com o concurso da artilharia a cavalo, a actuar sôbre os flancos ou retaguarda das tropas inimigas, *missão que muitas vezes* — profetizava o Regulamento — *lhe proporcionará* ensejo de obter brilhantes resultados, ou sôbre colunas inimigas em marcha, a fim de retardar ou, pelo menos, embaraçar os seus movimentos.

Finalmente, incumbia ainda à Cavalaria a exploração do êxito, pela perseguição, «*desde que no combate o inimigo manifestasse inferioridade e principiasse a ceder terreno*». Então, segundo o mesmo Regulamento, «*a cavalaria de descoberta*

## Revista da Cavalaria

*dirigir-se-á rapidamente sôbre as linhas de retirada das tropas adversas, a fim de completar a vitória, dar lugar à derrota e manter o contacto. A perseguição deverá ser enérgica e prolongada sem receio de que possa ser excessivo o dispêndio das forças dos cavalos e dos homens».*

Em caso de revés, a cavalaria de descoberta procuraria, por esforços sucessivos, deter ou demorar a perseguição, competindo-lhe sempre que fôsse necessário, sacrificar-se para dar tempo à retirada das outras tropas.

Iniciada a retirada, cuidaria especialmente de cobrir os flancos em marcha e de não perder o contacto.

Éstes eram, antes da Grande Guerra, os nossos princípios essenciais de doutrina sôbre o emprêgo da Cavalaria, mais ou menos comuns aos exércitos europeus mais representativos — o alemão e o francês.

Na doutrina francesa, a cavalaria era a arma da surpresa; às suas Grandes Unidades cabiam missões de descoberta, de segurança estratégica, cobertura de uma frente ou de uma ala e missões retardadoras; aos R. Divisionários a segurança táctica de tôdas as unidades a que estavam adstritos. Uns e outros deviam actuar pelo choque, sobretudo, contra a cavalaria adversa. O combate a pé era um meio de defesa e um subsídio de tôrça ofensiva e devia ser empregado apenas quando o combate a cavalo se afigurasse ineficaz. Era, portanto, uma doutrina ainda nitidamente ofensiva, em que o choque era o principal meio de acção, e o fogo um elemento secundário.

Idêntica à francesa, a doutrina alemã em 1914 mantinha também a tradição do choque, mas preconizava já de preferência o combate pelo fogo para atacar de surpresa um adversário enquadrado.

E, todavia, apesar destes sólidos princípios, logo nos primeiros embates da Grande Guerra a cavalaria alemã — decerto, pela acção molesta das metralhadoras — recusa-se sistematicamente ao combate à arma branca, para adoptar como modo normal de combater, a acção pelo fogo. Durante os grandes movimentos estratégicos da primeira fase da guerra, na Bélgica, não há já quasi combates à arma branca, senão em escala minima, entre patrulhas, e de surpresa. Depois, decidida a Batalha do Marne e estabilizadas as duas

## Revista da Cavalaria

enormes frentes, a cavalaria na frente ocidental deixa de ter qualquer função a cavalo, irmana-se nas trincheiras com a infantaria e só se dá pela sua irreparável falta, do lado alemão, em 1918, na ofensiva de Julho, a quando da famosa rotura da frente de Amiens, numa brecha de 70 quilómetros, em que algumas Divisões de Cavalaria, providas de artilharia e auto-metralhadoras, explorando o êxito, teriam talvez feito ganhar a Guilherme II a cartada decisiva da batalha da França e da Vitória final.

Na ofensiva de La Liz é ainda a cavalaria francesa que ocorre a tapar a brecha, inutilizando o maciço ataque alemão, já de si sem finalidade prática, por falta de cavalaria. E na contra-ofensiva dos aliados, em Julho, é ainda a cavalaria, pela exploração do êxito, que precipita os acontecimentos que levaram ao pedido de Armistício.

Entretanto, nas outras frentes, na Rússia, nos Balcans, na Palestina, na Síria, a cavalaria, sempre que fortemente apoiada por elementos de fogo, realiza plenamente as missões estratégicas que lhe são atribuídas — *descoberta*, para colheita de informações e segurança longínqua, *cobertura* de movimentos das próprias tropas, *exploração* e *protecção* das colunas — tornando-se um elemento indispensável ao Comando, como o foi, entre outros exemplos, no famoso raid em país montanhoso de Salónica ao Danúbio, e a sua actuação na Palestina em 1918, que forçou a Turquia a pedir a paz.

Quanto ao combate a cavalo, à arma branca, em plena batalha, era um assunto já inteiramente arrumado, a não ser em pequenas acções de surpresa, em condições excepcionais de fortuna e sobre tropas já desmoralizadas.

Como arma de choque, portanto, a cavalaria entrava definitivamente em crise; e por isso logo depois da Grande Guerra se procedeu a um cuidadoso e minucioso estudo de revisão das suas possibilidades e do seu futuro emprêgo.

Essencialmente, as modificações não foram radicais. A antiga *Cavalaria de Descoberta* continuou atribuída às Grandes Unidades (Divisões ou Brigadas) e a *Segurança* e *Protecção imediata* passou a ser affecta aos Grupos do Corpo e Divisionários, que, no fundo, não são mais do que Regimentos de Cavalaria, de constituição e organização especiais. A inovação principal foi a de se lhe fornecer um potencial

## Revista da Cavalaria

de fogo, compatível com a sua natureza, tornando-as para isso uma organização híbrida, parte a cavalo, parte motorizada, para, sem prejuízo da mobilidade, a dotar do único poder ofensivo que as condições da guerra moderna permitem — a arma automática.

Fundamentalmente, porém, chegava-se à conclusão de que as missões da cavalaria, à parte a sua intervenção no campo da batalha, permaneciam as mesmas que eram já em 1913 e que vinham já de Napoleão — a descoberta, a segurança afastada ou exploração do terreno, a segurança próxima ou protecção das colunas. A constituição das Grandes Unidades e dos Grupos de Reconhecimento dependia da natureza do terreno, das regiões, dos comandos ou forças em proveito de quem trabalhasse, da política de guerra e dos recursos financeiros e económicos da Nação.

Mas deflagra-se em 1939 a segunda Guerra Mundial, e de novo a Cavalaria, pela intervenção maciça e abrupta de novos meios e processos de ofensiva — o avião e o carro de combate — se vê de novo, inesperadamente, em crise, com a derrota e aniquilação da Polónia em 26 dias, logo seguida do colapso e esmagamento, em pouco mais de um mês, da França e do seu Exército que, seguindo os moldes clássicos, enviara para a frente da Bélgica o seu corpo de Cavalaria do General Prioux, encarregado da descoberta e cobertura estratégica, indispensáveis ao alto Comando Aliado. Não cabe nos limites desta sumária palestra — nem mesmo seria ainda possível, por falta de elementos sérios de informação — um estudo mais profundo dessas fulgurantes campanhas da Polónia e da França, tanto na fase preparatória como no complexo desenvolvimento das suas grandes e fulminantes batalhas da guerra-relâmpago.

Mas basta um rápido golpe de vista pela história geral dessas duas impressionantes campanhas, em qualquer das suas fases, para cedo concluirmos que, no fundo, as coisas se passaram ao modo clássico de todas as grandes campanhas. Simplesmente, a acção da cavalaria de descoberta foi do lado alemão, substituída pelo íntimo enlace das divisões coraçadas e da aviação de reconhecimento e combate, e do lado francês continuou confiada a uma espécie de cavalaria que não podia já defrontar-se com o ímpeto e o poder

## Revista da Cavalaria

ofensivo, apto à rotura a todo o transe, de uma cavalaria mecânica.

Em síntese, o que em ambas as campanhas se passou foi o choque brutal de duas concepções da guerra moderna ou de duas doutrinas radicalmente opostas — a doutrina francesa, da guerra estática, da defensiva de grandes frentes, organizadas em profundidade, rigidamente compartimentadas e ligadas, como sobrevivência caduca das trincheiras de 1918; e a doutrina alemã, revolucionária, da guerra dinâmica, pelo ataque em massa a estreitas frentes, para obter pela rotura e alargamento de brechas os flancos necessários às acções de envolvimento e ataque das retaguardas, que são as únicas que conduzem à decisão da batalha e à vitória, pela desorganização e aniquilamento rápido das forças inimigas.

Ao passo que os dirigentes e o E. M. alemães, instruídos pelos funestos resultados da sua guerra de trincheiras, procuraram na couraça e no motor, os meios de prepararem e decidirem fulminantemente a batalha, por seu lado os dirigentes e a população da França, seduzidos pela lei do menor esforço, pela luta de desgaste, pela guerra defensiva e pelas velhas glórias da frente estabilizada, fecharam obtusamente os olhos e os ouvidos às realidades e a todas as advertências da couraça e do motor, de que afinal tinham sido os verdadeiros doutrinadores e percursores em 1917, ao conceberem e fabricarem o seu primeiro carro de combate.

«A mobilidade estratégica da *Divisão Ligeira Mecânica francesa* — escreve no seu livro sobre *Motorização e Mecanização*, um distinto camarada nosso do Estado Maior — *é ótima e incomparavelmente superior à da Div. da Cavalaria que dificilmente atinge mais de 200 quilómetros em 3 dias*».

Prosseguindo no seu estudo, acrescenta:

«*A sua mobilidade táctica é igualmente boa e ainda superior à da cavalaria, desde que todos os elementos combatentes disponham de viaturas de todo o terreno e este seja propício ao seu emprego. A Div. Lig.<sup>a</sup> Mecânica pode, pois, desempenhar, mesmo em presença dos mais recentes progressos técnicos, as missões até aqui atribuídas à cavalaria, em particular a de garantir a informação e a segurança indispensáveis às G. Unidades motorizadas*».

## Revista da Cavalaria

«Os princípios do seu emprêgo são os mesmos que os da Div. de Cav. É indispensável, no entanto, applicá-los num quadro mais amplo e num tempo mais curto, por forma a ter em conta a necessidade da protecção longínqua e da informação rápida, exigidas pela massa de manobra».

E, passando a analisar o seu emprêgo, tanto nas acções ofensivas — marcha para o inimigo, ataque e exploração do sucesso — como nas defensivas — acção retardadora e defesa de posição — descreve sucintamente os dispositivos mais adequados a cada situação, servindo-se da terminologia normalmente usada em tôdas as missões taxativamente atribuídas à cavalaria a cavalo.

«É evidente — diz ainda, tratando do combate — que o sucesso do ataque de unidades desta natureza (D. L. M. ou Div. Couraçadas) contra uma posição mantida por fôrças de tôdas as Armas repousa essencialmente na surpresa, pois que desde que aquêles disponham do armamento conveniente, inclusive contra êsses couraçados terrestres, e estejam decididos a conservar a posse do terreno, o ataque tem poucas probabilidades de êxito.

Ora a acção pela surpresa, como vimos, tem sido um dos principais atributos e características da cavalaria, um dos segredos da sua eficiência.

Finalmente, ao tratar da exploração do êxito, o mesmo autor diz ainda:

«A exploração do sucesso, dentro das Div. Couraçadas, é iniciada por Destacamentos de exploração, constituídos por elementos rápidos (motos e auto-metralhadoras), elementos de fôrça (carros e auto-transportados) e elementos de ocupação de terreno auto-transportados, e acompanhados pela aviação. A retaguarda dêstes destacamentos segue o grosso da Divisão.

Em presença de uma resistência os elementos motos procedem a rápido reconhecimento da posição inimiga, que é logo atacada pelos carros ou pelos elementos auto-transportados, conforme o terreno. Se o ataque surte efeito, o destacamento retoma a marcha no dispositivo inicial; caso contrário, o comandante do Destacamento chama pela T. S. F. a aviação de assalto, que lhe fôra adstrita, depois de cujo bombardeamento, se repete o ataque.

O comando dêstes destacamentos, pela natureza da sua missão, deve ser entregue a homens ousados e com largo espírito

## Revista da Cavalaria

*de iniciativa, capazes de a conduzirem com energia indomável até ao fim».*

Bem feitas as contas, tôda êsta linguagem, tôda esta terminologia, todo êste clima não é o que compete à nossa velha cavalaria a cavalo? E o homem *ousado, de largo espírito de iniciativa e energia indomável*, não é o que os velhos regulamentos de 1906 exigiam para as missões do oficial de cavalaria de então?

As missões, as normas, os dispositivos, a actuação, as exigências relativas ao elemento humano são, pois, para estas unidades couraçadas, as mesmas que têm sido para a velha cavalaria a cavalo. O espírito que deve animá-los deve, pois, continuar a ser o mesmo, do mesmo quilate. Simplesmente, os meios se tornaram mais complexos e mais exigentes, infinitamente mais potentes, mais delicados, mais artificiosos e, por isso mesmo, mais ilaqueados de servidões — *razão ainda mais forte para uma selecção mais séria do seu elemento humano tal como na velha cavalaria.*

No fundo, estudado mesmo sumariamente o desenvolvimento das mais típicas campanhas da guerra actual, vê-se que os velhos princípios da estratégia e da táctica, os postulados fundamentais, as leis clássicas da arte da guerra, permanecem imutáveis, iniludíveis e que certas operações, antes, durante e depois da batalha hão-de ser sempre necessariamente atribuídas a umas certas tropas de grande mobilidade, espírito ofensivo e independência de acção, sejam ou não montados a cavalo, sejam ou não montados em carros de motor. Se a infantaria foi desde sempre, e não poderá deixar de ser jámais — enquanto a guerra fôr um mal necessário — a *rainha das batalhas*, a cavalaria, qualquer que seja a sua montada, será sempre o seu mais leal, desinteressado e nobre servidor...»

## II

Depois de tão reconfortantes conclusões sôbre o valor e os destinos da Arma, considerada em abstracto na sua essência e na sua universalidade, resta-nos encarar o problema sob

## Revista da Cavalaria

o ponto de vista que especialmente nos interessa, sob o ângulo do nosso interesse nacional.

Ora, por muito que nos pese, a história da cavalaria portuguesa é relativamente modesta, apagada. Tôdas as nossas melhores glórias foram alcançadas à custa da infantaria. Em tôda a Idade-Média, à excepção de alguns fossados ou algaras contra o Moiro, do bufendio ou torneio de cavaleiros em Arcos-de-Valdevez e de uma ou outra acção mais brilhante no Salado, de nenhuma acção de cavalaria de especial espavento rezam as crónicas da Primeira Dinastia. Depois, em Atoleiros, Aljubarrota, Valverde, foi, sobretudo, a peonagem hirsuta e basta dos concelhos — a *bésteria de conto* — que mais loiros conquistou para os nossos fastos militares. Os próprios cavaleiros tiveram de combater a pé. Em Toro houve, de facto, feitos brilhantes da nossa cavalaria, mas não podemos, infelizmente, ufanar-nos de que tivessem contribuído para uma vitória. Mais tarde, transferida a nossa actividade militar para outros continentes, a África, a Índia, o Brasil, foi também, sobretudo, a infantaria que actuou. A Alcácer Kibir foi uma cavalaria brilhante — a dos Duques de Bragança e de Aveiro; mas todos sabemos como rematou a aventura. A quando da Restauração não tínhamos cavalaria; e foi à custa da cavalaria estrangeira — e de alguns grandes chefes franceses, como Tamaricourt, que reorganizaram a nossa — que obtivemos alguns êxitos brilhantes. Em tôda a Guerra da Sucessão, os maiores feitos foram da infantaria. Na campanha de 1762 a cavalaria conservou-se sempre em expectativa estratégica; e, a bem dizer, só durante as campanhas da Guerra Peninsular a nossa cavalaria ganhou as suas esporas de ouro em dezenas de acções e batalhas campais, animada do espirito que então caracterizava a arma, conduzida por chefes que se iam formando no fragor dos combates e das cargas. Essa tradição e êsse espirito mantiveram-se por todo o Século XIX, desde as campanhas da Liberdade até às nossas mais recentes acções nas breves e felizes campanhas de ocupação em África; e assim, somos chegados aos tempos de hoje com um modesto activo, que não é, todavia, de desdenhar no balanço geral das nossas glórias militares.

De resto, o país foi sempre escasso em produção cavalár, condição primordial para uma abundante e eficiente cava-

## Revista da Cavalaria

laria. Nunca nos foi possível, por dificuldades económicas, montar e equipar efectivos que de longe correspondessem à extensão e necessidades de defesa das nossas fronteiras.

A própria natureza do terreno, excepção feita da campina ribatejana e das charnecas do Alentejo, mal se prestava, por acidentado e pedregoso, às grandes massas de cavalaria. De sorte que, entre nós, a vida da Arma, a sua evolução, as suas tradições, a sua organização foi sempre uma actividade militar, parasitária, subsidiária do estrangeiro, principalmente da França, de quem tudo copiámos quasi sempre, a partir de Schomberg, desde a organização aos regulamentos e aos uniformes. O modelo prussiano de Lippe e o modelo inglês de Beresford foram casos esporádicos, por injunções de política externa.

Assim, as sucessivas crises por que a Cavalaria, em geral, tem passado ao longo das idades, têm-se feito sentir entre nós, apenas por reflexa, e na justa medida em que afectam os nossos verdadeiros interesses colectivos de ocasião.

Todos os problemas de doutrina, de organização, de instrução, de tática, de armamento, têm-los resolvido, melhor ou pior, consoante as necessidades e possibilidades de ocasião, logo que além fronteiras vão sendo resolvidos por outras mais prementes necessidades nacionais. Todas as nossas dificuldades têm sido meramente de ordem financeira, porquanto, quer em matéria de homens, geralmente aptos para a equitação, quer em matéria de solípedes que, de melhor ou pior qualidade, têm sido sempre mais ou menos fornecidos pela pecuária nacional, quer em matéria de armamento, que só a partir da espingarda de repetição passou a ser adquirido no estrangeiro, as exigências materiais da Arma não excediam de muito as nossas possibilidades de produção.

Por isso, também, a crise declarada depois da Grande Guerra de 1914-1918 não encontrou entre nós dificuldade de maior para a solução. Os novos regulamentos táticos, a nova organização, a nova distribuição de meios, tudo mais ou menos decalcado sobre o modelo francês, não encontraram entre nós, à parte o aspecto financeiro, obstáculos de grande monta para collocarmos a nossa cavalaria, pelo menos teóricamente, ao nível das outras cavalarias. O que em armas automáticas e

## Revista da Cavalaria

material blindado nos era sumariamente exigido, consoante o modelo francês, não nos parecia exagerado nem desproporcionado com as nossas condições normais de vida.

Mas a tempestade de ferro e fogo que em 1940 assolou a França, depois de ter assolado em menos tempo ainda, a terra mártir da Polónia, essa inundação apocalíptica de milhares de engenhos de aço, cobertos por milhares de aviões de combate, e por fim a revelação de que tudo isso era apenas um novo género de cavalaria, uma terrível cavalaria mecânica, legítima herdeira das tradições e empregos da velha cavalaria a cavalo, acabaram por nos patentear tãda a extensão da nova crise.

Era evidente que os resultados teriam sido muito outros se os polacos, em 1939, ou os franceses e ingleses, em 1940, tivessem podido opôr à irrupção dèsses esquadrões blindados a reacção imediata de outros esquadrões idênticos. A Polónia, porém, só lhes opuzera 15 Divisões de cavalaria a cavalo; e a França só lhes pudera fazer face com 2 divisões couraçadas e um corpo de cavalaria à antiga. Os resultados foram o que se sabe.

Dêsse modo, para um país como o nosso, destituído de indústrias metalúrgicas, de produção de carburantes e artefactos de borracha, sem técnicos especializados no fabrico de motores, sem nenhuma possibilidade industriais da técnica moderna, impossibilitado, portanto, de se bastar a si mesmo em matéria sequer de alimentação de motores, o problema da sua cavalaria parece quasi insolúvel.

É certo que as duas campanhas da Rússia de 1941 e 1942 já revelaram também que o motor e o material blindado não resolvem inteiramente os problemas da nova cavalaria, em qualquer circunstância de tempo e de lugar, e que, por êsse facto, a cavalaria secular dos cossacos voltou a reassumir um papel de indiscutível valor na feroz resistência que a frente russa tem oposto ao invasor alemão.

Não é menos certo também que, não obstante a sua audaciosa travessia das Ardenas, em simples marcha itinerária, se as divisões couraçadas alemãs, em vez de terem tido na França, por campo de batalha, um terreno idealmente liso e fácil, como essas planícies da Flandres, se têm defrontado com um campo de batalha de país montanhoso, cortado

## Revista da Cavalaria

de desfiladeiros e barreiras intransponíveis, a cavalaria do General Prioux talvez não tivesse sido tão inócua como o foi, pela grosseira presunção do Alto Comando francês sobre o valor das montanhas das Ardenas, como obstáculo à travessia de blindados.

A própria marcha fulminante de outras divisões blindadas alemãs, através das montanhas da Servia, para pôrem um oportuno remate à infeliz campanha da Itália na Grécia, não demonstram inefragavelmente que os terrenos montanhosos não sejam um obstáculo de monta à actuação da cavalaria mecânica.

A natureza do terreno ainda pode ser um precioso aliado da cavalaria a cavalo.

Nesta ordem de idéias — e à semelhança do que é também verdadeiro para o país vizinho — o problema não se nos deve afigurar ainda insolúvel para nós.

Para uma possível reorganização da Arma em Portugal qualquer critério a adoptar terá de ser ponderado, em função de três factores essenciais:

a natureza, extensão e diversidade das suas fronteiras militares;

a natureza e possibilidades do inimigo provável;

e os recursos técnicos e financeiros da nação para a organização, manutenção e emprêgo de uma cavalaria moderna.

Um breve estudo sobre o mapa nos adverte de que todo o norte de Portugal, a partir da Covilhã, é de natureza braviamente montanhosa, em que o emprêgo de uma cavalaria a cavalo, sábiamente articulada com elementos moto-mecanizados, pode ser ainda da maior utilidade para realizar as missões que à cavalaria incumbem nos preliminares da campanha.

Acima do Douro, a fronteira pode considerar-se quasi praticamente hermética a qualquer espécie de elementos moto-mecanizados, desde que se lhes ofereçam os meios de fogo adequados.

De sorte que, em última análise, só a fronteira aberta da vasta planície alentejana terá de ser guardada por verdadeira

## Revista da Cavalaria

cavalaria mecânica, pois ali, qualquer outra cavalaria afrontada por elementos blindados, se fundiria como cera ao sol.

Quanto à natureza e possibilidades do inimigo provável, o mesmo temperamento, deficiências semelhantes em matéria de produção industrial e idêntica falta de recursos em matéria de carburantes e de artefactos de borracha, colocam-nos, guardadas as devidas estâncias, em condições de não considerarmos inteiramente utópica a tentativa de resolver o problema.

Resta-nos, pois, considerar a capacidade dos nossos recursos financeiros para a organização e manutenção de uma cavalaria moderna. É assunto que pertence a outrem que não a nós, militares.

Da judiciosa ponderação de todos êstes factores chegar-se-ia, *grosso modo* à conclusão de que com uma brigada mista de cavalaria, na Beira Baixa, outra ao Norte do Douro e uma Divisão Rápida Mecânica, ao Sul do Tejo, se poderia já constituir entre nós uma cavalaria moderna que não podendo, de perto nem de longe, constituir um ideal, poderia, ao menos, ser suficiente, para as suas missões essenciais e indispensáveis, em têrmos de satisfazer aos objectivos dos preliminares de uma politica de guerra que não pode deixar de ter em conta as cláusulas de uma aliança multi-secular, em caso de guerra declarada ou de agressão sem declaração prévia, conforme parece já de uso consagrado no novíssimo Código de relações internacionais entre as mais civilizadas potências do Mundo moderno.

Julho de 1943.



# O SERVIÇO DE INFORMAÇÕES

## --- --- NAS P. U. C. --- ---

pelo Tenente RIBEIRO RAMOS



Sendo o S. I. a especialidade mais importante na nossa Arma (Arma que, como todos sabemos, tem como primeira missão a procura de informações) não se compreende que tenha sido aquela, sôbre a qual menos tem incidido a atenção das palestras e artigos publicados nas nossas revistas.

Conscientes de que nada de novo poderíamos dizer, em vista do desconhecimento que temos dos pormenores da actual guerra, o que escrevemos ficará unicamente como uma modesta tentativa de divulgação do que se ensina na E. P. C. e em alguns livros.

Se a todo o especialista, quer soldado, quer graduado ou oficial são exigidos, com razão, conhecimentos de carácter geral, também se compreende e por vezes com não menor justificação que todos conheçam, ainda que a largos traços, o funcionamento de determinados serviços especializados.

No caso da nossa Arma e em relação ao S. I. podemos mesmo dizer, sem grande receio de errar, que todos são parte integrante dêsse serviço.

Assim, procuraremos frisar a sua *importância*, dar uma idéia geral da sua *organização* e chamar a atenção para o papel importante que a todo o combatente cabe no seu bom *rendimento*.

Por nota do Grande Quartel General Francês, assinada pelo marechal Joffre em Outubro de 1916, foi criado o S. I.

## Revista da Cavalaria

regimental. Inicialmente com funções restritas, foi alargando o seu campo de acção pelas exigências que lhe eram feitas.

Infinitos exemplos nos provam a importância do factor informação. Todos conhecemos em maior ou menor quantidade êsses exemplos, o que nos dispensa de citar alguns. Bastará transcrever o que Foch nos diz no seu livro «Princípios de guerra»: *«Para vencer êsse desconhecido que nos acompanha mesmo até ao aniquilamento das unidades inimigas, não há senão um meio, procurar até ao último momento, mesmo sobre o campo da batalha, a informação».*

Não podemos conceber que todos os chefes não deitem mão dêste factor — *informação* — que lhe empresta um dos melhores trunfos para a sua decisão. A história de tôdas as campanhas o confirma. Sômente a organização no modo de a obter, tem evolucionado, alargando extraordinariamente o seu campo de acção, para poder satisfazer com eficiência às exigências de um exército moderno que ano a ano tornam mais complexa não a parte artistica da guerra, mas a sua parte científica.

Como diz o sr. tenente-coronel Lelo Portela, na sua interessante conferência sobre ligação e informações, efectuada durante os trabalhos preparatórios dos exercícios da Brigada de Cavalaria na região de Santarém: *«Basta frisar os acréscimos de velocidade conseguidos, para se ver como os factores tempo e espaço obrigaram a grandes modificações nos elementos destinados à procura e à transmissão das informações».*

Foi o aparecimento do motor, criando novos meios que, por diferença de velocidades, tirou ao cavalo o lugar quasi exclusivo e saliente que occupava entre os elementos destinados à procura de informações.

Todo o chefe, quanto melhor e mais completo fôr o conhecimento que tem das intenções e possibilidades do inimigo e das suas próprias possibilidades (que lhe limitam em grande parte as suas intenções) em melhores circunstâncias se encontra para poder decidir. Quer uns, quer outros conhecimentos, obtêm-os através da informação. Torna-se, pois, dever geral facilitar a sua missão, procurando por todos os meios a informação cuja pesquisa deve ser *contínua e permanente* e cuja participação só é útil se fôr *precisa, oportuna e localizada*.

## *Revista da Cavalaria*

Em tempos passados a procura de informações recaía quasi só sôbre aspectos essencialmente militares. A guerra actual, como confirmação da de 14-18, veio convencer-nos das razões que assistiam ao marechal Ludendorff e, portanto, a procura terá de visar tôdas as fontes de actividade inimiga: factores de ordem prôpriamente militar, políticos, sociais, económicos, etc. A importância do conhecimento dêstes factores, varia porém, com a importância do comando.

Ao alto comando não interessa, por certo, a posição no terreno de uma arma automática inimiga; pode, porém, prender-lhe a sua atenção a construção dela e é ávido do conhecimento da organização, do armamento, da doutrina de guerra e princípios táticos, da ordem de batalha, da concessão estratégica, da situação económica e politica, etc., do inimigo.

Ao comando de uma P. U. interessa-lhe directamente tudo quanto representa pormenor: o contôrno aparente, a situação das armas automáticas, anti-carro, dos obstáculos, dos campos de minas, dos P. O. e P. C., engenhos blindados, etc., e indirectamente, para dar conhecimento ao escalão superior, os factos que não tendo utilidade directa para si podem ser utilíssimos a êsse escalão.

Entre os dois escalões extremos, vários escalões de comando surgem: o da Brigada, da Divisão e do Corpo do Exército. O bom senso e as necessidades indicam sôbre que ponto têm de visar a sua procura de informações, entre o pormenor e a generalidade, não esquecendo nunca as necessidades dos escalões que lhe estão acima e abaixo.

### *Organização do S. I.*

Não pode o Comandante, a maior parte das vezes, preocupar-se directamente com o factor informação, pois muitos outros problemas requerem a sua atenção. Tem, portanto, de existir um órgão da sua inteira confiança, que sob êste ponto de vista, lhe prepare tudo quanto precisa. Daí o aparecimento do serviço de informações em todos os escalões de comando. Não são serviços autónomos, pois tècnicamente qualquer dêles depende sempre do do escalão superior, para

## Revista da Cavalaria

que possam trabalhar sempre bem ligados na perfeita comunhão de fins: o conhecimento do inimigo, o conhecimento da nossa própria tropa.

Os órgãos a que o comando pode recorrer para se informar, classificam-se em especializados e de carácter geral. Os primeiros são: as repartições de informações dos Quartéis Gerais, com os seus serviços especiais de espionagem e contra-espionagem; a observação aérea e terrestre; as escutas e os S. I. das P. U. O órgão não especializado mais importante, é a tropa, pois é ela que lhe está sempre à mão, procurando de um modo geral a informação por contacto directo com o inimigo e, portanto, é ela que se encontra em óptimas condições para avaliar do seu valor moral, é ela que determina as suas posições, é ela que recolhe os seus despojos, é ela que faz os prisioneiros, é ela que mais convive com o habitante, etc.

Pelas suas características umas armas são mais aptas para a procura de informações que outras; encontram-se neste caso a aviação e a cavalaria. A noção de bem informar tem, pois, de ser parte importantíssima na instrução especial dos elementos destas armas, levando-os à convicção da necessidade absoluta desta exigência e à satisfação integral dela através de tudo.

Já há muito deixou de ser praticável, embora continue aconselhável a um comandante, mesmo ao das sub-unidades, poder abranger com a vista não só as tropas inimigas como também as suas próprias tropas, embora o carro e o avião venham por momentos dar-lhe essa possibilidade. As frentes e profundidades ampliaram-se desmedidamente, os efectivos multiplicaram-se, as tropas ou se escondem ou se deslocam com grandes velocidades de modo que a observação pessoal por parte do Comandante é na maioria das vezes impossível. Torna-se, pois, necessário, que ele envie olhos e ouvidos que por si vejam e ouçam em todos os pontos e direcções. Multiplicou-se a existência dos órgãos de observação — P. O. e Obs. —, fêz-se em larga escala a introdução dos reconhecimentos blindados e de aviação. A criação destes elementos ou a sua maior aplicação não supriu, porém, tôdas as necessidades dos diversos escalões de comando, especialmente as das P. U. É preciso mais e muito mais e daí a neces-

## Revista da Cavalaria

sidade de alargar a exigência da observação na procura das informações a todos os elementos, sobretudo, se esses elementos pertencem à arma de cavalaria.

Já hoje os programas da instrução geral do soldado e graduado incluem conhecimentos, ainda que sumários, sobre observação. As vantagens desta instrução resultam evidentes, pois há que aproveitar as belas condições naturais de observação que o nosso soldado possui, recrutado como é na sua maioria entre os trabalhadores rurais, homens habituados a ver o terreno.

Há que disciplinar essas condições levando-o ao reconhecimento da importância da observação e, sobretudo, conseguir que ele relate com exactidão aquilo que observou.

Na escolha do pessoal especializado requerem-se cuidados que exigem, além do exame médico (para se evitar que apareçam observadores que vejam e ouçam mal) um exame psicológico em instituto de orientação e selecção profissional que nos revele a aptidão do homem para o fim a que é destinado. Este sistema cremos ser seguido com vantagens evidentes na nossa Marinha de Guerra. Já no Exército se usa este processo, com bons resultados para algumas especialidades. Tem sido, sobretudo, nos Estados Unidos da América que ele tem sido desenvolvido, facilitando de um modo extraordinário a criação rápida de exércitos com grandes efectivos.

### *Funcionamento dos S. J. nas P. U. de Cavalaria*

#### *Procura de informações*

Como já dissemos o Comandante necessita de se informar sobre variados pontos que vão influir juntamente com a missão recebida, o terreno e os meios, senão decidir em absoluto sobre a sua orientação. Para isso concretiza no documento denominado Plano de Informações que também contém os pedidos da unidade superior (para a nossa Arma quasi chegam a abranger, por vezes inteiramente a missão) o seu pensamento. Tudo nos leva a crer que ele será a

## Revista da Cavalaria

maior parte das vezes, participado verbalmente pelo comandante ao seu O. I. Uma vez no conhecimento do pensamento do comandante, o O. I. vai organizar o plano que lhe permite obter as informações pedidas, quer pelo comandante, quer pela unidade superior, isto é, faz a execução do Plano de Informações por intermédio do Plano de Procura ou de Pesquisa.

Tal como sucede a todo aquêlê que tem a seu cargo a direcção de qualquer órgão, o O. I. tem, para satisfazer às exigências que lhe são apresentadas ou aquelas que êle próprio julga conveniente, de efectuar dois trabalhos distintos mas intimamente ligados: conceber e executar. A sua concepção é de modestas proporções em relação à do comandante, pois êste preocupa-se com o todo e ao O. I. só compete uma parte, embora parte importantíssima dêsse todo. Esta concepção ao inverso da do comandante que é essencialmente tática, apresenta, sobretudo, um carácter técnico, embora os factores táticos influam nela poderosamente.

Sabemos que a concepção resulta do estudo sôbre a missão, situação, terreno e meios. Dêstes factores no trabalho para o comandante a acção directa do oficial de informações marca-se na situação e no terreno. A missão é dada, os meios são os que existem; é pois dentro das P. U. o O. I. aquêlê que tem sempre algo de novo a influir na concepção do comandante. Assim se apresenta a traços largos o trabalho do O. I. para o seu comandante.

Vejamos agora como orienta o O. I. o seu próprio trabalho. Ordenadamente tem êle de encarar os factores missão, meios, terreno e situação.

A sua missão é o conhecimento do inimigo e da nossa própria tropa, não só na generalidade, mas focando essencialmente determinados conhecimentos que lhe são pedidos. Chegam-lhe através do Plano de Informações. Tem, pois, de se integrar bem dentro do pensamento do seu comandante, para poder estabelecer o seu plano que, forçando a nota, podemos chamar à sua concepção — o Plano de Procura.

O estudo dos meios justifica-se, pois a solução teórica ideal não interessa, quando as realidades impõem restrições ao seu emprêgo, pela sua falta. O estudo do terreno tem para si a maior importância sempre que não existam cartas da

## Revista da Cavalaria

região onde a sua unidade actua, levando-o a colaborar intimamente com os serviços cartográficos da G. U. a que pertence e é sempre um factor importante a ponderar no estudo dos planos de observação e transmissões.

O estudo dêste factor que numa unidade de infantaria a maior parte das vezes, pelo tempo disponível, pode ser minucioso, nas unidades da nossa Arma, pela nossa mobilidade, pela novidade constante em que se trabalha, pela exigência do comandante estar a todo o momento informado da situação que, para nós é bem difficil a maior parte das vezes de precisar, obriga a trabalhar com desembaraço lançando mão do expedito e daquele sexto sentido do cavaleiro que lhe deve permitir compreender depressa e executar rápido.

Vejamos então como se organiza o plano de procura. Será no entanto melhor, ver-se ainda quais os meios a que o O. I. pode recorrer, geralmente conhecidos por *fontes de informação*.

Classificam-se em :

- Do interior da Unidade { normais  
  } especiais
- Do exterior da Unidade
- Provenientes do inimigo

— As normais do interior da unidade são: observatórios e P. O. de regimento, P. O. de grupo de esquadrões e esquadrões: postos de escuta, vedetas, patrulhas e reconhecimento, etc.

O pessoal de que o oficial de informações dispõe para a montagem dos P. O. é o seguinte :

- cada secção de comando de esquadrão tem um sargento especializado em observação e dois observadores ;
- cada secção de comando de grupos de esquadrões tem um sargento especializado em observação e três observadores ;
- no Pelotão de Comando da F. C. do regimento existe um grupo de informações composto por dois sargentos, dois cabos e quatro soldados observadores.

## Revista da Cavalaria

Resumindo: 9 sargentos, 9 cabos e 13 soldados. Um total de 31 homens.

Para as unidades motorizadas e blindadas os efectivos são sensivelmente os mesmos. Salvo a equipe de informações, os outros elementos dependem só tècnicamente do O. I., pois tãcticamente encontram-se subordinados ao seu comandante de esquadrão ou de grupo.

Todos os outros meios para que dêles se possa servir, tem de os propor ao Comandante, sendo êste que os acciona.

Sob o ponto de vista de informações, especialmente de observação, cada Comandante de esquadrão ou de grupo atende às suas necessidades, não se preocupa com as de conjunto; compete ao O. I. coordenar as necessidades particulares com as exigências do plano de conjunto.

Aparece aqui um contacto entre o O. I. e os comandantes das sub-unidades que pode levar a atritos. É necessário que se respeite mütuamente o campo de acção para não surgirem desinteligências, que irão prejudicar todo o futuro rendimento do S. I., pois bem sabemos que a ligação só existe bem garantida *quando todos se entendem para que não haja quebra de valores e depreciação de vontades.*

— Os meios especiais do interior da unidade são:

- o pelotão de transmissões pela captação que pode fazer dos despachos inimigos, especialmente pela T. S. F.
- o pelotão de sapadores com a sua secção anti-gás, pelas informações que pode fornecer sôbre organização das posições inimigas, obras de arte, itinerários, campo de minas, terrenos infectados, natureza de gases, etc.

— Os meios do exterior da unidade são:

- as informações provenientes da U. S.
- » » » » U. V.
- » » » dos órgãos de procura especializados, colocados na vizinhança, ou na sua própria zona de acção, tais como escutas contra aviões, telefónicas, radiotelegráficas, radiométricas, etc.

## Revista da Cavalaria

- As provenientes do inimigo são:
- Prisioneiros, desertores, habitantes, documentos de campo de batalha, em resumo, tudo quanto êle revele ou deixe cair nas nossas mãos.

Vistos já os meios a que o O. I. pode recorrer, retomemos então a seqüência do seu trabalho na elaboração do plano de procura. Como já se disse, não se deve limitar a tentar satisfazer os pedidos do seu comandante e da unidade superior. Deve êle próprio procurar por todos os meios, não só o que lhe é pedido, como também tudo quanto possa vir a interessar, levando a essa convicção todos os elementos da sua unidade o que conseguirá, se na paz tiver mostrado as vantagens que daí advêm e na guerra não se limitar a aguardar no P. C. as informações, mas ir êle próprio o mais amiudadamente possível junto às sub-unidades colher e confirmar informações, não olvidando também o contacto pessoal com o S. I. da G. U. de que depende.

Então o plano de procura não é senão, como bem sintetiza o Sr. Tenente Coronel Lello Portela na conferência já citada, *«um plano simples onde tènicamente o O. I. fixa a maneira de satisfazer o plano de informações orientando e coordenando os meios de que dispõe para atingir o fim que lhe é exigido, isto é, um documento de ordem tècnica que adapta os meios para satisfazer o plano de informações que é um documento de ordem tática que fixa o fim»* e realiza-se em geral por ordens e instruções particulares.

### *Transmissão de informações*

Das necessidades de ligações pedidas pelo comandante no capítulo IV da ordem de operações — *ligação e transmissões* — e das suas próprias necessidades, para assegurar a realização do Plano de Procura, extrai o O. I. os elementos para traçar o documento de ordem tática que é o Plano de Transmissões. Nêle se faz a adaptação dos meios de transmissão à natureza das ligações pedidas, em harmonia com o princí-

## Revista da Cavalaria

pio «*de que nada valerá a técnica se não fór judiciosamente adaptada ao temperamento da arma e situação que vai servir*».

É axiomático em transmissões que tudo tem que estar previsto, pois não é fácil nem se dispõe depois de tempo para se improvisar e, portanto, para que o órgão técnico — *pelotão de transmissões* — disponha do tempo indispensável para a montagem dos meios que lhe são pedidos, tem o O. I. logo que tome conhecimento da Ordem de Operações, de traçar o Plano de Transmissões e levá-lo imediatamente ao conhecimento das entidades interessadas — O. T. e comando das sub-unidades —. Funciona como um anexo à Ordem de Operações. Claro está, a velocidade que se exige é regulada pela situação táctica.

A título de curiosidade, vejamos quais os meios de transmissão dentro de um R. C. (tipo a cavalo).

- nos pelotões — estafetas a pé e a cavalo, bandeiras e pistolas de sinais;
- nos esquadrões — os mesmos elementos mais estafeta moto, postos óticos completos, artifícios luminosos, telefones e telas;
- nos grupos de esquadrões — os mesmos elementos;
- no R. C. — os mesmos elementos mais postos de T. S. F.

### *Interpretação das informações*

Sem dúvida, de todo o trabalho do O. I. é êste que apresenta maior responsabilidade. É um trabalho que exige muito método e, portanto, muito pensar, pois é dêle que vai resultar para o Comandante a situação. Avultam-lhe aqui os conceitos do dever e da responsabilidade pela confiança que nêle é depositada; melhor ainda, que tem de ser depositada. Não se pode conceber um O. I. sem a plena confiança do seu Comandante. Quando êste a não puder ter, só tem um caminho a seguir — substituí-lo.

Pensar não é mais que constantemente discernir entre vários estados, vários processos, várias idéias em vista do

## Revista da Cavalaria

fim que se pretende, neste caso fazer ressaltar a verdade de múltiplas informações que completando-se e confirmando-se muitas vezes, outras tantas se opõem sem no entanto umas e outras deixarem de afirmar a sua verdade.

Este trabalho não pode ser considerado vulgar e portanto ao alcance de todos, desde que se queiram alcançar bons resultados. A maior parte das vezes a falta de rendimento resulta de que a relação entre a tendência do indivíduo e a qualidade de trabalho não se coordenam. Tem-se, pois, de o evitar procedendo à selecção de modo que cada ocupação encontre o indivíduo que lhe convém e não o que está em 1.º lugar na escala. Por conveniência desta vez directa para o Comandante têm de se ter cuidados especiais no recrutamento dos O. I.

Como procede então o O. I. na interpretação das informações?

Antes de entrarmos na continuação do trabalho do S. I., não se nos afigura descabido dizer alguma coisa sobre a organização e funcionamento da equipe que trabalha no P. C. junto ao O. I.

Parece-nos que essa equipe deve formar-se com um sargento e um cabo do grupo de informações e uma ordenança. Justificando:

— Compreende-se a existência do sargento desde que nos lembremos que em harmonia com o princípio atrás enunciado *«de que o O. I. deve ser um elemento não estático no P. C., mas essencialmente dinâmico dentro da sua unidade»*, muitas vezes êle não se encontrará no P. C., mas junto aos P. O., às sub-unidades e até à G. U. de que depende. Pode o seu Comandante necessitar de informações que um sargento bem escolhido e bem treinado saberá fornecer. Além disto, torna-se necessário como um elemento para cifragem e decifragem.

— Admite-se a existência do cabo, pois não podemos supor que o sargento não tenha de ser rendido e por vezes auxiliado. O ideal seria poder-se dispor de 2 sargentos; porém, o outro sargento do grupo torna-se, sem dúvida, necessário no P. O. Sucederá até que os 2 sargentos sejam necessários nos P. O.; nesta hipótese dispõe ainda o O. I. do cabo.

## Revista da Cavalaria

A preparação do pessoal para trabalhar junto ao O. I., quere-nos parecer que não tem merecido os cuidados necessários.

Nos programas da especialidade de observadores atende-se quasi que exclusivamente à preparação dos observadores para trabalharem nos P. O., olvidando-se bastante outras occupaões que são inerentes ao pessoal do S. I., tais como, pesquisa de documentos do campo de batalha, conduta com prisioneiros e habitantes, cifragem e decifragem, camuflagem, etc.

Bem sabemos que esta instrução, pelo menos teóricamente, é dada aos oficiais e sargentos que passam pelos cursos da E. P. C., porém, também nos parece que depois não sofre a divulgação que seria de desejar não só para os elementos subordinados do S. I. como até para todos os elementos da unidade.

— A ordenança torna-se necessária para o serviço de correio com o C. T., para segurar os cavalos, tratar do local onde está instalado o S. I., etc.

Durante os exercícios realizados na região de Santarém tivemos também ocasião de sentir a necessidade que o O. I. e os seus auxiliares imediatos têm de um pequeno carro privativo, onde durante a marcha se possa trabalhar quer na redacção, quer na actualização das cartas informadas, etc., quer para ser possível ao O. I. poder-se deslocar rapidamente a todos os locais onde actuar a sua unidade. Se o cavalo numa unidade tipo a cavalo lhe é imprescindível em determinadas situaões, o elemento auto a grande maioria das vezes torna-se insubstituível para se obter um bom rendimento.

Feitas estas consideraões, retomemos a seqüência do trabalho do S. I.

Chegam de tôdas as origens informações; umas representam respostas a pedidos, outras surgem porque a fonte donde emanam achou conveniente levá-las ao conhecimento do Comando. Seria fazer perder um tempo precioso ao Comandante pô-lo em contacto com tôdas elas. Se umas se võem a revelar úteis, outras são já do seu conhecimento, outras são produto quasi que de fantasia, etc. Há que tentar separar o trigo do joio e é nesta separação que surge a maior responsabilidade do O. I. Como procede então?

## Revista da Cavalaria

A burocracia do trabalho toma aspectos mais minuciosos ou menos cuidados conforme o tempo disponível. No entanto, por uma questão de método, e só de método de exposição, citaremos por sua ordem os seguintes:

— Recebida a comunicação é ela decifrada pelo O. I. ou pelo sargento, se aquêle se encontrar ausente ou ocupado.

— Decifrada, é registada no caderno de registos de informações e na carta, o que pode ser feito pelo sargento.

— De tempos a tempos ou em presença de uma informação importante o O. I. consulta o caderno de registo ou as próprias comunicações e por comparação entre as informações, pelo conhecimento que tem das diferentes fontes donde partiram, pelos seus próprios conhecimentos procura extrair delas o que cada uma pode conter de verdadeiro. Há aqui que contar com os enganos não só da fonte de informação como essencialmente com aquêles que o inimigo provoca propositadamente. Só um estudo cuidado, minucioso tanto quanto possível, aliado a uma certa tendência natural nos poderá conduzir a resultados satisfatórios.

Assente quais as que nos merecem confiança, há que sintetizá-las, dar-lhes uma forma que sem perda de tempo permita ao Comando abranger o conjunto. Faz então o que se denomina «síntese de informação» que tanto pode ser redigida como transmitida verbalmente e quer num caso quer noutro deve ser acompanhada de uma carta informada, que na grande maioria das vezes é ainda a forma mais clara de expor.

Nessa síntese vai, porém, também a opinião pessoal do O. I. sobre o facto ou conjunto de factos a levar ao conhecimento do Comando.

Por mais íntima que seja a ligação entre o Comandante e o seu O. I. compreende-se bem que aquêle, sobre quem pesa a responsabilidade da decisão, por vezes, para confirmação da opinião do O. I. ou mesmo porque não concorde com ela, peça os documentos sobre os quais baseia o O. I. a sua opinião. Prevendo êste facto e para evitar demoras escusadas, será aconselhável fazer acompanhar sempre a síntese e a carta informada das comunicações recebidas.

# Revista da Cavalaria

## Difusão das informações

A difusão tem de ser assegurada no espaço e no tempo. No espaço pelo conhecimento a quem é devida a prioridade; no tempo obedecendo ao principio «*tôda a informação que deve ser imediatamente utilizada a seguir à sua recolha deve ser transmitida sem demora*».

A difusão só será proveitosa se fizer chegar ao conhecimento dos interessados as informações de modo que não percam a actualidade.

Dirige-se em 3 sentidos:

— No da Unidade Superior através de relatórios preparados pelo O. I., mas assinados pelo comandante.

— No das Unidades Vizinhas por relatórios, boletins ou comunicados assinados também pelo comandante.

— No das Sub-Unidades através de boletins, do capítulo I da Ordem de Operações, por ordens particulares, e por contacto pessoal do O. I. com os seus comandantes.

## A contra-informação

O segredo das operações em projecto ou em execução constitui uma das garantias essenciais para a sua boa preparação e seu successo —. Éle é um factor importantissimo na surpresa.

Compete ainda ao O. I. accionar dentro da sua unidade tudo quanto se relaciona com a contra-informação, para o que deve provocar da parte do Comandante as instruções necessárias.

Dentro das G. U. os pontos principais a visar serão:

— Evitar as indiscrições nos documentos e na correspondência, especialmente a dirigida às familias.

— Levar todo o pessoal a não falar nas operações em curso, fora das horas de serviço e dos locais onde têm de ser tratadas —. Durante a guerra de 1914 os franceses afixaram por tôda a parte: calai-vos — desconfiai — os ouvidos inimigos escutam-vos.

## Revista da Cavalaria

— Tomar tôdas as medidas para evitar os agentes inimigos, assinalando os indivíduos suspeitos, controlando os telefones e os aparelhos de T. S. F., etc.

— Fazer desaparecer tôdas as placas e indicações deixadas pela tropa nos estacionamento.

— Tomar as medidas necessárias para manter o segredo das comunicações que se traduzem pelo uso da cifra, palavras de código e pela interdição de determinados meios de transmissão, por vezes, tais como o telefone e a T. S. F.

— Regular o dispositivo de alerta contra a aviação.

— Esclarecer todos sôbre o que podem dizer ao inimigo em caso de serem feitos prisioneiros.

— Aconselhar sôbre as medidas de camuflagem destinadas a contrariar a observação inimiga, quer terrestre, quer aérea.

Não terminaram ainda as missões do O. I. Quando em repouso é êle o instrutor de todo o pessoal de observação; colabora com os serviços topográficos da G. U. a que pertence a sua unidade e serve de intermediário entre o seu Comandante e a população civil, especialmente em pais inimigo.

Desta última obrigação se conclui, que seria vantajoso que na nossa Escola do Exército, cada cadete fôsse obrigado a escolher o estudo de uma língua estrangeira. O seu ensino devia encaminhar-se com uma feição prática, não se olvidando a terminologia técnica militar.

Terminaremos, aproveitando uma passagem de uma conferência feita na antiga Escola Central de Oficiais, pelo ilustre psicólogo que foi o Dr. Faria de Vasconcelos e que nos permite focar o que julgamos representar: o tipo ideal do chefe do S. I.

Bartlett agrupou os chefes militares em 3 classes:

— Aquêles que se mantêm na sua posição, principalmente em virtude do prestígio social ligado à função que desempenham.

— Aquêles que se impõem na sua posição em virtude da sua capacidade para formar e dominar os seus subordinados.

## Revista da Cavalaria

— Aquêles que se impõem na sua posição em virtude da sua capacidade para compreender e persuadir.

O primeiro caso, o mais generalizado, não pode representar um ideal. São os chefes que se podem fazer só pela educação.

O segundo caso, define o tipo do chefe militar ideal — dá-nos o traço do comandante.

O terceiro caso esboça o perfil psíquico do que julgamos representar o tipo ideal do chefe do S. I.

Os dois últimos casos revelam-nos figuras de chefes que nascem, embora se possam aperfeiçoar pela educação.





# Concurso Hípico de Lisboa

pelo Capitão JOSÉ BELTRÃO

**P**assou mais um Concurso Hípico de Lisboa! Para nós, cavaleiros, foi um ano que passou, como para o estudante um exame que terminou. Daqui em diante vamos preparar novos cavalos para o ano de 1944, pois o Concurso de Lisboa é a nossa manifestação hípica mais importante, sendo todos os outros apenas uma simples preparação para êle.

O concurso foi um dos mais interessantes que a S. H. P. organizou. A inscrição da equipe espanhola, deu uma animação fora do vulgar ao concurso dêste ano. Por isso felicitamos a S. H. P. pela forma como organizou o seu concurso hípico e apresentou o campo de obstáculos e tribunas. Todos os que trabalharam para êle devem estar bem satisfeitos com o seu esforço, não só pelos resultados obtidos, mas principalmente pelo ambiente agradável, animado e leve que nos proporcionaram. Realmente, foi uma semana que passou de um sôpro, sem contrariedades, sem qualquer coisa que a opinião pública não aprovasse em absoluto — enfim, tudo muito bem.

## *Revista da Cavalaria*

A equipe espanhola veio abrilhantar o nosso Concurso, mantendo a sua tradição de campeões olímpicos. Trazia como chefe o tenente-coronel Letona, conceituado cavaleiro e um dos componentes da célebre equipe olímpica de 1928 em Amsterdam. Os seus cavaleiros bem mostraram a sua grande categoria, sendo já conhecidos do nosso público e apreciados por quem assistiu ao concurso de Madrid, os Comandantes Somalo, Nogueras e Lopez de Hierro e Capitães Kirpatrik e Gavillan. Desejamos que voltem sempre que haja concurso em Lisboa, pois deixaram a melhor impressão como cavaleiros, e pelo seu fino trato conquistaram um camarada e um amigo em cada companheiro do concurso.

A boa compostura dos seus cavalos e a finura com que foram conduzidos bem mostraram quanto se trabalha no País vizinho. Entre eles vinham «Egalité e Gracieuse», nossas conhecidas, sendo a primeira uma das vencedoras do Grande Prémio de Lisboa. Lembram-nos êstes animais, com saúde, os nossos amigos Tôrres e Torreón que tão brilhantemente morreram na guerra de Espanha e que com grande espírito cavaleiro disputaram e ganharam o nosso Grande Prémio. Muito agradável nos foi a presença do nosso amigo, tão conhecido em Portugal, Tenente-Coronel Cavanillas, que vimos em tôdas as provas e reuniões e até mesmo a «barrear los caballos» dos seus camaradas.

Passemos agora uma revista às provas.

### *Prova Secretariado da Propaganda Nacional*

Dividiu-se esta prova em duas séries — a primeira para cavalos que não tinham ganho 500\$00 e a segunda para os que ganharam esta quantia ou mais, em concursos hípicas. A estas duas séries chamavam antigamente as provas Ensaio e Omnium.

O percurso da primeira série, em nosso critério, estava demasiado duro para cavalos a meter. Julgamos que esta prova deve ser de forma que os nossos cavalos tenham uma sensação não muito desagradável. Como não havia cavaleiros estrangeiros que nela tomassem parte, podia ser um

## Revista da Cavalaria

pouco mais fácil. O facto das alturas não serem demasiadas (1,<sup>m</sup>20 máximo) as combinações fizeram dela, como já dissemos, uma prova dura para começo de cavalos novos e alguns dêles com poucos recursos. Bem sabemos que um salto de varas iguais a 1,<sup>m</sup>30 é mais difícil que outro de varas inclinadas a 1,<sup>m</sup>30 ou mesmo mais; um duplo ou triplo de pequenas alturas com distâncias ingratas é mais penoso do que aquêles que sendo de maiores dimensões são a distâncias que os cavalos mecanizam bem. Isto são exemplos que possivelmente não entraram nesta prova. Porém, êstes ou outros tornaram-na difícil e se o percurso da segunda série fôsse o mesmo, com dimensões maiores, não tocaríamos neste assunto visto ser uma só prova e de um concurso internacional.

Ganhou a primeira série o «Guapo» montado pelo Capitão Pimenta da Gama que, como sempre, deu muita alegria e dinamismo ao seu percurso.

Na segunda série venceu o Comandante Somalo na égua «Egalité» com um percurso bem feito, sereno e rápido. Os nossos ases lançaram-se para bater o cavaleiro espanhol mas não o conseguiram.

### *Prova Ministério da Guerra*

Foi esta prova disputada em estilo de Caça com um percurso muito feliz. «Egalité» com Somalo, quási a meio, faz subir o pavilhão espanhol ao mastro de honra onde esteve colocado até quási ao fim da prova. Finalmente, o Capitão Barrento aproveitando sãbiamente o cavalo «Magul» executa um enérgico percurso fazendo subir a nossa bandeira e ganhando assim a prova.

### *Prova Estoril (pares)*

Constava de dois percursos — um para senhoras e outro para cavaleiros, sendo a classificação feita pelo somatório de faltas e tempo de cada par.

## *Revista da Cavalaria*

Á condessa de Schouwaloff, que continua a manifestar a sua aptidão na arte de bem montar, e ao Tenente António Spinola coube a vitória.

M.<sup>elle</sup> Arriaga que se manifestou uma cavaleira de grande futuro, devido à pouca sorte do seu par não teve a classificação que bem merecia.

### *Cross-Country*

Realizou-se na Serra de Monsanto e pena foi que o vento e a falta de transportes não permitissem que tivesse a assistência que era para desejar.

Abílio Ferro no «Bussaco» num galope com muito estilo e transpondo francamente bem os obstáculos, ganha a prova, batendo «Fusil», muito conhecido pelas suas faculdades galopadoras, montado pelo intrépido H. de Moura que vemos sempre com prazer neste género de provas, apesar de há muito ter passado os vinte anos e dos acidentes que tem sofrido, na sua longa carreira hípica.

### *Prova Carlos Veloso*

É sempre agradável lembrar o nome de tão grande cavaleiro a quem o hipismo e a Arma de Cavalaria tanto devem. Teve a S. H. P. muito bom gosto em fazer tal homenagem e pela escolha da prova, visto que Veloso em todos os seus cavalos primava pela elegância, correcção e estilo.

Dividia-se em duas partes — uma pela forma como se executava o percurso da prova «Secretariado da Propaganda Nacional» — outra, uma prova de sujeição.

O vencedor foi o capitão Helder Martins que apresentou muito bem o cavalo «Optus» o que confirmou em todo o concurso hípico.

# Revista da Cavalaria

## *Prova Ministério da Economia (Nacional)*

Quando no ano passado, nesta Revista, fizemos a crítica dos Concursos de Cascais, Carcavelos e Mafra, e nos referimos a esta prova, demos a nossa opinião sôbre a sua existência. Não fazemos considerações, mas quem se lembrar verificará que ainda há mais inconvenientes para o cavalo nacional, num concurso internacional.

Num percurso bem disposto e disputado com animação, o alferes Tavares de Almeida, um novo cheio de qualidades, ganha a prova. Felicitamo-lo pela forma enérgica e decidida como montou o difícil «Tarass».

## *Taça de Ouro da Península*

Era esta a prova que mais preocupava todos os portugueses, porque é afinal de contas uma Taça de Nações dêste pequeno Mundo que se chama Península Ibérica, que foi sempre tão agradável, tanto contribuiu para a civilização e consegue manter um ambiente assim doce quando junto da fornalha, tão assoprada, se atingem temperaturas inconcebíveis.

Foram escolhidos do nosso lado os capitães Helder Martins e Barrento, o tenente Carvalhosa e o alferes Calado, montando respectivamente «Optus», «Razo», «Fossette» e «Paiol». Julgamos escusado fazer apreciações sôbre cavaleiros e cavalos porque são todos sobejamente conhecidos.

Do lado espanhol estavam os Comandantes Somalo e Lopez de Hierro e Capitães Kirpatrik e Gavillan que montavam «Egalité», «Nebly», «Amargado» e «Gracieuse».

Depois da apresentação das equipas com o costumado cerimonial, o que sempre impressiona o público, começa a prova com um percurso agradável e bem disposto.

Na primeira mão manifesta-se logo um resultado favorável para nós e na segunda confirma-se a vitória de Portugal.

## Revista da Cavalaria

A equipe espanhola não estava realmente em dia de sorte, mas a nossa equipe ganhou muito bem e era ela que merecia vencer.

De ambos os lados se viu montar bem e os animais que se distinguiram foram «Fossette» e «Egalité» que fizeram a prova sem faltas.



*A equipe representativa do Exército Português  
na «Taça de Ouro da Península»*

Tôdas as atenções estavam em «Optus», que era a primeira vez que lidava em provas desta natureza, porém, correspondeu muito bem e tirou de apuros quem o escolheu para tal fim.

Assim, com grande prazer, vimos ficar a Taça de Ouro da Península na posse da S. H. P.

### *Taça do Exército Espanhol*

Veio esta substituir a prova S. H. P., na qual se deviam montar dois cavalos.

A meio, quando ainda os nossos melhores cavalos não tinham começado, os Comandantes Somalo e Noguerras fize-

## Revista da Cavalaria

ram em «Palomera» e «Batato» tempos tais, que já estávamos resignados a que os nossos cavaleiros a não ganhassem. Porém, neste caso, era preciso galopar muito, porque havia bandeirolas, para se poder repetir a proeza do capitão Barento, da prova Caça. Quási no fim este cavaleiro confirma a sua façanha batendo com «Adail» e «Razo» a veloz «Palomera». Os seus percursos foram de uma decisão e energia dignas de registo e assim, côm grande satisfação nossa, ganha e muito bem, um oficial português, a Taça do Exército Espanhol.

### "Prova Juventude"

É sempre com grande prazer que vemos os novos montar a cavalo. A equitação é um desporto de uma importância capital para a criança, mais sob o ponto de vista moral do



*O aluno do Colégio Militar, Soares de Oliveira, 1.º classificado na prova «Juventude», recebendo o prêmio*

que pròpriamente físico. Na sua prática a criança habitua-se a dominar uma vontade, a contar apenas com os seus recursos e a observar que se vence melhor usando o tato e a habilidade que a fôrça única e exclusivamente.

## *Revista da Cavalaria*

Sendo estas as principais virtudes que o homem pode ter para vencer na vida é de tóda a vantagem que as pratique, quanto mais cedo melhor e, sobretudo, em provas públicas, para se acostumar a dominar os nervos o que muitas vezes, no decorrer da vida não é coisa muito fácil.

O percurso não era muito simples, o que achámos bem, para que eles vejam que não se trata apenas de correr e saltar; é preciso pensar, pois aparecem dificuldades que se têm de resolver.

Ganhou, conduzindo muito bem o seu cavalo, Soares de Oliveira, para quem vão os nossos parabens.

### *"Grande Prémio de Lisboa"*

Grande prémio! Quem deve ganhar esta prova?

Resposta muito fácil — um bom cavalo. Para isso é preciso que o percurso seja feito para os grandes cavalos.

Não quiere isto dizer que o dêste ano estivesse mau, mas tinha defeitos.

1.º — O obstáculo maior da prova era o segundo. Ora um cavalo poderoso, confiante nas suas posses, não vai ainda lançado na primeira pista e muito menos no segundo salto e para que haja a seqüência indispensável a todo o animal num percurso, as dimensões dos obstáculos devem ir subindo e depois descendo como na parábola; quere dizer, as dificuldades são no meio.

2.º — Afigura-se-nos que nesta prova não devem entrar obstáculos pequenos e de habilidade. Portanto, o muro em crista, que fêz parte de quási todos os percursos, julgamos que não tenha cabimento neste prémio. Não se trata apenas das suas dimensões para o reprovar mas também porque na crista a vara tinha a resistêcia de um taquet. Era natural que um dos tais cavalos o tomasse a tempo e com a despreocupação, própria da classe, a derrubasse e tendo feito anteriormente e depois um lindo e brilhante percurso... perdesse a prova.

## Revista da Cavalaria

Ficaria assim talvez vencedor um animal que limpasse muito bem a crista mas passasse com dificuldade e sorte os outros obstáculos que caem com mais dificuldade.

E aqui está o que diz o nosso critério, mas repetimos — dentro da relatividade, estava bem.

Como sempre houve surpresas. O vencedor foi um cavalo que pela sua classe tinha todo o direito de ganhar mas, pelas suas classificações anteriores, não era de contar. Sem nos referirmos aos nossos melhores cavalos, na própria equipe espanhola havia outros animais com mais probabilidades. Não falando de «Egalité» que esteve em todo o concurso de uma regularidade espantosa, havia «Palomera», em nosso critério o melhor animal da equipe, e que ainda não tinha ganho um primeiro prémio, facto muito atendível que mais merecia tal honra. Os grandes animais têm sempre um dia, não se sabe porquê mas a prática assim o diz e se não fôsse a exagerada velocidade com que esta soberba égua foi conduzida, parece-nos que êste era o seu.

Estas nossas afirmações não tiram o valor, pelo contrário, ao lindo percurso que o enérgico Comandante Noguerras fez no «Batato»! Ganhou muito bem e... «em hora buena».

Houve também outro percurso sem faltas. «Optus» saltou francamente bem e tirou as dúvidas a quem as tinha ou queria ter sobre o seu valor. O seu galope de hunter não se pode comparar com o de um P. S. I., razão por que não podia bater «Batato».

Evidentemente que apreciámos os que tentaram bater o nosso convidado e não o conseguiram pela falta de sorte, mas... os concursos são assim mesmo. Paciência, para a outra vez será e só a lutar é que se ganham os bons prémios.

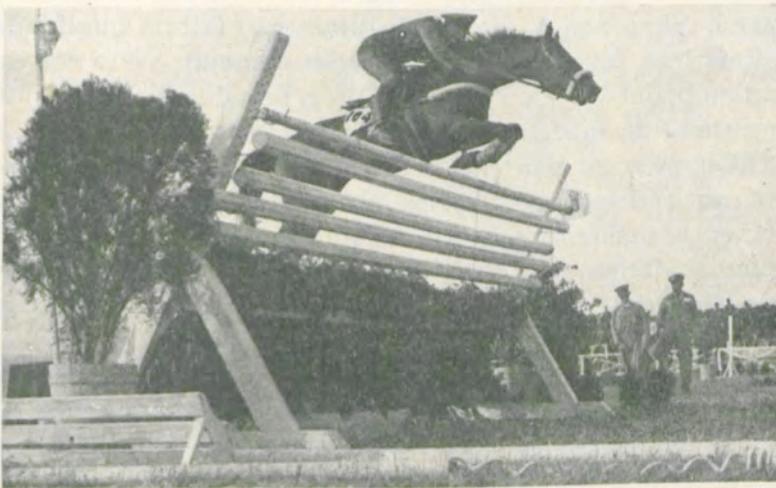
### *Despedida*

O Capitão Campos Costa, que há muito não tínhamos o prazer de ver montar, ganhou muito bem no «Bastião».

# Revista da Cavalaria

## Taça Embaixador de Espanha

Sem dúvida que foi neste dia que mais se vibrou. Apesar de a vala, na barrage, ter umas tábuas que não vinham a propósito, os obstáculos agradaram pelas suas dimensões e disposição.



*O Tenente José Carvalhosa, transpondo 1,<sup>m</sup>95 na última «barrage» da «Taça de Honra»*

Os louros da vitória foram para «Fossette» que muito bem montada pelo tenente Carvalhosa, transpôs a linda altura de 1,<sup>m</sup>95 com folga.

O capitão Kirpatrik com o «Lequeitio», cavalo de grande futuro, meteu-nos susto mas a vencedora estava nos seus dias e esta é a sua prova preferida.

«Razo» que nos consta ir a grandes alturas e que chegou a 1,<sup>m</sup>85 deu-nos a impressão de estar fatigado.

## Revista da Cavalaria

\*

E assim terminou o XXXII concurso de Lisboa. Ficou relatado o que passou até aqui e agora vamos prever. Desejamos apresentar futuros competidores com categoria. São eles, em nossa modesta opinião «Académico» e «Guapo».

O primeiro, no Grande Prémio, mostrou grandes recursos e não sendo um animal de aparência ligeira nem tão pouco com grande estilo de galope, fez acrobacias bastante fora do normal. Se o seu cavaleiro, a quem não faltam qualidades, o ginasticar para que se possa bem manejar, visto ser esta a dificuldade dos cavalos grandes e pesados, deve vir a ser um animal de futuro.

«Guapo», ao contrário, é um animal ligeiro, elástico e com um lindo galope. Apresentou-se indeciso, seguramente por ser a primeira prova forte que disputa; se não houver algum acidente, o seu hábil cavaleiro fará dele um adversário perigoso, pois a este simpático cavalo não faltam recursos.

De uma maneira geral os nossos cavaleiros montaram regularmente, mas se quizermos competir com «nuestros hermanos» temos que trabalhar muito mais. Não podemos esquecer que temos quatro ou cinco concursos por ano e, segundo nos consta, eles têm dezoito. Juíganos que basta esta diferença numérica para pensar em tomar precauções.

Verificou-se que alguns dos cavalos com faculdades, mais resultados tirariam se tivessem mais freqüência da prova pública.

A recente aquisição por parte do Ministério da Guerra de cavalos irlandeses, juntamente com os cavalos de Sport que a G. N. R. vai importar, augura ao concurso hípico do próximo ano grandes surpresas e revelações.

# Revista da Cavalaria

## RESULTADOS

### Concurso Hípico de Lisboa

1.º Dia, Sábado 12 de Junho

#### I Prova — «Secretariado da Propaganda Nacional»

(Omnium)

Inscrição obrigatória a todos os cavalos que tomem parte no Concurso com excepção das provas «Juventude» e «Estoril» (Pares). — Na 1.ª Série não é permitida a inscrição a cavalos que tenham ganho 500\$00 ou mais em provas de obstáculos

##### 1.ª Série

12 obstáculos — Altura máxima 1,º20

1.º	800\$00	<i>Guapo</i>	Pimenta da Gama	0	1,22
2.º	500\$00	<i>Incrível</i>	Jorge Travassos	0	1,23 — 1
3.º	300\$00	<i>Jocoso</i>	Fernando Cavaleiro	0	1,23 — 3
4.º	300\$00	<i>Barrufo</i>	Joaquim Leote	0	1,24 — 2
5.º	200\$00	<i>Abanão</i>	José Carvalhosa	0	1,24 — 3
6.º	200\$00	<i>Xak</i>	Vasco Cordeiro	0	1,26 — 1
7.º	200\$00	<i>Tal vai</i>	Emiliano Fernandes	0	1,27 — 2
8.º	200\$00	<i>Treze</i>	Peixoto da Silva	0	1,27 — 3
9.º	200\$00	<i>Bonita</i>	Marquês do Funchal	0	1,28
10.º	200\$00	<i>Balchão</i>	Helder Martins	0	1,31

##### 2.ª Série

12 obstáculos — Altura máxima 1,º40

1.º	1.200\$00	<i>Égalité</i>	Angel Somalo	0	1,19 4
2.º	800\$00	<i>Adail</i>	Correia Barrento	0	1,22 — 1
3.º	500\$00	<i>Palomera</i>	Angel Somalo	0	1,22 — 2
4.º	400\$00	<i>Fossette</i>	José Carvalhosa	0	1,22 — 3
5.º	300\$00	<i>Amargado</i>	Kirpatrik O'donnell	0	1,29 — 2
6.º	300\$00	<i>Madroño</i>	Lopez de Hierro	0	1,31
7.º	300\$00	<i>Desejado</i>	Miranda Dias	4	1,22 — 1
8.º	200\$00	<i>Nebly</i>	Lopez de Hierro	4	1,22 — 3
9.º	200\$00	<i>Magul</i>	Correia Barrento	4	1,29
10.º	200\$00	<i>Gracieuse</i>	Marcelino Gavillan	4	1,29 — 3
11.º	200\$00	<i>M. Claros</i>	José Beltrão	4	1,29 — 4
12.º	200\$00	<i>Beduino</i>	Rhodes Sérgio	7	1,31 — 1

# Revista da Cavalaria

2.º Dia, Domingo 13 de Junho

## I Prova — «Ministério da Guerra»

(Caça)

14 obstáculos — Altura máxima 1,º40

1.º	I 200\$00	<i>Magul</i>	Correia Barrento	0	1,23
2.º	800\$00	<i>Égalité</i>	Angel Somalo	0	1,28
3.º	600\$00	<i>Optus</i>	Helder Martins	0	1,31 — 1
4.º	500\$00	<i>M. Claros</i>	José Beltrão	0	1,31 — 3
5.º	400\$00	<i>Gracieuse</i>	Marcelino Gavillan	0	1,35
6.º	300\$00	<i>Fossette</i>	José Carvalhosa	1	1,40 — 4
7.º	300\$00	<i>Beduino</i>	Rhodes Sérgio	1	1,45 — 1
8.º	300\$00	<i>Nebly</i>	Lopez de Hierro	2	1,52
9.º	300\$00	<i>Razo</i>	Correia Barrento	2	1,53
10.º	200\$00	<i>Acebuche</i>	Nogueras Marques	2	1,54 — 4
11.º	200\$00	<i>Batato</i>	»	2	1,59 — 4
12.º	200\$00	<i>Único</i>	Henrique Calado	2	2,00
13.º	200\$00	<i>Ursus</i>	António Spínola	2	2,00 — 1
14.º	200\$00	<i>Paiol</i>	Henrique Calado	2	2,01 — 4
15.º	200\$00	<i>Zelante</i>	Castro Pereira	2	2,03

## II Prova — «Estoril»

(Pares)

Classificação feita pela soma dos pontos dos pares,  
e em caso de empate, pela soma dos pontos

Cavaleiras: 6 obstáculos — Altura máxima 1,º10

Cavaleiros: 12 obstáculos — Altura máxima 1,º30

1.º	Taça	<i>Almourol</i>	Condessa de Schouwaloff	0	0,36
	450\$00	<i>Ursus</i>	António Spínola	0	1,25 — 3
2.º	Taça	<i>Valsa</i>	Condessa de Schouwaloff	4	0,42
	300\$00	<i>Fossette</i>	José Carvalhosa	0	1,27
3.º	Taça	<i>Leve</i>	Mele. de Maillé	8	0,42
	200\$00	<i>Pistola</i>	António Damião	4	1,30 — 2

3.º Dia, Terça-feira 15 de Junho

(No Parque Florestal de Monsanto)

## I Prova — «Cross-Country»

1.º	400\$00	<i>Bussaco</i>	Abilio Ferro	4,40 — 3
2.º	300\$00	<i>Fuzil</i>	Herculano de Moura	5,35 — 2
3.º	200\$00	<i>Batedor</i>	Rhodes Sérgio	5,42 — 3
4.º	200\$00	<i>Cazevitch</i>	Rangel de Almeida	6,09 — 3
5.º	200\$00	<i>Miúdo</i>	Vilardebó Chaves	6,14 — 4

# Revista da Cavalaria

## II Prova — «Carlos Veloso»

(2.ª Parte)

Esta prova consta de duas partes:

1.ª Parte — Prova de obstáculos (Omnium)

2.ª Parte — Prova de ensino

1.º	500\$00	<i>Optus</i>	Helder Martins	62 Pontos
2.º	300\$00	<i>Sado</i>	Reymão Nogueira	59 »
3.º	200\$00	<i>Único</i>	Henrique Calado	44 »

4.º Dia, Quinta-feira 17 de Junho

## I Prova — «Ministério da Economia»

(Nacional)

14 obstáculos — Altura máxima 1<sup>m</sup>,30 (Handicap)

1.º	1.500\$00	<i>Tarass</i>	Tavares de Almeida	0	1,26
2.º	800\$00	<i>Xangai</i>	Henrique Calado	0	1,29 — 1
3.º	500\$00	<i>Único</i>	»	0	1,30
4.º	400\$00	<i>Mucalenga</i>	Trigo de Sousa	4	1,26 — 2
5.º	300\$00	<i>Jocosó</i>	Fernando Cavaleiro	4	1,27
6.º	200\$00	<i>Xarão</i>	Alves Pereira	4	1,29 — 2
7.º	200\$00	<i>Ursus</i>	António Spinola	4	1,32
8.º	200\$00	<i>Valsa</i>	Guedes Campos	8	1,25 — 4
9.º	200\$00	<i>Inquiridora</i>	José Granate	8	1,29 — 3
10.º	200\$00	<i>Cáviar</i>	Lemos da Silveira	8	1,30

## II Prova — «Faça de Ouro da Península»

12 obstáculos — Altura máxima 1<sup>m</sup>,40

1.º Equipe portuguesa	}	<i>Fossette</i>	José Carvalhosa	0 0	3,05 — 1
		<i>Optus</i>	Helder Martins	0 4	3,12 — 3
		<i>Paiol</i>	Henrique Calado	4 0	3,00 — 2
		<i>Razo</i>	Correia Barrento	0 8	3,14 — 1

## «Faça do Exército Espanhol»

12 obstáculos — Altura máxima 1<sup>m</sup>,40 (Handicap)

1.º	1.500\$00	<i>Adail</i>	Correia Barrento	0	1,20 — 4
2.º	800\$00	<i>Razo</i>	»	0	1,21 — 2
3.º	500\$00	<i>Palomera</i>	Angel Somalo	0	1,21 — 3
4.º	400\$00	<i>Batato</i>	Nogueras Marques	0	1,25 — 4
5.º	200\$00	<i>Magut</i>	Correia Barrento	0	1,27
6.º	200\$00	<i>Xangai</i>	Henrique Calado	0	1,27 — 1
7.º	200\$00	<i>Abanão</i>	José Carvalhosa	0	1,27 — 3
8.º	200\$00	<i>Abrantino</i>	Miranda Dias	0	1,29
9.º	200\$00	<i>Namir</i>	Pascoal Rodrigues	3	1,37 — 3
10.º	200\$00	<i>Amargado</i>	Kirpatrik O'donnell	3	1,45 — 3

# Revista da Cavalaria

5.º Dia, Sábado 19 de Junho

## I Prova — «Juventude»

Prova reservada a discípulos e discípulas até 17 anos

10 obstáculos — Altura máxima 1<sup>m</sup>,10

1.º	Taça	<i>Único</i>	Soares de Oliveira	0	1,02 — 1
2.º	»	<i>Vilão</i>	António Saldanha	0	1,04 — 4
3.º	»	<i>Obice</i>	Manuel Moura	0	1,09

## II Prova — «Prémio Câmara Municipal de Lisboa»

(Grande Prémio)

16 obstáculos — Altura máxima 1<sup>m</sup>,50 (Handicap)

1.º	4.000\$00	<i>Batato</i>	Nogueras Marques	0	1,37 — 3
2.º	2.500\$00	<i>Optus</i>	Helder Martins	0	1,42 — 1
3.º	1.500\$00	<i>Palomera</i>	Angel Somalo	4	1,29 — 4
4.º	1.000\$00	<i>Razo</i>	Correia Barrento	4	1,31
5.º	600\$00	<i>Égalité</i>	Angel Somalo	4	1,31 — 3
6.º	450\$00	<i>Lequeitio</i>	Kirpatrik O'donnell	4	1,35 — 2
7.º	450\$00	<i>Fossette</i>	José Carvalhosa	4	1,35 — 2
8.º	300\$00	<i>Gracieuse</i>	Marcelino Gavillan	4	1,38
9.º	300\$00	<i>Académico</i>	Travassos Lopes	4	1,38
10.º	200\$00	<i>Abrantino</i>	Miranda Dias	7	1,46 — 3
11.º	200\$00	<i>Paiol</i>	Henrique Calado	8	1,31
12.º	200\$00	<i>Sado</i>	Reymão Nogueira	8	1,33
13.º	200\$00	<i>Adail</i>	Correia Barrento	8	1,35
14.º	200\$00	<i>Acebuche</i>	Nogueras Marques	12	1,32 — 2
15.º	200\$00	<i>M. Claros</i>	José Beltrão	12	1,37

6.º Dia, Domingo 20 de Junho

## I Prova — «Despedida»

12 obstáculos — Altura máxima 1<sup>m</sup>,20

1.º	500\$00	<i>Bastião</i>	Campos Costa	0	1,31 — 3
2.º	300\$00	<i>Brioso II</i>	João Mena	0	1,33
3.º	250\$00	<i>Zagal</i>	Pais de Azevedo	0	1,35
4.º	200\$00	<i>Lord</i>	António Xavier	0	1,46
5.º	200\$00	<i>Tzar</i>	Vasco Ramires	0	1,51 — 2
6.º	200\$00	<i>Lilas Blancas</i>	Nogueras Marques	3	1,31
7.º	200\$00	<i>Corredor</i>	José de Bragança	3	1,36
8.º	200\$00	<i>Benguela</i>	Henrique Calado	4	1,20 — 2
9.º	200\$00	<i>Almourol</i>	António Spinola	4	1,23

# Revista da Cavalaria

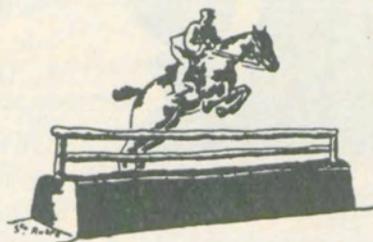
10.º	100\$00	<i>Coolela</i>	Pascoal Rodrigues	4	1,25
11.º	100\$00	<i>Batracófago</i>	Aurélio Banazol	4	1,25 — 3
12.º	100\$00	<i>Zita</i>	Pais de Azevedo	4	1,26 — 2
13.º	100\$00	<i>Brioso III</i>	Miranda Dias	4	1,27
14.º	100\$00	<i>Liebana</i>	Marcelino Gavillan	4	1,28
15.º	100\$00	<i>Jarda</i>	Abrantes da Silva	4	1,30 — 3

## II Prova — «Embaixador de Espanha»

(Taça de Honra)

10 obstáculos — Altura máxima 1<sup>m</sup>,60

1.º	Taça	<i>Fossette</i>	José Carvalhosa	0 à 6. <sup>a</sup> barrage
2.º	»	<i>Lequeitio</i>	Kirpatrik O'donnell	4 » » »
3.º	»	<i>Razo</i>	Correia Barrento	4 » 5. <sup>a</sup> »



# Considerações eqüestres

pelo Capitão MARQUÊS DO FUNCHAL



Tem demonstrado a experiência que a parte de hipismo que se desenvolveu mais entre nós foi a de concursos hípicas. Razão há, talvez, para dizer que as corridas são de interesse superior, sobretudo, para os proprietários de cavalos de sangue e para os criadores, não despertando o mesmo interesse para os gentlemen-riders ou

para os jockeys, simples mercenários. Exclusão feita, porém, para aqueles que acumulam a dupla função de cavaleiros e proprietários das suas montadas, mas estes são em pequeno número.

Têm-se feito várias tentativas em Portugal no sentido de desenvolver o gosto pelas corridas, mas dando balanço aos resultados obtidos, verifica-se que se luta com grandes dificuldades, quer para se conseguir um número regular de cavalos para este ramo de desporto, quer para obter do nosso público o interesse que compense até certo ponto a organização destes certamens.

## Revista da Cavalaria

Aparece também uma prova puramente militar, o Campeonato do Cavalo de Guerra, prova muito completa e interessante.

Tem esta prova sido freqüentada por cavaleiros de várias categorias, montando cavalos de diferentes classes e preparados segundo formas bastante diversas.

Entre os diferentes cavalos inscritos têm aparecido uns, classificados como montadas de desporto, mas considerados pelos seus cavaleiros como tendo pouca aptidão para os concursos hípicos, portanto, com pouco geito para os saltos de obstáculos artificiais.

Merece, quanto a mim, reparo especial, este facto, visto parecer-me mais necessária a especialização das montadas de desporto para concursos hípicos, ramo hípico através do qual, internacionalmente, se tem mantido o nosso nome e prestigio como cavaleiros.

Olhemos para a formação de cavaleiros e cavalos neste ramo equestre.

\*

*Cavaleiros* — Não falta a qualidade nem o número; porém, a especialização para os concursos hípicos e, sobretudo, para provas internacionais, requeira muita vontade, trabalho e persistência.

Possuímos um grupo de cavaleiros bastante experimentados que não devem ser postos de parte, visto que para serem substituídos necessário se torna que apareçam outros, embora com menos prática, mas dando garantias através das suas qualidades e provas, que não envergonhem os seus antecessores.

Digo isto porque através de grandes esforços morais, fisicos e materiais conseguimos obter grandes triunfos em terras de além fronteiras, conquistando assim muitas simpatias para o nosso País e para a nossa cavalaria e que não convém perder. Fazer um nome dá muito trabalho, mas perdê-lo é fácil.

Devemos ter em atenção, nesta selecção, a classe dos cavalos em face das provas a disputar e do seu grau de ensino, visando especialmente a condução.

## Revista da Cavalaria

\*

*Cavalos* — É voz corrente de há bastantes anos dizer-se que não temos cavalos capazes de se defrontarem com os das equipas estrangeiras. Não é absolutamente assim, embora por vezes já tal tenha sucedido.

Temos tido cavalos que devido ao enorme esforço dos seus cavaleiros, quer na preparação, quer durante as provas, conseguiram suprir certas deficiências de qualidade cumprindo bem a sua missão.

Em compensação, apareceram cavalos cujas faculdades não foram completamente aproveitadas por falta de trabalho adequado, dado pelos seus cavaleiros.

Actualmente, parece-me ver a possibilidade de conseguir agrupar um número regular de bons cavalos capazes de num futuro próximo constituir um conjunto apreciável para a formação de equipas.

A distribuição destes cavalos pelos cavaleiros merece um estudo cuidado.

Digo isto quando se trate de cavalos propriedade do Estado, visto que foram durante bastantes anos vários cavaleiros, montados em cavalos suas propriedades, que se arriscaram na empresa de compra para uma certa garantia na selecção para a constituição das equipas.

Esta garantia era dada porque em geral eram cavaleiros já confirmados e depois porque os cavalos suas propriedades eram já adquiridos como conhecidos especialistas.

É bom, para se ser justo, que se diga ser a confirmação de muitos destes cavaleiros conseguida através de vários concursos que existiam no País. Hoje, há poucos, tornando-se bastante difícil aperfeiçoar cavaleiros e cavalos e a subsequente selecção para as competições internacionais.

\*

*Conclusões* — Parece-me poder concluir que havendo cavalos de preço e apreço a aproveitar, não podem ser directamente entregues a cavaleiros inexperientes e que até à data não tenham já apresentado publicamente em provas de obs-

## Revista da Cavalaria

táculos cavalos por eles ensinados. Para estes cavalos e para os cavaleiros com menos prática, torna-se absolutamente necessária a existência de vários concursos nacionais.

Há toda a vantagem em que os cavalos não estejam constantemente a mudar de cavaleiro.

As selecções devem ser cuidadas quanto a cavaleiros e cavalos, não esquecendo o conhecido adágio de que «*o Diabo sabe muito por ser velho*».

Não devemos perder a seqüência do esforço dispendido pelas nossas equipas internacionais.

Finalmente, interessa estabelecer como classificação de montadas de sport a distribuir a oficiais, apenas os cavalos com aptidões para concursos hípicas, (saltos de obstáculos).



# Jornaes revistas livros

## "Panzerpahwagen"



Independentemente dos carros blindados atribuídos orgânicamente aos batalhões, regimentos e divisões couraçadas, que constituem as forças de choque do exército alemão, existem duas categorias de carros especializados: os «Panzerpahwagen» e os «Schützenpanzer».

O primeiro destes nomes, pode ser traduzido por *carro de reconhecimento* e o segundo por *carro de combate de infantaria*.

Os alemães chamam aos «Panzerpahwagen» os olhos da ofensiva. A sua missão essencial é a «descoberta», isto é, reconhecer e transmitir tôdas as informações sobre a situação do inimigo.

Graças ao seu raio de acção e velocidade, ele foi por muito tempo durante a Campanha de África, um verdadeiro enigma, aparecendo com frequência nos flancos de uma coluna, destruindo alguns camions e desaparecendo em seguida no Deserto, sem deixar rasto.

São equipados com aperfeiçoada aparelhagem rádio, que lhes assegura em tôdas as ocasiões uma perfeita e constante ligação com o P. C. da sua unidade, e com a aviação de cooperação. Estes carros têm um dispositivo de tracção por rodas e por «cheniles». Possuem oito rodas motoras, e um maquinismo de «retroversão», bastando manobrar com uma só mão, para obter em alguns segundos a necessária reversão de marcha, grande vantagem quando o caminho é estreito e o inimigo aparece de improviso.

A passagem da tracção por rodas, à tracção sobre *cheniles*, consegue-se instantaneamente e sem perda de velocidade.

Um dispositivo fumígeno, facilita uma eventual *rotura de contacto* com o inimigo, em caso de necessidade.

Do **Gringoire** — Coronel Lapomarede

S. S.

# Actualidades Gráficas

## Moderno material Americano



SICÍLIA — Um carro de combate «Sherman» desembarca na Sicília



Moderno carro de combate «Sherman»

## Aspectos da campanha de África do Exército Inglês



*Moderna bateria costeira italiana, ao serviço do Exército Inglês,  
após a sua rendição*



*Um aspecto do deslocamento de uma coluna blindada do 8.º Exército  
na campanha da Tunísia*

## O Exército aliado na campanha do Mediterrâneo



ÁFRICA DO NORTE — Pequeno atlo de uma coluna hipomóvel britânica  
no deserto africano



SICÍLIA — Artilharia americana motorizada desembarca na Sicília

## A D. C. A. no Exército Alemão



FRENTE LESTE — *Moderna peça da D. C. A. alemã em acção*



COSTA DO MAR NEGRO — *Peça anti-aérea da marinha alemã, em acção nas Costas do Mar Negro*

## Aspectos da campanha da Rússia

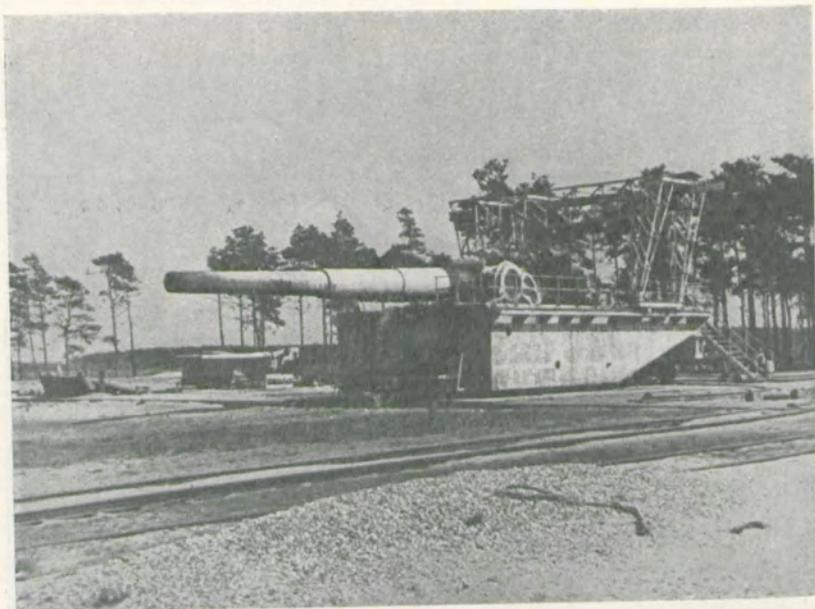


RÚSSIA — Coluna motorizada alemã deslocando-se na frente Leste



SECTOR DE VOLCHOR — Pósto de metralhadora alemã num barco pneumático

## Moderno material pesado do Exército Alemão

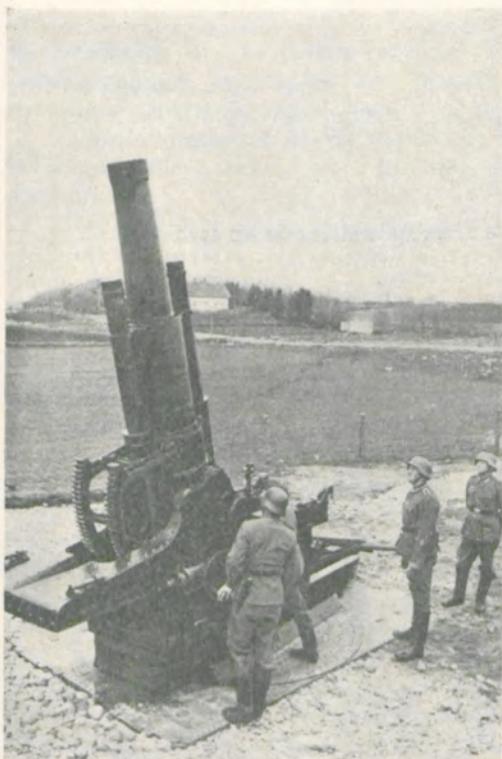


*Canhão alemão de grande calibre e grande alcance, num campo de experiências*



*Camuflagem de um moderno canhão pesado alemão na costa francesa atlântica*

## Moderno material alemão



COSTA DA NORUEGA —  
*Morteiro pesado alemão  
em posição de fogo*

RÚSSIA — *Êste pequeno  
canhão anti-aéreo, e res-  
pectiva guarnição abateu  
16 aviões russos*



# GUERRILHEIROS

Cap. de Art. Fidel Cebrecos

«O patriotismo é a arma mais eficaz de um povo»



Terminava o ano de 1809 e o balanço era pouco animador para as nossas armas. Neste ano havíamos perdido Zaragoza e Gerona. A campanha de Talavera, da qual a Junta Central esperava tantos resultados, não produziu o efeito desejado. Os nossos Exércitos tinham sido derrotados em Ciudad Real, Medellín, Puente del Arzobispo, Ocaña, Alba de Tormes e Belchite. A maior parte do território pátrio encontrava-se nas mãos dos invasores.

Porém, a luta sustentada com tanta tenacidade pela Espanha não podia passar como um facto sem conseqüências para a Europa. A sorte desta dependia agora de um só homem e a estréla d'êste homem não se obscureceria senão, como o Sol, ao chegar às regiões ocidentais.

Os nossos Exércitos haviam sido obrigados a defenderem-se atrás da dupla barreira dos Montes Marianos e do Guadalquivir; e como incerta e duvidosa, a fortuna concedia-lhes na Galiza e em Portugal os louros com que não podiam contar na Extremadura e no Aragón. Porém, se a Espanha nem sempre vencida, lutava sempre e detinha sózinha aquêlle que a todos tinha vencido até aí, pois cortar o vôo à águia, ferindo-a, era prepará-la para cair.

Perante aquela nobre luta tão briosamente sustentada por nós próprios, as restantes nações, envergonhadas de si mesmas, sentiram renascer as suas fôrças e acharam pesado o jugo da servidão. A Áustria que não tinha perdido em Presburgo o seu orgulho de potência militar, lançou-se de novo contra o dominador universal. Porém êste, prevenido por determinados indícios, com a rapidez da águia que tomou por emblema do seu génio, atravessou o Réno. Encorporando no seu Exército as tropas do Rei da Baviera e inaugurando a campanha com as vitórias de Tann e Abensberg, um mês depois da sua saída de Paris, abria a tiros de canhão as portas de Viena.

Que contraste ofereciam então a Áustria e a Espanha! Aquela, potência militar de primeira grandeza, ao cabo de quatro ou cinco batalhas, suspende, fatigada, a luta e reconhece em Znain a necessidade da paz. Rende-se ao fim de três meses, enquanto a Espanha, depois de um ano

## Revista da Cavalaria

de incessante luta, se mostra cada dia mais corajosa e forte. Na Áustria combate um rei sem nação, em Espanha combate uma nação sem rei; e assim a Áustria sucumbe e com o seu patriotismo, salva-se a Espanha.

Apresentavam-se, porém, neste ano de 1809, as coisas de tal maneira que tudo indicava que a Espanha, esgotadas as suas reservas, iria sossobrar...

Não tínhamos praças fortes e carecíamos de dinheiro.

¿Acaso contava a Espanha com um talento militar capaz de se pôr frente a frente a Napoleão, êsse génio colossal que parecia ter prês a seus pés a vitória, vencedor constante dos primeiros capitães da sua época: general russo Souwaroff, generais prussianos Bulow e Blucker, generais austríacos Melas e Mack, Rei Frederico Guilherme da Prússia, Imperador da Áustria, Tzar Alexandre da Rússia, Duque de Brunswick e Grande-Arquiduque Carlos?

¿Onde estavam os soldados adestrados para fazer frente às aguerridas hostes de Napoleão, vencedoras de cem combates?

Improvizavam-se novos Exércitos bisonhos, que sucumbiam, não por falta de valor, mas porque, apenas formados, marchavam a combater sem a instrução necessária e sem a organização indispensável para lutar contra os veteranos do Império, cuja vida era desde há anos o combate.

¿O que nos restava pois? — As guerrilhas.

### Matéria prima — O homem

O espanhol é duro, sóbrio, altivo e disposto à luta nos transe em que a sua dignidade é amesquinhada. Todos os terrenos, todos os climas encerraram numa latitude N de 36° a 44° as raças mais nobres e opostas da Humanidade a que deve a sua origem; a sua fusão etnológica e fisiológica fizeram do habitante da Península um tipo tão indomável para a defesa da própria terra como aventureiro para sair dela.

Por debaixo do espanhol mais culto e mais sensato se sobrepõe o seu carácter e o seu sangue, acima de todos os atavismos da educação e domínio da inteligência. Nem todos os momentos nem todos os casos exaltam a sua individualidade; existe, porém, a mola que só Deus sabe tocar, elegendo a mão e a ocasião que lhe convém.

Esta era a Nação e êste era o individuo que Napoleão, segundo a sua própria confissão, desconhecia completamente, em casa de quem entrou deslealmente, julgando empresa fácil e mesquinha o apoderar-se dela.

Ele próprio disse mais tarde em Santa Helena: «Os espanhóis desdenharam os seus interesses para se agarrarem apenas à injúria, indignando-se com a ofensa recebida a tal ponto, que se revoltaram perante a guerra, correndo todos às armas. Os espanhóis em massa conduziram-se como um homem de honra. Nada tenho que dizer senão que êles triunfaram, sendo cruelmente castigados. Êles mereciam outra coisa!»

# Revista da Cavalaria

## As guerrilhas

As guerrilhas que nos deram nome no mundo, são em Espanha uma criação da natureza do seu solo, da índole da sua raça e da sua história. A terra quebrada e desigual, coberta de ásperas montanhas e pequenos vales, oferece à guerra defensiva abundantes meios para uma dilatada luta.

Em toda a terra de Espanha não houve naquela ocasião homem capaz de empunhar uma arma que não acoresse a alistar-se em qualquer das numerosas partidas que se juntavam aos mais ardentes patriotas do país.

Aqui é um camponês, além um sacerdote, um médico ou um ferreiro. Ociosos se tornavam os regulamentos para esta espécie de guerra, tal como os fizeram os da Junta Central.

A guerra, que da parte dos franceses era ofensiva, converteu-se em defensiva, sem chegar a dominar mais do que a própria terra que pisavam, devido às guerrilhas que lhes não davam um momento de descanso.

Organizava a guerrilha um homem por qualquer título despeitado e imediatamente a ele se chegava gente da mais diversa condição: patriota, inquieta, sem nome ou fortuna, mas tudo gente valorosa e audaz. Nem o chefe pede antecedentes, nem o recruta averigua o génio ou grau de preparação de quem o vai dirigir.

Mal armados, sem uniforme e de escasso equipamento, sem bagagens nem depósitos, lançam-se nas emprêsas mais arriscadas, confiando apenas em Deus, na sua Pátria e no seu braço.

Atrás deles, na verdade, está o país inteiro que os arma, os veste, os alimenta e informa da situação e estado do inimigo.

À vista dêste, ataca-o e persegue-o. As vitórias exaltam-no e envidescem-no; as derrotas não o abatem. Se alguém conta uma desgraça não a acreditam. Têm na sua alma uma fé viva no triunfo, e esta fé é a causa principal das suas vitórias.

Assim são as guerrilhas e assim é a Espanha. Aos Exércitos — diz Ortiz de la Vega — sucediam as guerrilhas que ocasionavam a morte aos soldados imperiais. Não podiam mover-se sem reünirem antes numerosas forças, pois uma companhia que se atrasasse ou um batalhão que se perdesse, já não se lhes tornava a juntar.

Às vezes os grossos das forças francesas acometiam as guerrilhas, e estas não ofereciam resistência; encorajadas as tropas inimigas, perseguiram-nos, mas instantâneamente julgando-os em plena retirada, eram atacados de surpresa pela retaguarda.

Oiçam o General Conde de Cleonard:

«Os guerrilheiros prestavam relevantes serviços, quer sob o aspecto moral quer sob o ponto de vista de operações militares.

Ora vitoriosos ora vencidos, mas sempre desejosos de novos combates, mantinham vivo e fervente o entusiasmo público, e eram sem

## Revista da Cavalaria

o saberem, os apóstolos desta nobre cruzada; assim, a organização das guerrilhas, considerada moralmente, foi da mais alta importância.

Ainda que de menos valor, foram de considerar os seus serviços materiais.

Aproveitando-se de todos os acidentes do terreno, os guerrilheiros interceptavam as comunicações e detinham os correios inimigos, atiravam-se intrêpidamente sobre os flancos ou retaguardas dos Exércitos Imperiais, derramando o seu sangue quando a ocasião o requeria».

Diz o ilustre Toreno :

«Havia guerrilhas em cada provincia, em cada comarca, em cada aldeia. Algumas chegaram a contar três mil homens. Pode afirmar-se que se não fôsem as guerrilhas a causa nacional tinha corrido risco. Tranquillo e arrogante, o inimigo do país, se se tivesse aproveitado de todos os seus recursos, transitando por todo o lado pacificamente e dispondo de maiores forças, nem os nossos Exércitos teriam podido resistir à superioridade dos franceses, nem os nossos aliados estariam dispostos a contribuir para a nossa defesa.

Assaltados por tódá a parte pelas guerrilhas, viram-se obrigados a estabelecer postos fortificados a fim de assegurarem por êste meio as suas estradas militares, depósitos de víveres e de material de guerra».

Oiçamos o Sr. Chao :

«À febril mobilidade das guerrilhas e à sua ousadia, se deve o facto de, apesar das desgraças a que nos levaram as campanhas de 1809, e aos 200.000 homens que o inimigo tinha em Espanha, Napoleão não ter chegado a dominar a terça parte do nosso território».

Em térmos parecidos escreve o Coronel prussiano Schpeler, e o tirano de Valladolid, Kellerman, que em carta ao Imperador comparava as guerrilhas a uma hidra, e tantos outros que poderíamos citar.

Para a completa conquista da península era preciso acabar com as guerrilhas; porém, para acabar com elas, necessário era primeiro acabar com a Espanha.

Não é nosso intento pretender que as guerrilhas, por si só, tivessem bastado para vencer Napoleão, como se poderia interpretar pelo calor com que as defendemos. A Espanha necessitou, para derrotar o invasor, de um homem com a serenidade de Castaños, em Bailén; de Palafox, em Zaragoza, para contestar a lacónica mensagem que Verdier lhe enviou durante o primeiro cerco: *Paz e capitulação* com êste escrito espartano: *Guerra y cuchillo*; da coragem do Brigadeiro D. Mariano Alvarez de Castro, em Gerona; de Wellington, Blake e tantos outros ilustres generais.

Porém, êstes generais, com soldados quasi recrutas, não teriam sido capazes de derrotar o melhor exército do mundo sem o apoio eficaz dos guerrilheiros, que não davam descanso ao inimigo, e a assistência de um povo com homens como o *Tio Jorge* (Jorge Nicolas Ibort, honrado e valente camponês que chegou a guarda pessoal do General Palafox) e o leigo de S. Agustín; mulheres que rasgavam os próprios vestidos, oferecendo-os para buchas de espingarda; povoações que por sua livre vontade comiam o *pão de munição* da tropa e morriam de peste sem se renderem, como succedeu em Zaragoza.

# Revista da Cavalaria

## Os Guerrilheiros

Desde os tempos mais remotos que em Espanha existe o guerrilheiro. Guerrilheiro foi Viriato e guerrilheiros, os chefes de mesnada, os adelantados, os condes e senhores da Idade Média. As guerras em países estranhos levaram à América, Itália, Flandres e Alemanha, todos os nossos bravos. Porém, êsses gloriosos passeios pelo mundo cessaram, e a Espanha voltou a Espanha, onde se entristecia como o militar reformado na quietude da sua casa.

Aparece Napoleão e desperta a todo o Mundo — disse Pérez Galdós — a frase castelhana *echarse a la calle*, admirável pela sua exactidão. A Espanha inteira saiu para a rua e para o campo. O guerrilheiro abandona a família e o lar e dá a sua vida pela Pátria, e ao exalar o último alento só pede um palmo de terra e uma cruz, expirando, como diz o poeta :

El astro de la noche por lumbreira  
La piedad de los cielos por corona

Não havia região em Espanha que não contasse com numerosos guerrilheiros. A Catalunha tinha o inimigo constantemente em cheque. Um catalão de Igualada, Juan Llimona, conhecedor da partida de Schwartz de Barcelona, reuniu os criados de sua casa, excitou o seu patriotismo e levantou um *somatén* (1) para se apoderar das alturas de Bruch e impedir a passagem dos franceses; senhores de Bruch del Dalt, e depois de obstruir a estrada com troncos de árvores, aguardaram os franceses, dizimando-os ou pondo-os em fuga. Era a primeira vez que uma multidão mal armada humilhava, em Espanha, as águias imperiais. Uma segunda expedição de duas Divisões foi igualmente rechaçada; já se haviam reunido aos de Llimona os *somaténs* de Igualada e Manresa, mais de 400 voluntários de Lérida.

Hoje, naquelas alturas, existe uma lápide em que se lê :

VIAJERO, PÁRATE, SI ?  
QUE EL FRANCÉS TAMBIÉN PARÓ  
Y EL QUE POR TODO PASÓ  
NO PUDO PASAR DE AQUÍ

Guerrilheiros catalães foram também D. Juan Baget, Llovera, Clarós, Casabona, Malet, Felonch e sua mulher Susana Claretóna, à qual a Junta Central concedeu o posto de oficial, mandando publicar na *Gaceta* os seus relevantes feitos.

(1) Reunião de gente armada sem organização militar criada para defender o seu território. Reúnem-se ao dobrar dos sinos, tocando ao *somatén*, que em catalão significa estar alerta.

## Revista da Cavalaria

Navarra teve a honra de ver nascer na sua terra o *Napoleão* dos guerrilheiros espanhóis, D. Francisco Espoz y Mina. Filho de lavradores remediados, abandonou a sua casa em 1810 ao saber que o seu sobrinho Javier (*Mina el Mozo*) havia caído prisioneiro dos franceses, pondo-se à frente das forças que aquêle tinha comandado.

Deu tanto que fazer ao inimigo, que Reille, governador militar de Pamplona, reuniu 30.000 homens, dos mais aguerridos, para o bater. Um dos primeiros actos que lhe deu fama foi o aprisionamento de um importante combóio, custodiado por franceses que derrotou, fazendo 800 prisioneiros; pouco depois recebia um officio da Regência nomeando-o coronel. Combateu os falsos guerrilheiros que manchavam o nome destes, conseguindo prender o cabecilha Echevarría, e fusilá-lo em Estela. Em 1811, os franceses puzeram a prémio a sua cabeça por 6.000 duros, ainda que sem resultado.

Derrotou o General francês Abbé em Mandivil, apoderou-se de Sos e Tafalla, bateu o inimigo em Lerín e Lodosa, e saiu vencedor em 43 acções não obstante ter na sua frente os mais famosos generais franceses.

Filiando-se no partido liberal, empalidece a figura do veterano guerrilheiro; já não é o campeão da sua pátria, mas de um partido mais ou menos popular. Refugiado em França pelas suas idéias liberais, regressou a Espanha em 1820, sendo nomeado Capitão General de Navarra e Galiza.

O melhor elogio fêz-lhe o seu rival Zumalacárregui, que dizia numa proclamação ao saber da sua demissão: «Deus deu-nos Mina por adversário, o único que podia equilibrar a nossa vitória; Mina que ao seu talento juntava uma grande reputação, acaba de cair».

O guerrilheiro mais popular da Independência foi Juan Martin Diaz, o *Empecinado* (1). Em Abril de 1808 começou a campanha com alguns camponeses; aumentadas as suas forças, tomou parte nos combates de Cabezón e Río seco. Auxiliou Merino na tomada de Roa, aprisionou comboios e matou o general Chi, ajudante de José Bonaparte. Conhecedora das suas façanhas a Junta nomeou-o Capitão do Exército. Realizou operações offensivas em Salamanca e Guadalajara, onde eriou um núcleo de numerosas forças, formando dois batalhões a que deu o título de *Atiradores de Sigüenza e Voluntários de Guadalajara*.

Para se apoderarem de o *Empecinado* enviaram os Imperiais o general Hugo (2) mas sem resultado. Socorreu Tarragona, sitiada, e a 11 de Maio foi promovido a Brigadeiro. Autorizado pela Regência reuniu 10.000 homens e três peças de artilharia, constituindo a 5.<sup>a</sup> Divisão do II Exército. Apoderou-se de Catalayud, salvou Cuenca, cercou a guarnição francesa de Guadalajara e derrotou o inimigo em Alcalá de Henares.

Segundo Salustiano Olózaga, a palavra *Empecinado* chegou a ser sinónimo de patriota.

(1) O sobrenome de *Empecinado* foi devido a um arroio ou piscina que havia em Castrillo de Duero, sua terra natal.

(2) Pai do grande Victor Hugo.

## Revista da Cavalaria

Entre os que com êle militavam, distinguia-se o valoroso D. Saturnino Albeún, o *Manco*, de quem os franceses disseram: «Se êste homem tivesse militado sob as bandeiras de Napoleão e efectuado tais proezas, seria hoje Marechal de França».

Abolida a Constituição de 1812 nas Côrtes de Cádiz, o General D. Juan Martín pediu para a mesma ser restabelecida o que lhe acarretou o desterro para Valladolid, Portugal e mais tarde para Aranda de Duero. Quando se dirigia a esta última cidade, foi prêso pelo Corregidor de Riva, seu inimigo pessoal. Em 19 de Agôsto de 1825 foi levado ao cadafalso. Valendo-se da sua fôrça tentou fugir, apoderando-se da espada do comandante da escolta; cem baionetas o trespassaram, e o que em oito anos não conseguiu o inimigo realizaram-no num momento os seus próprios compatriotas. Já crivado de baionetas foi conduzido ao cadafalso e enforcado... morto. Desenrolou-se esta triste violência em Roa, povoação salva por Martín uns anos antes.

Outro paladino da nossa cruzada foi D. Jerónimo Merino (o cura Merino); contava então 39 anos; era nervoso, delgado e cabeludo. Começou as suas façanhas com o seu sobrinho e uns poucos de camponeses. Pouco depois as suas fôrças eram aumentadas com voluntários procedentes de Lerma, Aranda e Roa, e tanto os seus feitos chamaram a atenção de Napoleão, que êste ordenou a Roquet que o capturasse, pondo em acção 20.000 homens.

Atacou em Quintanar del Puente um grande comboio destinado a Ciudad Real, caindo tudo em seu poder e distribuindo pelos camponeses os cavalos de tracção. Furiosos os Generais Roquet e Kellerman lançaram-se em sua perseguição; Merino dispersou as suas próprias fôrças e refugiou-se na serra de Quintanar; não podendo vencer o hábil guerrilheiro, retiraram-se, e o famoso *cura* entrou de novo em campanha com 400 homens.

Sabendo que um coronel se dirigia a Ontória com numerosas fôrças, saiu-lhe a caminho em Barbadillo, e com tanto denodo os atacou que dentre êles só 20 escaparam.

Posteriormente, apoderou-se de outro comboio escoltado por 1.000 homens e aprisionou um batalhão de polacos. Como prêmio das suas numerosas vitórias foi nomeado Governador Militar de Burgos, cargo que desempenhou até 1824.

¿Qual das províncias apresentou maior número de guerrilheiros? Seria difícil sabê-lo.

Citaremos, para terminar, o Alcaide de Otivar, os guerrilheiros de Ronda, Jáuregui, com os seus famosos *bacamarteros*, Mir, Porlier, Francisquete, Villacampa, El Fraile, Arróstegui na Biscaya, Pastrana na Mancha, etc., etc.

Dizia Danton, o famoso convencional francês: «Para triunfar só é necessária audácia, audácia e audácia». A Espanha demonstrou ao mundo que um povo, para triunfar, só necessita de PATRIOTISMO, PATRIOTISMO e sempre PATRIOTISMO.

# Escola do Doutor José Maria Rodrigues

SEXO MASCULINO

DIRECÇÃO PEDAGÓGICA — Prof. A. PEQUITO



— ENSINO PRIMÁRIO E LICEAL —

Campo de jogos, ginásio, laboratórios, etc.  
Biblioteca com cerca de 5.000 volumes

**VISITE AS SUAS INSTALAÇÕES**

RUA DAS AMOREIRAS, 157/159 — Tel. 4 4646 — LISBOA

**Não damos!**

Nem

**Trocamos!**

**Pagamos** pelo seu justo valor, os seus fatos, sobretudo, gabardines, calçado, roupas brancas e chapéus usados. Para vosso interesse não transaccionem os mesmos sem nos consultar.

Seriedade absoluta.

**Graça, L.<sup>da</sup>**

Rua de S. Bento, 106

Telefone ————— 6 2826

**Branca de Gonta Colaço**

e

**Maria Archer**

ESCREVERAM

**Memórias da  
Linha de Cascais**

EDIÇÃO DA

**Parceria António  
Maria Pereira**

# ESTORIL

COSTA DO SOL

A 23 quilómetros de Lisboa

A mais elegante praia do país



**Estoril Palácio Hotel** — Luxuoso e confortável — Magnífica situação.

**Hotel do Parque** — Elegante e moderno.

**Hotel de Itália** — Preços moderados.

**Estoril-Termas** — Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico — Ginástica — Cultura Física — Sala de Armas — Piscina de água tépida.

**Tamariz** — Magníficas esplanadas sobre o mar — Restaurante — Bars.

**Casino** — Aberto todo o ano — Concertos — Cinema — «Dancing» — Restaurante — Bars — Jogos autorizados pelo Governo — Roleta — Banca Francesa — Bacará.



“Stands” de tiro - Escola de equitação - Parque infantil



Informações :

Soc. Propaganda da Costa do Sol

ESTORIL — PORTUGAL

# Dansk Industri Syndikat

Material «Madsen»

**Metralhadoras e Canhões Automáticos**

Armas automáticas de pequeno e grande calibre para o Exército, Marinha, Aviação, Defesa contra Aeronaves e Defesa contra Carros de Assalto



O canhão automático **Madsen** de 20<sup>mm</sup>, sôbre «side-car», pode fazer fogo montado sôbre este, ou no terreno, sôbre o reparo a que está permanentemente ligado

A passagem do canhão da sua posição de transporte para a de tiro no terreno executa-se em menos de um minuto

REPRESENTANTES PARA PORTUGAL E COLÓNIAS:

*Monteiro Gomes, Limitada*

Rua Cascais (Alcântara), 47

L I S B O A



# BANACÃO

O MELHOR DOS  
ALIMENTOS

Produto português  
para os portugueses



O BANACÃO  
é preferido para a 1.<sup>a</sup> refeição

porque todos os que o tomam, se sentem mais confortados até à 2.<sup>a</sup> refeição,

porque ao fim de poucos dias conhecem a diferença do seu vigor nos exercícios físicos, que normalmente fazem,

porque é mais agradável ao paladar.

## OS PARECERES MÉDICOS

provam que é mais nutritivo,

provam que fornece mais calorias que qualquer outra refeição.

**BANACÃO SEMPRE BANACÃO**

*Precisa dos seus pneus reparados ou recauchutados?  
Novos ou em 2.<sup>a</sup> mão aos mais baixos preços do mercado?*

*Fazemos a montagem grátis, de pneus novos e recebemos os velhos aos melhores preços do mercado*

OFICINA DE VULCANIZAÇÃO

## Santos & Afonso

*Os nossos trabalhos são executados pelo processo de moldagem  
STOCK: «Dunlop», «Good Year», Firestones, «Kelly» e «Michelin»  
PERFEIÇÃO, RAPIDEZ, ECONOMIA E RESISTÊNCIA*

LARGO DE ANDALUZ, 5

TELEF. 4 5971

LISBOA



TIPOGRAFIA DA LIGA  
DOS COMBATENTES  
DA GRANDE GUERRA

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS  
EM TODOS OS GÊNEROS

Calçada dos Caetanos, 18

Tel. 2 1450

**Guimar. L<sup>da</sup>**

DECORADORES • DESENHADORES

**Guimar. L<sup>da</sup>**

TAPEÇARIAS • PAPEIS PINTADOS

**Guimar. L<sup>da</sup>**

MOVEIS • CORTINADOS • BIBELOTS

**Guimar. L<sup>da</sup>**

FAIANÇAS • ETAMINES • MAPLES

**Guimar. L<sup>da</sup>**

CARPETES • CRETONES • DAMASCOS

**Guimar. L<sup>da</sup>**

183, RUA DA PRATA, 187 - TEL. 2 4648

**BOMBAS**

**CAPUCHO**

*bombas ma-  
nuais e me-  
cânicas para  
todos os li-  
quidos e con-  
dições de  
serviço*

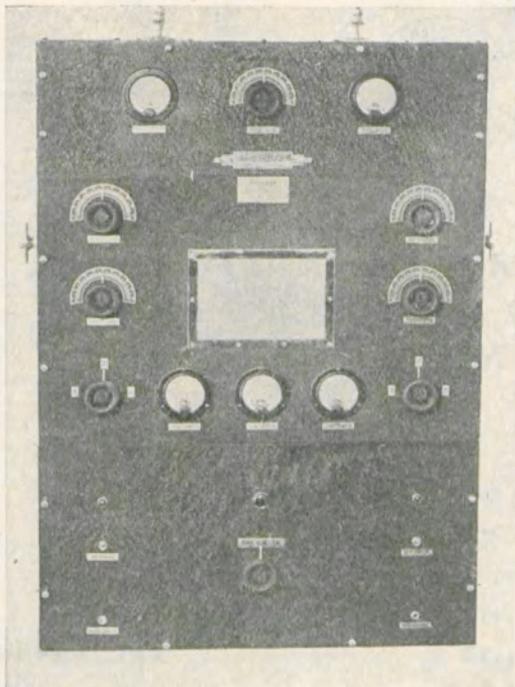
Casa  
Capucho

LISBOA

Rua de S. Paulo, 121 e 129

PORTO

R. Mous. da Silveira, 139 e 143



Tipo de emissora em serviço na Marinha de Guerra Portuguesa

## ESTABELECIMENTOS

HEROLD, L.<sup>DA</sup>

Rua dos Douradores, 7

Telefone P. A. B. X. 2 4221

L I S B O A

Construtores de material de T. S. F. e Fornecedores do Estado.

Emissores de vários tipos e potências.

Rádio-goniómetros, Receptores para fins profissionais.

Material para reparações e montagens.

Material de antenas.

Válvulas e todos os sobresselentes.

Comutatrizes.

**Instalações de luz em alta e baixa tensões**

OFICINAS E LABORATÓRIOS PRÓPRIOS

## CHÁ NAMULI

O MELHOR DE TODOS

À venda em todos os bons estabelecimentos do País

AGENTES NO SUL :

Estabelecimentos

ALVES DINIZ & C.<sup>A</sup>

Rua dos Douradores, 20

Telefones : { 2 5325  
2 5326

Em Lisboa visite o Hotel

## INTERNACIONAL

E ficará cliente certo,  
Porque encontrará sempre  
O mais escrupuloso asseio  
O melhor serviço de mesa

Conforto e higiene  
Optima localização

**Rua da Betesga**

Com frente para o Rossio

(A 3 minutos de qualquer gare)

Telefones, 27245 e 29003



# B.B.C.

*a voz de Londres*

FALA e o MUNDO ACREDITA

## Emissões em LINGUA PORTUGUESA

Com a mudança de hora, o horário das transmissões da BBC para Portugal passa a ser o seguinte:

Hora de Lisboa	Comprimentos de Onda
7,45 Noticiário . . . . .	41,49 m. ( 7,23 mc/s)
	31,75 m. ( 9,45 mc/s)
13,15 Noticiário e actualidades	24,92 m. (12,04 mc/s)
	19,76 m. (15,18 mc/s)
	13,86 m. (21,64 mc/s)
22,15 Noticiário e actualidades	42,13 m. ( 7,12 mc/s)
	41,96 m. ( 7,15 mc/s)
	31,75 m. ( 9,45 mc/s)
	261,1 m. ( 1,149 kc/s)
	500 m. ( 200 kc/s)

## Empresa Progresso Industrial

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Fabricação Mecânica de Parafusos de toda a espécie

Porcas, Anilhas, Rebites, Escá-pulas, Cavilhas, Tirefonds, etc.

Material de Fixação para Cami-nhos de Ferro, Telégrafos e Telefones

Premiada nas Exposições Indus-triais: Pôrto, 1887 e 1893; Uni-versais de Paris, 1889 e 1900; S. Miguel, 1901; Rio de Janeiro, 1903; Lisboa, 1932.

Telefone 81 238      Telegramas «Pregadura»

23, 25, 25-A — Rua das Fontai-nhas, 27, 29 — Alcântara

Vendeu o feliz cambista  
João Cândido da Silva  
desde 1939

3 Sortes Grandes do Natal

e

1 Sorte Grande de S.<sup>to</sup> António

além de inúmeras

Sortes Grandes Semanais

Habilitem-se pois na casa

**João Rodrigues**

**da Costa Silva**

SUCCESSOR DE

**João Cândido da Silva**

104, RUA DA PRATA, 106

L I S B O A

## Drogas e Tintas

ÁCIDO OXÁLICO  
CLORETO DE CÁLCIO  
PEDRA POMES  
FÉCULAS  
DEXTRINAS  
TINTAS EM PÓ  
ÓXIDO DE FERRO  
VERNIZES  
AGUARRÁS, ETC.

**F. H. d'Oliveira, & C.<sup>a</sup> L.<sup>da</sup>**

C. Marquês de Abrantes, 52



## MÊTA NA SUA CABEÇA!

que é na casa

“Au Bon Marché”

onde V. Ex.<sup>a</sup> encontra o me-lhor sortimento e os mais vantajosos preços em Lou-ças, Talheres, Vidros, Cristais, Artigos para decoração e para brindes

45, R. DA ASSUNÇÃO, 45

## CAÇADORES

Apesar da situação internacional a casa **A. M. Silva** mantém o mesmo «stock» dos anos anteriores.

### Armas — Munições

e todos os artigos para caçadores

Use os nossos cartuchos carregados especialmente para cada espécie de caça, com a afamada pólvora

REKORD

**A. M. SILVA**

A maior casa no género, do País, que mais barato vende e mais sortido tem

Peça o nosso catálogo

Descontos para revenda

**RUA DA BETESGA, 67**

Telefone 2 5424 — LISBOA

== PARA ==

**MOBILAR**

== E ==

**DECORAR**

== UMA ==

**CASA**

Consulte os nossos decoradores

MOBÍLIAS

MODERNAS

e em estilos clássicos

Companhia

# Alcobia

14, Rua Ivens, 14

Rua Capelo, 1 a 9

## T. S. F.

Reparações em toda a classe de receptores por muito difíceis que sejam, executam-se  
== na bem conhecida ==

**ELECTRO - LISBOA, L.<sup>DA</sup>**

Basta telefonar e sem mais incomodos V. Ex.<sup>a</sup> receberá o seu Rádio devidamente  
== afinado ==

**Orçamentos grátis**

246, RUA AUGUSTA, 248

Telefone 2 0568

## Restaurante e Cervejaria

# LEÃO DE OURO

Aqui encontrará  
V. Ex.<sup>a</sup> o melhor  
e mais variado  
sortido de mariscos, aperitivos  
e pratos da espe-  
== cialidade ==

Rua 1.º de Dezembro, 89 a 99

Telef. 2 6195

LISBOA

**HOJE, MAIS DO  
QUE NUNCA, O  
"ELECTROLUX"  
É NECESSÁRIO  
PARA ADMINIS-  
TRAR E POUPAR**



**ELECTROLUX, L.<sup>DA</sup>**

Av. da Liberdade, 145

Telefone 2 8246



**Alfaiataria Águia**

■  
*Fatos 220\$, 270\$, 350\$,  
480\$, etc. Boas fazendas,  
padrões modernos e bons  
forros. Feitos 150\$, 180\$,  
e 240\$. Bom sortido em ga-  
bardines, sobretudos, sa-  
marras, impermeáveis, etc.*

■  
R. da Madalena, 202, 1.º

Telefone 2 0581

**GASOGENIOS**

**FIXE**

a  
**PRESTAÇÕES  
MENS AIS**

de

**Esc. 600\$00**

sem ENTRADA, e com MONTAGEM  
e ASSISTÊNCIA técnica gratuitas

■  
**Sociedade de Mecânica e Acessórios, L.<sup>da</sup>**

Rua de S. Sebastião da Peiteira, 27

LISBOA

## MÉCO, Limitada

20, L. Rafael Bordalo Pinheiro, 52

Telef. (P. B. X.) 2 0498 e 2 7316

L I S B O A

Fábrica de sobrescritos  
e manipulação de papéis

Depósito de papéis e  
cartolinas de tôdas  
as qualidades

Fabricantes exclusivos da  
famosa marca MICHEY

Premiados na *Exposição de  
Paris de 1900* com *Menção  
Honrosa* e na *Exposição Indus-  
trial Portuguesa de 1933* com  
*Grande Prémio de Honra*

## ANTÓNIO CASANOVAS AUGUSTINE

CORRETOR OFICIAL

Câmbios, Fundos Públicos  
e Mercadorias

Rua da Conceição, 133

Telefones { Estado . 54  
Rêde . . . 2 2280

Bôlsa de Mercadorias

P. do Comércio

Telefones { 2 8182  
2 8615

L I S B O A

## Sociedade Portuguesa de Carbonização

E. R. I. M.

(Etudes et Recherches Industrielles et Metalurgiques)

O melhor carvão vegetal para  
gasogénos

Isento de ácidos e alcatrões  
Superior rendimento.

Alcatrões para todos os fins  
Imunizador para madeiras.

Largo do Corpo Santo, 13-3.º  
TELEFONE ————— 2 7157

Venda de carvão :

Rios de Oliveira e Filhos  
Av. da Liberdade, n.º 227  
TELEFONE ————— 4 0650

Automóveis e Camions

D O D G E

Automóveis, Fourgonettes e  
Motociclos

D. K. W.

Automóveis

WANDERER - AUDI - HORCH

Gasogeneos suecos

PHILIPSONS

Agentes e distribuidores gerais

S P I D A

43, R. Alexandre Herculano  
L I S B O A  
Telefone : P. B. X. 6 2185 — 6 2186

**Está com apetite?**

Entre na velha e popular

**. . . . ARGENTINA**

Refeições económicas  
Sanduíches, frutas  
e aperitivos

---

ASSEIO, PRONTIDÃO  
E ECONOMIA

**Recomende a**

**. . . . ARGENTINA**

Rua 1.º de Dezembro 75

**Dominguez & Lavadinho Ltd.**

SEDE: R. da Assunção, 79 a 85  
e R. dos Sapateiros, 135 a 143  
FÁBRICA: Avenida Casal Ri-  
beiro, 18 a 24 — LISBOA

Telefones 2 5201 e 2 5202  
Telegramas: SOBRESCRITOS  
Código: A. B. C. 5.ª Edição

PAPELARIAS  
Nacionais e estrangeiras

FÁBRICA de Sobrescritos, Ma-  
nipulação de Papéis de escre-  
ver e Sacos de Papel

TINTAS DE ESCREVER  
Nacionais e estrangeiras

Papéis Químicos, Lápis, Artigos  
de Escritório e Pintura, etc.

**Pancada, Moraes & C.ª**

---

BANQUEIROS

Tôdas as operações bancárias

Depósitos à ordem e a prazo

Câmbios e Papéis de Crédito

37, RUA AUGUSTA

Tel. 2 6275/6-Estado 37

MÓVEIS

**JANEL**

Rua da Palma 105

Telefone 2 7984

---

Convida V. Ex.ª a visi-  
tar os seus **Salões de Ex-  
posição**, onde encontrará  
os mais lindos e artísti-  
cos modelos..



*Sociedade Revendedora de Papéis, L. da*



Fornecedores de  
papéis nacionais e estrangeiros  
para Revistas, Livros, Jornais, Indústrias Gráficas, Litográficas e Congéneres

Telefone 21985 — Rua do Norte, 85 — LISBOA

### **Joaquim Godinho da Silva**

Sucessor, Limitada

....

Antiga casa  
**VIÚVA MOURA**

....

**Armazém de Retrozeiro,  
Malhas e Miudezas**

....

Rua dos Fanqueiros, 84-1.º — LISBOA

Telefone 2 6577

### **Oficinas Gerais de Material de Engenharia**

Sede: Avenida da Índia — BELÉM

#### **Manufatura de Material de Engenharia**

Sapadores mineiros, sapadores de caminhos de ferro, telegrafia e telefonia por fios e sem fios, :: pontoneiros, automobilistas ::

#### **Mobília e utensílios**

**Trabalhos em ferro e madeira para  
construção civil**

Construção, reparação e pintura de carroseries

#### **Fundição, Vulcanização, Niquelagem, etc.**

Fornecimento e fabricação de sobresselentes para automóveis e motocicletas

Fornecimentos análogos para o público



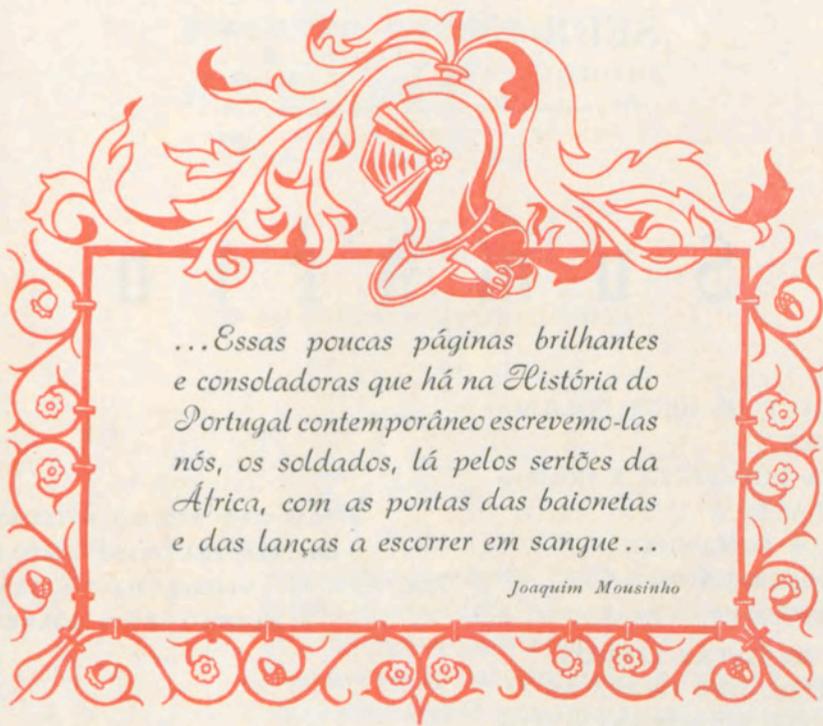
*Catálogos,*  
*aluns,*

T R A B A L H O S  
T I P O G R A F I C O S  
S I M P L E S E D E L U X O  
R E P R O D U Ç Õ E S  
E M F O T O G R A V U R A  
O F F S E T  
E L I T O G R A F I A

**BERTRAND IRMÃOS, L.<sup>DA</sup>**

Travessa da Condessa do Rio, 27, LISBOA — Telefones P. B. X. 2 1227 e 2 1368

---



...Essas poucas páginas brilhantes  
e consoladoras que há na História do  
Portugal contemporâneo escrevemo-las  
nós, os soldados, lá pelos sertões da  
África, com as pontas das baionetas  
e das lanças a escorrer em sangue...

*Joaquim Mousinho*

# Revista da Cavalaria

Publicação bimestral

## CORPO DIRECTIVO

CAPITÃO JOÃO CORREIA BARRENTO

CAPITÃO AMADEU S<sup>TO</sup> ANDRÉ PEREIRA

CAPITÃO AUGUSTO CASIMIRO GOMES

TENENTE ANTÓNIO S. RIBEIRO DE SPÍNOLA

## EDITOR E ADMINISTRADOR

TENENTE LUÍS MANUEL TAVARES

SEDE QUARTEL DO CARMO

L I S B O A

PROVISÓRIA TELEF. 2 2 1 2 2

Composta e impressa na Tipografia  
da Liga dos Combatentes da Grande Guerra

# S u m á r i o

O COMANDO E OS SEUS COLABORADORES	387
DEFENSIVA AGRESSIVA E OCUPAÇÃO ELÁSTICA	389
DA ARTE DE COMANDAR	402
REMONTA NA IRLANDA	408
VENCIMENTOS	412
<b>JORNAIS-REVISTAS-LIVROS:</b>	
ACTUALIDADES GRÁFICAS	421
MOTORIZAÇÃO DOS EXÉRCITOS	431
OS CARROS E A INFANTARIA	
NAS DIVISÕES COURAÇADAS	436
O SINDROMA CLAUDICAÇÃO	447
	TEN. COR. DO E. M. JOSÉ ANGOSTO
	DR. ROGÉRIO RUIZ
	BRIGADEIRO AFONSO BOTELHO
	CAPITÃO FRANCISCO CHEDAS
	TEN. MÉD. VET. PROSTES DA FONSECA
	CAPITÃO SERPA SOARES

COLABORAÇÃO ARTÍSTICA DE — DELFIM MAIA E ANTÓNIO XAVIER  
A DOUTRINA DOS ARTIGOS PUBLICADOS É DA RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

## CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Ano . . . . . 30\$00

(Para o Ultramar e estrangeiro acrescido do porte do correio)

**Avulso 5\$00**

# Revista da Cavalaria

4.º Ano - n.º 5

Setembro

ESTADO MAIOR DO EXERCITO  
BIBLIOTECA

N.º ~~204~~ *1804*

Em *5* de *setembro* de *1944*

## O COMANDO

e os seus colaboradores



A guerra tem seguido, como tôdas as manifestações da actividade humana, as diversas fases da progressiva civilização.

Acompanhando as velocidades do avião e das rápidas formações moto-mecânicas, que transformaram por completo os antigos conceitos de tempo e espaço, o chefe militar moderno de-

verá conceber, planejar, decidir e dar as suas ordens, no ritmo dinâmico da época que vivemos.

Porém, não estando o cérebro humano concebido fisiològicamente para trabalhar no febril ritmo acelerado, que a moderna técnica dêle exige, é necessário, hoje mais do que nunca, não sobrecarregar o espírito do chefe com pormenores dispensáveis, cuidando que o seu cérebro e o seu espírito estejam livres para as decisões a tomar nas horas decisivas.

Foi êste o motivo da instituição dos **Estados Maiores**, e continua sendo ainda hoje a sua principal função.

## Revista da Cavalaria

A êstes, compete a eficiente e metódica montagem da **máquina de guerra** adentro do respectivo escalão, bem como a orientação e fiscalização do seu subsequente funcionamento, de forma que a conversão em realidade das ordens dadas, corresponda perfeitamente à concepção do chefe.

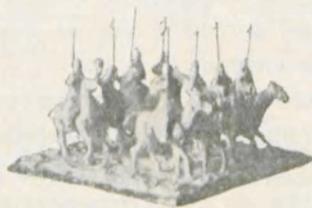
Se o chefe deve ser dotado, sob o ponto de vista intelectual, de uma inteligência clarividente, fulgurante e imaginativa, os seus colaboradores directos devem possuir como primeiro requisito — segundo a opinião do General Thièbaut — **o espírito de ordem e de método que organiza e classifica o trabalho.**

Entre nós, devido a uma ingénita aberração rácica, acalentada por uma inteligível deformação profissional, verifica-se uma acentuada tendência para a reversão de funções.

Os chefes, talvez por terem permanecido demasiado tempo em postos subalternos, propendem a orientar e fiscalizar o detalhe da execução, sobrecarregando o seu espírito com pequenos pormenores de serviço, que motivam o desvio da sua atenção dos capitais planos de conjunto.

Os seus auxiliares directos, talvez induzidos por uma compreensível deformação profissional, originada pelo aturado estudo das ciências militares, tendem a colaborar na concepção superior dos problemas de comando, em prejuízo da sua missão principal:

**Montar eficientemente a «máquina de guerra» adentro do respectivo escalão, e orientar e fiscalizar o seu subsequente funcionamento.**



# DEFENSIVA AGRESSIVA



# E OCUPAÇÃO ELÁSTICA

pelo Brigadeiro AFONSO BOTELHO

Aos meus camaradas «sabreiros» e «lanceiros» e aos «fuzileiros» e «couraceiros», que cavalgando no fiel rocinante ou no fulgurante motor, sabem manter «seja como fôr» o velho espírito cavaleiro, ideal do velho fenix que é a arma de cavalaria.

*A*lgures, altas individualidades por sobranes motivos respeitadas, estranharam, ainda que benèvolamente, expressões a que o nosso humilde pensar se permitiu recorrer para sintetizar certas idéias de ordem táctica. O momento não era oportuno para dissertar e melhor seria esperar, se os ventos o permitissem, que dobrássemos o proceloso Adamastor e em mar chão bonançosamente bordejassemos em demanda de terras de promessa.

Assim nos encontramos agora nestas calmas páginas para oferecer, modesta dissertação sôbre o que entendemos por... «Defensiva agressiva» e por «Ocupação elástica». Confessemos que tais expressões não são originaes salvo, talvez, no modo como julgamos elas convêm à cavalaria moderna, isto é, aquela onde o tradicional e fiel cavalo e o móvel motor, vivem em ardente cooperação para conquista de novas glórias em favor da arma característica da elasticidade e da velocidade, da agressividade, da surpresa vitoriosa.

## Ofensiva e defensiva

«A ofensiva é o modo de acção por excelência. Só a ofensiva permite obter resultados decisivos».

«A defensiva é a atitude temporária, a que recorre o comando que não está em condições de adoptar a ofensiva. Esta atitude não pode produzir resultados decisivos».

Isto escreve-se, diz-se, preconiza-se, mas... faz-se o que se pode, atitude natural do práctico bom senso militar.

Ofensiva e defensiva são irreconciliáveis inimigas e se alguma vez são aliadas é, afinal, para acrescentar um pouco mais de brilho e glória à «Dona Ofensiva», deixando no rol dos esquecidos a triste «Gata borralheira» que é a pobre e desprezada Defensiva.

Mas se é S. Ex.<sup>a</sup> a Ofensiva, que se pavoneia no carro do triunfo, por que razão alguns «abencerrages» ainda se confessam simpatizantes da Defensiva? É que, procurando bem, a Defensiva, que não goza de «excelência», também tem os seus pergaminhos, que não são poucos em Portugal e em mais partes deste Mundo de Guerra. Ela é, em verdade, bom recurso para embaraçosas situações. Afinal, optar por «esta» ou por «aquela» não é questão de amor ou de simpatia, mas sim caso de possibilidades ou de conveniências. Não se casa com «Dona Ofensiva» «quem quere», mas sim quem «pode e sabe». E a história destas coisas de milícia prova, fartamente, que os préstimos da humilde «defensiva», não são para desprezar, antes são susceptíveis de rendimento, como alicerces para maior fortuna. Tudo está em que se não despreze tão útil colaboradora e, ver-se-á que, se ela não nos encher de «honra e glória» ao menos nos proporcionará «honra e proveito».

\*

Mas que há que nos impeça de nos lançarmos abertamente nos braços da ofensiva e galopar no caminho da decisão e da glória?

## Revista da Cavalaria

Diz quem o sabe: «a ofensiva carece de superioridade inicial de efectivos, de meios materiais, de moral, valor, instrução, situação estratégica, prioridade de preparação.

E dizia também quem o sabia... e duramente experimentou: «A ofensiva exige a actuação de todos os recursos da arte e da ciência do chefe; exige também tropas de boa qualidade».

Assim, pois, o Comando nem sempre disporá de tais elementos e estará apto a tomar a ofensiva no todo ou em parte da sua zona de acção. Terá então de adoptar a acção defensiva total, aguardando melhor situação que lhe permita passar à ofensiva ou, mais favoravelmente, adoptar tal acção por modo apenas parcial da sua frente de batalha. Teremos assim uma *combinação de esforços* em que se articula no tempo e no espaço a *manobra do chefe*.

A defensiva é, pois, um dos modos de manobrar, tal como a ofensiva, e muito de considerar, pelo que exige exame da sua finalidade e conseqüentes modalidades, para que bem possa desempenhar papel senão glorioso pelo menos utilíssimo na manobra de bom estilo.

Mas em que consiste a «manobra»? Concentrar fôrças, *combinar esforços* (ofensivo e defensivo), para os aplicar na boa direcção e no momento oportuno, para bem cumprir a missão recebida.

\*

As *finalidades* da *manobra defensiva*, são, como se sabe:

— economizar as próprias fôrças (para outro emprêgo presente ou futuro);

— gastar as fôrças adversas (até ao esgotamento se possível fôr);

— deter ou, pelo menos, demorar o adversário (ganho de tempo e conservação do espaço, ou pelo menos ganho de tempo em troca do espaço);

— manter a posse de pontos interessantes (observatórios, posições ou comunicações) ou pelo menos impedir que o inimigo dêles se utilize.

# Revista da Cavalaria

As modalidades da manobra defensiva para realizar tais finalidades, sintetizam-se em:

— *defensiva estática*, aquela em que a pé firme, sem espírito de recuo, se cumpre a missão defendendo a fundo a posição conveniente, e, portanto, *detendo o inimigo*;

— *defensiva móvel*, aquela em que, actuando em mobilidade, resistindo sobre posições sucessivas, se cumpre a missão ganhando tempo em troca do espaço e, portanto, *retardando o inimigo*.

¿Como terão os meios de guerra modernos impressionado a fisionomia destes dois tipos de manobra defensiva? É o que vamos ver.

## ≡ II ≡

### Opiniões sobre a defensiva moderna

Diziam-nos em 1938 as *I. G. U.*, documento notável que não foi o culpado da derrocada francesa: «A defensiva passiva consistindo unicamente em resistir aos ataques inimigos e a quebrá-los, prolongando-se, desmoraliza o combatente; aumenta a audácia e a confiança adversa. Se tem de ser prolongada, terá de ser acompanhada de acções ofensivas dotadas com o máximo de potência e de meios, cuja reunião será possível por meio de economias de fôrças praticadas nas partes inertes da frente. Estas acções tornarão o adversário circunspecto e incitá-lo-ão a manter efectivos deante de frente defensiva».

Isto é a condenação da defensiva estáticamente pura e a recomendação da agressividade pelo menos local, como compensação da consentida perda da iniciativa pela adopção da defensiva.

\*

As «*Directivas para o emprêgo das G. U.*, no *Exército italiano* (1937?)», exército que preconizava a ofensiva, mas reconhecia a necessidade da defensiva, diziam — aproximada-

## Revista da Cavalaria

mente — como critério da acção defensiva: «A defensiva supõe, quanto ao adversário, inferioridade de fôrças e renúncia temporária à iniciativa. Deve-se compensar a inferioridade de fôrças com o melhor rendimento do próprio fogo e limitação do do inimigo com oportuno aproveitamento do terreno. Atenua-se a perda da nossa iniciativa com bom serviço de informações e de exploração, cobertura para demorar e reconhecer o ataque adverso, com o conjunto das fôrças escalonadas em profundidade preparadas para resistir e reagir. Apoios e reservas têm de repelir as infiltrações inimigas: o *contra-ataque deve ser instintivo e imediato*. Aquêlo que não reaja prontamente perde oportunidade que não volta e resigna-se à derrota; o que reaje imediatamente pode inverter a situação e arrancar a iniciativa ao adversário. A eficiência defensiva da posição não está sômente em relação com os meios e com o tempo de que se dispõe, mas sim, sobretudo, com o espírito combativo de quem a defende».

Esta doutrina condena também, em absoluto, a defensiva pura e enaltece o espírito de reacção.

\*

O «Bund», conceituado jornal de Berne, dizia durante a ofensiva germânica através da Flandres (Maio 1940): «A conservação de frentes defensivas que se limitam à defensiva pura é coisa caduca, porque a fôrça dinâmica dos ataques mecânicos quebra depressa as resistências estáticas da defensiva imutável, pois o defensor não tem tempo de tapar brechas com as reservas de sector; mesmo os contra-ataques imediatos não resultam deante do choque inicial, pelo menos os contra-ataques normais. Para o ataque mecânico de grande estilo é necessario contra-ataque mecânico de impulso dinâmico ainda mais forte».

O escritor suiço vai mais longe que os regulamentos atrás citados, no espírito de agressividade e de reacção que, entende dever exigir normalmente a defensiva moderna. Parece que está na razão.

## Revista da Cavalaria

\*

Outra questão, e da maior importância é, hoje em dia focada: a *luta em profundidade*. Recordemos A. G. D. — «France Militaire» — Abril de 1938. «No emprêgo generalizado dos «carros», está a esperança que nêles se assenta para atingir a linha de barreira, depois da tomada da linha principal de resistência». «O problema da defesa é barrar essa irrupção mecânica e blindada no interior da posição, continuando a opor aos infantes, fogos eficazes de armas automáticas». «*A noção da luta em profundidade* tem aqui todo o seu valor». «*Defesa* elástica, moldando as suas barragens anteriores às frentes dos adversários, sem nunca se romper, restabelecida sem cessar, é a forma que deve revestir a batalha de detenção moderna».

Como pretende êste autor realizar esta defensiva elástica? Reforçando fortemente com metralhadoras e engenhos as unidades de infantaria ou reduzindo as suas frentes defensivas. E conclui: «A defensiva será evidentemente menos económica em meios do que dantes. Mas não é esta a questão».

Francamente, se concordamos com o problema pôsto, a solução só em parte nos satisfaz, pois se a defensiva não é económica, não há que hesitar: «a ofensiva é a melhor das defensivas».

\*

Quanto a *russos* e *alemães* bastará observar o dispositivo típico das suas G. U. em defensiva para verificar, mais uma vez, em como é essencial à guerra moderna, dar profundidade à defensiva. Resta saber como.

\*

Permitam-nos que apresentemos mais uma opinião sôbre a organização da defensiva moderna, que já viu aplicação nesta guerra, muitas vezes com sucesso: «*Organizar a defensiva*, consiste em:

## Revista da Cavalaria

— não distribuir os meios activos e passivos, por modo uniforme, à laia de cordão, contínuo sim, mas fraco em tôda a parte;

— mas, pelo contrário, reparti-los por modo que apenas a mínima parte fique agarrada ao terreno, havendo-se a maior parte disponível para a manobra.

Por conseguinte, *defensiva elástica e manobrada*, organizada pelo seguinte modo:

— resistência a todo o transe em centros de resistência, colocados nos pontos em que se pretende barrar a passagem ao inimigo guarnecendo-os com unidades orgânicas decididas se preciso fôr ao sacrifício local;

— à retaguarda centros de fogo, dispostos em profundidade para destroçar o inimigo empenhado entre os núcleos de resistência e para apoiar os contra-ataques;

— unidades móveis para desencadear o contra-ataque;

— elementos de observação e de segurança à distância conveniente para impedir a surprêsa e para retardar e desgastar o ataque.

\*

Liddell Hart o conhecido autor do «Dynamic Defence» também preconiza a defensiva com o vigor que o titulo da sua obra indica, e que é também a opinião do escritor suiço do «Bund». Mas com L. Hart o espírito de economia de efectivo é aquêle que apontamos acima para efeito da defensiva elástica e manobrada e essa economia resulta do emprêgo dos «blindados».

\*

Mikahe, o já célebre oficial checo, concretizou e difundiu, por modo felicíssimo a «counter-blitz» (desculpe-se a mistura linguística), isto é a defensiva dinâmica em profundidade com que será possível «parar» ou pelo menos entrar os ataques de tanks até que o defensor possa realizar o seu contra-ataque de grande estilo.

Parece-nos dispensável, mais larga referência a essa doutrina hoje tão falada.

## Defensiva agressiva

É bem evidente que o ataque com os poderosos meios de hoje em dia, especialmente os «blindados», exige que o defensor, qualquer que seja a finalidade da sua atitude — demorar, gastar, deter, neutralizar — organize a *luta em profundidade*. Velocidade e potência são factores essenciais à vitória de uma ofensiva e, portanto, os processos defensivos terão em vista, logicamente, «gastar tempo» e «desgastar meios». Isso se conseguirá com a luta em profundidade, no «tempo» e no «espaço».

Porém, não nos limitaremos a instalar os nossos meios de fogo e a organizar o terreno em profundidade, ainda mesmo sob a idéia de fazer frente a qualquer direcção perigosa, o que nos levaria a desbaratar os nossos meios ou a ter de pedi-los em tal quantidade que mais económica seria então a ofensiva do que a defensiva. Tão pouco sujeitaremos as nossas tropas a «encaixar sócos» ou, quando muito a retribuí-los, um por um, em atitude passiva, proporcionando assim de motu próprio ao adversário o melhor dos triunfos da ofensiva, «à iniciativa da acção».

Não deixaremos que o nosso adversário comodamente se aproxime, nos reconheça, se disponha e ataque, antes o incomodaremos e perturbaremos, flagelando-o por todos os meios, travando a sua acção a todo o momento e em todo o lugar.

Em síntese: a despeito do rótulo «defensiva» o «defensor» deverá ser «agressor», em tôda a parte e a todo o momento, se não em força pelo menos em tenacidade. O contra-ataque prévio e o contra-ataque imediato, enquanto não possa ser o contra-ataque preparado e o contra-ataque estratégico, serão a reflexa necessária e indispensável da manobra defensiva assente no dispositivo em profundidade «fogo-terreno» característico da guerra anti-relâmpago.

# Revista da Cavalaria

\*

Se esta é uma das características essenciais da defensiva moderna, a *defensiva agressiva*, quais são os *meios*?

Não entrando em conta com a aviação, aliás arma dominante imprescindível de tais operações, será a cavalaria moderna, a arma indispensável da defensiva agressiva na acção fora da posição e até mesmo na posição. Quanto à artilharia, porque a sua acção longínqua seria inconveniente pois cedo revelaria as suas posições ao avião e canhão inimigos e já estaria neutralizada quando fôssem oportunas as suas concentrações súbitas e brutais, durante a luta próxima.

Quanto à infantaria, porque a sua acção é especialmente útil à defesa de posição e à actuação pelo fogo, plástico e denso, justo e ultra vivo, sobre carros e seu acompanhamento, seja qual fôr a direcção da perfuração ou da infiltração inimiga, a sua acção agressiva, excepto quando dotada de blindados, limitar-se-á aos pequenos contra-ataques imediatos no interior da posição.

Como cavalaria moderna entende-se a cavalaria moto-blindada de que as G. U. carecem para a exploração e segurança quando o inimigo se aproxima e até quando está em contacto e se trava o combate. Não se porão de parte os esquadrões a cavalo indispensáveis na defensiva moderna, quando o terreno a isso se preste ou até mesmo o exige.

A acção agressiva manifestar-se-á nos preliminares do combate por meio da acção retardadora, própria da cavalaria, que tomará, em muitos casos, o aspecto de «pequena guerra» ou, mais portu- guêsmente, de «guerrilhas», género de guerra em que as unidades a cavalo darão boa conta de si aproveitando os terrenos, difíceis ou impraticáveis aos blindados inimigos, para se ocultarem diluïda- mente e reaparecerem oportunamente, actuando de surpresa sobre as tropas inimigas, estiradas pela progressão rápida dos blindados, e sobre a corrente dos reabastecimentos e das evacuações terrestres, ligadas às vias de comunicação.

Empenhado o combate, a vigilância dos flancos e da retaguarda tem hoje a máxima importância em face da manobra dos blindados que por aí procuram desagregar a resistência. Será função das cavalarias orgânicas moto-mecanizadas essa vigilância, e bem assim

## Revista da Cavalaria

a reacção pronta sôbre as infiltrações que possam ser dominadas pela sua mobilidade, pelo seu potencial. Abridadas em centros de resistência próprios ou da infantaria em reserva, essas fracções da cavalaria cairão de súbito sôbre as fracções inimigas embaraçadas dentro da teia dos centros de resistência da infantaria, beneficiando dos fogos desta arma e até das pequenas mas violentas acções dos seus granadeiros. Será também acção que à cavalaria pertence a destruição pronta dos elementos paraquedistas descidos, dentro da zona de acção das respectivas G. U., acções estas hoje bastante freqüentes.

A acção dos «Carros» não é, normalmente, de considerar no quadro da Divisão, pois não é, por enquanto, possível dotar estas G. U. com aquêles meios de contra-ataque em valor apreciável para dominar os carros inimigos. A «agressividade» da Divisão terá por isso, de se caracterizar, pelo desencadeamento oportuno e ajustado dos seus fogos e pelos pequenos, mas violentos contra-ataques locais e, em nossa modesta opinião, pela reacção móvel e mais ampla do seu G. C. D. modernizado.

Desta sorte a Divisão, dará profundidade ao tempo para que o C. E. ou o Exército possam acorrer com as suas unidades blindadas e repelir ou destruir o inimigo gasto pela luta na teia dos centros de resistência.

\*

Tal papel será do agrado dos nossos cavaleiros ainda que, para tal, tenham de recorrer a outros meios que, não são o cavalo aveia. Disso estamos certos.

O espírito dos dragões de Mujenga e de Macontene, do Damequero e do Mufilo são garantia de que a cavalaria portuguesa sabe como isso se faz. Terá apenas que se modernizar o seu espírito de incursão e de reacção.

Não esquecemos, também, o espírito de contra-ataque que animava a infantaria anglo-lusa de Wellington nem as baionetas de marinheiros e infantes lançadas em contra-ataque pelos «quadrados» das nossas campanhas do Sul de Angola. A boa da infantaria portuguesa também sabe alguma coisa do assunto.

# Revista da Cavalaria

E como exemplo do que pode a defensiva agressiva, em estilo largo, corre-nos o exemplo da pequena fôrça britânica de ocupação do Egipto perante a preparação ofensiva italiana da Líbia. Essa pequena fôrça moto-blindada longe de esperar a ofensiva inimiga, massacrando esta com elementos ligeiros foi atacar fortes e pontos sensíveis das linhas de comunicação adversas, perturbando a manobra inimiga por modo a retardá-la até que ocorressem reforços que cobrissem a terra egípcia tão essencial à grande estratégia imperial dos britânicos.

≡ IV ≡

## Ocupação elástica

A defensiva móvel, a defensiva elástica como é moda chamar-lhe, tem como finalidade ganhar tempo à custa de espaço que ao adversário se cede. É de regra que esta cedência se faça apenas em último apuro, antes que o adversário nos abrace e nos estale os ossos.

A defensiva a pé firme, sem espírito de recuo, essa não admite, o nome o diz, a perda de terreno, antes pretende a todo o custo manter a sua posse, ainda que mais não seja para impedir que o inimigo dêse terreno se utilize.

Tudo isto se sabe e está certo. Resta saber se não há alguma coisa que modificar aos métodos em uso ou se não haverá que fazer ressurgir velhos processos com novos meios.

Afigura-se-nos que sim e parece-nos até que as idéias sôbre a agressividade defensiva que acabamos de expor tem aplicação ao caso sob interessantes modalidades. Vejamos:

\*

É normal que a acção retardadora da defensiva móvel se efective ao longo de uma linha de operações próxima da perpendicular às frentes das sucessivas posições defensivas. Resiste-se nesta ou

## Revista da Cavalaria

naquela posição, cobrindo sempre pontos interessantes pela interposição entre o inimigo e grosso das nossas tropas. Assim, o inimigo progride sempre, ainda que lentamente e com perdas por vezes severas, e acaba por ocupar à vontade o terreno que lhe convém, sem que o seu dispositivo — serviços incluídos — sofra perda que o impeça de gozar a conquista.

¿E se as forças retardadoras, após cumprirem a missão de cobertura de pontos táticos não realizarem a mobilidade defensiva apenas no sentido axial da retirada, mas também no sentido lateral e até no sentido inverso da retirada?

¿E se estas pequenas retiradas se efectuarem sobre posições transversais de cuja existência o inimigo se não apercebeu, ou não pôde dominar, ou sobre centros de resistência amigos que permaneceram à retaguarda, ultrapassados apenas pela veloz impetuosidade da guerra relâmpago?

¿E se essas forças, entrando já no domínio da guerrilha, se acolherem a regiões por qualquer razão mais ou menos inacessíveis ao inimigo e dali saírem em ocasião oportuna para actuar em «algarada» sobre os destacamentos inimigos ou sobre os seus reabastecimentos e evacuações?

Julgamos que se assim se proceder — e pode fazê-lo uma cavalaria moderna — decerto se contribui para a eficiência da manobra defensiva e por modo que o inimigo não se poderá considerar «dono» de um terreno que afinal as nossas tropas nunca abandonam inteiramente, mas sim *elásticamente cedem*, para *elásticamente reocuparem* na primeira oportunidade.

Se tais forças, instalando-se em posições transitórias e de alternativa nos flancos ou retaguarda das colunas inimigas, não têm a *posse efectiva* do terreno, não é menos verdade que *elásticamente o ocupam*, retirando quando as forças inimigas são mais poderosas, mas voltando a ocupá-lo logo que êsses meios inimigos diminuem ou se afastam.

\*

A história dá-nos bons exemplos da ocupação elástica. Lembremo-nos por exemplo, de Massena, o «filho querido da vitória» de quem as pobres milícias de Silveira e de Trant amarfanharam

## Revista da Cavalaria

a coroa de louros, impedindo as suas comunicações e torturando os seus destacamentos, pela ocupação elástica do país de que o marechal de Napoleão nunca conseguiu ser senhor.

Lembrêmo-nos também do glorioso chefe boër Dervet e do que sofreram os orgulhosos soldados britânicos com tão móvel e agressivo guerrilheiro e não esqueçamos Von Letton que quasi na mesma terra africana soube ocupar elásticamente vastos territórios com insignificantes fôrças pela acção móvel e agressiva das suas armas.

Dos guerrilheiros jugoslavos, gregos e russos decerto a história falará por motivos semelhantes.

\*

Estas são as missões para que a cavalaria moderna, apoiada ou não por outras fôrças ligeiras, deve estar preparada, e que se quadram perfeitamente com o seu espírito e em que poderá ser utilíssimo não só o «blindado» como também o próprio cavalo.

Se os exércitos de hoje em dia dispõem de poderosos meios ofensivos, não menos verdade é que a aviação e a rádio deram novas possibilidades às tropas rápidas e à guerrilha. E o que é conveniente nos grandes exércitos sob tal ponto de vista, é indispensável nos pequenos exércitos de limitado potencial e que devem compensar tal fraqueza, com a mobilidade e espírito combativo das suas fôrças rápidas de que a Cavalaria é a síntese.



# Da arte de comandar

pelo Capitão FRANCISCO CHEDAS



*Acedendo ao desejo manifestado pela sua Direcção, ponho com muito prazer à disposição da Revista da Cavalaria a brilhante «Instrução» do Marechal de Belle-Isle, dirigida a seu filho, quando este foi nomeado coronel e colocado à testa de um regimento.*

*Apesar de já ter sido publicada num jornal de grande circulação, não julgo descabido que apareça de novo, desta vez no ambiente próprio — uma revista militar.*

*Com a leitura daquele documento muito tem a lucrar o corpo de oficiais, especialmente os que ciosos dos seus pergaminhos morais desejam exercer a profissão das armas com a dignidade que ela requiere.*

*Nenhum inconveniente resulta, portanto, da sua divulgação que antes tem a vantagem de revestir o aspecto de homenagem ao seu autor, colocando em evidência e no devido lugar, a grandeza moral do exercício da mais difícil, e mais delicada, mas também mais nobre missão que pode caber a alguém desempenhar.*

*Se fôsse possível condensar em meia dúzia de versos a «Instrução» do Marechal de Belle-Isle, bem faria quem lhe desse forma semelhante à da poesia, já tão banalizada, de Rudyard Kipling, e depois de enunciar as virtudes necessárias a quem comanda, concluísse deste geito:*

« . . . . . o Universo e tudo que nêle se contém  
serão teus, e, — o que é mais — tu serás um Homem, meu filho».

## Revista da Cavalaria

«O Regimento que o Rei acaba de vos conceder é um dos melhores do Exército; o segundo comandante é um militar respeitável por longos e excelentes serviços prestados à Nação; todos os capitães que o compõem são mais velhos que Vós, e não há nenhum, se fôsseis tomados apenas em consideração os serviços pessoais, que não merecesse mais que Vós, ser nomeado coronel; apesar disso, sois Vós que ides ser o seu chefe; que esta primeira reflexão não saia nunca da vossa memória.

«Não vos repetirei mais: procurai merecer a estima do corpo que ides comandar; esta máxima é demasiado trivial; mas direi: conquistai êsse merecimento.

«Fazei-vos amar, meu filho e, o papel difficil de comandante tornar-se-á um jôgo agradável. Enganai-vos, porém, grosseiramente se cuidais que para obter a estima do vosso regimento deveis deixar afrouxar a disciplina ou afectar uma complacência extrema pelos caprichos de cada um dos vossos officiaes; êste processo não seria seguro nem glorioso.

«Enganai-vos ainda se julgais que uma virtude apenas, por muito brilhante e extraordinária que seja, pode conceder-vos êste sentimento; assim como não são só os olhos de uma mulher que vos cativam, mas o conjunto e a harmonia dos seus traços, não é, da mesma forma, senão a reunião das virtudes e dos conhecimentos de que vos falarei no decurso desta memória, que vos darão a estima do vosso regimento.

«Tende pelos antigos capitães tôdas as deferências, consultai-os freqüentemente, testemunhai-lhes amizade e confiança. Sêde o amparo, o amigo, o pai dos jovens officiaes; estimai os sargentos e os velhos soldados; falai-lhes muitas vezes e sempre com bondade, consultai-os mesmo algumas vezes.

«Estudai, conhecei a fundo todos os officiaes do vosso regimento; sem êste conhecimento sereis enganado cada dia; ireis confundir a modéstia com a falta de talento, a confiança que dá a persuasão das suas fôrças com uma vã basófia, o desejo da boa ordem com a crítica maligna, o amor da justiça e do bem com a delação, a inveja ou uma ambição desmedida, a moderação com a apatia ou a indiferença, e a severidade com a aspereza; tomareis os conselhos dados pela lisonja ou o interêsse pelos que a verdade dita; pensais cobrir de recompensas a virtude, e os recompensados cairão sôbre a intriga; protegereis os talentos reais e não ajudareis senão talentos apparentes e fictícios.

## Revista da Cavalaria

«Não empregueis nunca, para com os vossos soldados, expressões duras, palavras ofensivas, e guardai-vos de proferir na sua presença palavras ignóbeis ou baixas. O coronel que se serve, para com os seus soldados, dessas expressões, avilta-se e se êle se dirige aos oficiais compromete-se da maneira mais evidente.

«Não esqueceis jamais que os oficiais do vosso regimento são homens, vossos iguais e que deveis, por consequência, dando-lhes ordens, tomar um tom e empregar expressões convenientes a pessoas cuja honra é o principal móbil. Acreditai, meu filho, que êste meio é o único bem, o único que pode fazer respeitar as ordens, torná-las agradáveis, acelerar a sua execução, e inspirar aos soldados a confiança nos seus oficiais que é mãe de uma boa disciplina e de todos os sucessos.

«Não useis nunca de punições que a lei reprove, que o espírito nacional condena; quando fôrdes forçado a punir, que se leia no vosso rosto a pena que sentis de serdes obrigado a chegar a essa dura extremidade.

«Há muito que vos acostumei a levantar-vos às quatro horas da manhã; conservai êste hábito feliz; nunca tereis maior necessidade de tempo, pois jamais tereis tanto que estudar, e tanto que executar.

«Não é senão tornando-vos capaz de ocupar os diferentes lugares que estão abaixo do vosso, que podeis dignamente desempenhar aquêle que vos foi confiado, e forçar os outros a cumprir todos os deveres que lhes incumbem.

«Não tenteis nunca acabar com muitos abusos ao mesmo tempo; applicai-vos primeiro ao mais importante, ao essencial. Se atacarmos ao mesmo tempo tôdas as partes de um edificio que queremos reconstruir, abalamos a sua resistência e algumas vezes vão a terra. Lembrai-vos que se faz sempre mais mal que bem quando se projectam inconsideradamente as reformas mesmo as mais vantajosas e quando se emprega a violência para as fazer adoptar.

«...Limitar-me-ei a dizer-vos que a história é a fonte na qual deveis inspirar-vos constantemente; não deveis ler a história para aprender a história, mas para aprender a guerra, a moral e a política.

«Sois bravo, tendes já dado a prova, mas guardai-vos de o ser em excesso. Quantas lágrimas não me custou a bravura de

## Revista da Cavalaria

alguém que eu tanto estimava! (1). Que a vossa não seja tão cruel. A bravura que no soldado é a primeira qualidade, deve, no coronel, ser subordinada à prudência.

«Eu preferia no entanto ter de chorar a vossa morte do que a vossa glória ou a vossa honra. Lembrai-vos que aquêles que mais vos aconselham de poupar-vos, seriam os primeiros a condenar-vos, se seguisseis as suas palavras.

«Que o vosso regimento seja o melhor e o mais instruído de todos. Êste amor-próprio é permitido a um coronel.

«Assisti a todos os serviços do vosso regimento; sêde sempre o primeiro a aparecer; mostrai-vos unicamente ocupado dos vossos deveres; sêde activo, vigilante, exacto, e os vossos oficiais serão pontuais, atentos, zelosos; no caso contrário, vereis uma triste e fria apatia apoderar-se do vosso regimento; todo o coronel negligente arrasta tôda a sua unidade no esquecimento dos seus deveres.

«Não vos deixeis levar pela impaciência ou pela cólera; arrendêmo-nos sempre de obedecer aos primeiros momentos da paixão. «Quereis fazer uma asneira?» — disse com razão um dos nossos poetas — «Tomai conselho na cólera»; é escutando-a que um comandante compromete muitas vezes a sua honra, algumas vezes a vida, e mais ainda, a dos homens que lhe estão subordinados.

«Olhai-vos como o juiz, como o censor, como o magistrado e como o pai do vosso regimento; na qualidade de magistrado e de juiz, velareis pelo cumprimento da lei; na qualidade de censor e de pai, velareis pelos bons costumes. Cuidai, portanto, de melhorar os hábitos; mas não penseis que êles se comandam, mostram-se, inspiram-se. A autoridade do exemplo, é aqui, como em tudo, mais forte que a da vontade.

«Nunca encontrásteis uma criatura sofrendo sem desejar vivamente fazer cessar os seus padecimentos ou sem os atenuar; conservai, meu filho, essa sensibilidade preciosa; ela poderá algumas vezes causar-vos desgostos, mas dar-vos-á muito mais consolações e o prazer vivo e puro de fazer bem.

«É tanto pela vossa glória como pela vossa felicidade que eu vos recomendo que vos mostreis humano e generoso; a humani-

(1) O cavaleiro de Belle-Isle, irmão do marechal, morto no ataque do Col de l'Assiette, nos Alpes, Julho de 1747.

## Revista da Cavalaria

dade, a generosidade conquistam-nos e conservam-nos o coração dos homens com quem vivemos e que comandamos.

«Apraz-me muito mais que se fale da vossa bondade que da vossa arte de organizar uma festa, que admirem mais o número de felizes que fizésteis que o de grandes senhores que tentásteis divertir. A recordação de uma festa não deixa no espírito, nem no coração, qualquer traço agradável; o de um desgraçado que foi socorrido deixa uma deliciosa impressão...

«Não deixeis passar nenhuma semana sem visitar, uma ou duas vezes os doentes do vosso regimento; falai a cada um dêles com bondade; escutai as suas queixas e atendei-as; ouviu mesmo a descrição dos seus males, esta complacência contribuirá tanto como os remédios para apressar a sua cura. Visitai freqüentemente os prêsos do vosso regimento; o homem culpado deve ser punido, mas não encerrado num lugar impróprio.

«Não vos direi para poupar na guerra o sangue e os trabalhos aos vossos soldados; mas aquêles que para brilhar, os expõe a sofrimentos e perigos inúteis, é indigno do nome de homem. Sabei, pois, que a glória que se obtém por êste preço não é nem bela nem duradoira.

«Não falareis nunca aos vossos oficiais nem vos referireis a êles, num tom desdenhoso ou superior. Lembrai-vos sempre, repito-vos, que muitos dos vossos subordinados mereceram mais do que vós comandar o regimento, que muitos têm uma origem mais antiga e mais ilustre que a vossa, e que não lhes faltou, para ser elevado mais alto do que vós, senão um pouco de sorte. Sêde, portanto, acessível, afável, polido, previdente, mas mais ainda com os inferiores do que com os iguais; a delicadeza com os iguais não é muitas vezes mais que o efeito de uma política habilidosa; a que se usa com os inferiores é uma prova da bondade do coração...

«Se algum dia cometerdes faltas, apressai-vos a reconhecê-las, e, sobretudo, a repará-las. Embora esta maneira de agir seja bem natural e embora não mereça ser louvada, e lavos concederá louvores, vos ganhará os corações e fará perdoar as vossas faltas.

«Sabei tudo o que se passa no vosso regimento, mas não empregueis nunca, para o conseguir o meio vil da espionagem; aquêles que faz profissão de delator ou serve de espião dos seus camaradas é um homem desonesto e não merece nenhuma confiança. Não recorreis a outros olhos, e outros braços, senão quando

## Revista da Cavalaria

vos fôr absolutamente impossível vós próprio ver tudo e fazer tudo; descei a todos os detalhes, não se sabem muitas coisas se não quando se conhecem as mais pequenas particularidades; não procureis, no entanto, chamar a vós os detalhes que a lei confia aos vossos subordinados; contentai-vos de vigiar todos e de fazer cumprir a cada um os seus deveres.

«Eis, enfim, o último preceito: lembrai-vos a cada momento, meu filho, que não foi por vós que fosteis nomeado coronel, mas para bem do serviço e do regimento que vos confiaram; que a glória da Nação seja, pois, a vossa maior preocupação.

Se conseguirdes provar ao vosso regimento que estais animado por êstes sentimentos, cada um dos seus homens fará um dever, uma alegria de satisfazer os vossos desejos; obtereis uma glória pura, porque a merecêsteis; vereis a estima pública e os favores do rei irem ao vosso encontro e fareis, enfim, a felicidade de um pai que vos ama».

E termina assim a «Instrução» do marechal a seu filho.



# REMONTA NA --- --- IRLANDA

pelo Ten. Méd. Vet. PROSTES DA FONSECA



Pedem-nos algumas linhas sôbre a nossa recente viagem, em missão oficial, à Irlanda. É cedo, para escrever sôbre os cavalos comprados. Dizer que os julgamos muito bons, para, depois, muitas pessoas, não verem nêles aquilo que esperavam vir «de fóra», ou escrever que não são justamente aquêles que queríamos trazer por estas e aquelas razões, achamos descabido, por agora.

Limitar-nos-emos, a focar algumas impressões gerais, de conjunto, sôbre o meio que percorremos, sem pormenores descritivos que aborreçam, deixando para mais tarde, desiludidos ou não, idéas mais precisas sôbre os cavalos comprados, debaixo da principal função para que os adquirimos — saltadores.

Trabalhámos com a consciência de cumprir. O futuro trará ensinamentos sôbre o resultado real da nossa tarefa.

Que se venha a confirmar a confiança que depositaram em nós, é a nossa única ambição.

\*

Começaremos por afirmar que é temeridade alguém viajar por aquelas paragens nórdicas, sem se fazer compreender perfeitamente pelos amáveis e simpáticos habitantes daquelas regiões.

## Revista da Cavalaria

Se não fóra a fidalguia natural e a correcta pronúncia com que o Marquês do Funchal chefiou a missão, dando-lhe tantas vezes um cunho diplomático, muito difícil seria negociar com os irlandeses, homens de cavalos, acima de tudo, que se sabem portar como «gentlemens», mas falando sempre e sòmente, a sua língua.

Para nada serviria a verdadeira admiração que o capitão Marquês do Funchal e o Capitão Helder Martins lhes deixou, montando e saltando todos os cavalos apresentados, nem as nossas perguntas talvez um pouco indiscretas, em terras estranhas, sòbre assuntos da nossa especialidade, que queríamos desvendar.

É de tódo útil o conhecimento da língua, desde a necessidade absoluta de criar as relações indispensáveis ao bom seguimento do negócio, até à observação e perfeita compreensão de algumas conversas que interessem à missão que vamos cumprir, sempre cheia de espinhos e horas ingratas. Tanto pensamos assim, que desde logo projectámos ampliar os nossos conhecimentos de inglês, o que fazemos já, com a melhor vontade de tirarmos o maior proveito e dar o máximo rendimento, noutra missão, desta natureza, que porventura volte a ser-nos confiada.

O cavalo e o cão, na Irlanda, ocupam quási por completo as atenções gerais e a vida cotidiana. O dia de sábado é consagrado às corridas de cavalos, como tódas as noites às corridas de galgos.

Desloca-se meia população de Dublin para o *Phanix Park Races* ou para o *Leopardstown-Club*, não utilizando, por principio tradicional, meios automóveis modernos, mas carros de cavalos, dos mais variados e interessantes modelos, ou bicicletas, meio de condução muito utilizado nesta cidade.

Os campos de corridas, de uma formosura natural, são lindamente arranjados, no pormenor, pelo homem. Possuem todos casas de chá e de almoço, sendo muitas as pessoas que se dirigem, de manhã, para o campo, onde almoçam.

A «Ilha Verde» é admirável por se encontrarem aí mil lugares que se prestam aos desportos favoritos dos irlandeses. É em planícies lindas, de verdura, onde se abrem as largas e múltiplas pistas para cavalos ou cães que, aquela gente doida de

## Revista da Cavalaria

entusiasmo e arriscando muito dinheiro, incita e aplaude os seus favoritos, discutindo, combinando e procurando adivinhar os possíveis e complicados planos, feitos entre o «jockey» e o proprietário...

Todos discutem cavalos, todos conhecem as famílias do *Path of Glory* ou do *Sweet Peach*, favoritos de uma tarde. O amor ao cavalo, anda em ligação íntima com o interesse pelo negócio, mas verificámos, que, neste ponto, o irlandês negoceia afectivamente com o cavalo.

O cavalo é bem tratado, cremos, primeiro por educação, por amor, depois, por interesse.

É grave montar um cavalo de esporas, como é desagradável, para um proprietário irlandês, ver fazer uma festa que se assemelha a pancada num dos seus cavalos. Este país, onde o cavalo é tratado por «boy» e a égua por «lady», devia ser visitado por muitos oficiais de cavalaria e médicos veterinários. Adquire-se o verdadeiro culto pelo nobre animal com quem privamos diariamente, aprende-se a dar-lhe os cuidados e a importância a que tem jús, pelas suas múltiplas funções na vida do homem.

O irlandês, nunca faz deslocar um cavalo para o mostrar ao comprador. Mostra-o na sua pastagem, ainda que para tal se tenham de percorrer algumas milhas, em relva úmida, como tantas vezes nos sucedeu. Tirar o animal do seu «habitat» natural — a pastagem — parece desconsideração grave feita ao «thoroughbred». Depois de o procurarmos na sua pastagem, sim, podêmos então trazê-lo para outro campo, para a estrada, mas procurando sempre as suas comodidades.

É claro, que outras razões se avolumam, por vezes, para seguir, como táctica de negócio, este procedimento, por motivos que havemos de focar num próximo artigo.

A maneira como os irlandeses acostumam os seus cavalos a receber as pessoas dentro dos seus «padocks» é admirável.

A docilidade do cavalo irlandês, deve-se, sem dúvida, à forma carinhosa como os homens desta ilha o tratam. Recordamo-nos de, certa manhã, entrarmos nos Campos de «Goff's Bloodstock Sales» onde estão instalados 90 «boxes», com cais de caminho de ferro privativo e transporte automóvel, para cavalos, assegurado, pois deparou-se-nos um espectáculo deveras interessante: raparigas e rapazes tratavam os seus

## Revista da Cavalaria

favoritos, prodigalizando-lhes os maiores mimos, num ambiente hípico de encantamento. Êste recinto encontra-se muito próximo do campo de concursos hípicos de Ball's Bridge, explorado pela «Royal Dublin Society», onde se realizam com muita freqüência competições desportivas entre «jumper's» de categoria.

Ê também para notar a forma como os irlandeses organizam estas provas. Apesar da muita «aficion» que dedicam aos espectáculos de cavalos, amenizam-nos, ainda, por meio de provas pequenas e variadas. Fazem, por exemplo, uma prova de obstáculos, em que entram, em conjunto, cavaleiros e amazonas, seguida de uma apresentação de carros de «ponays» ou de «cubs», isto entremeado por uma gincana com «musical chais», para crianças. Junto ao campo de obstáculos encontrava-se aberta uma formosíssima exposição de flores, havendo uma interessante casa de chá, onde a melhor sociedade de Dublin se reunia. E esta organização é semelhante nos vários concursos particulares, feitos em campos improvisados, a que assistimos também.

Ê pena que, entre nós, não se possa seguir semelhante critério na organização dêstes «certames», tornando-os mais atraentes para o grande público.

Quem não se aborrece, além das familias dos concorrentes e dos «carolas» inveterados, de assistir a uma «Omnium» realizada no Campo Grande, com uma centena de cavalos a correr igual percurso, na mesma tarde?

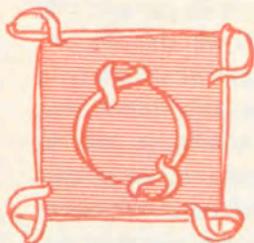
Estas linhas não são de crítica aos nossos costumes e, muito menos, de censura àquêles que trabalham na organização dêstes «certames». Não queremos, também, trazer idéias novas a tantos que conhecem de fora o suficiente para não precisarem de nos lêr, mas contamos os factos tal e qual os verificámos, num país hípico cem por cento.

Procederão os irlandeses assim, para cativarem os entusiastas de cavalos, ou teriam conseguido tantos entusiastas justamente por êste processo? Julgamos que a segunda hipótese corresponderá à realidade. Ê para lamentar que o nosso meio hípico não se preste para fazer outro tanto.

Num próximo artigo faremos algumas considerações sôbre *O Cavalo Irlandês*.

# VENCIMENTOS

pelo Capitão SERPA SOARES



Os vencimentos dos militares profissionais têm uma função caracterizadamente higiênica — com efeito, as compensações (asseio pessoal, vestuário, alimentação e alojamento) para os profissionais militares são supridas directamente por iniciativa individual dos interessados, de modo que, como princípio, os vencimentos têm de corresponder, no mínimo, ao equivalente daquelas necessidades — «trocar as necessidades por patacos».

Se bem que o caso seja claro e não ofereça dúvidas, o que é certo é que entre nós os vencimentos têm sido fixados por critérios normalmente arbitrários, geralmente deduzindo-os das possibilidades financeiras — mas não considerando nunca aquela evidência acima referida: *os vencimentos são a reversão das compensações higiênicas.*

Além do suprimimento daquelas necessidades, que são de natureza fisiológica, é ainda preciso — e precioso — que o militar profissional possa corresponder às suas necessidades de ordem profissional (aquisição de livros, de instrumentos e material de estudo e de aplicação militar, visitas e viagens de estudo, assinaturas de revistas, etc.) e às de ordem social (apresentação civil, isenção e independência material, manutenção própria e de sua família no nível devido, etc.)

Tal estudo não é aqui apresentado com o detalhe com que tem de ser feito (e com o qual o fizemos, para nos ser possível apresentar apenas o seu resumo); o que aqui interessa é fixar o quantitativo-base dos vencimentos dos profissionais militares, calculando o equivalente daquelas neces-

## Revista da Cavalaria

sidades que a profissão lhes impõe — isto de acôrdo com a chamada *lei de bronze*, lei do domínio, da economia-política, que fixa *que o salário deve, no mínimo, corresponder às necessidades impostas ao trabalhador pela natureza do trabalho prestado.*

### Bases do vencimento

O vencimento em numerário tem de ser expresso em moeda corrente no País; mas as constantes oscilações dos preços de realização das diversas compensações não nos permitem afirmar a justeza de tal critério, tornando-se absolutamente necessário que as organizações estatísticas, sabedoras dos preços dos vários géneros e tarefas, elaborem continuamente tabelas actualizadas dos valores do «custo da vida», de forma a saber-se a todo o momento qual a percentagem de aumento ou diminuição daquele custo em relação a um determinado valor-base, no qual seriam expressos os vencimentos dos não-produtores, assim se conseguindo que tais vencimentos estivessem sempre em concordância com o referido «custo da vida».

Trata-se de um problema económico-social de ordem geral, muito debatido, mas para o qual parece que ainda não foi achada solução satisfatória (a organização nacional-socialista da Alemanha afirma ter achado a resolução do problema, instituindo os «preços nacionais» dos géneros e tarifas, o que é, evidentemente, um progresso muito apreciável, se bem que só realizável em regime de totalitarismo absoluto, o que, por si próprio, tem notáveis desvantagens económicas, que levaram a Alemanha à «necessidade» de fazer a guerra — como ela própria o confessa).

Há economistas que propõem tomar como base o valor da unidade de venda (quilograma, entre nós) do género essencial — o trigo; outros propõem o valor fixo ouro — o padrão mundial esterlino; a segunda solução vem colocar os produtores de ouro nas mesmas condições de extraordinário privilégio em que ficaria colocado o individuo que pudesse fabricar livremente moeda falsa. A primeira solução, que favoreceria

## Revista da Cavalaria

os produtores fáceis de trigo, não pode ser utilizada entre nós, porquanto, o preço do trigo não acompanha as flutuações do mercado geral, pois está cativo de disposições que o fixam inalteravelmente.

Em tais condições, nós temos de tomar aqui, como padrão, o actual valor do escudo em género ou tarefa, na data em que nos encontramos (Março de 1942).

Conforme enunciámos, o vencimento em numerário é o meio de satisfação das necessidades inadiáveis do militar profissional, a supor sem fortuna pessoal; vimos que tais necessidades podem ser agrupadas em *imposições fisiológicas*, *imposições profissionais* e *imposições sociais*.

*Imposições fisiológicas* — Indicámos como imposições fisiológicas as relativas a *asseio pessoal*, a *vestuário*, a *alimentação* e a *alojamento*.

Estas necessidades são relativamente constantes de indivíduo para indivíduo, de forma que se nos torna mais fácil fazer o cálculo para o indivíduo isolado habitando em hotel conveniente; toma-se para base de cálculo o mínimo pôsto (Furriel e Alferes), sem quaisquer obrigações de família.

Em tais condições, o valor da diária em vigor, nesta data, entre nós (calculada pela média dos diversos preços obtidos, em diversos pontos do País e em várias categorias de estabelecimentos, incluindo as messes constituídas pela Manutenção Militar — num total geral superior a duzentos e cinquenta valores, recentemente solicitados), regula por cerca de 25\$00, o que origina uma despesa mensal de 750\$00, na qual se engloba o conjunto alimentação e alojamento, e parte dos gastos em asseio pessoal.

Uma prolongada observação permite-nos fixar em cerca de 50\$00 mensais as despesas restantes a haver com o asseio pessoal — sabões, apetrechos para barbear, cortes de cabelo, desinfectantes e loções, objectos e roupas de toilette pessoal, etc.

Partindo das tabelas de duração dos artigos de vestuário em uso no Exército e das diversas dotações estabelecidas, e tomando como base os preços actuais de tais artigos no mercado (qualidades médias, adquiridas no armazém), tendo em

## Revista da Cavalaria

atenção a função social do vestuário e calçado e os planos de uniformes em vigor, verificámos que as compensações relativas a vestuário e calçado equivalem a 300\$00 mensais (achámos, em rigor, 308\$90).

Desta forma, poderemos orçamentar em 1.100\$00 o valor total compensador das imposições fisiológicas que impendem por mês sobre «o alferes solteiro, sem obrigações de família».

Relativamente aos graduados, uma vez estabelecida a diferença de categoria de hotel e a que deriva do plano de uniformes regulamentar, verificámos, por cálculos semelhantes, que o valor das compensações relativas ao «furriel solteiro, sem obrigações de família», regula por cerca de 700\$00 por mês (rigorosamente 689\$40).

*Imposições profissionais* — A profissão militar, eminentemente selectiva e constantemente em evolução técnica, exige um estudo permanente causador de despesas, que o vencimento tem de prever e prover.

Essas despesas são variáveis com a função a desempenhar, podendo estabelecer-se quatro escalões diferentes — o dos Officiais Generais e do Estado Maior, o dos Officiais das Armas e dos Serviços, o dos Officiais dos Serviços Auxiliares e o dos graduados (poderíamos dizer, respectivamente, o dos Officiais gerais, o dos Officiais especializados, o dos Officiais auxiliares e dos graduados).

Feitos com todo o detalhe os cálculos necessários, bastante longos para serem aqui reproduzidos, verificámos que a cada um daqueles escalões corresponde, respectivamente, uma despesa mensal de 600\$00, de 400\$00, de 250\$00 e de 100\$00; são estes os valores que adoptaremos.

*Imposições sociais* — As imposições sociais da profissão militar têm sido muito diversamente apreciadas — mas, em tal apreciação, nunca devemos esquecer que, em última análise, o militar profissional tem de ter sempre a possibilidade de, fora do seu «Comando», continuar a ser um «Comandante».

A apresentação civil do militar profissional tem de ser, portanto, comparável à melhor apresentação que a sociedade

## Revista da Cavalaria

civil registe; a isenção e a independência material do militar profissional tem de ser a mais completa — só comparável à dos Juizes Togados; e a aspereza da vida militar, a violência do que ela impõe aos seus subordinados, e o risco permanente em que estes vivem — tudo são factores que obrigam a Organização a proporcionar aos seus profissionais os meios de diversão necessários e suficientes para lhes permitir uma disposição espiritual compatível com as delicadas funções a desempenhar.

Realizados os precisos cálculos, com a maior exactidão possível e procurando o melhor rigor, verificámos que as imposições sociais que impendem sobre o «Alferes solteiro, sem obrigações de família, podem ser orçamentadas em 500\$00 por mês; e, por forma comparável, que as respeitantes ao «Furriel solteiro, sem obrigações de família», regulam por cerca de 200\$00 mensais.

O vencimento proporcional aos encargos é uma tendência social actual; é lógica, é justa, é necessária e é indispensável. E é, sobretudo, urgente, extremamente urgente. Entre nós adoptou-se a providência legal negativa — condicionando o casamento dos militares profissionais em condições tais que uma filha de um militar profissional não pode vir a casar com outro militar profissional, a não ser que haja de permeio uma fortuna que vem mercantilizar o enlace; deve dizer-se que há países em que tal medida se adopta, mas tem de referir-se que, em tais países existe o hábito de dotar as nubentes — sendo as dificuldades materiais da família, em determinados casos, supridas pelo Estado, que reconhece isso como uma obrigação que lhe corresponde e não como um auxílio que generosamente presta.

Depois de observações cuidadas que realizámos em vários meios e classes sociais, durante alguns anos (principalmente no Alto Alentejo), julgámos que o acréscimo de despesas que advém a um homem, pelo casamento, é de cerca de 40 a 50<sup>0</sup>/<sub>0</sub> das suas despesas totais como solteiro; para as profissões militares podemos estabelecer 40<sup>0</sup>/<sub>0</sub> para os graduados e 50<sup>0</sup>/<sub>0</sub> para os Officiais. Por cada filho, ou pessoa de família a seu exclusivo cargo além da espôsa, o vencimento-base (de solteiro) deverá ser acrescido de 10<sup>0</sup>/<sub>0</sub> a 15<sup>0</sup>/<sub>0</sub> — valores mínimos.

# Revista da Cavalaria

## Fixação do vencimento

Reunindo os mínimos anteriormente mencionados, verificámos que o quantitativo correspondente ao «Alferes solteiro, sem encargos de familia» é de 2.000\$00 para os técnicos especializados e de 1.850\$00 para os técnicos auxiliares; para o «Furriel simples» o vencimento mensal é de 1.000\$00.

Fazendo agora o necessário escalonamento, obtemos a seguinte relação de valores mensais:

Graduados	«Simples»	Casados, sem filhos	Por cada filho ou pessoa a seu exclusivo cargo: 10% do vencimento «simples».
Furriel . . . . .	1.000\$00	1.400\$00	
2.º sargento . . . . .	1.250\$00	1.750\$00	
1.º sargento . . . . .	1.500\$00	2.100\$00	
Sarg. Ajudante . . . . .	1.750\$00	2.450\$00	

Oficiais	«Simples»			Casados, sem filhos			Por cada filho ou pessoa a seu exclusivo cargo: 10% do vencimento «simples».
	Gerais	Especial.	Auxil.	Gerais	Especial.	Auxil.	
Alferes . . . . .	—	2.000\$00	1.850\$00	—	3.000\$00	2.775\$00	
Tenente . . . . .	2.450\$00	2.250\$00	2.100\$00	3.575\$00	3.375\$00	3.150\$00	
Capitão . . . . .	2.700\$00	2.500\$00	2.350\$00	3.950\$00	3.750\$00	3.525\$00	
Major . . . . .	2.950\$00	2.750\$00	—	4.325\$00	4.125\$00	—	
Ten.-Cor. . . . .	3.200\$00	3.000\$00	—	4.700\$00	4.500\$00	—	
Coronel . . . . .	4.200\$00	4.000\$00	—	6.200\$00	6.000\$00	—	
General . . . . .	6.000\$00	—	—	7.500\$00	—	—	

São estes, de facto, os valores actuais das compensações necessárias; e verificámos simultaneamente que, de tais valores — precisamente correspondentes àquelas compensações — não podem ser deduzidas ou deslocadas, seja a que título fôr, quaisquer parcelas, porquanto isso iria traduzir-se na falta de possibilidade de satisfação de algumas das imposições referidas.

Sob tal ponto de vista, recorde-se que o aspecto social (higiênico-social) da profissão militar e, sobretudo, a sua essência selectiva, exigem a instituição do pagamento dos

## Revista da Cavalaria

vencimentos citados para além da prestação do serviço, a todos os indivíduos segregados por nela se terem incapacitado por acidente fortuito ou por demasiada permanência, e aos que dela forem involuntariamente irradiados, por necessidade própria da Organização (renovação de quadros, reorganizações, etc.); mas tal pagamento não pode ser feito à custa dos valores mencionados porque, repetimos, eles representam o total das compensações higiénicamente indispensáveis (lei de bronze); o vencimento para além da prestação do serviço e, em casos especiais, a educação completa dos filhos órfãos e as pensões das viúvas dos militares profissionais, constituem obrigações strictas da Organização, a menos que esta inclua, nos vencimentos que paga, o suficiente para a constituição das rendas necessárias àquêles efeitos — como, porém tais casos são a excepção, mais vantajoso é para a Organização chamar a si êsse dever, nesses casos, do que pagá-lo, indistintamente, em todos.

Diga-se, porém, que tal problema é de ordem geral, sendo actualmente encarado sob os dois aspectos de seguros sociais e de pensões na invalidez e na velhice.

E, quanto ao resto, fixe-se que se «um Exército vale o que valem os seus quadros», êstes valem aquilo que a Organização os faz valer — concretamente falando; se a Organização avalia em quantitativos mínimos o valor dos seus quadros, êstes... só podem corresponder ao valor mínimo que lhes é atribuído; e se as imposições do «custo da vida» são superiores a essa estimativa feita pela Organização — os quadros deslocar-se-ão da sua função, irremediavelmente. A partir de tal momento, o Exército, na sua verdadeira acepção, deixa de existir, porque a Organização praticou o maior delicto do fóro higiénico — não satisfaz as compensações, não pode exigir os esforços.



# Jornaes revistas livros

## «Logística do Serviço de Subsistências»

### I — Alimentação em campanha

pelos Cap. MANUEL DOMINGOS  
Ten. VASCO MARTINS

Temos presenté a primeira parte do livro «*Logística do Serviço de Subsistências*», que trata da alimentação em campanha, publicado pelos oficiais do S. A. M. capitão Manuel Domingos e tenente Vasco Martins.

Prefacia o livro o professor Major Luiz Pinto, que depois de fazer lisonjeiras referências aos seus autores, começa por dizer «que o trabalho que aparece a público é o primeiro de uma série que os autores se propõem realizar, trabalhos êstes subordinados à idéia de orientar os estudiosos, na unidade de doutrina em que se deve basear o nosso difficil e complicado Serviço de Campanha».

O importante assunto que os autores se propõem tratar, encontra-se inteligente e metòdicamente ordenado, e a seqüência dos vários capítulos em que o trabalho se divide obedece lògicamente à preocupação que os mesmos tiveram de ordenar os conhecimentos, partindo da origem para a finalidade.

Compreende o livro seis capítulos:

- Capitulo I*: Generalidades. Importância de uma boa alimentação. Viveres. Principais gêneros utilizados na alimentação; sua utilização.
- Capitulo II*: Tentativas e ensaios postos em execução por alguns exércitos estrangeiros na presente Guerra Mundial. Alimentação no nosso exército. Rações para homens e solipedes. Viveres à disposição das tropas. Alimentação durante a mobilização e movimentos de concentração. Alimentação na zona de concentração. Alimentação durante as operações e em pleno combate.

# Revista da Cavalaria

*Capítulo III:* Origem dos recursos destinados à alimentação das tropas em campanha. Meios de obter em tempo de guerra os recursos necessários ao Serviço de Subsistências. Armazenagem e conservação de viveres e forragens nos depósitos. Pesagem, medições de viveres e forragens. Carregamento e descarregamento de viaturas. Fraudes e deteriorações. Protecção dos alimentos e da água contra os gases de guerra. Géneros de cantina. Origem e obtenção dos recursos para o fabrico de pão. Origem e obtenção dos recursos para o abastecimento de carne. Combustíveis sólidos.

*Capítulo IV:* Introdução. Mecanismo geral do reabastecimento de viveres e forragens. Pedidos de reabastecimento. Pontos de irradiação e de refinação.

*Capítulo V:* Locais de distribuição — distribuição de géneros e forragens às unidades. Órgãos de distribuição.

*Capítulo VI:* Confeccção dos alimentos. Utilização das cozinhas. T. C. 2.

Fazemos uma especial referência à 1.<sup>a</sup> parte do Capítulo II, em que são feitas interessantes e oportunas transcrições de algumas revistas estrangeiras, sobre detalhes de processos de alimentação postos em execução durante a actual guerra mundial pelos exércitos em luta. Neste capítulo são tratados os «*produtos de substituição*» utilizados no exército alemão, e os «*alimentos de algibeira*» em uso no exército norte-americano e inglês.

Da leitura deste capítulo imediatamente se conclui encontrarmos-nos em presença de profunda remodelação de métodos, quanto à forma de alimentar os modernos exércitos em campanha.

Adentro de cada capítulo os assuntos são expostos em prosa agradável, conseguindo prender a atenção do leitor, mesmo quando este não seja técnico do S. A. M.

Se o livro é destinado pelos autores, principalmente àquêles que têm interferência directa na alimentação das tropas, nós acrescentaremos que êle deverá ser lido por todos os oficiais das armas, porque da sua leitura resultará, por uma forma agradável, a recolha de preciosos ensinamentos acerca do básico problema da alimentação das tropas em campanha.

Os autores conseguiram cumprir completamente e com brilho a missão que a si próprios se impuzeram, de divulgar no nosso meio militar os elementos de estudo necessários para se ajuizar da forma como é feita em campanha a alimentação das tropas, prestando com a publicação do presente trabalho, um grande serviço aos camaradas de tôdas as armas e serviços, visto terem conseguido reunir num livro de fácil leitura o que se encontrava espalhado por vários livros e revistas da especialidade, desconhecidos do público militar.

A *Revista da Cavalaria*, fazendo votos pelo breve aparecimento a público do prosseguimento de obra tão felizmente iniciada, felicita os autores pelo êxito do trabalho apresentado.

A. S.



# Actualidades Gráficas

Aspecto da actividade do Exército inglês  
na campanha da Itália



*Moderno carro de combate britânico desembarcado nas costas italianas*

## O 8.º Exército na campanha da Itália



*Fôrças motorizadas do 8.º Exército na campanha da Itália*



*Novo material de artilharia britânica do 8.º Exército, em posição, na campanha da Itália*

## Nova arma anti-carro americana



*Dois soldados americanos demonstram o manejo do «BAZOOKA», nova arma anti-carro do Exército americano. O soldado da retaguarda carrega a arma, que é apontada e disparada pelo seu camarada ajoelhado*

## Experiência da nova arma anti-carro americana

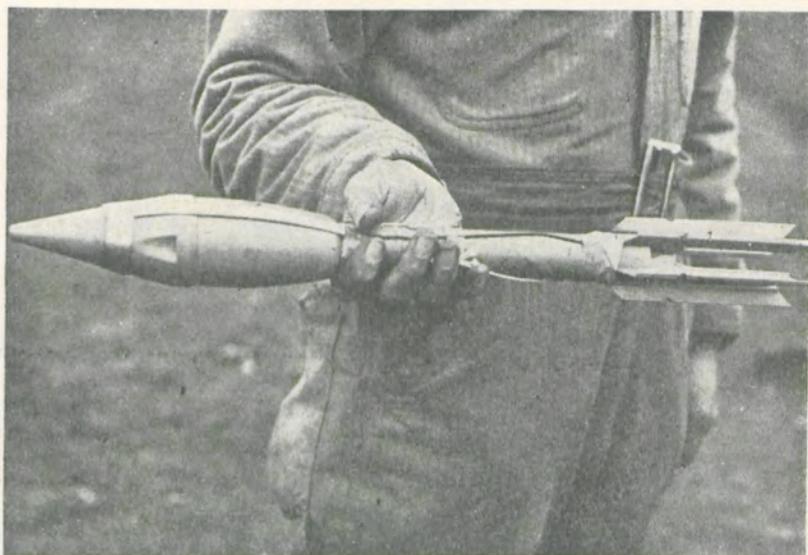


*Esta fotografia foi tirada num campo de experiências no momento de disparo do «BAZOOKA», observando-se o fumo e a chama que saem pela retaguarda da arma. Esta arma, cujo manejo exige geralmente dois homens, pode também ser manejada apenas por um*



*A fotografia mostra o «BAZOOKA» disparando em posição oblíqua*

## Moderno material americano



*Projectil do «BAZOOKA»*



*Soldados norte-americanos procedem a uma demonstração do emprêgo de uma nova granada anti-carro. Esta é semelhante ao projectil do «BAZOOKA», mas de dimensões mais reduzidas*

## Aspectos da actividade dos Exércitos em luta



BRASIL — Num centro de instrução do Brasil, soldados de artilharia de costa recebem instrução com a nova peça de 152<sup>mm</sup> de fabricação americana



ITÁLIA — Desembarque de tropa motorizada americana numa praia italiana. Ao fundo observam-se tractores pesados destinados especialmente à construção de campos de aviação de emergência

## Moderno material do Exército alemão

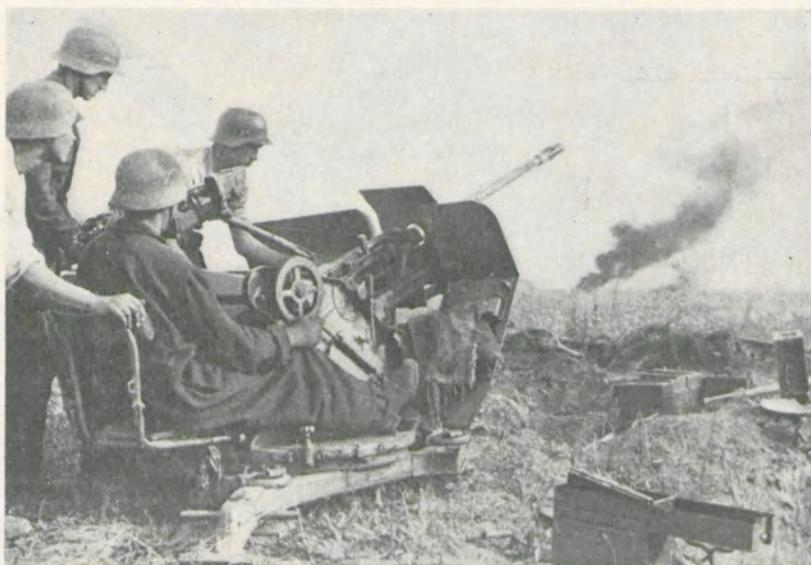


FRENTE LESTE — *A figura mostra um novo modelo de «lança nevoeiros» que tem sido largamente utilizado pelo Exército alemão*

FRENTE LESTE — *Novo modelo de obuz pesado, em uso no Exército alemão*



## A D. C. B. e a D. C. A. alemã

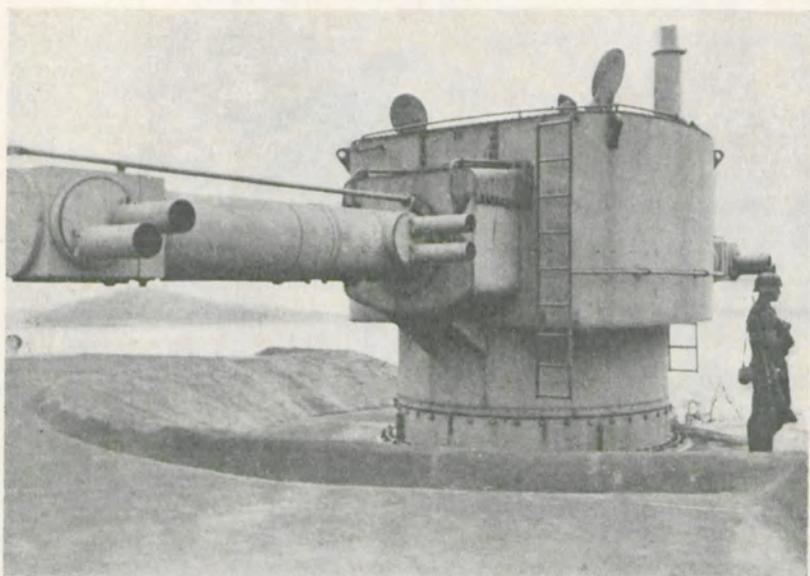


FRENTE LESTE — *A figura mostra uma moderna peça ligeira da D. C. A. alemã, depois de ser abatido um avião inimigo que arde no horizonte*



ITÁLIA — *Canhão de D. C. B. pesado alemão, em acção na campanha da Itália*

## Moderno material dos Exércitos em luta



*Telémetro da defesa costeira alemã do extremo Norte*



*Carro de combate pesado russo, capturado pelas tropas alemãs*

## Moderno material alemão



*O novo modelo de carro anfíbio do Exército alemão, deslocando-se em terra*



*O novo modelo de carro anfíbio do Exército alemão, deslocando-se através de um lago*

## A MOTORIZAÇÃO DOS EXÉRCITOS

iniciada timidamente na guerra europeia, é hoje a  
base do seu poder ofensivo

- A sua presença no campo de batalha foi um dos recursos para que apelaram os contendores para anular a metralhadora.
- Depois da guerra de 1914-1918, cada país estudou a sua motorização segundo os planos ofensivos e defensivos que elaborara.
- Nenhum exército moderno pode prescindir da motorização das suas unidades se quere lutar em igualdade de condições.



Logo que apareceu, o automóvel passou a fazer parte integrante dos exércitos. As suas aplicações militares foram, nos primeiros tempos, muito reduzidas. Quási que só se utilizava na retaguarda, como meio de ligação e transporte de víveres, munições ou material, isto é, com carácter meramente logístico, complementar do caminho de ferro.

Quando se iniciou a campanha de 1914-1918, o número de automóveis de que dispunham as forças armadas dos diversos países europeus era muito reduzido, e mesmo que tenha sido prevista a sua utilização no combate, a idéia, se a houve, não chegou a ser posta em prática, pois os beligerantes, que entraram no conflito desconhecendo, ou pouco menos, a enorme potência defensiva da metralhadora e o valor decisivo da fortificação de campanha, não se preocuparam em preparar um meio de ataquê capaz de destruir aquê engenho de guerra que, assente em abrigos ligeiramente protegidos e coberto por sistemas de defesas acessórias mais ou menos profundos, reinava de facto no campo de batalha.

Pelos fracassos da Infantaria nos seus intentos, sempre que chocava com uma linha de resistência medianamente estabelecida, mas dotada de armas automáticas, destinou-se ao canhão a missão de destruir a metralhadora e as obras de fortificação, nas quais aquela ocupava os principais lugares. Começa assim o período das grandes preparações de artilharia, que exigem um consumo fantástico de munições e que pulverizam as

## *Revista da Cavalaria*

posições do adversário, e o motor adapta-se então ao campo tático: do lado do assaltante, para transportar o mais para junto possível das baterias os milhares de toneladas de projecteis necessários; do lado do defensor, para deslocar rapidamente as suas reservas até junto do sector atacado, a fim de tapar as brechas, restabelecendo, mediante ligeiras inflexões, a continuidade da frente. O atacante podia progredir umas centenas de metros, se bem que difficilmente, através do terreno batido pelo fogo do canhão. — «A Artilharia conquista e a Infantaria ocupa», — dizia-se — mas voltava a ser detido depois pelo tiro de flanco das armas automáticas que se mantinham nos flancos da bolsa produzida na frente inimiga e pelo das estabelecidas numa nova linha de resistência.

### *A presença do motor no campo tático*

Durante os 4 anos de guerra estabilizada, os contendores realizaram esforços constantes para compensar o desequilíbrio entre os meios de ataque e a defesa; e se no final da campanha o conseguiram em parte, recorrendo ao carro de combate, que, graças à sua couraça, podia deslocar-se livremente sobre o campo de batalha sem temer o tiro das metralhadoras, o novo meio não chegou a ser experimentado em grande escala e os seus resultados não foram de todo convincentes.

Disso o impediu a assinatura do armistício, que a Alemanha teve que aceitar, uma vez esgotada a sua capacidade de resistência, mais pelos efeitos do bloqueio e convulsões interiores do país que pela acção militar dos seus adversários que não chegaram a combater sobre solo alemão.

### *O carro de combate depois de 1914 — 1918*

Terminada a campanha, os Estados Maiores dos diferentes Exércitos julgaram de maneiras diferentes das possibilidades do carro de combate. Para os franceses, particularmente, era unicamente uma plataforma móvel blindada que dispunha de uma arma apta para destruir as metralhadoras inimigas. O motor, de que o engenho estava então dotado passava, em tal conceito, a segundo plano, isto é, utilizava-se o serviço de um elemento de fogo couraçado, mas não em benefício da manobra. Pesava demasiado nos espíritos a recordação da fortaleza defensiva das linhas estabilizadas durante muitos meses. Os terrenos eriçados de carris; as gigantescas puas de ferro encastradas em fortes bases de cimento; os fossos e canais; os cursos de água e as cortaduras de terreno são obstáculos intransponíveis, dizia-se, para o ataque. Além disso, as novas peças anti-carro eram de tal modo rápidas, precisas e potentes, que, frente a elas, escalonadas em profundidade, os carros estavam condenados a um fracasso.

## *Revista da Cavalaria*

Assim não era de estranhar que, suggestionados por estas idéias, os Comandos Superiores de alguns Exércitos europeus não se mostrassem excessivamente partidários do emprêgo em grande escala dos veículos blindados e que as doutrinas das Escolas de Guerra respectivas reflectissem a mesma opinião.

Aceitava-se, sim, que o ritmo do combate sofreria uma aceleração; que os prazos de espera entre uma e outra fase da luta (aproximação, contacto, ataque e perseguição) seriam mais curtos; que a defesa contra os tanques devia ser cuidada em todos os dispositivos de marcha ou repouso, qualquer que fôsse a atitude de, ofensiva ou defensiva, das colunas... etc., mas a tática, na opinião da grande maioria, continuaria sendo, na sua essência, a mesma.

### *Diferentes pontos de vista doutrinários*

Existia, além disso, outra razão importante para que os países que logo iam agrupar-se nos dois blocos contrários actuais examinassem o problema da motorização em relação com a organização das suas forças armadas, desde pontos de vista diferentes.

Para a França e Estados satélites, tratava-se de conservar as posições que lhe permitiam manter a política do cerco de Versalhes. Com esta segurança e o bloqueio, que era sua consequência, os seus adversários não podiam aspirar a uma acção militar que compromettesse a supremacia do lado franco-inglês na Europa. A guerra de movimento não era necessária. Bastava-lhes aplicar uma estratégia estática, de desgaste, para logo, se fôsse conveniente, passar a outra manobra, que seria fácil contra um inimigo arruinado pelo esforço precedente.

Para a Alemanha, por outro lado, o problema era distinto. Se queria triunfar tinha que romper, a todo o custo, o cerco de ferro e cimento que a oprimia, pondo-se em contacto com o mundo exterior e conquistando com o tempo grandes extensões de terreno a fim de evitar o bloqueio e poder fazer frente às exigências muito dispendiosas de uma campanha. Para êle era-lhe necessário dispor de um instrumento de força nitidamente ofensivo que pudesse romper e procurar a fundo a vitória, e à sua constituição se applicaram os técnicos militares do Reich, estudando conscienciosamente os ensinamentos da guerra de 1914-18. A organização da Arma couraçada, cujo emprêgo desde 1939 se tem inspirado na tradicional estratégia alemã, que procura com a batalha de aniquilamento a destruição do inimigo, foi o resultado da tenaz investigação alemã.

A Inglaterra via o problema da sua organização militar de maneira distinta da França e da Alemanha. Talvez tenha sido o país onde teve mais adeptos a idéia de uma mecanização acentuada das forças armadas. A criação do «Royal Tank's Corps», Arma que, por nascer independente havia de adquirir maior valor e desenvolvimento que seguindo, como nos outros exércitos, subordinada à Infantaria; as grandes possibilidades

## Revista da Cavalaria

industriais britânicas; a riqueza nacional inglesa (a mecanização é cara) e, sobretudo, as necessidades de manter em ordem uma força muito móvel e potente também, mas de efectivos relativamente reduzidos, que assegurasse o poder e prestígio britânicos nas extensas Colónias e Domínios do Império, foram causas principais para que a Inglaterra criasse numerosas unidades mecanizadas e algumas divisões independentes, com uma acentuada tendência para procurar a maior velocidade possível dos engenhos automóveis, deixando para segundo plano a espessura das couraças e inclusivamente a potência das armas de fogo a bordo daqueles.

A Itália aliou-se com a entente durante a campanha de 1914-18. Vencedora com a França, dos Impérios Centrais, teve de sofrer, lógicamente, sobretudo nos tempos que se seguiram imediatamente à vitória, a influência da doutrina militar francesa. A sua ulterior política de expansão, que lhe exigia dispor de um elemento forte e rápido, fê-la entrar antes das outras potências no caminho da motorização. A sua campanha na Abissínia reforçou o novo critério, e, em 1938, o Exército contava já com várias Divisões motorizadas e rápidas, havendo já o projecto de conseguir uma superior mecanização das suas tropas de linha, parcial na Artilharia e integral nos serviços de tôdas as ordens. Há que notar, porém, que o E. M. italiano não reconheceu a verdadeira importância e eficácia das forças motorizadas até depois dos magníficos triunfos obtidos pela Alemanha contra a Polónia e França em 1939 e 1940, respectivamente.

Na Rússia, por último, o governo soviético decidiu construir um elemento bélico dotado de grande capacidade ofensiva, e deu forma prática à teoria da motorização mais avançada.

A doutrina da guerra russa preconizou sempre o emprêgo de grandes massas, procurando a máxima potência de choque para conseguir a decisão simultânea na maior extensão possível da frente. Essa idéa, que, por ser uma consequência directa dos grandes efectivos humanos disponíveis do país se manteve através dos tempos, adquiriu com o regimen bolchevista acentuado vigor. O motor ao serviço da massa produziria um instrumento destruidor que não teria rival no mundo. Resolvido o problema industrial com a cooperação de numerosos técnicos estrangeiros, o imenso Exército russo foi dotado em pouco tempo de milhares e milhares de veículos couraçados, de armamentos potentísimos e de uma organização táctica acertada, constituindo assim, não duvidamos ao afirmá-lo, a força material mais imponente que através dos séculos se tem conhecido, se bem que o «virus» comunista infiltrado nas suas fileiras e o escasso valor dos seus Quadros de Comandos tenham baixado de modo apreciável a sua eficiência militar.

### *Os exércitos modernos e a sua motorização*

Em resumo: a motorização, que se havia estendido mais ou menos a todos os Exércitos europeus antes de 1939, deu um passo decisivo no actual conflito. O motor, utilizado em grande escala no combate, alterou profundamente as velhas noções de tempo e de espaço na guerra; modi-

# Revista da Cavalaria

ficou radicalmente a fisionomia da luta armada, e apresenta, em combinação com as forças aéreas próprias e frente às do adversário, problemas táticos, de movimento, de abastecimento e de reparação de material cada vez mais complexos.

Os diferentes conceitos que existiam em algumas nações a respeito do valor das forças motorizadas, tendem hoje a unificar-se. Poderão mudar os nomes e o detalhe da organização das unidades automóveis; será discutível o grau de motorização que deva proporcionar-se ao Exército, mas as funções que hão-de desempenhar as unidades mecanizadas na guerra não podem desconhecer-se nem substituir-se. E visto que o assunto oferece grande interesse nos momentos actuais, estudaremos sucessivamente diversas questões relacionadas com a organização e emprêgo das forças motorizadas, a fim de precisar a sua influência no desenrolar da batalha moderna, da qual não desapareceram nem podem desaparecer, apesar de tudo, as formações chamadas «normais», isto é, o combatente apeado, que, em muitos casos, decide, com a sua intervenção, do resultado da batalha e que depois tem a missão, não só de ocupar, mas também de conservar o terreno conquistado.

Mundo — Março, 1943

*Tradução do CURSO DE CAVALARIA DA E. E.*





# OS CARROS E A INFANTARIA NAS DIVISÕES COURAÇADAS

pelo Ten. Cor. do E. M. José Angosto

## I

### Preliminares

**M**UITO se tem escrito nestes últimos anos sobre estas grandes unidades que, em estreita cooperação com as forças aéreas, conseguiram os êxitos fulminantes nas campanhas da Polónia e da França e que depois, uma vez passado o efeito da surpresa inicial, e uma vez devidamente organizada a defesa, passaram a ser um elemento a mais na luta, de uma grande importância, é certo, mas do qual já se não devem esperar os resultados iniciais; assim ficou demonstrado na Rússia e também em África (1).

Na Líbia, estas G. U. não conseguiram os resultados obtidos na Polónia e na França. As Divisões Couraçadas do Eixo opuseram-se as Divisões Couraçadas inglesas, e não existiu nunca por parte do Eixo, grande superioridade em meios couraçados e aéreos. Além disso, dadas as características especiais do referido teatro de operações, o problema dos serviços criou graves situações, e os êxitos obtidos não foram explorados convenientemente por dificuldades no reabastecimento.

Em 27 de Maio de 1941, por exemplo, os carros alemães não puderam explorar o sucesso e desalojar as tropas inglesas da passagem de Halfaya, por não terem chegado a tempo as colunas de reabastecimento.

A ofensiva do marechal Rommel, que leva as forças do Eixo, nos primeiros dias de Julho, à linha de El Alamein, é um exemplo admirável

(1) Este artigo é em parte baseado nas observações recolhidas pessoalmente pelo autor, na Líbia e na batalha que levou as forças do Eixo à linha de El Alamein.

# Revista da Cavalaria

da exploração do sucesso; porém, aquela foi possível graças ao abandono por parte dos ingleses, de consideráveis meios de transporte, depósitos de carburantes, material, víveres, vestuário, etc.

Ao estudar esta G. U. deve-se ter em conta que a sua organização muda constantemente. O tipo empregado nas campanhas da Polónia e da França é muito diferente do da África e da Rússia.

A composição da Divisão Couraçada deve corresponder — como é lógico — ao terreno em que deve operar. Assim, por exemplo, na Líbia, os Batalhões motociclistas que inicialmente faziam parte das Divisões Couraçadas do Eixo, encontraram-se na impossibilidade de realizarem missões de exploração, por serem pouco próprios para as marchas sobre pistas e terrenos desérticos, dando-se o facto de terem chegado as unidades motociclistas à zona a ocupar, depois das Baterias de Artilharia.

A acrescentar ainda que os ingleses empregavam auto-blindados muito velozes contra os quais se não deveria pretender lançar os motociclistas.

Assim, nestes terrenos, só como estafetas se utilizam os motociclistas, e apenas se atribuem um certo número no Comando da Divisão e nos Comandos Regimentais.

## II

### Organização das Divisões Couraçadas

Da leitura de diversos artigos sobre a organização das Divisões Couraçadas parece deduzir-se uma tendência quasi rara a atribuir-lhes um só Regimento de carros e um Regimento de Infantaria motorizada, e a considerar como normal que a Divisão disponha de dois Regimentos de carros e dois de Infantaria motorizada, para o que será conveniente reuni-los em Brigadas mistas, compostas por um Regimento de carros e um de Infantaria motorizada, e como é natural, dos elementos necessários para facilitarem a acção do comando (órgãos de exploração, transmissões, etc.); outros só consideram necessário na Divisão, além dos dois Regimentos de carros, um de Infantaria motorizada; bem entendido que neste tipo de Divisão se conta também com um Batalhão motociclista.

Em África, as Divisões do Eixo eram mais ligeiras do que as inglesas, não só na Divisão Couraçada como também na de Infantaria.

As Divisões Couraçadas italianas só dispõem de um Regimento de carros médios (algumas têm a mais um Batalhão de carros ligeiros), um Regimento de Infantaria e três Batalhões (um deles de engenheiros de acompanhamento e anti-carro), um Regimento de Artilharia, um Grupo de auto-blindados, um Batalhão misto de Engenharia e os serviços correspondentes.

## Revista da Cavalaria

A Divisão alemã compõe-se de um Regimento de carros, um Regimento de Infantaria, um Batalhão de armas anti-carro, um Batalhão ligeiro anti-aéreo, um Regimento de Artilharia motorizada, e um Batalhão de Transmissões.

A Divisão Couraçada inglesa é muito mais forte: dois Regimentos de carros a três Batalhões (dentro de cada Regimento parece que existe um Batalhão de Infantaria motorizada) e um Grupo de apoio, constituído por um Batalhão de Infantaria motorizada, um Regimento de Artilharia motorizada, um Regimento de armas anti-carro, um Regimento de Artilharia anti-aérea, um Grupo de auto-blindados a três Esquadrões, Engenharia e serviços.

O general italiano Adolfo Infante, especialista em problemas de mecanização e motorização, que foi adido militar, primeiro em Londres e depois em Washington, até à entrada dos Estados Unidos na guerra, e que durante certo tempo comandou em África a Divisão Ariete, num interessante artigo publicado recentemente na *Nazione militare*, dá-nos notícias muito interessantes sobre a organização da Divisão Couraçada norte-americana.

Os americanos, por terem sido os últimos a entrar na guerra, puderam aproveitar os ensinamentos recolhidos nos diferentes campos de batalha e na base desses ensinamentos organizaram esta G. U. da seguinte forma:

«A Divisão Couraçada tem como núcleo central um Regimento Couraçado (composto por três ou quatro Batalhões de carros de combate mistos) a que juntou todos os elementos necessários para desenvolver e levar a cabo um combate com um determinado objectivo estratégico. Existe assim um Batalhão de auto-blindados para a exploração, um Regimento de Artilharia mecanizada para apoio de fogos, um Regimento de Infantaria auto-transportado para ocupação de posições, um Batalhão de Engenharia motorizada, para os trabalhos do campo de batalha (principalmente os das vias de comunicação) e serviços vários, motorizados».

Na realidade não julgamos ser de grande importância o problema da Divisão dispor de um Regimento de carros e de um ou dois Regimentos de Infantaria; o primeiro pode ser vantajoso em alguns teatros de operações, tudo se reduzindo a ter mais Divisões. A composição normal destes Corpos de Exércitos especiais é de duas Divisões Couraçadas e de uma Motorizada.

Tanto pelo lado italiano como pelo alemão e inglês se tende para a constituição de Agrupamentos mistos, tendo por base um Batalhão de carros, um Batalhão de Infantaria, uma Companhia de armas anti-carro, um Grupo de Artilharia de assalto, além de unidades de exploração (auto-blindados), engenharia, unidades anti-aéreas e serviços.

A massa restante de artilharia, poderia neste caso, ficar na mão do Comandante da Divisão.

Poder-se-iam organizar três destes agrupamentos na Divisão Couraçada italiana, seis na Divisão inglesa (três em cada Regimento); ou seja em definitivo, a Divisão inglesa é equivalente a duas Divisões italianas, porém, a sua organização tende a ser a mesma. Tudo será melhor anali-

# Revista da Cavalaria

sado ao tratarmos das diferentes unidades que compõem a Divisão Couraçada.

Ainda que normalmente os Regimentos estejam organizados independentemente, constituem-se, para o combate, Agrupamentos mistos. Bem entendido que estes Agrupamentos constituídos quando se faz sentir a sua necessidade, podem resultar deficientes — no respeitante à coesão — no Comando; tal poder-se-ia evitar reunindo em exercícios combinados, nos períodos de instrução, todos os elementos citados.

Julga-se conveniente constituir estes Agrupamentos como Unidades orgânicas em substituição dos Regimentos. Poderia assim a Divisão contar com Agrupamentos mistos, aos quais se poderiam dar missões independentes e coordenar os seus esforços para a sua acção dentro da Divisão.

A tendência principal é a de fazer da Divisão Couraçada um todo homogêneo, organizando-a tendo em vista as características tácticas dos carros de combate, que constituem o seu elemento principal.

## III

### As Unidades de carros

#### a) *Os carros apresentados em África pelo Eixo e pelos Aliados*

Não se empregaram na Líbia carros tão pesados como na Rússia. Antes do período de operações anteriores à primavera e verão de 1942, o tipo de carro inglês mais pesado era o Mat-Hilda, Mark II de 26 toneladas. Este carro apareceu na Líbia pela primeira vez em Junho de 1941 como se poderá verificar pelas revistas daquela época. É um carro destinado a cooperar com a Infantaria, tendo como características uma forte couraça que atinge na parte da frente 80<sup>mm</sup>, uma velocidade média de 23 kms. e a escassa autonomia de 80 kms.; o seu armamento principal é uma peça de 40<sup>mm</sup>.

Parece que o VIII Exército tinha, no verão passado, um Regimento de carros deste tipo, dividido à razão de 1 Batalhão por cada Divisão de Infantaria.

Outro tipo de carro inglês era o Mark IV, especialmente destinado à manobra e ao combate. Este, porém, tinha mais velocidade: 50/60 kms.; porém, tinha uma couraça inferior, de 15 a 65<sup>mm</sup> conforme as partes do carro. Era de 18 toneladas e como armamento principal também tinha uma peça de 40<sup>mm</sup>.

Contra este tipo de carro, opunham os alemães o Maybach III, carro de extraordinárias condições, de 22 toneladas e um canhão de 50<sup>mm</sup> em

## Revista da Cavalaria

tôrre giratória, com a espessura de 60 70<sup>mm</sup> na parte da frente e 30<sup>mm</sup> nas partes restantes do carro.

O tiro é feito geralmente com o carro parado; porém, os M. IV fizeram-no também em movimento para a realização de uma barragem móvel a 3.000/4.000 metros à frente dos próprios carros.

O armamento dos carros ingleses era inferior ao dos carros alemães: 40<sup>mm</sup> contra 50<sup>mm</sup> e muitas vezes 75<sup>mm</sup>.

Trataram os primeiros de estudar a maneira de compensar esta inferioridade, visto os carros alemães poderem disparar fora do alcance dos carros ingleses; era, porém, um problema difícil de resolver e depois de uma grande propaganda, fez a sua aparição em Maio de 42, o carro americano M. 3, «Pilot» o «General Lee», servido por pessoal inglês; neste carro tinham os ingleses depositado grandes esperanças.

Pesa este carro 25 ton., tem a velocidade de 48 kms. sobre estrada e 19 fora dela e autonomia para 240 kms. Porém, a sua couraça é inferior à do M. B. III alemão. Tem por armamento uma peça de 75<sup>mm</sup>, 3 de 30<sup>mm</sup> e uma de 37<sup>mm</sup> anti-aérea.

Os italianos dispunham do carro M. de 14 ton. armado com uma peça de 47<sup>mm</sup> em torreta giratória com a vel. máxima em estrada de 30 kms. e de 13 kms. em terreno variado.

Este carro italiano era movido a óleos pesados se bem que se pensasse em adaptá-lo a gasolina.

O general italiano Adolfo Infante, no artigo já citado, fala-nos assim dos carros americanos:

«Em relação ao material, os teatros de operações de mais provável emprêgo no actual conflito (Rússia, Líbia e Médio Oriente) levaram os Estados Unidos a limitar os carros de combate a dois tipos:

— Um carro de combate ligeiro de 13 ton. com um canhão de 37<sup>mm</sup> em torreta central, uma metralhadora de 12<sup>mm</sup> e uma espingarda-metralhadora de 8<sup>mm</sup>; couraça de 20/30<sup>mm</sup>; velocidade sobre estrada até 80 kms; autonomia para 300/400 kms.

— Um carro de combate médio de 28 ton. armado com um canhão de 75<sup>mm</sup> em torreta central, duas metralhadoras de 12<sup>mm</sup> e duas espingardas-metralhadoras de 8<sup>mm</sup>; couraça de 40/60<sup>mm</sup>; velocidade sobre estrada até 60 kms; autonomia para 300 kms».

Todos os carros citados estão providos de estações de rádio. A tendência é para aumentar o calibre do armamento dos carros até ao canhão de 75<sup>mm</sup>.

### b) *Organização das Unidades de carros*

Em muitos artigos publicados em revistas profissionais italianas considera-se que a Divisão deve ter dois Regimentos de carros, um dos quais deve ser de carros ligeiros e outro de carros médios; outros opinam que cada Regimento de carros deve ter dois Batalhões de carros

## Revista da Cavalaria

médios e um Batalhão de carros ligeiros e que a Divisão deveria dispor, pelo menos, de duas Companhias de carros pesados para a acção contra obstáculos de particular importância.

Hoje há que ter em conta que vai variando o conceito da classificação de carros, segundo o seu peso, visto terem-se elevado os limites fixados para o carro ligeiro.

Na Líbia, o Regimento de carros italiano é de composição homogênea a três Batalhões; algumas Divisões contam com um Batalhão de carros ligeiros; em contra-partida, os alemães e ingleses, dentro do Batalhão, têm duas Companhias de tipo ligeiro e uma de tipo médio.

Dentro do Batalhão é útil esta combinação de carros, pois os mais pesados são aptos para o contacto e para resistir à acção da artilharia, enquanto os mais ligeiros, por exemplo, os carros cruzeiros ingleses, são mais adequados para a manobra.

Alguns Regimentos de carros têm uma Companhia anti-aérea de 20<sup>mm</sup> montada sobre camiões Spa.

Hoje, tôdas as Unidades de carros dispõem de estações rádio, que em geral são de dois tipos: umas de menor alcance de 3/4 kms em marcha e 8/9 em estação, para ligar o Batalhão com as Companhias; outras, de alcance até 30 kms, para ligar o Comando do Batalhão com o do Regimento.

Os Comandantes de Regimento ou Batalhão de carros, assim como os Comandantes e 2.<sup>os</sup> Comandantes de Divisão, devem dispor de um carro de comando que, apresentando as características de um carro vulgar, deve permitir o movimento fácil no interior da cabine de combate e o funcionamento dos postos de rádio. Em alguns casos adaptaram-se a êste fim, carros aos quais se tirou a torreta e, portanto, a arma principal, ficando só as metralhadoras da casamata, conseguindo-se assim mais espaço livre.

Dado o peso destes carros, torna-se necessário que os Batalhões contem, para o seu auto-transporte, com tantos camiões quantos os carros a transportar; porém, dispor do número necessário é um ideal difícil de conseguir; há, no entanto, que ter bem presente a importância deste problema, pois o desgaste de uma Grande Unidade couraçada é devido, geralmente, mais do que às perdas em combate, ao desgaste provocado por grandes marchas através de maus caminhos e pistas arenosas. No deserto, em terreno quasi sempre arenoso (que envolve as colunas numa nuvem de areia, impenetrável a um metro de distância) ou pedregoso, os motores são sujeitos a um esforço formidável.

Se os carros forem auto-transportados, podemos esperar chegar ao fim com todos; caso contrário, grande número ficará pelo caminho.

No deserto líbio-egípcio, os carros marcharam sempre sobre as cremalheiras, desde que se iniciaram as operações.

Nas operações que levaram as forças do Eixo, de Sgnaie à linha de El Alamein, os carros fizeram mais de 800 kms. sobre cremalheiras; muitos totalizaram mais de 2.000 kms. em períodos de operações sucessivas; o material que realizou tais percursos pode considerar-se como velho. É preciso ter em conta que o carro tem uma vida limitada no respeitante a rodagem; porém, não resta dúvida, que para o futuro se tenderá a elevá-la

## Revista da Cavalaria

porque nas Grandes Unidades couraçadas será muito freqüente ter o carro de fazer grandes percursos sôbre as suas próprias cremalheiras.

Foi aumentada bastante a autonomia dos carros assim como a dos restantes veículos, colocando-lhes depósitos suplementares de 20 litros cada. O consumo de gasolina no deserto é muito maior devido ao terreno, à necessidade de freqüentes paragens e mudanças de velocidade.

### *c) Os serviços nos Regimentos de carros*

Na Divisão Couraçada e no Regimento de carros é norma a descentralização dos serviços. Tanto o Batalhão como a Companhia devem com freqüência actuar independentemente, razão por que aqui também os serviços estão descentralizados.

O Regimento — órgão de comando — apenas necessita de órgãos de ligação: carro centro rádio e motociclistas para o serviço de estafetas.

As Companhias levam o carburante, munições e víveres necessários para poder viver com autonomia durante um certo período, bem como cosinhas rodadas. A Companhia deve dispor ainda de uma «furgoneta» para pequenas reparações.

A organização dos serviços no Regimento de carros na Alemanha, é formidável. Com menos de 700 combatentes, conta com 2.000 homens affectos aos serviços; os meios de transporte parece estarem na proporção de 8 por cada carro, não contando neste número os carros ligeiros e motocicletas.

O serviço de reparações e recuperação nas Unidades alemãs é de uma grande eficiência, permitindo às Divisões Couraçadas alemãs operar, sem solução de continuidade, durante largos períodos.

Tôda esta organização assegura a reparação dos carros imediatamente após o combate.

É digno de registo o Regimento de carros alemão que, tendo sofrido um rude golpe em frente de Tobruck em 14 de Abril de 1941, conseguiu lançar-se de novo ao ataque em 19 de Maio.

Sem uma perfeita organização do serviço de reparação de carros, desgasta-se uma Divisão completa em pouco tempo.

Em primeiro lugar é preciso dispor de um grande número de peças de reserva, sob pena de se perderem grande número de carros; depois, é preciso também contar com grande quantidade de tractores-reboques, com blindagem ligeira e de potencial adequado ao esforço necessário para a recuperação dos carros imobilizados sôbre o campo de batalha.

O Batalhão deve contar com oficinas móveis de reparação, e o Regimento de uma oficina pesada; a Companhia deve possuir uma furgoneta para pequenas reparações e o pessoal com grande preparação e experiência nos serviços de reparações e recuperação.

A oficina móvel dêstes Batalhões compõe-se de uma série de camiões e caminhetas com tórno para trabalhos de forja, oficinas de carpintaria

# Revista da Cavalaria

com o corpo electrogénio, etc.. É preciso ainda um meio blindado para o transporte de peças de reserva e do pessoal capaz de efectuar rápidas reparações. Nalgumas Unidades adopta-se para este efeito um carro blindado vulgar ao qual foi tirado prèviamente a torreta.

Insistimos na necessidade dos Batalhões possuírem uma oficina móvel blindada, que possa seguir a curta distância os carros, para poder efectuar durante as pausas do combate (mesmo em zonas difíceis) reparações ligeiras.

Deve ter-se em consideração que se os carros forem bem recuperados, muitos estarão no dia seguinte em condições de voltar ao combate.

É necessário, também, dispor em cada Batalhão de um carro sanitário, com blindagem ligeira, que se possa aproximar dos carros durante o combate, a fim de poder evacuar os feridos até uma zona desenhada, a partir da qual se poderá fazer o transporte num carro sanitário vulgar.

Também é necessário um meio blindado para o transporte de munições para a frente.

## d) *Necessidade de uma grande preparação técnica*

Terminamos estas considerações sôbre as Unidades de carros, mostrando a necessidade da cuidadosa preparação que deve ser dada ao pessoal.

Os oficiais, além da preparação técnica, devem ter a prática, a prática que só se pode adquirir depois de um largo período de serviço nas Unidades de Carros.

O recrutamento do pessoal deve ser feito entre aquêles que na vida civil tenham exercido profissões semelhantes; deve procurar-se que este pessoal permaneça o mais tempo possível nas fileiras.

Todo o pessoal — à parte a sua especialidade — deve ser um perfeito condutor do seu carro e doutro qualquer veículo.

Uma frase corrente nos alemães: *para se fazer um carro, bastam poucos dias; para se fazer um sergente, são precisos alguns anos.*

## IV

### As Unidades de Infantaria

#### a) *Organização*

A proporção de Infantaria corresponde — como é natural — à massa de carros.

Os italianos têm tôdas as peças anti-carro dentro do Regimento de Infantaria, (a 3 Batalhões); um dos Batalhões é de engenhos de acompanhamento e anti-carro.

## Revista da Cavalaria

Além disto, tôdas as Companhias de Infantaria e dos outros Batalhões têm uma secção de peças anti-carro de 47<sup>mm</sup>, e uma secção de espingardas anti-carro de 20 25<sup>mm</sup>.

O Regimento de Infantaria italiano tem umas 60 armas anti-carro, o que lhe dá uma grande capacidade defensiva.

Os alemães parece que têm as armas anti-carro separadas do Regimento, constituindo com elas um Batalhão de armas anti-carro de 50<sup>mm</sup>. O mesmo se passa com os ingleses que têm um Regimento anti-carro de 64 peças de 57,6<sup>mm</sup>; porém, nestes últimos, a tendência é de considerar a Infantaria e as armas anti-carro como inseparáveis, e julgam preferível constituir com elas uma só arma.

Na realidade, a Companhia de Infantaria deve contar permanentemente com peças anti-carro, pois caso contrário não disporão delas quando mais as necessitarem.

Nem tôdas as infantarias das Divisões Couraçadas são blindadas, porém, tende-se para a sua constituição.

### b) *Missão da Infantaria*

A missão da Infantaria nalguns Exércitos é essencialmente defensiva: ocupação do terreno, pelo qual passaram os carros, e protecção destes quando parados. Também, em certos casos, pode realizar a ocupação preventiva de uma posição.

A Infantaria deve «agüentar» ou atacar o inimigo de frente, enquanto os carros manobram sobre os flancos ou retaguardas inimigas.

A cooperação entre a Infantaria e os carros, é tida como essencial na teoria alemã, que considera como principal missão da Infantaria, a íntima cooperação com os carros de combate.

A Infantaria deve seguir os carros a fim de explorar rapidamente o êxito conseguido, ou abrir-lhes caminho suportando o peso do combate, quando o terreno não seja apto ao emprêgo de carros pela existência de obstáculos naturais ou artificiais; quando tenha de atacar uma posição defensiva e fortemente organizada, assim como bosques e povoações, também a Infantaria pode atacar simultâneamente com os carros de combate.

É necessário que as armas anti-carro de Infantaria possam disparar do lugar em que vão transportadas e em tôdas as direcções, pois em caso contrário, no tempo que se gasta a pô-las em terra e em posição, podem ser inutilizadas pelos auto-blindados inimigos ou por simples camionetas armadas com metralhadoras.

É indispensável que as armas anti-carro sejam transportadas sobre um veículo com cremalheiras, todo terreno, ligeiro, rápido e de grande autonomia, que permita o fogo em tôdas as direcções e dê ao pessoal uma certa protecção contra o fogo de metralhadora, estilhaços de artilharia ou de bombas de aviação.

## Revista da Cavalaria

É necessário, ainda, que o projectil das armas anti-carro seja ao mesmo tempo perfurante, explosivo e incendiário.

O calibre das armas anti-carro tende para o limite mínimo de 50<sup>mm</sup>.

Dada a blindagem sempre crescente dos carros, vai-se tornando escasso o valor das espingardas anti-carro de calibre 9<sup>mm</sup> que vão sendo substituídas por espingardas anti-carro «Solothurn» de 20<sup>mm</sup> e «Hotchkiss» de 25<sup>mm</sup> que apenas servem contra auto-blindados e carros ligeiros. A espingarda anti-carro inglesa «Boys» de 15<sup>mm</sup> é também de pouco valor.

A Infantaria da Divisão Couraçada deve levar sempre consigo os veículos necessários para o seu transporte. O veículo automóvel representa para estas Unidades um meio de combate. Deve permitir uma formação que facilite o rápido desembarque e deslocamento do pessoal.

A Infantaria da Divisão Couraçada não pode ser transportada em veículos não blindados, incapazes de fazerem frente a uma simples esquadra, ou de se moverem em qualquer terreno afim de seguirem os carros de combate por toda a parte.

O veículo necessário para o transporte de tropas (veículos de combate) deve ser diferente dos veículos dos serviços; o primeiro, com as características já descritas ao falarmos das armas anti-carro, deve poder transportar 8 a 10 homens com o respectivo armamento e material, e ter uma grande autonomia, cerca de 500 kms.; os segundos, podem ser camiões ordinários.

O Batalhão de Infantaria alemã, que se compõe de 5 Companhias, entre as quais uma pesada, conta com grande número de metralhadoras ligeiras, metralhadoras, morteiros, peças de acompanhamento de 7,5 e uma Secção de armas anti-carro com 3 peças de 50<sup>mm</sup>, além de uma Secção de Engenharia.

Dentro do Regimento alemão existe ainda uma Companhia de peças de Infantaria com 2 peças de 15<sup>cm</sup> e 4 de 7,5<sup>cm</sup>.

As peças anti-carro de 50<sup>mm</sup> e as peças pesadas de Infantaria podem fazer fogo sobre o veículo que as transporta.

A Infantaria sobre veículos blindados pode combater sobre eles desde que se trate de vencer fracas resistências e só apeará quando a continuação do avanço seja impossível.

Os referidos veículos, pela sua blindagem, podem entrar na zona de batalha e combater debaixo do fogo da Infantaria inimiga; também podem avançar atrás das explosões da sua artilharia.

Estes veículos são mais velozes do que os carros e por isso podem-lhes tomar a dianteira para ocupar zonas importantes e realizar movimentos de envolvimento para caírem sobre os flancos e retaguarda do inimigo, e por último, a sua velocidade permite-lhes a perseguição rápida do inimigo em retirada.

A Infantaria de veículos blindados, pelo seu armamento e mobilidade, pode encarregar-se da defesa de grandes frentes.

Finalmente, a organização desta Infantaria tende a poder conseguir que a sua cooperação com os carros possa ser a mais íntima possível; porém, é preciso ter presente que a Infantaria de muitas Divisões Couraçadas dos Exércitos actualmente em luta, não dispõe de veículos blindados, mas

## Revista da Cavalaria

apenas de camionetas vulgares; neste caso, a cooperação torna-se mais difícil, pela sua vulnerabilidade e por não poderem seguir os carros em terrenos difíceis.

Há que ter em conta que, em todos os casos, a cooperação entre os carros e a Infantaria é sempre de grande dificuldade.

O Comando destas Unidades de Infantaria deve ser exercido de modo análogo ao das Unidades de carros; para isso, os seus chefes devem ser audazes, rápidos na concepção e na decisão; durante a marcha devem ir na frente e durante a batalha devem conservar-se no centro de modo a que a sua rápida intervenção possa conseguir resultados decisivos. O melhor exemplo dêste comando é-nos dado pelo marechal Rommel nas suas campanhas.

Nestas Unidades de Infantaria, como em geral em tôdas da Divisão Couraçada, os flancos a descoberto não devem constituir uma preocupação, visto que tal será freqüente.

Para terminar o presente artigo diremos que alguns chefes de Unidades de carros pensam se será conveniente suprimir a Infantaria das Divisões Couraçadas, visto que estando estas organizadas em Corpo de Exército, que dispõem de uma Divisão motorizada, poderia ser suficiente a Infantaria desta última.

A nossa opinião pessoal é que a Divisão Couraçada necessita de Infantaria, pois levá-la num escalão superior — Corpo de Exército — tornaria ainda mais difícil a estreita cooperação, tão necessária, entre os carros e a Infantaria.

**Exército** — Maio, 1943

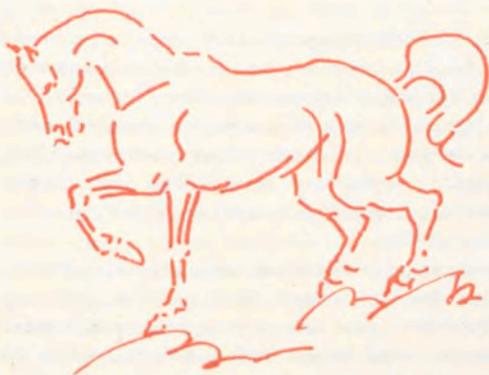
L. R.



# O síndrome claudicação

## Suas modalidades clínicas

pelo Dr. ROGÉRIO RUIZ



Muitas vezes a localização de uma claudicação num bom cavalo de desporto, é assunto de acaloradas discussões entre Cavaleiros, e por vezes entre estes e os médicos veterinários. O cavaleiro, devido ao permanente contacto com o cavalo, educa a sua

vista de tal forma, que é levado muitas vezes a localizar determinada claudicação, mais por um sentimento, do que por conhecimentos científicos. O médico veterinário, em regra, sendo possuidor de apreciável bagagem científica, não possui o sentimento do cavalo, por não ter contactado com este o tempo suficiente para educar as suas reflexas.

E, como nem sempre é possível ao cavaleiro tirar o curso de medicina veterinária, e ao médico veterinário dedicar-se ao ensino do cavalo, a solução do problema, sob o ponto de vista focado, está na aproximação recíproca entre o cavaleiro e o médico veterinário.

Ao lermos na revista Medicina Veterinária o magnífico trabalho «O síndrome claudicação» da autoria do Dr. Rogério Ruiz, não resistimos à tentação de o reproduzir integralmente na Revista da Cavalaria, visto a sua leitura interessar a todo o aficionado do cavalo.

A Revista da Cavalaria, felicita o Dr. Rogério Ruiz pelo seu magnífico trabalho, e agradece à Revista Medicina Veterinária a oportunidade da sua divulgação entre os cavaleiros, o que muito contribuirá para a aproximação a que aludimos.

# Revista da Cavalaria

## Sinonimia e definição

Antes de entrar pròpriamente na matéria, convém fazer algumas considerações sôbre a sinonimia, e bem assim sôbre a classificação.

Os termos que mais vulgarmente nós ouvimos empregar são os de *manqueira* e *coxeadura* ou *coxeira*. Na verdade, só muito excepcionalmente, e a pessoas relacionadas com a nomenclatura médica, é que podemos ouvir o termo claudicação.

Ainda dentro da sinonimia encontramos outros termos que significam diversos graus de intensidade das claudicações; assim, nós ouvimos correntemente o termo de *dá-se* ou *apalpa*, querendo significar que o animal em questão é portador de uma ligeira claudicação, outras vezes dizem-nos: *êste animal coxeia*, o que nós devemos entender como sendo uma claudicação de mediana intensidade; e, por último, se nos disserem que um determinado animal *coxeia muito ou que anda em três pés* devemos entender que se trata de uma claudicação intensa.

Sabendo nós que a execução regular dos actos locomotores, qualquer que seja a sua modalidade, resulta da sucessão harmónica do jôgo dos membros e da duração perfeitamente igual dos seus movimentos sucessivos, podemos definir claudicação como sendo *tôda a irregularidade da marcha determinada pela desigualdade ou impotência de um ou de vários membros locomotores*. Realmente, desde que haja uma causa qualquer que determine o atraso ou precipitação dos movimentos de um ou mais membros, a harmonia é fatalmente perturbada, ocasionando uma oscilação irregular do centro de gravidade entre os membros que tomam, alternadamente, apoio em tempos iguais; donde resulta que o apoio é mantido durante mais tempo por uns membros do que pelos outros, determinando irregularidades dos movimentos que, como dissemos, se chama claudicação.

## Etiologia e patogenia

Na etiologia das claudicações temos que considerar em primeiro lugar as *causas internas*, isto é, inerentes ao indivíduo; e as *causas externas* inerentes ao meio.

Entre as primeiras, ocupando um lugar de destaque, temos o osteísmo, ou melhor, o osteítismo, compreendendo por sua vez o raquitismo, a osteomalacea e a osteoporose; destas três divisões do osteítismo a mais importante e aquela que maior número de casos de claudicação provoca, é sem dúvida o raquitismo.

O osteítismo é um estado hereditário predispondo o organismo às taras ósseas, às fracturas, aos defeitos de aprumo, às artrites, às sinovites, aos desapegos ligamentosos e tendinosos, e, por consequência, às claudica-

## Revista da Cavalaria

ções motivadas por diversas causas; e, sobretudo, às claudicações sem causa aparentemente suficiente, fugazes e ambulatórias que revelam provavelmente ligeiros decolamentos do periósteo.

Em virtude da existência de osteísmo num determinado animal, resulta que os seus raios ósseos apresentam uma sensibilidade anormal às reacções locomotoras e às tracções que os movimentos determinam sobre o periósteo, ocasionando o desenvolvimento de lesões que se manifestam, logo que se exteriorizam, por exostoses, fracturas, defeitos de aprumos, artrites, etc.

Éstes acidentes podem-se verificar logo na idade nova, mas a maior parte das vezes é após um certo tempo de utilização activa do animal que elas se observam. É ao conjunto destas perturbações que Joly dá o nome de osteite de fadiga.

Temos ainda outras doenças que podem provocar claudicações, e assim a febre tifoide, quando se acompanha de teno-sinovites, determina claudicações de carácter durável e rebelde; o môrmo e a gurma podem determinar artrites que, nesta última, passam quasi sempre à supuração.

O reumatismo articular e a poli-artrite dos pôldros são estados môrbidos que originam irregularidades locomotoras.

As pústulas do «horse-pox», que se formam nas extremidades dos membros, as linfagites tanto ulcerosa, como criptocócica, etc., podem determinar claudicações.

Provocam, também, claudicações, a hemoglobinúria paroxística, em virtude das miosites que determina, a anasarca pelos edemas dos membros; a osteo-artropatia hipertrófica com as suas exostoses mais ou menos generalizadas, indicativas de uma toxi-infecção de origem tuberculosa; várias afecções da pele e do tecido celular sub-cutâneo produzidas por infecções específicas ou as específicas; os eczemas das extremidades, as estases sanguíneas nas extremidades podais, etc., etc.

Ainda dentro das causas inerentes ao individuo, temos a idade nova pois, como é natural, não tendo ainda o esqueleto bem formado, o animal novo está sujeito desde o momento que o obrigam a um trabalho superior às suas forças, a sofrer alterações e desvios na normal evolução da ossificação dos raios ósseos dos membros, determinando assim defeitos de conformação e aprumo, o que origina uma alteração nos movimentos e como tal a claudicação.

*As causas externas* são muito numerosas; vamos mencionar as mais importantes.

As infecções não desempenham senão um papel pouco importante, e a maior parte das vezes actuam complicando um traumatismo, podendo, contudo instalarem-se por via sanguínea; mas neste caso devem ser consideradas como causas internas. A filariose do ligamento suspensor do bolêto e outras parasitoses, tais como a sarna corioptica, podem, quando complicadas de feridas, determinar claudicações.

Algumas causas externas têm uma acção puramente física; assim a *encatesadura* verdadeira é a consequência da dissecação do casco; a aplicação do fogo quer em pontas ou em riscas sobre um membro pode determinar uma claudicação mais ou menos acentuada; o frio, facilitando a

## Revista da Cavalaria

infecção, é outra causa a considerar; assim, é no inverno que os furúnculos são mais abundantes, desenvolvendo-se nas extremidades dos membros porque sendo estas regiões menos volumosas arrefecem mais rapidamente e como o frio diminui a sensibilidade, as reacções defensivas são, também, diminuídas.

Outras causas actuam de preferência quimicamente; é o caso dos cáusticos, tais como a cal viva determinando grêtas que facilmente se conspurcam.

Outras causas actuam mecânicamente. Ao lado das violências externas (pancadas, picadas, etc.) e dos movimentos anormais, (escorregamentos, quedas, etc.), capazes de produzirem contusões, feridas, fracturas, luxações, entorses, distensões, rupturas, desapêgos, etc., intervêm as acções mecânicas menos directamente sensíveis, provocando alterações na execução regular dos actos locomotores.

A habitual simetria das taras ósseas é suficiente para nos fazer rejeitar a hipótese da sua natureza puramente accidental; na realidade, estão ligadas a actividade dos órgãos locomotores. O género de serviço e a natureza do terreno intervêm notavelmente na génese das claudicações.

Assim, os animais utilizados em andamentos muito rápidos, os que deslocam fardos a grande velocidade, os cavalos de tiro que têm grandes resistências a vencer, são os que mais atreitos estão a contrair lesões dos membros que lhes provocam claudicações; mais expostos estão estes mesmos animais quando se deslocam em terrenos mais duros, mais acidentados, mais escorregadios, etc., que o normal.

Concebe-se, com efeito, que nestas condições os membros que produzem o movimento, os tendões que o transmitem e os ossos que o recebem, são obrigados a um esforço de uma energia muitas vezes excessiva e superior à sua tenacidade.

Citemos um exemplo: que soma de esforço muscular não deve empregar um cavalo de corrida de obstáculos para imprimir à sua massa aumentada da do cavaleiro o «élan» que o deve fazer saltar os diferentes obstáculos que compõem o percurso, e logo que essa massa lançada no espaço, toca no terreno, que soma considerável de pressões devem suportar os ossos, os tendões e os músculos sobre os quais essas pressões se repartem!!!

A ferração desempenha, também, um papel importante e complexo na etiologia e patogenia das claudicações. Assim, logo que a ferradura esteja gasta, o polido da sua face inferior expõe o animal ao escorregamento, sobretudo, quando o terreno está molhado (terreno calcetado), originando tracções mais fortes sobre os ligamentos e tendões que mantêm os ossos nas suas relações de contiguidade e aprumo; donde a necessidade de esforços musculares mais consideráveis para a conservação do equilíbrio e para a produção de força motora.

Um mau assento da ferradura provoca uma viciação dos aprumos podendo alterar a harmonia dos movimentos, etc.

# Revista da Cavalaria

## Sintomatologia

Sendo a claudicação um síndrome, o clínico deve observar com a máxima atenção todos os sintomas que o compõem, comparando-os e relacionando-os para poder chegar a uma conclusão certa e nunca se deve observar e examinar somente o membro claudicante, pois o exame dos outros membros é do mais alto valor para fazer um diagnóstico racional e acertado.

Assim, por exemplo :

A natureza raquítica ou osteomalácica de uma lesão será confirmada ou hipotética segundo se observam ou não outras lesões dessa natureza noutros departamentos, que, na ocasião do nosso exame, não sejam fontes de claudicação.

Os sintomas gerais ou locais dimanados de outros aparelhos concorrem igualmente para o diagnóstico. Assim, por exemplo : os sintomas do mórmo, da gurma ou da febre tifoide servem para o diagnóstico das claudicações que muitas vezes complicam estas doenças, os sintomas que denunciam dores mais ou menos violentas, como sejam o crispar dos lábios e as oscilações clónicas da cauda nas lesões muito dolorosas dos membros (sinovites sesamoideas, etc.)

À parte esta sintomatologia de ordem geral, convém examinar o animal claudicante sob os seguintes pontos de vista :

- a) Anomalias dos movimentos ;
- b) Modo de assentar os membros ;
- c) Intensidade das batidas ;
- d) Comprimento do passo ;
- e) *Aprumos e atitudes.*

### a) *Anomalias dos movimentos :*

Os membros encontram-se alternadamente em suspensão e em apoio.

Em qualquer destes tempos temos a considerar dois períodos; no primeiro período o membro entra em flexão, encurtando-se, para entrar em extensão alongando-se no segundo período.

### a) *Movimentos do membro claudicante durante a suspensão. Flexão :*

A flexão pode ser maior ou menor do que no andamento normal. Se observamos as partes inferiores do membro e, principalmente, o pé, notamos, quando a flexão é menor que o normal, que :

- 1.º O pé claudicante se levanta menos que o normal ;
- 2.º A ferradura é menos visível e por menos tempo do que a do membro são.

Quando a falta de flexão é bilateral, no caso por exemplo de dupla podotroquilita, de dupla osteíte da crista semi-lunar, etc., o andamento é

## Revista da Cavalaria

rasteiro dos dois lados. Esta insuficiente flexão está ligada a um certo número de estados mórbidos que limitam a extensão das contracções do músculo flexor profundo das falanges, actuando quer pela dôr que provocam como na podotroquillite, osteíte da crista semi-lunar, no engorgitamento inflamatório dos tendões, sinovite cárpica, sinovite da grande bainha sesamoideia, feridas da préga do bolêto, etc., quer pelas perturbações que êstes estados mórbidos provocam nos movimentos do tendão ou do próprio músculo as aderências do perfurante e do pequeno sesamoídeo como consequência da doença navicular, soldaduras tendinosas no engorgitamento inflamatório antigo, quer, finalmente, pela paralisia do próprio músculo como acontece na paralisia do nervo mediano.

A incompleta flexão do joelho observa-se nas lesões dolorosas desta articulação nas lesões dos tecidos que a envolvem, e na paralisia dos músculos flexores, a qual depende a maior parte das vezes de lesões nervosas, como sejam as paralísias do plexus braquial e mais particularmente a do nervo mediano; igualmente se notam estas alterações quando há uma distensão do tendão do biceps ou a inflamação da bainha do mesmo músculo; neste caso o ângulo humero-rádio-cubital mantém-se aberto durante a suspensão do membro.

No membro posterior é, sobretudo, o jarrête, que desempenha o principal papel na diminuição da flexão do membro e êste facto observa-se nas afecções dolorosas da região, como acontece na artrite túbio-társica, fendas, feridas da préga do jarrête, ósteo-artrite do esparavão em início, etc., ou a rotura da corda do flexor do metatarso, acidente êste que impede a transmissão passiva ao jarrête dos movimentos das articulações superiores.

A flexão pode ser impossível ou penosa na totalidade do membro posterior. É o caso do encravamento da rótula. O membro nestas condições mantém-se em extensão e rasteja rígido pelo solo, durante o deslocamento do animal.

Quando há o pseudo encravamento (deslize difícil da rótula na trocleia femural), o levantar do membro é hesitante, tardio, fazendo-se por etapas, acompanhando-se, habitualmente, de um movimento pronunciado de abdução e terminando, por vezes, por uma flexão exagerada (harpejar).

Pelo contrário, podemos observar que a flexão se faz exageradamente; assim, por exemplo, no esparavão, além da falta de redução da abertura do ângulo do jarrête, um dos sintomas mais evidentes e mais constantes é o levantamento pronunciado do pé, as articulações inferiores flexionam-se mais, a ferradura vê-se melhor e durante mais tempo do que a do membro são.

Êste exagêro de flexão nas articulações inferiores é como que uma defesa do animal, pois como não pode flexionar normalmente o jarrête, é obrigado a flexionar mais que o normal as articulações inferiores para assim poder encurtar o membro para que o não arraste no solo durante o deslocamento do animal.

O harpejar é essencialmente caracterizado por uma flexão exagerada da maior parte das articulações do membro posterior. Pode ser de tal maneira pronunciada que por vezes o pé quasi que toca na parede abdominal. No *harpejar* temos dois fenómenos capitais:

## Revista da Cavalaria

1.º A exagerada flexão do jarrete ;

2.º A brusquidão dessa mesma flexão.

Esta particularidade é devida à intervenção do automatismo társico. Realmente, graças a este automatismo, toda a flexão do metatarso que atinge um certo grau, completa-se espontaneamente pela projecção quasi convulsiva do metatarso para cima.

Na flexão do harpejar temos a considerar dois tempos : o primeiro activo, comportando a intervenção dos músculos flexores com o fim de evitar que o comprimento do membro, accidental ou patológico o ponha em perigo de arrastar pelo solo ; quando há um determinado obstáculo, em qualquer articulação, à flexão, o animal provoca uma contracção mais enérgica dos músculos flexores com o fim de vencer essa resistência, como acontece no pseudo-encravamento da rótula, por exemplo, ou determinar uma flexão mais acentuada das outras articulações.

Quando a causa do harpejar não reside no jarrete, este entra na flexão compensadora do membro e o ângulo tibio-társico reduz-se mais que o normal. O segundo tempo do harpejar é passivo e aparecendo no final do fenómeno quando a flexão do jarrete chega a um certo grau a partir do qual a flexão se faz automática e bruscamente.

É muitas vezes fácil de se pôr em evidência a causa do harpejar, isto é, o obstáculo à flexão ; é o caso, por exemplo, do querafilocelo, furúnculo, pseudo-encravamento da rótula, artrite secca da articulação fémuro-tibial, etc.; nestes casos o harpejar é chamado sintomático.

No harpejar idiopático as causas não são facilmente postas em evidência mas as curas obtidas por certas intervenções demonstram como elas actuam. Estas causas consistem numa tensão exagerada, quer do ligamento rotuliano interno, quer do tendão préfalângico, quer da aponevrose do fascia lata.

O harpejar pode ser provocado ou exagerado pelo recuo, porque este movimento sobrecarrega o tórço posterior e torna a elevação dos membros mais difficil ; é exagerado e tornado mais freqüente quando se faz rodar o animal sobre o membro que harpeja ; pode-se fazê-lo aparecer quando de alguma maneira, prejudicamos a flexão falângica ou pelo encurtamento do ligamento rotuliano interno, operações que prejudicam a flexão da articulação fémuro-tibio-rotuliana. O trote fá-lo desaparecer porque implica uma excitação neuro-muscular mais viva e as contracções mais enérgicas.

Se o harpejar se torna menos manifesto ou desaparece pouco depois de se iniciar o andamento, é porque a experiência do principio do andamento permite ao animal adaptar as suas acções musculares às necessidades da situação, o esforço compensador, não passa de um certo grau que é insufficiente para pôr em jôgo o automatismo társico, logo não se produz a redução brusca do ângulo do jarrete e o harpejar propriamente dito desaparece.

A extensão do membro pode faltar ou ser insufficiente.

Na paralisia do radial, por exemplo, o ângulo escapulo-humeral mantém-se aberto, o codilho está muito descido, o endireitamento do joelho e das falanges é impossivel ou incompleto, se a alteração é grave, o mem-

## Revista da Cavalaria

bro cai passivamente em terra e arrasta-se a partir do meio do período de elevação. O andamento pode ser regularizado pela extensão artificial feita por meio de uma peia longa ligada à quartela e puxando quer para trás quer para a frente, segundo os casos.

A extensão pode ser mais pronunciada do que no estado normal; assim, por exemplo, no agumento clássico, com localização predominante nas regiões anteriores do pé, o membro chega ao solo fortemente direito de quartelas, de maneira que o contacto se faz em talões. O mesmo acontece em tôdas as alterações dolorosas da pinça (*raça*, querafilocelo, etc.)

A super-extensão que se observa no membro posterior e que acompanha o principio de uma claudicação devida à trombose das artérias ilíacas, é o resultado da contractura isquêmica que sobrevém após um certo tempo de exercício. Quando este fenómeno se produz, os membros posteriores, rígidos, deslocam-se como se fôsem uma só peça e arrastam pelo solo durante todo o tempo de elevação até ao momento em que o movimento é interrompido pela queda do animal. O membro posterior, apresenta-se em extensão passiva no encravamento da rótula, em virtude desta não deslizar sobre a tróclea femoral, a articulação fêmuro-tibial mantém-se em extensão e esta posição determina a extensão das outras articulações; o animal arrasta atrás de si o membro rígido.

### Abdução

A extremidade inferior do membro pode ser levada para fora como consequência de um obstáculo à flexão, opondo-se ao encurtamento suficiente do membro o que determinaria o seu contacto com o solo durante a elevação; a linha oblíqua é mais longa que a vertical desse ponto; este facto observa-se na doença navicular, na osteíte da crista semi-lunar, nas feridas dolorosas ou na irritação da quartela, do tendão, etc.

Esta compensação observa-se mais nos membros anteriores pois os posteriores dispõem, além deste movimento, da faculdade de poderem fazer flexões suplementares; é por isso que o cavalo que harpeja faz muitas vezes movimentos de abdução, que o cavalo que sofre de esparvão seco faz concomitantemente com a flexão exagerada das falanges, movimentos de abdução.

A abdução alivia ainda o individuo claudicante preparando o apoio em quarto interno e assim que este movimento se observa sempre que haja lesões nos quartos externos, por isso Huřet diz: «o cavalo que sofre do quarto externo marcha para fora».

Quando a abdução se produz com a participação do ângulo escapulo-humeral, traduz, segundo alguns autores, uma claudicação da espádua (inércia do músculo infra-escapular; igual fenómeno se pode observar na paralisia do nervo supra-escapular).

# Revista da Cavalaria

## Adução

A adução traduz habitualmente uma dor situada no lado interno do pé (quarto, osteíte, encravamento, etc.), e tem por fim levar o péso do corpo para o lado externo. É por isso que Huret diz: «o cavalo que sofre do lado interno marcha por dentro».

Pode-se ainda admitir a adução como consequência de uma alteração dolorosa ou de uma paralisia dos músculos abdutores. *Lienaux* diz ter observado estes movimentos num cavalo portador de um calo ósseo no colo do escapulum.

Finalmente, tanto a abdução como a adução observam-se na ataxia locomotora dos poldros raquíticos sem que, até hoje, a sua patogenia tenha sido interpretada satisfatoriamente.

b) *Movimentos do membro claudicante durante o apoio;*

## Flexão

A flexão que se observa imediatamente a seguir ao apoio é diminuída nas claudicações dolorosas; o animal evita-a para que o péso, causa desta flexão, atui menos intensamente sobre o membro claudicante; é por isso que a garupa se mantém mais elevada do lado claudicante que do lado são, durante o apoio.

Noutros casos a flexão é exagerada, caracterizando então as claudicações paralíticas que atingem os músculos extensores como acontece na miositi hemoglobínúrica, na paralisia do triceps crural, mielite, meningite cérebro-espinhal, na trombose das ilíacas, etc., etc. Na trombose das artérias da raiz do membro (este acidente é mais freqüente nos membros posteriores) a estação e mesmo o início do andamento são normais; é somente após um certo tempo de exercício que a circulação arterial nos músculos se torna insuficiente, determinando uma diminuição na sua actividade funcional o que ocasiona a flexão exagerada do membro quando este toca no solo; quando esta anomalia é simétrica, no caso da trombose das ilíacas, por exemplo, o animal pára e deixa-se cair. Na paralisia devida à trombose das ilíacas observa-se inicialmente uma fase de rigidez (contractura esquémica) nestes casos o membro, tanto em apoio como em elevação encontra-se em hiper-extensão.

O exame das articulações também nos fornece indicações preciosas. Assim, por exemplo, o boleto desce muito quando os ligamentos que estão encarregados de o sustentar estão rupturados ou desinseridos. Tôdas as vezes que a queda do boleto atinge um certo grau traz como consequência um movimento de báscula do casco envolta dos talões, de maneira que a pinça levantando-se deixa o apoio.

## Revista da Cavalaria

Pelo contrário, o bolêto pode abaixar-se pouco é o que se observa, por exemplo, nas lesões do perforado; uma descida pouco acentuada mas já maior que a precedente observa-se quando haja lesões do ligamento suspensor do bolêto, dos ligamentos sesamoideos inferiores e no arrancamento do bordeleto glenoideo.

A queda exagerada do bolêto observa-se também na rotura total do perforante em virtude do exagêro de pressões ao nível dos talões.

No animal aboletado (endireitamento e desvio para a frente, dos raios ósseos que formam a articulação do bolêto), observa-se que, um pouco antes do levantamento do membro, o bolêto é projectado brusca-mente para diante a ponto de, às vezes, tomar contacto com o solo; isto é motivado pelo encurtamento do perforante, sede neste caso, de uma afecção que lhe provoca uma tensão excessiva. O mesmo fenómeno se observa quando da secção accidental do tendão extensor das falanges e na paralisia do nervo pequeno fémuro-popliteo.

No caso da paralisia do radial e em virtude da flexão do joelho, a extensão total do membro é perturbada no segundo período da suspensão; êste facto é motivado pela falta de acção dos músculos olecraneanos que concorrem normalmente para a rigidez do membro.

O aboletamento compromete igualmente a fixidez do joelho porque êste, quando o bolêto cai para a frente, entra em flexão, podendo muitas vezes, levar o animal a cair para diante; isto é devido ao facto da flexão brusca do bolêto produzir o relaxamento instantâneo do perforante e do suspensor do bolêto que, como sabemos, são na extremidade do membro, os principais órgãos passivos da extensão do joelho.

Podemos verificar a flexão total do jarrête no caso da secção accidental do tendão de Aquiles.

O boi torna-se plantigrado quando houver desinserção calcaneana e bilateral dos gémeos da perna.

### *Abdução e addução*

Quando a addução existe no acto de pousar, verificamos que ela se mantém ou aumenta durante o apoio; o contrário se observa com a abdução.

No caso de fractura do colo da omoplata nota-se uma abdução circunscrita, assim, enquanto que a espádua fica aplicada ao tronco, a articulação escápulo-humeral é levada para fora.

Em certas formas de ataxia locomotora e na impotência funcional dos músculos ilio-espinaes (miosites, inibição da actividade muscular nas fracturas incompletas da coluna vertebral) observam-se, nos membros posteriores, movimentos de abdução e addução. A rigidez que êstes músculos deveriam dar ao raquis é incompleta ou não existe e nestes casos o início do apoio dos membros posteriores produz projecção desta região alternadamente para a direita e para a esquerda, movimentos êstes, que se transmitem à extremidade do membro durante o apoio.

## Revista da Cavalaria

Em virtude do que fica exposto, observa-se que, muitas vezes, o membro em suspensão vem pousar para dentro da pista normal e por consequência muito próximo do seu congénere, diminuindo assim a base de apoio o que pode originar quedas para o lado.

Este balanceamento lateral do corpo traz como consequência uma marcha titubante que se pode chamar marcha entrecruzada, porque, em virtude da grande aproximação recíproca os dois membros estão sujeitos a tocar-se o que realmente se observa muitas vezes.

Nos cavalos velhos ou naqueles que estão submetidos a um trabalho fatigante nota-se, freqüentemente que, quando se dá o apoio, o casco oxila lateralmente, determinando a projecção para fora do pé, em talões e a abertura dos jarretes.

### b) *Modo de assentar os membros:*

O animal, normalmente, assenta os seus membros em cheio, isto é, toda a superfície da face inferior do casco assenta ao mesmo tempo no solo. No cavalo que trabalha a passo, atrelado a uma carga pesada, o apoio faz-se em pinça e ombro externo; quando se trata de animais utilizados em andamentos rápidos o apoio faz-se em talões, quer trabalhem em velocidade, quer em movimentos moderados, se bem que pareçam absolutamente sãos.

Quando notemos que um cavalo, que claudica, faz o apoio em talões devemos pensar numa lesão dolorosa em pinça ou pelo menos na região anterior do pé, como sejam: âguamento, raça, querafilocelo, prego da rua, etc.

Quando estas lesões são unilaterais e bem assim nas lesões da coroa que se estendem aos tecidos infra-córneos da pinça (furúnculos, etc.), verifica-se que o pé, depois de ter tomado o apoio em talões, executa um movimento lento de recuo, parecendo querer retardar o contacto da região da pinça com o solo.

O apoio em talões pode muitas vezes exprimir uma desarmonia entre os músculos extensores e os flexores como predominância dos primeiros, o que se observa na ataxia locomotora. O apoio em pinça indica-nos, quer uma dor nas partes posteriores do pé, como acontece: no âguamento, nos acessos congestivos dolorosos colaterais da osteíte dos ângulos falângicos, na osteíte do pequeno sesamoideo, no prego da rua em talões, etc., quer predominância da acção dos flexores das falanges como se verifica na contractura dos tendões destes músculos nos poldros.

O pé topinho, tão freqüente nos membros posteriores no adulto, está ligado às alterações, por distensão, dos ligamentos do bordeleto glinoideo, da membrana de reforço da aponevrose plantar, etc.

Quando há qualquer alteração num dos lados do pé «o apoio faz-se, sempre mais, do lado oposto»; assim, por exemplo, quando haja uma lesão dolorosa no quarto interno o apoio faz-se mais em quarto externo e vice-versa.

# Revista da Cavalaria

## c) *Intensidade das batidas;*

Normalmente, as batidas são regularmente intensas para os quatro membros.

No animal portador de uma claudicação dolorosa verifica-se que a batida do membro claudicante é menos sonora que as dos outros, isto é, motivado pelo facto do animal apoiar o membro doloroso mais lentamente e com mais precaução.

Pelo contrário, as batidas do membro claudicante são mais sonoras quando a claudicação é produzida quer pela rotura do flexor do metatarso quer pela paralisia do nervo pequeno fémuro-poplíteo; realmente, em virtude da inércia mais ou menos pronunciada do extensor anterior das falanges, nestes casos, o pé mal sustido cai passiva e bruscamente no solo no momento de apoiar.

Igualmente se observam batidas mais fortes nos casos: de arrançamento do bordeleto glenoideo (Drouin); em certos animais que harpejam, porque, como estes animais levantam muito o membro, a descida é mais enérgica, em virtude do pé cair de mais alto.

Também é frequente verificar batidas mais intensas nos poldros atáxicos, quer de um membro quer de vários; estas batidas fortes não são regulares mas sim irregulares como a maior parte dos sintomas que constituem o síndrome ataxia, e estão ligadas aparentemente à insuficiência passageira da extensão e à maior «brusquidão» do apoio que daí resulta.

## d) *Comprimento da passada;*

No movimento normal as passadas são tôdas iguais. As do membro claudicante podem ser: normais, encurtadas ou alongadas.

A passada é mais curta na quasi totalidade das claudicações dolorosas que atingem os dois membros do mesmo bipede transversal, como acontece no âguamento; na podotroquillite, na osteíte simétrica dos ângulos falângicos ou da crista semi-lunar, etc., porque o animal apressa-se em furtar o membro ao apoio e a colocar em apoio o que se encontra em suspensão. Pela mesma razão os pés são pouco levantados, de maneira que o passo é curto e razo. Este andamento é permanente na doença navicular bilateral e era atribuída antigamente a um mau funcionamento das espáduas (espáduas encavilhadas ou frio das espáduas).

O passo pode igualmente ser mais curto em certas claudicações unipedais, se bem que os antigos hipiatras vissem neste fenómeno o início de uma falta de acção das grandes massas musculares do membro. O que é certo, é que a extensão do terreno percorrido não depende somente dos músculos mas, também, dos outros órgãos, activos ou passivos que concorrem para a extensão das diferentes articulações. Não se pode realmente afirmar categòricamente que o encurtamento da passada é indicativo de lesões na parte superior do membro, como, também, não se pode dizer

## Revista da Cavalaria

que o alongamento da passada milite sempre a favor de uma lesão na extremidade inferior do mesmo.

A extensão exagerada das passadas observa-se, por vezes, nas doenças do pé, mas também se observam nas lesões das regiões superiores.

Verificam-se, habitualmente, nas fracturas do colo femural, no poldro, em certas passadas, mas não em todas.

Também, se observa igualmente de uma maneira intermitente, na ataxia dos poldros, sobretudo, no bípede posterior, quer num quer nos dois membros, como resultante de uma hiperextensão de todo o membro e alterna, por vezes, com uma brevidade anormal das passadas. O membro posterior chega, algumas vezes, a apoiar-se muito mais à frente do que o normal, a sua extremidade superior abaixa-se de uma maneira exagerada no momento do apoio (marcha-pseudo paralítica) e a base de apoio é assim notavelmente diminuída, o que facilita a queda sobre os joelhos.

A extensão da passada é ainda diminuída, nos membros posteriores, nas afecções dolorosas da região dorso-lombar da coluna vertebral, como acontece no derreamento com lesões nos ossos sem descontinuidade completa nem inibição ou paralisia da actividade muscular.

Este sintoma apresenta-se, então, com o aspecto de uma reacção defensiva, tendo por efeito a diminuição dos esforços impulsivos e das dôres que estes esforços ocasionam, propagando-se ao raquis doente.

Em virtude da contracção permanente dos ilio-espinais manter fixa e rígida a coluna dorso-lombar, evitando os deslocamentos laterais dolorosos, a marcha é rígida e as passadas curtas.

### e) *Aprumos e atitudes, etc.;*

O exame atento dos aprumos e das atitudes é do mais alto valor para o diagnóstico das claudicações, porque os aprumos e atitudes anormais são a expressão de alterações ou de dôres mais ou menos violentas em determinadas regiões, dôres estas que não permitem que os animais mantenham os aprumos e as atitudes normais.

Citemos alguns exemplos:

Um animal portador de lesões dolorosas nos membros anteriores toma a posição de estacado para sobrecarregar os membros posteriores, aliviando assim os membros dolorosos; é o que se observa, por exemplo, no âguamento dos membros anteriores, na osteíte simétrica dos ângulos falângicos, da crista semi-lunar, do pequeno sesamoideo, etc.

Se pelo contrário o animal se nos apresenta debruçado, devemos desconfiar de lesões dolorosas dos posteriores (âguamento, por exemplo), ou de lesões nas partes posteriores do casco, pois o animal procura com esta posição aliviar, não só os membros posteriores como os talões dos membros anteriores, sobrecarregando a pinça. Este último caso verifica-se na doença navicular dupla, na osteíte dos ângulos da 3.<sup>a</sup> falange, nos quartos, etc.

## Revista da Cavalaria

Quando um animal se nos apresenta curvo devemos verificar se este defeito não será a consequência de uma boletura acentuada, e se realmente constataremos esta devemos pensar em alguma lesão, quer no osso do pé, na quartela, na articulação do bolêto, num ou noutro dos tendões dos flexores, quer numa associação de lesões nas várias regiões inumeradas; devemos ver se a boletura é recente ou antiga, fazendo o levantamento do membro oposto; no primeiro caso a boletura desaparece, no segundo caso mantém-se. Para não me tornar muito extenso direi somente que são numerosos os acidentes que podem falsear o aprumo normal dos membros e não sempre de uma maneira passageira, pela dor que provocam, mas, também, algumas vezes, de maneira definitiva. Estas modificações duráveis são mais freqüentes nos animais novos, mas também se observam nos adultos. Assim, verificam-se cavalos esquerdos, caravelhos, ajoelhados ou curvos, fechados de curvilhões, a seguir a uma claudicação de evoluções crônicas.

As atitudes que os animais tomam, também nos fornecem dados para o diagnóstico.

O animal que sofre toma voluntariamente as posições que mais lhe convém para aliviar o sofrimento. Assim, por exemplo, um animal leva o membro para a frente da linha de aprumo, para subtrair o membro anterior ao apoio que lhe causa dores mais ou menos intensas. Esta atitude observa-se mais particularmente nas lesões inflamatórias do perfurante, porque ela traz por efeito o relaxamento do tendão dêste músculo; da mesma maneira se observa esta atitude na osteíte da crista semi-lunar (ponto de inserção do referido tendão) e na doença navicular, porque estando o tendão relaxado não exerce compressão no pequeno sesamoide e logo a dor produzida pela compressão desaparece.

Uma atitude ou melhor um gesto interessante é o que se observa nas afecções muito dolorosas, tais como: acessos agudos de podotroquilita e osteíte bilateral dos ângulos falângicos com exacerbações acidentais, nas supurações infra-córneas, etc., e que consiste no seguinte: primeiramente vemos o animal levar o membro doente para diante da linha de aprumo; seguidamente, a curtos intervalos e muito docemente, vai puxando o membro para trás, muitas vezes sem o levantar do solo, para depois o tornar a colocar na primeira posição, como se sofresse lancinações. Pode-se provocar este gesto, para se ver se existem lesões de podotroquilita ou de osteíte de crista semi-lunar, levantando por meio de uma cunha a pinça.

No caso de dores muito intensas o membro claudicante pode ser mantido, de uma maneira intermitente, em elevação. Este facto, que se observa de preferência nos membros posteriores, verifica-se na raça, que-rafilocelo, na artrite fêmuro-tibial, nas feridas sinoviais, etc. A elevação do membro faz-se, quer lentamente, quer bruscamente, porém, o poisar é sempre feito com muita precaução.

Outras vezes o membro claudicante é mantido em absoluta resolução. Assim, por exemplo, na periartrose fêmuro-tibial o membro encontra-se muitas vezes em flexão e o casco toca mais ou menos o solo pela sua face anterior. Esta mesma atitude observa-se, por vezes, nas feridas articulares dos jarretes.

## Revista da Cavalaria

No membro anterior, também se observa a resolução completa do membro. Assim, por exemplo, na teno-sinovite bicipital, na paralisia do plexus-braquial, na paralisia completa do nervo radial, nas feridas articulares ou sinoviais graves, etc., o membro encontra-se mais ou menos flectido, levado para diante ou para trás da linha de aprumo e o pé toca no solo, quer em cheio quer em flexão, isto é, em pinça.

Quando os dois membros de um bípede transversal estão afectados o animal faz o apoio alternado dos membros, levando-o para a frente da linha de aprumo, ou flectindo-o pelo bolêto.

Há muitos cavalos claudicantes que não se deitam ou que muito raramente o fazem porque já têm a experiência dos esforços e das dôres que sentem ao tentar levantar-se. Isto observa-se, muitas vezes, na artrite sêca ou na periartrose da articulação fêmuro-tíbio-rotuliana, porém, êste sinal pode deixar de aparecer nestas lesões.

Há, como já dissemos, claudicações que expõem o animal a quedas; é o que acontece no aboletamento exagerado e no alongamento do passo na ataxia locomotora em que o animal pôde cair de joelhos, e na marcha entrecruzada titubeante, na qual o animal pode cair de lado. Outras claudicações há que provocam a queda sôbre os joelhos pelo facto do animal tropeçar. Êste facto, pode ser bilateral, boletura exagerada, ferração muito gasta em pinça ou num só membro pelos mesmos motivos.

Existem um certo número de claudicações que provocam o decúbito permanente. Esta afirmação parece à primeira vista paradoxal, pois a claudicação é uma anomalia do andamento e o andamento implica deslocamento ou pelo menos posição de pé, porém, ela não é descabida porque se refere às alterações causais das claudicações e não exclusivamente às perturbações funcionais. As doenças que se traduzem mais especialmente pela impossibilidade que o animal encontra para se levantar ou para se manter de pé começam por uma verdadeira claudicação. É o que acontece na hemoglobinúria, em certos casos de paraplegia «post partum», na trombose das ilíacas, etc.

O decúbito é o resultado quer das dôres que o apoio provoca, como succede no âguamento grave, nas feridas articulares complicadas, claudicações complicadas, claudicações complicadas de âguamento colateral, etc., quer da impotência muscular como se verifica na paraplegia homoglobinúrica, na meningite cérebro-espinhal, na trombose das ilíacas, etc.

Igualmente pode aparecer a dificuldade ou impossibilidade de se levantar num animal portador de raquitismo o que parece ser devido às fracas aderências do periôsteo com o tecido ósseo das vértebras.

O clínico deve ter sempre presente que a dificuldade ou impossibilidade no levantar podem estar relacionadas com o próprio decúbito, pois quando êste é prolongado provoca dôres e o engorgitamento dos membros que estão em contacto com o solo. Nestes casos, o animal levanta-se, quer espontâneamente, quer com um pequeno estímulo, desde que seja deitado para o lado oposto.

Não devemos esquecer, também, que a dificuldade no levantar está muitas vezes ligada a uma má alimentação; isto verifica-se de preferência nos cavalos magros e sujeitos a um trabalho extenuante.



# Revista da Cavalaria

Quanto à região. . . . .	de cima. . .	espádua	— anca
		braço	— côxa
	do meio . . .	ante-braço	— perna
joelho		— jarrete	
canela		— —	
de baixo . . .	bolêto	— —	
	quartela	— —	
	pé	— —	

Quanto à natureza . . . . .	Sintomáticas	osteítismo	raquitismo	osteite de fadiga de Jolly
			osteomalácia	
			osteoporose	
			febre tifoide	
	mormo			
	estase sanguínea, etc.			
	Idiopáticas	Traumatismos, com infecção	Agentes físicos . . . . .	dessicação do casco
				encasteladura
		Agentes químicos . . . . .	aplicações de fogo	
			cáusticos, tais como: cal, amónia, etc.	
produzindo queimaduras				
violências, pancadas				
Agentes mecânicos . . . . .	movimentos anormais;			
	quedas, escorregamentos			
Sem causa aparente . . . . .	frustas			
	ambulatórias			

# Revista da Cavalaria

## Diagnóstico das Claudicações

Determinação reveladora do membro claudicante	1.º Anamnese				
	2.º Status praesens . . .		<ul style="list-style-type: none"> <li>a) Determinação do membro claudicante.</li> <li>b) Determinação da sede ou região.</li> <li>c) Determinação da natureza da lesão.</li> </ul>		
	Atitudes	Em repouso	De pé . . .	<ul style="list-style-type: none"> <li>Aprumos e desaprumos dos membros.</li> <li>Lancinações — atitudes de apoio — cabeça, corpo.</li> <li>Apoio tripodal — apoio alternado — horror ao decúbito.</li> <li>Resolução completa — apoio na face anterior da taipa.</li> </ul>	
			Em decúbito	— Esterno costal e lateral.	
	Em movimento	Passo, trote, galope . . .	A direito	<ul style="list-style-type: none"> <li>anterior . . .</li> <li>posterior . . .</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Observação de frente, de lado e por detrás.</li> </ul>
			À guia		
			Rotação		
			Recuar		
			Ladear		
		Pista . . .	Subir	Em terreno.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Movediço, mole, duro e irregular.</li> </ul>
Plano					
Descer					
Tempos de apoio.					
Tempos de elevação ou suspensão.					
Intensidade das batidas.					
Determin. da sede ou região	Movimentos	Extensão — para mais ou menos.			
		Adução.			
		Abdução.			
		Flexão . . .	<ul style="list-style-type: none"> <li>Excessiva.</li> <li>Diminuída.</li> </ul>		
	Inspecção.				
Percussão.					
Determin. da sede ou região	Constricção.	Manual.			
		Instrumental.			
	Palpação . . .	Por pressão — sensação táctil.			
		Por deslize.			
		Por fricção.			
Por compressão digital.					
Mensuração.					
Auscultação -- sensação auditiva.					
Mobilização — modificações de posição anatómica.					
Cunha de Lungwistz.					
Injecções anestésicas.					
Determinação da lesão claudicogénia			Sintomatologia.		
			Diagnóstico definitivo.		
		Prognóstico.	<ul style="list-style-type: none"> <li>actual.</li> <li>futuro.</li> </ul>		

# Revista da Cavalaria

## Anamnese

A história progressiva, quando é a expressão da verdade, presta-nos bons ensinamentos para o diagnóstico das claudicações.

Assim: pela anamnese poderemos saber qual a duração da claudicação; se essa claudicação é intermitente, remittente ou continua; se aparece no início ou depois de um certo tempo de exercício; como appareceu: qual o resultado do tratamento instituído anteriormente, etc., etc.

Há um certo número de informações que nos facilitam consideravelmente o diagnóstico. Assim, por exemplo, os escorregamentos e as quedas explicam os esforços mais variados, as distensões, as fracturas, etc.

A data da última ferração tem também muita importância; assim, por exemplo, uma ferração recente pode levar-nos a pensar numa encravadura ou uma queimadura da palma; se pelo contrário a ferração é velha e o cavallo tem o hábito de claudicar quando a ferragem está gasta, podemos pensar na osteíte dos ângulos superiores da terceira falange, pois como sabemos, a ferradura velha encontra-se, normalmente, mais gasta em pinças e encontros do que em quartos e talões, facto este que faz com que os talões sejam mais sobrecarregados, determinando a maior sensibilidade dos ângulos posteriores da terceira falange, provocando assim a claudicação.

Uma claudicação bilateral, principalmente anterior, que apparece a seguir a um trabalho muito violento ou muito durável sobre solo duro, pode indicar-nos uma lesão que determine a «surmenage» aguda do pé, âguamento por dissociação do tecido podofolhoso em individuos affectados de osteíte dos ângulos falângicos; ou accessos congestivos no pequeno sesamoideo, no decurso de uma podotroquillite.

Assim, uma claudicação bilateral, em animais bem nutridos, que apparece após um repouso anormal, motivado ou não por doença interna (febre tifoide, pneumonia, cólicas, retenção de invólucros, etc.), pode levar-nos a pensar nos accidentes provocados pela extase sanguínea (âguamento passivo).

Devemos pensar nas miosites hemoglobinúricas, quando apparecem claudicações de um ou dos dois membros posteriores, em animais fortemente nutridos, a seguir a um ou dois dias de descanso, quando as claudicações se manifestam no início do trabalho e com tempo frio, seguidos ou não de cólicas. Quando nos disserem que um animal apresenta uma claudicação muito dolorosa, com ameaças de quedas e forte transpiração no têrço posterior, depois de um certo tempo de exercício, devemos pensar na trombose das ilíacas.

Devemos inclinar-nos para o âguamento colateral quando nos apresentarem um animal que, tendo claudicado intensamente de um membro, apresenta claudicação do membro oposto de tal maneira intensa que, o apoio, se faz durante mais tempo sobre o primeiro membro claudicante do que no segundo ou que prefere a posição do decúbito. Devemos também ligar grande importância às atitudes e aos gestos que os animais apresentam, devendo sempre interrogar os donos ou tratadores neste sentido, pois, como já mencionámos na symptomatologia, esses gestos e atitudes concorrem grandemente para o diagnóstico.



**J.S. RODA L<sup>DA</sup>.**  
**R. AUGUSTA**  
**86 A 96**  
**L I S B O A**

Secções de :

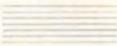
CAMISARIA, CHAPELARIA, MALHAS, LÃS E  
— SÉDAS, IMPERMEÁVEIS, LUVARIA —  
P E R F U M A R I A

Alfaiataria para homens, senhoras e  
crianças

Fabricantes dos sobretudos e gabardines NEPTUNUS

Telefones :

Fáb. 4 6315 \* Estab. 2 5965

**ARMAZÉNS**   
 **IMPERIUM**

ALFAIATARIA  
DE GRANDE CLASSE

■  
*F A T O S*  
*GABARDINES*  
*SOBRETUDOS*

■  
Rua de St.<sup>a</sup> Justa, 93, 2.<sup>o</sup>  
Telef. 2 5827

E  
M  
E  
L  
L  
I

Tudo para electricidade

Salão de Exposição e Vendas

N A

97, RUA DE S.<sup>TA</sup> JUSTA, 99  
JUNTO Á RUA DO OURO

L I S B O A

Telefone 2 7210

**Gabardines e Sobretudos**

Padrões de grande novidade aliados  
a uma confecção esmerada

A fim de podermos vender mais barato,  
confeccionam-se diariamente  
nas nossas oficinas centenas de sobretudos e gabardines

E assim apresentamos desde já modelos de grande luxo ao preço especial de 300\$00, 350\$00, 400\$00, 500\$00 e 600\$00

Fato completo — Óptima qualidade,  
pronto a vestir, 250\$00, 300\$00 e 350\$00 de lindíssimos padrões acabados de chegar da nossa fabricação

CASA VIDIGAL — Fixe bem

**CASA VIDIGAL**

(Rossio) R. Arco Bandeira, 219, 1.<sup>o</sup>

Telef. 2 5875

PETRÓLEO com Iodo

## CLIPER'S

O cabelo deixa de cair e outro novo nasce abundantemente, graças ao iodo que o produto contém.



## CLIPER'S

*Nem um só cabelo!*

FRASCO 20\$00

NO CENTRO DO PAÍS:

REMETE-SE À  
COBRANÇA

Antero Lopes da Fonseca — Figueira da Foz

PEDIDOS  
AOS DISTRI-  
BUÍDORES

Costa, Pinto & Santos — RUA S. Nicolau, 56  
LISBOA

### Garage Conde Barão, L. da

Oficinas de reparações mecânicas e de carroserias de automóveis, e mecânicas de toda a espécie de motores

Construção, reparação e afinação de Gasogénios

Cromagem, Niquelagem, Cobreadagem, Zincagem, Douradura, etc.

Estação de Serviço

Garantia de todos os trabalhos executados

Pessoal escolhido e hábil

Seriedade. Competência. Esforços constantes de servir bem

Largo do Conde Barão, 50

Telef. 6 0156

FERRAMENTAS para todas as artes e ofícios

Ferragens para construções e ornatos para móveis

Fitas de serra e rebolos de esmeril

### Salgueiros & Pereira, L. da

188, RUA DA BOA VISTA, 188 - A  
(Esquina da Rua das Gaivotas)

Telefone 6 3527

L I S B O A

Talheres, Tesouras, Cadeados, Fundos para cadeiras, Rebolos e pedras de amolar, etc.

Pregaria de todas as qualidades

Completo sortido de ferramentas para entalhador



Fácil de preparar, de sabor agradável, é um excelente reconstituente altamente nutritivo e de notável digestibilidade. O alimento ideal para colegiais, desportistas, jovens, mães, enfraquecidos, débeis, convalescentes e pessoas idosas.

**N E S C A O**

É UM PRODUTO NESTLÉ

A MARCA QUE INSPIRA CONFIANÇA

## SOCIEDADE NACIONAL DE CORTIÇAS

Anónima de Responsabilidade Limitada

Premiada com Medalha de Ouro na  
Exposição Universal de Paris de 1900 e  
2 Medalhas de Ouro na Grande Exposição  
Industrial Portuguesa, 1.º ciclo

Telegramas: EUREKA — LISBOA

Telefones:

2 4449 — Poço do Bispo, 49 — Barreiro, 17

Códigos:

Bentley's Mascote, «A. B. C. 5.» (5 letras) 6.ª ed.

Cortiça em prancha, virgem, refugos,  
aparas finas e comercial, discos,  
palmilhas, chapéus, buchas de caça,  
etc.

Fábricas:

Quinta 4 Olhos — Braço de Prata — LISBOA  
Quinta Braamcamp — BARREIRO — Mesurado  
— ESTREMOZ, etc.

CAIXA POSTAL: 376

ESCRITÓRIO:

Trav. dos Remolares, 23, 1.º

L I S B O A

**ECMEL**

**VILARINHO  
& RICARDO, L.<sup>DA</sup>**

Conservas — La Rose

Saborosos e excelentes

**CHÁ CELESTE**

Rivaliza com os melhores  
chás estrangeiros

**RAÍNHA SANTA**

Afamado nectar

**Rua da Prata, 230**

Telefone 2 1711

L I S B O A

**Hotel Francfort**

SANTA JUSTA

FUNDADO EM 1867

**Viúva de JOÃO NARCISO  
DA SILVA (Herdeiros)**

SITUADO NO CENTRO DA CIDADE

: INSTALAÇÕES MODERNAS :

Recomendado para grupos e excursões

150 Quartos

Rua de Santa Justa, 70

Telegramas: **HOTFORT**

Telefones: 2 1054 - 2 1055

L I S B O A

**F. Alves  
Moimenta, L.<sup>da</sup>**

R. Fernandes da Fonseca, 17

Telefone 2 8784 5

Telegramas: **FALMENTA**

○○○○○

**Torrefacção e moagem de café,**

**cereais e especiarias**

**em maquinismos modernos**

**e rápidos**

○○○○○

As melhores Fábricas de preparação  
e secagem de chicória em Portugal

**LOPES DOS  
SANTOS, L.<sup>DA</sup>**



**ARMAZÉM DE OLEADOS, TAPETES,  
ESTOFOS, MÓVEIS ESTOFADOS,  
DECORAÇÕES, PAPÉIS PINTADOS**



82, RUA AUGUSTA, 84

L I S B O A

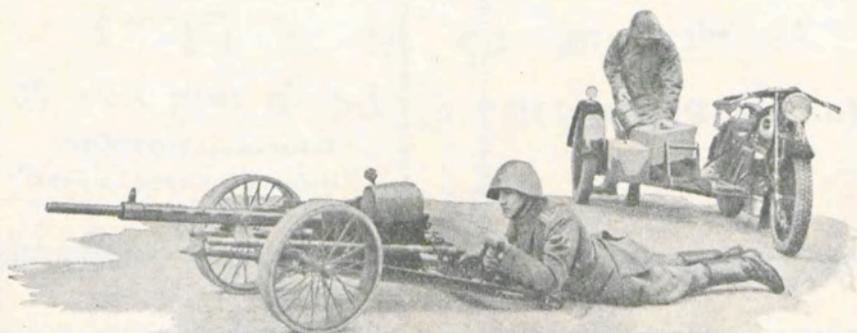
Telefone 2 3637

# Dansk Industri Syndikat

Material «Madsen»

## Metralhadoras e Canhões Automáticos

Armas automáticas de pequeno e grande calibre para o Exército, Marinha, Aviação, Defesa contra Aeronaves e Defesa contra Carros de Assalto



O canhão automático **Madsen** de 20<sup>mm</sup>, sôbre «side-car», pode fazer fogo montado sôbre êste, ou no terreno, sôbre o reparo a que está permanentemente ligado

A passagem do canhão da sua posição de transporte para a de tiro no terreno executa-se em menos de um minuto

REPRESENTANTES PARA PORTUGAL E COLÓNIAS:

*Monteiro Gomes, Limitada*

Rua Cascais (Alcântara), 47

L I S B O A

**SOCIEDADE  
LUSO-ELÉCTRICA, L.<sup>DA</sup>**

Instalações e reparações de luz  
e força motriz

Material estanque próprio para  
instalações a bordo

Motores eléctricos para tôdas as  
correntes

Geradoras, Alternadores,  
Transformadores

Máquinas de soldadura eléctrica

Material para alta e baixa tensão



**II, C. Marquês de Abrantes, 13**

Telefone 6 0331 — LISBOA

Telegr. **Luselétrica**

Telegramas: «**GARRAIO**» — Lisboa

Telefone 2 5922

Fundada em 1860

**J. GARRAIO & C.<sup>A</sup> SUCESSORES  
JOSÉ RODRIGO DE MENEZES, L.<sup>DA</sup>**

Fabricantes de Instrumentos Náuticos  
Patente de introdução de Nova Indústria  
Premiado com Diploma de Honra e Grand-  
-Prix nas Exposições do Rio de Janeiro  
1922 23 e na de Sevilha 1929 30

Agentes do Almirantado Inglês e Francês  
Mapas e livros de navegação

Reparação e regulação de cronómetros

Chapas de zinco para caldeiras

Grande stock de aprestos para navios

Agentes dos principais fabricantes estran-  
geiros de instrumentos náuticos

Tintas para navios e construção civil

Agentes da Direcção dos Serviços de Hi-  
drografia e Navegação

Fornecedor do Arsenal de Marinha

**Avenida 24 de Julho, 2, 1.<sup>o</sup>-D.**

**L I S B O A**

**A**  
**LOJA NOVA**

**RUA DA ESCOLA POLITÉCNICA, 267**

**L I S B O A**



**F a n q u e i r o**

**e**

**R e t r o z e i r o**

**Vendas a pronto**

**e a prestações**

**A PRESTAÇÕES**

**SEM FIADOR**

Os mais modernos e

lindos candeeiros

Fogões para gás,

esquentadores, artigos de

casa de banho, etc.



**COSTA & PEREIRA, L.<sup>DA</sup>**

**LARGO DE S. JULIÃO, 12, 2.<sup>o</sup> D.**

Telefone 2 1498

## ALFAIATARIA ESTORIL

Lindíssima colecção  
de tecidos para Fatos,  
Sobretudos e Gabardines



Impermeáveis simples  
e duplos de óptima  
qualidade

Rua 1.º de Dezembro, 45, 2.º  
Frente ao Chave de Ouro

Telefone 2 5929

TELEF. 2 0665

J

J. B. RODRIGUES, L.<sup>DA</sup>

FÁBRICA DE CAMISARIA

Rua de S. Lázaro, 1 a 9  
(Escritório)

Rua José António Serrano, 5 a 11  
(Fábrica)

L I S B O A

SOCIEDADE DE VIDROS

*Alba, L.<sup>da</sup>*

ESPELHAGEM E LAPIDAÇÃO  
VIDROS E CRISTAL EM CHAPA

F Á B R I C A

12, Calç. do Moinho de Vento, 12-A

DEPÓSITO E ESCRITÓRIO

Rua de S. Lázaro, 127-A / 133

Telegr. SOVIAL

Telef. 5 1 8 2 5

L I S B O A

FÁBRICA DE CAL A MATO

E

EXPLORAÇÃO DE PEDREIRAS

DE

J. J. HILÁRIO  
DE SOUSA

Telef. 81 409

Telef. residência 4 9758

RUA DO ALVITO, 144

Alcântara — LISBOA

PREÇOS

SEM COMPETÊNCIA

## Aparelhos de Cinema

Para todos os fins

8<sup>mm</sup> — 9,5 — 16 e 35<sup>mm</sup>

Sempre em stock

Sociedade Pathé - Baby

P O R T U G A L



Rua de S. Nicolau, 22  
L I S B O A

Rua St. Catarina, 315  
P O R T O

## Niagara

A reputada marca de moinhos de  
martelos e

Descaroçadoras - Secado-  
ras para  
Bagaço de Azeitona

A máquina indispensável no momento  
actual, para completo aproveitamento  
dos Bagaços de azeitona para

Alimentação de Gados

Fabricação Portuguesa da Patente  
dos Stabilimentos Mecânico Fra-  
telti Tortorelli — Siena

Consulte os agentes exclusivos para Portugal  
e Colónias

AGÊNCIA INTERNACIONAL DE  
R E P R E S E N T A Ç Õ E S

Telef. 2 3616

Rua da Madalena, 220-224  
L I S B O A

TELEFONE

8 1 - 2 4 7

UNIÃO DE  
VINAGRES, L.<sup>DA</sup>

Rua 1.º de Maio 62 a 66

L I S B O A

## Companhia de Lanifícios de Arrentela

S. A. R. L.

FÁBRICA:

TORRE DA MARINHA  
ARRENTELA

SEDE:

Rua da Conceição, 85, 1.º  
Telef. 2 6854 LISBOA

AGÊNCIA:

Rua Trindade Coelho, 1-C, 2.º  
P O R T O

Uma das principais Fábricas for-  
necedoras do Exército, Marinha,  
Brigada Naval e Mocidade Portu-  
guesa. Fabricação completa de  
todos os tecidos de lã para ho-  
mens e senhoras, cobertores,  
mantas de viagem, panos para  
bilhar, etc.

## CONSERVEIRA DE PEIXE

De tódas as qualidades e  
formatos sempre aos melhores  
preços do mercado

**Vendas para exportação,  
por grosso e a retalho**

## CONSERVEIRA DE LISBOA, L.<sup>DA</sup>

EXPORTADORES

Rua dos Bacalhoeiros, 166-168

Telefone 2 2158

Telegramas CONSERLIS

## ALIANÇA COMERCIAL DE QUINQUILHARIAS, L.<sup>DA</sup>

GRANDE SORTIDO DE  
ARTIGOS P/ FEIRAN-  
TES E ESTABELECI-  
MENTOS NO GÉNERO

Sabonetes, perfumes, talheres,  
canivetes, navalhas, lâminas,  
pinças de barba, escôvas p/  
cabelo, fato e calçado, meias,  
peúgas, lenços, toalhas, cami-  
solas e brinquedos, etc.

CASA MUITO CENTRAL

Rua dos Fanqueiros, 297-299-301

L I S B O A

## S E L O S

Clássicos de Portugal (continente),  
emissões de D. Maria, D. Pedro e  
D. Luíz, com carimbo pouco forte ou  
margens estreitas (nada defeituosos)

Vendemos com os descontos  
de 50% até 75% do catálogo

**Eládio dos Santos e  
Mercado Filatélico 1943**

Estes selos tiveram enormes  
subidas no novo catálogo de  
1944

## A. MOLDER

Telef. 2 1514

Rua 1.º de Dezembro, 101, 3.º - E.

Canetas Parker Vacumatic  
Aparelhos eléctricos

Vendas a pronto e a prestações

## Loja das Águas (CALDEIRA FEYO & MARTINS, L.<sup>da</sup>)

RUA DO OURO, 263

L I S B O A

Tabacos,  
Águas minerais,  
Acendedores,  
Objectos de novidade,  
etc., etc.

Telefone  
2 9718

## Vendas a prestações

Relógios das melhores marcas

Jóias de fino gosto



Oficina de consertos

Absoluta garantia

RELOJOARIA E OURIVESARIA

### Júlio J. Santos (Viúva)

Rua da Madalena, 46

Telefone 2 9704

L I S B O A

# Casa Filipe

APRESENTA

GRANDES NOVIDADES

PARA

SENHORA E HOMEM

RUA AUGUSTA, 176

L I S B O A

## VIDRARIA CONFIANÇA

### Alberto Puga de Sousa

33, Rua da Vitória, 37

L I S B O A



Porcelanas e Cristais

Artigos de Ménage

e Decoração

Talheres e objectos para brindes

AOS MELHORES PREÇOS

Telefone 2 4885

## NUNCA ANDARAM TÃO FALADOS OS ALFAIATES DE S. JULIÃO!

Esta fama ganharam-na eles por  
vestirem elegantemente

MEIA LISBOA COM OS SEUS FATOS DE VERÃO!



Confecções de garboso figurino, em  
tecidos excelentes, executadas impe-  
cavelmente sob o duplo ponto de vista  
do corte e do acabamento

Obras que fortalecem o renome da

Afamada alfaiataria da classe média

cuja direcção está a cargo do sócio fun-  
dador, José Paulo Pereira e do novo  
associado José Maria Pires

Sede — NESTA LISBOA, ESQUINA  
DA RUA DOS FANQUEIROS

**Sociedade Textil  
do Sul, L.<sup>da</sup>**

**SEDE**

**Rua da Prata, n.º 199, 1.º e 2.º**

**LISBOA**

**Telegramas: TEXTISUL**

**Telefones: 2 5431 - 2 3968**

**Fábricas:**

**LISBOA — ALHANDRA — SACAVÉM**



**Fiação, Tecelagem, Tinturaria,  
Estampagem e Hidrofilagem**

**Pobres, remediados e ricos**

**ATENÇÃO À**

**CASA INGLESA**

Vender-vos-á directamente  
o seu fabrico de

Gabardines, Impermeáveis,  
Doubles Cheviote, Sobretu-  
dos Modelo (Actualidade)

o que representa uma  
economia de 20 a 30%

**SEUS ÚNICOS DEPÓSITOS:**

**LISBOA**

**Rua de Santa Justa, 95, 1.º**

**PORTO**

**R. de Santa Catarina, 84**

O maior de todos os sortidos  
e os melhores acabamentos



O Exército moderno requiere no seu  
equipamento o Fecho de correr

**TRIX**

O FECHO QUE OFERECE GARANTIA  
Manufactura Nacional de Fechos  
de Correr Limitada  
Rua do Palma 268 — Telefone 2 3650

**Talvez não saiba que**

**POR CÊRCA  
DE**

**100\$00**

**MENSAIS**

pode adquirir lindas

**Mobílias**

utilizando as nossas

facilidades de pagamento

**Estabelecimentos Mateus**

**R. de S. Lázaro, 162-170**

**Telefone 4 0538**

# René

coiffure — beauté

CABELEIREIRO DE SENHORAS

TR. DO SALITRE, 19, 1.º  
(à Avenida)

L I S B O A



ENGLISH  
SPOKEN

Telef. 2 4743

LOJA DO GALEÃO

## Florindo & Florindo

— Capas e Casacos —  
— Polainas, Galochas —  
e Botas de Borracha  
— Pastas e Cintos —  
Estojos couvre - piéds  
Sacos

Todos os artigos de viagem

Especialidade em artigos de peles  
para senhoras

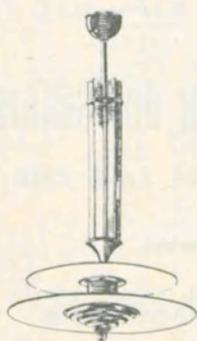
Malas e Peles

□□□□□

190, 192, Rua Augusta, 194, 196

L I S B O A

Telefone 2 6807



A  
PRESTAÇÕES

Lindos modelos de  
GANDEEIROS  
de tecto e de mesa

Também vendemos todo o material e lâmpadas eléctricas desde 3 velas em 220 e 110 Volts.

ARMAZÉM DE MATERIAL  
E L É C T R I C O

Rua dos Correeiros, n.º 140, 1.º

Lourenço da Cunha, L.<sup>da</sup>

Telefone 2 4217

Garantimos o bom Corte e Acabamento

Grande sortido de fatos para  
crianças em tôdas as medidas  
e casacos para senhoras.

GRANDE ALFAIATARIA E  
CHAPELARIA DO CARMO

## ANTÓNIO RODRIGUES

ALFAIATE-MERCADOR

55, Calçada do Carmo, 61

L I S B O A

Telefone 2 0537

Sempre o maior sortido em Fatos,  
Sobretudos e Gabardines já feitos,  
como em finas casimiras  
para a execução dos mesmos.

# NEGRESKO

Restaurante-Bar de Luxo

OOOOOO

CHÁS DANÇANTES

..... E .....

C E I A S

..... À .....

A M E R I C A N A

OOOOOO

Rua Jardim do Regedor

Telefone 2 6090

# Auto-Cais do Sodré

Acessórios, Óleos, Pneus  
e Câmaras de ar

\*

Compra e venda de Pneus  
usados

\*

Encarregamo-nos de  
vulcanizações e recauchutagens

Praça Duque da Terceira, 9

Telefone 2 6733

LISBOA

PORTUGAL

# Luiz Godinho, L.<sup>da</sup>

ARMAZÉM DE CABOS

Lonas, Alcatrão,  
Correntes, Amarras

e todos os aprestos  
para navios e armações de pesca

CORDOARIA

de tôdas as qualidades e grossuras

Av. 24 de Julho, 1-F e 1-G

ESQUINA DA

Travessa dos Remolares, 2 a 8

TELEFONE 2 1001

L I S B O A

Telefone 2 5934

# Luiz Mayor dos Santos

ARMAZÉM DE PAPELARIA

\*\*\*\*\*

Papéis nacionais e  
estrangeiros para escrita

Papéis especiais para  
revistas, jornais, etc.

\*\*\*\*\*

72, Rua dos Sapateiros, 74

L I S B O A

# ESTORIL

COSTA DO SOL

A 23 quilómetros de Lisboa

A mais elegante praia do país



**Estoril Palácio Hotel** — Luxuoso e confortável — Magnífica situação.

**Hotel do Parque** — Elegante e moderno.

**Hotel de Itália** — Preços moderados.

**Estoril-Termas** — Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico — Ginástica — Cultura Física — Sala de Armas — Piscina de água tépida.

**Tamariz** — Magníficas esplanadas sobre o mar — Restaurante — Bars.

**Casino** — Aberto todo o ano — Concertos — Cinema — «Dancing» — Restaurante — Bars — Jogos autorizados pelo Governo — Roleta — Banca Francesa — Bacará.



“Stands” de tiro - Escola de equitação - Parque infantil



Informações :

Soc. Propaganda da Costa do Sol

ESTORIL — PORTUGAL



# BANACÃO

O MELHOR DOS  
ALIMENTOS

Produto português  
para os portugueses



O BANACÃO  
é preferido para a 1.<sup>a</sup> refeição

porque todos os que o tomam, se sentem mais confortados até à 2.<sup>a</sup> refeição,

porque ao fim de poucos dias conhecem a diferença do seu vigor nos exercícios físicos, que normalmente fazem,

porque é mais agradável ao paladar.

## OS PARECERES MÉDICOS

provam que é mais nutritivo,

provam que fornece mais calorias que qualquer outra refeição.

**BANACÃO SEMPRE BANACÃO**

TIPOGRAFIA DA LIGA  
DOS COMBATENTES  
DA GRANDE GUERRA

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS  
EM TODOS OS GÊNEROS

Calçada dos Caetanos, 18

Tel. 2 1450

PELES E CONFECÇÕES



Rua da Assunção, 71

Telefone 2 4575

**Joalheria, Ourivesaria  
e Relojoaria**

**“Casa das Bengalas”**

Rua da Prata, 87, 89, 91 — LISBOA

No centro do quarteirão — Telef. 2 0256

Não confundir, esta casa é a que tem

2 taças expostas num grande candeeiro

reclame colocado no passeio, em

frente do estabelecimento

**Taças de Prata para prémios**

**desportivos**

Em exposição permanente mais de 1.200

Fatos, Sobretudos, Gabar-  
dines e todo o género de  
vestuário já confeccionado  
para homens e meninos

**Old England**

**Sarmiento & C.<sup>a</sup>**

**RUA AUGUSTA**

Esquina da Rua de S. NICOLAU



**As melhores qualidades**

**Os mínimos preços**

**À CLASSE ESTUDIOSA**

Pastas modelo **Internacional**, com asa, imitação de pele, a Esc. 35\$00  
Grande sortido noutras qualidades a preços de nossa fabricação  
Remessas contra reembolso \* Consertos perfeitos no género

**FÁBRICA INTERNACIONAL DE MALAS**

**DEPÓSITO DE JÚLIO CASSIANO**

**RUA DO AMPARO 21**

**Telefone 2 1930**

**Ecole Française**  
de  
**Lisbonne**

25, Páteo do Tejolo

Telef. 2 0209

JARDIM INFANTIL  
ENSINO PRIMÁRIO  
E CURSO DOS LICEUS  
(Português e Francês)

Cursos de Francês Prático

As aulas abrem no dia 6 de Outubro

As matrículas estão abertas



CAPAS e fatos  
de oleado

Venda e aluguer de EN-  
CERADOS

TOLDOS para  
estabelecimentos

Material de  
acampamento e

BARRACAS

Consulte a

**SOCIEDADE INDUSTRIAL**  
**TOLDOS E ENCERADOS**

Telefone 2 5357

RUA DO VALE DE SANTO ANTÓNIO, 59  
LISBOA

**T. S. F.**

Acessórios, válvulas,  
Baquelites, ebonites,  
Vernises e fios de  
bobinagem

Filtros para motores

ALFREDO CRUZ

SUC. DE

ARMANDO CASQUILHO

R. Eugénio dos Santos, 76, 1.º

L I S B O A

GRANDES  
DESCONTOS  
P A R A  
R E V E N D A

Sociedade  
POLLUX,  
Limitada

Quinquilharias, Bijouterias  
Cutelarias, Brinquedos,  
Malhas, Peúgas, Meias, etc.

132-1.º, Rua da Palma, 138

Telo { fono 2 2294  
gramas POLLUX

LISBOA

Telefone P. B. X. 4 3453

# A NEGRITA, LIMITADA

F Á B R I C A  
D E  
T O R R E F A C Ç Ã O  
E  
M O A G E N S  
E  
A R M A Z É M  
D E  
C H Á  
E  
C A F É

Rua Maria Andrade, 18

L I S B O A

# MADEIRAS

Importação directa de casquinha,  
pitchpine, macacaúba, freijó, mogno,  
nogueira americana, carvalho, faia,  
pau santo, etc.

**Madeiras contraplacadas**

Únicos fabricantes do País  
Marca registada Severo

**Aduelas e arcos de ferro**

Em tôdas as medidas, para tanoaria  
no n/ armazém do POÇO DO BISPO

**Torrens Marques Pinto, L.<sup>da</sup>**

R. Vasco da Gama, 33 a 37  
L I S B O A

Telefones: 6 0176 e 6 0178-P. B. X.  
Telegramas: FLORESTAL

# SERAFIM RAMOS, L.<sup>DA</sup>

FÁBRICA DE GESSOS

Telefone 6 0303  
Enderêço telegráfico: GESSO

Sede social

Rua do Caes do Tojo, 71

Fábrica

Av. Presidente Wilson, 42 a 58

L I S B O A

CHAPAS EM GESSO ARMADO

nosso fabrico com gesso de l.<sup>a</sup> São as  
mais baratas e resistentes do mercado  
permitindo melhor trabalho

Gessos de estuque, português, francês,  
espanhol para CERÂMICA de superior  
qualidade, fino para trabalhos dentários  
e ortopédicos, mate e de pintor

Cimento Portland branco para estuques  
interiores, exteriores e trabalhos artísticos,  
Cimento branco para escaiola, Cré holan-  
dês, Betumes de Pedra, Giz, Areia tipo do  
Rio Sêco e pedra, Pó de pedra para polir  
escaiola

CERESIT contra a umidade. Torna a  
argamassa completamente impermeável

Telefone: 81-402

Enderêço Telegráfico: FILIOSA

# José Furtado Leite, L.<sup>da</sup>

ARMAZÉM DE CEREAIS

E MERCEARIAS

Escritório

R. da Junqueira, 26 e 28

L I S B O A

## Officinas Gerais de Material de Engenharia

Sede: Avenida da Índia — BELÉM

### Manufatura de Material de Engenharia

Sapadores mineiros, sapadores  
de caminhos de ferro, telegrafia  
e telefonia por fios e sem fios,  
:: pontoneiros, automobilistas ::

### Mobília e utensílios

### Trabalhos em ferro e madeira para construção civil

Construção, reparação e pintura  
de carroseries

### Fundição, Vulcanização, Niquelagem, etc.

Fornecimento e fabricação  
de sobresselentes para automó-  
veis e motocicletas

Fornecimentos análogos para o público

## Joaquim Godinho da Silva

Sucessor, Limitada

....

Antiga casa  
VIÚVA MOURA

....

Armazém de Retrozeiro,  
Malhas e Miudezas

....

Rua dos Fanqueiros, 84-1.º — LISBOA

Telefone 2 6577

Formidável sortido de casacos de:

Astrakan, Agneau, Opos-  
suns, Rasé, Épilé, Raposas,  
Cabrito, Gazela, etc.

Raposas platinadas, Argentées,  
Azuis, Canadá, etc.

CASA VALENTE

R. DA BOA VISTA, 93, 1.º

(Ao Conde Barão)

Telefone 6 1329

## João d'Almeida Júnior, Limitada

ARMAZÉM

DE

DROGAS, TINTAS

E

PRODUTOS QUÍMICOS

R. DO CORPO SANTO, 22 a 30

TELEFONE 2 0706

L I S B O A



# B.B.C.

*a voz de Londres*

FALA e o MUNDO ACREDITA

## Emissões em LINGUA PORTUGUESA

Com a mudança de hora, o horário das transmissões da BBC para Portugal passa a ser o seguinte:

Hora de Lisboa	Comprimentos de Onda
7,45 Noticiário . . . . .	41,49 m. ( 7,23 mc/s)
	31,75 m. ( 9,45 mc/s)
13,15 Noticiário e actualidades	24,92 m. (12,04 mc/s)
	19,76 m. (15,18 mc/s)
	13,86 m. (21,64 mc/s)
22,15 Noticiário e actualidades	42,13 m. ( 7,12 mc/s)
	41,96 m. ( 7,15 mc/s)
	31,75 m. ( 9,45 mc/s)
	261,1 m. ( 1,149 kc/s)
	500 m. ( 200 kc/s)

Faça os seus seguros

NA

# COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO

CAPITAL: 10.000 CONTOS

ACIDENTES PESSOAIS, INCÊNDIO,  
MARÍTIMO, TRANSPORTES TER-  
RESTRES E AÉREOS, VIDA E ACI-  
DENTES DE TRABALHO

RUA GARRETT N.º 56 — LISBOA

TELEFONES 2 2467 E 2 8621

Rodrigues

&

Guerra, L.<sup>da</sup>

(CASA DAS TRIPAS)

Mercearias e legumes por atacado  
Tripas secas e salgadas

ESCRITÓRIO E ARMAZÉM

43, R. dos Bacalhoeiros, 49

L I S B O A

Telegramas: RODRIGUERRA

Telefone: 2 3953

Manuel Domingos Lopes

PROPRIETÁRIO DE

A NOVA MOBILADORA DOS ANJOS

CASA FUNDADA EM 1900

31-E, Rua dos Anjos, 33-B

LISBOA

Telefone 4 4685

Carpetes, Tapetes, Oleados  
Maples, Passadeiras,  
Cretones, Veludos,  
Pergamoides, Damascos

Compra, Venda e troca de mobílias  
novas e usadas

Cofres, Pianos

Oficina de estofador e decorador

Preços sem competência

# MOBÍLIAS

Modernas, Queen Anne, Chippendale, D. João V, Luiz XVI, Hollandês, etc., etc. Modelos de arte e simples, tenho e fabrico

Consulte V. Ex<sup>a</sup> o

Fabricante Angel Lôpo

Marcenaria fundada em 1877

Forneço orçamentos e projectos

Preços sem competência

Tr. das Salgadeiras, 7, letra E (pátio)  
ao Campo de Sant'Ana

Telefone 4 4147

Manufacturas de produtos para calçado

# GOMES & NUNES

Fornecimento completo para  
Armazéns, Companhias, etc.

Pomadas, Cremes  
e Tintas para Calçado  
Vernizes e Colas  
Cêras em Marcas  
Tintas de escrever

Marca:

« R I V E R »

FÁBRICA, ARMAZÉM E ESCRITÓRIO

6 - A, Caminho Forno do Tijolo, 8

L I S B O A

Telefone 4 4631

# ARMAZÉNS AZEVEDO

L AN I F Í C I O S  
E  
A L F A I A T A R I A

ESPECIALIZADA PARA HOMENS  
E SENHORAS

G A B A R D I N E S ,  
S O B R E T U D O S ,  
C A S A C O S P A R A  
S E N H O R A S , E T C .

226, RUA DOS FANQUEIROS, 232

Prédio todo

Frente à Rua da Assunção

Telefone da fábrica 2 8210

MÓVEIS MODERNOS  
M O B Í L I A S

# Agostinho Nogueira Bicho

F A B R I C A N T E

Escritório, Fábrica e Armazéns:

Calçadinha do Tijolo, 58

Portas, 1-2-3 e 13, 1.º  
ao Largo de Santa Marinha (S. Vicente)

FILIAIS:

N.º 1 — Rua Angelina Vidal, 88-A  
Telefone 5 1210

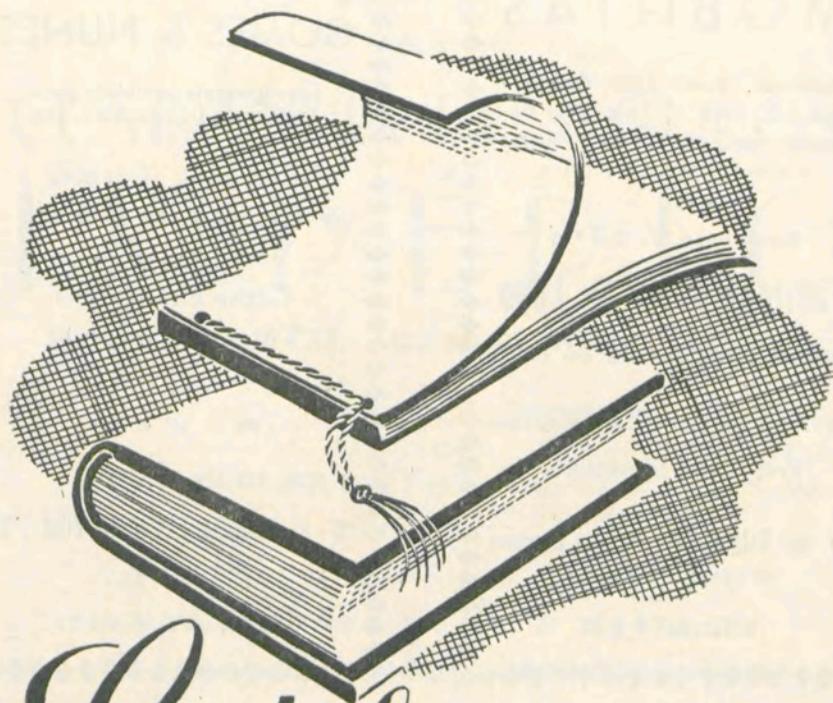
N.º 2 — Rua da Conceição, 47 e 49  
Telefone 2 2433

N.º 3 — Rua de S. Lázaro, 10 e 12  
Telefone 2 3033

N.º 4 — Rua 1.º de Maio, 70 a 82  
(a St.º Amaro)

LISBOA

PORTUGAL



# Catálogos, aluns,

TRABALHOS  
TIPOGRAFICOS,  
SIMPLES E DE LUXO,  
REPRODUÇÕES  
EM FOTOGRAVURA,  
OFFSET  
E LITOGRAFIA

**BERTRAND IRMÃOS, L.<sup>DA</sup>**

Travessa da Condessa do Rio, 27, LISBOA — Telefones P.B.X. 21227 e 21368

---

---



*...Essas poucas páginas brilhantes  
e consoladoras que há na História do  
Portugal contemporâneo escrevemo-las  
nós, os soldados, lá pelos sertões da  
África, com as pontas das baionetas  
e das lanças a escorrer em sangue...*

*Joaquim Mousinho*

# Revista da Cavalaria

Publicação bimestral

## CORPO DIRECTIVO

CAPITÃO JOÃO CORREIA BARRENTO

CAPITÃO AMADEU S.<sup>TO</sup> ANDRÉ PEREIRA

CAPITÃO AUGUSTO CASIMIRO GOMES

TENENTE ANTÓNIO S. RIBEIRO DE SPÍNOLA

## EDITOR E ADMINISTRADOR

TENENTE LUÍS MANUEL TAVARES

SEDE QUARTEL DO CARMO  
L I S B O A  
PROVISÓRIA TELEF. 2 2 1 2 2

Composta e impressa na Tipografia  
da Liga dos Combatentes da Grande Guerra

# S u m á r i o

EM FRENTE...

REVISTA DA CAVALARIA

QUATRO ANOS DEPOIS...

MECANIZAÇÃO

INICIAÇÃO TÁCTICA

### HIPISMO:

CONCURSO HÍPICO DE CASCAIS

CAMPEONATO DO CAVALO DE  
GUERRA

ORGANIZAÇÕES DA S. H. P.

AS CORRIDAS DE OUTONO

### BOLETIM DA E. P. C.:

CURSOS DE METRALHADORAS

PROVA «CORONEL AFONSO BO-  
TELHO»

CAPITÃO LEOTE DO RÊGO

CURSO DE COM. DE GRUPO

FORMAÇÃO DE INST. MOTO

### JORNAIS-REVISTAS-LIVROS:

ACTUALIDADES GRÁFICAS

O EXEMPLO

O SINDROMA CLAUDICAÇÃO

GENERAL CARLOS RAMIRES

GENERAL PEREIRA COUTINHO

TEN.-CORONEL PAIS RAMOS

MAJOR BUCETA MARTINS

CAPITÃO REYMÃO NOGUEIRA

CAPITÃO CORREIA BARRENTO

TENENTE ANTÓNIO SPÍNOLA

RODRIGO COSTA PEREIRA

CAPITÃO ANDRÉ PEREIRA

G. J.

TEN. COR. MARQUES DA CASA ARIZON

DR. ROGÉRIO RUIZ

COLABORAÇÃO ARTÍSTICA DE — DELFIM MAIA E ANTÓNIO XAVIER  
A DOCTRINA DOS ARTIGOS PUBLICADOS É DA RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

## CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Ano . . . . . 30\$00

(Para o Ultramar e estrangeiro acrescido do porte do correio)

**Avulso 5\$00**

491  
493  
495  
497  
519  
533  
542  
549  
553  
562  
571  
575  
576  
579  
586  
587  
599  
606

# Revista da Cavalaria

4.º Ano - n.º 6

Novembro

ESTADO MAIOR DO EXERCITO

BIBLIOTECA

N.º 135/1944

Em 15/11/1944

## Em frente...



Com a publicação dêste número, a *Revista da Cavalaria* completa o 4.º ano da sua nova existência.

Na estrada da sua vida foi vencida mais uma etapa.

O horizonte continua longínquo, o caminho é áspero mas o fôlego é ainda o mesmo.

Continuaremos marchando em frente, com passo firme, e com espírito essencialmente cavaleiro.

A nobre Cavalaria Portuguesa assim o ordenou em Novembro de 1939, e, portanto, assim terá que ser.

Porém, para que a ordem seja cumprida com aquêlê «élan» que sempre caracterizou tôdas as acções da nossa arma, é necessário olhar ao largo, e não nos limitarmos a incensar o curto caminho já percorrido.

## Revista da Cavalaria

Para que a *Revista* continui a ser *da Cavalaria*, e não, pertença espiritual de alguns cavaleiros que nela colaborem, é necessário que todos nós juntemos uma pedra à progressiva construção que vimos alevantando, contribuindo para o bem comum da arma com o produto do nosso estudo e da nossa imaginação.

Na confusão própria da época evolutiva que vivemos, só pelo aturado estudo e permanente aplicação prática dos conhecimentos teóricos adquiridos na leitura, nos poderemos pôr à altura da nossa missão.

Hoje, o estudo é-nos tão indispensável como o desembaraço físico.

Concentremo-nos um pouco. Façamos um exame à nossa consciência de cavaleiros, e, se êste não nos fôr francamente favorável, orientemos o nosso esforço futuro, para que um dia, condignamente, possamos ter orgulho na *Revista* da nossa Arma.



# Revista da Cavalaria

pelo General CARLOS RAMIRES



Quatros anos de vida, outros tantos de trabalhos e canseiras que antecipadamente se sabia terem como recompensa única a consciência de servir a Arma, servindo ideais a que se devotaram aquêles que, dedicadamente, tomaram sôbre os ombros o encargo de criar e manter a *Revista da Cavalaria*.

Viu esta a luz no ano do deflagrar da actual guerra mundial, isto é, após 20 anos de discussões sôbre o valor e necessidade da Arma, e no momento em que os factos iriam confirmar teorias suscitadas pela valorização da Arma aérea, pelos novos armamentos e pela nova técnica, o que sobejamente demonstra o valor educativo da Cavalaria, que em tal ambiente ainda criou novos apaixonados.

Defender ainda a Cavalaria, chega a parecer sebastianismo, dirão uns, improgessividade, dirão outros. Creio bem que nem uns nem outros acertarão verdadeiramente, porque o cavaleiro foi sempre progressivo, só trocando os seus princípios por outros, quando a razão e a experiência o justificam, adaptando-se só a novas modalidades que estejam de harmonia com a sua concepção do «cumprimento do dever».

Sabe o cavaleiro, melhor que ninguém, o valor que o cavalo deixou de ter para a guerra, mas tem a consciência de que o «espírito da arma» é uma realidade, e que o seu valor educativo se faz sentir em tôdas as emergências, sobressaindo nas mais difíceis, e luta para que isso se não perca.

Que era a Cavalaria afinal? Uma Arma susceptível de muitas e variadas missões na guerra, que supriu durante séculos a falta de Aviação, de blindados, de paraquedistas, protegendo as outras Armas, e combatendo a seu lado. Quando circunstâncias permanentes ou ocasionais não permitam a utilização daqueles novos elementos, quem suprirá a lacuna?

## Revista da Cavalaria

Arma que prestou e poderá prestar, ainda que subsidiariamente, tais serviços, não desaparece de um jacto: transforma-se.

E depois, ela de forma alguma se opõe a absorver os progressos científicos — que se hoje lhe tiram préstimos, poderão amanhã dar-lhos —, antes é ávida dêles.

De resto, à herança muito pesada, com a qual não poderá isoladamente qualquer dos novos: aviação, blindados, paraquedistas, «comandos», não são mais que especializações das várias missões da Cavalaria, e qualquer dêles cultiva em tal grau o espírito do dever, que a Arma de Cavalaria só se sentirá honrada em lhe entregar o «facho».

Aguardemos as lições da guerra actual, haja mesmo alguma previsão para além dela, porque, quem se propõe fazer a guerra, procura novos moldes para haver razão dos conhecidos por todos; e, entretanto, que a *Revista da Cavalaria* continui no seu papel educativo, sem desfalecimentos, na consciência plena de que orientando a Arma, mesmo para novos horizontes, presta um relevante serviço.

E são êstes os meus votos.



# Quatro anos depois...

pelo General PEREIRA COUTINHO

Há 4 anos, ao receber a notícia da publicação da *Revista da Cavalaria*, da «nossa Revista» senti alegria grande e as palavras de incitamento e aplauso que dirigi ao, ainda novo mas já brilhante, oficial de Cavalaria que ma anunciava, eram penhor seguro da satisfação, do júbilo e do interesse com que tomava conhecimento dos seus planos e do nome dos outros, nem mais velhos nem menos distintos oficiais, que à tarefa metiam ombros com a energia consciente de quem sabe que encontra dificuldades, mas não hesita em as transpor...

Também eu não duvidei nem por um momento do êxito do empreendimento, e a satisfação com que hoje o proclamo aqui, vem da certeza de que tinha razão!

O primeiro número apareceu, e desde a feliz alegoria da sua capa, onde o lápis de Delfim Maia patenteava a sua «alma» de cavaleiro, até ao resumo dos jornais, revistas e livros; desde os artigos de mestres consagrados, que me habituei a respeitar quando da minha passagem pelos bancos da Escola do Exército, até ao de alguns meus instruendos que me habituei a estimar quando comigo trabalharam; desde a impressão impecável, até às interessantes silhuetas publicadas; tudo concorria para a atmosfera de simpatia, de dedicação e um pouco de orgulho, dos cavaleiros pela sua Revista, que é hoje um facto, e alargou já o seu âmbito aos nossos camaradas das outras armas.



## Revista da Cavalaria

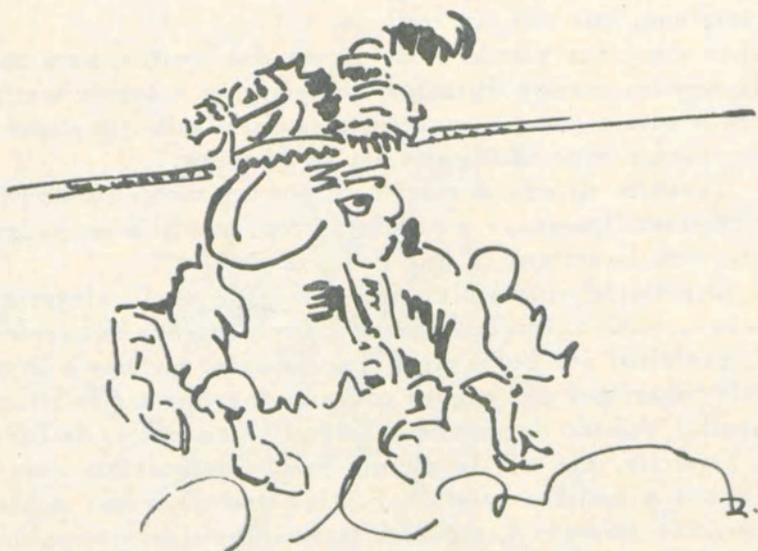
Foi-se assim desenvolvendo a pequenina semente que vi lançar à Terra, e encontrando meio propício ao seu desenvolvimento, e dedicações grandes a ampará-la no seu início, cresceu vigorosamente e assim domina o tempo!

E passou o 1.º, o 2.º ano, foi de vencida o 3.º; com o número agora publicado comemora-se o 4.º, e que mais dizer da *Revista da Cavalaria*?

Que ao terminar a leitura do número recebido, espero sempre ansioso o número seguinte, certo que da sua leitura alguma coisa me fica de consolador e reconfortante, nos tempos revoltos que vão correndo.

Estas simples e despreziosas palavras, escritas de corrida num pequeno intervalo dos meus actuais trabalhos, são as minhas homenagens; à *Revista da Cavalaria* por mais um aniversário, aos camaradas que a dirigem pelo incontestável êxito dos seus esforços.

Tomar, 15 de Outubro de 1943.





pelo Ten.-Coronel PAIS RAMOS

### *Considerações prévias*

**E**XISTE em português um livro publicado pelo Ten.-Coronel do E. M., Gomes de Araújo, onde a Mecanização é tratada por mão de mestre, cuja leitura se torna absolutamente necessária aos oficiais de tôdas as armas. Colhi nêle alguns elementos preciosos para este trabalho.

No entanto, a Mecanização é ali tratada de uma forma global, como factor moderno a considerar na organização geral dos Exércitos, nos domínios da Estratégia e da Tática das Grandes Unidades. A nós, oficiais de cavalaria, o assunto interessa ainda mais particularmente, não só pelas modificações resultantes da combinação dos elementos mecanizados com os elementos hipo, como, muito em especial, pela enorme influência que os progressos da Mecanização produziram, e virão ainda a produzir, na organização e composição das Pequenas e Grandes Unidades da nossa Arma.

Sôbre tão eminente e interessante problema publicou o Ex.<sup>mo</sup> Brigadeiro Afonso Botelho, nesta revista, uma série de artigos que merece a cuidadosa leitura e o estudo atento de todos os camaradas que se interessam pela evolução da sua

## *Revista da Cavalaria*

Arma. Os artigos já publicados elucidam-nos completamente acêrca das modificações já feitas e das que convém fazer na orgânica das Pequenas e Grandes Unidades de Cavalaria.

Ainda sob o ponto de vista cavaleiro, a Mecanização necessita ser encarada desde as suas origens, nas fases successivas por que tem passado através dos tempos, para que melhor nos possamos familiarizar com os problemas que ela suscita. Foi nesta ordem de idéias que resolvi orientar o presente estudo.

A título de elucidação devo dizer que, no momento presente, é ainda difficil distinguir, nas várias publicações que nos chegam às mãos, aquilo que é meramente especulativo e para fins de propaganda, do que é rigorosamente exacto e digno de todo o crédito.

É difficil separar o trigo do joio. Por isso mesmo, tive o cuidado de não fazer quaisquer referências a novas armas ou novos meios sem que tivesse tido dêles conhecimento por intermédio de documentos merecedores de absoluta confiança.

### I

#### *Origens da Mecanização*

A idéia de combater ao abrigo de uma couraça é tão antiga como as primeiras tentativas da civilização. É interessante verificar, tanto quanto no-lo permitem os documentos históricos existentes, até que ponto remontam as origens do moderno carro de combate — tão moderno que muitos julgam ser uma inovação da Grande Guerra e que, mais aperfeiçoado e em melhores condições de emprêgo, surge, na Guerra actual, como arrogante montanha de aço, imponente e majestosa, avassaladora e invencível, disposta a atirar por terra com tôdas as concepções da antiga arte da guerra e a criar mesmo uma nova estratégia baseada em novos princípios.

Não é bem assim. As origens do carro de combate remontam a muitos séculos atrás. Desde que o homem inventou as armas, julgou logo necessário e indispensável transportar um escudo para se defender dos golpes do adversário. Evi-

## Revista da Cavalaria

dentemente que, a cada aperfeiçoamento das armas, correspondia o conseqüente aperfeiçoamento do escudo e assim sucessivamente, através das idades e pelos séculos fora. Foi-se estabelecendo um desafio permanente entre a arma e o escudo, depois entre a bala e a couraça, e de tal sorte que, em épocas sucessivas, ou a arma não rompia o escudo e a bala não perfurava a couraça, ou o escudo e a couraça não eram suficientes para o fim a que se destinavam. A história repete-se. E assim, ainda mais uma vez, na Guerra actual, nós ouvimos falar de canhões cujas balas não perfuravam os carros, quando da invasão da França pelas unidades couraçadas alemãs. E o duelo continua... para não mais acabar.

Mas voltemos às origens do carro. O antepassado mais remoto da viatura blindada foi uma máquina que os chineses utilizaram no XII<sup>o</sup> século antes de Cristo! Esta viatura possuía 4 rodas e era coberta de coiro em volta, destinado a proteger os tripulantes dos golpes vibrados do chão e possuía uma cobertura superior de terra amassada, como protecção contra os projecteis incendiários. A força propulsora de semelhante viatura, está bem de ver, era constituída pela respectiva tripulação, de 12 homens, que simultaneamente se destinavam ao combate. Já nessa época, era desta forma que os chineses se aproximavam e investiam contra as defesas das cidades sitiadas. Escusado seria dizer que o emprêgo destas viaturas se generalizou por todo o mundo conhecido de então. *Cyrus* utilizou-as seis séculos mais tarde e, no ano 304 A. C., em Rhodes, já como aperfeiçoamento da primitiva idéia, foi construída, pela primeira vez, uma torre tão alta como as muralhas daquela cidade. Esta estrutura, é claro, muito menos manejável, necessitava de nada menos que 3.400 homens para a deslocar! Não obstante tal inconveniente, semelhantes torres continuaram a ser construídas durante séculos e foram consideradas indispensáveis em todos os cêrcos.

O problema, todavia, continuava sem solução satisfatória. Era preciso obter uma estrutura protectora móvel, deslocável. Surgiram, conseqüentemente, os *carros de batalha*. Estes, muito semelhantes às máquinas originais chinesas, possuíam blindagens mais resistentes e maior mobilidade. Conquanto a maioria fôsse movida ainda pelos próprios combatentes, alguns desses carros eram deslocados por cavalos.

## Revista da Cavalaria

E, como quer que fôsse, a verdade é que foram êstes os antepassados imediatos do carro de combate moderno. É curiosa esta associação do carro de batalha com o cavalo.

Note-se, que já em 1482, Leonardo de Vinci, escrevia em termos tais que mais parecia qualquer dos grandes Chefes militares da Guerra de 1914: «Estou construindo viaturas seguras e cobertas que são invulneráveis e, quando avançam, com os seus canhões de encontro ao inimigo, êste tem de retirar em massa, podendo ser perseguido, com segurança e sem opposição, quer pela cavalaria, quer pela infantaria!».

Com a invenção da máquina a vapor, os melhores exércitos do mundo, em especial o francês, iniciaram experiências para a utilização desta nova fôrça motriz nas viaturas blindadas, e o certo é que conseguiram resultados muito satisfatórios, conquanto os deslocamentos ficassem limitados à reduzida rêde de estradas então existente, com a agravante de um piso pouco apropriado àquela espécie de viaturas. Em 1770, aparece o *trilho-tractor* pela primeira vez. Mas, em virtude da falta de progressos em trabalhar metais, aquela inovação não obteve resultados práticos apreciáveis. Como consequência, o problema da deslocação de viaturas blindadas através do campo conservou-se insolúvel durante largo período de tempo. Como sempre, os progressos da indústria não acompanhavam as idéias do homem.

Nos fins do século XIX, eis que surge o motor a gasolina e, com êste, o automóvel! Os chefes militares iniciam imediatamente novas tentativas e agora com o objectivo principal de obter um aumento da mobilidade, cujas perspectivas eram, com efeito, prometedoras. Assim se construíram as primeiras viaturas leves, relativamente rápidas e ligeiramente blindadas. Evidentemente, tais viaturas não eram destinadas, como os seus antepassados, a tomar parte nos cêrcos, nem mesmo a avançar nos campos de batalha sob o fogo demasiadamente denso da infantaria; mas, no entanto, destinavam-se a ser empregadas em reconhecimentos e, eventualmente, em acções em que o fogo da infantaria não fôsse muito intenso. Pode dizer-se que, desde então até à data da Grande Guerra, tôdas as atenções se concentraram neste tipo de carro.

# Revista da Cavalaria

II

## O alvorecer da cavalaria mecanizada

Convém acentuar que a «cavalaria mecanizada», tal como é concebida hoje, é um produto do «post-Guerra», conquanto no último período da Grande Guerra se tivesse acentuado de uma forma apreciável a tendência para a sua organização e desenvolvimento. Adiante diremos porquê.

As circunstâncias, ou melhor, as necessidades prementes das operações continuavam a impor uma possível combinação da máxima *mobilidade*, aliada a uma grande *potência de fogo e de choque*, dispondo simultaneamente de uma *protecção* que lhe permitisse o seu emprêgo na execução das missões da Cavalaria.

Chegou a pensar-se na utilização dos tipos mais apropriados de automóveis comerciais, como suplemento das viaturas de combate disponíveis no momento, a fim de atingir aquêl «desideratum», visto que, como é óbvio, as necessidades eram urgentes e não podiam ser satisfeitas com o número relativamente pequeno das viaturas de combate existentes. Era uma medida de recurso, cujos resultados se afiguravam de fraco rendimento.

E, na verdade, conquanto os princípios básicos da construção mecânica tornem possível adaptar ao uso militar os carros destinados a fins comerciais, o certo é também que uma viatura destinada ao combate exige condições de fabrico especiais, no que toca principalmente à maior facilidade de manejo, à utilização das armas, à rádio, à observação, e, ainda, o que é muito importante, ao conforto possível e suficiente do pessoal destinado ao seu emprêgo. A *mobilidade* implica a aptidão para se mover de um lugar para outro, atravessando o terreno intermédio com uma *velocidade* uniformemente elevada. Neste sentido, é conveniente observar que as viaturas de rodas possuem uma mobilidade limitada através do campo, mas uma mobilidade elevada sôbre estradas,

## Revista da Cavalaria

As viaturas providas de trilho especial *todo-o-terreno*, têm, comparativamente, uma mobilidade muito apreciável através do campo. Por isso mesmo, as viaturas de combate destinadas ao contacto eram e têm de ser dêste último tipo e só assim se lhes poderá garantir a necessária aptidão manobradora para o assalto. Em contraposição, as viaturas blindadas, destinadas principalmente aos reconhecimentos, e só secundariamente ao combate, eram do tipo de rodas, permitindo maiores velocidades em estrada e assegurando maior economia, quer na sua construção, quer no seu funcionamento.

Convém também acentuar que o emprêgo da blindagem deve ser função de um acôrdo entre os factores opostos da *protecção* e da *mobilidade*. E assim, a tentativa de fornecer absoluta protecção pelo aumento de blindagem e conseqüente aumento de pêso resultou, e resulta ainda, em prejuízo da mobilidade de uma viatura, e, a tal ponto, que a torna sem valor para a Cavalaria.

Presentes no espirito estas considerações, poderemos agora apreciar melhor, ainda que resumidamente, o progressivo desenvolvimento da «Cavalaria mecanizada», o seu emprêgo teórico, baseado em manobras militares posteriores à Grande Guerra de 1914, bem como as causas que determinaram êsse mesmo desenvolvimento, visto que só na guerra actual essa Cavalaria teve a oportunidade de ser posta à prova e de receber o seu baptismo de fogo, ou seja, como expressivamente dizem os ingleses, o seu «acid test».

Embora, na Grande Guerra, os carros blindados houvessem sido empregados em grande número com a Infantaria, a verdade é que demonstraram indiscutivelmente que, com maior mobilidade, o seu futuro emprêgo com a Cavalaria a cavalo ou como Cavalaria mecanizada viria a ter numerosas e muito apreciáveis possibilidades.

Quando romperam as hostilidades, em Agôsto de 1914, pode dizer-se quási em absoluto que as nações europeias estavam falhas de mecanização. A fraca aptidão dos carros para a marcha através do campo foi posta rápidamente em evidência e o pensamento militar dos chefes inclinou-se decididamente para o aperfeiçoamento de uma viatura *todo-o-terreno*.

## Revista da Cavalaria

Não quero abusar dos meus prezados camaradas sujeitando-os a uma exposição longa e enfadonha das variadas tentativas e experiências feitas com os sucessivos modelos de carros que foram aparecendo, desde o «Mother» e «Little Willie», apresentados pelo British Landship Commitee, até ao aparecimento dos primeiros «tanks» em território francês, em Agosto de 1916. O primeiro combate em que tomaram parte teve lugar na *frente* do Somme, no mês seguinte, e, de 49 carros que iniciaram a acção, apenas 32 alcançaram a posição de assalto.

Como era de prever, outras nações, seguindo o exemplo dos ingleses iniciaram a construção de viaturas de combate. Em Fevereiro de 1916, os franceses, por exemplo, encomendaram 400 «tanks» à casa Schneider. É interessante notar que a designação francesa para as primeiras unidades de carros foi a de «Artilharia de assalto». Neste ano, a França fez verdadeiros progressos no sentido da mecanização da Cavalaria, atribuindo orgânicamente grupos de carros blindados a cada Divisão de Cavalaria e, mais tarde, dotando com uma Companhia de Carros o Corpo de Cavalaria.

Os americanos pouco contribuíram para a mecanização durante a Guerra, conquanto a sua Cavalaria tivesse feito ensaios muito proveitosos com carros blindados e unidades motociclistas providas de metralhadoras. Quanto a carros, limitaram-se a aperfeiçoar os «Renaults» franceses e os «Mark VIII» dos ingleses, que não foram produzidos a tempo de entrar em acção.

A Rússia, por sua vez, modificou o «Austin» inglês de 6 rodas, conseguindo, pelas modificações efectuadas, obter a primeira viatura *todo-o-terreno* daquela época.

Como todos sabem, o primeiro emprego de carros de combate, em Setembro de 1916, surpreendeu completamente os alemães. Êstes, só em 1918 os empregaram pela primeira vez, alguns de fabrico próprio, mas em número muito reduzido, em conjunção com outros que aprisionaram aos aliados, em S. Quentin, em Março daquele mesmo ano. É notável a aplicação dos carros em colaboração com a Cavalaria, feita pelos próprios alemães, na última parte da Grande Guerra, em especial na campanha da Roumania. Os carros blindados obtiveram óptimos resultados na cobertura dos Destaca-

## Revista da Cavalaria

mentos de Reconhecimento da Cavalaria alemã. Contudo, as acções mais notáveis dos carros blindados tiveram lugar na França, na Palestina e, finalmente, na campanha da Mesopotâmia. Quando, em Março de 1918, a 1.<sup>a</sup> Divisão de Cavalaria Francesa tapou a brecha de Noyon e, mais tarde, em Julho do mesmo ano, o 1.<sup>o</sup> Corpo de Cavalaria entrou em posição a N. do Marne, os respectivos carros orgânicos foram eficientemente empregados, quer na ligação, quer no patrulhamento, quer ainda como reserva móvel, para proteger a retirada, etc. Os ingleses obtiveram com eles resultados decisivos na perseguição do inimigo, na última fase da campanha da Palestina. Utilizaram-nos também em reconhecimentos à distância de uma etapa, e às vezes mais, à frente dos elementos hipo. Foi assim que desbarataram uma G. de Ret. turca, em Khan Sebil e, mais tarde, aniquilaram forças importantes de Cavalaria em Khan Tuman. Posteriormente, perseguiram as forças turcas que retiravam a N. de Aleppo e constituíram, quasi que exclusivamente, uma base de fogos de um ataque a cavalo levado a efeito pela 15.<sup>a</sup> Brigada de Cavalaria inglesa. Finalmente, na campanha da Mesopotâmia, os carros blindados tiveram um largo e judicioso emprego em conjunção com a cavalaria, donde se tiraram conclusões interessantes e ensinamentos preciosos.

Por isso mesmo, eu tenho de lhes fazer referência especial:

Em Outubro de 1918, os turcos encontravam-se numa situação extremamente desfavorável. A Bulgária havia sofrido um colapso desastroso. Os turcos não dispunham de tropas apreciáveis a S. das montanhas do Taurus, a não ser na Mesopotâmia, e as operações levadas a efeito pelo General Allenby, na Palestina, haviam conseguido o mais retumbante sucesso. Estava, pois, naturalmente indicada uma acção ofensiva na «frente» da Mesopotâmia para as tropas britânicas que se encontravam nas proximidades de Bagdad — ofensiva que foi empreendida ao longo do Tigre com extraordinário vigor, tendo como objectivo Mosul, na margem W. daquele rio.

Estas interessantíssimas operações foram precedidas por reconhecimentos a longa distância em ambas as margens daquele rio, efectuados pela cavalaria em íntima colaboração com unidades mecanizadas, e — caso curioso — a falta de água no deserto a oeste do Tigre foi motivo mais que poderoso

## Revista da Cavalaria

para modificar os planos do Tenente-General inglês Cobbe, a quem coube a honra de elaborar a «decisão» para tão brilhante quanto elucidativa campanha, sob o ponto de vista cavaleiro.

Não cabe no âmbito d'este trabalho fazer dela um estudo pormenorizado. No entanto, a título de esclarecimento, indicamos a natureza dos efectivos nela empregados:

— A 8.<sup>a</sup> Bateria Ligeira Motorizada (menos 2 secções);  
A 14.<sup>a</sup> Bateria Ligeira Motorizada;  
3 Destacamentos Motorizados de Metralh. de Infantaria;  
1 Companhia de Carros Blindados;  
1 carro T. S. F., tudo sob o comando do Major Thompson, constituindo uma Brigada Ligeira destinada a operar a W. do Tigre.

— A 11.<sup>a</sup> Brigada de Cavalaria, sob o comando do General Cassels, destinada a operar na margem leste.

— Uma Brigada mecanizada constituída pela quasi totalidade dos carros blindados, destinada a interceptar a eventual retirada dos turcos em direcção de Mosul (objectivo já indicado) e a cooperar com a 11.<sup>a</sup> Br. Cav. a E. do Tigre.

— Um regimento de infantaria, destinado a progredir ao longo do rio.

Tôdas estas forças tiveram de defrontar-se com enormes efectivos, ascendendo a muitos milhares de homens as tropas turcas de tôdas as armas com que tiveram de defrontar-se, pelo que o General Cassels se viu ainda na necessidade de as reforçar ulteriormente com forças importantes de infantaria e artilharia e com a 7.<sup>a</sup> Brigada de Cavalaria. As marchas effectuadas por estas forças durante uma tarde e uma noite inteira, sem o menor descanso, incluindo a travessia do Tigre, onde centenas de homens e cavalos foram arrastados pela corrente do rio, constituem façanhas de extraordinário valor militar, tendo concorrido enormemente para o êxito final destas operações que, levadas a efeito desde 23 a 30 de Ou-

## Revista da Cavalaria

tubro, em perfeita guerra-relâmpago, foram férteis em variadíssimos incidentes, quasi todos êles do maior valor elucidativo sôbre as possibilidades no emprêgo dos carros blindados em refôrço e íntima cooperação no combate da Cavalaria. É para os ensinamentos colhidos nestas operações que eu desejo chamar a atenção dos meus prezados camaradas e, desta forma, nós ficaremos, a meu ver, suficientemente esclarecidos para melhor compreensão das operações gigantescas da Guerra actual, nos teatros de operações em que as G. U. de Cavalaria, quer hipo, quer mecanizadas, ou ambas em conjunto, tenham já dado as suas provas e venham porventura a dar, como é lógico prever.

Nas fases iniciais destas operações na Mesopotâmia, a que me referi a traços largos, a cavalaria mecanizada recebeu missões ofensivas independentes sôbre o terreno que não era favorável ao emprêgo da cavalaria hipo, em especial pela falta de água; interrompeu a ligação entre as tropas inimigas e o respectivo Quartel General, em Mosul, repelindo-as segundo o eixo definido pela principal linha de comunicações; impossibilitou a chegada de reforços importantes e desorganizou completamente todo o serviço de reabastecimento. Os carros blindados tornaram-se por vezes indispensáveis, quer no auxilio prestado à *Brigada de Cavalaria* no ataque envolvente das linhas de defesa inimigas, quer evitando que as fôrças amigas fôssem fatalmente forçadas a um movimento retrógrado, em virtude de uma ameaça de transbordamento eminente por parte das tropas turcas, porque os carros blindados, graças à sua grande mobilidade, conseguiram prolongar o flanco da 11.<sup>a</sup> Brigada de Cavalaria de mais de 9 quilómetros! Estas operações fornecem ainda um excelente exemplo da conduta a adoptar na perseguição, pois enquanto os elementos de maior mobilidade ameaçavam os flancos dos turcos em retirada, impedindo-os de se fixarem numa nova linha de defesa, os elementos de menor mobilidade exerciam simultaneamente a pressão frontal directa.

E assim, em presença dos ensinamentos destas e doutras operações do último período da Grande Guerra, chegou-se às seguintes conclusões:

## Revista da Cavalaria

Os carros blindados auxiliam directamente a Cavalaria:

- 1.º — Aumentando o seu raio de acção e rapidez de reconhecimento;
- 2.º — Protegendo-a contra os ataques dos carros inimigos e da aviação;
- 3.º — Aumentando a potência de fogo dos destacamentos de segurança, permitindo a estes últimos mais rápidos progressos;
- 4.º — Constituindo uma reserva móvel de potência de fogo;
- 5.º — Permitindo uma ligação rápida com as colunas vizinhas;
- 6.º — Permitindo uma grande economia em cavalos que, em determinadas circunstâncias, podem ser empregados mais útil e judiciosamente.

Devo agora acentuar que nem sempre os carros foram utilizados na execução das missões da Cavalaria, mas sim no ataque lento e brutal, imediatamente apoiados pela Infantaria. O ataque de Cambrai, em Novembro de 1917, por exemplo, foi levado a efeito por 378 carros de combate, tendo conseguido uma penetração de 6 milhas numa frente de 7 milhas, mas não logrou romper suficientemente as linhas alemãs para que a Cavalaria Inglesa pudesse fazer a exploração do sucesso. A este respeito, um autorizado crítico alemão escreveu o seguinte no *Militar-Wochenblatt*, de 25 de Dezembro de 1929: «Os ingleses não conseguiram utilizar eficazmente os seus carros em Cambrai. Distribuíram-nos por uma larga frente, em vez de os concentrarem para o ataque principal. Aproximadamente 30 carros esperaram, depois de romper as linhas, em Marcoing, pela chegada da cavalaria. 4 horas depois, a 107.<sup>a</sup> Divisão alemã, partindo de Cambrai, conseguiu defender as pontes sobre o canal e estabelecer uma nova linha de defesa entre este e o bosque de Bourlon. Se os carros ingleses tivessem prosseguido no seu avanço, teriam comprometido a artilharia alemã, apoderar-se-iam das passagens do Marcoing e teriam atacado as reservas antes que estas pudessem ter-se organizado para a defesa».

## Revista da Cavalaria

É também digno de nota o último ataque de carros, lançado em Amiens, em Agosto de 1918. O plano da cavalaria para êste ataque exigia inicialmente 2 Baterias de Carros pesados, transportando cada um dêles 4 metralhadoras e respectivas guarnições, as quais poriam pé em terra, acompanhando o ataque da infantaria, até alcançarem o objectivo final. Êste seria mantido, quer por elas, quer pela cavalaria, até à chegada da infantaria. O Corpo de Cavalaria, com 2 Divisões em primeira linha, cada uma delas com 1 Bateria de Carros Whippet, e uma 3.<sup>a</sup> Divisão com 1 Bateria de Carros ligeiros em reserva móvel, deveria lançar-se ao ataque depois da Infantaria ter alcançado o objectivo intermédio e ter aberto o caminho para a Cavalaria através do arame farpado e das trincheiras. Depois de alcançado o objectivo, a cavalaria, com os seus carros, aguardaria que fôsse rendida pela infantaria, para finalmente se lançar sôbre as organizações inimigas da retaguarda. As fases iniciais dêste ataque sucederam-se tal como haviam sido previstas no seu conjunto, mas os resultados foram, de uma maneira geral, desanimadores, pelo que diz respeito à cooperação cavalaria-carros. As guarnições das metralhadoras, devido ao fumo, ao calor e à fadiga, não estavam em condições de combater quando alcançaram o seu objectivo. Os Whippet não puderam acompanhar os elementos hipo em alguns pontos, e noutros tiveram de esperar por êles. A meio do 1.<sup>o</sup> dia, houve grande confusão na retaguarda das linhas alemãs, e se os carros mais rápidos tivessem recebido ordem para se adiantarem de alguns quilômetros das fôrças de apoio, em vez de ficarem a assistir à redução de numerosos centros de resistência, levada a efeito pela cavalaria, ter-se-ia conseguido evitar, em grande parte, a reorganização da resistência alemã.

De tudo isto podemos concluir, sem receio de errar, que, na realidade, a tática do emprêgo dos diferentes tipos de carros blindados em cooperação íntima com as outras Armas e, em especial, com a cavalaria, estava absolutamente na sua infância, durante o período final da Grande Guerra, sendo interrompida pelo Armistício em plena fase de experiências e de tentativas mais ou menos ousadas e de resultados relativamente pouco proveitosos.

## Revista da Cavalaria

¿ Mas porque se acentuou cada vez com maior convicção a tendência para a organização da cavalaria mecanizada e, de uma maneira geral, para a criação das GRANDES UNIDADES COURAÇADAS? É que, meus caros camaradas, a guerra de trincheiras immobilizou os Exércitos desde a Suíça ao Mar do Norte, o fogo mortífero das metralhadoras e o arame farpado não permitiam saltar a trincheira. Só a artilharia podia destruir tais elementos de defesa à custa de um dispêndio prodigioso de munições e de tempo, tornando impossível a surpresa, sem a qual é impossível a manobra. A alternativa que se apresentava era a seguinte: descobrir um meio capaz de destruir o arame farpado, de neutralizar as metralhadoras e ainda de transportar as tropas para o terreno livre das organizações da retaguarda do adversário, ou deixar eternizar a Guerra. Eis a origem, na sua concepção actual, do carro de combate, e, consequentemente, da sua organização em Pequenas e Grandes Unidades.

### III

#### *As Divisões couraçadas, as Tropas rápidas e os «Jeeps»*

É para nós, cavaleiros, um lugar comum, dizer-se que a *informação*, factor essencial da manobra e da segurança, é indispensável ao Comando. A quem é pedida? Nas G. U., à Aeronáutica, à Cavalaria, às tropas em contacto e aos órgãos especiais de observação e de escuta. No Comando Superior de um teatro de operações, é assegurada pela Aviação, e pelas G. U. de Cavalaria — à primeira competindo a *exploração aérea* e, à segunda, a *exploração terrestre*. Também se tem repetido — e nunca é demais fazê-lo, — que a *segurança* constitui uma necessidade imperiosa e permanente, quer se trate do chefe — *segurança estratégica* — quer se trate das tropas — *segurança táctica* — e, para qualquer delas contribuem, no mais elevado grau, a Cavalaria e a Aviação.

A Cavalaria tem representado através dos tempos um papel importantíssimo nas missões de *exploração* e de *segurança* em proveito do Alto Comando. Temos, no entanto, de

## Revista da Cavalaria

reconhecer que, em presença do estado actual da motorização e dos meios de transmissão, do desenvolvimento da potência, do alcance das armas e do acréscimo da velocidade e raio de acção da Aviação, e, finalmente, dos progressos formidáveis da mecanização, as Unidades de Cavalaria hipo ficaram colocadas em condições precárias, pelo menos em terrenos praticáveis aos blindados, e não poderão cumprir as missões que tradicionalmente lhes couberam na *exploração* e na *segurança*. Por essa razão, foi preciso criar uma G. U., ao mesmo tempo veloz, potente e harmónica no conjunto dos seus elementos, capaz de desempenhar aquelas missões, em presença do motor e do blindado. Essa Grande Unidade, é a Divisão Ligeira Couraçada. Foi necessário criar uma nova Cavalaria — a Cavalaria Mecanizada. Não esqueçamos que há regiões cujos terrenos se não prestam ao uso exclusivo do motor e a Guerra actual já nos forneceu exemplos bem frisantes d'este facto. Nessas regiões é de aconselhar a utilização do cavalo, conquanto a seu lado deva estar sempre o auto e, em particular, o blindado T. T., numa percentagem condicionada e judiciosa.

Também não é menos verdade que as razões que impuzeram a criação das Div. Lig. Couraçadas, nas missões de exploração e segurança, não se impõem menos na batalha e, em particular, na exploração do sucesso. Por outro lado, a intervenção na batalha defensiva para tapar uma brecha encontrará pela sua frente elementos blindados; logo, para lhes fazer face, são indispensáveis meios idênticos.

As campanhas da Polónia e da França puzeram bem em evidência que só uma G. U. Couraçada, rápida, protegida, sempre pronta ao combate, pode semear o terror e a desordem nas retaguardas inimigas.

Para obter tais sucessos foi preciso criar aquilo a que os alemães chamam hoje a «Arma mais jôvem do Exército» — uma arma em que a viatura blindada está ligada às restantes tropas rápidas: atiradores em carros blindados; caçadores em carros blindados; engenharia em carros blindados; artilharia em carros blindados; tropas de comunicação em carros blindados e bem assim as tropas em motocicletas e os carros de reconhecimento blindados. Só quando tôdas estas armas entram em conjunto e se completam reci-

## Revista da Cavalaria

procamente nas suas acções é que o êxito pode ser completo. As tropas rápidas encarnam o espírito combativo dos Exércitos modernos e, à custa delas, graças aos êxitos técnicos alcançados pela motorização, obteve o Exército do Reich as suas maiores e incontestáveis vitórias.

As missões de que são encarregadas estas tropas exigem, tanto dos comandos como de todos os graduados e praças, as condições seguintes: verdadeiro espírito cavaleiro, camaradagem, compreensão e decisão rápidas. Diz-se — e com razão — que as tropas blindadas e as tropas rápidas desempenham na Guerra actual as missões de character tático das antigas Divisões de Cavalaria, e que são: envolvimento dos flancos, rupturas e perseguição ininterrupta.

Estas missões verdadeiramente militares estimulam sempre homens destemidos. Há uma coisa, porém, que diferencia os ataques efectuados pela Cavalaria de outros tempos e os levados a cabo pelas armas modernas: êstes são mais envolventes, mais violentos e muito maior a sua responsabilidade; e, assim, os soldados que operam com carros blindados têm de ser homens feitos em tôda a acepção da palavra.

Ê nestas unidades de tropas rápidas que nós encontramos a síntese da poderosa acção de conjunto de tôdas as armas, causando extraordinária impressão a sua íntima e harmónica cooperação. E, assim, o carro de combate não poderia defender-se, em determinadas circunstâncias, se os sapadores e atiradores não viessem em seu auxílio, desimpedindo-lhe o caminho. Os atiradores, por sua vez, precisam da fôrça das armas perfurantes de blindagem para se defenderem contra a acção dos carros de combate inimigos. Os carros de combate abrem as brechas nas posições inimigas e os atiradores neutralizam as resistências que ainda continuam. Os carros de combate abrem o caminho lutando e as restantes unidades das tropas rápidas asseguram o terreno conquistado. Conclui-se, portanto, que as armas estão numa interdependência mútua. Todo o elemento pertencente a uma unidade rápida sabe que o objectivo final do ataque só pode ser alcançado por meio da acção do conjunto de tôdas as armas de que dispõe. Por isso mesmo, exige-se dos chefes de cada uma das unidades o máximo da sua capacidade técnica e da

## Revista da Cavalaria

sua inteligência. Não basta verificar antes do início de um ataque, a actuação em conjunto de tôdas as armas, inclusivé da artilharia e das tropas de comunicação; é preciso, também, durante o decurso das operações, cuidar sempre por que, na mudança das posições, tôdas as armas actuem o mais eficazmente possível contra o inimigo e mantenham sempre a *fôrça de choque activa* e a *protecção de fogo*, onde quer que sejam necessárias. Para isso, é absolutamente indispensável que os chefes, a quem são entregues as unidades rápidas, possuam o maximo de bravura e de decisão, além da audácia, golpe de vista, reflexos instantâneos e o maior espirito de sacrificio. Em resumo: é necessário possuir *espírito cavaleiro*, elevado ao seu máximo expoente.

As missões de uma G. U. dêste género são as eternas missões da Cavalaria, e ainda aquelas que resultam das características dos seus novos meios:

- *a exploração*: em proveito do Alto Comando;
- *a segurança*: no início das operações, em reserva de cobertura; durante aquelas, cobrindo a entrada em acção de fôrças motorizadas; ameaçando os flancos, etc.;
- *a intervenção na batalha*: ofensiva, na exploração do sucesso e na perseguição;
- *na batalha defensiva*: em acções retardadoras, tapamento de uma brecha ou contra-ataque.

Razão tinha Tremeau quando já em 1936 dizia:

*«Uma arma caracteriza-se não pelos processos que emprega ou pelos meios de que dispõe momentâneamente. Caracteriza-se, sim, pelas suas missões. A cavalaria não morre porque as suas missões subsistem. Evoluir não é senão a lei do progresso».*

Qual deverá ser, então, a composição de uma Div. Ligeira Couraçada ou de uma G. U. Couraçada? Evidentemente que esta será uma conseqüência lógica e natural das missões que tem a cumprir. Em qualquer caso, deverão dispor de mobilidade completa, bastar-se a si próprias e constituir um todo harmónico que facilite ao máximo a combinação dos seus meios.

## Revista da Cavalaria

Além de uma artilharia potente, de meios de transmissão adequados, sapadores motorizados para o necessário restabelecimento das comunicações, compor-se-ão de carros de combate em maior ou menor número e de elementos blindados e não blindados de reconhecimento.

A sua velocidade, em terreno variado, é de 10 a 15 kms./h. e o seu raio de acção de 200 a 300 kms.

Ora a *mobilidade estratégica* da nossa Br. de Cav. dificilmente poderá ir além de 200 kms. em três dias.

Sobre a sua mecanização convém ler atentamente a composição que lhe deve ser atribuída no interessante estudo a que já nos referimos, feito pelo Brigadeiro Afonso Botelho nas páginas desta Revista. Naquele que diz respeito aos órgãos, a mecanização integral das Br. de Cavalaria é proficientemente tratada. A sua composição é deduzida da «Div. Lig. Mecânica» francesa e da «Div. Lig. Couraçada» alemã, apresentando o autor dois tipos, A e B, que hão-de vir certamente a servir de base para uma possível organização futura da nossa Arma.

Qualquer dos tipos apresentados destina-se apenas ao cumprimento das missões de exploração e de combate em que se não exige a rotura de frentes organizadas.

Efectivamente, as Br. Lig. Mecânicas são órgãos de grande mobilidade estratégica e de acção táctica assaz violenta, mas não são, de modo algum, órgãos de rotura.

Também ali é tratada proficientemente a organização do Grupo de Cavalaria moto-mecanizado («Grupo Ligeiro Mecânico»), cuja regulamentação se torna indispensável, logo que se constituam no nosso Exército as G. U. Motorizadas, ou, com mais forte razão, as G. U. Mecanizadas.

Além das Div. Lig. Couraçadas, existem ainda as Div. Couraçadas (não ligeiras), às quais vou fazer umas breves referências a fim de esgotar o assunto da mecanização, tal como elle se apresenta na época actual.

As Div. Couraçadas apareceram como consequência das opiniões divergentes entre franceses e ingleses quanto à solução do problema do *acompanhamento* da Infantaria, e, muito em especial, pela necessidade de satisfazer o problema da *rotura* que, de resto, foi o motivo original e principal que levou à construção do carro de combate. Os franceses deram

## Revista da Cavalaria

o problema como resolvido e optaram pelos carros ligeiros, tipo «Renault F. T.» que se chegaram a estrear brilhantemente na ofensiva de Julho de 1918, entre o Aisne e o Marne. Os ingleses persistiram na idéia de obter um engenho capaz de evitar à Infantaria as perdas terríveis que as metralhadoras inimigas lhe infligiam. Orientaram por isso o fabrico no sentido do carro pesado, por forma que este, embora apto para acompanhar a Infantaria, o não fôsse menos para a rotura.

Previendo ainda a exploração do sucesso, que deveria suceder-se à rotura, criaram paralelamente o carro médio. Os alemães, depois de pôrem em dúvida, durante muitos anos, pelo menos «para inglês ver», o valor dos engenhos blindados — a ponto do marechal Hindenburgo, quando lhe apresentaram os primeiros carros alemães, ter dito: «êles não servirão para grande coisa; mas, uma vez que os possuímos, empreguêmo-los» — a verdade é que acabaram por dar a preferência à tese inglesa e optaram pelas Gr. U. Couraçadas. Estas distinguem-se principalmente das primeiras porque são aptas a desempenhar, além das missões normais das G. U. de Cavalaria, a missão especial da *rotura*. Analisadas e comparadas as composições das Div. Lig. Couraçadas e das Div. Couraçadas, tomando para exemplo a composição da Div. Couraçada alemã, tipo Panzer, chegamos à conclusão de que as diferenças essenciais resultam da proporção entre os elementos de reconhecimento (auto-metr. e moto-carros) e os de ataque (carros de combate) — os primeiros com maior representação nas Div. Lig., embora pouco acentuada nas Couraçadas, onde o número de carros chega a triplicar. E, assim, as Div. Couraçadas têm uma mobilidade estratégica e um raio de acção mais reduzidos. Em compensação, possuem maior capacidade ofensiva e, em especial, o seu poder é muito maior. As primeiras dispõem do número e qualidade de carros suficiente para ataques locais contra frentes pouco profundas e de organização sumária; as segundas, aptas para a rotura, para ataques contra posições de profundidade considerável e fortemente organizadas, possuindo, além disso, maior capacidade defensiva, por isso que, para o mesmo número de elementos transportados, é muito mais rica em elementos blindados.

## Revista da Cavalaria

Mas, quer as Div. Lig. Couraçadas, quer as Div. Couraçadas, necessitam por sua vez de um elemento mais rápido e flexível, capaz de fazer tudo que a cavalaria não pode fazer — precisam, pois, por sua vez, de uma cavalaria especial, de uma moderna cavalaria.

Na América, por exemplo, esta necessidade imperiosa fêz surgir a idéia dos carros chamados «Jeeps» — o famoso carro de reconhecimento do Exército americano, capaz de tôdas as façanhas, como um verdadeiro prodígio de mecânica, e que tem hoje as mais variadas aplicações.

Êste famoso carro de reconhecimento tem batido todos os «records» de agilidade, maneabilidade e resistência, e tem apenas 250 quilos de pêso, com as suas quatro rodas motrizes.

O carro «Jeep» desempenha variadíssimos papéis. A Artilharia, a Cavalaria e a Infantaria utilizam-no também como carro de reconhecimento, como rebocador de canhões anti-aéreos, como transportes de primeira mão, mensageiro, para transportar munições, máquinas e ferramentas, onde quer que seja necessário.

A vantagem essencial dêste carro é que êle presta-se para correr em boas e más estradas, para vencer escarpas, avançar por valas e barrancos, por água e por lama, pela neve e pelo gelo. Foi construído para enfrentar tudo isso e está à prova dos mais tremendos solavancos que o projectem no ar. Quando ganha o terreno novamente, mostra-se insensível a tais choques e prossegue na sua fantástica corrida como se nada houvesse acontecido. São suficientemente leves para serem transportados por aviões e largados em pára-quadras, a fim de serem imediatamente utilizados por tropas de infantaria aérea e, sendo de uma fabricação muito simples e económica, os carros «Jeeps» são actualmente produzidos aos milhares para tôdas as Armas do Exército dos Estados Unidos.

Muito semelhante a um pequeno automóvel ligeiro, o volante, os freios, embreagem e instrumentos, comandos do acelerador e de arranque, são idênticos aos mais vulgares, e, assim, qualquer motorista pode manejá-lo e dirigi-lo com a maior facilidade.

A característica mais importante que torna o «Jeep» capaz de realizar coisas extraordinárias é a transmissão

## Revista da Cavalaria

selectiva às quatro rodas, cuja energia provém de uma caixa de mudança que lhe proporciona seis velocidades para a frente e duas para trás. Os motores dispõem de instalação lubrificante de alimentação forçada para que possam continuar a funcionar quando o «Jeep» faça subidas muito íngremes ou se veja forçado a correr em ladeiras de grande inclinação transversal. Quanto a planos inclinados, nenhum outro carro o pode igualar. Ângulos de 55 graus são-lhe indiferentes. Demais, a sua construção é tão forte, não obstante o seu reduzido pêso, que, quando se vira, a própria tripulação o endireita novamente e continua o seu caminho.

Os tubos para lubrificação, distribuidores, geradores, acumuladores, baterias e demais acessórios eléctricos, são colocados junto da parte superior do motor, de modo que a sua distância ao nível eventual de água em terreno inundado é bastante considerável, a fim de proteger êsses órgãos vitais. A sua «linha de água» fica acima dos estribos, o que representa uma vantagem importante em operações de guerra, quando aparecem obstáculos aquáticos. A curtíssima distância entre os eixos permite-lhe extraordinária manobrabilidade e, por isso, êle constitui, com uma tripulação de três homens, um excelente rebocador de peças anti-tanques de 37 e até de 75 mm.

O «Jeep» constitui, presentemente, a alma dos recém-organizados batalhões destruidores de tanques!

Em vez de aguardarem o ataque, os «Jeeps», como uma matilha infernal de chacais, enfrentam e cercam os tanques, acoçando-os rapidamente pelos flancos, utilizando pequenas cortinas de fumo, mais do que suficientes para os encobrir.

### *Considerações finais*

¿ Mas afinal, depois de tudo isto, que havemos nós de pensar sobre os nossos Grupos e, em especial, sobre as nossas Brigadas de Cavalaria? Então para que serve tudo quanto temos estudado e aprendido e qual é a utilidade da nossa instrução?

## Revista da Cavalaria

Permitam-me que eu imprima um cunho de sinceridade a estas minhas considerações finais. Repugnou-me sempre, desde que me encontre a desempenhar uma missão de instrução, *impingir gato por lebre* aos que por dever ou obrigação me escutam e, muito principalmente, porque não sei expor e muito menos ensinar (não é este agora o caso) sem fé ou sem convicção nas afirmações que porventura faça.

Não sou pessimista como Schopenhauer, mas também não me sinto nada Pangloss, nem discípulo de Voltaire, para que o meu optimismo me leve a dizer-lhes que a nossa Br. de Cavalaria tal como está hoje organizada, mesmo no papel, corresponde às necessidades da época presente. Também não sou pessimista a ponto de lhes afirmar que a nossa Br. de Cav., uma vez reorganizada em harmonia com os ensinamentos colhidos das campanhas actuais, dotada, em especial, com maior número de elementos mecanizados e anti-carro, não possa vir a desempenhar cabalmente as missões que lhe são próprias, dentro do quadro geral das G. U. da sua classe e em teatros de operações adequados. E estes não faltam, quer na Metrópole, quer nas Colónias.

Quero com isto dizer que estou absolutamente convencido de que por forma alguma soou a hora do entêrro das G. U. Hipo.

Evidentemente que em regiões suficientemente espaçosas e ricas em vias de comunicação, os Exércitos de hoje já não podem contentar-se com Div. ou Br. de Cavalaria, da natureza das que possuímos hoje.

Resta saber o seguinte:

¿Dispondo os Exércitos de determinada nação de Div. Lig. Couraçadas e até de Div. Couraçadas, mantém-se ou não a necessidade de possuírem simultaneamente Div. ou Br. de Cav.? Estou absolutamente convencido de que sim, mesmo para actuarem em íntima colaboração com aquelas, embora o seu emprêgo fique restringido a missões mais limitadas no tempo e no espaço e tenham de actuar mais estreitamente ligadas ao dispositivo das G. U. normais de tôdas as armas.

Não nos iludamos, porém: *tempo, espaço e velocidade* são funções variáveis, intimamente ligadas. A aviação e os blindados trouxeram para a *velocidade* um acréscimo de tal

## Revista da Cavalaria

natureza que o *espaço* e o *tempo* têm de fatalmente variar em idênticas proporções. E a verdade é que sem *espaço* e sem *tempo* não há *segurança* possível.

O problema consistirá em dotar as G. U. Cav. Hipo com meios blindados em proporção mais conveniente, mas sem correr o risco de as transformar em Div. Mecânicas, para que se não prejudiquem aquelas características que as tornam aptas a agir em todos os terrenos e em todos os climas. O próprio Marechal Pétain, em 1919, no final de uma inspecção que fez à Escola de Saumur, viu muito longe e bem quando disse:

«Conservai as tradições da vossa Arma — audácia e velocidade — mas dotai-a de material».

Mas dotai-a de material, repetimos nós agora!

Terminaremos este modesto trabalho, com a seguinte afirmação perentória:

Não pode haver Cavalaria, mecanizada ou não mecanizada, sem espírito cavaleiro. Num dos números desta Revista, li, há tempos, com muito agrado, que a Inglaterra, o único país da Europa que mecanizou toda a sua Cavalaria, mantém todavia a sua Escola de Equitação e cuida dela com o maior carinho! E porquê?

Porque não pode existir espírito cavaleiro e, quando exista, não poderá manter-se ou desenvolver-se, sem o culto do cavalo, sem a prática da equitação.

E de resto, há uma verdade que é insofismável e indestrutível:

A máquina é um produto do Homem — o Homem é a alma da máquina — e a máquina sem o Homem não é nada!



# — ALGUMAS NOTAS SÔBRE —

# INICIAÇÃO TÁCTICA

pelo Major BUCETA MARTINS



As notas que seguem não têm outra pretensão além de apresentar o mais simples e objectivamente possível, certos conhecimentos fundamentais para o estudo da Tática, que justificam a necessidade dêsse estudo e o enquadram nas relações que tem com o das outras ciências da guerra: matéria que deu fôlego a uma literatura opulenta, feita de milhares, senão de milhões de páginas, designadamente no século passado e principio do actual.

Precisamente pelo seu carácter puramente especulativo, todos êsses estudos apresentados sob a rubrica de «Iniciação tática», podiam encher volumes porque todo o espirito da época, de formação filosófica especulativa, se deleitava na complexidade e na subtileza de que os tratadistas — alguns dêles mestres insignes — os revestiam.

Os tempos mudaram e, até nisso, a consequência da velocidade, que tudo e todos arrasta, é que os estudiosos contemporâneos não têm tempo que lhes chegue para dedicar uma atenção demorada e um esforço intelectual muito concentrado aos assuntos de interêsse, pelo menos na aparência, apenas especulativo e escolástico.

A vida é curta e o cérebro demasiado sobrecarregado de conhecimentos a *encaixar*, para que se possa perder muito tempo com aquilo que não se apresenta como verdadeira matéria positiva de aplicação prática.

Daí o descurem-se na preparação profissional assuntos que, entretanto, são fundamentais para a boa formação intelectual, como bases indispensáveis para a boa compreensão das matérias de aplicação.

## Revista da Cavalaria

Isso me levou a procurar condensar em poucas linhas certas noções que interessam como introdução ao estudo da tática e que se apresentam aqui com modesto intuito e a despretenciosa forma de notas.

*Lugar da tática nos conhecimentos militares. Divisão, método e objectivo do estudo da tática.*

A — *A Ciência Militar. Ciência da guerra e sua divisão.*

A guerra moderna (*guerra total*, ou *guerra integral*) envolve tôda a nação e utiliza todos os processos de luta: *luta pelas armas*; *luta política* englobando a *luta diplomática* e a *luta pela propaganda*; *luta económica*.

As *operações militares* representam, contudo, a modalidade predominante em que tôdas as outras se reflectem e integram.

O exército é o elemento principal da luta.

O fim imediato e principal da guerra é aniquilar o *exército inimigo* e, por isso, a *batalha* é o acto culminante das operações militares.

*Ciência militar* é o conjunto de conhecimentos que regem a *preparação* e o *emprego* das *fôrças militares*. Ciência tão vasta e complexa que com ela se relacionam tôdas as outras ciências e de tôdas extrai princípios e recursos que utiliza, o que torna difícil a sua divisão em *partes* correspondentes aos vários conhecimentos.

*Ciência da guerra* é, num âmbito mais restrito, o conjunto dos princípios, das regras e processos e, de uma maneira geral, dos conhecimentos que os chefes utilizam e devem respeitar para *preparar* e *conduzir* as operações de guerra.

É a *teoria da guerra*.

\*

São muito variados, e alguns confusos, os critérios que têm sido seguidos para procurar uma divisão no estudo da Ciência da guerra. Utilizaremos o que nos parece mais objectivo: *a divisão da ciência da guerra em função da natureza dos elementos que podem influir nas operações militares.*

# Revista da Cavalaria

Sob este aspecto dividiremos a ciência da guerra em:

— *Orgânica*: que estuda a organização material e moral das forças.

— *Geografia militar*: que estuda os teatros de operações e os campos de batalha sob o ponto de vista geográfico e geológico.

*Topografia militar*: que estuda o terreno sob o ponto de vista dos seus acidentes topográficos locais.

— *Logística*:<sup>(1)</sup> que estuda as necessidades materiais da vida das tropas e dos processos para as atender nas diferentes situações.

— *Política militar*: que estuda a influência da política na condução das operações militares e a relação que entre uma e outra devem existir.<sup>(2)</sup>

— *Estratégia e tática*: que estudam as leis, os princípios e as regras que, tendo em consideração os factores orgânico, geográfico, topográfico, logístico e político, regem a condução das operações num âmbito mais ou menos vasto.

A *estratégia* e a *tática* são, pois, as duas partes mais importantes da ciência da guerra, ou, pelo menos, as que directamente ensinam a conduzir as operações militares.

*Outros conhecimentos que sem estarem directamente ligados com a condução das operações são indispensáveis para a preparação e organização dos meios de luta; são:*

— *A balística*;

— *A técnica do fabrico de armas e explosivos*;

— *A técnica de engenharia militar*: fortificação e comunicações;

— *A técnica da observação e dos outros ramos do serviço de informações*;

— *A técnica dos serviços de manutenção*: medicina e veterinária militar, administração militar, serviço mecânico automóvel e aeronáutico;

— *A técnica dos serviços de ordem*: «justiça militar e regras de disciplina militar»;

---

(1) Está intimamente ligada ao estudo da tática pelo que muitos a consideram como dela fazendo parte integrante.

(2) Só interessa aos Comandos superiores e, por isso, só faz parte dos *altos estudos militares*.

## Revista da Cavalaria

- *A educação militar*: educação física e moral;
- *Os estudos de aplicação* destinados à formação da mentalidade dos chefes: *pedagogia militar*; *história militar*; *direito internacional* e *política internacional*;
- *Cartografia, Geodesia e fotografia militares*;
- *Meteorologia*;
- Etc.;...

\*

B— *Definição de Tática e de Estratégia. Manobra.*

— *Estratégia* é o conjunto de princípios e de regras em que o comando em chefe, e os comandos dos exércitos que actuam nos diferentes teatros de operações, devem basear o emprêgo das massas das suas fôrças, a conjugação das suas direcções e movimentos, para as colocar em situação vantajosa para a *batalha*, para explorar o sucesso desta ou para limitar o *insucesso*. Essa conjugação de direcção e movimentos constitui a *manobra estratégica*. Os *objectivos* da manobra estratégica, embora visando as fôrças inimigas, são em regra *objectivos geográficos* que, atingidos, produzem sôbre essas fôrças os efeitos da manobra.

— *Tática* é a parte da ciência da guerra que estabelece os princípios, as regras e, até, os processos a aplicar no movimento, no estacionamento, no combate e na manutenção das tropas, para tirar o maior rendimento da sua capacidade de movimento e de luta.

O fim principal da tática é, contudo, fixar o conceito do modo de emprêgo dos meios de luta (tropas e material) no combate. É a tática que ensina a conduzir as tropas que desenvolvem a manobra estratégica.

Estas tropas, para atingirem os objectivos que lhe são fixados na *manobra estratégica* têm de defrontar a acção do adversário que procura opôr-se-lhe; para inutilizar essa reacção terão de combater, dando aos seus movimentos e à acção dos seus fogos, dentro da zona de acção que lhe é attribuída, a *directão*, a *articulação*, a *oportunidade* e o *ritmo* adequados. Resulta, assim, a *manobra tática*.

## Revista da Cavalaria

Os *objectivos táticos* são pontos da frente, dos flancos ou da retaguarda das forças inimigas, ou pontos do terreno que elas ocupam.

— *Manobra tática*, é, pois, para cada unidade o resultado da combinação dos movimentos e das acções dos fogos das sub-unidades, ou dos agrupamentos táticos em que cada comando divide as suas forças, para cumprir a missão e atingir os objectivos que lhe foram fixados pelo comando de que dependem.

— A *manobra* (quer no campo estratégico como no tático, quer na ofensiva como na defensiva) é, portanto, a combinação dos movimentos, das acções e disposições que um comando organiza com os meios de que dispõe, e tendo em vista a sua missão, o In., o terreno e os próprios meios, para colocar o adversário em condições desfavoráveis para a decisão; ou, mais genéricamente, para atingir o fim que se propôs ou lhe fixaram.

*A manobra classificar-se-á:*

- Segundo o *âmbito das operações* em:
  - manobra estratégica;
  - manobra tática.
- Segundo o *carácter da operação* em:
  - manobra ofensiva;
  - manobra defensiva.
- Segundo a *modalidade da execução* em:
  - simples manobra pelo movimento;
  - simples manobra pelo fogo;
  - manobra pelo movimento e pelo fogo.

\*

C — *Ciência da guerra e arte da guerra:*

— A *teoria da guerra* ensina as relações entre os diferentes elementos de luta, as leis gerais que regulam as diferentes combinações desses elementos e os efeitos que podem produzir, mas é impotente para indicar a melhor forma de as *aplicar* em cada caso especial.

## Revista da Cavalaria

Na prática todos os casos são diferentes e a teoria não pode prever e indicar a solução que pode convir a cada um. Por isso, na aplicação dos princípios os *processos* variam com a individualidade dos chefes que conduzem as operações e lhes imprimem o cunho da sua *intuição pessoal*, como varia a interpretação e apreciação para cada caso concreto, do valor relativo dos factores que definem cada situação — fôrça, valor e disposições do inimigo, terreno e, até, fôrça, valor e disposições iniciais dos próprios meios. Isto quer no quadro amplo da acção do Comando em chefe como no dos Comandos das grandes e pequenas unidades.

A *arte da guerra*, ou arte militar dos chefes, consiste na justa apreciação d'esses factores, na habilidade com que utilizam e combinam os meios de que dispõem para atingir o fim em vista, e com que modulam em cada caso a aplicação dos princípios da ciência da guerra; enfim, na capacidade com que prevêem os efeitos das disposições tomadas. A ciência da guerra prepara os chefes para a condução das operações; a *arte da guerra* reside nas *manobras* por elles concebidas e empregadas para conduzir as operações.

Quanto mais elevado é o grau hierárquico do Comando mais vasto é o ambiente em que pode exercer-se a sua *arte guerreira*.

A *estratégia*, ciência de ordem mais geral e implicando a manobra de grandes massas em grandes espaços, concretiza-se num número reduzido de princípios e regras muito gerais, por isso mesmo muito simples na essência e na forma; a dificuldade da estratégia das operações reside em adaptar e aplicar êsses poucos princípios e regras simples às várias situações da campanha, abrangendo tôda a amplitude das situações e das conseqüências.

A *arte* impera na *estratégia*.

A tática, correspondendo à ciência de detalhe (por isso mesmo muito vasta e intimamente ligada à técnica), exerce-se num ambiente estreitamente condicionado pelas zonas de acção e pelas ordens superiores, que limitam, embora não excluam, a iniciativa da manobra e as modalidades que se lhe podem imprimir.

Na *tática* impera a *técnica*.

O estrategô é essencialmente um *artista*; o tático é essencialmente um *técnico*.

## Revista da Cavalaria

O papel dos comandos inferiores é, essencialmente e no fim de contas, o de conduzir e empregar as tropas e os meios segundo as regras e processos fixados nos regulamentos.

— *Método do estudo da ciência da guerra.*

Os princípios da ciência da guerra formularam-se como consequência da constância da relação entre causas e efeitos produzidos, em acções de guerra semelhantes, que a observação contemporânea ou a narrativa histórica permitiam estudar; verificaram-se e definiram-se pela experiência em novas operações militares, que confirmou uns, fez caducar outros e fez surgir ainda outros.

Como para tôdas as ciências positivas, o método do estudo que deu forma à ciência da guerra e garante o seu desenvolvimento, é o método da filosofia positiva que se baseia nos processos:

— *indutivo* ou *histórico*;

— *dedutivo*, *racional* ou *dogmático*.

\*

D — *Capacidade Tática. Necessidade do estudo da Tática. Método de estudo da Tática:*

*Capacidade tática* é a aptidão de julgar justa e rapidamente do valor dos vários termos do *problema tático*, de o resolver também rapidamente, quer dizer, de tomar uma *decisão rápida* sobre a manobra a empregar e de traduzir rapidamente em actos a solução adoptada.

A capacidade tática resulta, em parte, de *dom natural*, fruto da harmónica fusão de qualidades de *intuição* de *caracter* de *inteligência* e de *bom senso*. Mas estes dotes naturais não são, só por si, suficientes: é necessário que sejam afinados e disciplinados pela *experiência* e pelo *estudo*, e presumem, em qualquer caso, o conhecimento seguro e completo das características e propriedades do material e das *tropas* a empregar e até, de certo modo, da *técnica* do seu emprêgo.

Conclusão: não bastam os dons naturais; impõe-se o *estudo da tática*.

## Revista da Cavalaria

Garante-se assim :

1.º Que mesmo aquêles que não possuam *dons naturais* que os possam tornar notáveis na arte da guerra, adquiram um mínimo de capacidade táctica, indispensável nos comandos executantes, que garanta, pelo menos, que são susceptíveis de adoptar disposições *racionais* para cumprir as ordens recebidas.

2.º Que a capacidade táctica dos que possuem *dons naturais* se apure e desenvolva, permitindo a revelação da arte da guerra nos que se destinam aos comandos mais elevados.

Também é êrro supor que «a guerra só se aprende na guerra». O estudo não basta para criar a competência do condutor de tropas, porque só na guerra a actividade militar atinge tôda a objectividade. Na guerra não se estuda e não se pergunta aos chefes o que elles sabem; exige-se-lhes que *façam*, que actuem. Mas para *fazer* é preciso *saber*. De resto, no comêço da guerra só se pode contar com a preparação do tempo de paz.

O estudo, completado com a *educação* militar, é que afirma o carácter, se não o cria, que dá aos chefes a confiança em si próprios e forma, assim, o *homem* de acção.

É a difusão e a profunda compreensão dos princípios e regras da *táctica* que criam a *unidade de doutrina* e a disciplina das inteligências, que garantem a cooperação pela convergência de esforços.

O objecto do estudo da táctica não é senão:

— fazer conhecer quais são as características e propriedades dos meios;

— estabelecer qual deva ser, em conformidade com o espírito da *doutrina táctica* aceite, o critério de emprêgo das unidades e dos meios;

— tornar fácil e criar o hábito de tomar, através do exame e da resolução de vários problemas concretos, soluções racionais e completas.

Para isso o estudo da táctica compreende duas fases:

1.ª *Iniciação táctica*, baseada no processo *teórico-especulativo*, em que se adquirem e interpretam os conhecimentos teóricos indispensáveis;

2.ª *Exploração dos conhecimentos adquiridos*, pelos processos *histórico* e *prático-aplicativo* compreendendo:

## Revista da Cavalaria

- a «crítica de operações de guerra»;
- a «resolução de problemas concretos, na carta e no terreno, em quadros e com tropas».

A formação tática que não seja baseada neste critério é defeituosa. Quando a segunda fase se inicia sem o conveniente desenvolvimento da primeira, as soluções dos problemas resultam da força do hábito no emprego de certos esquemas não iluminados por sólidos conhecimentos teóricos: tal formação não tem alicerces e a capacidade tática resultante é illusória. Se predomina o ensino teórico, criam-se técnicos de gabinete mas não condutores de tropas.

\*

E — *Relação da tática com as outras partes da ciência da guerra:*

Existe uma interdependência, mais ou menos acentuada, entre as diferentes partes da ciência da guerra. Só quando as leis e princípios que cada uma estabelece são justamente combinadas é que se pode tirar todo o rendimento no emprego das forças. Assim, existe interdependência entre:

1.º *A tática e a orgânica.* O emprego tático das unidades é condicionado pela sua *organização* que se traduz em maiores ou menores potência ofensiva ou defensiva, velocidade, flexibilidade e mobilidade através do terreno. Inversamente, a *organização* das unidades e dos serviços subordina-se à doutrina tática que preside ao critério do seu emprego.

2.º *A tática e a estratégia.* A manobra estratégica é estéril quando os movimentos, os estacionamentos e o combate — *a manobra tática* — das unidades que a desenvolvem, não fôrem subordinadas aos seus princípios e processos da tática; de nada serve também uma hábil tática na condução das tropas se a idéia que preside à manobra estratégica, ou as disposições tomadas para a *organizar* e *desenvolver* (dosagem das forças, fixação de objectivos, combinação de direcções, e ritmo), não obedecem aos bons princípios da estratégia. Por outro lado, a *tática depende* :

## Revista da Cavalaria

— da *geografia e topografia*: um dos factores da decisão é sempre a geografia e designadamente a topografia do terreno; a *apreciação do terreno* difere, também, consoante o aspecto da manobra sôbre que deve ser encarado: ataque ou defesa, marcha ou estacionamento;

— da *logística*: que influi de tal forma na preparação e execução das operações táticas que muitos a consideram como uma parte da tática.

F — *Divisão da tática*:

O critério da divisão depende do aspecto sôbre que se encare a divisão.

Assim, podemos dividi-la:

1.º Em função da *importância das forças*:

— Tática das G. Unidades (grande tática).

— Tática das pequenas unidades (tática elementar).

2.º Em função das *propriedades táticas*:

— Tática de *Infantaria*.

— Tática de *Artilharia*.

— Tática de *Cavalaria*.

— Tática de *Engenharia*, englobando a tática de fortificações, a tática de comunicações e a tática de transmissões.

— Tática de *Aviação* com a tática de informação, a de bombardeamento, a tática da caça e a tática de D. C. A.

— Tática de *serviços*.

3.º Segundo as *situações*:

— Tática de marchas.

— Tática de transportes.

— Tática de estacionamentos.

— Tática de combate.

A que podemos ainda juntar: uma «tática de ataque e defesa de fortificações», uma «tática de reconhecimentos» e uma «tática de informações».

Dada a dificuldade de diferenciar com rigor os princípios da tática dos princípios da estratégia, é preferível apresentar os *princípios fundamentais* da guerra, válidos de uma maneira geral no campo das operações táticas como no das operações estratégicas. São princípios simples e elásticos, que sempre presidiram ao bom emprêgo das forças através da história militar, a *despeito* da evolução sofrida pelos meios

## Revista da Cavalaria

materiais da luta e da conseqüente variação dos processos de emprêgo das fôrças.

Os *princípios* são imutáveis e, por isso, se designam por fundamentais; os *processos* resultam da adaptação dos princípios à natureza dos meios de acção, que variam.

Enunciemos os *princípios fundamentais da guerra*:

1.º — *Só a ofensiva conduz à vitória.* A defensiva embora represente a forma mais económica de combate não pode conduzir a resultados *positivos*. É conhecido pelo *princípio da ofensiva*.

2.º — As fôrças devem ser manobradas por forma a ser-se mais forte do que o inimigo no *ponto* e no *momento* em que se procura a *decisão*. É conhecido pelo *princípio da massa ou concentração dos meios*.

3.º — A fim de dispor da maior massa para aplicar no lugar e momento mais oportunos deve-se reduzir ao estritamente indispensável o emprêgo de fôrças e de esforços em acções secundárias. É conhecido pelo princípio da *economia das fôrças*, e dêle resultam as seguintes regras:

a) — Devem-se poupar às tropas todos os esforços desnecessários e, por isso, o grau de preparação para o combate das tropas em marcha ou em estacionamento deve resultar das probabilidades de encontro com o inimigo; aumenta à medida que diminui a distância ao inimigo.

b) — Devem-se reduzir ao mínimo, compatível com o fim em vista e com a situação, os efectivos a destacar para missões de segurança, para distrair a atenção do inimigo — diversões — ou para conter fôrças superiores — sectores defensivos.

4.º — O comando deve procurar por tôdas as formas *surprender o adversário* e evitar a *surpresa*. É conhecido pelo princípio da *supremacia da surpresa*, ou, abreviadamente, princípio da *surpresa*.

A surpresa deriva de uma ameaça em frente da qual se está — ou se crê estar — na impossibilidade de providenciar oportuna e eficazmente. A surpresa actua sobre o moral das tropas, sobre a liberdade de espirito do comando, desorganiza

## Revista da Cavalaria

fácilmente os laços orgânicos táticos e disciplinares, e pode, por isso, considerar-se como um dos mais importantes factores do successo.

Todos, seja qual fôr o seu papel e esfera de acção, devem procurar *surprender* e evitar a *surpresa*.

Obtém-se a *surpresa* na *manobra tática* :

— com o *segrêdo* na *preparação* da operação;

— com a *dissimulação dos preparativos* das tropas para a manobra (aproveitamento da noite, de condições atmosféricas propícias, das máscaras que o terreno ofereça e dos recursos da camuflagem artificial);

— com o *emprêgo* de *novos meios* de acção, designadamente de novas armas, ou de novos processos no seu emprêgo;

— com a *rapidez* na execução dos preparativos e da manobra.

Não só o atacante pode surpreender; mesmo na defensiva se pode e deve recorrer, quanto se possa, à *surpresa*.

Pode-se surpreender o atacante: iludindo-o sobre a localização da verdadeira linha de resistência, pelo emprêgo de resistências secundárias à frente desta; dissimulando os órgãos de resistência pelo aproveitamento dos recursos do terreno ou da camuflagem artificial, órgãos que deixarão o inimigo aproximar-se e colocar-se em posição propícia, para só abrirem fogo por *surpresa*; manobrando os fogos para obter concentrações que o inimigo não espera; empregando as *reservas* para contra-atacar.

5.º — O comando e as tropas devem procurar manter em tôdas as situações e em todos os momentos a *liberdade de acção*, que significa: actuar onde, quando e como se quere. É conhecido por *princípio da liberdade de acção* e dêle resulta o que se segue.

6.º — Para manter liberdade de acção do comando e das tropas é preciso tomar disposições que neutralizem a acção com que o inimigo procura destruí-la, quere dizer, é preciso tomar *medidas de segurança*. É conhecido por *princípio de segurança*.

## Revista da Cavalaria

Dêste princípio tiram-se as seguintes conclusões:

a) — Para manter a *liberdade de acção do comando* é preciso que elle disponha do *tempo* necessário para *conceber* e fazer executar a operação, sem que o inimigo possa opôr-se-lhe, e do espaço necessário para os movimentos e disposições que a manobra exija;

— Para garantir a *liberdade de acção das tropas* é preciso que ellas estejam ao abrigo da surprêsa dos fogos e ataques insólitos do inimigo, que disponham do espaço e do tempo para as suas evoluções e para tomarem o dispositivo de combate.

Para se garantir o *tempo* impõe-se conhecer com a necessária antecedência os movimentos, as disposições e as intenções do inimigo.

Para garantir o espaço impõe-se cobri-lo com fôrças, ou outros meios, que se oponham a que o inimigo o invada, durante o tempo necessário.

Logo:

b) — A *segurança* baseia-se acima de tudo:

— na *informação*;

— no emprêgo de órgãos destinados a opôr-se à acção do inimigo;

— nas disposições destinadas a diminuir a visibilidade e a vulnerabilidade das tropas aos fogos terrestres ou aéreos.

c) — A *segurança* implica a neutralização dos órgãos de informação do adversário; por isso, todos os nossos órgãos de segurança devem desempenhar também um papel de *contra-informação*.

7.º — A *rapidez* no deslocamento das tropas equivale a um aumento de efectivos. Tôda a perda de tempo, tôda a paragem inútil origina um desperdício de fôrças.

Para obter a *surprêsa* e o efeito da *massa*, uma das condições essenciaes é a *rapidez* dos movimentos.

É conhecido êste princípio pelo princípio da *velocidade da acção*, e pode ter applicação na ofensiva como na defensiva.

## Revista da Cavalaria

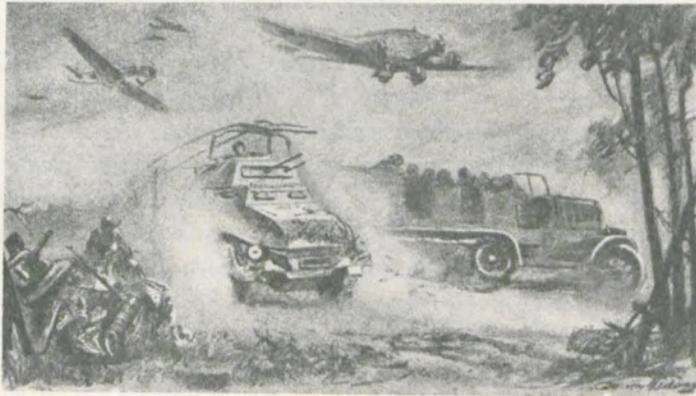
A preparação de uma operação pode ser demorada; a sua execução deve ser rápida.

O princípio da velocidade da acção implica a *mobilidade* das *tropas*.

A velocidade na manobra estratégica exige, sobretudo, velocidade de marcha — velocidade em estrada.

A velocidade na manobra táctica implica mobilidade através de todo o terreno.

*A idéia fundamental que domina todos os princípios e toda a acção é esta: «a guerra é um conflito de vontades; a vitória pertence ao beligerante mais decidido, mais tenaz e que conserva até ao fim o moral mais elevado».*





# Concurso Hípico de Cascais

pelo Capitão REYMÃO NOGUEIRA

Não tendo tomado na devida altura os meus apontamentos sôbre o Concurso de Cascais, poderei omitir agora, que mais de um mês passou, alguma referência ou algum ponto dignos de serem focados. Espero que tal omissão não seja levada à conta de má vontade, que nunca poderia existir para com aquêles que, honestamente, organizam provas ou tomam parte nelas.

Essa má vontade só poderá existir, e existe de facto, para com aquêles que da tribuna inspiravam ao imortal Botin a ladainha célebre, ou ainda para com aquêles comentadores desassombrados que se esquecem de assinar o que escrevinham, como aconteceu numa crítica publicada depois do Concurso Hípico de Lisboa, num jornal desportivo, em que se faziam referências pouco discretas até a cavaleiros estrangeiros.

Mas isso é uma questão de disciplina que estaria muito bem entregue a um censor de hipismo, nomeado pelo Ministério da Guerra ou pela Inspeção Geral dos Desportos. Esse censor deveria ser oficial retirado das lides hípicas activas, mas que pelo seu passado fôsse poder moderador dos ímpetos literários de qualquer energúmeno.

# Revista da Cavalaria

\*

O escasso número de concursos hipicos que há presentemente em Portugal, dá segura garantia aos que se organizem, de concorrência numerosa, mesmo que outras razões não levem o público ao campo.

Evidentemente que não é o caso de Cascais, em que o meio é sempre acolhedor a provas deste género, e que com-



*Castro Pereira montando o cavalo Quintal em que ganhou as provas «Secretariado de Propaganda Nacional» e «Ministro da Economia»*

pensou com justiça, os esforços dos organizadores. Um *bravo* a Possolo, porque o campo estava bonito, arranjado com gosto e as provas bem delineadas.

O piso ainda incerto e traiçoeiro, há de acabar por ficar bom e no próximo ano, certamente não assistiremos já a tantas derrapagens e capotagens nas voltas apertadas.

Os prémios não eram grandes, mas com organizações particulares não é fácil ir muito mais longe. De resto, os fins eram beneficentes e era justo que todos colaborassem nêles...

Resumindo: boa organização, que bem merece o apoio dos concorrentes e assistentes.

## Revista da Cavalaria

A vinda de uma equipe espanhola não pôde ser efectivada e pena foi, porque é sempre com alegria e satisfação que vemos nos hipódromos portugueses os nossos vizinhos e amigos a quem sempre desejamos e procuramos retribuir, o melhor que podemos, a simpatia e galharda fidalguia com que nos recebem em Espanha.

A chuva torrencial do 3.º dia de provas fêz com que tivesse de ser alterado o programa, concentrando em dois dias as provas que haviam de ser disputadas em três.



*Neila de Arriaga montando o cavalo Único em que ganhou a prova «Amazonas»*

Mais uma vez vimos uma prova de Amazonas, quasi internacional pelas nacionalidades das concorrentes, disputada vivamente e com entusiasmo e correcção.

Tôdas merecem referênciã pela forma como montaram. Que apareçam sempre é certamente o desejo de todos.

Vimos disputando as provas alguns novos. Não muitos, mas ainda assim os bastantes para darem aos veteranos, alegria com a sua presença.

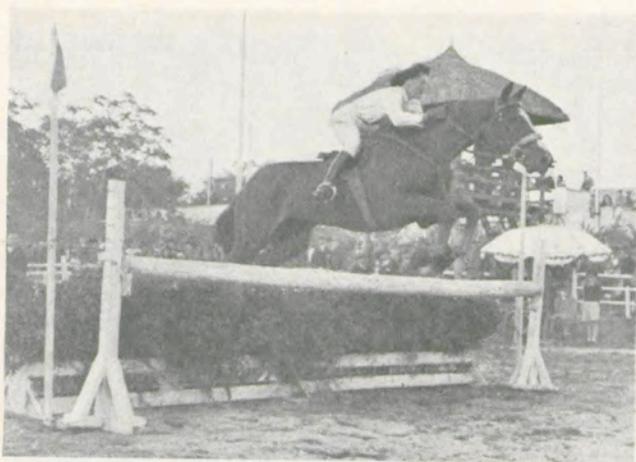
\*

J. Barrento talhou para si a parte de leão: com 5 primeiros prémios ganhos, bateu um record difficil de igualar e que o deve ter deixado contente consigo e com os seus cava-

## Revista da Cavalaria

los. *Adail*, doente, nada fez, mas o seu cavaleiro não teve, certamente, tempo de sentir a sua falta.

Outra referência, bem justa também, para Rodrigo Castro Pereira que, cada vez mais alferes dos velhos tempos, ganhou em velocidade suícida a Omnium e a Nacional. Belo exemplo, bem digno de ser meditado e seguido, nestes tempos calamitosos, em que a motorização serve de fútil pretexto para os que não gostam de montar a cavalo.



*Condessa de Schouvaloff montando o cavalo Almourol*

¿Será ocioso repetir-se que a Cavalaria para subsistir e continuar a merecer o seu nome glorioso, deve poder mudar em tudo menos no seu espírito?...

Ao Concurso de Escolas de Equitação Civil não me refiro porque não me foi possível assistir a êle.

O concurso de equipagens foi uma idéia interessante e bem posta em prática.

Não sou entendedor e por isso me abstenho de *meter foice em seara alheia*.

Aos meus olhos de profano pareceram, porém, justas, as decisões do júri.

# Revista da Cavalaria

## RESULTADOS

### Concurso Hípico de Cascais

1.º Dia, Sábado 18 de Setembro

#### I Prova — «Secretariado da Propaganda Nacional»

(Omnium)

Inscrição obrigatória a todos os cavalos que tomam parte no concurso com excepção das provas «Ministro da Argentina», «Duque de Palmeira» e «Discipulos da Cidadela de Cascais».

São concedidos 2 prémios de 100 escudos aos 2 cavalos nacionais que não tenham Handicap e devidamente identificados que se classifiquem a seguir ao último prémio pecuniário, e cujo cavaleiro não tenha ganho prémio pecuniário nesta prova.

12 obstáculos — Altura máxima 1,20 (Handicap)

	Taça e			
1.º	600\$00	<i>Quinta!</i>	Castro Pereira	o 1,05 — 3 Barrage
2.º	400\$00	<i>Jocoso</i>	Fernando Cavaleiro	o 1,05 — 3 »
3.º	300\$00	<i>Zita</i>	Pais de Azevedo	o 1,06 — 2
4.º	200\$00	<i>Incrível</i>	Travassos Lopes	o 1,07
5.º	150\$00	<i>Benguela</i>	Correia Barrento	o 1,07 — 1
5.º	150\$00	<i>Paiol</i>	Henrique Calado	o 1,07 — 1
7.º	100\$00	<i>Princesa</i>	D. José de Bragança	o 1,08
7.º	100\$00	<i>Barrufo</i>	Miranda Dias	o 1,08
7.º	100\$00	<i>Sado</i>	Reymão Nogueira	o 1,08
7.º	100\$00	<i>Inquiridora</i>	José Granate	o 1,08
11.º	100\$00	<i>Xangai</i>	Henrique Calado	o 1,08 — 2
12.º	100\$00	<i>Abrantino</i>	Miranda Dias	o 1,08 — 3

#### Suplementares (cavalos nacionais)

1.º	100\$00	<i>Ivanhoe</i>	Pereira Coutinho	o 1,09
2.º	100\$00	<i>Zepelin</i>	Abilio Ferro	o 1,11

# Revista da Cavalaria

## II Prova — «Taça Ministro da Argentina»

(Handicap)

(Reservada a cavalos argentinos)

12 obstáculos — Altura máxima 1,™30

	Taça e			
1.º	300\$00	<i>Beduino</i>	Rhodes Sérgio	0 1,05 — 3
2.º	200\$00	<i>Incrível</i>	Travassos Lopes	4 1,07
3.º	100\$00	<i>Abanão</i>	José Carvalhosa	4 1,07 — 1
4.º	100\$00	<i>Belver</i>	Henrique Calado	4 1,07 — 3
5.º	100\$00	<i>Barrufo</i>	Miranda Dias	4 1,08 — 2
6.º	100\$00	<i>Congo</i>	Reymão Nogueira	4 1,09

2.º Dia, Domingo 19 de Setembro

## I Prova — «Taça Mestre Joaquim Ricardo»

(Obrigatória casaca encarnada)

12 obstáculos — Altura máxima 1,™20

	Taça e			
1.º	500\$00	<i>Razo</i>	Correia Barrento	0 0,52
2.º	300\$00	<i>Beduino</i>	Rhodes Sérgio	0 0,55 — 1
3.º	200\$00	<i>Único</i>	Henrique Calado	0 0,56
4.º	100\$00	<i>Inquiridora</i>	José Granate	0 0,56 — 2
5.º	100\$00	<i>Optus</i>	Helder Martins	0 0,58 — 2
6.º	100\$00	<i>Batracófago</i>	Barros e Cunha	0 0,59

## II Prova — «Sociedade de Propaganda da Costa do Sol»

(Percurso de caça)

12 obstáculos — Altura máxima 1,™30

	Taça e			
1.º	600\$00	<i>Magul</i>	Correia Barrento	1,11 — 2
2.º	300\$00	<i>Jocoso</i>	Fernando Cavaleiro	1,12
3.º	200\$00	<i>Abrantino</i>	Miranda Dias	1,12 — 4
4.º	200\$00	<i>Tarass</i>	Tavares de Almeida	1,18 — 4
5.º	200\$00	<i>Fossette</i>	José Carvalhosa	1,26
6.º	100\$00	<i>Xangai</i>	Henrique Calado	1,26 — 2
7.º	100\$00	<i>Sado</i>	Reymão Nogueira	1,32
8.º	100\$00	<i>Zepelin</i>	Abilio Ferro	1,32 — 2
9.º	100\$00	<i>Optus</i>	Helder Martins	1,34

# Revista da Cavalaria

10.º	100\$00	<i>Jarda</i>	Abrantes da Silva	1,34 — 3
11.º	100\$00	<i>Soja</i>	Júlio Cardoso	1,37 — 3
12.º	100\$00	<i>Valsa</i>	Guedes Campos	1,41
13.º	100\$00	<i>Benguela</i>	Correia Barrento	1,42
14.º	100\$00	<i>Razo</i>	Correia Barrento	1,42

3.º Dia, Quinta-feira 23 de Setembro

## I Prova — «Ministro da Economia»

(Taça Theodoro Vollmer)

Reservada a cavalos nacionais devidamente identificados

12 obstáculos — Altura máxima 1,30 (Handicap)

	Taça e			
1.º	700\$00	<i>Quintal</i>	Castro Pereira	0 1,15 — 2
2.º	500\$00	<i>Valsa</i>	Guedes Campos	4 1,22
3.º	300\$00	<i>Brioso III</i>	Miranda Dias	4 1,23 — 2
4.º	200\$00	<i>Único</i>	Henrique Calado	8 1,14 — 1
5.º	100\$00	<i>Jocoso</i>	Fernando Cavaleiro	8 1,16 — 2
6.º	100\$00	<i>Zagal</i>	Pais de Azevedo	8 1,21
7.º	100\$00	<i>Zelante</i>	Castro Pereira	8 1,21

## II Prova — «Junta de Turismo de Cascais»

Cada concorrente monta 2 cavalos

Classificação feita pela soma das faltas dos dois percursos com desempate pela soma dos tempos; em caso de igualdade de faltas e tempo, desempate em três obstáculos indicados pelo júri, com um dos cavalos à escolha do concorrente; em caso de nova igualdade nesta barragem o tempo desempata.

12 obstáculos — Altura máxima 1,30

	Taça e			
1.º	600\$00	<i>Razo</i>	Correia Barrento	4 2,14
		<i>Magul</i>	» »	
2.º	300\$00	<i>Abanão</i>	José Carvalhosa	8 1,59 — 4
		<i>Fossette</i>	» »	
3.º	200\$00	<i>Abrantino</i>	Miranda Dias	8 2,02
		<i>Barrufo</i>	» »	
4.º	150\$00	<i>Congo</i>	Reymão Nogueira	8 2,18 — 2
		<i>Sado</i>	» »	
5.º	100\$00	<i>Adail</i>	Correia Barrento	8 2,18 — 3
		<i>Benguela</i>	» »	
6.º	100\$00	<i>Zagal</i>	Pais de Azevedo	11 2,18 — 1
		<i>Zita</i>	» »	

# Revista da Cavalaria

## III Prova — «Amazonas»

10 obstáculos — Altura máxima 1,10

1.º	Taça	Único	Neila de Arriaga	0 0,42 — 2
2.º	»	Almourol	Cond. de Schouwaloff	0 0,43 — 3
3.º	»	Energic	Helene de Maillé	0 0,45 — 2

4.º Dia, Sábado 25 de Setembro

## I Prova — «General Silveira»

(Regularidade)

Inscrição: livre

Classificação feita pelo maior número de obstáculos saltados sem faltas, durante 3 minutos. Os obstáculos serão saltados segundo a ordem do percurso, que ao ser terminado recomeça sem interrupção; o percurso termina ao fim de 3 minutos ou à 2.ª falta dada, tendo neste caso o cronómetro parado depois do obstáculo que se segue àquêle onde a 2.ª falta foi dada.

12 obstáculos — Altura máxima 1,30

	Taça e			
1.º	600\$00	Razo	Correia Barrento	21 1,47 — 2
2.º	300\$00	Benguela	» »	16 1,35 — 1
3.º	200\$00	Jocoso	Fernando Cavaleiro	15 1,19
4.º	150\$00	Sado	Reymão Nogueira	11 0,58
5.º	100\$00	Inquiridora	José Granate	9 0,50 — 2
6.º	100\$00	Optus	Helder Martins	9 0,57
7.º	100\$00	Batracôjago	Barros e Cunha	7 0,37 — 2
8.º	100\$00	Valsa	Guedes Campos	7 0,39

### Suplementares (nacionais)

1.º	100\$00	Zita	Pais de Azevedo	6 0,34 — 3
2.º	100\$00	Brioso III	Miranda Dias	2 0,19
2.º	100\$00	Zagal	Pais de Azevedo	2 0,19
2.º	100\$00	Caviar	Lemos da Silveira	2 0,19

# Revista da Cavalaria

## II Prova — «Câmara Municipal de Cascais»

(Despedida)

Para cavalos que não tenham ganho qualquer prémio pecuniário em provas anteriores

12 obstáculos — Altura máxima 1,<sup>m</sup>20

	Taça e			
1. <sup>o</sup>	300\$00	<i>Basculho</i>	Abílio Ferro	0 1,09 — 3
2. <sup>o</sup>	200\$00	<i>Académico</i>	Travassos Lopes	0 1,11 — 1
3. <sup>o</sup>	150\$00	<i>Don</i>	José Granate	4 1,00
4. <sup>o</sup>	100\$00	<i>Fakir</i>	Rangel de Almeida	4 1,06 — 2
5. <sup>o</sup>	100\$00	<i>Acusado</i>	Oliveira Reis	4 1,12 — 3
6. <sup>o</sup>	100\$00	<i>Balásio</i>	Fernando Cavaleiro	7 1,19
7. <sup>o</sup>	100\$00	<i>Obice</i>	Herculano de Moura	7 1,27 — 1

5.<sup>o</sup> Dia, Domingo 26 de Setembro

## I Prova — «Taça Embaixador de Sua Magestade Britânica»

(Taça de Honra)

15 obstáculos — Altura máxima 1,<sup>m</sup>40

1. <sup>o</sup>	Taça	<i>Magul</i>	Correia Barrento	4 1,26 — 2
2. <sup>o</sup>	»	<i>Optus</i>	Helder Martins	4 1,31 — 1
3. <sup>o</sup>	»	<i>Jocoso</i>	Fernando Cavaleiro	8 1,23 — 2
4. <sup>o</sup>	»	<i>Razo</i>	Correia Barrento	8 1,31
5. <sup>o</sup>	»	<i>Sado</i>	Reymão Nogueira	12 1,25 — 2

## II Prova — «Discípulos»

Para discípulos até 18 anos

(Cada concorrente não pode montar mais de dois cavalos)

10 obstáculos — Altura máxima 1,<sup>m</sup>10

1. <sup>o</sup>	Taça	<i>Jocoso</i>	Helder Mendonça	0 0,40 — 2
2. <sup>o</sup>	»	<i>Almourol</i>	J. Pinto da Costa	0 0,43 — 1
3. <sup>o</sup>	»	<i>Saladino</i>	Pereira Coutinho	0 0,44 — 2
4. <sup>o</sup>	Laço	<i>Congo</i>	Saldanha	0 0,44 — 3
5. <sup>o</sup>	»	<i>Beduino</i>	Valdez Bandeira	0 0,46
6. <sup>o</sup>	»	<i>Balásio</i>	Helder Mendonça	3 0,56 — 2

# CAMPEONATO

## DO CAVALO DE GUERRA DE 1943

pelo Capitão CORREIA BARRENTO



A concorrência ao Campeonato de 1943, foi inferior à do ano passado, em virtude de muitos dos oficiais inscritos, por motivo de serviço, não poderem tomar parte nêle.

Contudo, esteve bastante animado

e foi disputado com ardor, tendo-se classificado mais uma vez, em primeiro lugar, os cavalos argentinos.

Não interessa êste ano fazer sôbre os resultados obtidos, a exemplo dos anos anteriores, a aplicação do futuro regulamento. Poucas seriam as alterações visto os primeiros classificados terem sido cavaleiros com muito boa pontuação na primeira prova.

Notámos com prazer a boa apresentação dos cavalos na prova de ensino; não houve, é certo, nenhuma a que possamos chamar brilhante, mas também, apenas 4 ou 5 foram inferiores. Quanto a nós, êste facto, constitui uma melhoria extraordinária e de grande valor, se compararmos os resultados de hoje com os obtidos alguns anos atrás.

Ê, pois, animador êste resultado, assim como o bom estado em que a maior parte dos cavalos chegou ao fim do Campeonato, apesar da forma renhida como se disputou a prova de Fundo. Era pequena a diferença de pontuação com

## Revista da Cavalaria

que os vários concorrentes a iniciaram, sendo por isso necessário andar depressa para não perder a vantagem obtida.

A prova de campo, em terreno semelhante ao do ano passado, tinha bom piso e obstáculos muito bem apresentados, embora com algumas dificuldades.

As velocidades, porém, foram êste ano inferiores, o que atribuímos aos poucos espaços livres para galopar, em virtude de os obstáculos estarem bem distribuídos por todo o



*O cavalo Abstracto ganhador do Campeonato do Cavalo de Guerra de 1943*

percurso e ser necessário moderar a velocidade ao abordar alguns dêles. É que, embora não demasiado difíceis, exigiam uma direcção firme, por causa das passagens de estrada, dos valados negativos e das muitíssimas oliveiras que se nos deparavam constantemente.

Também no «steeple» as velocidades êste ano foram inferiores, o que atribuímos sómente à pista, que estava excessivamente mole e pesada.

Na nossa crónica do Campeonato de 1942 fizemos, com aplauso e louvor, referência ao bom estado da pista, que pela sua elasticidade proporcionou magnificas provas.

A segunda série teve na prova de obstáculos várias desclassificações. Ora, ser desclassificado nesta prova, salvo em

## Revista da Cavalaria

casos especiais, é *ir a Roma e não ver o Papa*. Para não sermos incluídos neste número devemos, pois, cuidar da sua preparação, porque esta prova, embora fácil, tem sempre o contra de ser feita com um cavalo já cansado.

Quando não possamos obter uma classificação no Campeonato, é já muito agradável, pelo menos, completá-lo para compensação do esforço que nos exige a preparação de um cavalo para uma competição desta natureza.

Quanto a nós, os principais motivos destas contrariedades são devidos aos três casos que apresentamos:

1.º — Categoria inferior de alguns cavalos para estas provas.

São de louvar os seus cavaleiros, porque, não tendo outros melhores, não deixam de comparecer e adquirir ensinamentos, para tirar melhor partido de um cavalo bom, que possam vir a montar.

2.º — Exigir das suas montadas na prova de Fundo, mais do que elas são susceptíveis de produzir.

Isto é devido à falta de prática e de conhecimento profundo da sua montada por parte do cavaleiro.

3.º — Má preparação da prova.

Aqui, talvez, por grande preocupação da prova de ensino, abandonando um pouco as outras.

Para completar o que acabamos de dizer sobre o Campeonato, transcreveremos alguns dados que nos parecem interessantes:

	1.ª série	2.ª série	Total
Tomaram parte no Campeonato . . . . .	21	23	44
Tomaram parte na prova de Fundo . . . . .	20	23	43
Concluíram a prova de Fundo . . . . .	19	22	41
Desclassificações ou desistências nos obstáculos . . . . .	0	7	7
Concluíram o Campeonato . . . . .	19	15	34

# Revista da Cavalaria

Apresentamos seguidamente o quadro completo das penalizações e beneficiações dos vários concorrentes nas diversas provas. Não citamos os tempos gastos nelas, por não possuímos para tal os elementos necessários; sabendo, porém, o grande interesse que todos os concorrentes têm por êste detalhe, prometemos publicá-lo logo que nos seja possível.

## *Algumas observações*

Consta-nos que se está novamente a pensar pôr em vigor o novo regulamento do Campeonato. Êste, foi estudado já há quatro anos e afigura-se-nos que, a não ser o número



*O Alferes Sampaio montando a égua Jaqueta em que ganhou a 2.ª Série do Campeonato do Cavalo de Guerra de 1943*

de prémios nêle atribuídos, ainda está actualizado. Falamos nos prémios por nos parecer que a preparação dos cavalos para o Campeonato não é mais cuidada da parte de alguns concorrentes, por saberem de antemão que não podem ganhar prémio algum com os cavalos de que dispõem.

# Revista da Cavalaria

Dos 34 concorrentes que completaram o Campeonato, tiramos os seguintes dados:

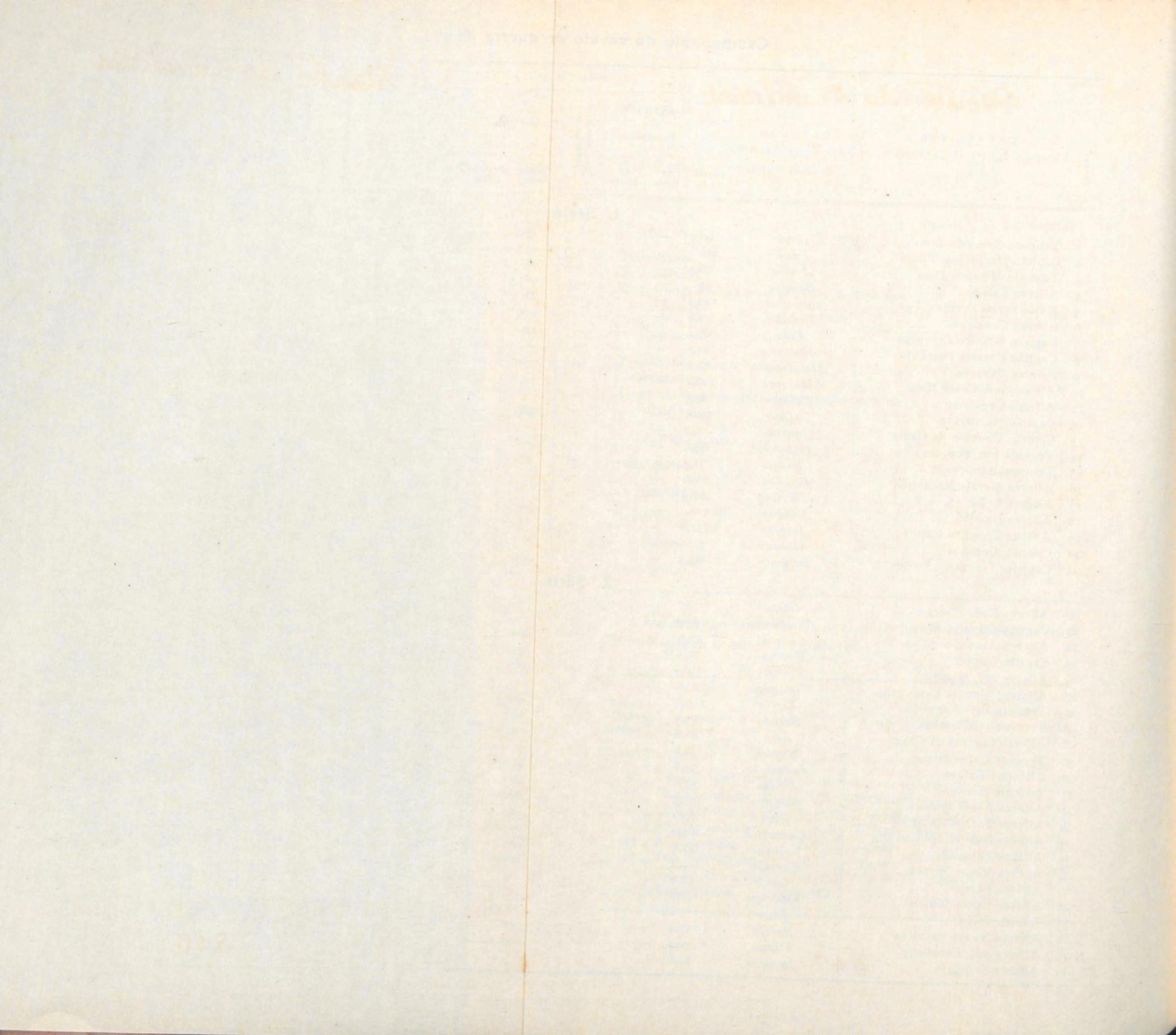
	1.ª série	2.ª série	Total
<i>No cross</i>			
Penalizados . . . . .	8	9	17
Beneficiados . . . . .	6	1	7
Cumpriram apenas (sem penalização nem beneficiação) . . . . .	5	5	10
<i>No steeple</i>			
Penalizados . . . . .	7	12	19
Beneficiados . . . . .	8	0	8
Cumpriram apenas (sem penalização nem beneficiação) . . . . .	4	3	7
<i>Estrada e pista raza</i>			
Penalizados . . . . .	0	0	0
<i>Inspecção</i>			
Reprovados . . . . .	0	0	0
<i>Obstáculos</i>			
Penalizados . . . . .	10	10	20

Os oito prémios do Campeonato foram distribuídos conforme indica o quadro seguinte:

Classificação geral	Cavaleiros	Unidades	Cavalos	Coudelaria	Classificação por séries		Pontuação final
					1.ª	2.ª	
1.º	Tenente pic. Seródio	D. R.	<i>Abstracto</i>	Argentino	1.º	—	17,6
2.º	Cap. Correia Barrento	D. R.	<i>Abstênico</i>	Argentino	2.º	—	40,5
3.º	Cap. Guedes Campos	E. P. C.	<i>Absurdo</i>	Argentino	3.º	—	46,5
4.º	Alf. Cavaleiro . . . . .	G. N. R.	<i>Balazio</i>	Argentino	4.º	—	52,5
9.º	Alf. Sampaio . . . . .	F. P. C.	<i>Jaqueta</i>	Alter	—	1.º	72,6
10.º	Ten. Carvalhosa . . . . .	R. C. 7	<i>Napier</i>	—	—	2.º	75,6
11.º	Alf. Rhodes Sérgio	D. R.	<i>Guizo</i>	Alter	—	3.º	76,7
12.º	Ten. Banazol . . . . .	E. P. C.	<i>Urano</i>	—	—	4.º	90,9

## Campeonato do cavalo de guerra de 1943

Números	CAVALEIROS	CAVALOS	Prova de Ensino	PROVA DE FUNDO								OBSTÁCULOS Penalização	SOMA das Penalizações	SOMA das Beneficiações	Pontos de penalização	CLASSIFICAÇÃO POR SÉRIES		CLASSIFICAÇÃO GERAL
				ESTRADA — Penalização		Pista ruzza com penalização	CROSS		STEEPLE		1. <sup>a</sup>					2. <sup>a</sup>		
				1. <sup>a</sup> Parte	2. <sup>a</sup> Parte		Penali-zação	Benefi-ciação	Penali-zação	Benefi-ciação								
											Penali-zação					1. <sup>a</sup> Parte	2. <sup>a</sup> Parte	
<b>1.<sup>a</sup> Série</b>																		
1	Tenente Trigo de Sousa . . .	<i>Guvo</i>	60,5	—	—	—	35	—	—	14	10	105,5	14	91,5	9. <sup>o</sup>	—	13. <sup>o</sup>	
2	Capitão Herculano Moura . . .	<i>Fusil</i>	116	—	—	—	—	—	—	—	D	—	—	—	—	—	—	
3	Tenente Miranda Dias . . .	<i>Arzila</i>	66,2	—	—	—	—	—	10	—	20	86,2	30	56,2	5. <sup>o</sup>	—	5. <sup>o</sup>	
4	Alferes Calado . . .	<i>Batedor</i>	52	—	—	—	367,5	—	—	14	—	419,5	14	405,5	16. <sup>o</sup>	—	24. <sup>o</sup>	
5	Major Ivens Ferraz . . .	<i>Bailarino</i>	129,3	—	—	—	D	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
6	Alferes Canelhas . . .	<i>Bedelho</i>	59,6	—	—	—	175	—	25	—	—	259,6	—	259,6	15. <sup>o</sup>	—	21. <sup>o</sup>	
7	Capitão Ribeiro Carvalho . . .	<i>Kolo</i>	66,2	—	—	—	420	—	150	—	—	656,2	—	656,2	18. <sup>o</sup>	—	29. <sup>o</sup>	
8	Capitão Correia Barrento . . .	<i>Abstênico</i>	64,5	—	—	—	—	—	16	—	18	74,5	34	40,5	2. <sup>o</sup>	—	2. <sup>o</sup>	
9	Alferes Tavares . . .	<i>Abandonado</i>	68,1	—	—	—	70	—	—	—	—	138,1	—	—	12. <sup>o</sup>	—	18. <sup>o</sup>	
10	Alferes mil. Costa Maia . . .	<i>Maioral</i>	116,4	—	—	—	—	—	—	—	—	116,4	—	116,4	10. <sup>o</sup>	—	15. <sup>o</sup>	
11	Alferes Cavaleiro . . .	<i>Balázio</i>	60,5	—	—	—	—	—	6	—	2	60,5	8	52,5	4. <sup>o</sup>	—	4. <sup>o</sup>	
12	Capitão Margarido . . .	<i>Laflour</i>	110,7	—	—	—	735	—	87,5	—	47,5	980,7	—	980,7	19. <sup>o</sup>	—	33. <sup>o</sup>	
13	Capitão Pimenta da Gama . . .	<i>Jaurito</i>	53,9	—	—	—	—	—	—	6	10	63,9	6	57,9	6. <sup>o</sup>	—	6. <sup>o</sup>	
14	Tenente pic. Seródio . . .	<i>Abstracto</i>	43,6	—	—	—	—	—	12	—	14	43,6	26	17,6	1. <sup>o</sup>	—	1. <sup>o</sup>	
15	Tenente Ramires . . .	<i>Chaxola</i>	71,4	—	—	—	472,5	—	37,5	—	—	581,4	—	581,4	17. <sup>o</sup>	—	28. <sup>o</sup>	
16	Alferes Morais Monteiro . . .	<i>Bagáad</i>	126,9	—	—	—	—	—	6	—	4	136,9	10	126,9	11. <sup>o</sup>	—	16. <sup>o</sup>	
17	Alferes Leão . . .	<i>Ibérico</i>	61,3	—	—	—	—	—	—	—	10	71,3	—	71,3	8. <sup>o</sup>	—	8. <sup>o</sup>	
18	Alferes Damião . . .	<i>Vulgar</i>	116,2	—	—	—	—	—	—	62,5	—	188,7	—	188,7	13. <sup>o</sup>	—	19. <sup>o</sup>	
19	Alferes Craveiro Lopes . . .	<i>Jesuita</i>	131,6	—	—	—	52,5	—	37,5	—	11	232,6	—	232,6	14. <sup>o</sup>	—	20. <sup>o</sup>	
42	Capitão Campos . . .	<i>Absurdo</i>	34	—	—	—	—	—	—	12,5	—	46,5	—	46,5	3. <sup>o</sup>	—	3. <sup>o</sup>	
44	Capitão Travassos Lopes . . .	<i>Batávico</i>	65,3	—	—	—	—	—	4	—	—	65,3	4	61,3	7. <sup>o</sup>	—	7. <sup>o</sup>	
<b>2.<sup>a</sup> Série</b>																		
20	Alferes Rodes Sérgio . . .	<i>Guizo</i>	76,7	—	—	—	—	—	—	—	—	76,7	—	76,7	—	3. <sup>o</sup>	11. <sup>o</sup>	
21	Capitão Oliveira Reis . . .	<i>Timpanas</i>	112	—	—	—	—	—	—	—	—	112	—	D	—	—	—	
22	Alferes Abrantes Silva . . .	<i>Sajorno</i>	93,9	—	—	—	420	—	300	—	30	843,9	—	843,9	—	14. <sup>o</sup>	32. <sup>o</sup>	
23	Capitão Xavier . . .	<i>Vaidoso</i>	76,1	—	—	—	350	—	87,5	—	10	523,6	—	523,6	—	10. <sup>o</sup>	26. <sup>o</sup>	
24	Alferes mil. Gancho . . .	<i>Velhaco</i>	84	—	—	—	262,5	—	87,5	—	—	434	—	434	—	9. <sup>o</sup>	25. <sup>o</sup>	
25	Alferes Tondela Larangeira . . .	<i>Visionário</i>	122,6	—	—	—	—	—	—	—	10	132,6	—	132,6	—	6. <sup>o</sup>	17. <sup>o</sup>	
26	Tenente Pais Azevedo . . .	<i>Xerife</i>	110,3	—	—	—	402,5	—	175	—	D	—	—	—	—	—	—	
27	Tenente pic. Mateus . . .	<i>Surrão</i>	93,3	—	—	—	140	—	100	—	—	333,3	—	333,3	—	8. <sup>o</sup>	23. <sup>o</sup>	
28	Alferes Correia da Cruz . . .	<i>Zero</i>	82,8	—	—	—	157,5	—	100	—	D	—	—	—	—	—	—	
29	Tenente Carvalhosa . . .	<i>Napier</i>	40,6	—	—	—	—	—	25	—	10	75,6	—	75,6	—	2. <sup>o</sup>	10. <sup>o</sup>	
30	Alferes Calafate . . .	<i>Andorinho</i>	95,8	—	—	—	262,5	—	125	—	78,5	561,8	—	561,8	—	11. <sup>o</sup>	27. <sup>o</sup>	
31	Tenente Banazol . . .	<i>Urano</i>	54,6	—	—	—	—	—	2	37,5	—	92,1	2	90,1	—	4. <sup>o</sup>	12. <sup>o</sup>	
32	Alferes Alves Pereira . . .	<i>Ulmeiro</i>	153,3	—	—	—	980	—	925	—	D	—	—	—	—	—	—	
33	Alferes Barros e Cunha . . .	<i>Picanço</i>	83,3	—	—	—	35	—	162,5	—	35	280,8	—	280,8	—	7. <sup>o</sup>	22. <sup>o</sup>	
34	Alferes Rangel de Almeida . . .	<i>Casewitch</i>	184,6	—	—	—	227,5	—	75	—	D	—	—	—	—	—	—	
35	Alferes Fernandes . . .	<i>Alter</i>	122,7	—	—	—	315	—	212,5	—	45	802,5	—	802,5	—	13. <sup>o</sup>	31. <sup>o</sup>	
36	Alferes Viana Barreto . . .	<i>Esamba</i>	189,4	—	—	—	297,5	—	150	—	D	—	—	—	—	—	—	
37	Alferes Ferro . . .	<i>Garf</i>	68,6	—	—	—	—	—	37,5	—	10	116,1	—	116,1	—	5. <sup>o</sup>	14. <sup>o</sup>	
38	Alferes Costa Júnior . . .	<i>Vitorioso</i>	118,7	—	—	—	227,5	—	102,5	—	D	—	—	—	—	—	—	
39	Alferes Rebelo . . .	<i>Fiote</i>	116	—	—	5	507,5	—	537,5	—	D	—	—	—	—	—	—	
40	Alferes Nunes da Silva . . .	<i>Xerife</i>	137,3	—	—	—	507,5	—	112,5	—	10	767,3	—	767,3	—	12. <sup>o</sup>	30. <sup>o</sup>	
41	Alferes mil. Penaforte . . .	<i>Ulano</i>	132,4	—	—	—	1.557,5	—	137,5	—	30	1.857,4	—	1.857,4	—	15. <sup>o</sup>	34. <sup>o</sup>	
43	Alferes Sampaio . . .	<i>Jaqueta</i>	62,6	—	—	—	—	—	—	—	10	72,6	—	72,6	—	1. <sup>o</sup>	9. <sup>o</sup>	



## Revista da Cavalaria

O seu brio pessoal, leva-os a chegar ao fim do Campeonato mas, atingido esse desideratum, tanto importa ser com menos dez ou cem pontos.

Se houvessem, pois, prémios para os concorrentes que, não tendo ganho algum dos oito atribuídos, chegassem ao fim do Campeonato com uma pontuação igual ou superior a novecentos pontos, constituía um estímulo e animava muito estas provas.

Quando da remodelação do regulamento, não foi este assunto estudado, por o número dos concorrentes que terminavam o Campeonato ser sempre relativamente pequeno.

Até 1935 realizava-se o Campeonato numa só série — para todos os cavalos indistintamente — e tinha cinco prémios.

Em 1936, fêz-se a experiência de dividir o Campeonato em duas séries, sendo uma para cavalos p. s. e outra para nacionais, com prémios independentes e num total de oito.

Isto fêz aumentar o entusiasmo por esta prova, conforme já nos referimos no número 5 da *Revista da Cavalaria* de 1940.

Com a aquisição dos cavalos argentinos, aumentou consideravelmente o número de inscrições que atingiu o seu máximo em 1942.

Para completar o que acima dizemos, vejamos alguns números.

Concorrentes	Campeonato de: 1000										Observações
	35	36	37	38	39	40	41	42	43		
Inscritos . . . . .	22	23	30	26	28	39	43	57	44		(a) Treze concorrentes terminaram a prova de Fundo e foram desclassificados no cross por engano numa bandeirola.
Completaram o Campeonato . . . . .	15	16	24	14	13	31	20 (a)	37	34		

Em concursos hípicas, segundo o regulamento da F. E. I. o número de prémios pode ir até  $\frac{1}{2}$  do número de inscritos. No Campeonato de 1942 existia um prémio por cada sete concorrentes, o que é exageradamente pouco.

## Revista da Cavalaria

Segundo a idéia que atrás abordamos de um prêmio para os cavaleiros que terminassem o Campeonato em determinadas condições, concluímos em relação a 1942 que seriam atribuídos mais:

6 prêmios à 1.<sup>a</sup> Série e 6 à 2.<sup>a</sup> Série

Com os estipulados pelo regulamento perfazia um total de vinte, que, para cinquenta e sete concorrentes representa aproximadamente  $\frac{1}{3}$ .

Se observarmos novamente os quadros n.<sup>os</sup> 1 e 2 de 1942, da *Revista da Cavalaria* de Setembro do mesmo ano, nos dados dos concorrentes números 2, 7, 9, 11, 13 e 16 (primeira série) e 33, 39, 41, 44, 45, e 55 (segunda série) seriam êstes os doze cavaleiros contemplados com os prêmios alvitrados.

Todos êstes concorrentes, ou beneficiaram no cross e steeple ou sendo penalizados numa destas foram beneficiados na outra. Verifique-se que nenhum dos cavaleiros penalizados nestas duas provas conseguiu atingir a pontuação dos 900.

Como elas são as mais importantes do Campeonato, parece-nos estar dentro da razão no cálculo da pontuação a exigir para êste aumento de prêmios que se nos afigura de tôda a justiça.

O Campeonato não é apenas uma prova, mas sim um conjunto de provas que exige, repetimos, uma cuidada preparação e um grande esforço da parte dos cavaleiros e cavalos.

É forçoso manter e aumentar o vivo entusiasmo que se tem verificado por esta prova. A nossa arma dentro da evolução actual encontra ainda no cavalo, o grande meio de manter o seu espirito de decisão que lhe continua a ser perdido mesmo... «sem cavalos».



# Organizações de Inverno da SOCIEDADE HÍPICA PORTUGUESA

pelo Tenente ANTÓNIO SPÍNOLA



Vem a Sociedade Hípica Portuguesa organizando há anos, com notável regularidade, durante as épocas invernosas e primaveril, séries de reuniões hípias destinadas a treino dos seus sócios concursionistas, a desenvolver o gosto pela competição aos novos cavaleiros, e a fomentar o prazer por esta modalidade desportiva ao difícil público da capital.

Estas reuniões, principiaram por ser frequentadas apenas pela família próxima de meia dúzia de concorrentes que disputavam as provas, e por alguns sócios aficionados, sendo muitas vezes adiadas por o diminuto número de cavaleiros inscritos não justificar a sua realização.

Foram-se as mesmas arrastando durante anos, na desoladora expectativa de uma lenta e dolorosa morte, motivada pela falta de concorrentes, de público, e, porque não dizê-lo, de dinamismo na concepção.

A semente lançada não germinara, porque a terra não era natamente fecunda, e nunca fôra convenientemente tratada.

Circunstâncias de momento, transformaram em fértil humo a estéril gleba, fazendo germinar a semente há tanto tempo lançada.

O rebelde público surge, a organização das provas evolui, e o número de concorrentes aumenta considerável-

## Revista da Cavalaria

mente. O quadro de agonizante expectativa das últimas reuniões transforma-se por completo.

A quasi caduca semente germinara. Há agora que encaminhar o crescimento do rebento e enraizá-lo profundamente, para que êle venha a frutificar com pujança para além da época anormal que vivemos.

Estamos convictos, que a direcção da Sociedade Hípica Portuguesa, cõscia da actual responsabilidade que sôbre si



*O Alferes Cavaleiro montando o cavallo Jocosos em que ganhou as taças «R. C. da G. N. R.» e «General M. Latino»*

peza, saberá explorar completamente o successo alcançado, procurando fixar definitivamente o caprichoso público que, por circunstâncias ocasionais, anima hoje as nossas pistas.

Para o conseguir, não deverá entusiasmar-se com as enganosas facilidades de momento, mas sim procurar imprimir às suas reuniões futuras uma progressiva e audaciosa orientação, modelada dentro do dinamismo da época.

\*

No conjunto das «poules» realizadas nas reuniões de inverno dêste ano, foram disputadas nos mesmos moldes do ano passado, as taças «R. C. da G. N. R.», «General Manuel Latino» e «S. H. P.-1943», cujos regulamentos já foram publicados nesta Revista, em Maio de 1942.

# Revista da Cavalaria

As taças «R. C. da G. N. R.» e «General Manuel Latino», foram brilhantemente ganhas pelo Alferes Cavaleiro, montando *Jocoso*, que como sempre imprimiu a todos os seus percursos aquêlê característico cunho movimentado, que tanto o tem notabilizado entre o público entendido.

Trigo de Sousa, montando *Paraquedista*, exclusivamente por êle pôsto em obstáculos, viu justamente compensado o seu metódico e persistente trabalho, ganhando com apreciável



O Tenente Trigo de Sousa montando o cavalo *Paraquedista* em que ganhou a taça «S. H. P.-1943»

regularidade a taça «S. H. P.-1943» destinada a cavalos principiantes.

Publicamos a pontuação alcançada pelos cavaleiros mais classificados nas diversas provas disputadas na última época.

## «Taça R. C. da G. N. R.»

1.º	<i>Jocoso</i>	Fernando Cavaleiro	153	Pontos
2.º	<i>Namir</i>	Pascoal Rodrigues	151	»
3.º	<i>Mucalenga</i>	Trigo de Sousa	133	»
4.º	<i>Inquiridora</i>	José Granate	128	»
5.º	<i>Acusado</i>	Oliveira Reis	117	»
6.º	<i>Navi</i>	Oliveira Reis	116	»
7.º	<i>Macontene</i>	Pires Monteiro	106	»
8.º	<i>Princesa</i>	Morais Monteiro	101	»
9.º	<i>Balásio</i>	Fernando Cavaleiro	95,5	»
10.º	<i>Montes Claros</i>	José Beltrão	92	»
11.º	<i>Zelante</i>	Castro Pereira	79,5	»
12.º	<i>Quintal</i>	Castro Pereira	74	»

# Revista da Cavalaria

## «Fazça General Manuel Latino»

1.º	Fernando Cavaleiro	200	Pontos
2.º	Oliveira Reis	199	»
3.º	José Granate	194	»
4.º	Trigo de Sousa	188	»
5.º	Pascoal Rodrigues	172	»
6.º	Castro Pereira	170	»

## «Fazça S. H. P. 1943»

1.º	<i>Paraquedista</i>	Trigo de Sousa	215	Pontos
2.º	<i>Quintal</i>	Castro Pereira	191	»
3.º	<i>Impulsivo</i>	António Vasconcelos	167	»
4.º	<i>Baboso</i>	Reymão Nogueira	159	»
5.º	<i>Cactus</i>	Contel Martins	145	»
6.º	<i>Coolela</i>	Pascoal Rodrigues	138	»



# AS CORRIDAS DE OUTONO

por RODRIGO COSTA PEREIRA



«Saúdemos o Club eqüestre com entusiasmo. A estreia não podia ser mais auspiciosa. Sem querer ofuscar as glórias do boi e dos audazes lidadores dos circos tauromáquicos, diremos que receamos, com bons fun-

damentos, que as corridas de cavalos, não menos briosas e brilhantes e mais úteis e incruentas, venham a substituir a tauromaquia. Esta diversão, inteiramente nova entre nós, parece-nos fadada a ser um dos divertimentos mais elegantes e ao mesmo tempo mais populares de Portugal.

Era assim que um cronista descrevia no «*Diário de Notícias*», as corridas de cavalos realizadas em 5 de Outubro de 1873, num campo improvisado na planície denominada vale de Sacotas, perto de Sintra, e organizadas pelo Club Eqüestre pouco antes formado para desenvolver o gôsto pelo hipismo.

Nestes 70 anos que passaram, muitas e variadas tentativas se fizeram para criar o gôsto por esta diversão, sempre com sucessos ruídosos, mas efêmeros.

E agora, em 1943, poderia o cronista do «*Diário de Notícias*» referir-se do mesmo modo, quási pelas mesmas palavras, às jornadas realizadas pela Sociedade Hípica no Hipódromo do Campo Grande, já o ano passado no mês de Novembro e êste ano em Maio e novamente nos dias 21 e 28 de Novembro último.

## Revista da Cavalaria

Estas corridas tiveram sucesso animador. O público acorreu ao Campo Grande em número avultado e crescente; encheram-se as tribunas e «pelouses» apostou-se com entusiasmo, apesar do frio.

Os resultados foram consoladores e o grande esforço dispendido pela Sociedade Hípica Portuguesa foi assim recompensado animando-a por certo a continuar.

É que, apesar das previsões feitas em 1873, e apesar do sucesso que têm tido estas jornadas, as corridas de cavalos ainda não desbancaram qualquer outro desporto, ainda não se arreigaram entre nós, ainda não se integraram na vida nacional, como aconteceu em tôdas as outras nações.

Por tôda a parte há corridas de cavalos, sejam elas de puros sangues ou de poneys.

O que é preciso é que haja cavalos, muitos cavalos, pois todos podem correr desde que sejam agrupados conforme o seu sangue e categoria.

Foi neste sentido — e muito bem — que a Sociedade Hípica organizou o seu programa, tentando assim animar os criadores, pois do seu interêsse depende em grande parte o êxito das corridas como atracção desportiva e totalmente na sua finalidade de apuramento de raças cavallares.

Não tendo nós hoje criação de puros sangues ingleses (exceptuando a afamada coudelaria Santos Jorge) é com o cavalo nacional árabe ou arabizado que temos de correr.

Pouco importa para o público que o quilómetro se faça a 50 ou a 60 à hora. Gradualmente se fará a selecção.

Se os nossos lavradores e criadores de cavalos começarem a mandar correr os que hoje têm, pouco a pouco tentarão melhorá-los e treiná-los. Pela emulação, pelo entusiasmo de os ver correr com outros da mesma categoria, quererão aperfeiçoar as suas raças e mais cuidadosamente tratar dos seus produtos para alcançar prémios e troféus e ainda melhores preços para os seus cavalos.

O ponto de partida no círculo vicioso que se tem de percorrer para que as corridas se radiquem entre nós é, portanto, que o lavrador mande correr cavalos seus por si criados.

Para que as corridas dêem dinheiro, para poderem as provas ter prémios compensadores, é necessário que o público

## Revista da Cavalaria

tome gosto por elas e acorra a êstes certamens apostando com entusiasmo.

Para que o público crie êsse gosto e êsse hábito é preciso que haja corridas com freqüência e para que assim seja necessário é que haja muitos cavalos para correr. Não basta apenas alguns que venham de fora. Êsses serão sempre poucos. É necessário, pois, que os nossos lavradores façam desde já correr os seus produtos.

A isto temos de acrescentar o interêsse que os poderes públicos devem tomar pelo incentivo que as corridas dão aos criadores e o conseqüente melhoramento dos animais que produzem, o que em tôdas as nações constitui preocupação dos governos.

E como há muitos tipos de corrida não se excluem de



*Um aspecto da assistência no 1.º dia de corridas*

correr os cavalos de maior categoria, mas sim serão estimulados. Os puros sangues lá têm o seu lugar nos programas, quer sejam importados, quer nascidos em Portugal, o que deve animar os particulares a fazerem correr cavalos com as suas côres e não exclui a possibilidade, já prevista, de proprietários estrangeiros virem concorrer no nosso hipódromo.

Esperamos que assim seja num futuro próximo. Por certo a Sociedade Hípica envidará todos os esforços para explorar os sucessos animadores destas jornadas continuando na sua árdua tarefa para bem da Nação e do hipismo, conseguindo o aperfeiçoamento das raças cavallares.

# Revista da Cavalaria

## 1.<sup>a</sup> jornada

No dia 21, às 14 e meia precisas, teve início a 1.<sup>a</sup> corrida, Prémio Alter, conforme dizia o programa, para cavalos e éguas nacionais excluindo o puro sangue inglês e o puro sangue árabe, numa distância de 1.200 metros, montados por jockeys. Alinharam 5 cavalos. A velocidade média foi de 885 metros por minuto (refere-se à velocidade do vencedor). Ganhou *Dize-tu*, filho de *Zarai*, muito apertado por *Guizo*, também filho de *Zarai* e ambos pertencentes ao Depósito de Remonta.

A 2.<sup>a</sup> corrida, Prémio Bok, para cavalos e éguas excluindo o puro sangue inglês, montados por jockeys e numa distância



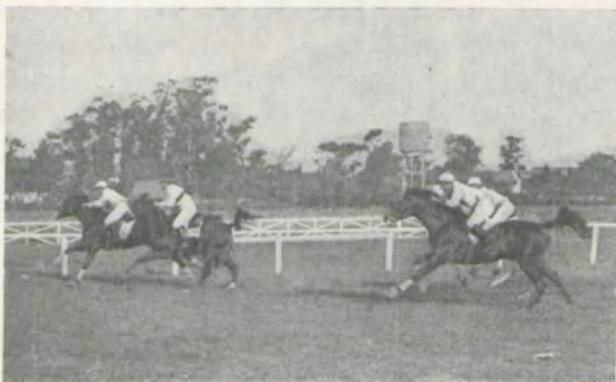
1.<sup>a</sup> Corrida : «Dize-tu» à frente de «Guizo»

de 1.600 metros, alinhou 6 cavalos, sendo cinco reprodutores árabes da Coudelaria Nacional e um do Depósito de Remonta. Como nas jornadas anteriores, a Direcção dos Serviços Pecuários, compreendendo bem a importância que representa para a economia do País a realização de corridas, concorreu com o maior número de reprodutores de que neste momento podia dispor. Ganhou *Cook*, bela estampa de garanhão árabe, seguido de *Dique* e de *Bok*. Velocidade 818 metros por minuto.

A 3.<sup>a</sup> corrida, Prémio Fonte-Boa, para cavalos e éguas nacionais, excluindo o sangue inglês e o puro sangue árabe

## Revista da Cavalaria

(reservada a animais possuindo o ferro do lavrador que os inscreve). Devia ser, debaixo do ponto de vista prático, a corrida mais interessante; porém, sómente 4 dos nossos criadores inscreveram os seus produtos. O Conde de Cabral inscrevendo *Maneço*, os Irmãos Robertos, *Êxito* e *Exigente*, José Infante da Câmara, *Andorinha* e Dr. Emilio Infante da Câmara, *Vencedor* e *Esbelta*. *Dantzig*, montado por José Canelas, pertencente ao lavrador Teodoro Santos, por ser filho de *Dark-Ball* e, portanto, meio sangue inglês, não pôde alinhar nesta corrida e teve de tomar parte na seguinte. O *Maneço* não correu por estar coxo e alinharam os outros cinco, chegando em 1.º lugar *Êxito*, seguido por *Vencedor* e por *Exigente*. Velocidade 824 metros por minuto numa distância de 1.200 metros. É para lastimar que não correspon-



«Cook» tomando a cabeça do pelotão no «Prémio Bok»

dessem mais lavradores ao apêlo que lhes foi feito pela Sociedade Hípica e pela Direcção da Pecuária.

A 4.ª corrida, Prémio Absténico, para cavalos e éguas, excluindo o puro sangue inglês, montados por gentlemen, numa distância de 1.800 metros, foi ganha por *Absténico* que dava o nome à prova. Muito bem montado por Henrique Calado, fez 915 metros por minuto, o que foi a melhor velocidade em tôdas as provas das duas jornadas. Alinharam 8 cavalos, *Abstracto*, *Bailadeira*, *Batedor*, *Arzila*, *Absténico*, *Decidido*, *Dantzig* e *Debutante*. O 2.º a chegar à meta foi *Abstracto* e o 3.º *Batedor*.

## Revista da Cavalaria

5.<sup>a</sup> corrida, Prémio Amok, para cavalos e éguas de tôdas as origens e procedências, distância 1.800 metros, foi naturalmente uma prova de puros sangues ingleses e dizendo puros sangues é dizer cavalos da coudelaria Santos Jorge. Efectivamente, apenas a êste grande lavrador se deve o facto de ainda haver entre nós a criação de puros sangues ingleses. Alinharam 5 cavalos desta afamada coudelaria: *Vulcano*, *Salambô*, *Sherazade*, *Troika* e *Zita*, esta ultima, pertença do Sr. Marquês da Graciosa, montada por Henrique Margaride. Ganhou *Sherazade*, seguida de *Salambô* e de *Zita*. Velocidade 878 metros por minuto, muito pouco para puros sangues.

6.<sup>a</sup> corrida, Prémio Calif, para cavalos e éguas nacionais excluindo o puro sangue inglês, distância 1.600 metros. Apresentaram-se na pista 7 cavalos, chegando 1.<sup>o</sup> *Alado*, montado por Fernando Cavaleiro, fazendo 858 metros por minuto, seguido por *Dantzig* e *Calif*.

A assistência que a principio era fraca por as provas terem começado cedo, acabou por encher as tribunas e conservou-se até ao fim seguindo as corridas e apostando nos seus favoritos com entusiasmo.

### 2.<sup>a</sup> jornada

O dia 28 apresentou-se esplêndido e boa idéia teve a Sociedade Hípica em conseguir que o Restaurante servisse almoço a todos os sócios e seus convidados que isso desejassem. Pena foi que mais se não aproveitassem desta vantagem pois poucos compareceram.

Antes da hora marcada para as corridas e por especial deferência do Sr. Major Buceta Martins, foram apresentados no paddock os cavalos irlandezes comprados para a G. N. R. pelo capitão Helder Martins. Êstes cavalos, que há pouco chegaram e na grande maioria ainda se encontram sofrendo o efeito da grande jornada, agradaram muitissimo. São todos cavalos de categoria, muito bem escolhidos, havendo, já se vê, melhor e pior conforme os preços e o dinheiro que havia para gastar.

## Revista da Cavalaria

Às 15 horas começou a 1.<sup>a</sup> corrida, Prémio Ortigão, 1.200 metros, para cavalos e éguas, excluindo os puros sangues inglês e árabe. Alinharam 8 cavalos, montados por oficiais, alguns já conhecidos da jornada anterior, sendo *Dize-tu*, *Vilão* e *Guizo*, os favoritos. GANHOU *Dize-tu*, fazendo 878 metros por minuto, por uma cabeça sobre *Vilão*, que se atrazou na recta final por ter saído muito para fora da corda.

Na 2.<sup>a</sup> corrida, Prémio Silfire, jockeys, destinada a reprodutores, excluindo o puro sangue inglês, alinharam 5 garanhões da Coudelaria Nacional, que correram 1.600 metros. GANHOU *Czar*, diante de *Desquite* e *Plantain*. Velocidade 816 metros por minuto.

Na 3.<sup>a</sup> corrida, Prémio Fuzil, 1.800 metros, para cavalos e éguas, excluindo o puro sangue inglês, montados por gen-



«Sherazade» seguida de «Zita» e «Salambô» no «prémio Amok»

tlemen, entraram 8 cavalos correndo novamente *Dantsig* do lavrador Sr. Prudêncio da Silva Santos. GANHOU *Absténico*, montado pelo Alferes Calado, mas desta vez muito apertado por *Arzila*, montado pelo Capitão Correia Barrento, sendo 3.<sup>o</sup> *Decidido* montado pelo Capitão Guedes Campos. Velocidade 876 metros por minuto.

A 4.<sup>a</sup> corrida, Prémio Coronius, para cavalos de tôdas as origens e procedências, montados por jockeys, tomava o lugar de grande prémio. A distância a percorrer de 3.000 metros

## Revista da Cavalaria

já requeria cavalos de muito sangue. O lavrador Sr. Santos Jorge mandou quatro dos seus puros sangues, *Iris*, *Sherazade*, *Salambô* e *Troika*; correu ainda da sua coudelaria, *Zita*, pertença do Sr. Marquês da Graciosa e *Jaurito*, argentino, do Regimento de Cavalaria 2. Um total de 6 cavalos.

O favorito era *Iris*, que nas jornadas do ano passado se tinha evidenciado mas que, despistando-se nas duas provas em que entrara, em nenhuma delas chegara ao fim. Desta vez, com mais preparação e montada por Adelino, esperava-se a sua vitória. Os seus partidários foram novamente desiludidos, pois ao chegar à 2.<sup>a</sup> curva saiu da corda tentando despistar-se.

*Zita*, montada por Henrique Margaride, fêz quâsi todo o percurso na frente do pelotão; ao chegar, porém, a uns dez metros da meta foi ultrapassada por *Salambô*, que num magnífico esforço lhe ganhou por meia cabeça. Como *Zita* se apresentou depois muito coxa, é possível que fôsse devido a isso que perdeu o 1.<sup>o</sup> lugar. Chegou 3.<sup>o</sup> *Sherazade*. Velocidade 880 metros por minuto.

A 5.<sup>a</sup> e última corrida, Prémio Depósito de Remonta (sebes) também para cavalos de tôdas as origens e procedências, 2.000 metros, alinhou 6 cavalos, sendo 3 do Depósito de Remonta, 1 da E. P. C., 1 do Regimento de Cavalaria 2, e 1 do Estado. Ganhou *Abstracto*, montado pelo Alferes Henrique Calado, seguido de *Batedor*, montado pelo Alferes Rangel Almeida e por *Decidido*, montado pelo Capitão Guedes Campos. *Hachette*, montado pelo Alferes Miranda Dias, caiu na última sebe sem que, felizmente, o seu cavaleiro sofresse abalo de maior.

E assim terminaram as jornadas de Outono deixando óptima recordação nos amadores de cavalos e naqueles a quem agradam êstes certamens pelo conjunto que representam de desportivo e social, pela animação e entusiasmo da disputa, pelo gôsto da aposta, esperando todos, os dias floridos da primavera para a sua repetição.

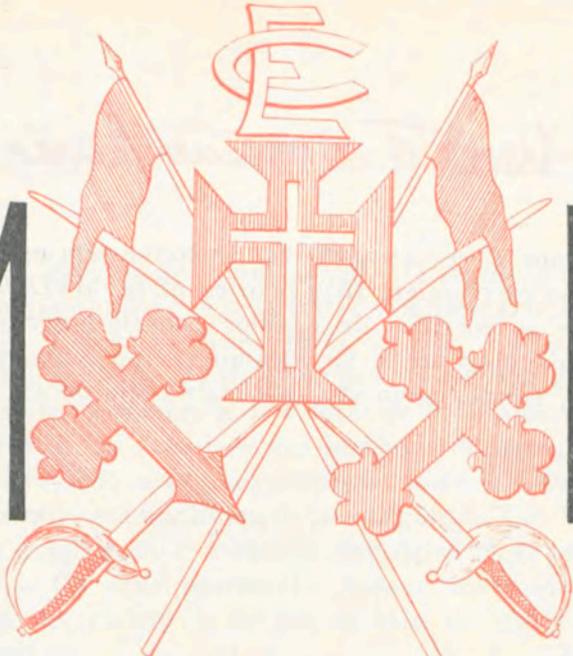
A Sociedade Hípica Portuguesa não deixará por certo esfriar o entusiasmo do público e seguindo na sua missão de desenvolvimento do hipismo, e subsequente apuramento das raças cavallares, saberá explorar o successo obtido seguindo para a frente, sempre para a frente.

## Revista da Cavalaria

E vamos a ver se desta vez se convertem em realidade as palavras escritas em 1873 pelo cronista do «*Diário de Notícias*»; se as corridas de cavalos passam a ser o «divertimento mais elegante e ao mesmo tempo mais popular de Portugal», sendo, como são, dos mais úteis para a economia do País.



# BOLETIM DA E.P.C.



## *Cursos de Metralhadoras*

**T**ERMINOU no dia 8 de Maio, mais um curso de Metralhadoras e Engenhos e com êle se encerrou, por determinação superior, o ciclo da sua existência, pelo que o curso dêste ano foi o último na nossa arma, a menos que se reconsidere a sua necessidade e volte a ser restabelecido, então mais completo e com características diferentes.

E precisamente porque através das diferentes fases por que foi passando era já o 18.º que se realizava, a doutrina, a orientação e os programas de instrução dêste curso eram os mais definidos, podendo, pois, considerar-se como sendo aquêle que na E. P. C. funcionava com maior regularidade, principalmente nos últimos anos.

Faltavam-lhe, é certo, elementos de ensino que permitissem atingir um nível compatível com as modernas exigências — as questões de D. C. A. e D. C. B., e tudo o que respeita a unidades motorizadas foi sempre tratado muito superficial e teòricamente, pela falta de material apropriado; mas dentro

## Revista da Cavalaria

dos meios de que a E. P. C. dispunha para o trabalho com as unidades hipo, êle atingiu um nível de desenvolvimento muito apreciável, que se procurava ainda melhorar de ano para ano pela prática de comando de fogo, que difficilmente os officiaes voltavam a ter occasião de repetir nas suas unidades.

O último curso decorreu com algumas deficiências, das quais salientamos a sua curta duração e a difficuldade de instrutores.



*O reconhecimento da posição*

A primeira, que nos últimos anos era de 12 a 13 semanas, foi desta vez reduzida para 10, nas quais se englobavam as licenças habituais do Carnaval e Páscoa, pelo que alguns assuntos tiveram de ser tratados superficialmente, por processos ultra-rápidos e expeditos que não se adaptam a todos os casos de tiro, isto em prejuízo de um estudo consciencioso que coloque o official metralhador em condições de poder resolver qualquer dêles nas melhores condições. A esta deficiência se tentou obstar aumentando o número de horas de trabalho diário, que passou de 6 para 7.

A segunda resultou de no ano passado terem saído da E. P. C. dois officiaes do Esquadrão de Metralhadoras que ficou assim reduzido ao seu comandante e a um subalterno, êste último também instruendo do curso. A E. P. C. foi, pois, obrigada a requisitar dois instrutores das unidades, dos quais só um se apresentou. Êste facto provocou uma certa deso-

# Revista da Cavalaria

rientação inicial que criou uma situação de improvisação, pois que nenhum dos instrutores estava imediatamente preparado e com programa prè-estabelecido para a matéria que teve de ficar naquele momento a seu cargo, a fim de remediar a situação.

Com as dificuldades apontadas, o programa teve de ser simplificado, mas procurou-se, no entanto, melhorar as suas condições por um aumento de prática e por uma visita à E. P. I. onde assistiu a uma conferência e demonstração sôbre efeitos sonoros dos projecteis e executou tiro de morteiros em terreno diverso daquele a que estamos habituados.

Para melhor elucidação, o quadro seguinte indica a proporção em que os vários assuntos têm sido tratados nos últimos 3 anos:

	1941 e 1942	1943
Direcção de fôgo . . . . .	38 0/0	35 0/0
Táctica e emprêgo. . . . .	23 0/0	25 0/0
Material . . . . .	31 0/0	31 0/0
Tiro na carreira . . . . .	3 0/0	2 0/0
Fogos reais . . . . .	5 0/0	7 0/0

Se não fôsse a duração limitada do curso teríamos no presente ano obtido a percentagem de 10 0/0 nos fogos reais em detrimento da Táctica, o que seria já interessante.

O curso fechou com os costumados dias de bivaque na Charneca do Arrepiado para trabalhos finais, e onde se fêz a prática de preparação e comando de tiro. São dèsses trabalhos as fotografias que apresentamos.

## Um pouco de história...

Mas, já que falámos no curso que findou e porque êle é o último que se realiza, parece-nos interessante historiar a traços largos a vida e os resultados daqueles que ficaram para trás.

## Revista da Cavalaria

Pode dizer-se que os cursos se realizaram em três fases, a saber: a primeira, em que apenas se estudavam as metralhadoras ligeiras; a segunda, em que se englobavam as ligeiras e pesadas; e a terceira, em que, com o aparecimento dos morteiros, se passou ao ensino destes a par das metralhadoras sôbre tripé.

Iniciou-se a 1.<sup>a</sup> fase no ano lectivo de 1923-24, sendo o curso freqüentado por oficiais e sargentos, e a instrução ministrada por oficiais que em França, no C. E. P., tinham freqüentado o Curso de Metralhadoras ali realizado.



*O pelotão inicia a entrada em posição*

Do relatório final desse curso extraímos, por curiosidade, as deficiências nêle apontadas e que são as seguintes:

- a) — *Técnica* — Suprimiu-se o estudo prático das armas automáticas em uso nalguns exércitos, por não existirem modelos na Escola. Falta de material anti-aéreo.
- b) — *Táctica* — Ausência de disposições regulamentares portuguesas. A deficiência de efectivos escolares não permitiu que se desse a êste ramo o desenvolvimento que era para desejar.

## Revista da Cavalaria

- c) — *Tiro* — Redução na parte prática por:
- falta do material anti-aéreo que foi pedido ao Arsenal do Exército;
  - não ter sido fornecido o telémetro requisitado para a avaliação de distâncias;
  - o tiro na carreira foi prejudicado por se ter esgotado a reserva de cartuchos existente na Escola e só nos últimos dias ser fornecida a requisição feita.

As provas deste 1.º curso fôram:

- Desarmar e armar;
- Funcionamento;
- Avarias (na sala e na carreira);
- Substituição de peças;
- Municimento;
- Técnica da metralhadora Hotchkiss (na sala e em fogo);
- Carta de tiro e avaliação de distâncias;
- Fogo com metralhadora Lewis;
- Fogo com metralhadora Hotchkiss;
- Apear e montar o material a dorso;
- Combate a pé.

Mais ou menos nesta situação permaneceu o curso durante 5 anos, altura em que foi interrompido por 2 anos, mas já nessa ocasião o director do curso dizia no seu relatório: «Convém acentuar que este curso não é apenas técnico, mas sim também tático, o que não só evita a deformação dos conhecimentos profissionais como associa intimamente a tática da arma com o armamento moderno».

Era o princípio da evolução do armamento na Cavalaria em que a tática desta arma ia sofrer uma modificação profunda.

Assim, em 1930-31, a par de uma nova orgânica para as sub-unidades de Cavalaria, surge também uma nova fase para o curso, que deixa de ser apenas de metralhadoras ligeiras, para englobar conjuntamente com as metralhadoras pesadas, a técnica do seu tiro. Nêle fôram tratadas na parte

## Revista da Cavalaria

respeitante a material as metralhadoras ligeiras Lewis, Hotchkiss e Madsen, a pistola-metralhadora Bergman e a metralhadora pesada Vicker's.

No ano seguinte, estabelecida em definitivo a uniformidade de armamento para a Cavalaria com a adopção e distribuição das metralhadoras Madsen tanto para os pelotões de linha como para os de metralhadoras, passou a ministrar-se em detalhe a instrução destas armas e apenas conhecimentos sumários das restantes existentes no pequeno museu escolar. Sob o ponto de vista táctico iniciaram-se os estudos de organização e actuação dos pelotões de metralhadoras, que mais tarde serviram de base à regulamentação definitiva.

Em 1938 iniciou-se a terceira fase, englobando o ensino de morteiros. O curso, só para oficiais, foi pela primeira vez frequentado por capitães (9) e subalternos (10), alguns dos quais só se apresentaram nas últimas semanas do curso para a parte relativa a morteiros, por já terem em cursos anteriores frequentado a parte de metralhadoras.

Desde então até 1941 o curso foi sempre frequentado por capitães e subalternos e, em 1939, também por sargentos. Este curso para sargentos em 1939 merece uma referência especial, por um lado, porque foi o único que se realizou desde o aparecimento dos morteiros e, por outro, pelo rendimento que deu e resultado obtido (veja-se o quadro final), a ponto de ter sido publicado em Ordem Escolar um louvor

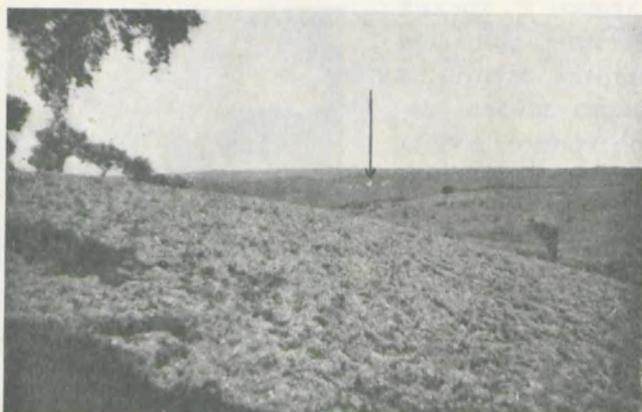


*O comandante de pelotão dá as suas ordens, enquanto o telemetrista avalia as distâncias*

## Revista da Cavalaria

colectivo, além de louvores individuais àquêles que obtiveram a classificação de «muito bom».

Desde êsse ano em diante não mais se realizou curso de metralhadoras e morteiros para sargentos e podemos concluir pelo que até nós chega das unidades da Arma sôbre o assunto e pela própria observação na E. P. C., que pena foi não ter sido possível especializar um maior número de sargentos,



*O rebentamento de uma granada de morteiro na linha média dos alvos, a 1.400 metros*

tanto mais que as suas missões actuais os podem chamar ao comando de secções, isto é, de unidades de tiro a quem são atribuídas missões quási sempre isoladas na nossa Arma.

\*

Apresenta-se a seguir um quadro com a freqüência e resultados obtidos e vários cursos, podendo ver-se que foi apreciável o número de oficiais e sargentos especializados.

O curso serviu ainda de centro experimental para os trabalhos da D. A. C., sendo em grande parte dos estudos técnicos e táticos nêle realizados que resultou a pouca regulamentação que na Cavalaria ainda hoje existe sôbre metralhadoras e engenhos.

# Revista da Cavalaria

## Cursos de Metralhadoras

ANO	Assunto	Duração		OFICIAIS					SARGENTOS			
		Oficiais	Sargentos	Frequência	Muito aptos	Aptos	Inaptos	Não terminaram	Frequência	Muito aptos	Aptos	Inaptos
1923-24	M. L.	7	5	14	4	10	—	—	14	4	10	—
1924-25	M. L.	7	5	13	1	12	—	—	12	3	9	—
1925-26	M. L.	6	4	14	3	11	—	—	13	4	9	—
1926-27	Faltam os elementos referentes a este curso.											
1927-28	M. L.	6	4	4	1	3	—	—	3	—	3	—
1930-31	ML e MP	8	8	10	8	1	—	1	12	3	7	2
1931-32	ML e MP	8	8	14	9	2	—	3	15	4	7	4
1932-33	ML e Met.	13	10	13	8	4	—	1	13	8	3	2
1933-34	Met.	10	—	12	4	5	—	3	—	—	—	—
1934-35	Met.	9	—	10	6	4	—	—	—	—	—	—
1935-36	Met.	10	10	9	6	1	—	2	12	6	6	—
1936-37	Met.	10	10	10	7	3	—	—	12	8	3	1
1937-38	Met. e Mort.	8	—	9 cap. 10 sub.	11	3	4	1	—	—	—	—
1938-39	Met. e Mort.	12	12	6 cap. 4 sub.	5	5	—	—	12	11	—	1
1939-40	Met. e Mort.	12	—	4 cap. 6 sub.	9	—	—	1	—	—	—	—
1940-41	Met. e Mort.	12	—	5 cap. 3 sub.	7	—	—	1	—	—	—	—
1941-42	Met. e Mort.	11	—	8 sub.	6	2	—	—	—	—	—	—
1942-43	Met. e Mort.	10	—	1 cap. 8 sub.	4	5	—	—	—	—	—	—

Não é, pois, sem tristeza, que vemos desaparecer da actividade escolar um curso que deu frutos palpáveis e que muitos ainda poderia dar no dia em que nos fôssem fornecidos os meios necessários.

Com a instrução especializada no Curso de Aspirantes Tirocinantes vai iniciar-se uma nova modalidade cujos resultados aguardaremos. É, no entanto, parecer desta Escola que, pelo menos para os técnicos de fogos ou sejam os comandantes dos E. M. E., deverá haver um curso especial e nesse sentido foi o parecer, devidamente justificado, enviado para apreciação das entidades superiores.

# Revista da Cavalaria

Não encerramos estas linhas sem exprimir os nossos sinceros agradecimentos ao Ex.<sup>mo</sup> Comandante e Oficiais da E. P. I. por tôdas as facilidades que nos dispensaram na nossa visita àquela Escola e pela maneira extremamente cavalheiresca e atenciosa como ali fomos recebidos.



## Prova "Coronel Afonso Botelho"



Disputou-se esta prova no passado mês de Maio, coincidindo uma das suas partes com os trabalhos finais do Curso de Metralhadoras, na Charneca do Arrepiado.

Ao instituí-la no esquadrão previamos os resultados benéficos que com ela tirariamos para a instrução das praças e este ano tivemos o prazer de verificar que não nos enganamos, pois os seus resultados atraíram a atenção dos oficiais que frequentavam o Curso de Metralhadoras, alguns dos quais nos mostraram interesse em instituir prova semelhante nas suas unidades.

Era, no entanto, a segunda vez que a prova se realizava e, por isso mesmo, ela estava ainda em evolução pelo que, embora já melhorada sobre a do ano passado, não correspondeu completamente aos nossos desejos. Bastante há ainda a fazer para a tornar mais interessante e é nossa intenção completá-la e aperfeiçoá-la de ano para ano.

Todavia, porque as duas experiências nos deixam antever que no futuro se pode obter mais e melhor, parece-me útil dizer sobre ela alguma coisa que possa servir de base ou ponto de partida a quem directamente interesse e procure organizar prova semelhante na sua unidade.

Mas antes... qual o objectivo que a originou?

A E. P. C. tem lutado ultimamente com grandes dificuldades — mesmo deficiências — no que respeita a instrução das suas sub-unidades por razões de ordem diversa entre as quais avulta a falta de oficiais.

De facto, enquanto alguns (e não poucos) se encontram ausentes frequentando cursos fora da Escola, os poucos que restam têm de atender a tudo, recruta, cursos de especialização, estágios, etc., dando-se o facto curioso de, geralmente,

## Revista da Cavalaria

para serviço de um esquadrão, existir em determinadas épocas um oficial, que é o seu comandante, e êsse mesmo também embrenhado nos restantes trabalhos escolares. O sargento era, pois, um elemento importante na instrução, pelo que resolvemos criar um estímulo para o seu trabalho de maneira a torná-lo mais rendoso, e no qual se interessassem os próprios soldados, por forma que todos procurassem melhorar-se individualmente e sem a necessidade de uma assistência permanente dos oficiais.



*Uma das secções executando a 2.ª parte da prova*

O nome dado à prova que se organizou é grande em demasia para a sua pequenez, mas dentro das nossas modestas possibilidades de comandante de esquadrão, outro melhor não podíamos escolher que tão bem traduzisse o espírito que queríamos inocular na prova, que o da pessoa que durante tantos anos deu o máximo do seu esforço em prol da Escola da sua Arma, pondo acima de tudo os interesses da instrução através de um espírito grandemente organizador que tudo previa para que não houvesse a mais pequena hesitação na marcha dêste complicado relógio, que é a actividade escolar.

O prémio disputado é a miniatura em prata de uma granada de morteiro, cuja fotografia apresentamos, e que será entregue ao sargento cuja secção a ganhe 3 vezes. Em cada

Prova "Coronel Afonso Betelho"

1.ª Parte

	2.º Sargento ESTUDANTE	Furriel TOMAZ	2.º Sargento SILVA	2.º Sargento PINTO
Apresentação	6	9	8	7
Apear para o combate	Tempo = 1,54 Pontuação inicial +10 Mal inspeccionada uma met. . . . . -1 Tempo mínimo +1 10	Tempo = 2,01 Pontuação inicial +10 Muito boa atitude do pessoal +1 11	Tempo = 1,59 Pontuação inicial +10 10	Tempo = 2,24 Pontuação inicial +10 Tampa da jan. de ejec. aberta na M2 -1 Tempo máximo -1 8
Em posição	Tempo = 1,14 Pontuação inicial +6 6	Tempo = 1,17 Pontuação inicial +6 M2 não tirou canos -1 M1 só 1 carreg. fora -1 M2 perna esq. mal -1 Tempo máximo -1 2	Tempo = 0,58 Pontuação inicial +6 M2 não horizontal -1 M1 só 1 carreg. fora -1 Tempo mínimo +1 5	Tempo = 1,08 Pontuação inicial +6 M1 não horizontal -1 Voz de «pronto» sem estarem canos tirados -1 4
Elementos de tiro	Pontuação inicial +5 Variações de: 20 <sup>-</sup> para a direita 3 <sup>-</sup> para baixo Tiro em direcção Fez ao contrário -2 3	Pontuação inicial +5 ..... ..... M1 punho encostado ao limitador contrário -0,5 4,5	Pontuação inicial +5 M1 mal apontada -1 ..... Fez ao contrário -2 2	Pontuação inicial +5 M1 mal apontada -1 Voz mal dada -2 Lim. sup. por encostar M1 punho afastado do limitador -0,5 1
Substituição do percutor (arma montada)	Pontuação inicial +9 Não pôs mortagem do perc. em frente do parafuso: . . . . -1 8	Pontuação inicial +9 Tirou parf. perc. -0,5 Não apertou fixad. do apoio da coronha -2 Fechou tampa antes de puchar manivela -1 Tirou mola percutor +1 6,5	Pontuação inicial +9 Pegou mal no cano -0,5 8,5	Pontuação inicial +9 Tirou parf. perc. -0,5 Pegou mal no cano -0,5 Fechou tampa antes de puchar manivela -1 7
Funcionam.º no mov.º p.ª a rect.	Bem + 10	Regular 8	Bem 10	Bem 10
SOMA	43 pontos	41 pontos	42,5 pontos	36 pontos

2.ª Parte

	2.º Sargento SILVA	2.º Sargento PINTO	2.º Sargento ESTUDANTE	Furriel TOMAZ
Pontuação inicial	Tempo = 9,30 min. 20	Tempo = 10,30 min. 20	Tempo = 10 min. 20	Tempo = 18 min. 20
Reconhecimento	Em pé -2	Bem estudado +6		Em pé -2
Marcha para a posição	Pouco discreta -1		Pouco discreta -1	
Entrada em posição		Pouco discreta -2	Pouco discreta -2	
Ocupação da posição	Pouco aproveitamento das máscaras naturais -2		Alguns homens em pé momentaneamente -3	Pouco aproveitamento das máscaras naturais -2
Fogo	Muito bom logo de princípio +10	Sofrível +4	Muito bom logo de início +10 Todo o fogo parado por avaria numa das armas -3	Regular +8 Todo o fogo parado por avaria numa das armas -3
Soma de pontos	Tempo..... -0,5 24,5	Tempo..... -1,5 26,5	Tempo..... -1 20	Tempo..... -9 11

Classificação final

2.º Sargento Silva . . . . .	42,5 + 24,5 × 3 = 116 pontos . . . . .	1.º
2.º Sargento Pinto . . . . .	36 + 26,5 × 3 = 115,5 pontos . . . . .	2.º
2.º Sargento Estudante . . . . .	43 + 20 × 3 = 103 pontos . . . . .	3.º
Furriel Tomaz . . . . .	41 + 11 × 3 = 74 pontos . . . . .	4.º



## Revista da Cavalaria

prova disputada são distribuídos prémios pecuniários a todos os graduados e praças que façam parte da secção vencedora.

Estabeleceu-se um programa da prova em meia dúzia de linhas anunciando-o com a devida antecedência aos interessados, e deu-se aos sargentos comandantes de secção a máxima liberdade e iniciativa dentro do horário de instrução do esquadrão, o que lhes permitia regularem eles próprios a instrução em conformidade com o estado dos seus homens, quer saindo com as suas secções para o campo, quer ministrando-lhes instrução teórica.

Os resultados obtidos, se não foram óptimos no que respeita à prova, pois algumas deficiências houve que procuraremos corrigir, foram-no, de facto, reactivamente à preparação para o Curso de Metralhadoras, pois é com satisfação, mesmo com orgulho, que verificamos que todo êsse trabalho foi obra dos sargentos comandantes das secções.

Em Janeiro último deu-se conhecimento do projecto da prova para o corrente ano, a realizar em duas partes, como segue:

1.<sup>a</sup> parte — a realizar na E. P. C., constando de:

- a) — *Material* — Interrogatório de duas praças a sortear entre os cabos, apontadores e municionadores de cada secção sôbre:
  - substituição de peças
  - interrupções de tiro
  - funcionamento
- b) — *Táctica* — (sôbre cavaletes: correcção)
  - apeara para o combate e «em posição»
  - elementos de tiro e sua alteração

2.<sup>a</sup> parte — a realizar na Charneca do Arrepiado, com execução de fogos reais.

- Desempenho de uma missão táctica no quadro de um esquadrão de linha reforçado pela secção.

Quando da realização da prova, houve necessidade de começar pela 2.<sup>a</sup> parte cujo júri foi constituído por instruen-

## Revista da Cavalaria

dos do Curso de Metralhadoras estranhos à Escola — cap. Xavier do R. C. 8, Alf. Maya do R. C. 2 e Rangel do R. C. 7. O júri da 1.<sup>a</sup> parte, realizado já depois de findo o Curso de Metralhadoras, era constituído por oficiais especializados, de preferência estranhos ao esquadrão — Cap. Gomes Júnior, Ten. Beirão de Brito do R. C. 2 e Alf. Cecilio. O júri desta parte da prova resolveu dispensar a parte relativa à interrupção de tiro e propôs no fim que a 1.<sup>a</sup> parte, por ser a mais importante, entrasse na classificação final com o coeficiente 3, o que foi aceite.

Apresentamos no fim os respectivos mapas de classificação.

A missão táctica correspondente à 2.<sup>a</sup> parte da prova resumiu-se à seguinte ordem verbal: «A sua secção reforçando o esquadrão que se encontra ocupando *aquela* linha entre *aquê*le e *aquê*le ponto, recebe ordem para bater rapidamente elementos inimigos que tentam infiltrar-se por uma dobra de terreno representada por *aquela* linha de alvos, para o que deverá instalar-se próximo *àquê*le cabeço». A linha de alvos encontrava-se a cerca de 1200 metros.

O interrogatório sôbre funcionamento da arma foi feito pelo júri, mas aconselhamos em próximas provas, que o seja pelo próprio comandante de secção, ao qual os homens estão mais habituados e, portanto, mais senhores de si, permitindo ainda ao júri avaliar, até certo ponto, da habilidade do sargento como monitor.

CAP. ANDRÉ PEREIRA





*Capitão*

## *Leote do Rêgo*

**C**omovidamente nos perfilamos em continência perante o Camarada que sucumbiu ao ataque traiçoeiro da Morte. Combatente da Grande Guerra, ferido, gaseado, Cruz de Guerra, o Capitão Leote do Rêgo não caiu no campo de batalha sob a metralha inimiga, mas lentamente a sua mocidade veio sendo queimada pelos resíduos do gás, que não perdoa nunca, até que inesperadamente se extinguiu.

Durante longos anos serviu a Escola, com a maior dedicação, onde foi instrutor distinto e técnico invulgar, de cuja competência muito teria a Arma a esperar na sua presente fase de reorganização.

Ultimamente, afastado da actividade escolar, por motivos estranhos à sua vontade, à Escola se mantinha ligado pelo coração, continuando a honrá-la com a afirmação da sua competência técnica nos importantes serviços que vinha desempenhando para o rearmamento do Exército.

Perdeu, pois, a Nação, um bom soldado e todos nós um leal companheiro de trabalho de que dificilmente nos poderemos esquecer.

G. J.

# Curso de Comandantes de Grupo



As missões e funções atribuídas ao cargo de major ou tenente-coronel conferem-lhe categoria de pequenos chefes.

É sob a sua direcção que se ministra a instrução regimental; é sob a sua orientação que decorre grande parte da vida administrativa das Unidades; é com o seu veto que superiormente se efectivam

sanções disciplinares, se aprovam propostas, etc.; é sob a sua acção fiscalizadora que decorrem tôdas as actividades dos G. E., em resumo; é, finalmente, em campanha, sob o seu comando e sob a sua inteira responsabilidade que se accionam G. C., destacamentos, etc.

Apagada, diluída a sua acção nas antigas organizações, quasi se limitava a canalizar para o comando regimental propostas e expediente corrente, exercer acção fiscalizadora sobre os actos administrativos dos esquadrões e levar, quasi sempre como simples porta-voz, uma ou outra ordem, directiva etc., do comando.

Tudo isto, pelo que respeita à vida regimental. No que respeita a funções em campanha passavam também os nossos maiores um tanto apagados. Não havia missões de destaque para elles; elementos de descoberta não iam além de efectivos para comando de capitão; em capitulo Cavalaria de Segurança, também não se lhe podiam atribuir missões especiais. Trabalhavam quasi sempre enquadrados, sujeitos, em subordinação permanente ao âmbito do seu Regimento.

Bem diferentes ou antes muito mais amplas, importantes e grandiosas são as suas funções actuais.

Percorridas as que resumidamente e a traços largos se deixam enunciadas ressalta bem nítida a sua valorização actual não só por um maior volume de missões mas também e principalmente, pelo muito maior valor das responsabilidades.

Haverá que definir e criar a mentalidade própria do official superior, em consequência, nos moldes das exigências actuais, para, como chefe que é, poder «conceber, preparar, e conduzir», dentro do quadro da sua hierarquia.

## Revista da Cavalaria

É este bem diferenciado grau hierárquico que na tríplice função enunciada começa a requerer qualidades que, embora por vezes já reveladas, têm tido natural estrangulamento nas funções dos postos anteriores.

Há, pois, que as cultivar no sentido da relativa autonomia que o posto oferece, emancipando-o da subalternização que os anteriores impõem e objectivando a marcante diferenciação entre o que foi — condutor ou executante — e o que passa a ser — chefe ou dirigente.

Há ainda, a dentro da mentalidade corrente do oficial superior, que estimular as faculdades de iniciativa, previsão, espírito de organização etc., e, como faceta mais interessante de personalidade, o amor das responsabilidades.

Interessado, culto, actualizado e progressivo como de resto em todos os graus da nossa hierarquia, terá sempre muito presente que as funções do posto o obrigam a comandar oficiais, e não praças, com relativa independência ou com subordinação a comando superior do qual passará a ser um dos mais íntimos colaboradores.

Conhecimento dos meios, possibilidade da sua mais útil aplicação, ajuizar seguramente pelo melhor raciocínio sobre qualquer problema, decisões com originalidade e eficiência sempre em busca do melhor, com cunho pessoal em afirmação da própria personalidade, eis o que importa.

Orientar-se-à, pois, o curso, no sentido de educar dentro do possível, tendo em vista o reduzido número de dias que lhe é destinado e pôr à prova as faculdades dos instruendos solicitando-os para os aspectos mais marcantes das novas funções ou sejam: os de comando e direcção ou orientação.

Para este efeito, procurar-se-à sempre fornecer-lhes os meios próprios em órgãos ou elementos auxiliares, para que se possa efectivar a acção de comando.

Assim, constituir-se-à em cada situação que implique elaboração de ordens para accionar determinada unidade, o competente estado maior, destacamento de comando, etc., com os elementos indispensáveis para que cada instruendo se habitui a dirigir e ordenar a sua acção, numa indispensável divisão de trabalho e competente congregação de esforços.

Tem cabimento o que, pelo comando desta Escola, foi expresso nas suas directivas para o último curso de Coman-

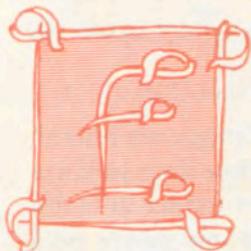
## Revista da Cavalaria

dantes de Esquadrão, respeitante ao aspecto actual destes Cursos e que se transcreve:

«Inicialmente, ainda há alguns anos atrás, o C. C. E. revestia um carácter nitidamente marcado do Curso de *aprendizagem*. Isto passava-se na época em que nas Unidades se trabalhava pouco, em que a doutrina era pouco constante e mal definida, e em que o sistema de informações não tinha marcado o seu lugar preponderante nos processos de promoção. Hoje, não é mais assim: os tenentes que concorrem à E. P. C., cōscios do seu dever, prèviamente preparados não só pelo trabalho comum da instrução das suas Unidades (Instrução dos oficiais, sobretudo) como também pelo seu esforço pessoal privado, apresentam-se aqui já bastante senhores dos conhecimentos bázilares que lhes são necessários para poderem entrar imediatamente em trabalhos de *aplicação*, não havendo que perder tempo com noções de detalhes, que adquiridas no ar, apenas com um objectivo imediato e passageiro pouco ou nada aproveitavam e não davam solidez à preparação que a Escola ministrava».



# Estágio para a formação de instrutores e monitores MOTOCICLISTAS



STE Estágio funcionou extraordinariamente em regime de instrução intensiva de 3 de Maio a 12 de Junho e destinou-se à formação imediata de um núcleo inicial de instrutores e monitores motociclistas dos Regimentos de Cavalaria 5, 6 e 8 e que ministrarão após a Escola de Recrutas instrução aos seus próprios recrutas para a constituição de dois pelotões motociclistas que lhes são atribuídos pelos Quadros Orgânicos como Regimentos Territoriais.

Para frequentar o Estágio foram escolhidos nas Unidades os homens que possuíam quaisquer conhecimentos de motociclismo e, à falta destes, aquêles que desembaraçadamente andavam em bicicleta.

O Estágio teve uma feição essencialmente prática conforme convinha e funcionou com o seguinte Programa Geral:

a) *Técnica do ensino de condução moto*

- Organização do serviço de instrução e métodos de ensino
- Regras de condução de viaturas isoladas e viaturas em coluna
- Mecânica das viaturas moto
- Travões, órgãos de comando e direcção; sua verificação e afinação
- Avarias; pesquisa e resolução
- Conservação e tratamento das viaturas em serviço e em depósito
- Código de estradas.

# Revista da Cavalaria

## b) Prática de ensino de condução de viaturas moto

- Por estradas (interpretação do código de estradas)
- Por maus caminhos
- Através do campo (conforme as possibilidades do material).

Compareceram como instruendos deste Estágio um oficial, um sargento, dois primeiros cabos, um soldado e um ajudante de mecânico por cada uma das três Unidades acima mencionadas e o Programa Geral detalhou-se semanalmente pela seguinte forma:

### 1.ª Semana

Tempos de Instrução	Horas	2.ª feira a 6.ª feira	Sábado
I	07h.30 às 08h.55	Preparação de uma viatura para a marcha (combustível, óleo e lubrificação)	Limpeza geral de material
II	09h.00 às 11h.30	Colocação do motor em marcha e pará-lo; emprêgo da embraiagem e da alavanca de velocidades (motor em marcha, roda propulsora no ar)	
III	14h.00 às 14h.55	Código de estradas	
IV	15h.00 às 15h.55	Mecânica teórico-prática das viaturas moto	Revista de material
V	16h.00 às 18h.00	Instrução sobre conservação das viaturas em serviço e em depósito	

# Revista da Cavalaria

## 2.ª Semana

Tempos de Instrução	Horas	2.ª feira a 6.ª feira	Sábado
I	07h.30 às 11h.30	Emprêgo da embraiagem, alavanca de velocidades, acelerador, pedal e alavanca do travão. Condução em recinto amplo: Arranque, marcha em 1.ª e 2.ª velocidades e paragem; voltas largas	Limpeza geral de material
II	14h.00 às 14h.55	Código de estradas	
III	15h.00 às 15h.55	Mecânica teórico-prática das viaturas moto	Revista de material
IV	16h.00 às 18h.00	Conservação das viaturas em serviço e em depósito	

## 3.ª Semana

Tempos de Instrução	Horas	2.ª feira a 6.ª feira	Sábado
I	07h.30 às 11h.30	Prática de condução (exterior por estrada em pequenos grupos)	Limpeza geral de material
II	14h.00 às 14h.55	Desmontar e montar rodas; remendos a frio e a fogo	
III	15h.00 às 15h.55	Mecânica teórico-prática (conhecimento perfeito dos órgãos essenciais)	Revista de material
IV	16h.00 às 18h.00	Limpeza ordinária e conservação de material	

# Revista da Cavalaria

## 4.<sup>a</sup> Semana

Tempos de Instrução	Horas	2. <sup>a</sup> feira a 6. <sup>a</sup> feira	Sábado
I	07h.30 às 11h.30	Prática de condução (por estradas e caminhos)	Limpeza geral de material
II	14h.00 às 14h.55	Conhecimento da ferramenta em carga dos motociclos e sua utilização	Revista de material
III	15h.00 às 15h.55	Mecânica teórico-prática (conhecimento perfeito dos órgãos essenciais)	
IV	16h.00 às 18h.00	Limpeza ordinária, lubrificação e parafinação	

## 5.<sup>a</sup> Semana

Tempos de Instrução	Horas	2. <sup>a</sup> feira a 6. <sup>a</sup> feira	Sábado
I	07h.30 às 11h.30	Prática de condução através do campo em conformidade com as possibilidades das máquinas utilizadas	Limpeza geral de material
II	14h.00 às 14h.55	Teoria sobre matéria atrazada julgada menos sabida pelos instruendos	Revista de material
III	15h.00 às 15h.55	Instrução teórico-prática de mecânica: avarias mais frequentes e sua resolução	
IV	16h.00 às 18h.00	Limpeza ordinária de viaturas	
V	22h.30 às 23h.30	Instrução de noite	

# Revista da Cavalaria

## 6.ª Semana

Tempos de Instrução	Horas	2.ª feira a 6.ª feira	Sábado
I	07 h. 30 às 11 h. 30	Prática de condução através do campo e trânsito nas ruas da Vila	Provas
II	14 h. 00 às 14 h. 55	Instrução teórico-prática de mecânica; avarias mais frequentes e sua resolução	Marcha para as Unidades por Via ordinária
III	15 h. 00 às 15 h. 55	Sinalização	
IV	16 h. 00 às 18 h. 00	Limpeza ordinária de material	

\*

### Provas

Os instruendos foram submetidos às seguintes provas:

- 1 percurso através do campo
- 1 percurso para aplicação do código de estradas
- 1 prova simples teórico-prática (mecânica).

Extra-programa tiveram oportunidade de tomar parte em três exercícios de Serviço de Campanha constituindo eles próprios um Pelotão Motociclista.

### Classificação

Procurou-se quanto possível apreciar os instruendos sob os seguintes pontos de vista:

- Como executantes (desembarço e perícia)
- Como instrutores e monitores (aptidões práticas e técnicas)
- Como tratadores de material (cabos e soldados)

Número de horas de instrução, quilometragem e consumo por instruindo e por semana, aproximados

Ordem das semanas	Horas de instrução	Percursos feitos	Consumo	Observações
1. <sup>a</sup> Semana	15 m. × 6 = 90 m.	5 km. × 6 = 30 km.	1 l. × 6 = 6 l.	Andamento: 1. <sup>a</sup> velocidade
2. <sup>a</sup> Semana	25 m. × 6 = 150 m.	15 km. × 6 = 90 km.	2 l. × 6 = 12 l.	Andamento: 1. <sup>a</sup> e 2. <sup>a</sup> velocidades
3. <sup>a</sup> Semana	30 m. × 6 = 180 m.	25 km. × 6 = 150 km.	4 l. × 6 = 24 l.	Andamento: 3. <sup>a</sup> e 4. <sup>a</sup> velocidades
4. <sup>a</sup> Semana	60 m. × 6 = 360 m.	50 km. × 6 = 300 km.	8 l. × 6 = 48 l.	Andamento: normal por estradas e caminhos
5. <sup>a</sup> Semana	120 m. × 6 = 720 m.	60 km. × 6 = 360 km.	12 l. × 6 = 72 l.	Andamento: normal através do campo
6. <sup>a</sup> Semana	120 m. × 6 = 720 m.	80 km. × 6 = 480 km.	11 l. × 6 = 66 l.	Andamento: normal através do campo e trânsito na Vila
TOTAL	36 h.	1.410 km.	228 l.	

Este total é um pouco superior ao normal, visto tratar-se de uma instrução em regime intensivo, devendo ainda acrescentar-se-lhe o consumo correspondente a uma semana de instrução de noite (Vide programa 5.<sup>a</sup> semana) e assim teremos no Total:

36 horas + 6 = 42 horas      1.410 quilômetros + 300 = 1.710 quilômetros      228 litros + 24 = 252 litros

# Revista da Cavalaria

E assim dos dezoito instruendos terminaram o Estágio dezassete com as seguintes classificações:

10 Muito aptos  
7 Aptos

Um instruendo foi mandado recolher à sua Unidade ao fim da 4.<sup>a</sup> semana por se reconhecer não possuir qualidades de temperamento e reflexas suficientemente educadas para satisfazer ao fim em vista.

## Conclusões

Apesar da falta de instrutores no Esquadrão Motorizado da Escola em virtude de se encontrarem ausentes três dos seus subalternos — dois em diligência na O. G. M. E. e um no D. R. — e bem assim do funcionamento simultâneo dos Cursos de condutores de viaturas automóveis e de motociclistas recrutas (respectivamente 30 e 40 instruendos) como se depreende do pequeno relato feito, os resultados obtidos no final deste Estágio foram bastante bons concluindo-se também que o tempo de duração foi suficiente, o que se deve não só ao facto das Unidades terem feito uma cuidada escolha dentre o seu pessoal para aquela frequência, como também à boa vontade de bem cumprir que todos os instruendos manifestaram.



# Jornaes revistas livros

## Colecção de Manuais de Instrução Preaeronáutica

Com pleno êxito, publicou o Ministério da Aeronáutica Italiano uma colecção de manuais práticos de instrução premilitar especializada, destinada às juventudes desse país que freqüentem cursos de instrução preaeronáutica.

Consta esta colecção de oito manuais:

<i>O Fotógrafo Preaeronáutico</i>	<i>O Piloto Preaeronáutico</i>
<i>O Armeiro Preaeronáutico</i>	<i>O Electricista Preaeronáutico</i>
<i>O Enfermeiro Preaeronáutico</i>	<i>O Motorista Preaeronáutico</i>
<i>O Radiotelegrafista Preaeronáutico</i>	<i>O Montador Preaeronáutico</i>

Conhecedora de tal êxito, e cõscia da sua elevada missão orientadora e de propaganda da Aeronáutica Portuguesa, a *Revista do Ar* entrou em contacto com as entidades oficiais italianas, no sentido de obter autorização para apresentar em língua portuguesa os referidos manuais.

Concedida essa autorização, a *Revista do Ar* começou por publicar os manuais: *O Fotógrafo, O Armeiro e O Piloto Preaeronáuticos*.

As três publicações foram habilmente traduzidas, em linguagem clara e acessível, pelo ilustre Director da *Revista do Ar*, Tenente Armando Correia Mera.

Os diversos assuntos são versados apenas com o desenvolvimento conveniente ao fim em vista, o que torna os manuais essencialmente práticos, e de fácil assimilação.

No louvável intuito de propaganda da Aviação entre a nossa juventude, estas publicações são distribuídas gratuitamente à Organização Nacional da Mocidade Portuguesa.

Oxalá a semente agora lançada pela *Revista do Ar* encontre na nossa mocidade o meio propício à sua germinação, para que num futuro próximo venha a frutificar pujantemente, para bem da Aeronáutica Nacional e glória de Portugal.

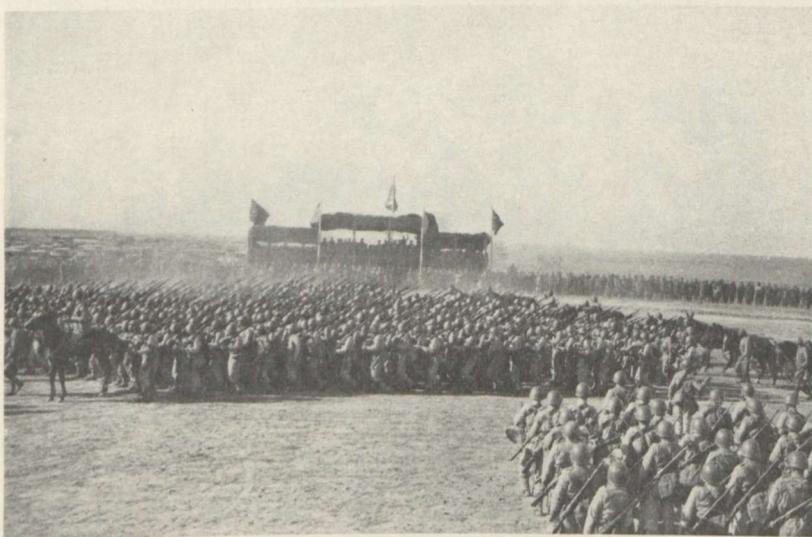
R. S.

# Actualidades Gráficas

## Aspectos da actividade militar em Portugal



LISBOA — Desfile de uma unidade de carros de combate perante a tribuna presidencial

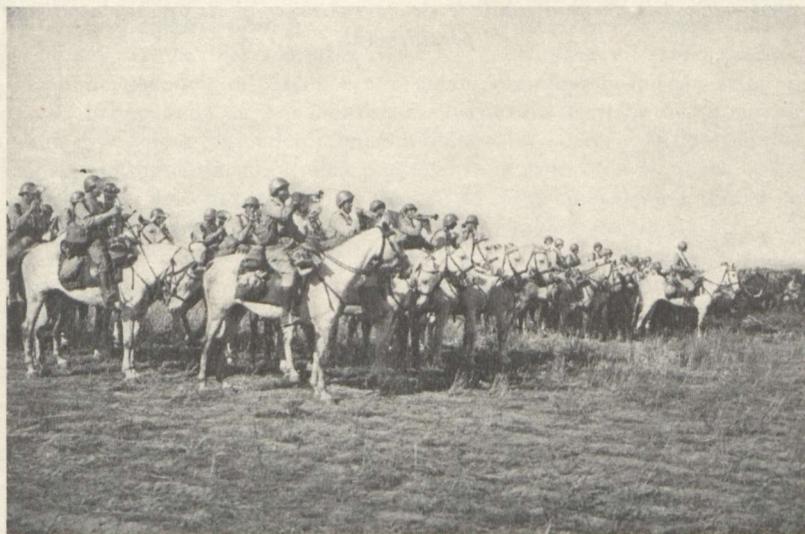


PEGÕES — No final das manobras de Outono, a 2.<sup>a</sup> Divisão desfila perante a tribuna presidencial, construída na planície de Pegões

## Aspectos do desfile da 2.ª Divisão em manobras



PEGÕES — Sua Ex.<sup>a</sup> o Presidente da República, e o Ministro da Guerra cumprimentam o Brigadeiro Afonso Botelho, comandante da 2.ª Divisão em manobras



PEGÕES — A fanfarrã do Regimento de Cavalaria 8, tocando durante o desfile

## O Exército americano na campanha do Pacífico

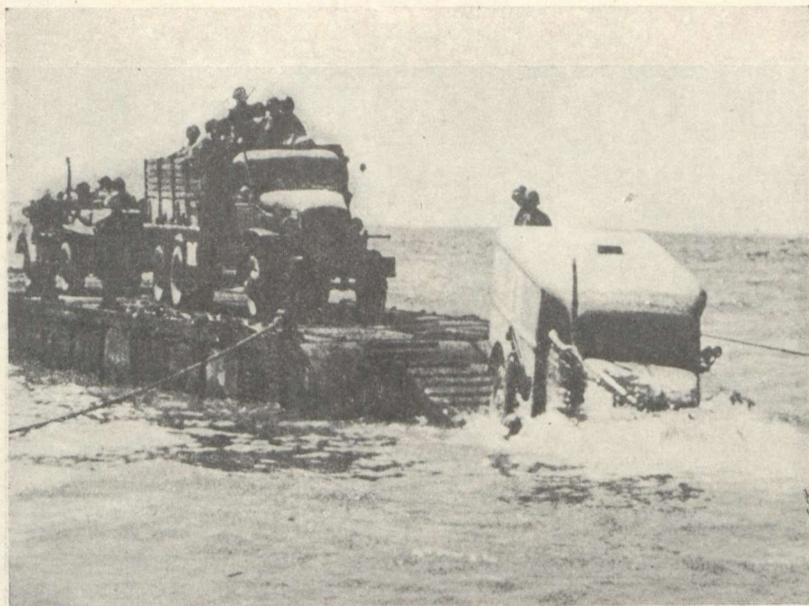


ILHAS DE SALOMÃO — Potente tractor rebocando um canhão de 155<sup>mm</sup> «LONG TONR» abre caminho no deserto, para uma nova posição na Ilha Rendova



NOVA GUINÉ — Paraquedistas americanos, equipados com os últimos modelos de metralhadora e carabina, concebidos pela indústria de guerra americana

## Novos modelos de material americano



BARCO PARA DESEMBARQUE DE TANKS— *Este moderno barco tem acelerado de uma forma notável os desembarques do material moto-mecanizado na Itália, norte de África, Sicília, Nova Guiné e arquipélago de Salomão*



NOVA GRANADA DE MÃO AMERICANA— *Explosão de uma nova granada de mão, americana, contendo fósforo branco. Esta granada é utilizada principalmente para fins incendiários*

## Aspectos da campanha da Rússia



FRENTE LESTE — Espingarda anti-tank soviética apreendida



FRENTE LESTE — Esta livraria ambulante alemã contém 5.000 livros, e acompanha permanentemente as tropas. Entra em funcionamento em poucos minutos e tem sempre grande procura

## Aspectos da campanha da Rússia



*Novos modelos de carros-rebocadores alemães, construídos especialmente para a campanha da Rússia. Este rebocador recém-criado, distingue-se pela sua grande facilidade de movimentos através dos maiores lamaçais e pântanos*



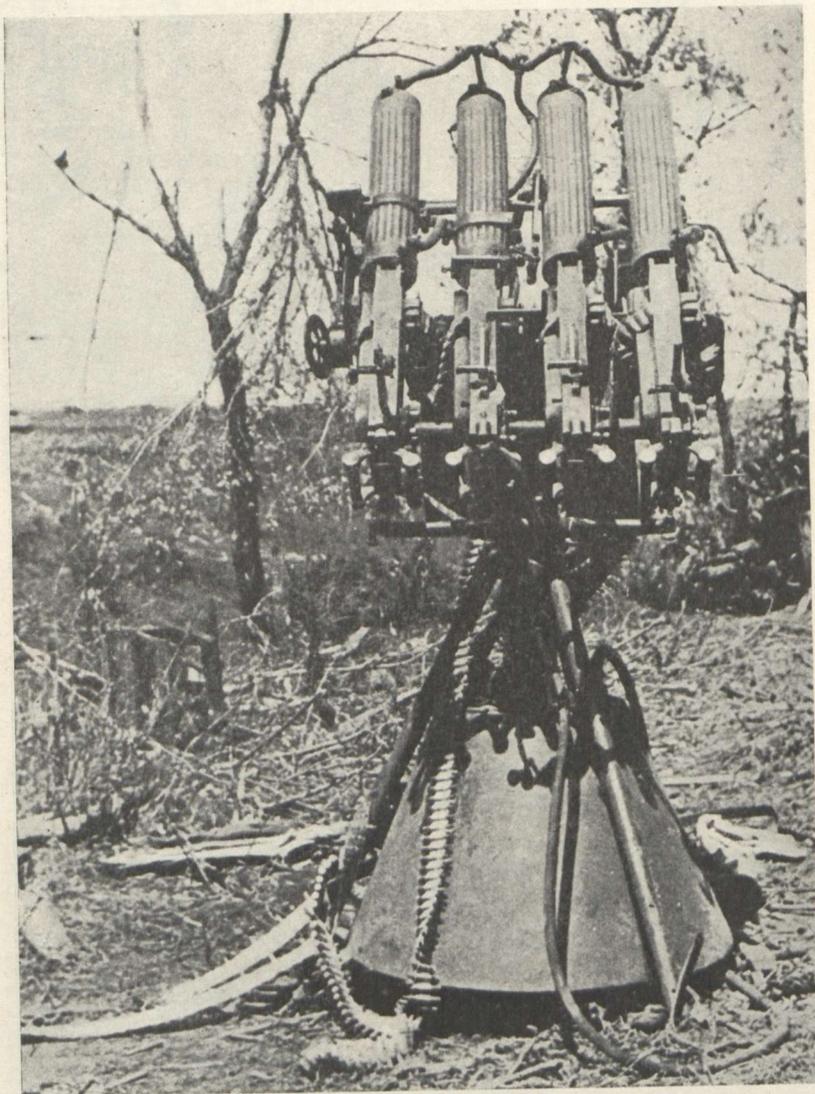
*FRENTE LESTE — Unidade blindada romena em marcha*

## Aspectos da campanha da Rússia



FRENTE LESTE — Os últimos preparativos de uma patrulha de assalto alemã, que vai entrar em acção

Moderno material de guerra



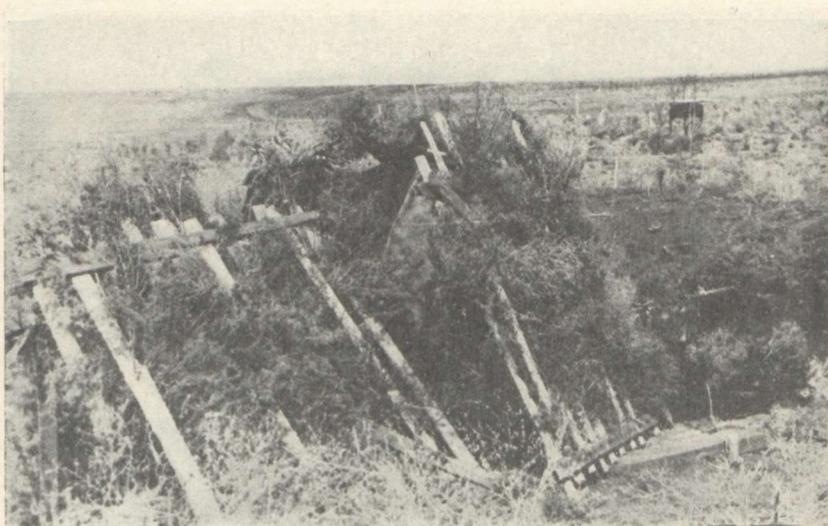
*Metralhadora soviética de quatro canos*

## A camuflagem da costa atlântica

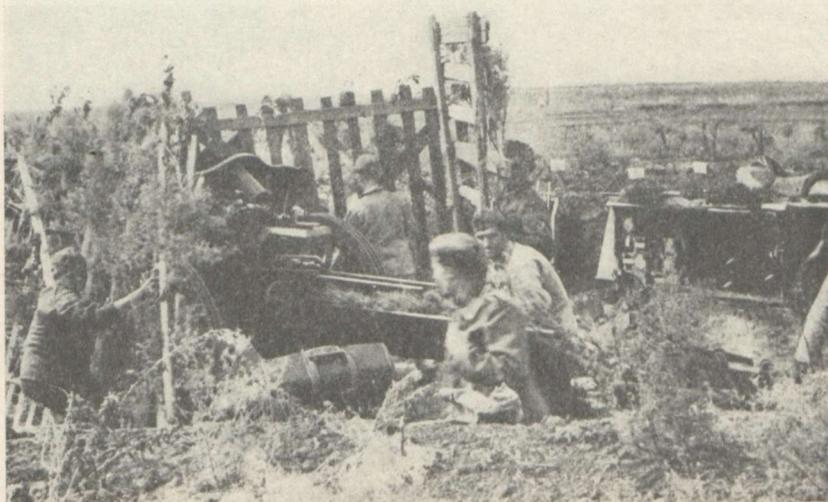


*A fotografia mostra artilheiros alemães transportando granadas sobre trilhos nos fortins da costa atlântica. Com o brilho do sol, a rede de camuflagem provoca jogos curiosos de sombras sobre os uniformes dos artilheiros e superfícies metálicas*

## Alarme numa posição alemã de artilharia



1.º) A posição devidamente camuflada



2.º) A guarnição do canhão tira a camuflagem e põe o canhão em posição

# O Exemplo

Factor primário e base fundamental para adquirir e manter a personalidade moral ou superioridade de quem comanda

«A melhor arma, a mais segura, a que nunca há-de passar de moda, a que a tódo o momento podemos possuir e aperfeiçoar, é a do valor moral».

Coronel Lebaut

pelo Ten. Cor. de Cav. Marques de Casa Arizon



Os casos de exemplaridade que mais elevam a personalidade moral de quem comanda são os que entram na alma dos soldados pela porta dos seus próprios olhos e os que eles vêem directamente e se relacionam com acções que tenham de desempenhar. Na guerra, as privações, os sofrimentos físicos, os perigos compartilhados com o soldado, conjuntamente com qualidades de comando enérgicas e decididas, são os factores que elevarão até ao infinito a personalidade moral de um chefe. A incerteza, as ordens duvidosas e tímidas, máscara do medo em situações graves, são o principio de um fim desastroso, porque sucessivamente se transmitem com a velocidade do rastilho de pólvora no ânimo da tropa que inicia uma acção sem a convicção moral que nunca deve faltar. A serenidade exteriorizada por gestos tranqüilos, semblante risonho e ordens precisas e claras, são qualidades inerentes ao comando e tanto mais necessárias, quanto mais duvidosa fôr a empresa iniludível que se tenha de cometer.

*«O Chefe adquire a confiança da sua tropa pelas qualidades demonstradas em tódas as circunstâncias e particularmente em combate: valor, sangue frio, rapidez na ordem e na acção, clareza na decisão, firmeza em tódas as situações difíceis. Ganha o afecto do inferior pela eqüidade e benevolência demonstradas no exercicio do comando, pelo cuidado que dispense assegurando o bem estar dos seus homens e recompensando os seus actos meritórios. A superioridade eqüestre dá-lhe um prestígio que confirma a sua autoridade; deve em tudo e sempre servir de exemplo» — Regulamento da Cavalaria Francesa — 1931.*

## Revista da Cavalaria

Conseguindo dominar o pessimismo fundamentado com um indefectível optimismo, o exemplo alastrará, obtendo um elevado coeficiente para a classificação de valente, pois «o mêdo é do prudente; sabê-lo vencer é ser valente»; o que se lança num perigo desconhecendo-o, não é um valente, é um inconsciente.

Em tempo de paz qualquer coisa de parecido sucede também. Em 1914 comandava o Regimento de Infantaria aquartelado em Corunha, um Coronel que ao seu grande prestígio de Chefe, aliava uma invejável aptidão física; nas freqüentes marchas que fazia com o Regimento, apeava-se do seu cavalo e fazia todo o percurso a pé e por fatigante que fôsse a marcha, ninguém se atrevia a mostrar cansaço, e não vá alguém julgar que êste Coronel não era um ótimo cavaleiro.

Tanto na guerra como na paz, o exemplo tem de ser constante em tudo e para tudo: no trajar, nos modos, no falar, na correcção, não esquecendo que quanta maior cultura, maior correcção. A blasfêmia, sempre condenável, é imperdoável a quem a lança, consciente daquilo que a sua maldita bôca diz.

A educação social, traduzida num comportamento geral, é outro exemplo que não deve faltar no Exército.

*«Três são os dotes essenciais ao oficial de cavalaria: rapidez na concepção, rapidez na decisão e espirito eminentemente agressivo. A tropa de cavalaria deve freqüentes vezes trabalhar isolada, com responsabilidade própria. A sua actuação tem sempre um carácter pessoal.*

*Por isso não deveis de forma alguma constranger e afogar o espirito de iniciativa dessa gente, mas, ao contrário, estimulá-lo e cuidar do seu aperfeiçoamento com o maior amor possível» — Marechal Badoglio, chefe do E. M. G. Italiano, 1924.*

Em muitos casos, ainda que possuindo uma vontade de ferro, com decidido propósito de dar o exemplo, êste malograr-se-á com resultado contraproducente, quando falta a aptidão física.

*«Se naquelas circunstâncias o citado chefe, que deve dar o exemplo, não o possa fazer por carência de faculdades físicas, o seu comando cairá por falta de um dos pilares básicos do seu prestígio, e por isso mesmo, desnecessário se torna dizer que incumbe aos Comandos superiores imediatos, desde o tempo de paz, comprovar tais faculdades, sem esquecer que as aparências iludem e que o movimento se demonstra, andando; isto é, que nem a idade nem o aspecto exterior, constituem ponto de fé, pois às vezes encobrem uma pobre natureza física» — Revista **Ejército**, 1942.*

Nem dotes de escritor nem amplos conhecimentos possuo para entrar a fundo em matéria de tanta transcendência. Por isso, dou um corte vertical nesta digressão, necessário para explicar esta minha tentativa e entrar em cheio no objectivo que me propus, não sem aconselhar antes aos meus companheiros de arma:

## Revista da Cavalaria

Se lhes não agrada ver a realidade, fechai estas páginas escritas com verdades; se fôrem abertas apenas para chamar o sono, fechai estas páginas, que vos podem tirar o sono e produzir inquietações; se vos ides limitar a dizer «assim seja» fechai estas páginas escritas para que «seja assim». Porém, se quizeres ter nas mãos as rédeas da superioridade pessoal, abri estas páginas e dai atenção ao seu conteúdo.

E agora, eis o meu objectivo: *O Cavalo, a Equitação e os Exercícios Eqüestres*, meios que teremos sempre ao nosso alcance para exercitar a aptidão física e adquirir, conservar e aumentar a personalidade moral. Porém, entendamo-nos: não sôbre o cavalo para fazer uma conquista, se se fôr jovem e presumido; não sôbre o cavalo como meio de transporte, na falta de outro, ou por ser mais económico. Não sôbre o cavalo; mas sôbre obstáculos e sôbre terreno variado num galope franco e aberto. Se observarmos os gestos e a expressão dos nossos soldados ao verem os seus oficiais fazerem percursos superiores, em obstáculos e velocidade, aos que lhes são exigidos, veremos a admiração que isso lhes produz.

*«Cultivai sucessivamente a equitação, o carácter e o espirito, dos quais, até certo ponto, é a Equitação a base material. Assim adquirireis audácia, amor à decisão e à responsabilidade; numa palavra: tudo o que faz um bom oficial de cavalaria» — General Groener, Ministro da Defesa Nacional da Alemanha, 1928.*

Por outro lado, a evolução que a técnica da guerra produziu nos meios e processos, e como consequência dêstes, na nova organização da cavalaria — aumentando o seu principal meio de acção com outros absolutamente indispensáveis — obriga-nos a maiores estudos para mais amplos conhecimentos; porém, nada alterou a sua característica essencial de decisão e audácia, e em emprêsas de tal índole a influência moral é o factor de maior grandeza, não nos devendo esquecer nunca de que a chave se encontra no espírito cavaleiro.

*«A cavalaria relativamente numerosa é o nosso pequeno Exército. Os seus empreendimentos, comparados aos que noutros tempos lhes eram exigidos, foram essencialmente modificados e ampliados. As exigências pedidas aos oficiais são, por isso mesmo, agora muito maiores. Na Equitação têm de servir de modelo aos seus subordinados» — Marechal Hindenbourg, 1928.*

*«Este espirito cavaleiro, feito de decisão e audácia, de amor ao perigo e à responsabilidade; acarinado pelos grandes espaços livres; nutrido pelo culto do dever, pela abnegação e fé no futuro; este espirito cavaleiro, que leva o chefe a servir de exemplo, a marchar na frente da sua tropa sem se voltar para trás, porque conhecendo e estimando os seus homens, sabe que estes o seguirão por toda a parte; este espirito, enfim, que, nascido de tradições já eternas, acompanha até ao último alento aquêles que lhe foram fiéis, guia-os para além da imortalidade» — General Rabillot, Comandante do 2.º corpo de cavalaria francesa, 1925.*

# Revista da Cavalaria

Mantenho que o principal elemento da cavalaria é o cavalo, porque dada a variada configuração topográfica do nosso solo, a falta de uma vasta rede de comunicações e da resolução do problema do petróleo, hão-de pesar muito a favor da cavalaria a cavalo; cavalaria forte em número e potencial de fogo, porque a sua mobilidade e múltiplas missões, reduzem à mínima expressão, massas consideráveis de cavaleiros.

Não julgueis que ao dizer isto, pretendo pôr uma barreira intransponível entre o cavalo e o motor e muito menos afirmar a inutilidade da cavalaria mecanizada.

Deus me livre de semelhante manifestação de demência! Os regimentos mecanizados são úteis e indispensáveis à nossa arma. Os regimentos de sabres são insubstituíveis em muitos terrenos do nosso País e eficazes em todos êles.

Os detractores da cavalaria montada, para combatê-la, afirmam que ela perdeu a sua velocidade em relação às forças motorizadas. Verdade indiscutível! Esquecem, porém, que, tal como a Infantaria e a Artilharia, a cavalaria pode ser transportada, se fôr preciso, até ao local onde fôr necessário o seu emprêgo, e sem cansaço algum, empreender as múltiplas missões que lhe fôrem dadas no terreno variado, seu campo natural de actuação; aqui já não terá rival em velocidade, flexibilidade ou mobilidade, porque aí o motor cavalo é mais potente do que o motor mecânico. Uma vista rápida à nossa recente guerra, um boquejo breve, bastaria para fazer ressaltar a demonstração com a claridade da evidência, arrancando à nossa memória gloriosa nomes de consumados cavaleiros que em muitas ocasiões, em proveito de outras Armas, ofereceram generosamente as suas vidas, que, impregnadas de espírito cavaleiro, os elevaram em sacrificio e abnegação.

*«Mais do que nunca importa conservar as preciosas modalidades de vigor, energia, audácia e abnegação tradicionais na Arma. Estas qualidades permitiram à cavalaria, durante a guerra, fazer frente às situações mais imprevisas, e constituir, em proveito das outras Armas, uma fonte inesgotável de graduados que por tudo e sobre todos se distinguiram».*  
— Marechal Pétain, 1919.

Na marcha bastante variada destas páginas, chegámos a um ponto do caminho em que se faz referência ao transporte mecânico do cavalo, e como a sua importância o exige, faço um alto na marcha para lhe dedicar umas linhas, demonstrando a sua utilidade prática.

Por iniciativa do Capitão General da 2.<sup>a</sup> Região foram preparados alguns camiões com rampas de acesso e bacias de separação de cavalos; reunindo excelentes condições para o embarque e transporte de gado, podem, com uma ligeira modificação, ser utilizados noutro qualquer serviço.

Na presença do Generalíssimo, numa ocasião, e na do Ministro da Guerra, noutra, efectuou-se o embarque e desembarque de dois esquadrões de sabres e do esquadrão misto do Regimento de Cavalaria n.º 12, que precedidos na marcha pelo esquadrão moto, realizaram um tema tático com o objectivo principal (essencial na arma) de evidenciar a rapidez da

# Revista da Cavalaria

sua execução; em seis minutos para embarque, e menos ainda para o desembarque, desceram os cavalos com todo o seu equipamento, seguindo imediatamente a galope até ultrapassarem o esquadrão moto, que previamente havia ocupado posições a fim de proteger o desembarque, ficando assim demonstrada a utilidade prática do transporte da cavalaria em camiões.

O nosso Regulamento Hípico procura manter a aptidão fisi a dos oficiais ao determinar: «Nos Regimentos de Cavalaria realizar-se-á todos os anos um campeonato de cavalo de guerra a que podem concorrer os oficiais superiores, sendo obrigatório para capitães e subalternos».

Não compreendo porque exclui desta obrigação os oficiais superiores, tendo estes que marchar na frente dos seus Regimentos através de todos os terrenos. Hoje, mais do que nunca, a cavalaria, ainda que longe das linhas inimigas, tem que fugir, como regra geral, das estradas, caminhos, veredas e tôda a linha, que marcada no terreno, possa servir de referência à aviação.

Descoberta a situação das nossas fôrças, proporcionaríamos à aviação inimiga, não só ocasionar-nos baixas, mas um meio fácil de informar os seus comandos dos movimentos das fôrças contrárias. Impõe-se, portanto, para a actuação e deslocamento da cavalaria, o campo livre de todo o ponto de referência, quanto mais variado e relativamente acidentado, melhor; raro será não se encontrarem pequenos obstáculos naturais, relativamente fáceis de transpor por fôrças de cavalaria perfeitamente instruídas, desde que os seus chefes sejam bons cavaleiros de exterior e tenham suficiente aptidão física para o poderem ser, evitando assim perda de tempo em destruir ou contornar os mesmos obstáculos, e evitando-se ainda perder alguma coisa mais preciosa: o moral sôbre os subordinados que lhes reconhecerão falta de decisão.

*«A complexidade das missões da cavalaria, as mudanças freqüentes da situação, sobrevindo talvez repentinamente, exigem aptidões especiais da parte dos oficiais superiores de cavalaria. Há-de ser bom cavaleiro de exterior, possuir iniciativa e resistência física, ter confiança em si mesmo, vista excelente e exercitada, sentido estratégico e tático, decisão rápida e vontade firme, com o dom de se saber expressar em ordens claras e simples. Dêste modo conhecerá com serenidade o momento favorável para lançar as suas fôrças sem vacilações, audazmente». — Regulamento da cavalaria alemã, art.º 92, 1921.*

Tão pouco compreendo por que é que o Regulamento Hípico se limita aos Regimentos, sem o tornar extensivo aos restantes centros da Arma, Depósitos de garanhões e Depósitos de recria e desbaste. Os concursos regimentais para sargentos e soldados, os concursos regimentais para oficiais superiores, capitães e subalternos, teria nestes centros um duplo fim: aquêle em que já falámos e de modo a que, nuns, os garanhões fizessem mais exercício, perdendo essa gordura que tanto desfeia e deforma as suas linhas naturais, e noutros, como um complemento do desbaste. De antemão sei que dirão alguns: «São exemplares de grande

## Revista da Cavalaria

valor para os arriscar nesses exercícios». E eu respondo-lhes que, com ordem, método e conhecimento perfeito da aptidão física de cada indivíduo, (saúde, idade, resistência) para os não obrigar a um esforço de que se não tenha a certeza que possam realizar sem excessiva fadiga. Dêste modo, os exercícios seriam favoráveis à sua saúde e de resultados frutíferos na sua missão de reprodutores.

Nada de preparação ou treino para corridas ou concursos, mas um exercício moderado uma ginástica funcional capaz de manter em estado activo as faculdades de cada indivíduo; nuns, pulmão, nervo e músculo; em todos, coração e vontade para o trabalho. Faculdades que um prolongado repouso atrofiam de tal maneira que delas não ficará nem um átomo com vida útil capaz de se transmitir pela lei da hereditariedade.

Cuidado com a atrofia! Atenção à atonia! Nas pessoas como nos cavalos. Nem os chefes podem ser meninos, nem os ganhões podem ser poldros.

Pela nova organização da Arma, os Regimentos mecanizados carecem de cavalos; nos Regimentos mistos acontece o mesmo ao grupo motorizado. Como tanto o General Comandante da Divisão de cavalaria como os Generais Comandantes de Corpos de Exércitos — aos quais estão affectas algumas destas unidades — são os mais interessados na garantia de uma provada aptidão física de todos os oficiais, devem procurar que a todos eles não faltem cavalos, a fim de não perderem o hábito de montar, caso contrário serão surpreendidos pela falta de treino, quando transferidos, os tenham forçosamente de utilizar.

As quatro provas marcadas no actual Regulamento são mais que suficientes para provarem a aptidão física, e de fácil execução se por elas nos interessarmos e formos persistentes. Todos devemos procurar entrar nelas sem arranjar-mos pretextos para ficarmos de fora, e muito menos limitarmo-nos a partir para tapar as aparências, sem saltar e sem fazer as marchas e percursos nos tempos marcados. Não seria de mais que o Regulamento determinasse: «Qualquer oficial (oficial superior, capitão ou subalterno) que em dois anos sucessivos não entre nestas provas ou entrando não cumpra os tempos marcados, ser-lhe-á anotada a falta de aptidão física para os fins que superiormente forem tidos por convenientes».

*«Questão esta, a de aptidão física, de grande importância e sobre ela devem meditar os Comandos superiores para a apreciar e classificar com justiça, mencionando-a depois na documentação pessoal de cada um».*  
— Revista **Ejército**, 1942.

.....  
Todo êste largo e talvez pesado artigo, fica condensado nestas duas palavras: *Espirito Cavaleiro!*

Apesar do tão antigo, afamado e doutrinal espirito cavaleiro, a cavalaria fracassou algumas vezes. Que tem isso de particular? O seu carácter agressivo, a sua audácia, a sua intrepidez e a sua decisão rápida, é lâmina de dois gumes que, mal manejada, nos produzirá danos sensíveis em todos os conceitos. É fácil manejá-la, comandá-la?

# Revista da Cavalaria

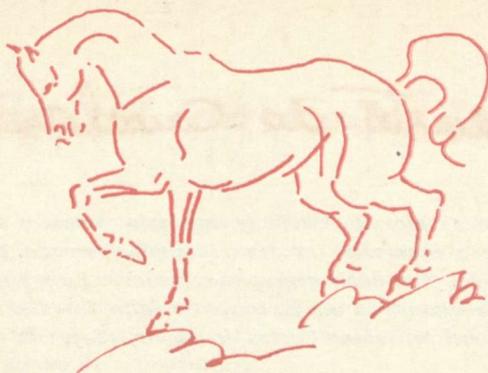
«O espírito e valor do Chefe de cavalaria comunica-se até ao último cavaleiro. Onde a cavalaria em dez vezes não fez nada, em nove foi por culpa do Comando. Um hábil general de cavalaria é um fenómeno tão raro como precioso, e quando a um Exército êle falta, êsse Exército é digno de lástima». — Coronel prussiano Carlos de Decker, 1845.

À nossa Escola de Aplicação de Cavalaria e Equitação do Exército, aos nossos generais procedentes da Arma, ofereço êste artigo para que, se o julgarem razoável, nos obriguem por um novo Regulamento, a estarmos sempre em condições e dependentes desta voz de comando: *A Cavallo! Ao Galope! Carregar!*

**Exército**, Setembro, 1943

L. R.





# O síndrome claudicação

## Suas modalidades clínicas

pelo Dr. ROGÉRIO RUIZ

### *Status Praesens*

O exame de um animal claudicante visa alcançar 3 fins:

- 1.º Determinar o membro claudicante.
- 2.º Determinar a região, sede da lesão.
- 3.º Determinar a natureza da lesão.

### *Determinação do membro claudicante*

Para determinar qual o membro claudicante devemos examinar:

- a) atitudes;
- b) tempos de apoio;
- c) tempos de elevação ou suspensão;
- d) intensidade das batidas;
- e) movimentos.

Se bem que, na sintomatologia, já me tenha referido a todos estes capítulos, vou, contudo, desenvolver um pouco mais o primeiro, porque é sem dúvida o exame das diferentes atitudes que o animal claudicante toma, quer em repouso, quer em movimento, que nos dá a maior soma de ensinamentos para nos levar ao diagnóstico do membro claudicante.

Obs.: Continuação do número anterior.

# Revista da Cavalaria

## Atitudes

O exame das atitudes deve ser feito em repouso e em movimento.

### Exames em repouso

A observação das atitudes dos membros em repouso, os movimentos «in loco», o estado da cama ou do solo, o gastamento das ferraduras, a tendência mais ou menos marcada para o decúbito, fornecem dados preciosos para o diagnóstico.

Geralmente, o membro doente está inibido, em virtude da atitude especial que o animal toma, da sua quota parte na função de suporte (esta inibição é proporcional à intensidade do mal), enquanto que os outros membros são sobrecarregados com a parte do peso que o membro doente devia suportar. Assim, verificamos que um animal, sofrendo de um membro anterior, por exemplo, subtrai esse membro ao apoio, quer levando-o para a frente da linha do aprumo (atitude que era conhecida sob o nome de *mostrar o caminho de San Jacques*, pelos antigos veterinários franceses), quer mantendo-o flectido pelo bolêto (aboletado), quer pelo joelho (curvo), quer finalmente, assentando-o no solo pela face anterior da taipa ou mesmo da coroa. Se bem que tódas estas atitudes sejam provocadas por processos patológicos especiais, um único ponto nos interessa neste momento: é a certeza de ela nos indicar uma lesão nesse membro, que faz com que o animal o furte ao apoio. Quando a lesão se encontra no membro posterior podemos notar um dos quatro casos seguintes:

1.º O membro é mantido semi-flectido, fazendo-se o apoio pela extremidade da pinça.

2.º O membro é levado para fora da linha do aprumo apoiando em encontro interno.

3.º O membro conserva-se em elevação.

4.º O membro apresenta-se em resolução completa, o fémur e a tibia aproximam-se da vertical, a canela estende-se sob a perna e o apoio faz-se pela face anterior da muralha e das falanges.

Estas atitudes, que têm como carácter comum o facto de exprimirem uma dor, mais ou menos intensa, localizada numa determinada região de um membro, permitem-nos determinar qual o membro claudicante.

Paralelamente os outros membros affectam as atitudes mais favoráveis para poderem suprimir a insuficiência funcional provocada pelo membro doente. Assim, segundo o grau desta insuficiência, os membros sãos, ou se mantêm no seu aprumo normal, ou aproximam-se do centro de gravidade para se aliviarem de parte da carga que competia ao membro affectado.

Quando estão atingidos, simultâneamente, dois membros de um bipede, quer anterior, quer posterior, o animal procura colocá-los alternada-

## Revista da Cavalaria

mente, na posição mais conveniente, mas como o alívio de um dos membros doentes traz como consequência a sobrecarga do outro, provocando-lhe uma exacerbação dolorosa, verificamos que o animal se mantém numa espécie de *movimento perpétuo* procurando aliviar alternadamente os membros doentes em busca de uma posição mais tolerável que nunca chega a encontrar.

Quando é o bipede anterior que está atingido observamos que o animal coloca os membros posteriores o mais perto possível do centro de gravidade, projectando ao mesmo tempo os anteriores para a frente da linha do aprumo, de maneira que, a quasi totalidade do peso do corpo é mantida pelos membros posteriores, aliviando assim o bipede anterior. A instabilidade das atitudes, resultante do sofrimento simultâneo de dois membros, é denunciada ao observador, ainda mesmo que o animal, no momento do exame, se mantenha imóvel, pelo estado da cama que se encontra desfeita, em virtude da constante mudança de apoio dos membros doentes, chegando mesmo a não se encontrar palha alguma, em volta deles.

Quando a claudicação é provocada por uma dor aguda e muito intensa, verificamos não só as atitudes de defesa, acima mencionadas, como também movimentos contínuos de elevação e abaixamento do membro posterior atingido; e, quando a lesão afecta os membros anteriores, oscilações de diante para trás, estes movimentos são demonstrativos das lancinações dolorosas, sincronas com as pulsações arteriais e são de um grande valor para se apreciar a gravidade das doenças.

Em virtude destes repetidos movimentos, o solo, como disse mais acima, fica sem a palha que constitui a cama, sobretudo em volta dos membros anteriores; e a ferradura posta em contacto directo com o pavimento, em virtude do atrito, gasta-se e adquire um polido brilhante que, por si só, à falta de outro sintoma, é suficiente para apreciar a gravidade do mal.

Não é sómente nos casos apontados que o exame da ferradura nos fornece elementos para o diagnóstico e prognóstico das lesões; assim, por exemplo, o modo como esse gastamento se faz, pode também, nas claudicações moderadas que não obrigam a uma estabulação permanente, servir para aclarar o diagnóstico.

Quando um animal é portador de uma lesão circunscrita à superfície plantar, talão interno em caso de blema (podo-lacnite), por exemplo, o seu instinto faz com que o apoio se efectue, principalmente, em quarto externo, de maneira que o gastamento mais acentuado deste lado indica ao clínico que deve proceder a um exame mais atento do lado onde o gastamento é menor.

Finalmente, no exame em repouso, devemos tomar em consideração a tendência mais ou menos acentuada, do animal, para a posição decubital, sobretudo acentuada quando estão atingidos por vezes dois ou mais membros, por afecção extremamente dolorosa e persistente. Se bem que o exame de um animal doente, em repouso, seja muitas vezes suficiente para nos levar ao diagnóstico do membro claudicante, não devemos nunca deixar de controlar os dados colhidos com o exame do animal em movimento.

# Revista da Cavalaria

## *Exame do animal em movimento*

Para se proceder ao exame do animal em movimento devem observar-se as seguintes regras :

1.<sup>a</sup> Tirar todos os arreios, coberturas, etc., de maneira que o animal fique completamente livre.

2.<sup>a</sup> Colocar uma cabeçada ou um cabeção, segundo a índole do animal.

3.<sup>a</sup> Exercitá-lo à mão ou passando-o à guia; é conveniente dar-lhe bastante guia de maneira a não prejudicar os livres movimentos da cabeça.

O animal claudicante, que nos propomos examinar, pode ser exercitado, segundo a intensidade da sua claudicação, a passo, a trote e a galope. As claudicações intensas, com mais forte razão as claudicações tripodais, manifestam-se facilmente a passo. Porém, quando a claudicação fór pouco acentuada, o exercício a passo nada nos poderá indicar, porque a soma das pressões, exercida sobre cada membro, neste andamento, e as reacções que essas pressões produzem não são suficientemente fortes para determinar a dôr e conseqüentemente a irregularidade dos movimentos que a acompanham.

Quando assim acontecer devemos exercitar o animal a trote. Como sabemos, neste andamento, o pêso do corpo só é suportado, alternadamente, por dois membros de um bipede diagonal, de maneira que o pêso do corpo, repartindo-se só por dois membros, dá como resultado que cada membro suporte o dôbro do pêso que suportava a passo.

Além disso, o animal para se mover com a maior rapidez levanta mais os membros, o que determina uma reacção mais forte quando os membros tocam no solo, dando-se assim tôdas as condições que exageram a causa determinante da claudicação e por êsse motivo ela torna-se mais apreciável.

Sendo o galope um movimento que obriga o animal a um maior esforço, com pressões e reacções mais enérgicas, parece à primeira vista que deveria ser o andamento preferido para o exame do doente, porém, a prática mostra-nos que assim não é.

Realmente, a rapidez na sucessão das diversas fases do galope não nos deixa ajuizar das alterações da marcha e, muitas vezes, acontece até que uma claudicação bem nítida no trote é completamente mascarada pelo galope. Do exposto, parece poder concluir-se que não deveríamos empregar o galope, a fim de recolher dados para determinar o membro claudicante; tal conclusão, porém, não deve ser tirada. Tanto assim é que devemos mandar galopar todo o cavalo, que a trote não seja possível verificar claudicação, com o fim de obrigar os diversos órgãos a um maior trabalho, fazendo exacerbar a lesão causadora da claudicação aumentando a dôr, depois de ter feito galopar o animal durante uns cinco a dez minutos, quando muito, devemos examiná-lo novamente a trote e então já poderemos melhor ajuizar das alterações da marcha. Portanto, o andamento de eleição para examinar um animal considerado claudicante, é o trote.

# Revista da Cavalaria

Como sabemos, os membros têm por função, nos actos da locomoção, suportar igualmente o peso do corpo e comunicar-lhe impulsão. Isto num animal em perfeito estado hígido.

No animal claudicante observa-se:

1.º Pelo lado de membro doente:

a) apoio menos demorado;

b) elevação mais rápida;

c) avanço mais curto e lento;

d) pousar hesitante, acusado por uma percussão pouco perceptível.

Estas alterações serão tanto mais acentuadas quanto mais intensa fôr a lesão causadora da claudicação.

2.º Pelo lado do membro oposto:

a) o apoio é mais demorado;

b) elevação mais lenta;

c) avanço mais extenso e precipitado;

d) pou-sar mais firme, acusado por uma percussão enérgica e sonora.

Em última análise: *o corpo cairá com tanta maior precipitação e fôrça sôbre o membro são quanto menor fôr a potência funcional do membro doente.*

Não é sômente a vista que nos pode mostrar a desigualdade nas acções dos membros de um animal claudicante, o ouvido também nos fornece esclarecimentos.

Assim, examinando um animal em terreno duro, um técnico experimentado, pode, sem olhar para o animal, sômente pela sonoridade das batidas, dizer qual é o membro claudicante.

Várias são as maneiras usadas para exercitar o animal suspeito, a mais seguida, porém, é fazer trotar o animal doente em linha recta, de preferência em terreno pavimentado (como adiante veremos há necessidade de exercitar o animal em terreno mole) recomendando ao condutor para lhe dar a maior liberdade em todos os movimentos dando-lhe suficiente corda ou guia para que os movimentos da cabeça, muito importante como adiante veremos, sejam livres.

O técnico deve observar o animal de frente, por trás e de lado, devendo a sua atenção fixar-se alternadamente sôbre um bipede anterior, posterior e lateral; nunca deve pretender observar os quatro membros ao mesmo tempo, porque isso o pode levar a cometer erros grosseiros.

Quando o exame em linha recta não fôr suficientemente elucidativo, deve fazer-se trotar o animal em círculo para um e outro lado, reduzindo ou aumentando, pouco a pouco, o diâmetro da circunferência. Por êste processo, em virtude da maior soma de pressões acumuladas nos membros correspondentes ao interior do círculo, conseguir-se-á pôr em evidência uma claudicação tão discreta que a marcha rectilínea não acusava.

Alguns autores aconselham fazer montar o animal doente para assim, em virtude da sobrecarga do cavaleiro, evidenciar a claudicação; êste processo tem, porém, no meu entender, dois inconvenientes:

1.º Em virtude do freio ou do bridão e das respectivas rédeas, os movimentos da cabeça são não só limitados como também modificados principalmente em cavalos novos ou nervosos.

## Revista da Cavalaria

2.º Os movimentos de elevação e de abaixamento do cavaleiro chamam a atenção do observador, produzindo muitas vezes uma ilusão tal que fazem supor uma claudicação onde nunca existiu. Contudo, quando se trata de claudicações discretas, que só aparecem a quente, deve-se mandar montar ou montá-lo e fazer galopar o animal durante um certo tempo, sendo preferível depois examiná-lo novamente, livre de todos os arreios, a trote como foi dito.

No exame de um animal claudicante a observação não deve somente incidir sobre os membros, devem-se também observar os movimentos da cabeça e da garupa.

Nos doentes a examinar a passo e a trote verificam-se movimentos anormais da cabeça e da garupa, feitos instintivamente pelos animais para aliviar o membro doente e que por vezes permitem por si só diagnosticar o membro claudicante. É tão importante a observação dos movimentos da cabeça, que Cadiot cita o seguinte axioma: «*No exame de um cavalo claudicante olhai mais para as orelhas do que para os pés*».

Vejamos como interpretar esses movimentos:

Nas claudicações anteriores, a cabeça eleva-se mais ou menos e é levada para o lado oposto (golpe de cabeça) no momento em que o membro doente se apoia e abaixa-se no momento de apoio do membro são.

Nas claudicações posteriores, as oscilações da cabeça são limitadas e o seu abaixamento coincide com o apoio do membro anterior oposto ao doente.

Os movimentos anormais da garupa e da anca são mais complexos que os da cabeça e têm dado lugar a apreciações divergentes. Somente direi que no trote a garupa eleva-se, quando se apoia o membro doente e abaixa-se durante o apoio do membro são. As claudicações anteriores têm também influência sobre as oscilações da garupa se bem que mais limitadas. No caso de uma forte claudicação de um membro anterior verifica-se: a trote, o abaixamento da garupa durante o apoio do membro posterior oposto; a passo, o abaixamento da garupa tem lugar durante o apoio do posterior correspondente. Esta diferença é resultante do carácter diagonal do trote enquanto que a passo, o pousar de cada membro anterior tem lugar durante o apoio correspondente. Concretizando, temos:

*Claudicação do membro anterior direito*, por exemplo. Neste caso verifica-se que a cabeça e a garupa se *elevam* quando pousar o bípode diagonal direito.

*Claudicação do membro posterior direito*. Neste caso a cabeça e a garupa *abaixam-se* quando pousar o par diagonal direito.

Muitas vezes acontece, em virtude de uma errada interpretação destes movimentos, principalmente aos novos, colocar a sede de uma claudicação do membro anterior ou posterior oposto em bípode diagonal ao que realmente está enfermo. Assim, por exemplo, o animal marca por um *golpe de cabeça para a direita* uma claudicação do membro posterior direito e nós, desprevenidos, colocamos a claudicação no anterior esquerdo; inversamente a garupa abaixando-se para a esquerda quando o animal claudica do membro anterior esquerdo, nós colocamos a claudicação no posterior direito. Devo dizer que há mais probabilidades de confundir

# Revista da Cavalaria

uma claudicação de um posterior com a do anterior oposto do que o contrário, porque o golpe de cabeça que coincide com a claudicação posterior é mais acusado do que o movimento da garupa que acompanha a claudicação anterior. Para evitar estes erros é conveniente examinar o animal mais de uma vez e ter sempre presente que os movimentos da cabeça são mais exagerados nas claudicações anteriores e os da garupa mais exagerados nas posteriores. Desde o momento que se conjuguem estes dados com um pouco de senso prático, estou convencido que as probabilidades de erro serão reduzidas ao mínimo.

Quando da existência de claudicações de mais de um membro, um bípede diagonal, por exemplo, verificam-se os sintomas combinados das claudicações anteriores e posteriores muito mais acusados em virtude da grande dificuldade na progressão. Seja, por exemplo, um cavalo claudicante do bípede diagonal direito, o golpe de cabeça e o abaixamento serão bem nítidos no momento de pousar do bípede diagonal esquerdo. À primeira vista, pode ser que não se tome bem conta da causa de falta de harmonia nos movimentos, mas observando separadamente o bípede anterior e o bípede posterior, não tardará em descobrir-se a dupla causa que a determina.

A irregularidade dos movimentos progressivos é ainda mais marcada quando o animal claudica de um bípede lateral. Neste caso é muito difícil para o animal caminhar em linha recta: se claudica à direita o centro de gravidade é desviado para a esquerda, o corpo do animal mantém-se nessa direcção e a progressão opera-se por passo de lado.

## *Determinação da sede da lesão*

Para fazermos a determinação da sede da lesão que motiva a claudicação, temos que recorrer aos processos que a semiótica põe ao nosso alcance, como seja:

- a) Inspecção.
- b) Percussão.
- c) Constricção.
- d) Palpação.
- e) Mensuração.
- f) Auscultação.
- g) Mobilização.
- h) Provas especiais.

A história pregressa e a sintomatologia também nos fornecem úteis ensinamentos para levarmos a bom fim o diagnóstico. Assim, há certas atitudes em repouso e certos movimentos que, por vezes, por si só bastam para nos indicar a sede da lesão claudicogénia.

Porém, claudicações há, que apresentam uma tal escassez de sintomas que mesmo com todos os processos de semiótica não podemos determinar com exactidão a sua sede. Contudo, na grande maioria dos casos, combi-

nando convenientemente os dados colhidos da história progressa com os ensinamentos fornecidos por estes diversos processos e em especial os adquiridos com as injeções anestésicas chegam os ao resultado desejado.

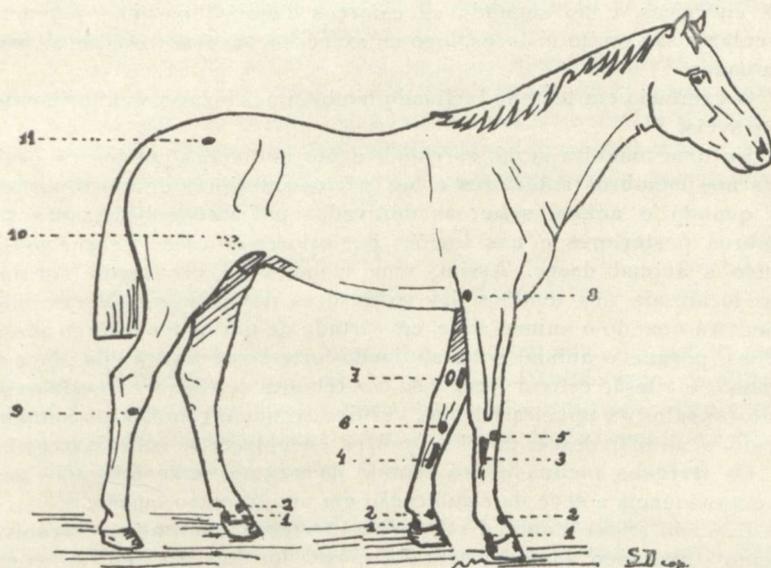


Fig. 1

Figura de conjunto, mostrando os diferentes pontos dolorosos claudicogêneos. — 1, doença navicular; 2, ostealgias préfalângicas; 3, território doloroso da diáfise metacárpica externa; 4, território doloroso da diáfise metacárpica interna; 5, ostealgia premetacárpica (epífise superior); 6, ostealgia metacárpica, epífise superior, face superior, lado interno; 7, zona dolorosa da diáfise radial (face interna); 8, ostealgia olecraniana (face externa); 9, ostealgia premetatársica externa (epífise superior); 10, indicação correspondente ao ponto doloroso da bragada (dôr femoral), trajecto do safeno interno; 11, ponto doloroso da emergência dos nervos ilio e ischio — muscular (chenot)

## a) Inspeção

Pela inspeção podemos notar atrofia muscular de uma determinada região, indicando uma paralisia antiga, uma tumefacção motivada por um traumatismo, infecção, tumôres, exostoses, hígromas, etc.

As atitudes em repouso e em movimento (veja sintomatologia), também nos fornecem à simples inspeção dados preciosos. É de boa prática, para diagnosticar a sede da lesão, fazer movimentar o animal em terreno duro, mole, inclinado no sentido do comprimento e da largura da pista, estrada ou caminho. Assim, por exemplo, as claudicações motivadas por lesões nas regiões inferiores e de uma maneira geral as motivadas por

# Revista da Cavalaria

lesões nos ossos, exacerbam-se quando o animal se movimenta em terreno duro, enquanto que as motivadas por lesões nas regiões superiores e nos músculos aumentam quando os animais são exercitados em terrenos moles, arenosos ou pantanosos, porque no primeiro caso as reacções são mais enérgicas, e no segundo os esforços dispendidos pelas potências musculares são muito maiores, logo as exacerbações dolorosas serão mais acentuadas.

O exercício em terreno inclinado também nos fornece conhecimentos apreciáveis.

De uma maneira geral, as claudicações motivadas por lesões localizadas nos membros anteriores e nas partes anteriores do casco, aumentam quando o animal sobe; as motivadas por lesões localizadas nos membros posteriores e nas regiões posteriores do casco, exacerbam-se quando o animal desce. Assim, uma claudicação provocada por uma lesão localizada nos tendões dos extensores das falanges ou em pinça aumentará quando o animal sobe, em virtude de um maior esforço desses tendões, porque o animal sobe apoiando fortemente a ponta da pinça no terreno. Se a lesão estiver localizada nos tendões dos flexores das falanges ou nos ângulos da terceira falange, verifica-se que a claudicação aumenta quando o animal desce, pois os quartos encontram-se sobrecarregados.

Os terrenos inclinados no sentido da largura serão utilizados para pôr em evidência a sede da claudicação em um ou outro quarto.

Fazendo andar o animal sobre estes terrenos, realizamos o desnivelamento simultâneo, mas em sentido oposto dos dois pés de cada bípede transversal, determinando uma elevação dos quartos externos dos membros que se encontram na região mais elevada, e dos quartos internos dos que se encontram na zona mais baixa.

Sendo a elevação uma causa de sobrecarga é concumitadamente um factor de agravamento da lesão, fazendo aumentar a claudicação.

É fácil, combinando a prova, fazer sobrecarregar alternadamente os dois quartos de cada membro e verificar em que sentido é que a claudicação aumenta, concluindo assim qual o quarto atingido.

## b) Percussão

Este processo permite-nos diagnosticar as doenças do pé, pois põe em evidência a sensibilidade e a sonoridade do casco.

Técnica:

Manda-se levantar o pé oposto anterior ou posterior, ao que se deseja examinar e com o auxílio de um martelo, dão-se pancadas regulares, devendo todas ser da mesma intensidade. As pancadas não devem ser nem muito fortes nem muito fracas. A dor traduz-se por contracções mais ou menos enérgicas dos músculos e por movimentos de retracção. A sensibilidade é viva e generalizada no ângulo agudo, igualmente generalizada, mas menos nítida, na osteíte da terceira falange. Nos quartos ou rassas que interessem a totalidade da espessura da parede a percussão é dolorosa e localizada enquanto que nas rassas ou quartos superficiais a

# Revista da Cavalaria

reação é muito moderada ou nula. As rachas profundas acompanham-se freqüentemente de movimentos de harpar, em virtude da aproximação dos bordos da abertura córnea e do esmagamento dos tecidos vivos, durante o apoio.

Deve sempre percutir-se o trajecto dos cravos que é doloroso no caso de picaduras, ou melhor de encravaduras.

A percussão da sola dá ensinamentos úteis, no prégo da rua, no àguamento crónico com vâscula da falange e na osteíte da terceira falange.

A sonoridade do casco é uniforme em tôda a superfície com um som mate no estado normal, no àguamento crónico e nas supurações intensas a sonoridade é mais clara, um som sub-mate será ouvido, principalmente em pinça e em mameolos.

## c) Constricção

A constricção pode ser manual ou instrumental. A primeira usa-se para as partes moles, e a segunda, para o casco. Quando tratar da palpação, falarei da constricção manual, pois êstes dois processos completam-se. Neste capítulo sòmente falarei sòbre a constricção do casco. Pode fazer-se com uma pinça especial ou com uma torquez.

Técnica:

Aplica-se um dos ramos da pinça ou da torquez na muralha e o outro na sola. Exerce-se uma pressão progressiva e metódica, mais fácil de graduar que a intensidade da percussão. Para fazer uma constricção metódica e total é necessário desferrar e muitas vezes aparar o casco. Quando se mande desferrar o animal é conveniente observar os cravos para ver se vêm conspurcados de sangue, serosidade ou pus. A ferradura deve também ser cuidadosamente observada para ver se o apoio da sua face superior era perfeito. Após a desferração, observa-se a ranilha e avalia-se o seu estado. Às vezes pode encontrar-se vegetações córneas, supurações, feridas, prégos, etc.

O estado de desenvolvimento da ranilha também deve ser observado, pois pode encontrar-se atrofiada ou profundamente encravada entre as lacunas laterais, como acontece freqüentemente no encastelamento. O casco deve ser em seguida aparado até que o corno plantar seja facilmente depressível e que se veja bem a linha branca.

Além de o tornar mais sensível à constricção o desbastamento do casco pode fornecer-nos algumas indicações como seja o aparecimento de petequias intracórneas, na linha branca ou na polpa, indicativas de osteítes. Depois de ter desferrado e aparado o casco é que deve ser feita a constricção. Êste processo dá, sobretudo, ensinamentos preciosos nas picadas, encravamentos, queimaduras da sola, rachas, àguamento agudo, prégo da rua, etc., etc. No àguamento crónico com bâscula da terceira falange, verifica-se que a metade anterior da sola apresenta-se abaulada em forma de crescente de convexidade anterior e por vezes perfurada.

A deformação da zona comissural, com presença de retraimento semi-circular na região da pinça, é característica do kerafilocelo.

# Revista da Cavalaria

## d) Palpação

Pela palpação pode-se apreciar a consistência, a «souplesse», a resistência, a moleza, as aderências ou as relações dos tecidos de uma região. Os meios, pelos quais se faz a palpação cirúrgica são: pressão, deslize, fricção e compressão digital.

### 1) *Palpação por pressão*

Tem por fim explorar as regiões profundas (músculos da espádua, nadegueiros, triceps crural, etc.) É necessário empregar uma certa força, que não deve ser muito enérgica, mas proporcional à resistência dos tecidos e sempre moderada.

Este método pode pôr em evidência dôres musculares ocasionadas por contusões, tumores, abcessos, taras, etc.

### 2) *Palpação por deslize*

Destina-se à pesquisa de sensações delicadas. É fazendo deslizar a pele sôbre os tecidos que recobre (aponevroses, camadas laminosas, revestimentos ósseos, articulares, tendinosos) que se reconhece as suas relações e as suas aderências normais e patológicas.

Combinada com a antecedente, fornece um dos elementos de exploração dos planos ósseos, para determinação dos pontos dolorosos situados na apófise olecraneana, na quartela, na epífise superior do metatarso, no contôrno das margens articulares, etc.

### 3) *Palpação por fricção*

Utilizada nos cavalos de sangue facilmente irritáveis, nervosos, fornecendo sensações de uma extrema finura. Para a praticar usa-se as pôlpas dos dedos, fazendo-as deslizar ligeiramente sôbre a superfície a examinar. A fricção permite reconhecer através da pele fina dos cavalos de raças apuradas, saliências superficiais dificilmente visíveis. Chega-se, por êste meio, quando a sensação tátil está suficientemente desenvolvida e educada, a perceber os mais ligeiros relevos sub-cutâneos, as mais pequenas exostoses e as dilatações periósticas invisíveis aos olhos mais penetrantes.

É por êste processo que se pode apreciar e delimitar os nevromas insipientes, as mais ligeiras dermites, as pequenas massas ganglionares, tão dolorosas, e que aparecem na pele por cima das feridas, as psoríasis da quartela, etc.

# Revista da Cavalaria

## 4) *Palpação por compressão digital*

Destina-se às explorações superficiais, juntamente com o deslize e a fricção. Exploram-se por este meio os tendões, ligamentos, aponevroses, artérias, veias e expansões fibrosas. É assim que se avalia a «souplesse» e o grau de sensibilidade da pele, a sua elasticidade e as suas relações com os tecidos sub-cutâneos e com as partes que recobre. Reconhece-se desta maneira as menores modificações do estado normal, os pontos dolorosos, as mínimas produções patológicas existentes nos tendões, ligamentos, etc. É ainda pela compressão digital que se pode apreciar a temperatura, a consistência, a expansibilidade, o estado de retracção destes tecidos, as pulsações arteriais, etc.

No que diz respeito às pulsações arteriais, é tão importante o seu conhecimento para o diagnóstico das doenças do pé que a quasi totalidade dos autores aconselha que o exame do casco seja sempre precedido do exame da artéria colateral da canela, pois uma pulsação mais intensa e uma rigidez exagerada deste vaso são indicativos de um processo congestivo do casco. É de boa prática fazer a exploração colateral da canela nos dois membros e verificar se o aumento de intensidade das pulsações é bilateral, porque neste caso, salvo se a claudicação for bipodal, não tem valor diagnóstico.

## e) **Mensuração**

A mensuração pode revelar uma atrofia de determinada região muscular, motivada por paralisia antiga do casco, um apêto de talões sintomático da doença navicular ou de uma alteração antiga, que evita o apoio do pé no solo. Pode-se verificar por este método as deformações provocadas por artrites, sinovites ou linfagites.

## f) **Auscultação**

É este um meio importante para o diagnóstico das luxações e das fracturas. O ouvido dá melhor conta, que a mão que apalpa, do ruído produzido pela fricção de dois tópos ósseos irregulares que se deslocam; percebe igualmente o choque produzido pela entrada ou saída da cabeça do fémur, que desliza na cavidade cotiloide do coxal, no cão. Podem por este meio notar-se determinados ruídos indicativos de certos processos patológicos. Assim, por exemplo: o chamado *ruído de madeira verde*, audível quando se percute um osso em que se está a desenvolver uma neoplásia. A *crepitação enfisematosa*, indicativa da presença de gás entre as malhas do tecido conjuntivo sub-cutâneo. A *crepitação aveludada*, indicativa de colecções saugúneas, etc.

# Revista da Cavalaria

## g) Mobilização

Este processo tem por fim modificar os movimentos normais ou anormais dos diferentes raios ósseos e as mudanças das suas situações anatómicas. Assim, por exemplo, pode-se notar a supressão absoluta dos movimentos articulares em casos de luxação, a mudança de posição anatómica em caso de fracturas, etc.

Apesar dos inúmeros meios que a semiótica põe ao nosso dispor claudicações há, cujo diagnóstico preciso é impossível pelos métodos ordinários. Para precisar a sede destas claudicações temos que recorrer às provas especiais:

- 1.º *Flexão do jarrete* (prova de Hertwig), no caso de esparvão;
- 2.º A aplicação de uma flanela (prova de Joly) no caso de osteítes metacárpicas ou metatársicas;
- 3.º O apoio do pé sobre um plano inclinado (prova de Luugwitz). No caso de doença navicular;
- 4.º O deslocamento de um membro anterior (prova da espádua) no caso de lesões dos músculos escapulares.

Muitas vezes, em certas lesões do casco, pode-se, pela aplicação de uma ferração especial, aumentar ou diminuir a dor e as perturbações funcionais, em virtude do deslocamento do centro de acção das pressões descendentes e ascendentes: assim, podemos mudar o centro das pressões para a pinça, alteando os talões, o que se consegue com uma ferradura de ramos espessos ou com rompões, ou para os talões, pelo encurtamento das partes posteriores do pé (desgaste do casco em talões) ou pela aplicação de uma ferradura de ramos adelgaçados. Acontece por vezes que uma exploração atenta de membro claudicante não nos deu indicação alguma ou que, pelo contrário, nos revela a existência de várias lesões, capazes de provocar a claudicação. Em qualquer destes casos, o clínico hesita sobre a sede do mal; é nestes casos que as injeções dos anestésicos no trajecto dos nervos nos podem prestar grandes serviços.

## h) Provas especiais

- 1.ª Prova de Hertwig.
- 2.ª Prova de espádua.
- 3.ª Prova de Luugwitz.
- 4.ª Prova de Joly.
- 5.ª Injeções anestésicas.
- 6.ª Radioscopia e radiografia.

### *Prova de Hertwig*

Utilizada, como se disse, para pôr em evidência a artrite do jarrete. Depois de ser diagnosticado o membro claudicante e quando suspeitarmos da existência do esparvão, lançamos mão deste processo, que consiste no

# Revista da Cavalaria

seguinte: flecte-se completamente o membro posterior considerado doente e mantêmo-lo nessa posição durante dois a três minutos, segurando pela pinça (como mostra a figura 2); seguidamente faz-se partir o cavalo a trote.

No caso de existir a artrite do jarrête, constatamos que a claudicação se agrava fortemente. Esta prova ainda se torna mais nítida quando se faz voltar o animal sôbre o membro doente.

## *Prova da espádua*

Consiste em imprimir ao membro a observar, movimentos tendentes a pôr em jôgo os órgãos de uma determinada região.

Procede-se da seguinte forma:



*Fig. 2*

1.º Segura-se a quartela com as duas mãos (como se vê na figura 3) e puxa-se fortemente o membro para trás.

No estado fisiológico, o animal responde a esta manobra retirando vigorosamente o membro; quando isto não acontecer, podemos concluir que existem lesões dolorosas na parte anterior da articulação escápulo-humeral. Contudo, se a lesão fôr muito dolorosa, o animal chega a não perceber a manobra.

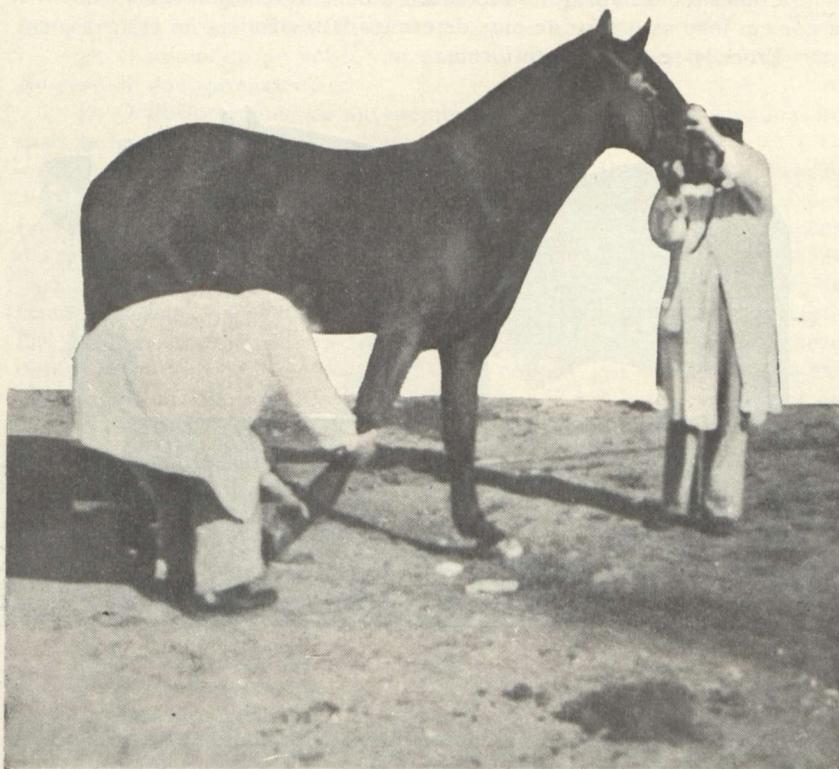
2.º Faz-se recuar o animal, se um dos membros se deslocar mais dificilmente que o seu congénere, arrastando o pé pelo solo, pode-se pensar numa lesão existente na região posterior da articulação citada.

## Revista da Cavalaria

3.º Leva-se o membro para fora do plano médio; se o animal não reagir, tentando levar o membro para o primitivo lugar, deve admitir-se que é portador de uma lesão dolorosa na região infra-escapular ou então furtar-se à abdução em virtude de fortes dores na região supra-escapular.

### *Prova de Luigwitz*

Muito empregada para diagnóstico da doença navicular. Consiste em fazer poisar o pé a examinar numa cunha de madeira, com 20 centímetros de comprimento por 15 de largura, tendo uma inclinação de 18º, de



*Fig. 3*

maneira que a pinça fique na parte mais elevada, e seguidamente levanta-se o pé do lado oposto.

Se o animal é portador de uma lesão no osso navicular, verificamos que faz esforços enérgicos para tirar o pé doente de cima da cunha e colocar o pé que levantámos no solo.

# Revista da Cavalaria

## Prova de Joly

Preconizada por Joly para o diagnóstico das osteítes metacárpicas, e metatársicas, a prova da flanela consiste em aplicar na região metacárpica ou metatársica uma ligadura de flanela bem apertada, com o fim de inibir a acção da arcada post-metacárpica ou post-metatársica.

No caso da claudicação ser motivada por osteíte nestas regiões, verifica-se que, após a aplicação da ligadura, a claudicação diminui, para aumentar de novo quando se tirar a flanela.

## Injecções anestésicas

Este processo é hoje muito utilizado, pois permite distinguir as claudicações motivadas pela dor, limitar a pesquisa do clínico a uma superfície circunscrita do membro e chegar a um diagnóstico certo. Permite simultaneamente prever o sucesso do tratamento, pois são verdadeiras nevrotomias temporárias:

Quando se lançar mão deste processo, devem-se observar as seguintes regras:

- 1.<sup>a</sup> Não exercitar os doentes durante muito tempo.
- 2.<sup>a</sup> Evitar os esforços violentos, empregando andamentos moderados.
- 3.<sup>a</sup> Utilizar para estes exercícios terreno mole, pois o animal, não sentindo a dor habitual, pode colocar o membro com força e aumentar o mal, podendo muitas vezes fracturar os ossos, se for portador de uma osteíte ou de uma racha das falanges. Não devemos esquecer que as rachas das falanges são frequentes e que a sua transformação em fractura é fácil.

O anestésico empregado pode ser a cocaína a 3%, a novacaína a 4% ou a stovaína a 5-6%.

Há autores que começam a fazer as anestésias de cima para baixo; eu, baseando-me nas estatísticas, prefiro o processo contrário, isto é, de baixo para cima, pois as lesões do joelho para baixo são muito mais frequentes que do joelho para cima.

Contudo, como cada um lança mão do processo que mais gosta, vou indicar os dois.

Suponho que se trata de fazer as anestésias de um membro anterior:

# Revista da Cavalaria

## 1.º PROCESSO

1.ª injeção ao nível do nervo mediano (10 c. c. de anestésico)	A claudicação não desaparece, a sua sede será na espádua, no braço ou no terreno enervado pelo cubital.	A claudicação desaparece	A claudicação não desaparece; faz-se nova injeção ao nível da anastomose dos 2 nervos plantares (5 c. c. de cada lado)	A claudicação desaparece, a sua sede será na parte inferior da canela.					
					2.ª injeção de cada lado do bolete (5 c. c. de cada lado)	A claudicação desaparece: faz-se outra injeção dupla no lugar na eleição para a nevrotomia plantar baixa (5 c. c. de cada lado)	Não desaparecendo, deve ter a sua sede entre o terço superior da canela e o terço inferior do antebraço; é necessária a anestesia cubital para determinar a sede.		
								A claudicação desaparece: faz-se outra injeção dupla no lugar na eleição para a nevrotomia plantar baixa (5 c. c. de cada lado)	A claudicação desaparecendo, a sua sede será no pé.

As anestésias são feitas com os animais de pé, e somente se começam a ver os resultados 15 a 20 minutos depois.

É de boa prática só fazer uma anestesia diária.

## 2.º PROCESSO

1.ª injeção dupla (5 c. c. para cada nervo), no ponto de eleição da nevrotomia plantar baixa	A claudicação desaparece; sede — pé.	A claudicação não desaparece; nova injeção dupla por cima do bolete	A claudicação desaparece; sede — primeira falange.				
				A claudicação não desaparece; nova injeção dupla ao nível do local de eleição para a nevrotomia plantar alta	A claudicação desaparece: sede região inferior da canela.		
						A claudicação não desaparece; nova injeção sobre o trajecto do nervo mediano na parte superior do antebraço (10 c. c.)	A claudicação desaparece; sede — antebraço.

Como se vê, neste processo é mais prático. A técnica das injeções anestésicas é a preconizada por Cadiot e Almy.

# Revista da Cavalaria

## Radioscopia e radiografia

Se bem que não sejam processos de prática corrente nos animais grandes, podemos recorrer a êles para o diagnóstico de algumas claudicações, principalmente nas provocadas por lesões ósseas ou por retenção de corpos estranhos.

### Natureza da lesão

Uma vez descoberta a sede de uma claudicação, não é raro que seja fácil precisar a natureza da lesão que a determina.

O exame metódico da região afectada permite distinguir umas das outras as lesões musculares, tendinosas, ósseas ou articulares, reconhecer se o processo é agudo ou crónico, determinado por congestão, inflamação ou neoplásia.

Por vezes, o diagnóstico da sede é suficiente para nos fazer suspeitar da natureza da lesão que determina a claudicação. Assim, quando chegarmos, pelo exame do animal claudicante, a constatar que a causa da claudicação reside nas barras, nos tendões ou nos botões dos metacarpos, por detrás e por cima do joelho, na face interna do jarrête ou na articulação femuro-tíbio-rotuliana, antevemos imediatamente a idéia e possibilidade da causa dessa claudicação ser: uma racha, uma distensão, sobrecanas, alifafes, esparvão, encravamento rotuliano, etc., não somente porque a experiência nos ensina que estas são as doenças mais comuns, de ordinário nessas regiões, mas ainda porque é segundo os seus próprios sintomas, mais ou menos acusados, que se estabelece o diagnóstico da sede. Como se vê, êstes dois importantes factores do diagnóstico das claudicações andam de tal modo ligados que era melhor não os estudar em capítulos separados, mas sim num único capítulo, como o faz E. Lienaux no seu trabalho, sobre o assunto, publicado na *Revue General de Medicine Veterinaire*. O mais vulgar é que a determinação da natureza resulte dos conhecimentos adquiridos pelo estudo dos sintomas racionais e objectivos da sede do mal. Realmente, esta é a marcha mais segura para chegar a um diagnóstico exacto, e deve ser sempre seguida quando fôr possível. Porém, quando os sintomas objectivos faltarem e nos vejamos somente reduzidos à interpretação dos sintomas racionais podemos chegar a fixar a sede do mal pela idéia que se concebe na natureza da sua causa, segundo um modo de manifestação dos seus efeitos.

Assim, por exemplo, nas claudicações determinadas pela obliteração das artérias principais de um membro, não existe sintoma material algum que denuncie a lesão da artéria profundamente situada sob as camadas musculares, mas a série de fenómenos que se observam conduzem-nos de uma maneira segura a diagnosticar qual a natureza e a determinar a sede do processo mórbido. O mesmo acontece com as claudicações determi-

# Revista da Cavalaria

nadas por: paralisia local, doença navicular ou esparvão no início, que não se caracterizam por sintomas objectivos alguns.

Porém, nestes casos, o modo de proceder é diferente do empregado para a obliteração das artérias; aqui, as coisas são mais difíceis, porque exigem do espírito um trabalho dedutivo que implica um profundo conhecimento da função locomotora. Contudo, pondo em prática os processos apontados, com reflexão e senso, obteremos resultados rigorosos, tanto mais notáveis quanto os elementos de diagnóstico positivo fôrem mais imperfeitos e menos numerosos.

## *Prognóstico*

Feito o diagnóstico, o clinico deve ter o máximo cuidado no prognóstico, atendendo aos prós e contras da terapeutica, ao tempo provável da impossibilidade de trabalho e, sobretudo, ao problema económico.

## *Tratamento*

Em virtude das claudicações serem motivadas pelas mais diversas causas, a maioria dos autores são de opinião que não se pode estabelecer uma terapeutica geral. Acho, porém, que, dentro de certos limites, podemos aconselhar o tratamento geral, que a seguir expomos:

### *Claudicações motivadas por lesões agudas:*

- 1.º Imobilização.
- 2.º Antiflogísticos, hidroterapia e adstringentes.
- 3.º Quando os fenómenos inflamatórios agudos tenham desaparecido, podem-se utilizar as maçagens em alguns casos e a aplicação de vesicantes.

### *Claudicações motivadas por lesões crónicas:*

Nestas claudicações a nossa intervenção tem que ser mais enérgica e lançaremos mão:

- 1.º De cáusticos químicos.
- 2.º Pontas ou riscas de fogo.
- 3.º Intervenção cirúrgica, como desmotomias, tenotomias e nevrotomias.

Do tratamento particular de cada lesão, não falo, por achar desnecessário, pois os livros da especialidade são bastante explicitos sobre o assunto.

# LIVRARIA BERTRAND

A MAIS ANTIGA LIVRARIA DO PAÍS

FUNDADA EM 1732

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Telef. : P. B. X. - 2 0535 e 2 0538 — End. teleg. : LIBERTRAN - LISBOA — Apartado 78

*Depositária e representante geral para Portugal do Département Étranger Hachette-Messageries Hachette, da The Continental Publishers & Distributors, Ltd. e de Paulo de Azevedo & C.<sup>a</sup>, do Rio de Janeiro, S. Paulo e Belo Horizonte*

Distribuidora de jornais e revistas nacionais, brasileiras, francesas, inglesas, espanholas, americanas, etc.

Editora das obras de Alexandre Herculano, João de Deus, Conde de Sabugosa, Raúl Brandão, Wenceslau de Moraes, H. Lopes de Mendonça, Júlio Dantas, Antero de Figueiredo, Agostinho de Campos, Aquilino Ribeiro, Prof. Eduardo Coelho, Samuel Maia, Eugénio de Castro, João de Barros, Malheiro Dias, Joaquim Manso, etc.

Dicionários (grande e pequeno) de Cândido de Figueiredo, Dicionários do Povo e das Escolas de todas as línguas, Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa (revisão ortográfica de Agostinho de Campos).

Biblioteca de Instrução Profissional

## AS VIAGENS MARAVILHOSAS DE JÚLIO VERNE

Depositários dos métodos Berlitz

Livros de Medicina, Direito, Engenharia, Arte, Literatura, Técnicos, etc.

Portugueses — Brasileiros — Espanhóis — Franceses — Ingleses — Italianos — Alemães — Americanos — Etc.  
Concessionária das gares dos caminhos de ferro

FILIAL NO PÓRTO: Livraria Internacional, Lda.

43, RUA DE SANTO ANTÓNIO, 45

A Livraria Bertrand encarrega-se da distribuição e venda de livros e publicações tanto nacionais como estrangeiras.

Remete pelo correio, à cobrança, todos os livros que lhe sejam pedidos, nacionais ou estrangeiros

Envia-se o catálogo grátis a quem o requisitar

PETRÓLEO com Iodo

## CLIPER'S

O cabelo deixa de cair e outro novo nasce abundantemente, graças ao Iodo que o produto contém.



## CLIPER'S

*Nem um só cabelo!*

FRASCO 20\$00

NO CENTRO DO PAÍS:

REMETE-SE À  
COBRANÇA

Antero Lopes da Fonseca — Figueira da Foz

PEDIDOS  
AOS DISTRI-  
BUÍDORES

Costa, Pinto & Santos — RUA S. Nicolau, 56  
LISBOA



*Sociedade Revendedora de Papéis, Lda*

Fornecedores de  
papéis nacionais e estrangeiros  
para Revistas, Livros, Jornais, Indú-  
strias Gráficas, Litográficas e Congéneres

Telefone 21985 — Rua do Norte, 85 — LISBOA

# RAPIDE

O Creme que barbeia melhor! ... e mais rápido!  
**SEM PINCEL! SEM SABÃO!**

«RAPIDE» é uma inovação que revoluciona a «toilette» masculina, porque é o resultado dos profundos e insistentes estudos de biólogos insignes, dando por isso as mais altas garantias científicas.

Esses estudos, feitos sobre as glândulas superficiais da pele, descobriram uma contínua secreção ácida que constitui uma camada de protecção contra inúmeras infecções microbianas.

O uso do sabão tem como consequência não só destruir esta camada ácida indispensável à pele mas ainda deixar sobre esta vários resíduos alcalinos, que facilitam o desenvolvimento virulento dos micróbios.

Foi para evitar e remediar tão graves inconvenientes que se criou o creme de barbear «RAPIDE» que, tendo a vantagem de ser absolutamente antiséptico, oferece ainda incomparáveis comodidades, dispensando o uso do pincel e do stick.

**“RAPIDE” É CÓMODO! PRÁTICO! HIGIÉNICO!**

e mais ainda: tem a propriedade de conservar a pele, tornando-a macia e ave-ludada.

«RAPIDE» vende-se em boiões e bisnagas ao preço de 20\$00, nos melhores estabelecimentos de Portugal.

**SOCIEDADE PORTUGUESA DE PERFUMÁRIAS, LDA.**

RUA RODRIGO DA FONSECA, 87 B, 87 C — LISBOA — TELEFONE 4 5410



**Casa ALICE**

70, Rua de S. Paulo, 72

Completo sortido  
em roupa para homem,  
senhora e criança

CAMISOLAS,  
MEIAS  
E PEÚGAS

Descontos para revenda  
**A CASA QUE MAIS BARATO VENDE**

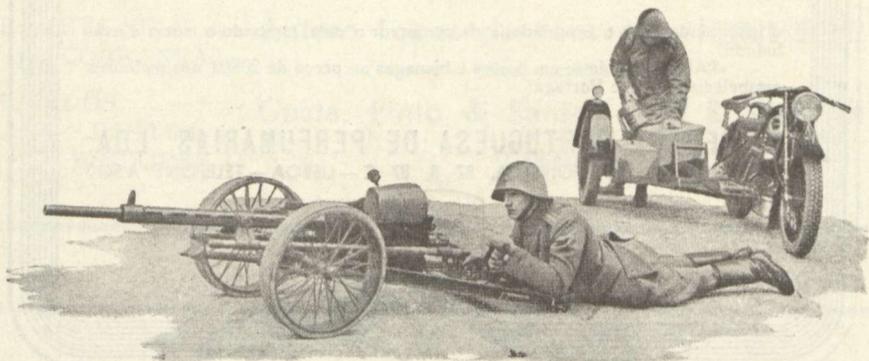
**Dunhill**  
O MELHOR CIGARRO AMERICANO

# Dansk Industri Syndikat

Material «Madsen»

## Metralhadoras e Canhões Automáticos

Armas automáticas de pequeno e grande calibre para o Exército, Marinha, Aviação, Defesa contra Aeronaves e Defesa contra Carros de Assalto



O canhão automático **Madsen** de 20<sup>mm</sup>, sôbre «side-car», pode fazer fogo montado sôbre este, ou no terreno, sôbre o reparo a que está permanentemente ligado

A passagem do canhão da sua posição de transporte para a de tiro no terreno executa-se em menos de um minuto

REPRESENTANTES PARA PORTUGAL E COLÓNIAS:

*Monteiro Gomes, Limitada*

Rua Cascais (Alcântara), 47

L I S B O A

# ESTORIL

COSTA DO SOL

A 23 quilómetros de Lisboa

A mais elegante praia do país



**Estoril Palácio Hotel** — Luxuoso e confortável — Magnífica situação.

**Hotel do Parque** — Elegante e moderno.

**Hotel de Itália** — Preços moderados.

**Estoril-Termas** — Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico — Ginástica — Cultura Física — Sala de Armas — Piscina de água tépida.

**Tamariz** — Magníficas esplanadas sobre o mar — Restaurante — Bars.

**Casino** — Aberto todo o ano — Concertos — Cinema — «Dancing» — Restaurante — Bars — Jogos autorizados pelo Governo — Roleta — Banca Francesa — Bacará.



“Stands” de tiro - Escola de equitação - Parque infantil



Informações :

Soc. Propaganda da Costa do Sol

ESTORIL — PORTUGAL

## Joaquim Godinho da Silva

Sucessor, Limitada

....

Antiga casa  
VIÚVA MOURA

....

Armazém de Retrozeiro,  
Malhas e Miudezas

....

Rua dos Fanqueiros, 84-1.º — LISBOA

Telefone 2 6577

## Officinas Gerais de Material de Engenharia

Sede: Avenida da Índia — BELÉM

### Manufatura de Material de Engenharia

Sapadores mineiros, sapadores  
de caminhos de ferro, telegrafia  
e telefonia por fios e sem fios,  
:: pontoneiros, automobilistas ::

### Mobília e utensílios

Trabalhos em ferro e madeira para  
construção civil

Construção, reparação e pintura  
de carroseries

Fundição, Vulcanização, Niquelagem, etc.

Fornecimento e fabricação  
de sobresselentes para automó-  
veis e motocicletes

Fornecimentos análogos para o público

Joalheria, Ourivesaria  
e Relojoaria

“Casa das Bengalas”

Rua da Prata, 87, 89, 91 — LISBOA

No centro do quarteirão — Telef. 2 0256

Não confundir, esta casa é a que tem  
2 taças expostas num grande candeeiro  
reclame colocado no passeio, em  
frente do estabelecimento

Taças de Prata para prémios  
desportivos

Em exposição permanente mais de 1.200

ANTÓNIO CASANOVAS AUGUSTINE

CORRETOR OFICIAL

Câmbios, Fundos Públicos  
e Mercadorias

Rua da Conceição, 133

Telefones { Estado . 54  
Rêde . . 2 2 2 8 0

Bôlsa de Mercadorias

P. do Comércio

Telefones { 2 8182  
2 8615

L I S B O A



# B.B.C.

*a voz de Londres*

**FALA e o MUNDO ACREDITA**

Emissões em LINGUA PORTUGUESA

Com a mudança de hora, o horário das transmissões da BBC para Portugal passa a ser o seguinte:

08,45-09,00 — Noticiário . . . . .	}	49.92 m.	6 01	mc/s
		41.96 m.	7.15	mc s
		31.61 m.	9.49	mc/s
		31.41 m.	9.55	mc's
		25.42 m.	11.80	mc/s
		19.76 m.	15.18	mc's
13,15-13,30-13,45- . . . . .	} Noticiário e actualidades	49.92 m.	6.01	mc s
		41.96 m.	7.15	mc/s
		31.61 m.	9.49	mc/s
		31.41 m.	9.55	mc/s
		25.42 m.	11.80	mc/s
		18.76 m.	15.18	mc/s
18,45-19,00-19,15. . . . .	} A Voz da América e Noticiário	49.92 m.	6.01	mc/s
		41.96 m.	7.15	mc/s
		31.61 m.	9.49	mc/s
		31.41 m.	9.55	mc/s
		25.42 m.	11.80	mc/s
		19.76 m.	15.18	mc/s
21,15-21,30-21,45. . . . .	} Noticiário e actualidades	49.92 m.	6.01	mc/s
		41.96 m.	7.15	mc/s
		31.75 m.	9.45	mc s
		31.61 m.	9.49	mc/s
		31.41 m.	9.55	mc s



# BANACÃO

O MELHOR DOS  
ALIMENTOS

Produto português  
para os portugueses



O BANACÃO  
é preferido para a 1.<sup>a</sup> refeição

porque todos os que o tomam, se sentem mais confortados até à 2.<sup>a</sup> refeição,

porque ao fim de poucos dias conhecem a diferença do seu vigor nos exercícios físicos, que normalmente fazem,

porque é mais agradável ao paladar.

## OS PARECERES MÉDICOS

provam que é mais nutritivo,

provam que fornece mais calorias que qualquer outra refeição.

**BANACÃO SEMPRE BANACÃO**



TIPOGRAFIA DA LIGA  
DOS COMBATENTES  
DA GRANDE GUERRA

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS  
EM TODOS OS GÊNEROS

Calçada dos Caetanos, 18

Tel. 2 1450

# NEGRESCO

RESTAURANTE-BAR DE LUXO



Chás

Ceias

Danças

à Americana

RUA JARDIM DO REGEDOR  
TELEFONE                      2 6090

**Pancada, Moraes & C.<sup>a</sup>**

BANQUEIROS

Tôdas as operações bancárias  
Depósitos à ordem e a prazo  
Câmbios e Papéis de Crédito

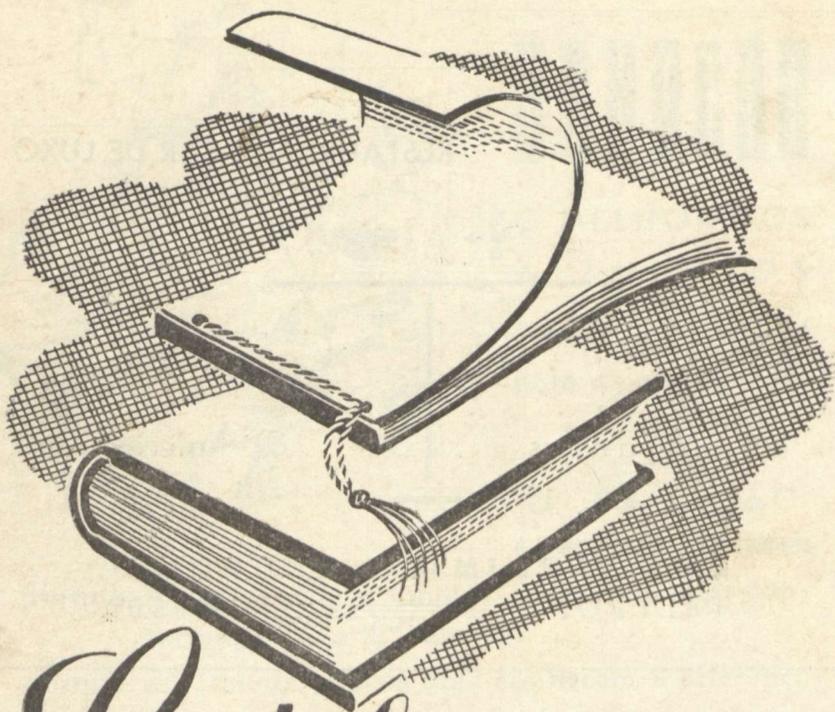
37, RUA AUGUSTA  
Tel. 2 6275/6-Estado 37

Restaurante e Cervejaria

**LEÃO DE OURO**

Aqui encontrará  
V. Ex.<sup>a</sup>, o melhor  
e mais variado  
sortido de ma-  
riscos, aperitivos  
e pratos da espe-  
cialidade

Rua 1.<sup>o</sup> de Dezembro, 89 a 99  
Telef. 2 6195 LISBOA



*Catálogos, f.  
alvuns,*

TRABALHOS  
TIPOGRAFICOS,  
SIMPLES E DE LUXO,  
REPRODUÇÕES  
EM FOTOGRAVURA,  
O F F S E T  
E LITOGRAFIA

**BERTRAND IRMÃOS, L.<sup>DA</sup>**

Travessa da Condessa do Rio, 27, LISBOA — Telefones P. B. X. 21227 e 21368

---





